









1944



*...Essas poucas páginas brilhantes  
e consoladoras que há na História do  
Portugal contemporâneo escrevemo-las  
nós, os soldados, lá pelos sertões da  
África, com as pontas das baionetas  
e das lanças a escorrer em sangue...*

*Joaquim Mousinho*



# Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

## FUNDADORES

1904

General Carlos Bazílio Damasceno Rosado

Major Fernando Maya

Major Cristovam Ayres de Magalhães Sepulveda

Capitão António Augusto da Rocha de Sá

Tenente Leopoldo Augusto Pinto Soares

1939

Capitão João Gamarro Corpeia Barrento

Capitão Amadeu Santo André Pereira

Tenente Augusto Casimiro Ferreira Gomes

Tenente António S. Ribeiro de Spínola

Alferes Luís Manuel Tavares



# Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

## DIRECTOR

Director da Arma de Cavalaria

## DIRECÇÃO EXECUTIVA

Capitão António S. Ribeiro de Spínola

Capitão José João Henriques de Avellar

Tenente Luiz Pimenta de Castro

## SECRETÁRIO

Capitão Manuel de Sousa Vitoriano

---

## SEDE

DIRECÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA

Calçada da Ajuda — Telef. 38 167

Composta e impressa na Tipografia  
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA

**Ano . . . . . 45\$00**

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

**Avulso 7\$50**



F. C.

# SUMÁRIO

AS FORÇAS TERRESTRES NA FUTURA GUERRA	<i>Coronel H. Buceta Martins</i>	5
A 5. <sup>a</sup> ARMA NA SEGURANÇA E MARCHA PARA A BATALHA E ESTABELECIMENTO E VERIFICAÇÃO DO CONTACTO	<i>Ten.-Coronel Freire de Menezes</i>	27
ORGANIZAÇÃO (FÓRMULA UNIVERSAL)	<i>Capitão Vitorino M. Esparteiro</i>	41
HIPISMO:		
REFLEXÕES SOBRE UMAS REFLEXÕES	<i>Capitão Saint André</i>	61
A LINFANGITE EPIZOÓTICA	<i>Dr. Nunes Salvador</i>	75
JORNAIS — REVISTAS — LIVROS:		
FESTA DE HOMENAGEM À «REVISTA MILITAR»	<i>J. A.</i>	78
O COMBATE NOCTURNO		80



# Revista da Cavalaria

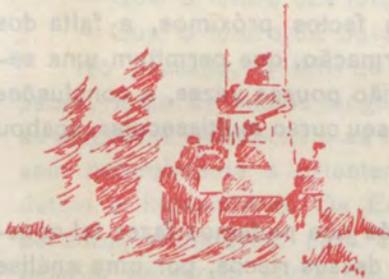
10.º ano - n.º 1

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Janeiro



## As forças terrestres na futura guerra



Este ano de 1949, que vai fechar o ciclo da História da primeira metade do século XX tão preñado de conquistas luminosas da Civilização e de trágicos acontecimentos para a Humanidade, deixa-nos em frente de um mundo de interrogações e incógnitas, perante os destinos que o futuro reserva à própria civilização.

A nossa geração sai de dois grandes conflitos militares, quase seguidos, a que os progressos da ciência e a evolução da filosofia social deram — na aparência pelo menos — aspectos revolucionários avassaladores.

Se ao sair de uma guerra os dirigentes e os pensadores militares se viram sempre em frente da necessidade de prever a

## Revista da Cavalaria

influência que os conhecimentos e as suas aplicações no conflito terminado poderiam vir a ter na preparação e condução da futura guerra — e isso com os riscos de uma errada interpretação pela proximidade e domínio espiritual do facto vivido — esses riscos parecem mais prováveis para aqueles que foram submetidos às surpresas multiformes que a segunda Guerra Mundial nos ofereceu, no campo da técnica e no das suas consequências sobre a condução das operações, e para todos que assistem, em evidente inquietação, à evolução trepidante dos conceitos espirituais que a filosofia da nossa época forjou mas que parece impotente para orientar e fixar.

Quais as verdades que permanecem ?

Como distinguir a verdade que o é, do facto transitório que nasceu, evoluiu e morreu como contingência ?!

Essa a dificuldade; esse o risco para aqueles a quem cabe prever, preparar e organizar para o futuro.

No campo da Arte da Guerra, um fenómeno se produziu através da História, com uma constância perturbadora: a tendência, em cada momento, para erigir em axioma, meros factos transitórios e doutrinas revolucionárias formuladas no último conflito; para considerar os novos meios e processos como os *únicos* para o futuro, desprezando como obsoletos os que a *surpresa* dos novos meios afinal — muitas vezes só a *surpresa técnica* — pareceu subjugar.

A apreciação precipitada dos factos próximos, a falta dos elementos pormenorizados de informação, que permitem uma serena análise crítica, conduziram, não poucas vezes, a conclusões e doutrinas cujo erro a História, no seu curso multissecular, acabou por pôr a descoberto.

É uma fatalidade, parece !

É justo, por isso, que todos nós que pudemos fazer tal constatação, procuremos defender-nos desses riscos, por uma análise e síntese cautelosas.

O conservantismo na arte militar, como em tudo, pode transformar-se em preconceito esterilizante das fontes do progresso; mas a paixão revolucionária pode conduzir-nos à utopia... que não é menos funesta.

A evolução — e não o espírito revolucionário — é ainda a maior fonte da civilização; e evolução quer dizer: — não abandonar, senão gradualmente, e com sólidos fundamentos, as verdades

# Revista da Cavalaria

consagradas através de sucessivas provas do passado; experimentar o que é novo, mas não abandonar, por sistema, o que é antigo.

O estudo do fenómeno militar, que escapa à demonstração científica e à dedução matemática, pela sua natureza filosófica e humana, tem de ser orientado pelo equilibrado emprego das teorias histórico — indutiva e da realista, que a pedagogia nos oferece.

É no hábil e ponderado manejo desses dois métodos que há-de encontrar-se a probabilidade de acerto nas previsões.

Com estas permissas abordamos o delicado problema da evolução da arte militar na segunda metade do século XX, isto é, vamos procurar meditar sobre o carácter da futura guerra, para procurar conclusões sobre o rumo a dar à preparação das forças dos Exércitos.

O campo é excessivamente vasto para o espaço de um artigo; vamos, por isso, circunscrevê-lo ao interesse imediato dos leitores de um jornal da Arma de Cavalaria, traduzindo-o nestas perguntas:

— Qual o futuro das forças terrestres?

— Qual o futuro da Cavalaria na próxima guerra?

No passado, o fim de um conflito trazia geralmente uma pausa, mais ou menos longa, na evolução do armamento, porque as empresas científicas e as industriais, regressadas à paz, passavam naturalmente a orientar as suas actividades no sentido produtivo e humanitário. Os Estados vitoriosos hesitavam em fazer despesas volumosas, para substituir ou modificar materiais que parecia perderem eficiência, por novas armas que emergiam do progresso da técnica. A pontos de se correr o risco, no caso de um longo interregno, de se tornarem as novas armas obsoletas, por desactualizadas, antes de substituírem as mais antigas.

Os técnicos e tácticos militares encontravam simplificada a sua tarefa, porque se localizava no estudo da aplicação de alguns poucos materiais, ou novos processos, que se haviam inaugurado no último conflito.

Mas a situação neste meio século XX é bem diferente.

## Revista da Cavalaria

Através de dois conflitos sucessivos somaram-se e aperfeiçoaram-se um grande número de novos meios, e quando a última guerra terminou apareceram novas possibilidades que ainda não tiveram o seu pleno desenvolvimento.

As grandes potências trabalham, com afinco, para aperfeiçoar as aplicações mais eficientes dos meios já encontrados, e para encontrar outros; daí a dificuldade aparente de prever quais as revoluções que resultarão do aperfeiçoamento e das descobertas que se processarão no armamento, e quais as novas formas da manobra e da estrutura dos Exércitos.

Por outro lado, toda a nova arma suscita, em geral, uma «parada», um meio de defesa; a sua eficácia, que em grande parte é filha da surpresa da sua aparição, é assim mais ou menos neutralizada passado certo tempo. E destarte, os meios que num conflito podem ter influência dominadora, podem também no próximo conflito ter-se reduzido à impotência ou ficar contidos nos limites de «*novos meios a aplicar em determinadas condições de situação, de tempo e de lugar*»... e nada mais.

As dúvidas resultam, pois, numerosas e multiformes, porque incidem, afinal, sobre as influências que podem vir a exercer na estratégia e na táctica em um futuro conflito armado, todas as grandes inovações que a técnica nos apresenta, tais como:

- O emprego, em grande escala, da aviação, e as suas crescentes possibilidades, desde a generalização do emprego do helicóptero, que furtando-se às servidões da pista de aterragem, ainda não foi inteiramente explorado, até ao ilimitado acréscimo da velocidade e raio de acção dos aviões de propulsão a jacto;
- As cargas ocas (ou cónicas, ou de explosão dirigida), as cargas chatas, a autopropulsão dos projecteis (projecteis foguetes) e a direcção electromagnética (projecteis dirigidos), aumentando, todos estes inventos, de maneira insuspeitada o poder de penetração e de destruição dos projecteis, o seu alcance e, dentro de certos limites a precisão às grandes distâncias, mas oferecendo também, uma *parada* importante contra o emprego da força aérea e dos blindados, e oferecendo ainda, por outro lado, meios mais potentes, com menos peso (armas sem recuo), o que deve permitir, talvez, a redução das cargas dos

# Revista da Cavalaria

transportes aéreos e uma redução de peso bruto do carro blindado;

— A detecção electromagnética e autodirecção, a generalização da *rádio* e do *radar*, oferecendo meios — (alguns já consagrados, mas outros apenas em evolução) — de segurança contra a surpresa dos meios mais velozes;

— A generalização do emprego dos raios infravermelhos, a luz polarizada, criando possibilidades não só de reconhecimento fotográfico, mas de observação directa na escuridão, e criando assim novos horizontes ao emprego nocturno de aviões e carros; mas oferecendo, por outro lado, novos recursos à segurança e defesa nocturna contra tais engenhos;

— A realidade das velocidades supersónicas e de voo estratosférico, com os novos, avassaladores e dilatados horizontes que oferece à *velocidade*, ao raio de acção e à *surpresa* como factores da manobra estratégica;

— A interrogação alucinante da guerra bacteriológica, como espada ameaçadora ou freio limitador, perante a bomba atómica;

— E, por fim, a almejada realidade do emprego da energia atómica, criando perspectivas de destruição, que se não chegam para lançar a dúvida sobre a própria subsistência do planeta perante o seu emprego imoderado, como vaticinam as imaginações alucinadas pelo terror, cria, pelo menos, uma compreensível interrogação sobre a necessidade de forças terrestres para liquidar o adversário;

— No campo dos processos e doutrinas que a Guerra Mundial nos legou: o desenvolvimento das operações combinadas aeroterrestres, o paraquedismo, as novas concepções das operações anfíbias, a estratégia dos grandes espaços e tridimensional, o domínio da mobilidade e da velocidade na estratégica e táctica, etc., etc.

Se alguns destes meios e doutrinas apenas dizem respeito à condução das operações, a verdade é que muitos deles chegam a pôr em causa o problema da conservação das forças terrestres.

E este é o que primeiro deve prender a nossa atenção, no estudo das conclusões que pretendemos tirar.

# Revista da Cavalaria

As possibilidades insuspeitadas de destruição a distância e do ataque no espaço, deixam ainda lugar para a noção da luta terrestre?

Conservarão, ainda, um lugar no desenvolvimento das operações as forças terrestres basilares e tradicionais: a infantaria, a cavalaria e a artilharia, muito embora reforçadas e apoiadas com os novos recursos da técnica?

Não deverá a nova guerra ser desenvolvida à base de aviões ultra-rápidos com motores de reacção e de plataformas de lançamento de projecteis supersónicos autodirigidos?

A segunda metade do século XX compreenderá, ainda, a noção de um Exército que não se integre na fórmula «*Exército voador supersónico?*».

Devagar, devagar!... Não deixemos correr o nosso espírito numa cavalgada valquiriana de pensamentos vertiginosos.

O estudo de um problema humano tão difícil como a guerra, reclama serenidade e bom senso no raciocínio.

Sem dúvida que o estabelecimento de uma doutrina de guerra exige que se considerem as tendências da civilização e do progresso, mas utilizando argumentos mais sólidos do que os proporcionados pelas divagações da fantasia.

Na profissão militar também há profetas.

Surgem, em geral, ao findar de cada conflito, baseando as suas profecias nos factos espectaculosos da luta passada.

Desde a invenção da pólvora em 1320, e do aparecimento do canhão sob a forma da bombarda de Crecy em 1346, depois da metralhadora da guerra russo-japonesa e ainda do carro de combate e do avião da Grande Guerra de 1914-18, que se profetizava o desaparecimento do peão e do cavaleiro... E um e outro viveram e combateram na última Guerra Mundial, em 1939 e em 1944... talvez até mais no fim do que no princípio da luta.

Em 1918 predizia-se que a próxima guerra seria curta e que os gases tóxicos teriam efeito decisivo... E na nova guerra os gases não foram empregados e a guerra arrastou-se por cinco atribulados anos.

Num estudo reflectido e sereno, feito na base dos processos pedagógicos histórico-indutivo e realista, esse equilíbrio não pode deixar — em meu entender — de nos conduzir às conclusões que vou apresentar.

# Revista da Cavalaria

\*

A despeito das grandes novidades da técnica, seja no campo da velocidade aérea ou no poder de destruição a distância dos novos projecteis, as *forças terrestres* continuam a ter o seu papel — ofensivo e defensivo — porque, a despeito de tudo, há-de ser necessário a quem se lance na ofensiva *ocupar o território* que o inimigo domina; ocupar as regiões de produção e de lançamento dos novos projecteis e aviões fantasmas do adversário, nem que seja pela necessidade de evitar os seus efeitos destruidores.

Numa guerra futura a pressão económica começará desde o primeiro momento, antes mesmo que se produzam as hostilidades militares... Essa é, infelizmente, a lição vivida dos nossos dias.

Mas também aprendemos que um bloqueio económico é impossível enquanto o adversário dispuser de uma aviação eficiente. Uma acção eficaz de bloqueio activo, traduzida numa acção aérea potente e continuada contra as fontes de produção, só é possível depois que a aviação inimiga e a defesa antiaérea do território inimigo sejam eliminadas, ou pelo menos neutralizadas. E enquanto existir uma defesa organizada, será necessário combater em terra para a eliminar.

Enquanto existirem recursos económicos que seja necessário proteger, existirão os meios militares de cobertura e defesa do território em que existem, e enquanto esses meios de defesa existirem, será necessário dar-lhes combate para obter o aniquilamento do adversário.

A Arma Aérea conquistou o direito de ser considerada em pé de igualdade com as outras forças armadas, mas a verdade é que o domínio absoluto e permanente do ar não é possível enquanto não forem destruídas as forças aéreas do inimigo, bem como as suas bases, as suas fábricas de aviões e as suas fontes e depósitos de combustível, e a realidade das duas últimas Grandes Guerras diz-nos que isso não é possível sem recorrer a forças terrestres.

É preciso também não perder de vista que a autopropulsão e autodirecção dos projecteis, aliadas à rádioactividade criam perspectivas, cujo alcance apenas se vislumbra, sobre novos meios de anular ou pelo menos limitar a eficiência dos ataques aéreos.

E se nos voltarmos para o bombardeamento atómico, poderemos concluir que as fábricas e as plataformas de lançamento

## Revista da Cavalaria

serão subterrâneas — à prova de bomba atômica — e espalhadas por todo o país. De forma que se um país fosse atacado e respondesse com o contrabombardeio atômico, resultaria apenas uma destruição tremenda na superfície territorial dos dois antagonistas, mas as instalações de lançamento e produção continuariam intactas. Travar-se-ia assim uma guerra devastadora, dispendiosa mas sem finalidade, sem meios de obter a decisão final: «verdadeiro sonho louco de destruição».

«Em 1943 e 1944 o que se verificou é que depois de aviões, carros e canhões terem concentrado a sua acção destruidora sobre uma área, eliminando todas as coisas organizadas que aí existiam, o corpo humano, sob a forma de um infante inimigo vivo, ainda lá se encontrava, inexplicavelmente, e, além disso, dispondo ainda de maior protecção fornecida pelas próprias crateras e ruínas».

Há qualquer coisa de simbólico nesse fenómeno: — o grito de reivindicação da existência perene da espécie humana!...

... E então, a única maneira de destruir o inimigo que reaparecia obstinadamente, redundava sempre no lançamento de *outros indivíduos da mesma espécie*, aproveitando também para se deslocar os próprios escombros da terra de ninguém, armados com as armas portáteis individuais, apoiados por carros, para o localizar e abater na realidade. E este combate travava-se afinal entre algumas centenas de metros e o corpo-a-corpo.

Tornava-se então evidente que as armas altamente destruidoras não podiam ser empregadas neste último e decisivo combate, porque os contendores estavam tão próximos que seriam ambos sujeitos ao efeito dos projecteis de largo raio de acção.

Na última guerra, as plataformas de lançamento das bombas voadoras, só foram final e decisivamente postas fora de combate pela acção das forças terrestres.

Estes princípios aplicam-se integralmente à bomba atômica: numa guerra atômica quanto mais longe estivermos do adversário maior será a probabilidade de sermos destruidos em massa.

«A mais eficiente defesa contra um bombardeamento atômico, será então destruir a sua origem — as instalações de lançamento dos projecteis e as respectivas fábricas de produção — ; e, para destruir essas posições subterrâneas, será necessário empregar directamente o *homem* com as suas armas tradicionais e as suas ferramentas.

# Revista da Cavalaria

As principais conclusões são, pois, estas :

1.º — Numa guerra atómica, quanto mais perto se estiver do inimigo, maior será a segurança: «*Cerre imediatamente sobre o inimigo ou você está perdido* será o axioma militar mais comum do próximo conflito (P. H. H. Bryan)».

2.º — Para conduzir as forças terrestres para o país inimigo é que só existirá um meio prático na era atómica: o avião de alta velocidade. Objectivos grandes e vagarosos como navios ou formações motorizadas em terra, a realizar uma aproximação paulatina, seriam fatalmente destruídos.

Mas é preciso contar que as tropas aerotransportadas ao desembarcar encontrarão as tropas de defesa das regiões visadas e com elas terão de lutar. É, pois, preciso que o desembarque se faça o mais próximo possível do adversário, para neutralizar desde logo a possibilidade de emprego de uma artilharia atómica.

«A História obriga-nos a encarar e considerar que a guerra tem vários aspectos que se ajustam e completam uns aos outros, como partes integrantes de um todo. Não há nenhum que seja indispensável ao conjunto» (1).

Não quero, com isto, garantir que a luta terrestre representará fase decisiva da próxima guerra; mas é lícito afirmar que a luta em terra será indispensável para a *decisão*. A última guerra, noto, só pôde ser vencida pelo ataque terrestre decidido ao «bastião europeu».

A marinha, a força aérea e o exército terrestre, terão, cada um o seu papel indispensável, e a importância relativa de cada um dependerá das reacções e possibilidades do inimigo, que não é fácil prever.

Estabelecidas, pois, estas conclusões resta agora ver que orientação deve dar-se à organização das forças terrestres.

(1) Ten. Gen. Me. Laise: «O papel do Exército. Perspectiva para 1949».

## Revista da Cavalaria

Convém, para isso, notar ainda como corolário das conclusões já apresentadas, esta outra conclusão:

— Na organização das forças terrestres temos de encarar as duas modalidades previsíveis do seu emprego:

- a) — forças a projectar, em velocidade e a grande distância, para atacar as fontes de produção e de lançamento dos engenhos modernos de destruição;
- b) — forças a organizar e dispor para a defesa do país e dos seus recursos económicos, que lhe interessam directamente e ao «team» de guerra a que pertençam.

Quanto às primeiras, a própria natureza do transporte a distância, designadamente do aerotransporte de grande velocidade, dá-nos uma indicação: a de que os materiais pesados e volumosos têm de se excluir, pelo menos no primeiro escalão da ofensiva.

A infantaria será a base dessas forças, e aproveitar-se-ão todos os recursos da técnica para lhe fornecer apoio eficaz e para lhe dar, acima de tudo uma eficaz capacidade de luta contra os carros inimigos: armas ligeiras anticarro de tipo bazooça, carros e artilharia de fraco volume e pouco peso, e engenharia com explosivos e meios de ocultação.

Parece, pois, que ao encarar-se a organização da defesa contra essas tropas aerotransportadas, não há muito que reear a presença de grandes massas de artilharia e de carros.

Para chegarmos a conclusões lógicas e fundamentadas, sobre a organização das forças terrestres dos países de fraca potência industrial e financeira, impõe-se, ainda, que meditemos uns momentos sobre outros aspectos do carácter da futura guerra e sobre a situação nesse problema, daqueles países.

\*

Apesar de todo o rumo materialista que adquiriu a civilização do século XX, parece patente que as próximas guerras não serão lutas de origem económica, mas guerras de reivindicação, de defesa de soberania, de expansão política ou de libertação espiritual, embora todas condicionadas por factores económicos para-

# Revista da Cavalaria

lelos, porque pode-se afirmar que «não existe, hoje, Estado algum que seja uma autarquia económico-militar completa» (1).

A interdependência ideológica, política, económica e estratégica, conduz à *generalização* da guerra, surja o «casus belli» onde surgir, e por isso as futuras guerras manterão, sob novas aparências e mais acentuado, o carácter da *coligação* na organização das forças.

Portugal está, agora, política e oficialmente ligado, como não podia deixar de ser, ao grupo de Nações do ocidente que, frente à falta de solidariedade humana baseada na justiça e na moral cristã, admitem a eventualidade de recorrer à luta, se isso for necessário, para garantir a sua independência espiritual e os fundamentos morais da civilização europeia tradicional.

Surge, assim, nova interrogação: — qual o papel que poderão desempenhar na organização dos futuros exércitos de coligação, as Nações com fracos recursos financeiros e pequeno potencial de indústria?... Porque, perante as exigências modernas do seu equipamento material, poderíamos ser induzidos a concluir que, não podendo essas Nações alcançar os meios indispensáveis para fazer uma guerra ultramoderna, sem eles a conservação das forças terrestres seria um encargo inútil para os seus povos.

«De facto, a força bélica de um Estado, depende da sua capacidade de produção de carvão, de gasolina e de metais militares».

E, por isso mesmo, a importância das forças militares para a política externa, nos países sem grande poder industrial, diminuiu forçosamente no jogo das forças mundiais. A sua situação estratégica, quer no aspecto político quer no geográfico, pode contudo permitir e produzir que essas Nações recebam do grupo de Nações a que pertençam, e na devida oportunidade, o apoio em forças e armas técnicas e mecânicas de que carecem. A esse respeito e pelo menos enquanto a prática não vier uma vez mais desmentir o valor dos compromissos de assistência, a coligação joga em favor das possibilidades da defesa dos fracos.

O que de qualquer modo se não justifica, por isso, é que os pequenos povos se resignem à inacção suicida, aguardando que os outros façam tudo.

(1) Ten.-coronel Ruiz Fornells (Revista *Ejercito*).

## Revista da Cavalaria

Fiar-se, em absoluto, apenas no valor da sua situação geográfica e na influência regional que possam exercer apesar do seu fraco poder intrínseco, é erro que se paga caro.

A Dinamarca, premida entre potências poderosas, renunciou decididamente nas vésperas da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial à posse de forças armadas; mas não tardou muito que a brutalidade dos factos lhe denunciasse o grave erro cometido.

E, assim, é bem diferente o rumo que essa Nação hoje segue.

O que importa é procurar o carácter que devem ter a organização e preparação das nossas forças armadas e, entre elas, das forças terrestres — sendo este último, aliás, o problema que agora nos ocupa em particular —.

Sob este aspecto temos, pois, de focar que em caso de um conflito futuro, a nossa intervenção militar se pode encarar sob dois aspectos, a saber:

a) — O fornecimento de corpos expedicionários, para integrar nas forças da coligação a que pertencemos;

b) — A luta no país, a defender não só por imperativo histórico nacional, como por representar ponto de interesse estratégico para o conjunto. E a defesa terá de encarar o ataque vindo por terra, pelo mar ou pelo ar.

A organização e preparação de qualquer Estado, devem ter em vista, sem desfalecimentos nem pretextos mais ou menos hábeis e subtilezas, que é *dever* de cada um contribuir para o êxito do grupo, ou «team», a que pertence, com o máximo das forças e dos esforços que estejam ao seu alcance, e isso acarreta a todos, mesmo aos mais fracos, a obrigação de valorizar a sua força armada, senão por instrumentos que estejam fora das possibilidades da sua capacidade técnica e industrial, pelo menos desenvolvendo por treino e educação, a capacidade nacional de combater.

No primeiro aspecto podemos concluir que os pequenos países que não possam contribuir com armas e equipamentos onerosos que devem equipar as forças de ataque, mas que a fraqueza dos seus recursos industriais lhes não permitem fabricar, podem pelo menos fornecer forças organizadas, disciplinadas e adestradas no manejo das armas tradicionais que possuam e que, nesse caso, facilmente se adaptarão ao manejo das armas técnicas mais aperfeiçoadas que lhes forneçam.

## Revista da Cavalaria

O que importa, acima de tudo — em meu entender — é organizar as forças militares, tomando como base e axioma que o seu primeiro papel é o de poder fazer frente à ameaça sobre o seu próprio território, em condições de — no mínimo — dar tempo a que possam intervir os meios mais potentes de reforço que os aliados façam acorrer.

Nada de especular com a ideia de que nos países de fraca profundidade e ao alcance da aviação inimiga é absurdo organizar forças para a defesa do Estado no próprio território. Que a defesa se tem de fazer algures, mas não aqui... Pois *aqui* teremos de a fazer se aqui nos atacarem, e com os meios que estiverem efectivamente ao nosso alcance. Tudo o resto, são funções derivadas, ou complementares.

Há a este respeito, um aspecto importante do *ataque*, que não deixarei de focar porque pode influir no papel do exército e no carácter da sua organização.

É o da *infiltração e propaganda local*, como meio de destruir a força potencial do conjunto. Todos sabem da habilidade com que, na preparação da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial e até depois dela na preparação da *prevista*, se tem manejado essa perigosa e insidiosa arma. Desta forma, a guerra pode chegar a apresentar aspectos de *luta intestina*.

É certo que conhecido o processo, perdido o efeito de surpresa que pode ter causado, os povos livres começam a reagir e a defender-se dessa manobra: é a parada inevitável que suscita toda a arma ou processo novo de luta.

Mas a prevenção está feita pelos factos e é prudente não a perder de vista.

O papel que as instituições militares podem ter na vida interior do Estado representará, até, uma contribuição mais importante para o resultado final do que a resultante dos encargos assumidos no campo da política e acção externa.

A contribuição medir-se-á então:

— pelo que as instituições militares do país possam fazer no campo educativo da massa do povo que através delas tem de passar, quer na instrução militar efectiva como na sua preparação pré e para militar;

— pela medida em que possam representar meio de acção capaz de neutralizar as influências deprimentes da de-

## Revista da Cavalaria

— ordem interna, da quebra da unidade e solidariedade de todo o povo; sem isso não ficará garantida a possibilidade de se assegurar a mobilização do potencial máximo de que a Nação seja susceptível, quer no que respeita a potencial humano como no da sua fraca mas integral capacidade industrial e de todos os recursos económicos.

A este respeito, quer durante a paz como muito principalmente durante a guerra, em qualquer luta intestina o papel das forças militares, que podemos definir genèricamente por — garantir a segurança das retaguardas —, implica um emprego de meios flexíveis, capazes de responder aos naturais processos de fluidez, de dispersão e de infiltração, que assume a acção dos elementos a soldo (material ou mental) do adversário, com fluidez, dissimulação e surpresa.

E se nos pequenos países de fraca capacidade industrial, o papel da defesa do próprio território contra ataques externos e internos é o principal, já poderíamos concluir que é indispensável que as suas forças militares se baseiem nos elementos fluidos e flexíveis, capazes de explorar ao máximo as facilidades que o terreno ofereça para a deslocação rápida e dissimulada, e de se espalmar no terreno para o defender. Tropa capaz de defender o país, tropa que saiba agarrar-se ao terreno e que saiba manobrar e infiltrar-se através de terrenos difíceis, articulada em núcleos ligeiros mas apetrechados para viver e combater isolados, espécie de fortes *guerrilhas* astutas, silenciosas, fáceis de ocultar, manobradoras e, apesar de tudo, rápidas na sua deslocação em qualquer terreno. Esta é a tradição da guerra na península, desde as primeiras invasões dos conquistadores exóticos do Norte ou do Sul, até à resistência às águias napoleónicas. E é uma lição da última guerra, sobre a *resistência* nos países de potencial fraco ou destruído.

Aproveitamento de todo o potencial humano e dos nossos limitados recursos industriais para organizar as nossas forças, crescendo-lhe apenas o que dependa dos outros países nas proporções compatíveis com a nossa real pobreza e com as necessidades de eficaz apoio daquelas forças. Esse é o lema.

É preciso fixar bem no nosso cérebro este conceito que magnificamente Rougeron define assim: «Para vencer não é pre-

# Revista da Cavalaria

ciso fazer tudo, mas é indispensável não deixar de fazer certas coisas» (1).

Eu acrescento: é preciso que se saiba organizar as forças de defesa com forte espírito positivo e realista, com o maior respeito pelas directrizes automaticamente fixadas pelas condições nacionais, quer políticas, quer estratégicas, quer geográficas, quer económicas e não nos deixarmos arrastar à tentadora e megalómana imitação do que fazem as grandes potências industriais, mas firmes no propósito de vender cara a vida e a liberdade da Pátria, com os meios de que dispusermos.

Soluções completas para o equipamento da guerra moderna só são acessíveis às grandes potências de forte capacidade industrial; mas isto não quer dizer que todos os outros povos não possam obter para si solução alguma própria e que devam por isso sujeitar-se a uma mortificante renúncia completa de autonomia.

\*

Por outro lado, para se tirarem as conclusões definitivas fundamentadas, convém ainda pôr em evidência que os dois últimos grandes conflitos armados, uma vez mais consagraram através de todas as contingências, dois conceitos clássicos da Arte Militar:

1.º — Que a *manobra*, que não foi eliminada pela invenção da dinamite, ou da pólvora sem fumo, nem pelo desenvolvimento das medidas de protecção contra os projecteis, desde o entrincheiramento à couraça, não o será, também, pela guerra atómica.

A *manobra pelo movimento* vingou a despeito das extensas frentes estabilizadas de 1915, a despeito da linha Maginot, em 1940, e a despeito da formidável concepção defensiva do «bastião europeu» com o mar por fosso e as mais poderosas organizações defensivas a proteger as costas.

---

(1) «La prochaine guerre».

## Revista da Cavalaria

2.º — Que não se tendo ainda encontrado, apesar de tudo, um meio de locomoção mecânico *todo-o-terreno* em absoluto, e tendo-se sempre verificado que a eficiência de qualquer arma ou novo meio de locomoção está subordinada à verificação de condições de situação e de terreno que lhe sejam propícias — o que só raras vezes se dá — na guerra futura o *terreno* continuará a exercer uma influência decisiva na manobra e acção dos meios, por isso na eficácia do seu emprego. Continua-se a poder dizer: — «a melhor defesa contra o carro e o avião será ainda a que o terreno oferece (1).

As melhores fortificações são ainda as que através dos séculos nos oferecem as condições geológicas do território e a topografia dos campos de batalha.

A manobra com esse binómio clássico *homem-terreno*, que a tudo tem resistido, há-de opor-se ao domínio da *técnica*, que parece dominadora na era da mecânica.

\*

Para concluir da viabilidade de existência e actuação de forças terrestres na defesa do território, convém, por fim, fazer umas últimas observações sobre a influência que pode resultar do emprego da bomba atómica, dos projecteis foguetes e da arma blindada.

Comecemos pela bomba atómica e pelos projecteis foguetes.

O *emprego* destes meios na guerra está ainda sujeito a muitas limitações, que no caso da bomba atómica não são inferiores às que deram lugar a que, estando os Estados fortemente apetrechados com *gases* para a segunda Guerra Mundial, eles não fossem empregados.

Mas sem falar já na determinação do seu emprego e antes nos seus efeitos sobre as forças terrestres, é preciso não esquecer que a *dispersão* e a *mobilidade* são a regra da batalha moderna, e isso corresponde já a uma grande limitação no emprego daqueles meios, ou pelo menos na sua real eficácia.

---

(1) Gen. Lopéz Valência (Revista *Ejército*).

## Revista da Cavalaria

O mesmo progresso técnico que torna possível a criação de grandes meios de destruição, acarreta paralelamente novas possibilidades nos transportes e comunicações, sem que as forças, no seu emprego, percam a possibilidade de coordenação. É um tal fenómeno que nos explica este facto paradoxal que nos é oferecido pela Estatística, de ter baixado substancialmente a relação das baixas em proporção à duração da luta. Com efeito essa relação na 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial é inferior às verificadas na guerra de 1914-18 ou nas campanhas de Napoleão.

A dispersão tende a aumentar, atingindo o próprio dispositivo dos Serviços e das indústrias básicas das Nações em guerra. A época dos Exércitos *em massa* passou — embora isso não signifique, de modo nenhum, que desapareçam os grandes exércitos.

E, desta forma, o emprego da bomba atómica e dos foguetes como meio de destruição das forças terrestres, encontrará pelo menos, uma parada na grande dispersão, na rarefacção que estas podem utilizar; a sua eficiência virá, assim, a reduzir-se, como através dos tempos se reduziu, sempre, a de todos os meios de destruição, pela pronta resposta de contra medidas neutralizantes.

O bombardeamento de grande raio de acção poderá, a despeito de tudo, considerar-se eficaz contra *instalações* ou *alvos* concentrados, mas o que certamente não constituirá é meio táctico decisivo, de destruição dos sistemas de forças terrestres do adversário. E é só este segundo aspecto que nos interessa, porque quanto ao primeiro — já o dissemos — só o ataque em grande escala, pelas forças coligadas, contra os centros de produção e plataformas de lançamento do adversário o pode evitar.

Passemos agora à *arma blindada*.

Na primeira guerra mundial os alemães não ligaram a importância devida às possibilidades dos carros. Quando sentiram o real valor desse novo meio de ataque, orientaram os seus esforços no sentido da defesa anticarro. Só no fim da guerra é que puderam empregar carros do seu próprio fabrico; mas nem os tinham em número suficiente nem deram bons resultados.

Quando o nacional socialismo se apoderou do governo, trataram imediatamente de corrigir a deficiência das suas forças blindadas, avisados já pela doutrinação feita pelos seus prováveis adversários. E então, adoptaram a concepção da guerra relâmpago, como doutrina orientadora do desenvolvimento e aplicação

## Revista da Cavalaria

da sua Arma Blindada. Inspirava-os, para isso, por um lado a teoria filosófica de Clausewitz — concentração de força e rapidez das operações — e, por outro, as ideias de Eimannsberg expostas em 1934 pela primeira vez, na sua obra *Der Blitzkrieg*, em que preconizava o regresso, com novos meios e concepção actualizada, aos processos clássicos da manobra dos velhos tempos da Arte Militar.

A despeito dos princípios correctos da sua teoria, os alemães cometeram alguns erros de conceito que explicam porque, passado o período inicial da surpresa técnica e tática da «blitzkrieg», que foi facilitada pelo facto de terem na sua frente adversários desprevenidos e sem preparação para a enfrentar e deter, nem material nem sequer moral, os êxitos desfaleceram e acabaram por se desacreditar.

A doutrina estratégica e tática alemã, da acção blindada, não teve na devida conta o poder da artilharia, sub-estimando a eficiência desta arma. Sub-estimou, também, o valor da infantaria, que deixou de encarar como arma principal, dando-lhe, pelo menos de início, o papel secundário de força de ocupação; e não reconheceu a tempo que se nem polacos nem franceses em 1939 dispunham de armamento anticarro eficiente, o fatal aparecimento da parada à guerra blindada havia de fazer mudar a feição da famosa *blitzkrieg*.

Pelo contrário, sobre-estimaram o valor dos blindados, considerando-os capazes de realizar todas as missões que lhes fossem atribuídas e alcançar a vitória rapidamente. A importância da cooperação entre as diferentes armas foi desprezada e, assim, não mantendo o contacto suficientemente estreito entre a infantaria e os blindados, não pôde explorar a fundo a progressão das suas pontas de aço. Sobrepuseram, por fim, a ideia da conquista do terreno à da necessidade de eliminar as forças combatentes do adversário.

E como resultado de tudo, quando lhes surgiu um adversário técnico e taticamente esclarecido e apetrechado, como anglo-americanos e mais tarde os russos na segunda campanha de leste, o facho da vitória escapou-se-lhe das mãos.

Na primeira fase da guerra tudo fazia crer, na realidade, que os blindados representavam o elemento decisivo único da batalha terrestre. Entretanto, o profissional avisado devia aguardar atentamente a evolução da campanha para assentar as suas conclusões...

## Revista da Cavalaria

E isso é que muitos — como sempre — não fizeram... nem ainda fazem, afinal.

Os canhões anticarro aumentavam em número e em gama de calibres; as minas multiplicavam-se; apareceram cargas cónicas e a autopropulsão do projectil, que passou a poder partir com fraca velocidade, sucessivamente aumentada pela reacção do jacto; generalizou-se por fim o emprego de toda a artilharia — até da antiaérea<sup>(1)</sup> — no ataque aos carros, chegando-se à concepção das grandes massas de artilharia russas. A defesa anticarro escalonou-se em profundidade, através de toda a profundidade do sistema defensivo, alcançando as próprias retaguardas, e as penetrações blindadas deixaram, assim, de ter o campo aberto para a manobra, e viram-se enredadas e aniquiladas nessa teia de ilhas anticarro da defesa.

Na batalha de Chambois, ao fechar-se a bolsa de Falaise, dois homens que não tinham mais do que a instrução elementar de tiro e que nunca tinham entrado em combate, destroem 4 carros M. 4 em dez minutos com cinco projecteis de «basooca».

Os bombardeiros e as minas isoladas e em campos, complicavam também a vida dos blindados a pontos de se chegar já a admitir que a conjugação do emprego das minas e das armas de carga cónica, dos projecteis dirigidos e de autopropulsão, do bombardeamento e ataque a canhão e a foguete pela aviação, conduzam de novo os *carros*, num futuro mais ou menos próximo, a regressar à sua mera função de arma de acompanhamento.

Em Briey, no sector de Metz, uma brigada «*panzer*» penetra no sector da 90.<sup>a</sup> Div. de Inf. americana, comandada pelo Tenente-General Mc. Lain, que guardava então um sector de mais de 50 Kms. de frente e com um flanco no ar. Durante um dia e uma noite a batalha desenrola-se inteiramente atrás da frente. Apesar disso, são destruídos 25 tanques pesados num total de 34; 60 veículos blindados entre 75; são feitos cerca de 300 mortos e 400 prisioneiros. Um total de 80% de baixas!

Não pode tirar-se destas observações a ilação de que penso que no futuro conflito a arma blindada deixe de ser um elemento importante de manobra e de ataque.

---

(1) Emprego que desde 1936 prevê e preconizei, sujeito ao risco de ser considerado então um fantasista...

## Revista da Cavalaria

O que penso é que, se por um lado, quando as circunstâncias de situação e de terreno lhe sejam propícias, os blindados terão ainda, no próximo conflito — e sobretudo na sua fase inicial — uma acção muito importante, por outro lado é de prever que haverá cada vez maior condicionamento à sua penetração, que será desgastada (como alvos visíveis e densos que constituem as tropas blindadas) pelos novos meios aéreos e terrestres de luta anticarro. E também que, contra o que se pôde afirmar, o terreno muito cortado e acidentado, e a falta de uma rede de comunicações que, não só pelo seu piso mas também pela sua largura, seja propícia, constituirá uma terrível servidão para o emprego de carros.

E o que penso, também, é que à estratégia defensiva que, naturalmente, tem de se encarar como a orientadora da organização das forças militares dos pequenos países de limitado potencial técnico e industrial, interessa muito especialmente, organizar e preparar todos esses potentes meios de luta anticarro. Assim se economizará no que respeita à constituição da *massa blindada* que deva entrar em acção depois de reduzida, extenuada e paralisada por aqueles meios de defesa estática, a acção dos eventuais blindados inimigos.

Dá-se ainda o caso de que, precisamente, a aquisição desses meios — como sejam projecteis de carga oca, armas do tipo «ba-zooça», canhões sem recuo, minas e explosivos para destruições, — é a que está mais ao alcance dos limitados recursos financeiros e modesta capacidade industrial dos Estados naquelas condições, como o nosso. São armas de fabrico económico e relativamente fácil e as que melhor permitem equipar as tropas de infantaria ou de cavalaria, em que se queira aliar a mobilidade com a capacidade de resistência. Quanto a blindados, se não puderem ter a massa que convém, poderão esperar que a acção daquelas armas e dos poucos blindados de que disponham, dê tempo a que os aliados os reforcem na medida do preciso.

Para o nosso caso especial, poderíamos ainda acrescentar que enquanto a situação política e estratégica nos garantir contra uma invasão terrestre maciça e súbita pelo oriente, a ameaça de ataque súbito só pode vir pelo ar. E as tropas aerotransportadas não podem pôr em terra, rapidamente, grandes massas de carros, e muito menos de carros pesados.

Defesa terrestre antiaérea, defesa anticarro territorial e equipamento anticarro das tropas terrestres, parece, pois, deverem

## Revista da Cavalaria

constituir alguns dos pontos principais em que deve basear-se a nossa preparação para uma futura conflagração.

De *aviação* e *massas blindadas* poderemos contentar-nos apenas com o preciso para formar e treinar as reservas necessárias para guarnecer os meios dessa natureza, que oportunamente venham a ser postos à nossa disposição pelos parceiros mais fortes da coligação. Esse mesmo material representará, afinal, o núcleo para utilização imediata, nas primeiras operações.

Suponho, de resto, ser esse o critério que preside às esclarecidas, prudentes e paulatinas medidas de preparação do nosso exército.

Que conclusões tirei então desta longa, e porventura prolixa, dissertação sobre o futuro das forças terrestres na Guerra da segunda metade do Século XX, se vier a eclodir?

Creio que foram estas:

- 1.ª — Que a despeito das grandes novidades e progressos da ciência e da técnica, as forças terrestres continuam a ter o seu papel na guerra moderna.
- 2.ª — Que as futuras guerras serão feitas com forças organizadas por grupos de Nações. A guerra de amanhã terá, ainda, um acentuado carácter de guerra entre grandes coligações. E que a cada membro da coligação cumpre — sem desfalecimentos ou escusas subtis — o dever de contribuir para a preparação das forças do conjunto, como base do êxito final, com o máximo das forças que lhe sejam próprias; e que isso lhes acarreta a obrigação de valorizar a sua força, senão com material que não esteja ao seu alcance, pelo menos desenvolvendo a capacidade nacional de resistência, de combate. Quer dizer, que o papel dos pequenos países de limitada capacidade financeira e industrial, poderá exigir-lhes o fornecimento, se necessário, da sua quota parte de potencial humano para a constituição das forças a lançar sobre o território onde deva atacar-se em terra o inimigo, mas sobretudo reside em garantir a defesa do

# Revista da Cavalaria

ponto estratégico que no plano de conjunto representará o seu próprio território e o território adjacente.

3.ª — Que, como tal, a organização das nossas forças terrestres deve ter em vista as condições geo-estratégicas, topográficas, sociais climatéricas do território nacional e até das zonas, especialmente central e septentrional, da península.

4.ª — Que tudo deve subordinar-se directamente, sem nenhuma excepção ou transigência, à ideia de que é para a guerra que as instituições e forças militares existem, mas que se deve encarar um novo aspecto que é o da segurança política e da ordem no interior.

5.ª — Que em países como o nosso, com grande predomínio do terreno fortemente acidentado e cortado e de rede de comunicações pouco densa, e tendo por outro lado em vista os dois tipos de luta a encarar em primeiro lugar: luta contra ataques de aerotransportados, luta intestina de infiltração, interessa sobretudo a organização de tropas ligeiras, capazes de se mover e combater em todos os terrenos, de se articular, dissimular e infiltrar nos nossos terrenos.

Qual o papel que na organização de tais forças podem ter as armas tradicionais: infantaria, artilharia e cavalaria, é o assunto que tentarei abordar em novo artigo.

Coronel H. BUCETA MARTINS



# A 5.<sup>a</sup> Arma



*Na segurança e marcha para a batalha  
e estabelecimento e verificação do contacto*

pele Ten.-Coronel FREIRE DE MENEZES

## A segurança e a marcha para a batalha



A informação e segurança são condições imprescindíveis ao estabelecimento ou à execução de qualquer operação de guerra.

A *segurança* corresponde a uma necessidade permanente e proporciona às forças em operações o *espaço* e o *tempo* necessários para que as tropas adoptem os seus dispositivos de combate ao mesmo tempo que assegura a sua

protecção contra as surpresas.

A *segurança política* que deve prosseguir-se de forma contínua, serve-se, antes da rotura das hostilidades, da informação diplomática e secreta e torna assim exequível a preparação dos Exércitos e as operações necessárias para a sua mobilização e concentração.

A *segurança estratégica* muito embora utilizando também a informação secreta, tem como fonte primacial de informação a «exploração aérea», uma vez que, só por este meio, a cobertura, a exploração terrestre e a organização das regiões fronteiriças pode ter verdadeira eficiência; sob a sua protecção se orientam os movimentos das G. U., para a batalha, desenvolvendo a manobra e o dispositivo táctico.

A *segurança táctica* aproveita a obscuridade e as condições naturais do terreno e determinadas fracções de forças, que, orientadas pela

# Revista da Cavalaria

investigação e informação aérea, põem os grossos a coberto dos riscos das surpresas terrestres e permitem o seu emprego em condições favoráveis para desferirem as suas acções decisivas, batalhas e combates.

A *segurança aérea* tem por objecto proteger as grandes Unidades em estação, em marcha ou em combate contra as actividades aéreas do adversário, contra as investigações da sua «aviação de informação», contra os bombardeamentos e ataques com armas de projecção dos seus bombardeiros médios e pesados e contra os desembarques aéreos.

Esta protecção assegura-se por duas séries de medidas; umas, competem ao «Comando» e o seu conjunto constitui a cobertura aérea; outras tomadas pelas unidades, qualquer que seja a sua importância e a sua situação no conjunto do dispositivo, constituem as medidas de segurança aérea imediata.

A *cobertura aérea* é assegurada quando o Chefe é constantemente informado, com oportunidade, sobre toda e qualquer actividade aérea eventual do inimigo e, ainda, quando a sua «G. U.» esteja coberta pela acção combinada da «Aviação de Caça» e das forças anti-aéreas da defesa.

A informação obtém-se pela conjunção do trabalho da Aviação e da rede de observação organizada pela «G. U.», ligada ainda com os órgãos de segurança geral da defesa anti-aérea do território existente na sua Zona de acção.

A cobertura aérea consegue-se por meio do dispositivo que combina a acção da «Caça», da defesa contra aeronaves e da defesa aérea do território.

O Comando, em todos os seus escalões, tem que adoptar as disposições convenientes para prevenir perigos e surpresas para as suas tropas e, particularmente nos pontos sensíveis da retaguarda, contra as surpresas provocadas pelos desembarques aéreos.

A organização pré-estabelecida deve prever, para estes efeitos, a entrada em acção da defesa anti-aérea do território, a observação, o serviço de alarme, metralhadoras e aviação de caça.

As unidades de todas as armas mais próximas do lugar de aterragem de desembarque, com preferência das mecanizadas e motorizadas, têm obrigação permanente de intervir sem demora contra os elementos adversários desembarcados.

A *segurança aérea imediata* repousa na informação fornecida pelo serviço de observação, obrigatoriamente organizado em toda e qualquer unidade em marcha, em estação ou em combate, ligado, sempre que seja possível, com o sistema geral de vigilância do ar e por um conjunto

# Revista da Cavalaria

de medidas, umas activas, como a rápida entrada em acção de todas as armas, que atacam os aviões que voem a baixa altura, e outras, passivas, tendo em vista subtrair as tropas à observação aérea, como a organização de movimentos durante a noite, o emprego de itinerários desenhados ou cobertos, a camuflagem ou emascaramento, a extinção de luzes, dispersão e a disseminação das formações e, ainda, protegendo as tropas dos fogos aéreos pela construção de trincheiras e abrigos.

As medidas de protecção passivas só se empregam quando a rapidez do movimento não tem preferência sobre a protecção das tropas.

## A marcha para a batalha

As possibilidades actuais da Arma Aérea fizeram desaparecer, no seu sentido estrito, as clássicas marchas de etapa, sabido que as tropas podem sempre ser objecto da investigação ou dos ataques aéreos do inimigo, por muito afastadas que estejam da linha do contacto, da linha da costa ou fronteira; e, por isso, actualmente, todos os seus movimentos têm um certo carácter tático.

A probabilidade de que o inimigo leve a cabo incursões aéreas está em estreita relação com a distância às linhas que acabo de citar ou com as particularidades da situação aérea; se estes factores apresentam um aspecto que nos é favorável, a organização e a modalidade do movimento deve inspirar-se principalmente nos preceitos clássicos para conseguir uma maior comodidade das tropas.

Estas podem deslocar-se utilizando exclusivamente os seus meios de transporte, reforçado ou não, realizando *marchas*, ou serem movimentadas por uma ou mais modalidades do serviço de transportes: serviço automóvel, caminhos de ferro ou pelas vias navegáveis, fluviais, marítimas ou aéreas.

Em qualquer destes casos, é fundamental:

- Conservar os laços orgânicos das Unidades;
- Subtrair o movimento à investigação aérea e da espionagem inimiga, aproveitando ao máximo o emascaramento e as medidas de contra-informação;
- Manter o segredo sobre o ponto de destino e itinerários que seguirão as tropas e adoptar todas as medidas especiais que lhes proporcionem a maior segurança.

# Revista da Cavalaria

A marcha da G. U. — Exército — realiza-se dividindo a sua zona de marcha em zonas de marcha de C. E. a que normalmente se affectam as tropas e serviços do Exército necessários à execução do movimento.

O accionamento das forças aéreas que hão-de proteger o movimento estabelece-se em íntima colaboração com o Comando do Exército, pois com frequência fica a seu cargo em todo ou em parte a segurança aérea do movimento e terá por isso que solicitar serviços de protecção de Cobertura aérea e da aviação de informação em beneficio das suas forças.

Em resumo, a decisão do General Comandante do Exército terá que fundamentar-se, neste ponto, nos pedidos de serviços aéreos que formulem os C. E. que têm que marchar e nas zonas percorridas pelos serviços de transporte quando se empregue esta modalidade.

No que se refere às esquadilhas de informação não devem estas nunca fraccionar-se, pois as características dos aviões modernos permitem realizar estes serviços com a máxima pontualidade e eficácia, mesmo quando a marcha da unidade a que estão affectas demore vários dias, com a condição, apenas, de que o seu estacionamento inicial fique centrado em relação com a zona de marcha; procedendo deste modo evitam-se as interrupções ou colapsos nas suas actividades, sempre inerentes às mudanças do aeródromo.

O emascaramento ou camuflagem do movimento influi de maneira preponderante na modalidade que se adopte para a sua execução; se a zona de marcha oferece boas condições naturais para a ocultação ou não hajam nuvens baixas, abundantes e persistentes, será imprescindível proteger o movimento pela Aviação de Caça ou realizá-lo de noite.

Os meios anti-aéreos do Exército são insuficientes para este fim; um Corpo do Exército de duas divisões, marchando por um só itinerário, representa uma coluna de 90 quilómetros de profundidade, cujo desfile dura quinze horas; utilizando dois itinerários, número indispensável para que o movimento tenha certa rapidez e flexibilidade, tão pouco se consegue a protecção em forma contínua, pois os meios de acção permanente, como a artilharia anti-aérea resultaram insuficientes, e os de acção intermitente, como a Aviação de Caça, carecem de autonomia necessária.

O General discrimina na sua decisão quais os elementos e lanços dos itinerários que hão-de ser objecto de protecção preferente e os seus desejos são depois concretizados pelo seu Estado Maior e pelo Comandante da Aeronáutica que procederão ao estudo atento do gráfico para a marcha das tropas, mediante o qual será adequadamente ponderado

# Revista da Cavalaria

o horário, a natureza e a composição do agrupamento de marcha, as condições de ocultação e os pontos críticos dos itinerários e a protecção que cabe esperar dos diferentes elementos da defesa aérea do território existente permanentemente na Zona de Marcha; esta análise permitirá estabelecer as horas e lugares de actuação da caça e o movimento das baterias anti-aéreas.

Na situação que consideramos interessa principalmente impedir a investigação aérea inimiga, uma vez que, se esta se realizasse, malograria o segredo do movimento e levaria indícios sobre a manobra projectada, o que arrastaria um perigo imediato pois seria o prenúncio de acções aéreas agressivas; esta preferência é indiscutível; as potentíssimas formações de bombardeiros actuais, não obstante as suas grandes possibilidades em raio de acção e navegação, são delicadas e não se lançam à aventura de buscar objectivos; o seu emprego económico exige que contem com uma informação prévia.

Como consequência destas necessidades, a caça que realize cruzeiros de vigilância ou esteja alertada para os levar a cabo actuará suficientemente afastada da testa das colunas para que os aviões inimigos sejam interceptados antes de descobrir os movimentos das tropas; se isto se não consegue, corre-se o risco de que o avião transmita a sua informação, e, ainda que posteriormente fosse batido, não se teria conseguido o fim em vista, o qual era conservar o segredo do movimento.

Nas proximidades da linha de contacto estes riscos aumentam, por resultarem de fácil execução as correrias da aviação de assalto.

A artilharia anti-aérea fracciona-se em baterias, que se distribuem pelos diversos itinerários de acordo com as suas características; alguns lanços, pelo seu traçado e pelas obras de arte que neles se contém, não se prestam para a ocultação e disseminação das forças muito especialmente para os elementos automóveis; isto explica que para conseguir uma protecção mais completa, as Zonas de acção de caça e da artilharia anti-aérea se sobreponham sobre os pontos críticos durante o desfile dos elementos que interessa proteger.

As baterias marcham por «saltos» e, para que as mudanças de posição se efectuem com rapidez os seus elementos de reconhecimento e as próprias baterias têm preferência para a sua circulação, em relação com as demais forças.

A contribuição para a conservação do segredo das operações da parte da Aviação de Informação traduz-se em acomodar, nos limites do possível, as suas actividades ao ritmo das horas e lugares das operações desenvolvidas em dias anteriores, por isso que uma intensidade de

## Revista da Cavalaria

voo anormal ou desusada é indício revelador de acontecimentos extraordinários futuros.

As medidas para segurança terrestre serão mais ou menos rigorosas, segundo o grau de garantia que mereça a cobertura ou forças já em posição e sob cuja protecção se realize o movimento; quando são de recear incursões de elementos motorizados ou mecanizados inimigos na frente ou flanco da zona de marcha, a esquadilha de informação efectua missões de exploração táctica sobre as direcções perigosas e reconhece as zonas que se tornem suspeitas; estas actividades deverão estender-se a outros objectivos, a fim de suscitar a desorientação do inimigo sobre a verdadeira causa da investigação, não deixando de ter em conta uma coordenação cuidadosa visando a reduzir os serviços ao mínimo indispensável, para evitar o desgaste rápido dos efectivos aéreos.

A ligação tem que ser meticulosamente prevista, para que tanto as notícias trazidas pelas esquadilhas como as comunicadas por qualquer órgão ou rede de observação, cheguem ao conhecimento das tropas com oportunidade e de modo que estas possam adoptar as disposições convenientes para a sua protecção; o oficial de estado maior, por meio de informação facilitada pelo comandante da aeronáutica da G. U., comunicará aos Comandantes dos agrupamentos de marcha, em termos de conveniente descrição, os detalhes necessários para facilitar a identificação dos aviões ou formações aéreas próprias, evitando deste modo os falsos alarmes aéreos, que tanto perturbam a rapidez do movimento e produzem fadiga às tropas.

No entanto, difundirá as particularidades das actividades aéreas prováveis do inimigo reduzidas das que se tenham desenrolado em dias anteriores, o que permitirá assinalar as horas e lugares em que, pelo seu maior perigo, convém extremar as precauções para assegurar o movimento.

A informação anti-aeronáutica só será eficiente se toda a organização da defesa contra aeronaves, por modestos que sejam os seus meios, tenha assimilado a ideia de que é um elemento de uma malha de rede geral da aeronáutica da nação, que automática e oportunamente, será informado de tudo quanto a interesse e tem o dever recíproco de comunicar quanto conheça; portanto, a ligação da G. U. com a rede de observação tem grande importância.

Normalmente os itinerários principais coincidem com as estradas nacionais e as grandes artérias de transmissão seguem o traçado destas. Se, na Zona de marcha não existe rede de observação e transmissões especial solicitar-se-á da autoridade competente a utilização das já

## Revista da Cavalaria

existentes reservando para aquele fim algum dos seus circuitos; finalmente, para suprir ou completar a rede por fios, em determinadas ocasiões, estender-se-ão linhas de campanha ou ter-se-á que recorrer à rádio, não obstante os seus conhecidos inconvenientes.

Para a entrega rápida das informações aos destinatários dotar-se-ão os diferentes centros de transmissão (que para a rede anti-aérea o são de informação) de um certo número de estafetas motociclistas que em todo e qualquer momento conhecerão a situação das autoridades a quem devem entregar as informações.

Se a marcha se realiza de noite, o rendimento dos meios aéreos e anti-aéreos decresce muito notavelmente, ainda nas condições meteorológicas mais favoráveis; normalmente, as esquadrilhas de informação diurna ficarão impossibilitadas de actuar, os pedidos de informação serão feitos ao escalão superior e estas serão procuradas pelas esquadrilhas de informação nocturna. Por outro lado, no que se refere à aviação de caça ficará a actividade desta apenas circunscrita à dos caçadores nocturnos.

Se a artilharia anti-aérea não conta com projectores ou apenas dispõe de um número reduzido destes, os seus tiros reduzir-se-ão à formação de barreiras nas direcções de acesso provável dos aviões inimigos.

Quando as G. U. são transportadas, provêm à sua própria segurança contra os perigos do ar e, para esse fim, são dotadas com um certo número de viaturas providas de armas anti-aéreas e solicitarão ainda os serviços aéreos necessários; a intervenção das forças transportadas, além do cumprimento das prescrições especialmente estabelecidas para o efeito, limitar-se-á a uma cooperação restrita com os elementos do ar.

No que respeita à protecção do movimento, o estudo necessário à execução deste, terá que ser extensivo às Zonas de embarque e desembarque, pontos que pela sua indiscrição e vulnerabilidade serão objectivos preferentes para a Aviação inimiga.

Se circunstâncias especiais aconselharem que alguns elementos avançados, mecanizados, motorizados, ou mesmo ferroviários, reconheçam os itinerários que as forças transportadas hão-de seguir, ou cubram o seu movimento, a aviação que trabalhar para o mesmo fim deverá evitar entrar em íntima e perfeita ligação com esses elementos.

# Revista da Cavalaria

## Aproximação

Sempre que as forças amigas se aproximem do I. há um aumento dos riscos que ameaçam as tropas que marcham e uma redução contínua do tempo e do espaço disponíveis para desenvolver o dispositivo adequado imposto pela situação geral; estas circunstâncias requerem uma evolução insensível da formação de marcha para que as tropas se subtraíam aos efeitos das incursões aéreas, dos engenhos blindados e dos fogos da artilharia do adversário e possam chegar a estabelecer o contacto em boas condições físicas e morais, em segredo e com a maior rapidez e segurança.

As precauções que se adoptam serão função da informação que se possua sobre a atitude do inimigo e das condições em que se chegará ao contacto; aquele pode estar em movimento e em posição, e o movimento próprio pode ser protegido por tropas que tenham estabelecido anteriormente o contacto com a posição de resistência inimiga ou por G. U. de Cav.<sup>a</sup> ou mecanizadas, que tenham chegado até ele em condições imprecisas, ou mesmo sem nenhuma protecção, por exemplo porque, em consequência de uma perseguição profunda se tenha perdido o contacto e se trate de restabelecê-lo.

Em todos os casos, as tropas devem marchar sempre com uma disposição de segurança que no seu conjunto garanta ao Comando a liberdade de acção e esquemáticamente se reduz a um adequado e coordenado escalonamento dos elementos que realizam a exploração, aviação e G. U. de Cavalaria e mecanizadas, que hão-de proporcionar a liberdade de manobra; elementos de segurança a distância, C. C. e esquadilha de informação táctica, que proporcionam a liberdade para a batalha, e elementos de segurança próxima, Cavalaria Divisionária, destacamentos de vanguarda e de flanco, que protegendo os grossos das forças encarregadas da execução da manobra, lhes permitirão empenhar-se com liberdade no combate.

Estes escalões devem aproveitar ao máximo os recursos naturais do terreno e do espaço aéreo para evitar as vistas e os fogos do adversário, protegendo-se de maneira especial contra as incursões e desembarques aéreos e os de meios mecanizados.

A Aviação contribui para a protecção geral do movimento pela cobertura aérea ao mesmo tempo que atende às necessidades imediatas da manobra. Esta, tem como base a informação, uma vez que o chefe, quando adoptar a sua decisão, precisa de conhecer as possibilidades do I. em toda a profundidade da Zona de marcha que terão que per-

## Revista da Cavalaria

correr as suas forças, não só das tropas inimigas em presença, mas também das que possam chegar ao contacto em tempo oportuno, tanto na sua frente como nos flancos, e, ainda, o enquadramento da sua G. U.

As forças aéreas de informação realizam a sua missão por um escalonamento análogo áquele por que o efectuam as forças terrestres; a informação que interessa ao C. E. e Divisões, quer dizer, a exploração táctica, as missões de serviço da Artilharia e a ligação das Unidades, fica a cargo das esquadrilhas de informação táctica; a sua acção prolonga-se pela esquadrilha de informação estratégica e completa-se pela esquadrilha de informação nocturna.

Estas distintas actuações devem coordenar-se para evitar duplicidade de serviços, e, de acordo com as particularidades da situação aérea, o escalão superior tomará a seu cargo as missões que exijam um internamento mais profundo na Zona inimiga, ou, pelo contrário, imporá servidões às Unidades subordinadas.

A informação deve obter-se sem solução de continuidade e terá por base o «programa de informação» executado em dias anteriores sem a Zona que interessa, completando-se com as novas necessidades deduzidas do «Plano de Informações» da decisão do General. A data da entrega da informação obtida pelas esquadrilhas é consequência da modalidade característica do escalão de comando que ordena a investigação; a maior hierarquia exige previsões, o mais largo prazo e pressupõe um tempo maior para receber a informação dos diferentes órgãos de investigação ou procura um prazo mais amplo para as ordens que dá.

Consequentemente, a investigação, em relação com as futuras necessidades do Comando, deverá ordenar-se com um avanço correspondente ao desenvolvimento de uma manobra, fase ou tempo, segundo se trate do escalão Exército, C. E. ou Divisões, sem prejuízo de investigação ou procura imediata de informações que requer a execução das operações em curso.

As Zonas de acção das diferentes unidades aéreas sobrepõem-se ligeiramente para evitar soluções de continuidade no espaço; os seus limites em profundidade e a fixação estão em estreita relação com as particularidades da situação aérea; o das esquadrilhas de informação táctica indica o limite próximo para a actuação das de informação estratégica.

Sempre que a situação aérea o permita, o limite da Zona explorada nesta fase da batalha em benefício do C. E., qualquer que seja a esquadrilha encarregada desta missão, não distará menos de 70 a 80 quilómetros dos elementos mais avançados da descoberta terrestre. Só assim

## Revista da Cavalaria

se evitarão as incursões por surpresa dos elementos mecanizados adversários. Consideremos, de facto, que um avião de velocidade de Cruzeiros de 300 a 350 kms. hora descobre uma força de carros que marcha ao encontro das nossas tropas por um caminho regularmente transitável e afastada cerca de uns 40 quilómetros. Supunhamos que é esta a velocidade económica com que se deslocam esses elementos de carros — (muito embora os haja actualmente com velocidade muito superior) — por isso que terão que marchar em condições especiais para a sua própria segurança e admitamos o caso mais favorável das nossas tropas estarem em estação. Nestas condições, o contacto estabelecer-se-á uma hora mais tarde.

O avião considerado poderá transmitir a informação pela rádio e, neste caso, o conhecimento da notícia pela entidade destinatária será instantâneo; no entanto, para prevenir uma falta deste sistema de transmissão ou ainda porque tenha que lançar mão da informação gráfica, pode ver-se obrigado a utilizar artifícios de luzes ou mensagens lastrados; neste caso atrasará a transmissão de 8 a 10 minutos que é o tempo de voo necessário para chegar à vertical do P. C. da descoberta, identificá-lo e descer a baixa altura para melhor precisão do lançamento e facilidade de recolha da mensagem.

Em condições excepcionais, os elementos de carros descobertos e, se nisso perder alguns minutos e não for abatido, (supunhamos um quarto de hora) a notícia só chegará ao seu destino com uma antecipação de 45 minutos, tempo que se calcula como mínimo para que o Comandante do escalão avançado tome ou adopte as suas disposições de combate e que, por isso, não convém reduzir.

A repetição dos reconhecimentos sobre objectivos descobertos antecipadamente e a exploração sobre Zonas que por qualquer indício se tornem suspeitas, devem permitir concretizar para o escalão superior o dispositivo inicial ou movimento das forças inimigas e as particularidades das obras existentes ou que estejam em vias de execução.

O mecanismo da aproximação dos C. E. e Div. é muito semelhante; porém, a amplitude dos seus lanços ou saltos sucessivos está em harmonia com as suas características peculiares.

O C. E., órgão de execução táctica para o Ex., é órgão de Comando para o escalão inferior; orienta a marcha das suas Div. e, posteriormente combina as suas direcções de ataque para alcançar o êxito com os efeitos resultantes da acção da massa das suas tropas e actua com os seus elementos orgânicos de defesa com aeronaves para cobri-las e de artilharia, engenharia e serviços para reforçar ou prolongar as suas

# Revista da Cavalaria

acções. Por isso, no seu dispositivo geral de aproximação, a distribuição das Divisões em 1.º e 2.º escalão, e o da sua artilharia, não só será variável mas também apta a modificar-se de acordo com os incidentes que se apresentem, o que, por exigir certo tempo e espaço, liga implicitamente a amplitude dos lanços daquelas G. U. à condição de dominarem os sucessivos campos de batalha.

A Div. regula a sua marcha fundamentalmente pelas linhas de obstáculos anticarro, de observatórios ou de horizonte e pela articulação da sua artilharia, quer dizer, pelas zonas de combate.

Portanto, o interesse máximo da investigação aérea sob o ponto de vista das necessidades dos comandos de C. E. e dos divisionários, terá que precisar-se nas linhas atrás indicadas; estas informações transmitir-se-ão, respectivamente, à descoberta e às vanguardas das colunas para que possam explorá-las imediatamente adoptando as medidas adrede indicadas.

As características da informação, nesta fase da batalha são a centralização e a rápida difusão das notícias de modo a que o Comando possa desenvolver a sua manobra de acordo com o dispositivo de aproximação adaptada e a que as tropas possam tirar proveito daquelas.

O estado precário das transmissões, a mobilidade e fragacidade dos objectivos e a rapidez com que têm de intervir os órgãos de fogo faz com que em muitos casos se tenha que pôr de parte a actuação dos órgãos de investigação do Serviço de Informação da artilharia dos órgãos de localização pela vista e dos órgãos de localização pelo som, cuja entrada em acção resulta incompatível com a rapidez do avanço e obriga a que parte das suas missões recaiam sobre a Aviação.

A investigação ou busca da informação deve fazer-se, preferentemente, por visão directa; os reconhecimentos fotográficos só terão utilidade quando se trate dos objectivos de certa permanência e cuja exploração possa diferir-se no tempo.

As missões de serviço da Artilharia têm grande importância e serão sempre numerosas, já porque, normalmente, a rede de transmissões e observação próprias desta arma, são insuficientes, já porque esta circunstância se agrava pela actuação especial desta arma, caracterizada pela imprecisão da sua intervenção e pela constante diminuição do seu campo de tiro pela contínua aproximação da infantaria própria do limite dos alcances do seu material, tudo dificultado, ainda, pela forçosa limitação do municiamento resultante das dificuldades para mover os órgãos deste serviço em momentos em que os itinerários estão ocupados até à saturação.

# Revista da Cavalaria

No reconhecimento tácito destes factos se baseia a clássica e conhecida articulação da artilharia em dois escalões: um que atira ou está preparado para fazer fogo e outro que marcha ou está preparado para marchar.

A dosagem das baterias em ambos os escalões, baseadas nas informações anteriores, deve ser susceptível de modificar-se precisamente em função dos dados fornecidos pela observação aérea, uma vez que chegará um momento em que as suas notícias permitirão definir o (salto) lançamento final para estabelecer o contacto, momento em que é da maior importância conservar a liberdade necessária para que a artilharia possa desenvolver-se de forma conveniente.

A verificação e assimilamento de objectivos bem como a verificação dos tiros efectuados, praticamente só será possível pela observação aérea, uma vez que a intervenção das baterias afectas às vanguardas se faz a pedido dos comandos das mesmas e terão que romper o fogo com grande rapidez.

A artilharia de C. E. limitar-se-á a deixar algumas das suas baterias, com dependência variável, à disposição das Div., para reforçar os fogos das vanguardas, desempenharem ou levarem a cabo algumas acções de contra bateria e o cegamento dos observatórios; esta última missão tem o máximo interesse quando o I. está instalado defensivamente, mesmo quando a sua organização seja muito sumária.

Pelas razões apontadas, a ligação *ar-terra* e *terra-ar*, tem grande importância; a situação dos observatórios P. C., será conhecida com todo o detalhe, pela aviação de informação; quando o terreno o permita e, para facilitar a transmissão de notícias, os aviões especiais aterrarão nas imediações daqueles órgãos de comando, estabelecendo a ligação pessoal que é sempre da maior conveniência.

A ligação com as Unidades será concretizada pela sua identificação ao alcançar linhas preestabelecidas do terreno, sistema que oferece maior segurança que o do horário, e em que, por diversas causas será difícil conseguir a devida exactidão.

## Estabelecimento e verificação do contacto

Quando a Descoberta sobre os primeiros tiros de espingarda ou de arma automática procura determinar os pontos do terreno ocupados pelo I. para precisar o contorno do seu dispositivo, a aviação coopera nesta missão estabelecendo um entendimento prévio com os comandos dos Destacamentos de Descoberta, entendimento este firmado em reu-

# Revista da Cavalaria

niões celebradas anteriormente e nas quais se terão fixado as combinações necessárias para que a ligação seja eficiente, sejam quais forem os incidentes que possam surgir.

Sucessivamente, entram em acção as vanguardas, que actuam rápida e potentemente, conduzindo o seu ataque com grande velocidade, apoiado por uma fracção variável de artilharia, conforme o I. se detenha ou avance apoiando a sua progressão com carros, o que poderá tornar necessário o desenvolvimento total da artilharia divisionária e até de uma parte da artilharia de C. E.; estas unidades orientadas principalmente pela observação aérea, actuarão por meio de rápidas e violentas concentrações tendo em vista reduzir com rapidez todas as dificuldades que se apresentem à Infantaria.

A aviação, individualizando a situação dos grossos inimigos ou a densidade de ocupação da posição de resistência e todos os outros indícios que permitam formar um juízo seguro sobre as possibilidades do adversário, é a base para definir a modalidade do dispositivo que resulte mais conveniente para o ataque.

Uma vez detidas as vanguardas pelo fogo, produzem-se combates de carácter local, que têm como finalidade individualizar a verdadeira posição de resistência; com esta ideia o Comando empenharia um mínimo de meios de Infantaria e toda a artilharia disponível, que com um consumo reduzido de munições tratará de desbaratar os elementos avançados do I., verificará o contacto, obrigá-lo-á a mostrar as suas forças e assegurará a posse dos pontos de partida necessários para desencadear o ataque.

Se estas acções revelam o propósito do I. de continuar avançando, terá importância primordial detê-lo, adiantando-nos a ele na ocupação dos pontos que interessam.

A descentralização da artilharia cessa gradualmente como consequência da maior (definição ou) precisão das suas missões e do aperfeiçoamento do seu sistema de observação pelo dispositivo e pela intervenção dos elementos de informação de C. E., que prestaria valioso auxílio aos agrupamentos de apoio e de acção de conjunto das Div. e do C. E.

A intervenção da arma aérea nesta fase de batalha pode ser decisiva, pois pela sua peculiar indeterminação, justifica que à audácia com que actuam os meios empenhados se junte uma grande cautela dos Comandos, para que os incidentes destes preliminares do ataque não absorvam efectivos consideráveis, com prejuízo da acção decisiva que há-de desenrolar-se posteriormente.

# Revista da Cavalaria

Uma actuação oportuna de Unidades aéreas de assalto, que surpreenda o dispositivo da artilharia e dos serviços em pleno desenvolvimento, ou a ocupação das bases de partida, pode ser decisiva, ou, pelo menos, produzir um colapso temporário que permita um certo desafogo para completar os preparativos do ataque.

Para este fim se consertam previamente os serviços das unidades de assalto que ficam alertados para intervir a pedido dos Comandos de C. E. e que estarão perfeitamente informados sobre os propósitos do Comando e as particularidades do desenvolvimento da acção.

A epígrafe «Aeronáutica» da Ordem de Operações do C. E. estabelecerá, em termos gerais, as condições de intervenção das Unidades aéreas de informação e de assalto que intervêm em seu benefício.

O Comandante da Aeronáutica compendiará, nas ordens particulares para as Unidades, todos os pormenores estabelecidos para o desenvolvimento do programa da investigação e busca da informação, do serviço da Artilharia e de todas as outras missões que possam interessar aos executantes.





# Organização

(Fórmula universal)

pelo Cap. de Eng. VITORINO M. ESPARTEIRO

## I

### Preliminares

**A** organização é tão antiga como o Mundo.  
Ela é o próprio Mundo.

A Natureza é um exemplo vivo de organização e a sua maravilhosa harmonia, eterna força e infinita complexidade têm levado o Homem a despertar, criar, ordenar e aperfeiçoar as suas próprias actividades, quer pela observação directa, quer pela utilização dos ilimitados meios postos naturalmente à sua disposição.

A Natureza é, pois, a mestra da Vida-mestra de ciência inesgotável, infinita, profunda e misteriosa que tudo oferece ao Homem e que este tantas vezes tão mal aproveita, por cegueira, ignorância, ou incapacidade.

Se o Homem, através de todos os tempos, tem aproveitado bastante as lições da Natureza, isso não representa senão uma ínfima parte dos ensinamentos que ela em si encerra, e uma soma sucessivamente crescente desses conhecimentos poderá ser obtida se as investigações humanas se encaminharem mais decididamente no sentido do desvendamento dos mistérios da Vida.

# Revista da Cavalaria

O exame do próprio organismo humano — ínfima mas maravilhosa máquina num prodigioso Mundo — tem levado à solução de inúmeros problemas da Vida e, certamente, quando devidamente estudado, poderá vir a esclarecer, justificar e solucionar problemas, ora obscuros.

A nossa subsequente exposição tem como única e despreziosa finalidade pôr em confronto a organização de um sistema natural (corpo humano) e de um organismo artificial especial (organismo militar).

Procuraremos salientar aqueles princípios e regras — já deduzidos por grandes espíritos — que, tendo a sua génese na Natureza, são de aplicação universal.

Saliente-se, porém, desde já, que esses princípios e regras nada têm de complexo ou rebarbativo; são antes uma súpula de conceitos simples e racionais ao alcance da percepção de todas as inteligências mas que, por um desconcertante paradoxo, encontram por vezes na sua aplicação à actividade artificial, dificuldades estranhas e insuspeitadas.

Toda a actividade humana (industrial, comercial, agrícola, intelectual, etc.) deve submeter-se à disciplina imposta pelas leis que regem a actividade natural, sob pena de insucesso ou morte. Quando o coração funciona irregularmente surge a doença e depois a morte; quando o Homem não respeita a disciplina do trabalho provoca o fracasso e a morte dos seus empreendimentos.

## Noções de organização do trabalho

*Organizar, segundo Ponthière, é dotar um sistema dos seus órgãos e do estatuto que assegura o funcionamento harmónico de todo o sistema com vista ao seu fim.*

Deste modo, quem se propõe organizar ou estudar um sistema, uma actividade (empresa, exploração agrícola, acção militar etc.) deve pôr sucessivamente perante o seu espírito três questões fundamentais:

I.<sup>a</sup> — *A função do sistema, a sua missão, a sua finalidade...*

O caso mais geral a encarar será o de um sistema comportando vários órgãos componentes, ele próprio órgão componente de um sistema mais complexo.

# Revista da Cavalaria

Nestes termos, há ligações e sujeições a encarar entre todos os órgãos e se as funções elementares devem ser integradas na função do sistema, esta, por seu turno, há-de integrar-se na função do organismo imediatamente superior.

E como um sistema se não pode isolar do meio exterior, terá que, forçosamente, sofrer as influências deste e os reflexos das suas variações, uns, favorecendo a sua acção, outros, opondo-se-lhe mais ou menos decididamente.

Em resumo, o estudo da questão compreenderá :

a) — A definição precisa e completa das missões :

- do sistema em estudo,
- do sistema superior e
- dos sistemas similares concorrentes,

para um perfeito enquadramento das missões.

b) — A apreciação da situação com vista :

- ao conhecimento, avaliação e aproveitamento da força dos elementos favoráveis à actuação do sistema ;
- ao conhecimento e avaliação da força dos elementos opostos.

2.<sup>a</sup> — *Órgãos com que se conta, ou deve contar, para o desempenho da função.*

3.<sup>a</sup> — *Leis do funcionamento dos órgãos para o desempenho da função, comportando três subquestões :*

- a) — *o funcionamento próprio de cada órgão (lei egoísta);*
- b) — *o funcionamento de cada órgão em relação aos outros órgãos do sistema (leis de relação orgânicas); e*

# Revista da Cavalaria

c) — o funcionamento do sistema em relação ao meio exterior, (leis da vida de relação)

em que se pressupõe a fixação de um *espaço*, de um *tempo* e de um *chefe* para cada trabalho.

Estas três questões são de primordial importância na vida de um organismo e pode afirmar-se que as causas de insucesso se filiam na maioria dos casos na obliteração ou na definição imprecisa ou incompleta de qualquer das questões.

Uma boa organização de trabalho não pode, pois, descuidar o estabelecimento nítido e sucessivo das três questões, sob pena de mau funcionamento ou morte do organismo ou actividade.

## II

### Um organismo natural: O corpo humano

Se a Natureza é a grande mestra da Vida, procuremos então uma vez mais os seus ensinamentos e vejamos:

1.<sup>a</sup> Questão — *Função*.

«A Adão, porém, disse:

A Terra será maldita na tua obra.

Tu tirarás dela o teu sustento com muitas fadigas todos os dias da tua vida.

Tu comerás o teu pão com o suor do teu rosto.

E o Senhor Deus o lançou fora do Paraíso das delícias para que cultivasse a Terra» (*Velho Testamento*).

A função a desempenhar pelo organismo humano é, em resumo: *Viver e Lutar*.

O Homem, perante o seu meio e a necessidade natural da vida em sociedade, luta pela sua vida, pelo seu triunfo e pela vida e triunfo do organismo de que faz parte, aproveitando as suas possibilidades orgânicas e as dos elementos favoráveis que o meio e o seu semelhante lhe proporcionam.

# Revista da Cavalaria.

## 2.<sup>a</sup> Questão — Órgãos com que conta para o desempenho da função.

De um modo geral, o corpo humano consta, como é sabido, de três partes principais:

- 1 — Cabeça — sede dos *órgãos de Comando* do organismo;
- 2 — Tronco — sede dos *órgãos da nutrição*;
- 3 — Membros — *órgãos do movimento* (pernas) e da *força* (braços).

O conjunto está disposto segundo o *quadro orgânico* que é o esqueleto; os diversos órgãos estão *ligados* entre si e uma primeira protecção — pele e mucosas — assegura a primeira defesa contra os inimigos do organismo.

A notar ainda, como elementos de primordial importância, a existência de:

— Uma completíssima rede nervosa, que assegura uma íntima *ligação* entre os órgãos de Comando, os órgãos subordinados e todos os departamentos orgânicos;

— Órgãos que, conjugados com o sistema nervoso, *informam* o Comando de todos os fenómenos e alterações produzidos no seio do organismo e no exterior: olhos, ouvidos, nariz, pele, mucosas, etc.;

— Uma profusa rede de *transportes* — canal digestivo, veias, linfáticos, quilíferos, etc. — por onde se faz o transporte dos produtos alimentares a todo o organismo (*abastecimento*) e, no regresso, se *evacuam* todas as substâncias desnecessárias ou nocivas à vida dos órgãos, o mesmo é dizer, do próprio organismo.

Podemos então dizer que o corpo humano compreende:

a) — *Órgãos de Comando do organismo* (1):

Cérebro, cerebelo, bulbo raquidiano e espinal medula.

---

(1) Há órgãos de Comando subordinados espalhados por todo o organismo, como veremos adiante.

# Revista da Cavalaria

b) — Órgãos de execução, que englobam:

1 — Órgãos do movimento e da força, accionados por músculos com movimentos variados e variáveis de uns para outros;

2 — Órgãos da nutrição destinados especialmente a assegurar a alimentação e conservação de todos os órgãos e departamentos orgânicos;

3 — Uma rede de transportes que alimenta a dupla corrente de transportes de abastecimento de substâncias alimentares e evacuação de produtos desnecessários ou nocivos à vida do organismo;

4 — Dois sistemas nervosos — elementos de primordial importância para a ligação — que asseguram o exercício do Comando das funções, quer da vida orgânica (*sistema nervoso da vida orgânica*) quer da vida de relação (*sistema nervoso da vida de relação*). —

Para o desempenho da função dispõem os sistemas de:

— Centros nervosos, mais ou menos complexos, espalhados por todo o corpo, que são verdadeiras centrais de recepção de excitações e de transmissão de impulsos;

— Fibras nervosas, que são os fios condutores de excitações centríptas (fibras sensitivas) e de ordens centrífugas (fibras motoras).

5 — Órgãos de informação que, conjugados com os sistemas nervosos e trabalhando em proveito do organismo, *informam* o Comando, directamente ou por intermédio de um comando subordinado, de tudo o que se passa, tanto exterior como interiormente: olhos, ouvidos, nariz, boca, pele, mucosas, etc. (1).

Sendo a pele e as mucosas um revestimento de todo o corpo, pode dizer-se que todas as regiões do corpo colhem *informações* para o Comando.

Façamos uma análise dos meios, como mandam as boas regras de organização do trabalho.

---

(1) De salientar, a excepcional importância para o organismo, da função de um dos órgãos de informação: Visão (olhos).

# Revista da Cavalaria

a) — *Órgãos de Comando.*

A considerar :

- 1 — *Órgãos de Comando do organismo*, ou da vida da relação ;
- 2 — *Órgãos de comando subordinados*, ou da vida orgânica.

Os *órgãos de Comando do organismo* presidem à vida de relação, isto é, às manifestações do organismo frente ao meio exterior.

Com a cooperação do sistema nervoso da vida de relação recebem do exterior as informações colhidas pelos seus *órgãos próprios* (olhos, ouvidos, etc.) e respondem com ordens para as manifestações de movimento ou de força.

Os *órgãos de Comando do organismo* encontram-se alojados na caixa craneana e no canal vertebral (1).

Os principais são :

— O *cérebro*, sede das qualidades mais elevadas do pensamento humano: inteligência, juízo, memória, instinto etc.

Ele é bem o Comandante das manifestações superiores desse organismo tão complexo e maravilhoso que é o corpo humano ;

— O *cerebelo*, *órgão auxiliar do cérebro*, coordenador dos movimentos voluntários do organismo ;

— O *bolbo raquidiano*, *órgão de ligação entre o Corpo do Comando e o exterior*, isto é, entre o Comando e os *órgãos de execução* ;

— A *espinhal medula* — longo cordão de substância nervosa no prolongamento do bolbo — que é o eixo de transmissões do qual partem, a todo o comprimento, derivações que servem

---

(1) Note-se a sólida protecção naturalmente assegurada aos *órgãos de Comando do organismo* — índice seguro da extraordinária importância que a Natureza lhes atribui.

# Revista da Cavalaria

todos os órgãos e regiões do corpo. É por seu intermédio que o Comando recebe a maioria das impressões e transmite a maioria das suas ordens (1).

Os órgãos de comando subordinados encontram-se disseminados por todo o corpo, possuem certa autonomia, mas a sua acção não deixa de estar subordinada ao Comando do organismo.

Com a cooperação do sistema nervoso da vida orgânica recebem as solicitações que lhe são enviadas pelos órgãos, dando as ordens directamente ou transmitindo as solicitações ao Comando superior, tudo de modo a que as funções dos órgãos estejam em oportuna correlação com as necessidades do organismo, ou ainda desencadeando funções para levar a uma determinada finalidade (por exemplo, à regulação térmica).

## b) — Órgãos de execução.

### 1 — Órgãos do movimento e da força, accionados por músculos.

Os movimentos e esforços executados pelos músculos são variados e variáveis de uns para os outros, de acordo com a magnitude da tarefa que se lhe impõe.

As suas actuações são, afinal, as manifestações exteriores da força e vitalidade do próprio organismo: se os músculos são fracos o organismo não pode ser forte e um organismo forte não pode resultar de órgãos componentes fracos.

Cada músculo da vida da relação tem a sua especialidade própria: extensores, flectores, rotadores, etc. (2).

(1) Certos órgãos de informação à disposição imediata do Comando (olhos, ouvidos, etc.) estão directamente ligados ao Comando, portanto, sem interposição da spinal medula.

(2) Os movimentos e os esforços executados pelos músculos podem aumentar de alcance, amplitude, intensidade ou velocidade se se lhe fornecer uma arma, instrumento, ferramenta ou máquina.

# Revista da Cavalaria

## 2 — Órgãos da nutrição.

Os principais são :

— *Os aparelhos digestivo e respiratório*, encarregados da alimentação do organismo ;

— *Os órgãos de eliminação*, onde, após prévia evacuação, se fazem a eliminação das substâncias desnecessárias e as operações de renovação ou transformação das substâncias aproveitáveis.

## 3 — Transportes.

a) — *De interesse geral* (acionados pelo Comando): membros inferiores ;

b) — *Privativos dos órgãos ou grupos de órgãos* (acionados por comandos subordinados) e que compreendem :

— *Transportes de abastecimento*, que levam alimentos a todo o organismo ;

— *Transportes de evacuação* das substâncias residuais da laboração orgânica.

Para cumprimento da sua missão dispõe o serviço de :

— Uma rede de vias de circulação : canal digestivo, aparelho circulatório, etc. ;

— Meios transportadores : sangue, linfa, etc. ;

— Órgãos reguladores do movimento, o principal dos quais é o coração.

## 4 — Sistemas nervosos.

Os centros nervosos do Comando do organismo estão alojados no Corpo do Comando e cada um comanda um órgão especializado.

Os centros nervosos subordinados estão espalhados por todo o organismo, desde o Corpo do Comando até ao corpo do órgão.

# Revista da Cavalaria

Deste modo, existe um escalonamento de comandos, mais ou menos complexo conforme a importância do órgão ou a sua distância ao Corpo do Comando.

Os fios condutores (fibras nervosas) reúnem-se em feixes formando verdadeiros cabos (nervos).

Esses nervos são de três categorias:

- *Sensitivos*, os que conduzem aos centros as informações colhidas nos receptores situados nos órgãos ou departamentos orgânicos;
- *Motores*, os que transmitem as ordens dos centros às placas terminais motoras situadas nos músculos;
- *Mistos*, resultantes da junção das duas espécies e que formam um cabo (nervo) em que a individualidade se mantém, fazendo-se de novo a separação à chegada à zona que servem.

Estudemos separada e resumidamente os dois sistemas nervosos.

## *Sistema nervoso da vida da relação.*

É por seu intermédio que o Comando do organismo exerce a sua acção, presidindo às manifestações exteriores da vida: inteligência, memória, visão, audição, marcha, trabalho, etc.

Os respectivos centros estão alojados no Corpo de Comando:

- Centro motor do membro inferior direito;
- Centro motor do membro superior direito;
- Centro dos movimentos de rotação da cabeça e do pescoço;
- Centro da linguagem articulada;
- Centro motor dos músculos da face;
- Centro auditivo;
- Centro do movimento dos olhos;
- Centro da memória auditiva das palavras, etc.

O Comando do organismo regula, pois, as manifestações dos músculos esqueléticos — órgãos da força e do movimento — e de outros órgãos especiais que trabalham em proveito geral.

# Revista da Cavalaria

A ligação entre o Comando e os órgãos executantes tem então uma excepcional importância para o exercício do Comando:

O corte de uma ligação ou a avaria de um centro arrastam a paralisia dos movimentos do respectivo órgão de execução (1).

## *Sistema nervoso vegetativo, da vida orgânica ou da vida interna.*

Comporta uma dupla rede de ligações — simpática e parassimpática — que servem todos os órgãos e departamentos orgânicos e presidem à vida interna do organismo.

Os respectivos centros nervosos estão escalonados desde o Comando até às várias regiões do corpo e no Corpo do Comando existe um aparelho nervoso central que regula superiormente as funções da vida orgânica.

Deste modo, cada órgão recebe uma dupla inervação cujas acções são antagonónicas, mas é precisamente desse antagonismo que resulta o equilíbrio e harmonia do funcionamento da vida interna.

Os dois sistemas — simpático e parassimpático — dependem, em última análise, do Comando do organismo, mas possuem certa autonomia (2).

### 3.ª Questão — *Leis de funcionamento dos órgãos para o desempenho da função.*

O organismo humano, sob muitos aspectos, é mal conhecido — Carrel o afirmou — e sob o ponto de vista «funcionamento» o mistério é particularmente sombrio e impenetrável.

---

(1) Por exemplo: o corte de um nervo óptico, ou a lesão grave do respectivo centro, paralisam o movimento dos músculos que accionam o olho, isto é, cegam a visão.

(2) O coração continua a funcionar, isolado, quando excitado artificialmente (experiências de Carrel); o estômago mantém os seus movimentos peristálticos mesmo que se seccionem os nervos ou a espinal medula.

O facto, se demonstra a existência de comandos escalonados capazes de accionarem os órgãos, mesmo quando isolados, prova igualmente a necessidade de uma acção reguladora do Comando, a bem da acção do conjunto.

# Revista da Cavalaria

Como reage o organismo frente a um perigo, uma ameaça, um insucesso ou um fracasso?

Qual a gradação de reacções perante um perigo afastado, próximo e imediato?

Quando e como decide o Comando a actuação do organismo perante as variações do meio exterior?

E tantas, tantas, interrogações sem resposta no insondado mistério da Vida!

Isso nos impedirá de fazer uma exposição completa e inteiramente satisfatória e o nosso escopo, como dissemos, limitar-se-á a fazer ressaltar aqueles primários princípios e regras que regem o funcionamento do corpo humano, como logicamente deverão reger a actividade humana, nas suas múltiplas modalidades.

1.<sup>a</sup> Sub-questão — *Funcionamento de um órgão isolado* (Lei egoísta).

Escolhamos um músculo: o biceps.

Ele liga, como é sabido, a omoplata ao rádio e o seu movimento especial permite a flexão do antebraço sobre o braço.

Esse movimento pode ser originado por solicitações:

— Do meio exterior: frio, calor, choque, perigos, etc.;

— Do meio orgânico: fenómenos físicos, químicos, eléctricos, etc.;

— Psíquicas, dos próprios órgãos de comando.

Suponhamos então o caso de um choque normal ao eixo longitudinal do músculo e vejamos a mecânica do funcionamento:

Receptor sensit. — nervo sensit. — c. nervoso — n. motor — placa term. mot.

O choque produz uma variação de tensão longitudinal do músculo, o receptor sensitivo é excitado, a excitação percorre o nervo sensitivo, vai ao centro nervoso e daí, por reflexão, parte a ordem para o movimento através do nervo motor. Chegada a ordem à placa terminal, o músculo contrai-se com produção de calor, parte deste transforma-se em

# Revista da Cavalaria

força mecânica e o órgão executa o movimento determinado pelo Comando (1).

O músculo — órgão da força e do movimento — concorre com o seu trabalho para a manutenção da vida e integridade de todo o organismo, quer adquirindo no meio exterior as substâncias necessárias à alimentação, quer lutando e vencendo os obstáculos que se lhe antepõem.

Por seu turno, todos os outros órgãos trabalham em proveito do músculo — arma da força e do movimento :

- A circulação, respiração e transportes, que lhe fornecem as substâncias energéticas necessárias (glucose e O);
- Os aparelhos de eliminação e transporte, que os libertam das substâncias residuais da laboração ;
- Os sistemas nervosos, que Comandam o trabalho da vida de relação (flexão, neste caso) e o trabalho da vida interna (alimentação, regulação térmica, etc.

Para que o músculo execute o seu trabalho nas melhores condições de economia e rendimento é necessário :

- Libertá-lo de tudo que embarace os seus movimentos (2);
- Limitar o seu esforço e velocidade ou ritmo de funcionamento às suas possibilidades naturais (3).

---

(1) Atente-se na similitude entre os fenómenos artificiais e os naturais. A todo o momento o organismo está recebendo estímulos (mecânicos, ópticos, térmicos, etc.) mas nem sempre o fenómeno dá origem a ordens do Comando para o movimento.

O Comando é, pois, informado a todo o momento do que se passa tanto interna como externamente mas as ordens para a actuação só partem em determinadas situações.

(2) Uma peça de roupa, uma pressão anormal que os oprimam, podem diminuir consideravelmente a capacidade de trabalho de um músculo ou grupo de músculos.

(3) O esforço e velocidade ou ritmo de funcionamento de um órgão têm limites naturais que é necessário respeitar. Pode momentaneamente exceder-se esses limites, mas a constatação não deve obstar a que, normalmente, se respeitem.

## Conclusão

Lei egoísta — *Cada órgão tem uma forma, constituição, localização e funcionamento naturalmente ajustados à função que desempenha.*

2.<sup>a</sup> Sub-questão — *Funcionamento de um órgão em relação aos outros órgãos do sistema (Leis de relação orgânicas).*

Estudaremos o aparelho digestivo e neste, particularmente, o intestino delgado.

Como é sabido, o aparelho digestivo é o agregado de órgãos da nutrição encarregado da digestão, isto é, do trabalho que tem por fim principal transformar as substâncias alimentares obtidas do meio exterior em substâncias assimiláveis, prontas a serem absorvidas e lançadas na corrente circulatória.

Como trabalho complementar e de colaboração com os transportes de evacuação, compete-lhe a rejeição, para o exterior do organismo, dos produtos desproveitáveis residuais da laboração.

Esquemáticamente a disposição dos órgãos componentes do aparelho digestivo é a seguinte :

Boca — faringe — esófago — estômago — intestino delgado — intestino grosso — anus.

As substâncias alimentares sofrem ao longo do canal digestivo uma série de transformações mecânicas e químicas até à obtenção do produto alimentar assimilável.

A primeira operação — na boca — é a mastigação. As substâncias alimentares são divididas e trituradas e sofrem uma primeira acção química pela saliva.

A segunda operação — na faringe e esófago — é a deglutição. As substâncias alimentares, já mastigadas e insalivadas, são transportadas da boca ao estômago pela acção da língua, das contracções musculares da faringe e das constrições e subsequentes relaxamentos dos músculos do esófago.

A terceira operação — no estômago — é a quimificação. As substâncias alimentares, trabalhadas anteriormente na boca, sofrem durante certo tempo a acção química do suco gástrico e depois são impulsionadas por movimentos próprios do estômago que levam o quimo a entrar regularmente na primeira parte do intestino delgado (duodéno).

Eis-nos chegados ao órgão cujo funcionamento nos propusemos estudar em especial.

# Revista da Cavalaria

## Funcionamento do intestino delgado.

O intestino delgado, sendo um órgão componente do aparelho digestivo, executa dentro da função deste o trabalho final da digestão (quilificação) em virtude do qual as substâncias alimentares, trabalhadas pelos órgãos anteriores, são devidamente preparadas para a absorção e assimilação.

Os produtos residuais da laboração digestiva vão depois para o intestino grosso e ulteriormente são expelidos para o exterior do organismo.

As principais características do intestino delgado são:

- Grande comprimento (6/8 ms.), pequeno diâmetro (2/3 cm.), dobrado várias vezes sobre si próprio;
- Superfície interior dotada de milhões de glândulas de secreção interna de suco intestinal e inumeráveis vilosidades que são verdadeiros chupadores dos produtos assimiláveis a distribuir a todo o organismo.
- Duas partes distintas:
  - A primeira (o duodeno), a mais curta, fixa em relação à cavidade abdominal mas com movimentos próprios, onde se realizam, pela acção da bilis e sucos pancreático e intestinal, as últimas transformações da substância alimentar e se dá a sua misturação e a impulsão, por virtude dos movimentos próprios do intestino, devidamente comandados por órgãos do sistema nervoso vegetativo <sup>(1)</sup>;
  - A segunda, com vários metros de comprimento, dobrada várias vezes sobre si mesmo, com movimentos próprios para continuar a misturação e impulsão e onde se passa o fenómeno da absorção — fases essas também devidamente comandadas <sup>(1)</sup>.

<sup>(1)</sup> Os movimentos intestinais podem ser obtidos com estímulos artificiais mesmo que se sectionem os nervos que servem o intestino — prova da existência de comandos locais.

# Revista da Cavalaria

Do exposto salientaremos em especial os seguintes pontos :

- O grande comprimento e o pequeno diâmetro do intestino, os quais permitem conciliar dois factores de certo modo antagónicos: necessidade de grande superfície de absorção para alimentação de todo o organismo e, simultaneamente, necessidade de facilidade de absorção por parte das vilosidades (confirmação da lei egoísta);
- A fixação, no espaço e no tempo, do trabalho elementar em relação ao trabalho do conjunto (localização central do intestino em relação ao organismo; etapa final do trabalho da digestão);
- A realização ordenada e invariável de uma função, segundo uma directriz que não é alterada, sob pena de fracasso ou morte do órgão, grupo de órgãos, ou até do próprio organismo;
- A existência de um comando local, com certa autonomia, mas sempre de acção subordinada à acção coordenadora do Comando Superior.

## Conclusões

*Leis de relação orgânicas.*

1 — *Um lugar para cada trabalho.*

*Corolário — Dois trabalhos diferentes não se devem sobrepor no mesmo lugar.*

2 — *Um trabalho deve seguir uma linha bem definida, sem vaivéns nem retornos.*

3 — *Cada trabalho: um comando, um espaço, um tempo.*

3.<sup>a</sup> Sub-questão — *Funcionamento do organismo em relação ao meio exterior (Leis da vida de relação).*

A vida é uma luta: uma luta para a conservação e integridade do organismo, uma luta do homem contra o homem, do homem contra o meio.

Sendo uma necessidade natural, que ela seja empreendida nas melhores condições para o organismo e para a sua integridade e coesão.

# Revista da Cavalaria

O homem é a Unidade humana provida dos meios necessários para viver e lutar e capaz, por si só, de um esforço limitado no espaço e no tempo. Esse esforço vai desde a actuação de um simples músculo, ou grupo de músculos, até à actuação de todo o organismo, reforçado ou não com meios suplementares: arma, ferramenta, máquina, etc.

*Estudemos então a Unidade humana.*

Em três situações se pode encontrar o homem em relação ao meio exterior:

- Estacionamento;
- Marcha e
- Luta ou trabalho.

*Em estacionamento* os problemas mais importantes que se apresentam são os do *repouso e conservação* e o da *alimentação*.

Os músculos — órgãos do movimento e da força — não têm papel de relevo a não ser naquelas situações em que a proximidade de uma ameaça — denunciada pelos órgãos de *informação* — os obrigue à actuação pela *força*, para prevenção ou segurança do organismo.

Temos então:

- Problemas de *repouso e conservação*;
- Problemas de *alimentação*;
- Problemas de *informação* e
- Eventualmente, problemas de *força (segurança)*.

*Em marcha* temos:

- Problemas de *alimentação*;
- Problemas de *movimento*;
- Problemas de *informação* e
- Eventualmente, problemas de *força (segurança)*.

*Em luta ou trabalho* temos:

- Problemas de *alimentação*;
- Problemas de *movimento*;

# Revista da Cavalaria

— Problemas de informação e  
— Problemas de *força* (luta e segurança).  
De um modo geral, podemos então dizer que os principais problemas que se apresentam ao Homem, nas diversas situações da vida, são :

- Problemas de *força* (luta e segurança) ;
- Problemas de *alimentação* ;
- Problemas de *repouso e conservação* ;
- Problemas de *movimento* e
- Problemas de *informação*.

Todos estes problemas são naturalmente resolvidos, como vimos, existindo os órgãos próprios para a sua solução e os respectivos comandos, tudo sob a direcção superior do Comando do organismo, cuja principal função consiste em presidir à vida da relação do organismo frente ao meio exterior.

O problema basilar do organismo para o cumprimento da sua função — *viver e combater* — é o da *força*.

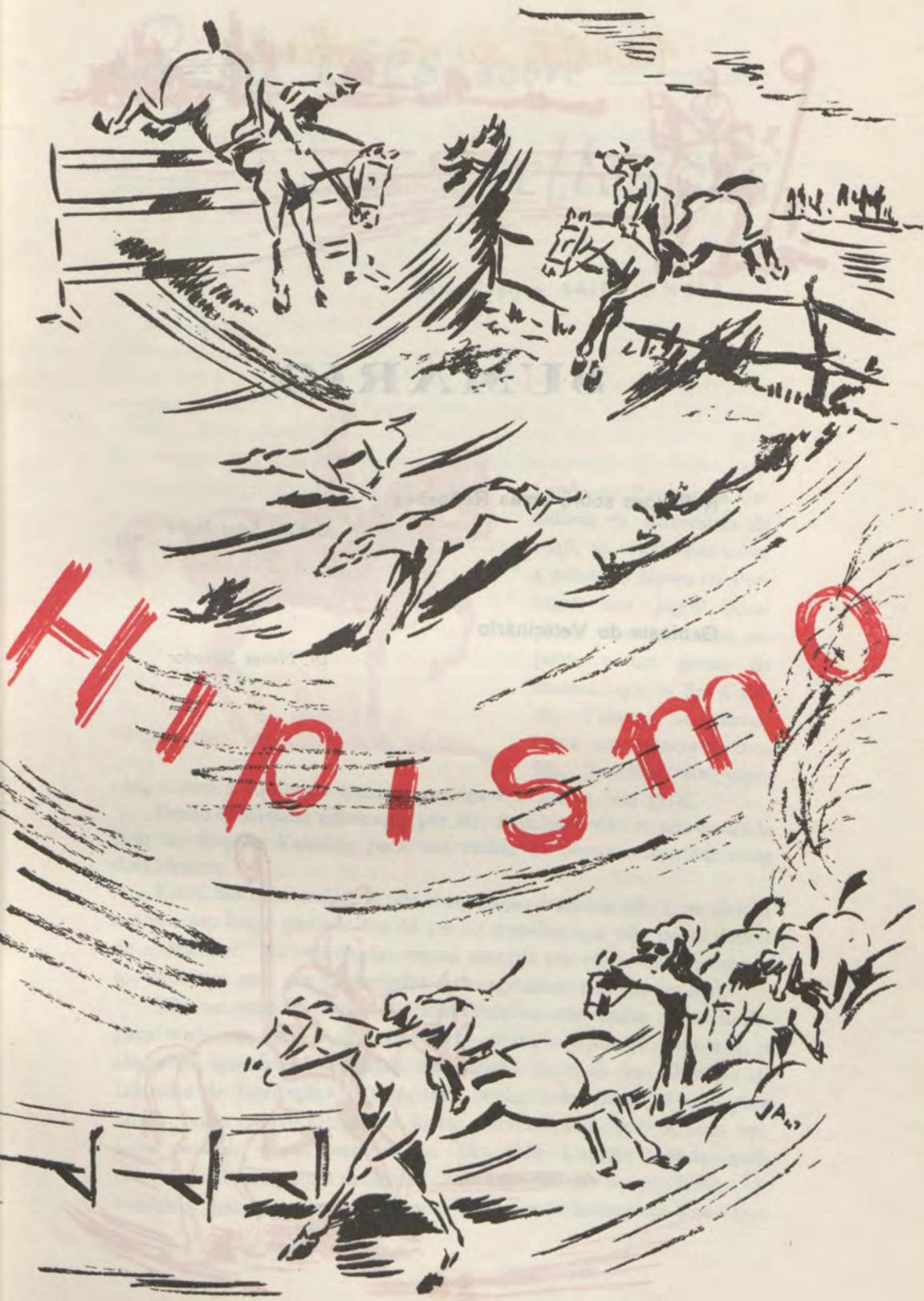
Todos os outros dele dependem e dele são subsidiários.

Em presença de uma *função* natural e permanente, o Comando do organismo *decide* a actuação deste com os *meios* de que dispõe (orgânicos e, eventualmente, suplementares), procurando no meio exterior a colaboração dos *elementos favoráveis* (organismos semelhantes, elementos do meio e do terreno, etc.) para enfrentar com êxito a *força de opposição* oferecida pelos elementos adversos (organismos semelhantes, condições de meio e de terreno etc.) que lhe é denunciada pelos seus *órgãos de informação*.

A necessidade e o instinto levaram o homem a viver em sociedade, formando *aglomerados de unidades* capazes de vencerem aquelas tarefas cuja magnitude não permitia serem vencidas por uma só unidade.

Com o decorrer dos tempos a *força* e a *inteligência* do Homem foram evoluicionando no sentido de uma especialização de trabalhos e de uma formação de aglomerados de unidades especializadas (médicos, engenheiros, pedreiros, mineiros, etc.) — portanto, com processos de trabalho próprios e privativos — tudo, porém, actuando dentro do quadro «viver e combater» nas melhores condições para o aglomerado.

(Continua)



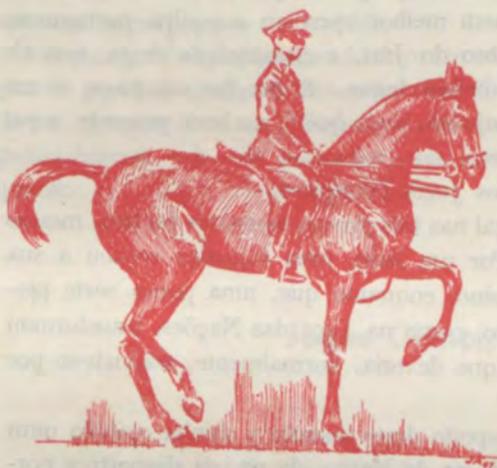
# Hippismo

# Reflexões sobre

---

# umas Reflexões

pelo Capitão SAINT ANDRÉ



Lendo na *Revista da Cavalaria* de Novembro de 1948, as «Reflexões sobre a actuação hípica de Portugal, nos Jogos Olímpicos», constatei com espanto e um pouco de tristeza, que o Sr. Capitão Valadas se encontrava em desacordo com Mr. Baucher, em espe-

cial, e com a equitação francesa, antiga e moderna, em geral.

Tenho demasiada admiração por Mr. Baucher e não menos amizade pelo Sr. Capitão Valadas, para não deixar de tentar reconciliar estes dois mestres.

Estou tão convencido de que a equitação francesa não é perniciosa e que o seu longo passado lhe dá jus ao respeito, que não posso deixar de a defender. Na ocorrência, vejo-a atacada em ideias ou em conceitos equestres que, por deformados ou exagerados, não são os seus.

Não compreendo que o Capitão Valadas não tenha aproveitado, para fazer esta espécie de requisitório contra a equitação francesa, a altura em que fazia em Mafra, em Janeiro de 1948, um «Estágio de Instrutor de Equitação». Tinha tido, então, todas as facilidades para fazê-lo, visto que os estagiários foram convidados a expor as suas opiniões pessoais, ou as suas críticas. Ora o Sr. Capitão Valadas nada disse nessa altura; e até mesmo se declarou satisfeito do que tinha visto e ouvido, manifestando o seu pleno acordo com os instrutores do estágio.

## Revista da Cavalaria

Confesso não encontrar, agora, vestígios dessa antiga concordância.

Por consequência o Capitão Valadas evoluiu de então para cá e dá a impressão que essa evolução data dos Jogos Olímpicos de Londres.

Estará a origem desta sua evolução no ressentimento de não ter sido classificado, bem como os restantes componentes da equipa portuguesa, com pontuação correspondente ao valor real a que tinham direito na prova de ensino?

Se assim é, temos que endereçar todo o peso deste ressentimento ao verdadeiro responsável. Façamos notar, que dos três componentes do Júri, foi justamente o francês, e é o próprio Capitão Valadas que o diz, quem melhor nota deu e quem melhor apreciou a equipa portuguesa, tendo estranhado, esse membro do Júri, a classificação desta, que ele considerava merecedora de melhor lugar. É dar-lhe má paga, o envolvê-lo numa reprovação conjunta, a ele que é, na hora presente, o pai espiritual da equitação francesa.

Há muito a dizer sobre os Jogos Olímpicos.

A participação de Portugal nas três provas equestres foi boa, mesmo brilhante, algumas vezes. Por um lado, uma injustiça recuou a sua classificação na prova de ensino, enquanto que, uma pouca sorte persistente, tanto no Campeonato, como na Taça das Nações, transformou em duas eliminações, aquilo que deveria, normalmente, traduzir-se por duas classificações honrosas.

Tive ocasião de dar a respeito deste assunto a minha opinião num artigo publicado no número de 15 de Março, da revista desportiva portuguesa, *Seleções*. Mas temos que acrescentar que é preciso tirar deste acontecimento equestre mundial, conclusões apoiadas sobre alicerces firmes, e dar sobre este assunto, uma opinião marcada pela chancela da serenidade; e tal não me parece ser agora o caso.

Se compartilho inteiramente de algumas das ideias do Sr. Capitão Valadas, não posso concordar com todas. Vou então, graças ao amável acolhimento e deferência da *Revista da Cavalaria*, dizer quais são as reflexões que me sugerem as suas «Reflexões».

E como me parece que as tendências hípicas francesas actuais, são mal conhecidas e, consequentemente, interpretadas de forma errónea, vou procurar, em seguida, defini-las nas suas partes essenciais, tratando os três pontos que parecem mais litigiosos e que são:

- A posição do cavaleiro;
- A ligeireza;
- O Concurso Hípico.

# Revista da Cavalaria

Apresso-me a afirmar que não foi o artigo do Capitão Valadas que me levou a esta actividade literária repentina, e que pensava já, a pedido da *Revista da Cavalaria*, publicar, nas suas colunas, apesar de todos os pontos fracos que elas possam encerrar, as «Notas de Equitação», que redijo há tempos, dedicadas aos alunos do Curso de «Mestre de Equitação» de Mafra.

Pareceu-me mais interessante substituir essas «Notas» por algumas reflexões, que enuncio atrás, e que têm o mérito de uma maior actualidade.

Isso feito, espero que a luz surja, visto que ela acaba sempre por aparecer entre pessoas de boa fé.

O Amigo Valadas atacou fortemente as minhas cores, mas não lhe guardo por isso qualquer ressentimento. Todas as opiniões são respeitáveis, quando sinceras. Tudo está na forma como as expomos e é, possivelmente, sob esse pormenor, que o seu estilo peca um tanto ou quanto.

## Jogos Olímpicos

O artigo do Sr. Capitão Valadas refere-se, especialmente, à prova de ensino.

Pelo que sei, não estava, no espírito do seu autor, dar-lhe uma tão grande difusão, o que explica e desculpa, em parte, a sua dureza de expressão.

Se classificarmos estas diferentes «Reflexões» dividi-las-emos em três grupos, que poderão intitular-se:

- Considerações sobre as apresentações internacionais;
- Conclusões equestres derivadas destas;
- Deduções relativas à influência francesa sobre a equitação em Portugal.

Vamos examinar, sucessivamente, a argumentação do Sr. Capitão Valadas, dentro de cada um destes três grupos de ideias.

# Revista da Cavalaria

## I — Considerações sobre as apresentações internacionais

Para que possamos ter uma ideia de conjunto imparcial e acertada (dada a personalidade do autor), convém ler, para começar, o artigo que o presidente do Júri de «Ensin» — o Sr. General Decarpentry — publicou sobre este assunto, na revista *Année Hippique Suisse 1948*. Este artigo contém uma crítica quase individual dos cavalos e dos cavaleiros, bem como uma apreciação do conjunto relativa à apresentação de cada país.

Há nesse artigo, uma apreciação elogiosa acerca da equipa portuguesa, bem como alguns comentários que esclarecem uma grande parte dos pontos assinalados pelo Capitão Valadas.

O General manifesta, nas entrelinhas, a sua estranheza pela classificação definitiva e sublinha, com ironia, que os resultados foram falsados pela parcialidade comprovada de um determinado membro do Júri, que atribuiu, na sua classificação particular, os três primeiros lugares aos seus três compatriotas; tendo feito avançar uns, este membro do Júri fez, conseqüentemente, recuar outros e Portugal foi claramente vítima desta injustiça, ditada por uma política de campanário. Podemos então admitir que, para este membro do Júri, uma língua «recolhida», um cavalo «debruçado ou escouceando» podia, conforme e segundo as circunstâncias, passar desapercibido, ou ser severamente classificado.

Efectivamente, quase ninguém se encontra no seu verdadeiro lugar, quer na classificação individual, quer na classificação por equipas. E se o concorrente suíço apareceu em primeiro lugar é porque foi bem classificado, pela razão de, à primeira vista, não ter sido considerado perigoso concorrente. Mas que da parcialidade de um juiz sueco, possamos deduzir a responsabilidade directa de Baucher, é irmos um pouco longe. Deixemos, então, este grande Artista dormir, em paz, o seu último sono!

O General Decarpentry, quer de viva voz, quer por escrito, e até mesmo pelos apontamentos que forneceu, proclamou a sua admiração pela equitação portuguesa.

Como ele é, moralmente, o símbolo actual da equitação francesa, provou com isso que estas duas equitações são muito aproximadas entre si. Não há, portanto, nada que justifique o facto de as pôr em contradição, como duas irmãs inimigas! Que elas se completem e nada mais!

## Revista da Cavalaria

O Capitão Valadas que pensou ver os «Baucher» (os «Baucher» não que pode dar mau resultado, mas, digamos... os La Guérinière») aos pontapés, ficou desiludido com os cavaleiros que viu. Infelizmente, os cavaleiros dessa classe são raros, e não conseguimos encontrar mais que três ou quatro deles em cada século, no mundo inteiro.

É justo dizer-se que o nível dos Jogos Olímpicos de Londres era inferior ao das precedentes Olimpíadas: os cavalos menos bem ensinados, e a competição menos dura, o que se explica pelo facto de muitos países terem suportado a guerra e os prejuízos desta, circunstância que Portugal teve a felicidade de evitar. A guerra fez desaparecer cavaleiros de primeira plana, ao mesmo tempo que provocou profunda falha na equitação (mormente na militar). Durante seis anos pouco se montou a cavalo nos países beligerantes ou ocupados e, após esta interrupção, os cavaleiros experimentados de antes da guerra, estavam velhos ou «enferrujados» pela falta de treino; quanto aos cavaleiros formados depois da guerra, falta-lhes ainda aquela experiência equestre que teriam adquirido sem esses seis anos de interrupção. Esta situação deve ser reconhecida com generosidade. E por isso mesmo «os famosos cavaleiros de Saumur» reconstituem dificilmente, pedra a pedra, com cavalos modestos e elementos novos, o monumento equestre, que Saumur representava antes da guerra. Estão no bom caminho, mas ainda não alcançaram o cimo do edifício!

Um deles, por exemplo, montava um cavalo velho e manco, vindo à competição, porque eram necessários três para constituir uma «equipa»! Um outro — antigo «Ecuyer» — apresentava um cavalo, que ele não montava senão há dois meses e que tinha sido mais ou menos bem «ensinado», por um civil; este cavalo, se não teve brilho, não teve, todavia, nenhuma falta.

Só o terceiro representante podia dar a ideia de um trabalho «francês» e não se saiu mal da prova, visto que ficou em segundo lugar, como podia muito bem ter sido o primeiro.

Relativamente aos «famosos cavaleiros de Viena d'Áustria», eles praticam uma equitação de grande valor, mas muito concentrada, e demasiado fechada, mantida estritamente igual àquela dos séculos XVII e XVIII e que não é nada o estilo dos Jogos Olímpicos. Destes, o único que concorreu foi criticado pela falta de ligeireza e de extensão do seu cavalo; apontou-se-lhe, assim, o defeito de não apresentar um trabalho de carácter francês.

Os cavalos, salvo raras excepções, eram de facto de qualidade medíocre e de pouco sangue, mas não acredito que tivesse sido o cuidado

# Revista da Cavalaria

de conseguir cavalos calmos que levasse os cavaleiros a buscar esta falta de «sangue», mas, sim, o seguinte facto: em quase todos os países do mundo os créditos militares atribuídos ao desporto hípico são bastante reduzidos e, portanto, há uma fraca proporção de cavalos militares dotados de sangue e de qualidade, e estes são de preferência dados às equipas desportivas com um rendimento mais espectacular e com saídas mais frequentes — concursos hípicos, campeonatos, corridas, etc., etc. As equipas de «Ensino», pelo entusiasmo pouco generalizado pela equitação curta, são sacrificadas e têm de se contentar com o refugo.

É certo que se encontravam poucos cavalos ligeiros, em consequência do seu «Ensino» ter sido conduzido de uma forma demasiadamente rápida, mais do que pela falta de habilidade dos cavaleiros. Os cavalos, mesmo bem principiadados, contraem-se com exigências novas, próximas, em demasia, umas das outras. Quanto aos que faziam mal os alargamentos e tinham o «pescoço de cisne», endurecido pelo hábito da posição, incapazes de o estenderem», estariam tão defeituosos, se tivessem executado, no decorrer do seu ensino este «trabalho de descida do pescoço», trabalho, aliás, pouco usado em Portugal, mas preconizado em Mafra, e introduzido na equitação pelo Major Duthil «écuyer en chef» em Saumur por volta de 1880, e instrução favorita do actual «écuyer en chef» de Saumur?

Seria demasiadamente longo entrar no detalhe de cada apresentação. Limitar-me-ei a assinalar que o cavalo do Capitão Moser tinha, talvez, uma colocação um pouco baixa e não «a nuca mais baixa que o garrote», mas que forneceu um trabalho regular e sem faltas, que lhe dava direito, no meu entender, a uma classificação nas imediações do quarto lugar. Quanto ao cavalo «resignado», apesar da justeza do seu trabalho, foi classificado entre os últimos cinco, como era justo.

Disse as qualidades que encontrei na apresentação portuguesa, mas não creio que se possa afirmar que a sua equipa tivesse que ter o segundo lugar «por direito de conquista»; podia sim, aspirar a ele.

## II — Conclusões equestres

O Capitão Valadas entende que, «nesta competição, a impulsão foi posta em segundo plano, em benefício da calma»; apresso-me a observar que esta consequência não pode ser devida à influência francesa;

# Revista da Cavalaria

de conseguir cavalos calmos que levasse os cavaleiros a buscar esta falta de «sangue», mas, sim, o seguinte facto: em quase todos os países do mundo os créditos militares atribuídos ao desporto hípico são bastante reduzidos e, portanto, há uma fraca proporção de cavalos militares dotados de sangue e de qualidade, e estes são de preferência dados às equipas desportivas com um rendimento mais espectacular e com saídas mais frequentes — concursos hípicos, campeonatos, corridas, etc., etc. As equipas de «Ensino», pelo entusiasmo pouco generalizado pela equitação curta, são sacrificadas e têm de se contentar com o refugo.

É certo que se encontravam poucos cavalos ligeiros, em consequência do seu «Ensino» ter sido conduzido de uma forma demasiadamente rápida, mais do que pela falta de habilidade dos cavaleiros. Os cavalos, mesmo bem principiados, contraem-se com exigências novas, próximas, em demasia, umas das outras. Quanto aos que faziam mal os alargamentos e tinham o «pescoço de cisne», endurecido pelo hábito da posição, incapazes de o estenderem», estariam tão defeituosos, se tivessem executado, no decorrer do seu ensino este «trabalho de descida do pescoço», trabalho, aliás, pouco usado em Portugal, mas preconizado em Mafra, e introduzido na equitação pelo Major Duthil «écuyer en chef» em Saumur por volta de 1880, e instrução favorita do actual «écuyer en chef» de Saumur?

Seria demasiadamente longo entrar no detalhe de cada apresentação. Limitar-me-ei a assinalar que o cavalo do Capitão Moser tinha, talvez, uma colocação um pouco baixa e não «a nuca mais baixa que o garrote», mas que forneceu um trabalho regular e sem faltas, que lhe dava direito, no meu entender, a uma classificação nas imediações do quarto lugar. Quanto ao cavalo «resignado», apesar da justeza do seu trabalho, foi classificado entre os últimos cinco, como era justo.

Disse as qualidades que encontrei na apresentação portuguesa, mas não creio que se possa afirmar que a sua equipa tivesse que ter o segundo lugar «por direito de conquista»; podia sim, aspirar a ele.

## II — Conclusões equestres

O Capitão Valadas entende que, «nesta competição, a impulsão foi posta em segundo plano, em benefício da calma»; apresso-me a observar que esta consequência não pode ser devida à influência francesa;

## Revista da Cavalaria

com efeito, o lema do General L'Hotte, sempre actual, classifica assim, a ordem dos factores: para a frente, calmo e direito.

Penso que existem duas espécies de «calma»: a do cavalo ronceiro de tipoia, que não tem nenhum valor equestre, e a do cavalo que trabalha na ligeireza e na «descida de mão»; abandonando as suas forças ao domínio do cavaleiro, estende o gesto, diminui a cadência, digamos, enfim, dá a aparência da calma na energia da acção. Eu vi em Londres alguns cavalos com essa calma.

E, para ser completamente franco, acrescentarei, também isto: há, na equitação académica, andamentos de «manège», codificados pelo regulamento da Federação Equestre Internacional; os portugueses, tanto a trote como a galope trabalharam, às vezes, um pouco acima destes andamentos clássicos. Ir depressa não quer dizer, forçosamente, que os cavalos tenham impulso.

O regulamento da F. E. I. regula a prova de «Ensino» e impõe, especialmente, uma justeza nos movimentos que é tão explícita sobre o ensino do cavalo como a correcção da atitude. Se esse regulamento permite ser-se indulgente em face dos «pequenos deslizes», teremos nós o direito de estranhar seguidamente que ele o seja igualmente para um cavalo que «escouceia»? O regulamento prevê movimentos dotados cada um de uma nota: o referido cavalo devia ter tido uma péssima nota no movimento em questão, mas isto em nada se podia repercutir sobre as notas dos outros movimentos. Sòmente a nota de correcção do conjunto — cavalo-cavaleiro — em fim de prova, poderia, também, castigá-lo. Temos demasiada tendência em esquecer esta última apreciação, que actua, possivelmente para alguns, no sentido inverso do que eles supõem.

É certo que este regulamento deveria ser modificado em vários pontos: se o Júri se compusesse de cinco membros, todos de nacionalidade diferente, e que não se levasse em conta o resultado de apreciação do membro do Júri mais indulgente e do mais severo, as possíveis parcialidades seriam atenuadas; é verdade que, sendo assim, os concorrentes se encontrariam separados por diferenças mais diminutas ainda.

Não é normal castigarem-se as provas que ultrapassam o tempo limite de treze minutos. Se isso se dá, é devido ao facto dos andamentos dos cavalos serem «apagados» ou dos alargamentos serem insuficientes, o que já, normalmente, implica penalização em cada movimento particular. De resto, um cavalo de passada pequena leva em regra, mais tempo a fazer a mesma prova que um cavalo de grande amplitude de movimentos.

# Revista da Cavalaria

Mas, tal qual ele é, é preciso aceitar-se este regulamento quando nos inscrevemos nas competições internacionais. Qualquer que seja, por outro lado, a forma de que ele seja modificado, nunca se poderá eliminar das competições de «Ensino» a parte de arbitrariedade que lhe cabe, porque tudo, na ocorrência, é questão de critério pessoal.

Haveria, ainda, um outro meio, mas, para isso, seria necessário ser-se «mais moderno» do que o somos presentemente, no mundo hípico: seria filmar-se cada apresentação sob o mesmo ângulo e não se fazer a classificação senão após ter comparado e recomparado os filmes dessas provas.

### III — Deduções relativas à influência francesa sobre a equitação em Portugal

Chego, enfim, ao ponto crucial da minha tese, ou ao que pelo menos, mais vivamente me tocou, e constato, com tristeza, que é essa a parte mais importante do artigo do Capitão Valadas.

Cuidemos, primeiramente, das questões de princípio, para abordarmos seguidamente, as questões de aplicação.

*A ligeireza* — cito: «quantos (cavalos) se viram verdadeiramente ligeiros, com aquela ligeireza apregoada pelos cânones franceses? Aceitar como bom tudo o que nos vem de França é o mesmo que...» É confessar que a ligeireza é uma contribuição francesa e creio, que não se poderá negar que ela seja uma boa contribuição! Se cavalos sem ligeireza foram muito bem classificados, a quem cabe a culpa? Aos membros do Júri ou à equitação francesa? — pergunto eu.

*Baucher* — torno a citar: «o dispêndio de toda a nossa actividade hípica na imitação exclusiva do que Baucher deixou escrito, não me parece acertado. De resto, pergunto: Baucher foi a última palavra na equitação curta?»

É certo que não! Nenhum verdadeiro equitador francês o defende, visto que o pretendê-lo constituiria uma falta de cultura equestre. Baucher é um destes artistas excepcionalmente dotados, que poucos alunos foram capazes de seguir, porque não tinham dotes iguais aos dele. Baucher fez avançar um grande passo à equitação curta, porque atraía a atenção sobre a *ligeireza* e os meios de obtê-la. Mas, apesar de ter evoluído nos últimos tempos da sua vida, não deu, sob o ponto de vista

## Revista da Cavalaria

vulgarização, um lugar suficientemente importante à impulsão. Os cavalos ensinados pelo seu método (salvo os seus e os de alguns excelentes discípulos) tinham essa falha.

Isso não impede que não tenha contribuído com uma importante pedra para a construção do edificio da equitação francesa. Para combatê-lo e compensá-lo, o Conde d'Aure trouxe uma outra pedra, preconizando a *impulsão*, os andamentos alongados e o equilíbrio mais horizontal e, ele mais que Baucher, foi o director prático da equitação francesa durante mais de 50 anos, visto que foi, sucessivamente, equitador particular de dois reis e de um imperador, assim como «l'ecuyer en chef» de Saumur durante muitos anos.

Fillis assimilou muito bem o doseamento *impulsão e ligeireza*, mas entrincheirou-se numa elevação de pescoço permanente e excessiva. O Major Duthil, já citado, remediou esse inconveniente, pelo *trabalho de descida do pescoço*. E o General L'Hotte, enfim, aluno simultaneamente de D'Aure e de Baucher, soube colher dos ensinamentos de cada um destes dois mestres, o que havia que conservar. Este verdadeiro «ascendente espiritual» da equitação francesa da actualidade, soube estabelecer um justo *doseamento entre o equilíbrio e a ligeireza na impulsão*. A verdade inteira não se encontra em livro algum, mas em todos se acha uma parcela quer sejam portugueses, franceses ou outros. Atingido um determinado nível, um cavaleiro deve ler muito, revestindo-se de um espírito de compreensão e de crítica (era isto o que me escrevia, há uns seis meses, o próprio General Decarpentry). A experiência dos outros evitar-lhe-á os erros ao mesmo tempo que trará soluções aos seus próprios problemas; a sua própria experiência lhe ditará o que há em cada autor para aproveitar ou para rejeitar. E a crítica amigável dos seus pares, quer sejam portugueses, franceses ou chineses, guiá-lo-á na sua difícil e incessante busca do «mais perfeito».

Não há, por consequência, livros que, em matéria de equitação, sejam evangelhos. É preciso, todavia, ler — e ler tudo! E, se não se está ainda bastante amadurecido, deve-se mesmo recorrer à experiência de um mestre.

O Dr. Rau — um grande nome da equitação actual (é alemão e não pode ser acusado de francofilia excessiva) — publicou, na América, um artigo no qual dá a Baucher o lugar que lhe compete; este lugar é, por certo, grande, mas está longe de ser único. Este artigo foi transcrito no número de Fevereiro de 1949 do *L'Eperon*.

Confundir a equitação francesa com Baucher, corresponde a parar a literatura portuguesa na altura de Gil Vicente ou de Camões.

## Revista da Cavalaria

*Ares altos* — cito, ainda: «De além Pirinéus desceu, também modernamente, a ideia de que todos os ares altos derivados da «jambette» não têm valor...» Esta ideia deve ter-se deformado, no decorrer da caminhada, rolando de precipício em precipício. Quando estes ares são ensinados a um cavalo flexível em todas as molas, ligeiro, equilibrado e que entra, com as pernas para debaixo da massa, só o melhoram, porque esses ares desenvolvem a sua submissão, a sua sensibilidade, o jogo das suas espáduas, etc.; estes ares são, então, de uma grande beleza; mas, não são indispensáveis ao ensino de um cavalo, e é por isso mesmo que eles constituem hoje, aquilo a que se chama «Alta Escola», e são excluídos daquilo a que se chama o «Ensino».

Porém, se esses ares são exigidos a um cavalo que «aceita ainda mal a mão» no princípio do seu ensino, então actuam ao contrário do «Ensino». O movimento, muito acentuado, da espádua, faz sair o cavalo da sua colocação; em consequência da contracção do músculo mastoideo-humeral, saindo da sua colocação, cava o rim e não entra com as pernas que deixa atrasadas, num movimento acanhado. Tomando esta atitude, o cavalo toma instintivamente o hábito de conservá-la nos andamentos naturais. Por isso, esses ares são considerados, não como destituídos de valor, mas como *perigosos*. Se aconselharmos jovens oficiais a praticá-los, com a impetuosidade do seu posto e da sua idade, eles quererão obter esses ares antes do fim do ensino e, então, como consequência, nunca mais conseguirão ter o cavalo ensinado — ligeiro, equilibrado e colocado na impulsão — tanto mais que, ao princípio, o resultado é espectacular e, portanto, tentador. É por este motivo que eu considero melhor, persuadir os Alferes, do que, firmemente creio, ser o melhor caminho: um belo e impecável trote em extensão, é mais bonito e mais útil que um «passo espanhol» ou uma «passage» deficientes.

Desenvolver a «Alta Escola» antes de fomentar o «Ensino» equivale a arruinar, em pouco tempo, a equitação curta de um país.

O «Ensino», pelo contrário, qualquer que seja a habilidade do cavaleiro, que o empreende logicamente, não é perigoso. Não pode senão aperfeiçoar o jogo das articulações e a amplitude dos andamentos naturais do cavalo. Ninguém pode desafinar um cavalo, pondo-o em «passage» ou em «piäffer», segundo o método do General Decarpentry (ver o livro *Passage et Piaffer*). Se não se obtêm os resultados desejados consegue-se ao menos tornar mais flexível o doseamento do trote, eis tudo! É por tal motivo que o «Ensino», e ele só, com exclusão da «Alta Escola», é admitido nos Jogos Olímpicos, porque ele só pode melhorar o nível equestre mundial. Esta ideia advém de Além-Pirinéus

## Revista da Cavalaria

e mesmo de muito mais longe, porque é a directiva do regulamento da F. E. I.

Quanto aos ares obtidos a pé, eles não deixam de ter valor, igualmente, porquanto confirmam a habilidade de um domesticador em ensinar a um cavalo um exercício novo, que pode ser, conforme se desejar, «piaffer», «passo espanhol», «ajoelhar» ou «deitar». Este novo exercício desenvolve a sua inteligência, mas pouco adianta, na sua essência, o aumento dos seus conhecimentos equestres. Os ares obtidos a pé não podem, efectivamente, chegar para produzir, no que ensina, a certeza que se tem da submissão absoluta do cavalo, quando este passa à vontade e por matizes infinitas, da elevação do gesto, do «piaffer» a «passage»; da «passage» ao «trote»; do «trote» ao «piaffer»; do «piaffer» ao «trote», e isto pelo doseamento dos factores, impulsão, equilíbrio e opposição da mão na ligeireza. O Capitão Valadas — regozijo-me em reconhecê-lo — é um destes artistas que possui, inato, um conhecimento do cavalo, profundo e muito desenvolvido, circunstância que lhe permite abordar, com facilidade, os ares de escola; e teria um grande prazer em lhos ver executar numa competição pública. Mas, daí a acreditar que todos os aspirantes são capazes de fazer o mesmo, sem serem ridículos, há uma considerável distância! Quanto a ensinar as «passagens de mão a tempo» a um cavalo que não sabe voltar — isso afigura-se-me uma outra «história»... Se o cavalo não sabe voltar é porque desconhece os efeitos das rédeas, a flexão semi-lateral, a perna de «impulsão» e a perna de «posição».

Com ajudas conseguimos então obter a passagem de mão? E se ele passar de mão, é porque obedece às ajudas e, por consequência, saberá voltar.

*Posição* — Esta questão — como já o dissemos — fará ulteriormente, o objecto de um capítulo distinto, porque o assunto o justifica, pelo interesse apaixonado que parece suscitar. Assinalo-a aqui apenas para fazer sobressair, o voluntário exagero... «moda que, presentemente, se quer impor, segundo a qual, os pés do cavaleiro ficam quase *perpendiculares* à barriga do cavalo, joelhos afastados do arreio e as mãos em Louva-a-Deus, num plano mais alto que as orelhas do cavalo».

Cito, a este respeito, aqui, alguns extractos das «Notas de Equitação» distribuídas no C. M. E., em fins de 1947 e comentadas no decorrer dos «estágio de instrutores de equitação»:

...O joelho está aderente ao arreio, mas sem o cerrar — o ângulo coxa-joelho pode, assim, abrir ou fechar...

...Os antebraços devem estar, sensivelmente, horizontais...

## Revista da Cavalaria

Não me sinto, por isso, pessoalmente, responsável desta «moda» nova — e, por outro lado, afirma o Capitão Valadas que «esta modalidade, não a vi, sequer, esboçar, nos Jogos Olímpicos!...»

Ora aí, estavam oito oficiais franceses e estes, então, não praticavam a referida modalidade. Esta «moda» não provém, pois, de França e não pode, de modo algum, ser atribuída ao «servilismo ao padrão francês».

Se se trata da forma de montar «Danloux», praticada em França desde 1932 e internacionalizada desde então, ela está, do mesmo modo, em uso (sobretudo para obstáculos, e isto pôde ser verificado nas Olimpíadas), em quase todos os países do mundo: México, Estados Unidos da América, Suíça, Itália, Bélgica, etc. Em Espanha, o Comandante Garcia Cruz pratica-a e o Coronel Navarro não se afasta muito dela; sòmente a Inglaterra ficou fiel às suas tradições de caçadas a cavalo; quanto a Portugal... já está, também, um pouco contaminado.

Fixar a barriga da perna e não o joelho dá ao cavaleiro duas articulações a mais (joelho e tornozelo) para amortecer as reacções do cavalo; ter as mãos sensivelmente à altura dos cotovelos (digamos, um pouco abaixo) tem, entre outras, a vantagem de não atrair o busto para a frente; — duas vantagens apreciáveis, que muito bem podem ajudar um rim demasiadamente duro ou demasiadamente cavado. Nos Jogos Olímpicos de 1936, havia — se a memória não me falha — um alongamento a «trote sentado». Se o tivessem conservado desta vez, não sei se todos os cavaleiros estariam nele à vontade, e se teriam obtido dos seus cavalos a mesma extensão que, a «trote levantado».

### *Instrução equestre. Mais uma citação*

«Não são, na maioria dos casos, bons executantes, mas possuem conhecimentos teóricos, que os habilitam a saber ver, com aquela exigência que os livros preconizam».

Não acredito que seja indispensável que um instrutor de equitação seja um muito bom executante e ganhe cada ano o Grande Prémio de Lisboa e a prova de «Ensino»! Basta que seja médio em todos os ramos da equitação, e nada mais. Aquilo que define o seu valor, é saber observar os defeitos dos seus alunos e conhecer o método e os processos para corrigi-los e melhorá-los e, ainda, possuir um bom nível de critério e método, um espírito de continuidade e tenacidade para orientar uma

## Revista da Cavalaria

instrução do princípio ao fim. Sob este aspecto é útil fazer, de tempos a tempos, uma teoria, mesmo que esta seja inspirada num livro, e verificá-la em seguida «em cima do cavalo», na prática.

Sem arbitrariedade, podemos classificar em três categorias, os alunos que encontramos para instruir. Estes podem ser — «princípios» ou «soldados», aos quais é preciso dar bases certas e ensinar coisas simples: a «equitação elementar». Neste caso, é indispensável aplicar-lhes um método de instrução contínuo, que dê força de lei a regras e a princípios elementares.

— «Cavaleiros» já feitos (ou oficiais) que conhecem a fundo estas regras e princípios elementares (equitação complementar); se eles os aplicam mal, convém corrigi-los; serão assim aperfeiçoados pela maleabilidade e matizamento dos referidos princípios e pela noção da complexidade progressiva que se encontra a cada novo passo. Desde que eles dêem mostras de intuição, já se lhes pode dar certa liberdade.

— «Especialistas de equitação», que se querem aperfeiçoar (equitação superior); estes são já instruídos e mesmo bastante capazes de trabalhar com uma grande «liberdade», sob o contróle de algumas directrizes. É a estes que as «leituras aturadas e combinações teóricas» são úteis e até indispensáveis; aprenderão, assim, não a «natação sobre o banco», mas, «em cima do banco»; aprenderão, não a nadar, mas sim a saber por que nadam mal; e, no dia seguinte, actuarão melhor.

Quanto mais o aluno se pareça «com Sá de Miranda, que não nasceu poeta», mais terá a necessidade do mestre e das regras rígidas — e menos se poderá contar com uma intuição do cavalo, pouco desenvolvida. Mas quanto maior rendimento o aluno tenha e quanto mais o sentimento nele se desenvolva — mais «liberdade», se lhe deve dar e o papel do instrutor irá diminuindo — para desaparecer por completo, ou quase inteiramente.

Só os verdadeiros artistas podem achar, na sua intuição, o bastante para substituir bases e premissas, por outros requisitos. Mas o artista deve sempre guardar, mesmo e sobretudo na sua «liberdade», o sentimento de ser um «insatisfeito», porque a perfeição da execução, quer seja no cavalo, quer seja no cavaleiro, nunca é completamente atingida. É o maior obstáculo que pode encontrar um cavaleiro na sua carreira equestre — é a vaidade, único diante do qual se deve negar. Mas é preciso ter, simultaneamente, (e eis aqui a dificuldade) o sentimento do seu próprio valor, como diz, com grande propriedade, o Capitão Valadas, pois é esse sentimento que permite, com o trabalho, encarar a esperança do *amanhã* vitorioso.

## Revista da Cavalaria

Um exemplo pode fazer sobressair num país a utilidade e o rendimento de uma doutrina equestre unânime, de um método e de processos de instrução codificados e aplicados. Vou citá-lo, apesar disso me não ser muito agradável, só porque é característico:

Nos Jogos Olímpicos de 1936 a Alemanha ganhou, individualmente e por equipas, as três provas equestres, sob a direcção do Dr. Rau. Quando conhecemos o cuidado constante de disciplina, de ordem e de método da Alemanha, somos levados a pensar que este sistema foi aplicado, também, no domínio da equitação, como o foi em todos os outros domínios. O resultado que eu cito foi, por acaso, mau?

\*

O esforço cotidiano que se dispende em Mafra tende, de há dois anos para cá a trazer esta unificação de bases à equitação portuguesa; ele tende, igualmente, a orientar sem «estrangular», por pouco que seja, as tendências portuguesas para o classicismo da execução, quer seja no cavaleiro, quer no cavalo. Esta orientação (e só ela podia justificar a presença aí de um instrutor estrangeiro), pode ter tido uma origem francesa, mas, na hora actual, é quase internacional. A frequência e a facilidade dos encontros hípicas forjam uma unidade de conceitos académicos, que é inútil negar e que é codificada pelas regras da F. E. I. Como todas as artes, a arte equestre está em constante evolução; esta evolução nasce do encontro dos conceitos equestres, sempre um pouco diferentes em cada nação e desenvolve-se por ocasião desses contactos. É então normal que a França, que pela sua situação geográfica, possui um maior número de vizinhos hípicas imediatos, esteja neste pormenor, mais que Portugal, ao facto desta evolução, mas de nada serve negá-la e para nada serve, também — creio eu — tentar deter ou retardar o seu desenvolvimento.

A equitação portuguesa e a equitação francesa têm cada uma um passado rico de tradições e uma «reputação sólidamente firmada», mas cada uma se desenvolveu conforme e segundo o carácter particular, peculiar a cada nação. Por consequência, há, para uma e para outra, interesse em que aprendam ambas a comparar-se e a estudarem-se entre si, dentro de uma crítica «construtiva», que evite os «excessos».

E isto, dentro da maior amizade e estima recíprocas.

Amigo Valadas: não terei eu razão?...



## GABINETE do Veterinário

### A LINFANGITE EPIZOÓTICA

pelo Dr. NUNES SALVADOR

**A**parecendo desde há anos, nos solípedes do nosso Exército, a linfangite epizoótica conquistou o respeito dos clínicos e cavaleiros, a quem provocou e continua provocando os mais variados desgostos, cuidados e canseiras.

De todos é bem conhecida a necessidade de uma profilaxia apertada, tendente a evitar o alastramento de uma doença de fácil contágio e consequências por vezes desagradáveis. Alguns mesmo terão sentido a dureza da doença, ao perderem o seu cavalo favorito ou a sua leal montada.

Deste modo, não serão destituídas de interesse algumas considerações sobre esta infecção.

Doença bastante contagiosa e de fácil difusão, a linfangite epizoótica é caracterizada por uma inflamação crónica, supurativa e ulcerativa dos vasos e gânglios linfáticos, provocada por um parasita microscópico, o *Cryptococcus farciminosus*.

Os vasos e gânglios linfáticos constituem o chamado sistema linfático, sistema encarregado do transporte do quilo e linfa, da intimidade dos tecidos ou órgãos, para lançá-los no sistema venoso.

## Revista da Cavalaria

Introduzido no organismo e penetrando na rede linfática, o parasita, provoca a sua inflamação e supuração. A afecção evolui, sobretudo, no sistema linfático superficial da pele, mais raramente no das mucosas e excepcionalmente com localizações internas.

O agente da doença encontra-se principalmente nas cavaliças (bairras, manjedouras, bebedouros), arreios, cobrejões, utensílios de limpeza e esporas do cavaleiro, em meios infectados por um caso anterior, pode assim introduzir-se noutro animal, num dos muitos e frequentes ferimentos ocasionais (alcançaduras, feridas de castração, cilheiras, assentaduras, etc.), vindo a dar origem à infecção criptocócica, que pode mesmo só ser verificada após a cicatrização da ferida.

Localizada grande parte das vezes nos membros, principalmente nos posteriores, aparece também com certa frequência nas diversas regiões do tronco, tábuas do pescoço e cabeça.

Umavez tem o seu início em feridas rebeldes à cicatrização que, segregando pus, se alargam pouco a pouco, espessam-se e tornam-se sensíveis, ao mesmo tempo que nas regiões vizinhas principiam a aparecer desenhados os trajectos linfáticos. Progredindo a doença, os gânglios aparecem volumosos e acabam por abceder, eliminando pus e ulcerando depois.

Outras vezes, a linfangite só evolui semanas e até meses após a ferida de entrada do parasita ter cicatrizado.

Quase sempre o estado geral dos doentes não sofre grande alteração, ainda que a localização seja grave.

Afecta particularmente os cavalos e muares, podendo contudo atingir o burro, o boi e também o homem, ainda que com pouca frequência.

A linfangite epizoótica encontra-se espalhada por todo o Mundo e existe mesmo no estado enzoótico em certas regiões, como o Norte de África, parecendo ter sido introduzida em Portugal através do país vizinho que constantemente tem mantido contacto com essa região.

No Exército, foi diagnosticada clinicamente na Companhia de Trem Hipomóvel, em 1931, pelo Major Veterinário Ferreira de Sousa, que aí tratou e curou vários casos.

Só, porém, em 1934, tendo baixado ao H. M. V. alguns animais dessa Unidade e sendo feito o diagnóstico laboratorial pelo Prof. Velasco Martins, a pedido do Chefe da respectiva Clínica, ao tempo, Tenente Pestana Goulão, a doença passou a ser referida nas estatísticas veterinárias militares.

# Revista da Cavalaria

De então para cá, passaram a ser assinalados muitos mais casos, em diversas outras unidades, chegando a atingir em alguns anos cifras apreciáveis o número de animais atacados, o que presentemente já se não tem verificado, quer pela diminuição dos solípedes que a mecanização provocou, quer ainda pela disseminação de cuidados, que as circunstâncias provocaram.

Estes têm visado principalmente o isolamento imediato dos doentes, o abate dos animais considerados incuráveis, a desinfecção cuidada dos locais, arreios, esporas, etc., a instituição de limpezas individuais e a inutilização sistemática de todo o material de pensos, zaragatoas, etc., nos meios infectados.

A terapêutica é umas vezes eficaz, outras não, variando os seus resultados de animal para animal e, sobretudo, com a localização da doença.

A vacinação, meio óptimo de combate, não tem, por enquanto, entre nós, resultado completamente brilhante, uma vez que animais vacinados e revacinados, têm frequentemente contraído a doença, às vezes de forma exuberante.



# Jornaes revistas livros

## Festa de homenagem à «Revista Militar»

No dia 1 de Dezembro do ano findo a Direcção da *Revista Militar* recebeu na sua casa os representantes das diferentes revistas da Marinha, Exército e Aviação que aí lhe foram entregar uma mensagem de saudação e uma placa, em obra de talha, como preito de merecida homenagem pela veneranda publicação.

Se é motivo de respeito e de alegria entre os Homens festejar aqueles que atingem o centenário, não menos é homenagear uma publicação que, dadas as características e serviços prestados, atinge em plena pujança das suas possibilidades, idade tão avançada, perfeitamente integrada na vida do nosso tempo, sem nunca ter atraído os princípios básicos sintetizados no lema «Pró Pátria» que desde a sua fundação a tem norteado.

Festa de família, pelo sentir e pelo ambiente, lhe poderíamos chamar, sem deslusto para a homenageada, mas antes como prova de carinho e afecto entre irmãs, de uma mais nova àquela que por sua idade e excelsas qualidades se impõe ao seu respeito, sem quebra de afectuosidade que entre ambas deverá existir.

Para nós, os que trabalhamos nesta casa, foi-nos particularmente sensível verificar quantos esforços e canseiras não teriam tido que enfrentar os que dirigiram e dirigem os destinos da *Re-*

# Revista da Cavalaria

*Revista Militar*, como foi salientado através do discurso do seu presidente, Sr. General Teixeira Botelho, e que tão bem compreendemos. Alto exemplo de perseverança e espírito de bem servir, o da *Revista Militar*; ele serve para nos incitar a continuar através de desânimos, indiferenças e malquerenças a manter a chamazinha da nossa Revista que teima em se não querer apagar.

Bem haja a *Revista Militar*, pela acção que tem desenvolvido e pelo que representa de exemplo para nós.

E à boa maneira portuguesa daqui lhe desejamos, respeitosa e muito sinceramente — que Deus a conserve por muitos anos e bons!

J. A.



# O COMBATE NOCTURNO

De *Ejército*

**N**o caso de um conflito, a actividade aérea do adversário poderá ser tal que restrinja consideravelmente as nossas possibilidades de deslocamento durante o dia. Obrigar-nos-á, pois, a efectuar de noite os deslocamentos de certa importância. Por outro lado, é óbvio que carecemos de elementos blindados suficientes para conservar a iniciativa das operações à luz do dia, em terreno descoberto. Aí também a superioridade técnica do adversário limitará os nossos movimentos.

Teremos apenas uma vantagem indiscutível: o conhecimento do nosso próprio terreno. Entretanto, supondo que o adversário esteja melhor armado e tenha grande experiência de guerra, esse conhecimento não poderá redundar em verdadeira superioridade, senão de noite. Com efeito, na obscuridade, nem os melhores planos, nem as informações mais precisas, nem o armamento mais perfeito podem substituir o conhecimento quase instintivo do terreno, resultante da familiaridade.

Um conhecimento profundo da prática do combate nocturno é, pois, indispensável. Dar-nos-á a possibilidade de nos deslocarmos de noite com o mínimo de perdas; permitir-nos-á dificultar o reaprovisionamento do adversário, cortar as suas comunicações, reconquistar os elementos defensivos de que o inimigo se haja apossado, aniquilar os elementos hostis — especialmente os blindados — que tenham conseguido penetrar no nosso dispositivo de defesa durante o dia, efectuar destruições, etc. Facilitar-nos-á agir sobre o moral do contrário, ainda que não alcancemos resultados imediatos. Com efeito nada é mais desmoralizador para uma tropa esgotada por uma jornada de combate do que sentir-se constantemente molestada no seu repouso nocturno.

## Características

A acção nocturna tem muitas vantagens e inconvenientes, tanto para o atacante como para o defensor. A noite torna difícil e muito custosa toda a acção ofensiva de grande envergadura, sobretudo quando o assaltante não conhece o terreno e o defensor teve tempo de organizar-se. A noite priva o atacante de dois dos seus recursos mais preciosos; impossibilita o emprego de carros de combate e dificulta a intervenção da «artilharia aérea» (aviação de assalto e bombardeio em picado). Quanto à artilharia propriamente dita, não pode ser empregada senão mediante tiros preparados, pois que a má visibilidade torna problemática a correcção. Os tiros sobre zona são possíveis, assim como os bom-

## Revista da Cavalaria

bardeios da aviação, empregando foguetes luminosos ou bombas incendiárias para iluminar o objectivo. Entretanto, a ajuda da aviação à infantaria só é realizável quando esta última se encontra próxima a um objectivo facilmente visível do ar e que possa servir de referência.

A infantaria ataca, pois, sem outra protecção além das suas próprias armas, as quais (canhões de infantaria e morteiros) só podem ser-lhes úteis às pequenas distâncias. O seu avanço complica-se porque a ligação pela vista — imprescindível para a coordenação de esforços — não é possível. Por conseguinte, a infantaria ataca, em igualdade de armamento, um adversário que tem a vantagem de conhecer o terreno e haver podido organizar a sua defesa. Sofre, além disso, a desvantagem de ver-se obrigada a deslocar-se. Durante a noite, o ouvido substitui a vista; é necessário «ver com os ouvidos», o que redundava em vantagens para o defensor, que permanece imóvel e escuta.

Vejamos como as coisas se apresentam para o defensor. A noite reduz consideravelmente as possibilidades de emprego das armas de trajectória rasante, as quais, por definição, só podem atirar sobre o que se vê, perdendo, assim, grande parte da sua utilidade. Para a infantaria, as armas que conservam todo o valor são as armas brancas, os lança-chamas e as granadas. Estas últimas com seu raio de acção relativamente grande, proporcionam um meio de pôr fora de combate o adversário que é apenas ouvido e não pode ser visto. Por outro lado, levam sobre a espingarda e o lança-chamas a vantagem de não revelar a posição de quem as utiliza. A noite transforma o terreno, cobrindo-o com um véu de sombra que aumenta muito as possibilidades de progredir e facilitar a surpresa, desde que tal pressão seja silenciosa, o que evidentemente só pode ser conseguido pelas pequenas unidades. A noite diminui o valor dos obstáculos artificiais, que podem ser cortados, removidos ou destruídos, a menos que sejam protegidos. A obscuridade tem um efeito psicológico importante: isolando-os de seus vizinhos, deixa os homens entregues a si próprios, dando-lhes um sentimento que estimula a imaginação e se lhes torna insuportável, mesmo sabendo que têm camaradas a menos de dez metros. Disso se ressentem em particular quando se acham inactivos, como acontece no caso de uma defensiva.

Tudo isso tende a diminuir a impermeabilidade dos dispositivos defensivos. Para deter o inimigo em um lugar determinado, são necessários maiores efectivos do que durante o dia. Em vez de bater o terreno com trajectórias, é preciso defendê-lo com homens, o que nem sempre é possível quando a tropa necessita de repouso. Isso obriga a ocupar apenas os pontos importantes, deixando o resto confiado à vigilância das patrulhas.

Por outro lado a noite presta-se à confusão, tornando difícil distinguir o amigo do inimigo. Dá às pequenas unidades de grande coesão a possibilidade de confundir um número infinitamente superior de adversários. Podemos recordar as experiências da guerra na Finlândia, em que pequenas patrulhas, com o efectivo de um grupo, aproveitaram-se da sua mobilidade superior e conhecimento do terreno para pôr em apuros companhias inteiras de russos. Todavia, se os atacantes não conseguem permanecer juntos e se, na confusão, o combate degenera em luta corpo a corpo, a peleja adquire um carácter particularmente sangrento para os dois partidos.

Em resumo, quando não se presta a operações em grandes massas, nem para os atacantes, nem para os defensores, a noite dá lugar a condições ideais

# Revista da Cavalaria

para a ofensiva contra um objectivo limitado e com meios reduzidos, do que constitui aspecto típico o golpe de mão. O combate nocturno representa, pois, a única maneira de conservar a iniciativa diante de recursos técnicos superiores.

## Generalidades

O combate nocturno não se improvisa. Deve não sòmente ser aprendido, mas ainda exercitado constantemente, visto que as suas características exigem treinamento a fundo. Cabe dizer que a obscuridade é uma faca de dois gumes; como o terreno, favorece ao que sabe aproveitá-la melhor e constitui desvantagem para o que a ela não se tenha acostumado. É evidente que nem todos os homens se acham igualmente aptos para esse trabalho e que, como no caso de combate a curta distância, será necessário criar especialistas em golpes de mão, etc. Contudo, é indispensável que todos conheçam o combate nocturno e se habituem a ele.

Não basta, pois, fazer um exercício nocturno em cada periodo de instrução, à guisa de coroamento. Deverá haver, pelo menos, um exercício de aplicação por semana, à parte dos exercícios normais de treinamento.

Para ser verdadeiramente completo o treinamento para o combate nocturno, deve fazer-se de duas formas:

- 1) Preparação para o combate nocturno pròpriamente dito, que podemos denominar estudo da técnica do combate nocturno.
- 2) Estudo aprofundado, durante a noite, das possibilidades do sector provável do combate, nos pontos de vista do ataque e da defesa.

## Técnica do combate nocturno

Exercícios preliminares — Proceder primeiramente por demonstrações individuais:

1) Exercícios visando ensinar o homem a deslocar-se silenciosamente: demonstração do ruído que fazem as diferentes peças do equipamento e do armamento, durante a marcha, e dos meios para eliminá-lo; demonstração da maneira de marchar de noite, aproveitando o terreno de sorte a evitar a silhueta que possa destacar-se nitidamente contra o céu ou as zonas claras e evitando as cristas; demonstração do movimento nas imediações do inimigo, deslocando-se irregularmente e com longas paradas para escutar.

2) Exercícios para ensinar o homem a «ver com os ouvidos»: determinar a direcção de onde provém um ruído; avaliar a distância da origem de um som.

3) Exercícios destinados a dar ao homem certos conhecimentos especiais: a) exercícios de orientação nocturna e trabalho com bússolas; b) estudo das possibilidades de ligação à vista, pelo ouvido e por meios especiais — lâmpadas de feixe luminoso muito estreito, lâmpada eléctrica com o reflector coberto por um cartão perfurado com alfinete, lâmpadas azuis ou verdes e pastilhas fosforescentes para as costas — ligação por coordenação de horários; c) emprego

# Revista da Cavalaria

nocturno da granada para pôr o inimigo fora de combate silenciosamente e procedimentos para fazer prisioneiros, cortar arame farpado e descobrir fios telefónicos.

4) Importância da instrução do combate aproximado: o combate nocturno é uma pejeira de infantaria contra infantaria, terminando por uma luta de corpo a corpo. No combate aproximado, entre tropas de valor e vigor iguais, a vitória cabe à melhor instruída para acções desta natureza. Por isso é indispensável dar à tropa uma instrução particularmente completa.

## Exercícios de aplicação

Podem ser praticados ao mesmo tempo que os exercícios preliminares, combinando, por exemplo, a progressão silenciosa com os exercícios de identificação de ruídos. Um pouco de imaginação permitirá variá-los indefinidamente. Escolhendo cada vez terrenos mais difíceis, podem tornar-se bastante interessantes. Eis alguns exemplos:

- a) Franquear uma zona limitada à direita e à esquerda e guardada por uma ou várias sentinelas — isoladamente e por pequenos grupos.
- b) Aproximar-se de uma sentinela e pô-la fora de combate sem atrair a atenção do inimigo.
- c) Sabendo onde se encontra o inimigo, efectuar o reconhecimento do lugar onde se acha sem que ele o note e dar a parte correspondente.
- d) Sabendo a zona em que o inimigo se encontra, porém não o lugar exacto, descobrir este último.
- e) Golpes de mão sobre um posto de vigilância, uma posição inimiga em forma de ouriço, um elemento de defesa adversa, um PC no interior das linhas inimigas, para efectuar destruição, ou tropa que se desloca por um caminho durante a noite.

## Preparação para a manobra nocturna

A condução da tropa durante a noite dá lugar a numerosos problemas, suscitados pela necessidade do silêncio e a dificuldade de manter a ligação pela vista, ainda que se utilizem meios artificiais. Tais problemas tornam-se muito mais árduos em virtude do efeito psicológico do isolamento que a obscuridade produz e fazem recair maior responsabilidade sobre o chefe.

Por isso, é necessário instruir os quadros especialmente para essa missão. A instrução salientará a orientação e as transmissões de ordens, levando em conta as condições particulares criadas pela obscuridade. Tal instrução esforçar-se-á por desenvolver a faculdade de adaptação dos quadros e sua rapidez de reacção, qualidades que o combate nocturno exige no mais alto grau.

# Revista da Cavalaria

## Estudo do sector defensivo

As vezes, é difícil ao oficial que estabeleceu as defesas livrar-se da apreciação da situação que serviu de base para o plano de fogo. Convém, pois, encarregar outros da exploração nocturna do sector. Por exemplo, esta exploração poderá tomar a forma de um exercício de dupla acção. O destacamento encarregado da defesa dividir-se-á em certo número de patrulhas e todas as possibilidades de ataque serão ensaiadas, uma a uma. Será necessário fazer cada grupo passar, em rodízio, do papel de atacante ao de defensor, para que aprenda a actuar nos dois sentidos. Em seguida, a fim de comprovar a exactidão dos ensinamentos colhidos, convirá fazer uma outra unidade qualquer, a do sector vizinho, por exemplo, realizar o ataque.

Objectivo a alcançar: familiarizar a tropa e os quadros com os recursos do sector.

Está claro que será necessário estudar também as necessidades de contra-ataques destinados a libertar um ponto que sofra forte pressão ou reconquistar um elemento da defesa, ocupado pelo inimigo, operação que poderá ser menos custosa durante a noite do que de dia, se for bem conduzida.

À parte do seu valor táctico, essa preparação tem ainda valor moral considerável, pois aumenta a confiança da tropa em si mesma e no terreno que ficou conhecendo.

P. R.



# Bertrand & Irmãos, L.<sup>da</sup>

TRABALHOS  
TIPOGRÁFICOS  
SIMPLES,  
E DE LUXO,  
REPRODUÇÕES  
EM FOTOGRAVURA,  
OFFSET  
E LITOGRAFIA

Travessa da Condessa do Rio, 27

Telefones P. B. X. { 21227  
                                  { 21368

LISBOA

## ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 quilómetros de Lisboa

Clima excepcional durante todo o ano

Todos os desportos — Golf (18 buracos), tennis (7 courts), natação, hipismo, esgrima, tiro, etc.

Estoril-Palácio-Hotel—Luxuoso e confortável. Magnífica situação.

Hotel do Parque — Elegante e moderno.

Monte Estoril-Hotel — (antigo Hotel de Itália) completamente modernizado.

Estoril - Termas — Estabelecimento hidro-mineral e fisioterápico, ginástica, cultura física. Análises clínicas.

Tamariz — Pavilhão restaurante, bar americano, magnífica esplanada sobre o mar.

Casino — Aberto todo o ano concertos, cinema, dancing, restaurante, bars, e jogos autorizados.



ESCOLA DE EQUITAÇÃO  
«STANDS» DE TIRO  
SALA DE ARMAS  
PISCINA DE ÁGUA TÉPIDA

Informações:

Soc. Propaganda da Costa do Sol

ESTORIL — PORTUGAL



TIPOGRAFIA DA LIGA DOS COMBATENTES  
DA GRANDE GUERRA



TRABALHOS TIPOGRÁFICOS

EM TODOS OS GÊNEROS



Calçada dos Caelanos, 18

TELEFONE ——— 2 1450

L I S B O A

# BANACÃO

O melhor dos alimentos

Produto português para os portugueses

**O BANACÃO é preferido para a 1.<sup>a</sup> refeição**

- porque todos os que o tomam, se sentem mais confortados até à 1.<sup>a</sup> refeição,
- porque ao fim de poucos dias conhecem a diferença do seu vigor nos exercícios físicos, que normalmente fazem,
- porque é o mais agradável ao paladar.

### **OS PARECERES MÉDICOS**

- provam que é o mais nutritivo,
- provam que fornece mais calorias do que qualquer outra refeição.

**BANACÃO sempre BANACÃO**



*...Essas poucas páginas brilhantes  
e consoladoras que há na História do  
Portugal contemporâneo escrevemo-las  
nós, os soldados, lá pelos sertões da  
África, com as pontas das baionetas  
e das lanças a escorrer em sangue...*

*Joaquim Mousinho*



# Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

## FUNDADORES

1904

General Carlos Bazilio Damasceno Rosado

Major Fernando Maya

Major Cristovam Aypes de Magalhães Sepulveda

Capitão António Augusto da Rocha de Sá

Tenente Leopoldo Augusto Pinto Soares

1939

Capitão João Gamarró Corpeia Barrento

Capitão Amadeu Santo André Pereira

Tenente Augusto Casimiro Ferreira Gomes

Tenente António S. Ribeiro de Spínola

Alferes Luís Manuel Tavares

F. C.



# Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

## DIRECTOR

Director da Arma de Cavalaria

## DIRECÇÃO EXECUTIVA

Capitão António S. Ribeiro de Spínola

Capitão José João Henriques de Avellar

Tenente Luiz Pimenta de Castro

## SECRETÁRIO

Capitão Manuel de Sousa Vitoriano

---

## SEDE

DIRECÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA

Calçada da Ajuda — Telef. 38 167

Composta e impressa na Tipografia  
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Ano . . . . . 45\$00

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

**Avulso 7\$50**

F.C.

# SUMÁRIO

COOPERAÇÃO	<i>Capitão Henriques d'Avellar</i>	91
UNIDADES BLINDADAS	<i>Ten.-Coronel Luciano Granate</i>	99
PROJECÇÕES DE REACÇÃO DE GRANDE ALCANCE	<i>Capitão Oliveira Marques</i>	133
ORGANIZAÇÃO (FÓRMULA UNIVERSAL)	<i>Capitão Vitorino M. Esparteiro</i>	141
HIPISMO:		
ESCLARECENDO...	<i>Capitão Reymão Nogueira</i>	159
ASSISTÊNCIA AOS CAVALOS DE DESPORTO	<i>Capitão Nunes Salvador</i>	168
JORNAIS — REVISTAS — LIVROS:		
NOTICIÁRIO INTERNACIONAL	<i>Brigadeiro Ruy e Menezes</i>	171



# Revista da Cavalaria

10.º ano-n.º 2

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Março

## COOPERAÇÃO



Cooperar—julgamos poder definir assim— é actuar juntamente com outrem ou outros, detentores de interesses afins sob a orientação de uma mesma ideia directriz, conjugando, proporcionalmente, os meios materiais e morais de todos, para atingir um fim comum. É uma manifestação da característica fundamental do Homem — a Sociabilidade. É um produto da Solidariedade

Humana. Conduzirá a um benefício colectivo.

Cooperação, envolve a necessidade da actuação conjugada daqueles que se prestam mútuo apoio.

Tal coordenação de esforços é fácil de obter entre dois indivíduos ou mesmo num reduzido núcleo social por ajustamentos simples, que quase se poderia dizer que não exigem planos detalhados. Isto pode ser assim porque os meios a pôr em jogo são de volumes modestos, os objectivos a alcançar restritos, os in-

## Revista da Cavalaria

teresses pouco diferenciados, e os prazos de realização não muito longos.

Mas quando os problemas a solucionar, por qualquer modo, exijam a cooperação, por exemplo, da quarta parte ou mesmo de metade do Mundo, o volume dos meios, quer em qualidade, quer em quantidade, a variedade dos interesses, a amplitude dos objectivos, e as distâncias em espaço e tempo em que estes serão alcançados, levarão ao estabelecimento de planos feitos com antecedência, nos quais se estudarão cada um dos factores indicados e a sua inter-influência, com vista à obtenção de um melhor rendimento, ou seja, da realização da cooperação nas melhores condições de eficiência.

Há, portanto, necessidade de previsão, para a efectivação da cooperação.

Esta é, por assim dizer, a resultante de um sistema de forças. Cada uma destas tem o seu ponto de aplicação, uma direcção, e, um sentido, e uma intensidade que a caracterizam normalmente.

Para que a resultante tenha um valor máximo, a disposição, digamos, inicial dessas forças poderá não ser a mais indicada; será necessário reajustá-las, deslocá-las para as aplicar noutros pontos ou noutras direcções em que se obtenham melhores resultados. Por vezes será necessário mesmo o emprego de um esforço superior ao normal, e haverá sempre dispêndio de uma certa quantidade de energia própria da qual nos coibimos em proveito da colectividade. Poderá esta energia ser compensada ou recuperada a longo prazo, mas deixará de nos beneficiar durante um certo tempo.

A cooperação exigirá, por vezes, uma quota parte de sacrifício, maior ou menor, para a sua efectivação.

A cooperação implica, por último, a integração dos que actuam, numa mesma ideia directriz. Só assim será possível dar a todos os esforços uma mesma finalidade.

Mas o que é facto é que, para atingir determinada finalidade, cada um tem sempre fórmula própria, de muito maior estima para si, considerada quase sempre melhor que a dos outros. Deste modo, há que procurar, para que aquela integração se realize, a possibilidade de harmonizar as ideias e sentimentos de cada um dos cooperantes dentro de uma plataforma que a todos possa satisfazer, ou terão alguns que pôr de lado parte dos seus pontos de vista, em proveito de uma ideia maioritária, consi-

## Revista da Cavalaria

derada mais vantajosa. Esta segunda solução é por vezes perigosa se excede certos limites, e poderá levar a uma cooperação defeituosa.

Verifica-se, pois, que a cooperação poderá exigir, ainda, abdição em maior ou menor escala, das diversas partes em proveito do todo.

\*

À medida que os meios de relação entre os Homens foram adquirindo maior desenvolvimento, maiores se foram tornando também as possibilidades de cooperação.

Em contrapartida com as exigências da técnica moderna e do grau de aperfeiçoamento científico, cada vez se foi tornando menos possível deter numa só mão os conhecimentos técnicos e práticos mesmo de um único ramo de actividade humana. Daqui nasceu a necessidade da especialização, da orientação do espírito segundo direcções determinadas, procurando assim levar a fundo os conhecimentos. E como os problemas não têm carácter linear, e cada vez se tornam mais complexos, exigem para a sua solução a intervenção de mais de um cientista ou técnico. A cooperação tornou-se imprescindível na vida moderna.

Parece à primeira vista que tal modo de proceder conduziria às melhores soluções para todos os problemas. Mas tal não é verdade. Cada especialista, em virtude da própria formação intelectual, atrofia a sua maneira de ver e é levado, pouco a pouco, a considerar que todos os problemas têm solução através da matéria da sua especialização, dentro de um mesmo ramo de actividade científica. Passa só ela a ter valor, a deverem ser para ela, com prejuízo das outras, os créditos, as instalações, enfim, tudo que a possa levar a um maior desenvolvimento. A «sua» técnica ou os «seus» métodos científicos são os que devem pesar nas soluções dos problemas, na «sua» opinião.

Tal caminho seria erróneo e defeituoso, como é óbvio. Daí a necessidade da existência dos não especialistas, de formação universal, evidentemente, não profunda, pois salvo algumas excepções tal não é possível; de sólido bom senso, capazes de dosear a intervenção de cada especialista no grau em que esta é benéfica, e não atrofiará a solução geral, de que serão responsáveis.

## Revista da Cavalaria

Daqui nasceu uma característica actual da vida moderna — a organização de comissões para resolver a maior parte dos problemas. Mas nem sempre tal é preciso e cai-se por vezes em exageros. Também estes podem existir na extensão das comissões. Estas poderão ser ainda defeituosas, por serem constituídas por elementos menos idóneos, o que geralmente conduz a soluções contraproducentes. Mas isso é outra ordem de problemas que não nos interessa tratar aqui. Porém, não esquecer que esse facto tem contribuído para o descrédito deste modo de proceder. E, apesar de tudo, errar é próprio dos Homens.

\*

— Qualquer que seja o sector da actividade humana para onde hoje lancemos os olhos encontramos a necessidade da cooperação. De tal modo estamos habituados a ver personagens importantes correndo as quatro partidas do Mundo; a realizarem-se conferências sucessivas entre elementos semelhantes tanto aqui como nos antípodas; a ler no jornal as reportagens de congressos em que se fazem um maior ou menor número de propostas, e se apresentam catadupas de teses; tudo isto é já tão vulgar que quase lhe não ligamos importância.

No entanto, toda esta actividade tem uma finalidade — a realização da cooperação, ainda que às vezes não pareça.

As riquezas mundiais estão desigualmente distribuídas sobre a superfície da terra. Cada Nação ou conjunto geográfico procura atingir um mito impossível — a autarquia. Todas acabam por ter de intermutar os seus produtos, ou pelo menos de ter de procurar onde colocar o excedente das suas produções. Isto não são mais que formas diversas da cooperação económica.

Certas Nações possuem riquezas, que não poderão explorar por falta de créditos, que lhes permitam obter os mecanismos necessários para realizar aquela exploração. Logo haverá outra que tenha interesse nessa exploração, ou no fortalecimento dessa pequena potência, que lhe abrirá os créditos necessários — teremos uma forma de cooperação financeira.

Cooperação científica não é outra coisa senão todos os Institutos, Fundações, Colégios, etc. criados pelos países em

## Revista da Cavalaria

maior adiantamento científico, verdadeiras Babeis modernas onde se vão preparar ou pôr a par das últimas descobertas os cientistas de todo o mundo.

Os tratados e as alianças marcam, quando se respeitam as condições estabelecidas, as normas que regerão as relações entre os Estados que os assinaram e ractificaram — são os instrumentos da cooperação política internacional.

Apresentados estes, outros exemplos nos estarão surgindo diante dos olhos. Podemos mesmo dizer que a maior parte dos acontecimentos, de qualquer ordem, que se dão hoje no mundo, são destinados a facilitar ou a obstar à realização de uma dada forma de cooperação.

Onde encontrarmos Progresso, este é um produto daquela. Cooperação é a alavanca que impulsiona o Mundo a caminho do Futuro.

Parece à primeira vista que isto é irrefutável.

No entanto ainda há quem não pense assim. Lembremos somente que em oposição ao Progresso existe a Rotina, mal tão perigoso como a ferrugem, que é capaz de corroer a mais gigantesca das obras metálicas se esta não tiver sido preservada. E é tão insidiosa como ela.

Pois bem, ainda se pode encontrar e não é assim muito difícil, quem tendo possibilidade disso, não seja capaz de cooperar. Tal fenómeno explica-se em virtude de ser por vezes difícil realizar alguns dos condicionamentos que apontamos inicialmente. Há dificuldade em abdicar de pontos de vista próprios em proveito da colectividade, de orgulhos e preconceitos estabelecidos, de interesses criados. Há em grande escala uma forte tendência para o isolacionismo dentro do compartimento estanque da esfera de acção normal de cada actividade. E porque se teme a crítica fácil que está sempre na ponta dos lábios ou no bico da pena daqueles que nos cercam no nosso âmbito de trabalho, vá de nos cercarmos de uma irredutibilidade intransigente que bane qualquer possibilidade de cooperação. Outras vezes a transigência traduz-se numa cooperação inoperante que, não impedindo a realização de qualquer obra, em nada contribui para a sua efectivação. Deste modo, acontece que quem pode não quer, e quem quer tem de actuar, *cooperando-se*, indo buscar, ao seu ânimo e à sua boa vontade a cooperação que não encontra no meio exterior.

Mas, repetimos, sem cooperação, não se progride.

# Revista da Cavalaria

— Vejamos que isto também assim é se analisarmos o problema da cooperação do ponto de vista da nossa própria actividade.

Os problemas militares já não podem hoje ser observados do ângulo restrito de cada uma das Armas, em separado. Cada um deles para ter completa solução, envolve sempre a cooperação de mais de que uma.

Nestas condições, lógico é que nos disponhamos a conhecê-las o melhor possível, quanto mais não seja, para que possamos apreender as suas necessidades e o apoio que lhes podemos dar, e, mais ainda, para que possamos saber o que lhes podemos pedir na resolução das nossas próprias dificuldades. Assim se poderá realizar aquela cooperação nas melhores condições. E quem diz cooperação, fala implicitamente em Ligação, elemento fundamental na organização moral das Forças Armadas.

É facto que cada Arma tem características próprias, personalizadas na maneira de ser dos seus componentes, que são fruto da forma de actuar, do material que utilizam, do meio em que realizam a sua acção. Mas não é menos verdade, também, que, cada vez mais, essas diferenciações se atenuam, exactamente porque a cooperação entre elas tem aumentado.

Se examinarmos os três meios — Terra, Mar e Ar, sem qualquer ordem de preferência — em que aquelas Forças podem actuar, vemos que nelas tanto poderá ser o combatente terrestre que embarca, como o marítimo que desembarca; que o aviador tanto pode partir de um aeródromo fixo, como de um flutuante; e que as tropas terrestres tanto podem apear-se de um camião ou de um blindado como do bojo de um planador, ou ainda... «cairem do céu».

Poderá dizer-se que algumas delas são somente constituídas por especialistas, e portanto, em número restrito. Isto é, principalmente, mais função da riqueza dos meios postos em jogo, do que propriamente das dificuldades intrínsecas que possam apresentar para a sua obtenção. Grandes massas anfíbias, paraquedistas, aerotransportadas ou quaisquer outras fortemente especializadas, aparecerão sempre que as necessidades da guerra o impuserem, e que aqueles que necessitem da sua acção tenham

## Revista da Cavalaria

meios materiais para a sua realização. Mas quem não dispuser desses meios também não fará a Guerra.

Ainda para haver uma maior aproximação, e, portanto, menor diferenciação, podemos verificar que os problemas considerados característicos de certas Armas têm-se generalizado. Os problemas balísticos, de organização do terreno, de transmissões, de reabastecimentos, de conservação das tropas, os das destruições, interessam a todas as Armas e deixaram de ser exclusivos, pelo menos, nos seus aspectos mais simples. Deste modo há uma maior possibilidade de entendimento entre elas.

Mas, não basta que o técnico militar saiba só, e exclusivamente, de problemas dizendo directamente respeito à sua profissão. Ele será chamado, em muitos momentos, a tratar com técnicos civis, uma vez que todos os ramos da actividade de um País estão hoje interessados nos problemas da Defesa Nacional. Precisa conhecer, portanto, os aspectos mais salientes da actividade da Nação, e estar tanto quanto possível ao par das possibilidades desta.

De resto, ainda, o desenvolvimento científico tem caminhado muito depressa, durante a nossa geração.

Os resultados assombrosos que se têm alcançado no domínio da Química de Síntese; as descobertas, as possibilidades, e os horizontes que se rasgaram no campo da Rádioelectricidade; os foguetes autopropulsionados e os novos alcances que eles permitem; a «ultrapassagem da barreira do som», para falar somente dos de maior nomeada, representam marcos miliários na evolução da ciência, que têm sido atingidos com assustadora velocidade, e aos quais não se pode ficar alheio sob pena de nos encontrarmos isolados num Mundo em evolução.

E é tal a psicose evolutiva que quase já nada nos admira, nem mesmo esse quase prodígio que é a desintegração atómica e o seu emprego como fonte de energia e como explosivo.

Nossos pais contentaram-se perfeitamente com a constituição molecular da matéria. O «neutrão» tem de ser para nós uma expressão familiar.

Se quisermos estar em condição de cooperar, há que abrir os nossos olhos a novos horizontes. Nunca o termo «cultura geral» teve um âmbito tão largo e tanta razão para a sua existência.

É nesta ordem de ideias, para que possamos refrescar e actualizar os nossos conhecimentos que a Revista inaugura no

# Revista da Cavalaria

presente número a publicação de artigos orientados para assuntos de manifesto interesse para todos. Pediu para isso a colaboração de camaradas de outras Armas que obsequiosamente quiseram trazer até nós o brilho dos seus trabalhos. É assim possível podermos-nos pôr em contacto com alguns dos mais importantes dos modernos problemas.

Ao mesmo tempo conheceremos, através das ideias expostas, a maneira de ser das Armas a que os autores pertencem, o que também não é de menor interesse.

Benvindos sejam, portanto, e desde já lhes agradecemos tão valiosa *cooperação*.

Capitão HENRIQUES D'AVELLAR





# Unidades Blindadas

pelo Ten.-coronel LUCIANO GRANATE

**D**a luta contra o poder de fogo, e da necessidade encontrada pelos Exércitos na 1.ª Guerra Mundial, de procurar um escudo capaz de proteger o combatente que tinha de romper uma frente estabilizada e poderosamente defendida, nasceu o carro blindado. Esta aparição deu-se no final da 1.ª Guerra e de então até à 2.ª a indústria especializada aperfeiçoou estes engenhos por forma tal que puderam ser empregados em G. U. próprias, arrastando as outras Unidades ao movimento e manobra tão desejada, mas até certa altura já considerada impossível, tendo o combatente perfurado a terra e feito as suas galerias de toupeiras, na ânsia de alcançar a protecção que lhe dava a trincheira, na qual instalava os seus engenhos destruidores.

O carro foi esse escudo móvel tão necessário para o combatente largar a trincheira e, transportando poderosas armas, se lançar na complicada tarefa de aniquilar o inimigo, procurando posição apropriada para melhor o atacar, isto é, manobrando.

Esses maravilhosos e caríssimos produtos da engenharia moderna foram feitos em grandes quantidades e rapidamente, (corrida aos armamentos) e agrupados nas Unidades blindadas constituem um dos factores essenciais da guerra moderna, graças ao seu potencial de fogo, à sua mobilidade e protecção.

Esclarecidas e cobertas pela aviação, pelas Unidades motorizadas de reconhecimento e pelos caçadores de carros, estas Unidades fazem



# Revista da Cavalaria

sentir o poder dos seus carros ligeiros, médios e pesados, apoiadas o mais próximo possível pelos fogos da aviação e da artilharia autotransportada — Elementos transportados de infantaria e de engenharia acompanham e precedem mesmo por vezes a acção dos carros.

As possibilidades de manobra rápida estão asseguradas pelas transmissões radioeléctricas.

Lancemos uma rápida vista sobre a orgânica de uma Divisão Blindada e sobre o emprego das Unidades que a compõem, baseados nuns apontamentos do Estado Maior Francês.

Divisão Blindada	{	1 Regimento de reconhecimento
		3 Regimentos de combate
		1 Regimento de caçadores de carros

## *Regimento de reconhecimento:*

Um esquadrão de carros ligeiros.

Três esquadrões de reconhecimento a 3 pelotões.

Cada pelotão de reconhecimento tem 4 A. M., 2 canhões de 37 mm. e 2 morteiros de 60 mm., 1 canhão de assalto, T. C.

## *3 Regimentos de combate:*

Um esquadrão de reconhecimento com 3 pelotões e T. C.

Um Grupo E. de carros ligeiros com 51 carros a 3 esquadrões, canhão de 37 mm. e metralhadora.

Dois grupos de carros médios ou sejam 102 carros com canhão de 75 mm. e metralhadora de 7,6 e metralhadoras de 12,7 antiaéreas. O total de carros no Regimento é de 179.

D. C. B. — 20 canhões anticarro.

## *1 Regimento de caçadores de carros:*

Um esquadrão de reconhecimento com 5 pelotões.

Três esquadrões anticarro a 4 pelotões, sendo três de combate num total de 36 canhões de 76,2.

A D. C. A. é fortemente assegurada por 20 metralhadoras de 12,7 para o E. M. do regimento e T. C. e para os esquadrões anticarro por 6 metralhadoras de 12,7 e 6 peças.

# Revista da Cavalaria

## Missões dos diferentes Regimentos que compõem a Divisão Blindada

### *Regimento de reconhecimento:*

Compete ao Regimento de reconhecimento ir procurar a informação longe e rapidamente, transmitindo-a sem demora ao Comando Superior, o que lhe é possível graças à sua grande dotação em postos de rádio.

A sua organização e a fraqueza dos seus efectivos limita o raio de acção das suas investigações. Este Regimento dispõe de 9 pelotões que não devem ser fraccionados e que podem ser apoiados somente por 3 pelotões de carros ligeiros. As informações que o Regimento pode fornecer são limitadas ao contacto dos elementos avançados inimigos a não ser que os reconhecimentos lançados sejam reforçados por elementos auto-transportados, fracções de carros de combate e até caçadores de carros e artilharia.

As Unidades de reconhecimento não podem garantir a cobertura senão por meio da informação.

Os seus elementos não podem ocupar qualquer posição, mas simplesmente interceptar os reconhecimentos ligeiros inimigos. Sempre que o Comando Superior considerar necessário ocupar determinados pontos importantes, é indispensável lançar para a frente os elementos julgados apropriados a esse fim até à chegada do grosso.

Os carros ligeiros do Regimento de reconhecimento têm por principal missão reforçar os reconhecimentos lançados nas direcções que forem julgadas mais convenientes.

Como se disse, os pelotões não devem ser fraccionados, pelo que o Regimento só pode lançar simultaneamente reconhecimentos em 9 direcções. Pela natureza do material (A. M.), estes reconhecimentos estão ligados às estradas e caminhos, excepto para aqueles que foram reforçados com os carros ligeiros.

### *Regimentos de combate:*

Os Regimentos de combate podem efectuar o ataque contra um inimigo que tenha desenvolvido os seus meios de fogo, em proveito da in-

## Revista da Cavalaria

fantaria e em ligação com ela. Segundo a situação, a natureza do terreno e os seus obstáculos, os carros actuam na frente da infantaria ou esperam que ela lhes abra o caminho. Uma cooperação íntima com os fogos das tropas apeadas visando a destruição ou pelo menos a neutralização da defesa anticarro inimiga é indispensável ao sucesso deste género de operações sempre custosas em engenhos blindados.

É na *exploração do sucesso*, pela rapidez e poder das suas intervenções, pela agilidade e audácia das suas manobras sobre as retaguardas inimigas que as Unidades blindadas encontram o seu melhor rendimento, devendo, principalmente, serem empregados os carros ligeiros. É nesta missão, porém, que o problema de reabastecimento em combustíveis e remuniamento encontra as maiores dificuldades.

«Cabe aqui recordar um episódio que me impressionou ao ler algumas passagens da invasão da França pelas colunas blindadas do General Paton. Um alferes que, com o seu carro de combate, fazia parte da vanguarda, ia lançado na direcção de Berlim e, já dentro do dispositivo e das retaguardas alemãs, só via à sua volta o inimigo desorganizado, que não atacava porque as ordens superiores que recebia só lhe davam a missão de prosseguir e não se deter com prisioneiros ou manobras morosas.

Quando pela rádio comunicava que tinha ao alcance das suas armas uma coluna inimiga, invariavelmente recebia ordens para deixar esse objectivo que a ele parecia sedutor, e seguir a sua penetração para Leste, chegando ele a pensar com os seus botões, com certeza, «o meu General quer que eu entre sozinho em Berlim».

O problema do reabastecimento gaso, começava a preocupar esse pobre subalterno, a quem não faltava a iniciativa e a coragem, mas que se encontrava numa posição arriscada, como é fácil de compreender, qual embarcação no mar alto que vê engrossar a tempestade.

Os seus chefes, porém, não o tinham perdido e com os tentáculos das emissoras de T. S. F. lá lhe faziam chegar as desejadas ordens — Reabastecimento em tal bosque ou em tal cruzamento, etc.

Era a aviação que assim ia levar às pontas mais avançadas dos Exércitos aliados os reabastecimentos necessários de várias espécies para prosseguirem na sua missão.

No combate contra as Unidades blindadas inimigas, que é uma das principais missões, os carros recebem apoio dos fogos da aviação e da artilharia autotransportada.

As Unidades blindadas, tendo o cuidado de cobrir os seus flancos, devem fixar o inimigo ao apresentar as suas vagas de carros, pelo fogo

## Revista da Cavalaria

dos seus carros, caçadores de carros, combinando a sua acção com as unidades de sapadores e pioneiros, que têm por missão fazer as obstruções nos caminhos utilizáveis provavelmente pelo inimigo.

A intervenção das Unidades blindadas no *combate defensivo*, apresenta-se normalmente sob a forma de contra-ataque ou acção retardadora.

Estas acções defensivas desenvolvem-se em volta dos centros de resistência formados pelas tropas apeadas e que são utilizadas pelos carros como bases de partida e onde eventualmente se podem acolher em caso de recuo.

O emprego dos Regimentos blindados de combate numa defensiva estática é muito custoso e excepcional.

Os combates de noite, podem em certos casos de boa visibilidade, fornecer resultados importantes, mas exigem uma preparação minuciosa dos quadros e uma perfeita instrução e treino das equipagens com uma rigorosa disciplina de fogos, pelo que não devem ser frequentemente empreendidos.

Ao contrário, as deslocações e marchas de noite devem ser encaradas como normais, porque, principalmente, permitem subtrair os carros à acção do seu principal inimigo, a aviação.

Os carros ligeiros do Regimento até 18 ton. relativamente fracos em blindagem e armamento, graças à sua grande mobilidade estão aptos a esclarecer a curta distância, mas sempre ao alcance de apoio dos carros médios (reconhecimento de terreno e de campos de minas do inimigo) e a efectuar missões de limpeza em proveito da infantaria.

Nesta ligação com a infantaria ou com outras tropas apeadas de cavalaria que autotransportadas acompanham uma Unidade de carros, aqueles devem ficar às ordens do Comandante dos carros que lhes transmite as suas instruções ou recebe os seus pedidos de informações.

Nunca os carros devem marchar à velocidade das tropas apeadas, mas sim em lanços de objectivo em objectivo.

A partida dos carros de um objectivo para outro faz-se à ordem do Comandante da tropa apeada, mas os objectivos sucessivos devem ser escolhidos obrigatoriamente por forma que os carros em cada um encontrem uma posição de estacionamento, permitindo-lhe ficar ao abrigo dos tiros directos do inimigo.

Em qualquer caso que os carros e os combatentes apeados se encontrem no mesmo campo de batalha e com a mesma missão, têm o dever imperioso de procurar uma íntima ligação, ajudando-se mutuamente para alcançarem um sucesso comum.

# Revista da Cavalaria

## *Regimento de caçadores de carros:*

Esta Unidade, caracterizada pela sua grande potência de fogo, numerosos elementos de D. C. A., grande mobilidade, e essencialmente manobradora, pelos poderosos elementos rádiotransmissores, está apta a esclarecer-se em determinadas direcções, empregando depois os seus poderosos engenhos nas melhores condições e com o menor risco. O papel dos próprios elementos de reconhecimento, limitar-se-á muitas vezes ao reconhecimento do terreno e à procura de informações junto das tropas já empenhadas.

Os pioneiros, aproveitando as informações dos elementos de reconhecimento, arranjam as passagens necessárias aos caçadores de carros e preparam as destruições sobre os eixos prováveis de informação do inimigo.

A fraca blindagem dos carros desta Unidade torna-os impróprios para o combate a pequenas distâncias. Ao contrário, a grande potência do seu canhão permite-lhe:

Apoiar em tiro directo a progressão dos carros, conservando-se desenfiaado na última posição. A sua grande mobilidade permite-lhe seguir a posição dos carros de posição de tiro em posição de tiro, assegurando assim a continuidade de apoio de fogo.

Constituindo reserva, habilita o Comando a manobrar poderosamente contra os blindados inimigos.

Na luta contra os engenhos inimigos as unidades de caçadores de carros devem utilizar ao máximo a potência do seu armamento atacando o inimigo de longe, defendendo a fraqueza da sua blindagem em posições bem desenfiaadas. Na protecção destas unidades contra blindados, podem entrar outras fracções de carros e elementos anticarros quando o comando entender necessário.

## **Considerações sobre o emprego das Unidades Blindadas**

As características principais são as seguintes:

- complexidade de instrução individual para formar diversos e numerosos especialistas;
- valor e potência do material empregado na instrução, sua utilização e conservação;

## Revista da Cavalaria

- formação de um grande número de monitores especializados, para instruir a totalidade das equipagens;
- evolução de processos de combate relativos aos processos do material o que impõe aos quadros um trabalho permanente de investigação, reflexão e adaptação.

Analizadas conscienciosamente estas características, poderemos avaliar a altíssima importância da instrução que tem de ser ministrada com a maior dedicação, tendo presente que:

«O material mais poderoso, não vale senão pelo valor daqueles que o servem».

A instrução deve ser conduzida, portanto, tendo por principal objectivo o desenvolvimento individual, o reflexo da atenção aguda e da obediência imediata.

A selecção judiciosa para as diferentes especialidades facilita a instrução. A instrução de tiro deve merecer importância principal.

Quanto aos quadros, a instrução tem de ser tão cuidada que os chefes estejam à altura de tomar decisões rápidas e variadas, porque a evolução constante das situações, no decorrer do empenhamento das Unidades blindadas, obriga-os a tomar iniciativas quase instantâneas.

A instrução das pequenas Unidades deve ter por objectivo dar-lhe a coesão indispensável no combate, o hábito de olhar o chefe, o reflexo do apoio mútuo e o treino das evoluções e das manobras rápidas.

Esta rapidez de manobra não se obtém na precipitação e na desordem, mas sim graças ao tempo ganho pela precisão de ordens simples e claras, transmitidas a tempo e que são executadas sem demora por subordinados que conhecem bem os seus deveres. É sempre verdadeira esta frase de um antigo regulamento:

«As grandes Unidades só podem manobrar quando as pequenas sabem evolucioanar».

Também não se deve esquecer que o funcionamento das redes de transmissões-rádio, só pode ser assegurado por um treino intensivo e uma disciplina de exploração rigorosa.

Se o pelotão manobra muitas vezes por imitação do seu Comandante e por sinais que lhe transmite, os escalões superiores não podem ligar-se com os seus subordinados senão pela rádio.

A instrução moral e a instrução física são de uma importância extrema. O homem de carros precisa ser exercitado com uma instrução física de desembaraço e energia que faça dele quase um atleta, capaz de suportar o esforço que lhe é pedido principalmente em campanha.

# Revista da Cavalaria

Os exercícios arriscados dar-lhe-ão a moral indispensável, para não temer as críticas situações em que terá de se encontrar.

É preciso preparar os homens para terem um certo desprendimento pela vida e admirarem as acções arriscadas. Eu julgo que o carrista deve ter perfeito conhecimento dos perigos a que está sujeito, para saber lutar contra eles, com a consciência de um homem que subjuga o instinto de conservação.

Sabe-se que na última guerra foram encontrados vários carros, em determinadas batalhas, abandonados pelas tripulações que se tinham posto a salvo ao primeiro embate recebido no seu próprio carro.

Nas nossas Unidades de carros, onde se conservam os cavalos para oficiais e sargentos, deve continuar-se a prática do sport hípico nas modalidades mais arriscadas.

Para os oficiais e sargentos, percursos de obstáculos, para as praças volteio em estilo enérgico de liberdade absoluta.

Se amanhã não tivermos cavalos, é preciso criar jogos como box ou corridas de moto em pista de areia (como fazem os ingleses e americanos) em que o arrojo e decisão são postos à prova.

## Métodos de instrução

Há duas servidões a que está sujeita a instrução nas Unidades blindadas:

- obter o máximo rendimento do material de instrução quase sempre insuficiente em número e em qualidade;
- evitar toda a deterioração no material de guerra.

Os instrutores devem aproveitar todas as oportunidades para desenvolver, nos instruendos, o sentido da apreciação do terreno e executar na caixa de areia e no quarto das aulas, todas as evoluções antes de as fazer propriamente com o material.

Nas saídas com os carros, para escola de condução, deve-se aproveitar que os restantes componentes da equipagem se vão treinando em observação, ou transmissão rádio ou exercícios de pontaria.

Podem também mais instruendos de condução, aproveitar a saída do carro transportando-se nele, o que lhe vai dando adaptação e observação das manobras que o condutor vai fazendo.

# Revista da Cavalaria

Todo o exercício de formações de carros, embora pequenas, deve ser preparado com antecedência para que todos estejam no ambiente do mesmo exercício.

É conveniente no decorrer de um exercício fazer alto e apontar as faltas cometidas.

O método demonstrativo é sem dúvida dos que dá melhor resultado :

Um carro bem camuflado ao lado doutro mal.

Um carro bem parado e bem desenfado, oferecendo ao inimigo um alvo limitado, ao pé doutro descoberto completamente, etc.

A rapidez e a exactidão do cumprimento das ordens, deve ser uma preocupação constante para o instrutor, e nunca deve perder a oportunidade para que os homens estejam habituados a executar pequenas missões variadas, em que a habilidade, o raciocínio e a exactidão sejam objecto de rigorosa censura.

Devem ser organizados vários concursos sobre as diferentes modalidades de instrução :

Por exemplo :

- montagem correcta de uma ou duas rodas numa viatura ;
- consertar uma câmara de ar ;
- aprontar um carro de combate para a marcha ;
- substituição de um elo, da lagarta, etc. — tudo desperta interesse entre os instruendos.

## Instrução técnica

Visa essencialmente as seguintes categorias :

- as equipagens dos carros ;
- os serventes de D. C. A. e D. C. B. ;
- o pessoal de ligação e transmissão ;
- o pessoal destinado à reparação e conservação do material.

Na equipe do carro o *chefe* deve ser o mais apto e conhecedor da condução do tiro e da transmissão com os aparelhos de bordo.

# Revista da Cavalaria

O condutor deve ser seleccionado cuidadosamente pela segurança dos seus reflexos e do sangue frio e a instrução deverá ser gradual e progressiva conforme o desenvolvimento que vai apresentando e deve ter perfeito conhecimento das armas de bordo.

O atirador é o principal conhecedor do armamento e deve colaborar com o chefe em todos os exercícios de observação. No caso em que há municionador este deve ter uma instrução de tiro desenvolvida para substituir o atirador. Nada há a mencionar de especial quanto às restantes instruções que devem seguir as normas já anteriormente estabelecidas.

## Instrução colectiva

### Processos e meios de comando

O isolamento das equipas dos carros encerradas nas suas couraças, exigem um largo emprego das transmissões de ordens pela rádio, pelo que uma disciplina rigorosa se impõe na exploração da rede, pois que o êxito das manobras depende directamente do rendimento dos meios de transmissão.

Os meios de comando nos carros são os seguintes:

- radiotelefonia;
- radiotelegrafia;
- sinais por quadros;
- ordens verbais ou escritas;
- manobra por imitação para as pequenas Unidades (pel.).

O chefe do carro no caso de lhe faltar alguns membros da equipagem deve distribuir as suas funções pelos restantes, atribuindo para si as mais delicadas.

O rendimento de um carro depende exclusivamente da sua conservação, da qual é responsável o chefe em tudo que não exceda a sua competência.

Na escola de carros a transmissão das ordens pode ser do exterior por meio de sinais de braço e do interior por meios acústicos.

# Revista da Cavalaria

Para evitar acidentes, a condução do carro deve fazer-se do exterior nos seguintes casos:

- marcha de aproximação em terreno muito coberto;
- marcha de noite quando faz muito escuro;
- em caso de avaria em qualquer terreno;
- deslocação no interior de qualquer parque.

*É proibido:*

- marchar de costas diante de um carro em marcha, salvo para o guiar em paragens difíceis;
- saltar para um carro em marcha, ou descer;
- deixar as portas abertas;
- deixar a torre destapada;
- fumar na câmara de equipagem.

Toda a equipagem deve usar o capacete quando está dentro do carro.

Quando no decorrer de uma marcha a etape for superior a 6 h. ou que a condução se torne difícil em virtude da poeira, calor, nevoeiro ou escuridão deve o condutor ser substituído.

O chefe do carro em terreno variado, deve escolher um ponto a grande distância que indicará ao condutor, para ele tomar a direcção conveniente por meio de pontos intermédios para o alcançar, ponto esse que deve corresponder a um lanço. Aí dirige o carro para o local que lhe for indicado pelo chefe ou por sua iniciativa, para ver sem ser visto, poder fazer fogo e ocultar-se da aviação.

O tiro de canhão é normalmente feito parado, contudo o tiro de metralhadora, em marcha, permite efeitos de neutralização.

Devem realizar-se os seguintes exercícios como preparatórios de combate:

- parar o carro num local apropriado e observar e fazer fogo numa direcção dada;
- retomar a marcha em nova direcção;
- ocultar-se das vistas e dos tiros vindos de uma direcção indicada;
- transpor uma crista;
- atravessar um espaço batido entre dois pontos cobertos;

# Revista da Cavalaria

- procura de objectivos de tiro em estação e em marcha ;
- fogos reais combinados com o movimento do carro e manobra da torre :
  - de um local e sobre objectivo fixado ;
  - de um local a determinar e sobre objectivos a descobrir, sendo obrigatória a escolha da arma ;
  - de diferentes locais sucessivos ;
  - sobre objectivos móveis.

## Instrução das pequenas unidades

O grupo de combate ou secção constituída por dois carros é o elemento base de toda a formação blindada.

As formações de *ordem unida* — coluna e linha, são utilizadas para reuniões e revistas.

As formações de *ordem dispersa*, são utilizadas para observar, progredir, reconhecer ou combater, e são também em coluna e linha.

Permite assim dispor o grupo em profundidade ou largura, conforme a missão e terreno.

Em coluna, é obrigatório o escalonamento entre as viaturas, para facilitar os apoios de fogos, as ligações, o comando, e para diminuir o risco pelo fogo inimigo.

A distância é normal de 100 m., mas pode ir de 50 a 400 m., e o *intervalo* é de 50 m.

Na formação em linha os carros vão intervalados de 100 m.

É a formação normal de combate.

As mudanças de formação fazem-se ao sinal do chefe. Ao sinal de retirada, a viatura da testa se está em coluna, faz rapidamente meia volta e procura o primeiro coberto, devendo a segunda segui-la por imitação, mas não pelo mesmo caminho e sem se aproximar.

O treino do grupo tem que ser perfeito para entrar no quadro de pelotão que é o seu normal emprego. Só em patrulha o grupo trabalha isoladamente.

A patrulha só é levada a combater nas seguintes condições :

- para obrigar o inimigo a revelar-se, por exemplo, batendo uma orla de bosque ou um abrigo suspeito ;

# Revista da Cavalaria

— para realizar o apoio mútuo das viaturas debaixo do fogo do inimigo;

— para atacar um inimigo de surpresa ou em situação desfavorável.

Os exercícios preparatórios de combate devem incidir principalmente sobre os seguintes pontos:

— ensinar às equipagens as formações e sua adaptação à missão, ao terreno e ao inimigo;

— treinar o chefe da viatura subordinada a coordenar os seus movimentos e o fogo, em função das indicações do Comandante do grupo, ou da situação;

— procurar a coesão do grupo e prontidão do apoio de fogos por meio de sinais e por imitação.

Para tornar esta instrução intensiva sem sacrificar os próprios carros, é conveniente que se faça primeiramente em viaturas T. T. que têm a vantagem de transportar vários chefes de carro que podem assim aproveitar da instrução.

É conveniente que durante a instrução se façam frequentes altos para mostrar aos instruendos os erros cometidos, corrigindo e recomeçando a instrução.

## O Pelotão

O pelotão é constituído por dois grupos de combate ou secção.

A sua instrução compreende:

— o estudo das formações;

— os movimentos a executar;

— exercícios preparatórios de combate.

As formações de *ordem unida* compreendem a coluna e linha próprias para reuniões e paradas.

# Revista da Cavalaria

Nas marchas itinerárias deve ser observada uma rigorosa disciplina de marcha, e as viaturas devem distanciar-se de 50 a 100 m., conforme as circunstâncias.

O principal inimigo dos carros é o avião de assalto pelo que o pelotão deve ser instruído a dispersar rapidamente as viaturas, que utilizarão os cobertos que alcançarem. Um serviço de vigia, encarregado de assinalar a chegada dos aviões, deve ser sempre organizado. Durante os ataques de aviões voando a médias ou grandes alturas, os carros limitam-se a fechar as torres e continuam a sua marcha, conservando sempre as distâncias estabelecidas.

Em face de um ataque maciço a baixa altura e em voo picado, os carros munidos de metralhadora antiaérea abrem fogo.

Um tiro denso e bem conduzido sem precipitação, causa muitas vezes grandes baixas.

Os carros que não fazem fogo, procuram sair da estrada e com manobras bruscas de direcção, furtam-se aos golpes inimigos, seguindo, sendo possível, de uns pontos cobertos para outros.

Não é admissível que uma Unidade, em estação, sofra passivamente um ataque de aviação a baixa altura. Todas as armas, até portáteis, devem abrir fogo, que pelo menos pode incomodar o inimigo, evitando novos ataques.

## As formações de ordem dispersa

- Coluna — linha de secções;
- Coluna de secções — linha.

Permitem ao pelotão estacionar ou progredir em zona perigosa, adaptando-se ao terreno e ao combate, assegurando um efeito de fogo da máxima eficácia e continuidade, defendendo-se também da aviação inimiga.

As distâncias variáveis entre os carros que permitem o jogo de apoio dos fogos e de observação no interior do pelotão, tem por limite o alcance eficaz das armas e as possibilidades de observação.

Segundo a formação adoptada, linha ou coluna de secções, a missão de apoio é cumprida pelas viaturas da 2.<sup>a</sup> vaga em proveito das 1.<sup>as</sup> ou por uma secção em proveito da outra.

# Revista da Cavalaria

## Diferentes situações do pelotão em campanha

### *Retirada para emprego em nova direcção*

Como se deve proceder:

O Comandante do pelotão faz meia volta e sinal de retirada.

O grupo de apoio cobre o movimento das viaturas da testa, deixando-as passar e depois retira por sua vez para o primeiro coberto.

*Em reconhecimento*, o comandante de pelotão deve colocar-se no melhor lugar donde possa ver e comandar, conservando o contacto; deverá desviar tanto quanto possível as viaturas das vistas e fogos do inimigo.

*No combate ofensivo*: O comandante de pelotão prepara, conduz e empenha a sua unidade no combate em todas as circunstâncias. No decorrer do ataque deve conservar uma linha constante com o seu chefe directo e com os elementos do seu pelotão.

O combate em geral compõe-se de três fases:

- alcançar uma base de partida e iniciar o ataque;
- atingir um objectivo designado;
- completar a conquista neutralizando as resistências inimigas.

A ordem de ataque é dada verbalmente no campo e tanto para o pelotão como para o esquadrão deve ser bem clara nos seguintes pontos:

- exposição da situação e missão;
- formação a adoptar;
- objectivo final e intermédios;
- atitude nos objectivos sucessivos;
- instruções relativas às transmissões;
- base de partida;
- eixo de desempanagem e reabastecimento.

### Como se efectua o ataque

Os carros ou grupo indicado, saem da base de partida onde estão ocultos e procuram alcançar o mais rapidamente possível o 1.º objectivo enquanto o grupo de apoio que vai tomando as sucessivas distâncias e

# Revista da Cavalaria

posições, lhe faculta o movimento. Os carros deste grupo ou pelotão deverão substituir os da testa, no caso de alguns ficarem fora de combate.

Logo que se defina uma resistência importante todos os fogos se concentram sobre ela e os carros de apoio desempenham um papel importante ajustando os seus fogos sobre o ponto indicado.

*A atitude a tomar ao alcançar o objectivo deve ser fixada por forma precisa — Assim :*

- neutralização da defesa inimiga até à chegada de outros elementos;
- reorganizar os pelotões, os esquadrões e restabelecer as ligações;
- limpeza do objectivo quando esta missão não é confiada a elementos em reserva;
- preparação de um novo lança.

## O Pelotão em reserva

Tem por missão executar as manobras que lhe forem indicadas, esforçando-se o Comandante por se manter ao corrente do desenvolvimento das operações e conservar-se em ligação com o Comandante de que depende.

## Pelotão encarregado da limpeza de uma determinada zona

Opera em ligação com as tropas apeadas e deve tomar uma formação em profundidade. Os carros da testa folheiam o terreno enquanto os de apoio observam atentamente a operação prontos a intervir.

## Combate defensivo

O pelotão :

- pode executar contra-ataque a certa distância surpreendendo o inimigo pelo fogo;
- combater em retirada sobre um eixo determinado;

# Revista da Cavalaria

— excepcionalmente quando encorporado, estabelecer barragem de fogos preparada anteriormente, se for possível.

No decorrer do combate e fora da zona de fogo quando um carro tem uma avaria iça o sinal de viatura avariada, esforçando-se o chefe do carro no caso de não poder remediar a pane, de entrar em ligação com o pessoal técnico de desempanagem do esquadrão.

Se o carro não está totalmente imobilizado procura um abrigo; em caso contrário a equipagem faz uso das armas até lhe ser possível.

## O Esquadrão

Tem como formações de *ordem unida* as colunas e linhas conhecidas dos esquadrões a cavalo; em *ordem unida* usa a coluna e linha de pelotões, e a formação em triângulo, tomando a largura e profundidade em função do terreno e da situação, de forma que os pelotões se façam apoiar mutuamente.

Ao Comandante do esquadrão compete principalmente:

- assegurar a marcha do seu esquadrão na direcção indicada;
- determinar o seu dispositivo em conformidade com as ordens recebidas;
- regular os apoios de fogo no interior do esquadrão;
- assegurar a ligação com as Unidades vizinhas;
- assegurar o contacto com as forças inimigas se o seu esquadrão está na testa ;
- tomar as medidas indispensáveis contra os ataques aéreos.

### Na marcha de aproximação

O esquadrão marcha por lanços coberto por um número variável de patrulhas que seguem os itinerários principais e pontos suspeitos da sua zona de acção.

Se o cap. dispõe de carros ligeiros ou de pelotão de reconhecimento deve utilizá-los nas ligações laterais.

# Revista da Cavalaria

A marcha deve ser regulada de forma a evitar aglomeração de carros principalmente nas passagens obrigadas.

Logo a um dos primeiros lanços e havendo um coberto, deve proceder-se à verificação do material.

## No ataque

O esquadrão no combate ofensivo tem uma frente que varia entre 300 a 600 m.

Normalmente deve constituir duas vagas, sendo a densidade de carros a determinar pelo comandante.

A 2.<sup>a</sup> vaga ou pelotões de apoio, seguem geralmente a 500 m. ou segundo o que o terreno aconselhar.

É conveniente que não fiquem ao alcance das armas anticarros inimigas que actuam sobre os pelotões da testa, mas que sigam em condições de apoiar pelos seus fogos, a progressão daqueles.

Sempre que for possível o Comandante do esquadrão com os seus subalternos e sargentos procede ao reconhecimento do terreno em que se vai desempenhar o ataque.

A ordem de ataque dada verbalmente pelo comandante do esquadrão deve ser clara sobre os seguintes pontos:

— Situação: — informação sobre o inimigo.

— Missão do Regimento e do esquadrão:

- a) eixo de ataque e zona do esquadrão;
- b) objectivo principal e lanços;
- c) atitude nos diferentes lanços;
- d) pontos de reunião eventual;
- e) horário e ritmo do ataque.

— Execução do ataque:

- a) formação do esquadrão, intervalos e distâncias entre os pelotões;
- b) missões dos pelotões;
- c) pelotão da testa: direcção, objectivos;

# Revista da Cavalaria

- d) pelotões de apoio: colocação inicial, progressão, ultrapassagem;
- e) prescrições relativas ao início do ataque.

- Apoio de fogos: tropas apeadas se houver, artilharia, pelotões ou esquadrões de carros.
- Segurança: Ligações com as Unidades vizinhas e os elementos de ocupação do terreno, segurança dos flancos.
- Observações.
- Transmissões.
- Desempanagem, reabastecimento e evacuações.

O esquadrão uma vez iniciado o ataque vai com os seus pelotões da testa, avançando de coberto em coberto, reduzindo as resistências que encontra cada pelotão, quer por si próprio ou com apoio dos outros, mas se acaba de ser detido em toda a linha e não pode manobrar, coloca os seus pelotões nas orlas mais desafiadas e fixa o inimigo permitindo assim a manobra aos esquadrões vizinhos.

Se consegue alcançar o objectivo final, coloca alguns dos seus pelotões de forma a garantir a posse temporária, convenientemente camuflados e desafiados, enquanto outros completam a limpeza do objectivo. Depois cobre-se com algumas patrulhas lançadas para a frente.

A chegada dos elementos de ocupação, o Comandante do esquadrão informa-os da situação, protege a instalação, e ao receber ordem de retirada conduz o seu esquadrão ao local indicado, preparando-se para nova missão.

## Esquadrão em missão de apoio

Progride em coluna, por lanços, a velocidade indicada. Tem por missão permanente, vigiar o céu em proveito dos elementos da testa e garantir tanto quanto possível a sua defesa.

Pode receber várias missões como:

- limpeza de uma determinada zona;
- reforçar as unidades da testa;
- apoiar pelo fogo a progressão destas unidades ou cobrir os flancos;
- manobrar uma resistência que as faz parar.

# Revista da Cavalaria

## Esquadrão no combate defensivo

Pode ser empregado no quadro do Regimento, numa acção retardadora ou em contra-ataque.

Na primeira, o Comandante do esquadrão estuda a posição, articula a Unidade em profundidade, por forma a organizar pelotões de apoio. Determina os itinerários de retirada. Dispõe, em pontos bem escolhidos, carros convenientemente camuflados que ficam em vigilância e devem dar os sinais de alerta, que fará colocar os outros pelotões em disposições de tiro, devendo o fogo ser aberto a distância de tiro eficaz, e principalmente se o inimigo apresenta blindados, deve deixá-los aproximar, tanto quanto possível, para fazer fogos precisos.

Se o esquadrão for alvo de fogos de artilharia, procura a mobilidade para evitar os pontos batidos.

Dada a ordem de retirada, os pelotões da testa retiram sob a protecção dos de apoio, e, uma vez que atravessem as Unidades em linha, os pelotões de apoio retiram pelos itinerários fixados, geralmente por entre campos de minas já lançados, e o esquadrão reúne-se novamente à retaguarda.

*No contra-ataque:* O esquadrão executa-o quase sempre com o apoio de fogos de artilharia e contra um inimigo sujeito ao fogo da defesa. Em geral o eixo desta operação depende da rapidez e vigor com que é executada.

*No ataque contra engenhos blindados,* há principalmente que ter em conta que aquele que puder abrir fogo parado, contra carros de igual categoria, é o que deve ter vantagem.

Se os engenhos inimigos são de categoria superior, só a utilização do terreno pode permitir fogo por surpresa a distância que lhe permita perfuração.

O estacionamento prolongado é perigoso porque permite ao inimigo observação detalhada.

## Combate defensivo

Deve ser excepcional, como passagem para outra acção própria da tropa blindada.

Se não tem tempo para manobrar, resiste na posição em que foi surpreendido para parar ou retardar o inimigo.

# Revista da Cavalaria

Se o inimigo é inferior em armamento e blindagem, deve procurar campos de tiro extensos, e se é superior, não deve aceitar o combate senão a distâncias favoráveis.

Em todas as operações devem os cavaleiros destes novos corcéis de aço ter presente que a conservação do material é factor tão essencial, como era o cuidado pelo cavalo.

Toda a avaria do material que a secção de desempanagem do esquadrão não pode resolver é comunicada ao Comando Superior.

Os engenhos avariados são rebocados desde que a situação o permita até ao eixo da desempanagem fixado na ordem de operações. Os que não podem ser transportados por estes meios, devem ser indicados ao Comando do Regimento, e um membro da sua equipagem é enviado ao eixo de desempanagem, munido de uma ficha com as indicações necessárias para guiar os meios de desempanagem enviados pelo Regimento.

## Os reabastecimentos

Todos têm a noção da importância capital que tem este serviço.

Aqui o engenho blindado é inferior ao antigo companheiro do cavaleiro, porque o cavalo só era reabastecido quando era possível, e este, se não tiver comida a tempo não anda. Para isto é preciso que cada comandante de esquadrão ou destacamento, informe sobre as necessidades imediatas ou eventuais da sua Unidade, em tempo competente.

Em presença de uma aviação activa, as operações de reabastecimento de combustível e munições representam grave risco, pelo que de dia os locais de reabastecimento devem ser cobertos.

Este assunto tão complexo, só poderia ser tratado separadamente, tão diferentes são os casos a encarar.

\*

Nas *Unidades de caçadores de carros*, aplicam-se quase todas as prescrições relativas aos carros em geral, mas há que atender que estes engenhos possuidores de um grande potencial de fogo, não são constituídos com a blindagem suficiente para suportar grandes empates.

## Revista da Cavalaria

Por isso é indispensável que sejam suficientemente esclarecidos e protegidos.

A constituição do pelotão assim o mostra claramente:

- secção de comando;
- secção de protecção (com 2 metralhadoras de 12,7 e um posto rádio);
- secção de D. C. A. (a duas peças);
- secções anticarro ou de caçadores propriamente ditas.

No combate contra os engenhos blindados a grande defesa destes carros está em romper o tiro a grandes distâncias, e não devem por princípio algum aproximar-se do inimigo.

Quando uma Unidade de caçadores recebe por missão apoiar as Unidades de carros ou de reconhecimento, ela deve deslocar-se de posição de tiro em posição de tiro, para poder assim estar apta a romper o fogo em apoio dos elementos que a precedem.

Quando tem que sair no cumprimento de qualquer missão do dispositivo da G. U. em que está enquadrada deve, imediatamente, ser-lhe assegurada a sua protecção com carros ligeiros e médios.

O Comandante de um esquadrão de caçadores de carros, tem de se preocupar especialmente com as missões de tiro a dar às sub-unidades, e ordenar as concentrações de fogos que se imponham.

Os grupos de D. C. A. devem ser instruídos por forma a tomar as posições convenientes para cumprirem a sua missão, por vezes independentemente de ordem, para que os comandantes de pelotão e do esquadrão se preocupem exclusivamente com o tiro dos seus caçadores.

\*

Do que fica exposto o mais resumidamente que me foi possível, pode-se verificar que a instrução das unidades blindadas, deve ser levada a um alto grau de eficiência para que os engenhos complicados e de altíssimo valor possam ser aproveitados no seu rendimento máximo. Material muito poderoso e manejado por pouco pessoal, só será útil se esse pessoal estiver à altura da sua missão, pois de contrário de nada lhe serve.

# Revista da Cavalaria

A instrução dos oficiais terá que ser dirigida por forma a obterem um desembaraço tal que lhes permita desde o comandante de pelotão a combinar a acção das diferentes armas de que dispõem.

Assim, nos pelotões de reconhecimento, o chefe tem de conjugar a acção das autometralhadoras com os canhões anticarro, os morteiros e um canhão de assalto.

Nas unidades de carros os Comandantes de pelotão dispõem de um material homogêneo, mas particularmente poderoso.

Nas unidades de caçadores de carros tem de combinar a acção dos dois grupos anticarro e dos seus grupos de protecção e D. C. A., embora como atrás se disse, estes tomem por vezes a sua liberdade de acção.

É de notar ainda que os blindados trabalham sempre em conjunto com outros elementos, que eles não poderão ajudar, nem deles receber ajuda se os quadros não tiverem conhecimento das suas possibilidades.

Os sargentos devem receber instrução profunda das diferentes especialidades ao mesmo tempo que precisam manter em alto grau uma educação moral e militar.

O soldado tem de ser o imitador dos seus graduados e para tal, é preciso que se desenvolva um espírito carrista, tornando-o orgulhoso de montar e conduzir uma arma de guerra tão poderosa, mas ao mesmo tempo responsável em parte, da aplicação dessa mesma arma.

Do estudo que fiz ao reproduzir estes ensinamentos, fiquei com a convicção mais firme ainda do que já possuía, em dois pontos essenciais: um, de que precisamos para os nossos carros, de técnicos especializados que nos ajudem à conservação e ao ajustamento óptimo de toda a sua aparelhagem; outro, de que a sua parte de instrução deve ser cada vez mais aperfeiçoada, principalmente no que diz respeito à instrução individual do soldado.



# Projecteis de reacção de grande alcance

pelo Cap. Art. C. E. M., OLIVEIRA MARQUES



*Escrito em 1947 e sem pretensões de novidade, o artigo que segue deverá ser considerado como resumo de escritos dispersos por várias revistas e jornais.*

*Perdoem os Cavaleiros, se à concessão da sua publicação na Revista da Cavalaria se não corresponde com artigo que valha ao menos o tempo que perderam na sua leitura.*

## I

### Introdução

Dois projecteis de reacção de grande alcance foram empregados na Europa na fase final da guerra de 1939-45. O tempo não permitiu, então, aos alemães que explorassem as suas qualidades e eliminassem os seus defeitos, nem a sua intervenção poderia trazer, na data do seu emprego, qualquer modificação essencial ao curso dos acontecimentos.

## Revista da Cavalaria

Estes projecteis de reacção ficaram conhecidos com as designações de V-1 e V-2 (Vergeltungswaffe — arma de represália). Embora a analogia dos nomes atribuidos possa contribuir para os fazer supor idênticos sob o ponto de vista técnico, eles têm na verdade características estruturalmente diferentes, se bem que utilizem ambos o sistema de propulsão por reacção.

Foi desde 1933 que se intensificaram na Alemanha os estudos e experiências que culminaram com a construção dos dois projecteis referidos, realizados especialmente nas grandiosas instalações experimentais de Peenemunde, avaliadas em mais de 300 milhões de marcos ouro e onde exerciam a sua actividade cerca de 2.500 técnicos e cientistas. Esta estação experimental foi, por assim dizer, o cérebro da actividade que se desenvolveu, um pouco, por toda a Alemanha.

Os alemães iniciaram o bombardeamento da área de Londres com a arma V-1, ou bomba voadora, em 13 de Julho de 1944, podendo afirmar-se que não foi conseguida a surpresa estratégica, visto que o serviço de informações britânico tinha conhecimento, desde 1943, que os alemães preparavam uma máquina capaz de transportar uma elevada carga explosiva a grande distância. O próprio primeiro ministro britânico Churchill declarou que: «foi em 22 de Julho de 1943 que nos chegaram informações de que os alemães estavam fazendo na estação experimental de Peenemunde preparativos para lançar sobre o nosso território um engenho cujas características eram as da bomba voadora».

Por este facto, desde Dezembro de 1943 que os ingleses, por intermédio da sua aviação de bombardeamento, procuravam dificultar os preparativos alemães, bombardeando a referida estação experimental e as rampas de lançamento descobertas no litoral francês.

Segundo os cálculos ingleses, estas medidas preventivas tiveram como consequência reduzir para 95 a média de 6.000 bombas diárias que era intenção dos alemães lançar e atrasar o início do lançamento o suficiente para que não fossem perturbados os preparativos da invasão da Europa. daquelas 95 bombas, apenas dois terços atingiram o solo e menos de um terço a área de Londres, em virtude da acção da aviação de caça e da artilharia antiaérea.

## Revista da Cavalaria

A tonelagem de bombas lançadas pelas aviações americana e inglesa ultrapassou 100.000 Ton., tendo sido perdidos nestas operações cerca de 450 aviões de bombardeamento com 2.900 pilotos e tripulantes. Até à conquista de Calais e desde o aparecimento da primeira bomba voadora, só os ingleses gastaram na destruição dos alvos relacionados com ela cerca de 44.000 Ton. de bombas.

Estes números dão bem uma ideia do esforço total dispendido pela aviação de bombardeamento aliada. Esforço útil, porque sem ele, talvez os alemães tivessem conseguido alcançar o que se supõe ter sido o seu objectivo estratégico, que era impedir ou, pelo menos, retardar a invasão da Europa, pela destruição dos portos do sul da Inglaterra e desorganização das comunicações.

Em fins de Setembro do mesmo ano de 1944 começaram a cair na área de Londres os primeiros projecteis V-2.

Ao contrário do que tinha acontecido com a bomba voadora, os projecteis V-2 colheram os ingleses inteiramente de surpresa, e desde logo se mostrou inútil o sistema defensivo organizado nos moldes clássicos.

Com este projectil, os alemães devem ter desejado abater o moral dos ingleses e a sua vontade de prosseguir na luta, e acerca dos efeitos obtidos melhor juízo se fará com a leitura das seguintes palavras, também de Churchill: «Dada a rapidez com que se desloca, superior à velocidade do som, não é possível usar qualquer sinal de alarme para prevenir as populações. Apesar disso, não devemos exagerar os perigos que a nova arma representa. Os seus efeitos ainda não foram de molde a perturbar-nos ou a amedrontar-nos».

Cientes de não haver meio de defesa, os londrinos, filosoficamente, aguardaram que os progressos da invasão da Europa pusessem fim aos bombardeamentos com os projecteis V-2. Findo o conflito, os vencedores disputaram os segredos de guerra alemães, entre os quais se encontravam os que diziam respeito aos novos engenhos, e todos eles procuram aperfeiçoá-los para os tornar mais eficazes.

Como é natural, os estudos realizados têm carácter secreto e, aparte os artigos de vulgarização de todos conhecidos, não é fácil encontrar elementos que permitam fazer um juízo seguro dos progressos conseguidos.

# Revista da Cavalaria

Note-se que isso, até certo ponto, pouco importa porque o estado actual da técnica dos projecteis de reacção não é mais do que um ponto de partida, para além do qual se tem de conjecturar a sua evolução futura.

No estudo que se segue, consideram-se os projecteis de reacção de grande alcance como máquinas capazes de transportar uma determinada carga útil a uma certa distância.

A carga útil pode, em princípio, ser de qualquer natureza e, por este motivo, as possibilidades dos projecteis de reacção serão dadas pelo desenvolvimento que tiverem:

- o sistema de propulsão;
- os métodos para conduzir o projectil sobre o alvo.

O primeiro faz mover o projectil na sua trajectória, dá a esta características especiais e impõe limitações de alcance.

Os segundos permitem guiar o projectil sobre o alvo e contrariar, além das causas de erro comuns a todos os projecteis, os que são resultantes do sistema propulsor que utiliza.

Como é lógico, e isto é muito importante, as vantagens que possam ser conferidas pelo sistema propulsor só serão aproveitadas convenientemente na medida em que melhorarem os processos de condução do projectil sobre o alvo.

Neste estudo encarar-se-ão, no entanto, apenas alguns dos aspectos que se julgam mais essenciais.

## II

### O sistema propulsor

#### 1 — Generalidades

Se um móvel de massa  $M$  animado com uma velocidade  $V$  expele, com uma velocidade  $v$  e num intervalo de tempo

# Revista da Cavalaria

$t$ , um corpo de massa  $m$ , sofrerá um acréscimo de velocidade  $\Delta V$  definido pela igualdade

$$M \cdot \overline{\Delta V} = (\overline{v} - \overline{V}) \cdot m \quad (I)$$

visto que a quantidade de movimento criada pelo móvel  $m$ , animada com a velocidade relativa  $\overline{v} - \overline{V}$  dá origem a uma

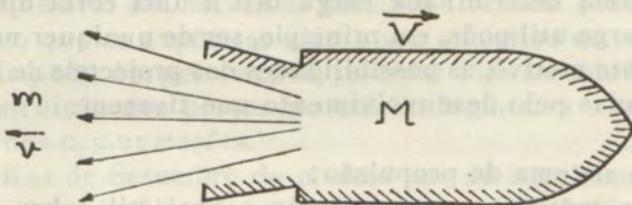


Fig. 1

força que, por reacção, cria para o móvel  $M$  a quantidade de movimento  $M \cdot \overline{\Delta V}$  igual e de sinal contrário.

A força produzida por reacção tem o nome de *impulsão* e o que antecede exprime-se dizendo que a força de impulsão é proporcional ao produto da massa do material expelido num tempo dado pela sua velocidade em relação ao veículo.

O valor desta força de impulsão depende, como se vê, apenas da massa do material expelido, da velocidade do móvel e da velocidade do jacto, como passaremos a designar o material expelido no intervalo de tempo  $t$ .

O jacto não precisa exercer pressão contra coisa alguma, como erradamente se poderia supor. De facto, a interposição de um corpo estranho na trajectória do jacto diminui, como mostra a experiência, o valor da força de impulsão.

Sendo assim, independentemente da menor resistência ao avanço do móvel  $M$ , o movimento realizar-se-á em condições óptimas no vazio, e aproximar-nos-emos, na atmosfera terrestre, tanto mais dessas condições ideais quanto menos densas forem as camadas atmosféricas atravessadas, isto é, há toda a vantagem em que o movimento se efectue nas altas camadas atmosféricas.

# Revista da Cavalaria

$t$ , um corpo de massa  $m$ , sofrerá um acréscimo de velocidade  $\Delta V$  definido pela igualdade

$$M \cdot \Delta V = (\bar{v} - V) \cdot m \quad (I)$$

visto que a quantidade do movimento criada pelo móvel  $m$ , animada com a velocidade relativa  $\bar{v} - V$  dá origem a uma

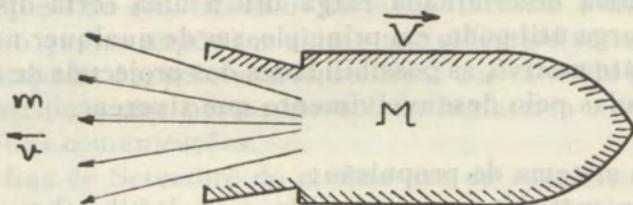


Fig. 1

força que, por reacção, cria para o móvel  $M$  a quantidade de movimento  $M \cdot \Delta V$  igual e de sinal contrário.

A força produzida por reacção tem o nome de *impulsão* e o que antecede exprime-se dizendo que a força de impulsão é proporcional ao produto da massa do material expelido num tempo dado pela sua velocidade em relação ao veículo.

O valor desta força de impulsão depende, como se vê, apenas da massa do material expelido, da velocidade do móvel e da velocidade do jacto, como passaremos a designar o material expelido no intervalo de tempo  $t$ .

O jacto não precisa exercer pressão contra coisa alguma, como erradamente se poderia supor. De facto, a interposição de um corpo estranho na trajectória do jacto diminui, como mostra a experiência, o valor da força de impulsão.

Sendo assim, independentemente da menor resistência ao avanço do móvel  $M$ , o movimento realizar-se-á em condições óptimas no vazio, e aproximar-nos-emos, na atmosfera terrestre, tanto mais dessas condições ideais quanto menos densas forem as camadas atmosféricas atravessadas, isto é, há toda a vantagem em que o movimento se efectue nas altas camadas atmosféricas.

## Revista da Cavalaria

A expressão (I) mostra-nos ainda, supondo que a massa  $m$  do jacto é constante e que  $M$  não varia, que o valor de  $\Delta V$  é proporcional à diferença  $v-V$ , o que nos leva a concluir que o acréscimo da velocidade do móvel será tanto maior quanto maior for a velocidade do jacto.

Quer dizer, a propulsão por reacção baseia o seu funcionamento na satisfação das três condições seguintes:

- deslocamento a elevadas altitudes, nas regiões rarefeitas da atmosfera ou, mesmo, fora da atmosfera terrestre;
- obtenção de elevadas velocidades de jacto;
- aumento da massa do material expelido.

Sob o ponto de vista técnico, o jacto pode ser constituído por substância sólida, líquida ou gasosa. Praticamente, as únicas substâncias que se consideram susceptíveis de produzirem em boas condições jacto com grande velocidade, são as que libertam, pela combustão, um grande volume de gases.

Os motores de reacção aparecem-nos, portanto, como motores térmicos, que permitem combutar as substâncias produtoras de gases e forçar o lançamento destes para o exterior na forma de um jacto com grande velocidade. São constituídos essencialmente por uma câmara de combustão e por um tubo de escape, e caracterizam-se:

- pela força de impulsão capazes de desenvolver a uma determinada velocidade;
- pelo rendimento total, medidos através de um rendimento térmico e de um rendimento de propulsão.

O rendimento térmico é o rendimento de conversão da energia calorífica libertada pelo combustível em energia mecânica disponível para impulsionar os gases. Para cada combustível, depende da pressão e da temperatura de combustão, aumentando à medida que se utilizam combustíveis de maior poder calorífico e for maior a pressão de combustão.

O rendimento de propulsão é medido pela energia mecânica efectivamente utilizada na propulsão. Parte desta energia mecânica é gasta na impulsão do jacto. Como a energia

## Revista da Cavalaria

é proporcional ao quadrado da velocidade, a quantidade da energia perdida diminui à medida que diminui a diferença entre a velocidade do jacto e a velocidade do móvel.

O rendimento da propulsão é igual a um quando o móvel se desloca com a velocidade do jacto.

Em face do enunciado teórico anterior, parece, pois, que a utilização em boas condições dos motores de reacção se resume em fazer deslocar o móvel com a velocidade do jacto e em aumentar esta velocidade com o emprego de combustíveis de mais elevado conteúdo térmico combustos à pressão mais conveniente.

O emprego de combustíveis de conteúdo térmico sucessivamente crescente traz consigo a criação de difíceis problemas de técnica metalúrgica e de refrigeração, que terão de ser, paralelamente, resolvidos.

O deslocamento do móvel às altas velocidades do jacto não parece apresentar dificuldade, desde que o móvel tenha a forma de um projectil, que não depende, no seu movimento, da sustentação oferecida pelas camadas atmosféricas atravessadas. Pelo contrário, o avião necessita dessa sustentação e só será possível tal velocidade desde que sejam vencidas inteiramente as dificuldades encontradas quando a velocidade do avião se aproxima da velocidade do som.

É claro que nada impede que os motores de reacção possam ser empregados como grupo moto-propulsores nos aviões destinados a voar a velocidades mais baixas que aquele valor crítico. Sob o ponto de vista económico, porém, o consumo de combustível é considerado exorbitante quando comparado com os motores de cilindros capazes da mesma velocidade.

Estas dificuldades fizeram criar tipos intermédios de motores de reacção entre o clássico foguete e o vulgar motor de cilindros, podendo reunir-se os motores de reacção que actualmente têm obtido sucesso no quadro seguinte:

- foguete;
- motores de corrente de ar:
  - de combustão contínua;
  - de combustão intermitente;
  - com turbina de gases.

# Revista da Cavalaria

O foguete distingue-se dos motores de corrente de ar por o seu funcionamento não depender do oxigénio atmosférico. O jacto é conseguido apenas à custa do combustível transportado.

Os motores de corrente de ar resultaram da necessidade de utilizar com bom rendimento a propulsão por reacção a velocidades de voo bastante mais baixas, quer diminuindo a velocidade do jacto com a compensação de uma massa de gases maior (obtida à custa do ar admitido), quer eliminando o peso morto do oxigénio com o emprego do oxigénio atmosférico.

Com o foguete é possível obter velocidades superiores aos 4.000 kms./h. Enquanto se não puder ampliar o seu campo de utilização, o foguete tem, na propulsão dos projecteis, um emprego imediato. É, neste aspecto particular, considerado como o motor mais apto, dadas as suas características de velocidade e de independência.

A bomba alemã V-1, que utiliza o motor de combustão intermitente, é um ensaio curioso da aplicação dos motores de corrente de ar na construção de engenhos voadores de pequenas dimensões, capazes de transportar uma carga útil relativamente elevada.

Os restantes motores de corrente de ar não parecem ter sido empregados na propulsão dos projecteis razão por que se não fará deles mais ampla referência.

## 2 — O foguete

O desenvolvimento do foguete é procurado na exploração da sua principal característica — a velocidade.

A possibilidade de atingir com um foguete, rapidamente, uma velocidade máxima de valor muito elevado, faz encarar a propulsão-foguete como um meio de imprimir a um móvel, num lapso de tempo muito curto, uma velocidade tal que lhe permita, depois, sem dispêndio de combustível, vencer uma distância relativamente grande.

Para um mesmo peso de combustível, a distância aumentará com a velocidade máxima, como é evidente, e é, portanto, para a melhoria da velocidade máxima que os investigadores orientam as suas pesquisas.

## Revista da Cavalaria

Abstraindo do meio ambiente, a velocidade máxima depende de dois factores:

- da velocidade do jacto;
- e da relação entre o peso do foguete sem combustível e o peso inicial do foguete.

O aumento da velocidade do jacto como forma de melhorar a velocidade máxima é procurado, como ficou dito, com o emprego de combustíveis de maior energia calorífica.

Quanto ao segundo factor, um aumento de peso do combustível transportado permite que durante mais tempo o móvel fique sujeito à força de impulsão, ou que esta melhore por possibilitar jactos de maior massa.

O primeiro termo da série dos foguetes de reacção de grande alcance com propulsão-foguete foi construído pelos alemães, e ficou conhecido com a designação de V-2. Representa um notável progresso sobre o primitivo foguete, que utiliza na sua propulsão um combustível sólido, tal como a pólvora negra e a cordite.

Aquele projectil emprega a mistura combustível álcool etílico-oxigénio líquido, capaz de produzir um jacto de gases com a velocidade de 2.440 m/s., valor muito superior aos 1.372 m/s. obtidos com a pólvora negra, e com o seu emprego foi possível melhorar para 70% o valor de 40% para a relação dos pesos a que atrás se faz referência.

O dispositivo propulsor tornou-se, todavia, muito mais complexo do que o construído para os foguetes que utilizam combustível sólido. Nestes últimos, consiste simplesmente em dois pequenos compartimentos onde se alojam a carga combustível e a carga útil, respectivamente, e num tubo de escape aberto nas duas extremidades e por meio do qual a massa do combustível comunica com o exterior. O conjunto constitui um corpo cilíndrico, pontegudo, de pequenas dimensões, ligado a uma guia de cana ou a alhetas estabilizadoras.

A câmara de combustão reduz-se a uma cavidade feita na própria massa do combustível, cujas dimensões aumentam, como é óbvio, com a combustão.

## Revista da Cavalaria

Nos foguetes que utilizam combustível líquido, o dispositivo propulsor compõe-se de uma câmara de combustão de dimensões fixas, de dois depósitos, para o transporte de combustível e de comburente, de um ou mais tubos de escape e de bombas de alimentação que fazem comunicar os depósitos de combustível com a câmara de combustão. Com o fim de manter o combustível nos depósitos à pressão conveniente, existe ainda um terceiro depósito onde se transporta um gás inerte sob pressão que comunica com os depósitos referidos.

No projectil alemão V-2, os depósitos de combustível são de uma liga de alumínio, bastante leves, e com a capacidade, cada um, de 3,5 m<sup>3</sup>, onde são transportados à pressão ambiente 5.300 quilos de álcool e 5.000 quilos de oxigénio.

Estes órgãos estão alojados num corpo cilíndrico, de ponta ogival, com 15 m. de comprimento e 1,75 m. de diâmetro, com cerca de 12 Ton, de peso total. A carga explosiva, aproximadamente 1 Ton., é transportada na ponte ogival e é imediatamente seguida dos aparelhos especiais de comando do movimento.

O corpo cilíndrico termina posteriormente por quatro alhetos estabilizadores de grandes dimensões.

As bombas de alimentação são do tipo centrífugo e estão accionadas por uma turbina de gases. Os gases necessários ao funcionamento da turbina são obtidos num gerador apropriado, onde se lançam peróxido de hidrogénio e permanganato de cálcio, contidos em pequenos reservatórios ovais situados junto das bombas.

As bombas de alimentação constituem uma das mais interessantes características de conjunto, sendo a sua concepção mecânica considerada muito perfeita. Muito leves, têm de funcionar a plena carga desde o início para poderem trasfegar e injectar 8,3 Ton. de combustível e comburente, num prazo de tempo que não atinge os dois minutos.



Fig. 2

# Revista da Cavalaria

A construção das bombas permitiu um benefício real no peso do combustível transportado, porque desta forma foi possível guardá-lo nos reservatórios à pressão ambiente, ca-

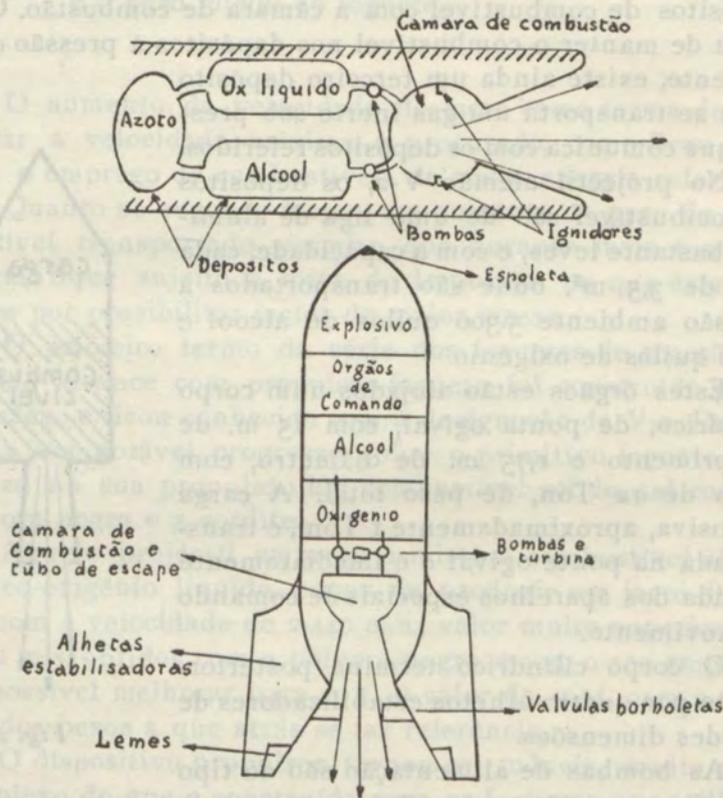


Fig. 3

bendo as bombas lançá-lo na câmara de combustão à pressão necessária. Caso contrário, ter-se-iam de usar depósitos cujas paredes possuíssem espessura suficiente para resistir a pressões elevadas, porque o combustível tem de ser transportado a uma pressão superior à que seria necessária na câmara de combustão. Para um mesmo peso total do foguete, o peso do combustível transportado diminuía desta forma, como é evidente.

# Revista da Cavalaria

Para o seu lançamento, o projectil é colocado verticalmente sobre uma plataforma, cujas dimensões não precisam ser superiores às da base do projectil, podendo servir como plataforma o leito de uma estrada ou pequena área de terreno batido.

Lançados inicialmente no gerador os elementos necessários à produção dos gases que fazem funcionar a turbina,

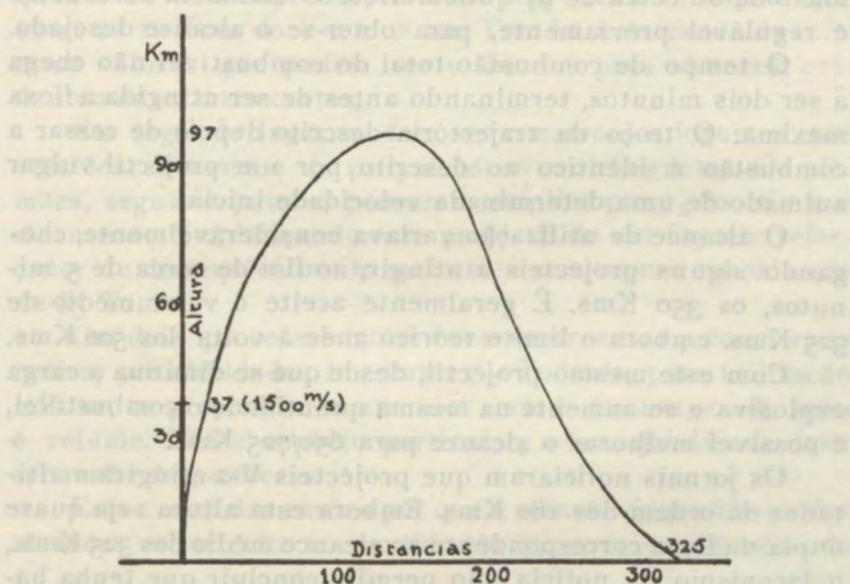


Fig. 4

as bombas de alimentação entram em movimento e lançam a mistura combustível na câmara de combustão. A inflamação da mistura faz-se por processo eléctrico comandado a distância e é mantida também por processo eléctrico, durante todo o tempo em que durar a combustão.

Os gases produzidos, que se escoam pelos tubos de escape em forma de jacto, criam uma força de impulsão de 26 Ton., sob a acção da qual o projectil sobe verticalmente com movimento acelerado, visto que não só diminui o seu peso à medida que o combustível se consome, como vai sendo menor a resistência do ar com a altitude.

## Revista da Cavalaria

Ao fim de cerca de 60 segundos de subida vertical, quando o combustível está quase inteiramente consumido, o projectil atinge uma altura de 35 a 37 quilómetros e uma velocidade de 1.500 m/s.

Neste momento, sob a acção dos maquinismos de comando, que adiante descreveremos, inicia uma trajectória parabólica apontada ao alvo. A velocidade decresce, podendo aceitar-se o valor de 4.800 kms./h. quando é atingida a flexa máxima, de cerca de 97 quilómetros. O termo da combustão é regulável previamente, para obter-se o alcance desejado.

O tempo de combustão total do combustível não chega a ser dois minutos, terminando antes de ser atingida a flexa máxima. O troço da trajectória descrito depois de cessar a combustão é idêntico ao descrito por um projectil vulgar animado de uma determinada velocidade inicial.

O alcance de utilização variava consideravelmente, chegando alguns projecteis a atingir, ao fim de cerca de 5 minutos, os 350 Kms. É geralmente aceite o valor médio de 325 Kms. embora o limite teórico ande à volta dos 500 Kms.

Com este mesmo projectil, desde que se diminua a carga explosiva e se aumente na mesma quantidade o combustível, é possível melhorar o alcance para 650/725 Kms.

Os jornais noticiaram que projecteis V-2 atingiram altitudes da ordem dos 180 Kms. Embora esta altura seja quase dupla da flexa correspondente ao alcance médio dos 325 Kms., o laconismo da notícia não permite concluir que tenha havido de facto um beneficio no alcance. O projectil a que a notícia se refere transportava diversa aparelhagem destinada à recolha de elementos para estudo das altas camadas atmosféricas e com ele se pretendia certamente obter a altitude máxima e não alcance horizontal. É de supor que fosse idêntico aos utilizados pelos alemães, não representando, portanto, um beneficio real.

Porém, outras notícias disseram que os peritos do Exército Americano já construíram um projectil com raio de acção maior que o do V-2, o que foi considerado o primeiro passo no plano traçado para desenvolvimento deste novo meio.

Vejamos rapidamente, à luz dos conhecimentos actuais, alguns dos caminhos que podem ser seguidos para obter maior alcance.

## Revista da Cavalaria

Em primeiro lugar, nada impede, teoricamente, que se construam foguetes de maiores dimensões que o V-2, capazes de transportar maiores quantidades de combustível líquido. Assim, é considerado suficiente construir um projectil de 100 Ton. de peso total, que transporte 70 % do seu peso em combustível, para se poder transportar uma tonelada de explosivos a 4.800 Kms. de distância. Este projectil, que teria uma flexa de cerca de 200 Kms., não passa por enquanto de uma especulação científica, mas a verdade é que entre as 12 Ton. do V-2 e as 100 Ton. há uma escala de infinitos valores que podem ser utilizados para alcances, evidentemente, mais curtos.

Em segundo lugar, podem ser construídos foguetes com escalões sucessivos de propulsão ou multifoguetes. Os alemães, segundo parece, pensaram ampliar para 4.800 Kms. o alcance do V-2, lançando este projectil de um foguete reforçador de dimensões muito maiores e com o peso aproximado de 85 Ton.

Os dois processos anteriores representam, como tudo indica, possibilidades imediatas<sup>(1)</sup>. Todavia, para utilização militar, os projecteis construídos teriam um exagerado peso e volume. Neste aspecto particular, a manejabilidade deve ser razão de ponderar.

Esta é uma das razões por que a solução do problema dos alcances se orienta no sentido de procura e utilização de

---

(1) Göring afirmou, depois da sua prisão pelos aliados, que as cidades americanas da costa leste seriam bombardeadas por projecteis foguetes se a guerra continuasse por mais dois anos.

Esta afirmação leva-nos a supor que os alemães encaravam em curto prazo a possibilidade de solucionar o problema dos alcances; resta saber se a solução seria obtida aproximando do continente americano as bases de lançamento (por meio de submarinos p. e.), ou se depositavam esperanças em obter uma melhoria efectiva no alcance.

O «Wac Corporal» multifoguete de realização americana, que em recentes experiências atingiu 400 kms. de altura, é um caso concreto do progresso na construção de projecteis foguetes.

O «Wac Corporal» é constituído por um foguete V-2, que tem acoplado na parte anterior um outro cujo peso não excede 350 quilos. Este segundo foguete beneficiou da velocidade inicial do foguete reforçador (V-2), crendo-se que atingiu a velocidade fantástica de 8000 kms./h.

## Revista da Cavalaria

combustíveis de maior poder calorífico, solução que, aliás, teoricamente, é considerada como a mais conveniente, como vimos.

Por exemplo, um projectil V-2 que usasse a mistura combustível hidrogénio líquido — oxigénio líquido, que produz um jacto de gases com a velocidade de 3.350 m/s, poderia ter alcances da seguinte ordem de grandeza:

- para transportar 2 Ton. de explosivo..... 480 Kms.
- para transportar 1 Ton. de explosivo..... 640 Kms.
- para transportar 0,5 Ton. de explosivo..... 800 Kms.

O emprego de combustíveis que libertam maior energia calorífica cria, porém, dificuldades subsidiárias. O ganho na velocidade será fictício se não se estudarem, como já frisámos, dispositivos de refrigeração eficientes e leves e não se empregarem metais capazes de resistir a temperaturas superiores sem que seja necessário dar às paredes da câmara de combustão e do tubo de escape espessuras exageradas, que implicariam aumento de peso.

Não podemos, no entanto, deixar de reconhecer que a técnica da propulsão foguete se encontra ainda no seu início e que não será de aceitar, dado o elevado nível científico actual, que as dificuldades que a metalurgia tenha de vencer sejam de molde a estabelecer um limite na possibilidade de empregar combustíveis cada vez mais potentes.

A primeira etapa do desenvolvimento da propulsão foguete, que foi a substituição dos combustíveis sólidos por combustíveis líquidos, já foi vencida. Pode augurar-se, sem que isso pareça audácia demasiada, que a próxima etapa será a substituição dos combustíveis líquidos por combustíveis atómicos.

Se isso acontecer, talvez se reconheça não ser fantasia afirmar-se, como o fazem os entusiastas da propulsão foguete, que as velocidades resultantes do jacto seriam de muitos milhões de quilómetros horários e que o limite teórico dessas velocidades seria a velocidade da própria luz. Resultariam, portanto, alcances praticamente ilimitados, vencidos em intervalos de tempo inconcebivelmente curtos.

# Revista da Cavalaria

## 3— O motor de combustão intermitente:

O motor de combustão intermitente foi inventado pelos alemães quando construíram a bomba voadora V-1.

Consiste numa câmara de combustão fechada na parte anterior por uma grelha e prolongada na parte posterior por um tubo de escape com cerca de 3 m. de comprimento.

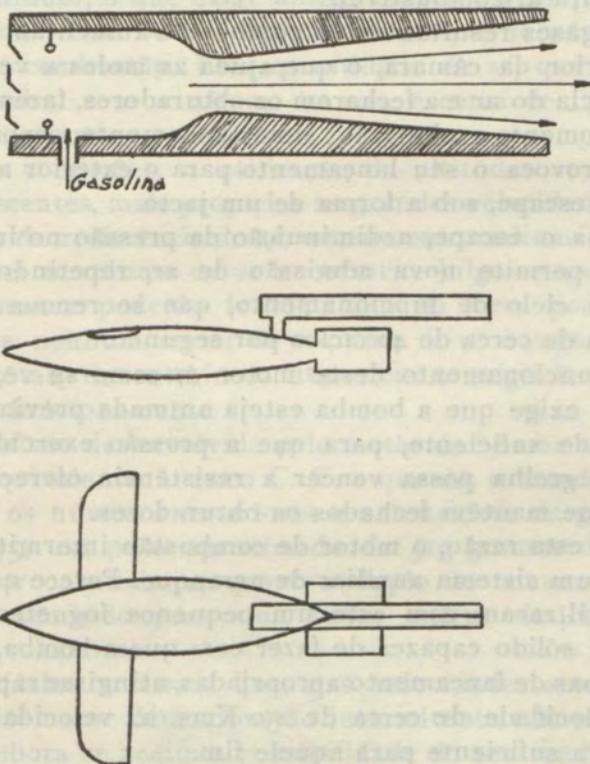


Fig. 5

Os orifícios da grelha estão permanentemente fechados por meio de obturadores comandados por molas colocadas na face interna da grelha.

Utiliza como combustível a gasolina, que é contida num depósito transportado num corpo fusiforme com 6<sup>m</sup>,65 de comprimento, munido de asas com a envergadura de 4<sup>m</sup>,90.

## Revista da Cavalaria

O motor está ligado à parte superior do corpo fusiforme e no terço posterior, ficando o tubo de escape saliente cerca de 1 m., o que dá ao conjunto o comprimento de 7<sup>m</sup>,65.

O ar penetra na câmara de combustão pelos orifícios da grelha, e depois de vencer a acção das molas que primem os obturadores, é misturado com a gasolina que vem directamente do depósito por aspiração. Varetas de ignição colocadas ao rubro no momento da largada provocam a inflamação da mistura ar-combustível.

Os gases resultantes da combustão aumentam a pressão no interior da câmara, o que ajuda as molas a vencerem a resistência do ar e a fecharem os obturadores, fazendo cessar nesse momento a admissão; simultaneamente a expansão dos gases provoca o seu lançamento para o exterior através do tubo de escape, sob a forma de um jacto.

Após o escape, a diminuição da pressão no interior da câmara permite nova admissão de ar, repetindo-se desta forma o ciclo de funcionamento, que se renova com uma cadência de cerca de 40 ciclos por segundo.

O funcionamento deste motor é, como se vê, intermitente, e exige que a bomba esteja animada previamente da velocidade suficiente, para que a pressão exercida pelo ar sobre a grelha possa vencer a resistência oferecida pelas molas que mantêm fechados os obturadores.

Por esta razão, o motor de combustão intermitente precisa de um sistema auxiliar de arranque. Parece que os alemães utilizaram com este fim pequenos foguetes de combustível sólido capazes de fazer com que a bomba, colocada em rampas de lançamento apropriadas, atingisse rapidamente uma velocidade de cerca de 250 Kms./h., velocidade que se considera suficiente para aquele fim.

A bomba V-1 transportava uma tonelada de explosivo, alojada na parte anterior do corpo da bomba e dispunha de um dispositivo de comando automático que actuava sobre lemes de direcção e de profundidade, de organização análoga aos grupos-piloto automáticos utilizados pelos aviões. Tem um alcance de 250 Kms. e uma altitude de utilização que variava de 100 a 1.500 m.

O carácter intermitente do jacto fez considerar este motor de fraco rendimento a baixas velocidades, embora os

## Revista da Cavalaria

alemães tivessem conseguido obter o seu funcionamento em condições aceitáveis nas velocidades da ordem dos 650/700 Kms./h. O rendimento aumenta com a velocidade e, embora o funcionamento da grelha se ressinta quando a velocidade se aproxima da velocidade do som, julga-se que para velocidades super-sónicas o jacto pode ser contínuo e proporcionar uma elevada força de impulsão.

Calcula-se em 11,4 litros o consumo médio de combustível por minuto, o que exige aproximadamente 28 quilos de oxigénio, que tem de ser obtido no ar que se admite na câmara de combustão. Esta quantidade de ar, que cresce, como se sabe, com a altura do voo, é cerca de 142 m<sup>3</sup> a 1.500 m. de altura.

Nestas condições, a utilização de altitudes sucessivamente crescentes, mais propícias às grandes velocidades pela diminuição da resistência do ar, tornará extraordinariamente considerável o volume de ar necessário. Julga-se que essas altitudes nunca poderão ir além dos 80 Kms. porque se admite que nenhum motor de corrente de ar é capaz, a tão elevadas cotas, de extrair da atmosfera o oxigénio preciso para o seu funcionamento.

A impulsão desenvolvida pelo motor da bomba voadora V-1 era equivalente a 1.000 C. V. o que dá, tomando como referência os números anteriores e a densidade da gasolina igual a 0,75, um peso aproximado de 513 gramas de combustível por cavalo/hora, quase o duplo do consumo normalmente admitido para um motor vulgar de cilindros (250 grs./cavalo/hora).

Estes factos mostram que, nas velocidades actuais de utilização, o motor de combustão intermitente não é económico, e embora se aceite a possibilidade do seu rendimento melhorar nas velocidades super-sónicas, o tecto praticável tem um limite superior de 80 Kms., o que força o seu uso nas regiões mais densas e, portanto, mais resistentes.

A avaliação exacta das possibilidades dos motores deste tipo está, por consequência, dependente da inteira resolução do problema da barreira sónica. No entanto, não se deixa de frisar que as bombas voadoras estão subordinadas à atmosfera terrestre, e que o seu desenvolvimento será paralelo ao dos aviões. Isto é, serão aviões automáticos capazes de serem

## Revista da Cavalaria

destruídos por outros aviões, e que estarão numa situação de inferioridade perante uma defesa antiaérea que utilize meios mais velozes, como serão sempre os foguetes anti-aéreos.

Os alemães chegaram a construir um tipo aperfeiçoado da bomba V-1 a que deram a designação de V-4. Este modelo era de maiores dimensões e era conduzido durante a parte inicial da sua trajectória por um piloto, que se lançaria em paraquedas depois de ter convenientemente dirigido a bomba sobre o alvo.

Antes de terminar este capítulo, convém referir ainda que são correntemente designadas por bombas voadoras, bombas de aeronáutica providas de superficies alares, rebocadas ou transportadas pelos aviões, e que a mesma designação pode ser dada, com certa propriedade, aos aviões sem piloto, cuja carga seja explosiva.

(Continua)



A red-ink illustration depicting a busy scene. In the foreground, a person is riding a motorcycle. In the background, there is a boat on the water, several people, and a sign that reads 'C.T.M.' with an arrow pointing left. The scene is set outdoors with trees and buildings.

# Organização

(Fórmula universal)

pelo Cap. de Eng. VITORINO M. ESPARTEIRO

### III

## Um organismo artificial: A divisão normal

**D**e um modo geral, as actividades militares têm como objectivo supremo a destruição ou captura dos meios inimigos. Pode dizer-se, como no caso do corpo humano, que a função do organismo militar é a vida e a luta, ou melhor, que ele vive para lutar.

Estudemos então, a traços largos, a organização e funcionamento da Div. N. e vejamos até que ponto se pode verificar a identidade de conceitos naturais e artificiais — identidade essa deduzida da experiência e da observação — e em que medida é lícito prever ou admitir a convergência ou paralelismo das leis e princípios que regem os dois organismos.

O nosso estudo levar-nos-á então, de um lado, à exposição de conhecimentos já fixados definitivamente pelo Homem, doutro, à admissão de elementos que a lógica e o instinto — à falta de auxiliares mais firmes — nos impelem a aceitar irresistivelmente, sem constrangimentos.

# Revista da Cavalaria

Como premissa, e dada a identidade de funções — viver e lutar — haverá que admitir, no organismo militar, a existência de órgãos com funções análogas às dos órgãos do corpo humano e com funcionamentos obedecendo a leis e princípios comuns.

A nossa exposição irá, pois, incidir nesses pontos, sem a preocupação ou desejo de penetrar a fundo no campo militar, mas tão somente com o fito de vincar, em presença do organismo natural já estudado e de uma organização artificial já estabelecida, a comunidade de ideias indicadas a quando do primeiro estudo.

De acordo com o exposto, e assente previamente, por indiscutível, a existência, na Div. N., de um Comando, de órgãos da força e do movimento (Armas) e daqueles órgãos necessários à vida e luta de qualquer organismo (Serviços), vejamos:

## I.<sup>a</sup> Questão — *Finalidade.*

Dentro do objectivo geral assinalado ao organismo militar — destruição ou captura dos meios inimigos — a Div. N. concorre com a sua cota parte para a finalidade comum.

À semelhança do corpo humano, a Div. N. é um organismo dotado dos meios que lhe permitem a vida e a luta dentro das suas possibilidades e, muitas vezes, daquelas que lhe são emprestadas por unidades similares e superiores e pelo meio exterior.

«A Divisão (Div.) unidade fundamental da ordem de batalha, grande unidade no interior da qual se combinam as acções das diversas armas e que possui os elementos dos serviços necessários para satisfação das suas necessidades imediatas;

A Divisão é a primeira Grande Unidade capaz de, com os seus próprios recursos, poder conduzir uma acção de certa importância, tendo, porém, um campo de acção restrito e uma capacidade de esforço limitada. Tem composição fixa e nela entram, além das tropas das diferentes armas, os elementos dos serviços necessários». (R. S. C.)

«I.º — A Divisão é a Grande Unidade de combate com uma composição orgânica fixa que lhe dá uma verdadeira *personalidade*; são-lhe aplicáveis de um modo particular, as considerações de ordem psicológica e humana.

2.º — A Divisão é organizada para poder viver e combater isoladamente, mas as suas unidades orgânicas apenas lhe permitem fazer

# Revista da Cavalaria

face a certas fases da batalha; exige muitas vezes reforços em meios de que se acha desprovida (carros e forças aéreas, por exemplo) ou insufficientemente dotada (artilharia e engenharia principalmente), reforços que o seu enquadramento lhe permite absorver facilmente.

4.º — A Divisão é a Grande Unidade no interior da qual se faz a combinação das armas, principalmente da Infantaria, dos Carros e da Artilharia.

Daqui resulta que, para ela, os problemas se reduzem sempre a montar sistemas de fogos.

5.º — Em virtude da obrigação em que se encontra, de combinar as acções das armas, a Divisão não é capaz de mais do que uma missão num dado momento;

Ela é a bem dizer a unidade base das combinações tácticas do Comando» (*Curnier*).

## 2.ª Questão — Meios.

Como no organismo humano:

- A) — Órgãos de comando;
- B) — Órgãos de execução.

### *Órgãos de comando.*

A considerar:

- 1 — Órgãos de Comando de organismo, ou da vida de relação;
- 2 — Órgãos de comando subordinados, ou da vida orgânica.

*Os órgãos de Comando do organismo* — no seu conjunto, o *Comando* — presidem à vida de relação, isto é, às manifestações do organismo, ou de qualquer órgão ou grupos de órgãos trabalhando em proveito imediato do Comando, frente ao meio exterior.

Para o seu exercício dispõe o Comando, a exemplo do que sucede no corpo humano de órgãos auxiliares directos e de dois serviços de transcendental importância: Informações e Transmissões da vida de relação.

# Revista da Cavalaria

O Comando, sendo a cabeça do organismo, deverá merecer do Homem cuidados de protecção semelhantes aos que lhe são naturalmente assegurados no corpo humano.

Sob a rubrica geral «Quartel General da Divisão» os órgãos de Comando compreendem essencialmente:

a) — O *Comando* propriamente dito (cabeça do organismo) com:

— *Comandante da Div.;*

— *Estado Maior* (E. M.), que é o órgão auxiliar directo do Comandante;

— *Comandos das Armas e Chefias de Serviços*, que são comandos imediatamente subordinados ao Comando e seus auxiliares directos no que diz respeito à actuação dos órgãos especiais que dirigem: órgãos do movimento e da força (Armas) e Serviços.

Assim teremos:

Comandos das Armas de:

Infantaria;

Artilharia;

Engenharia;

(<sup>1</sup>).

Chefias dos Serviços:

de Artilharia;

de Saúde;

Veterinário;

de Trém.

---

(<sup>1</sup>) Existe ainda na Div., como não poderia deixar de ser, o comando de um dos seus órgãos componentes (a Cavalaria), mas ele não faz parte do Comando, certamente porque aquela Arma, actuando muitas vezes a grandes distâncias, precisa de ter o seu comando próximo — o que não significa que ele seja independente.

# Revista da Cavalaria

b) — Órgãos e elementos auxiliares complementares: formação, destacamento de polícia, pessoal adjunto, etc.

Os *órgãos de comando subordinados* encontram-se espalhados por toda a Div., atribuídos a todos os *órgãos* componentes, com certa autonomia, mas sempre sob a direção superior do Comando.

Para o seu exercício é imprescindível a colaboração dos serviços já apontados no corpo humano: Informações e Transmissões da vida orgânica.

## *Órgãos de execução.*

### 1 — *Órgãos do movimento e da força.*

São aqui, como dissemos, as Armas:

- Infantaria;
- Artilharia;
- Cavalaria;
- Engenharia.

Cada uma delas tem os seus processos de luta ou trabalho próprios e do seu valor individual e do grau de intimidade da sua vida de relação orgânica depende em grande parte o valor do organismo. Se um *órgão* é fraco, o trabalho do conjunto sofrerá quebra de vigor e eficiência — quiçá fracasso — e, reciprocamente, as manifestações de fraqueza do organismo são muitas vezes reflexo da insuficiência dos *órgãos* componentes.

### 2 — *Serviços.*

São os *órgãos* que asseguram a vida e a luta da Div.

Eles compreendem, obviamente, serviços semelhantes aos já apontados no estudo do corpo humano — nutrição, transportes, sistema nervoso — imprescindíveis a qualquer organismo natural ou artificial, e mais aqueles que, inexistentes no organismo natural por virtude da sua

# Revista da Cavalaria

própria perfeição, terão de existir no organismo artificial por exigências da vida em comum ou das imperfeições humanas.

Temos:

- Serviço de Transmissões;
- Serviço de Artilharia;
- Serviço de Saúde;
- Serviço Veterinário;
- Serviço de Subsistências;
- Serviço de Trém (Transportes).

*O serviço de Transmissões*, como o seu similar no corpo humano — sistema nervoso — assegura o exercício do comando em todos os graus do organismo militar, contribuindo assim para a *ligação* — e daí a sua excepcional importância para a vida do organismo artificial de que faz parte, tal qual o sistema nervoso para o corpo humano (1).

Há aqui igualmente lugar para a distinção entre as Transmissões à disposição imediata do Comando (Transmissões da vida de relação) e as Transmissões à disposição imediata dos órgãos subordinados (Transmissões da vida interna ou orgânica) que possuem certa autonomia, mas sem deixarem de estar dependentes de um órgão central do Comando (2).

*O serviço de Artilharia*, surge em virtude da necessidade de alimentar o combate (fogo) das Armas da Div. e de manter os seus meios de fogo.

*Os serviços de Saúde e Veterinário* surgem em virtude da necessidade da conservação dos meios, respectivamente, em pessoal e animal.

*O serviço de Subsistências*, como o seu similar no corpo humano — nutrição — tem a seu cargo a alimentação dos componentes vivos da Div.

---

(1) Um chefe sem transmissões fica cego e desarmado; nada vê e nada pode (Tenente-Coronel Langlois).

(2) Na Div., como no corpo humano, há por vezes dificuldade — e até impossibilidade — de destringer nitidamente as duas modalidades de Tms., tal a interligação e inseparabilidade que entre elas existem.

# Revista da Cavalaria

O serviço de Trém (Transportes), à semelhança do que sucede no corpo humano, compreende:

a) — Transportes de interesse geral, e, portanto, accionados directamente pelo Comando;

b) — Transportes privativos de órgãos ou grupo de órgãos, accionados por comandos subordinados, e que comportam:

— Transportes de abastecimento, que levam os alimentos a todo o organismo e

— Transportes de evacuação de todos os materiais desnecessários ou prejudiciais à vida dos órgãos, visando a sua ulterior utilização, recuperação ou eliminação.

Por último, não deve ser esquecido aquele serviço — Informações — cuja transcendente e vital importância foi devidamente assinalada a quando do primeiro estudo.

Nenhum organismo ou actividade as pode dispensar.

Dentro em pouco falaremos delas de um modo que mostrará flagrantemente a altura a que também foram colocadas no organismo militar.

Analizados assim, rapidamente, os meios da Div., dediquemos um pouco mais de atenção aos principais meios do Comando.

O Comando, representando na Div. a cabeça do organismo humano, tem uma organização em tudo semelhante a ela: um Comandante rodeado de órgãos auxiliares directos (E. M. e comandos especializados), todos alojados no mesmo Corpo de Comando, e tendo à sua disposição imediata, como elementos imprescindíveis para o exercício do Comando, os órgãos necessários para a obtenção das Informações e das Transmissões, sem as quais nenhum organismo ou actividade pode viver e, muito menos, lutar.

O Comandante da Div. tem como função principal comandar superiormente o seu organismo. Nele devem residir, no mais alto grau, aqueles atributos que fazem o verdadeiro Chefe, capaz de exercer a função de comando na sua máxima amplitude e eficiência: saber, inteligência, juízo, memória, carácter, instinto...

A noção de Comando, tão naturalmente apresentada no corpo humano e por vezes tão mal interpretada nas actividades humanas, deve pressupor o mando com a colaboração de um certo número de auxiliares, os quais devem igualmente possuir, ainda que mais atenuados, os atributos do chefe, pois o Comando é um bloco indivisível.

# Revista da Cavalaria

A simples exposição da tarefa que impende sobre um Comandante é suficiente para reforço da necessidade daquela colaboração.

Vejamos as suas principais atribuições:

- a) — Exercer o comando superior de todas as forças sob as suas ordens, assegurando o exacto cumprimento de todos os regulamentos, instruções e disposições em vigor;
- b) — Dirigir as operações das suas tropas segundo determinações do comando de que directamente dependam, usando, quando se torne necessário, da sua iniciativa para fazer convergir os seus esforços para o fim comum;
- c) — Prover às necessidades das suas tropas, dirigindo superiormente os serviços que dele dependam, provocando da parte do comando imediatamente superior as providências que julguem indispensáveis e prescrevendo, em caso de urgência, por sua iniciativa e sob a sua responsabilidade, as medidas que julguem convenientes (R. S. C.).

Não esquecer que um chefe deve ser um bom administrador, isto é, deve *prever, organizar, comandar, ligar e fiscalizar*.

O Estado Maior é o elo de ligação entre o Comandante e os órgãos de execução.

O Estado Maior (E. M.) é um órgão auxiliar do Comando por intermédio do qual este exerce a sua acção (R. S. C.).

Chefiado pelo Chefe do Estado Maior — auxiliar imediato do Comandante — tem a seguinte organização:

## Divisão encorporada

(O caso mais geral)

Órgão	Trabalho	Chefe
1. <sup>a</sup> Repartição	Operações ( <i>actuação das Armas</i> ) Informações	Major C. E. M.
2. <sup>a</sup> Repartição	Serviços ( <i>actuação dos Serviços</i> ) Organização	Major C. E. M.
Secção	Correspondência ( <i>uma forma de ligação</i> )	Cap. ou sub. C. E. M.

# Revista da Cavalaria

## Divisão isolada

Orgão	Trabalho	Chefe
1. <sup>a</sup> Repartição	Operações ( <i>actuação das Armas</i> )	Ten. Cor. C. E. M.
2. <sup>a</sup> Repartição	Serviços ( <i>actuação dos Serviços</i> ) Organização	Major C. E. M.
3. <sup>a</sup> Repartição	Informações	Major C. E. M.
Secção	Correspondência ( <i>uma forma de ligação</i> )	Cap. ou sub. C. E. M.

O exame dos quadros mostra a importância extraordinária atribuída às Informações, mormente num organismo não incorporado.

A conhecida regra da divisão do trabalho tem aqui inteira aplicação: vê-se o imenso trabalho do Comandante *repartido* por órgãos devidamente dirigidos.

Os Comandantes das Armas e os Chefes dos Serviços são outros dos auxiliares imediatos do Comandante da Div.

Acompanhando de perto este, são os seus consultores técnicos no que diz respeito a assuntos que se prendem com a actuação do órgão que dirigem, possuem certa autonomia, mas, à semelhança do que sucede no corpo humano, a sua acção individual não se entende sem a sua integração no trabalho do conjunto, isto é, sem a sua ligação ao pensamento do Comandante e do seu órgão auxiliar mais íntimo (E. M.).

### 3.<sup>a</sup> Questão — *Funcionamento.*

#### 1.<sup>a</sup> Sub-questão — *Funcionamento de um órgão isolado (Lei egoísta).*

As regras e princípios que regem o funcionamento dos órgãos constam de várias publicações: regulamentos, instruções, etc.

# Revista da Cavalaria

A semelhança do que sucede no corpo humano, um órgão isolado pode ser obrigado a actuar por virtude de solicitações:

- Do meio exterior: necessidade de ocação de determinados pontos importantes para a sua actuação futura, de repelir meios inimigos, etc.;
- Do meio orgânico: necessidade de melhoria de condições de vida e conservação, de ocupação de determinadas zonas para uma melhor protecção, etc.;
- Psíquicas, geradas no próprio Comando: necessidade de uma melhor adaptação do órgão às ideias directrizes daquele, de uma disposição adequada para a protecção de unidades próximas, etc. (1).

As actuações podem então ser determinadas pelo Comando, directamente ou por intermédio de um comando subordinado, ou por iniciativa deste, mas, em qualquer hipótese, a mecânica do funcionamento pode sintetizar-se assim:

Pesq. Inform. — Informações — Decisões — Ordens — Actuações

(Órgão)                      (Im. centrip.)              (Comando)      (Tm. centrif.)              (Órgão)

A vida e actuação das Armas, como no corpo humano, requerem a colaboração de Serviços e, muitas vezes, de outras Armas.

Duas condições prévias devem ser postas para que o órgão trabalhe nas melhores condições de economia e rendimento:

- Libertá-lo de tudo que seja desnecessário ou prejudicial à sua actuação;

---

(1) Note-se que as alterações produzidas no meio exterior ou orgânico — denunciadas pelas informações — nem sempre dão origem a ordens para a actuação.

O Comando está, pois, sendo informado a todo o momento, mas as actuações só são determinadas quando aquele as julgar oportunas.

# Revista da Cavalaria

— Limitar o seu esforço e velocidade de funcionamento às suas possibilidades intrínsecas e de relação — que todo o Chefe deve conhecer — e só excepcionalmente e por curto período, exigir dos órgãos uma tarefa que exceda as suas possibilidades normais.

Como no corpo humano :

*Cada órgão deve ter uma forma (dispositivo), constituição, localização e funcionamento perfeitamente ajustados à missão que lhe for conferida.*

2.<sup>a</sup> Sub-questão — *Funcionamento de um órgão em relação aos outros órgãos da Div. (Leis da relação orgânicas).*

As regras e princípios gerais do funcionamento constam igualmente de várias publicações.

O trabalho de cada órgão do corpo humano tem naturalmente fixados um espaço, um tempo e um sentido bem definidos.

Nada foi entregue ao acaso, como nada deverá ser entregue ao acaso nas actividades humanas, e, por isso, há que aplicar os conceitos naturais à actividade militar :

1 — *Um lugar para cada trabalho.*

*Corolário — Dois trabalhos diferentes não se devem sobrepor no mesmo lugar.*

2 — *Um trabalho (cumprimento de missão, etc.) deve seguir uma linha bem definida, sem desvios nem hesitações.*

3 — *Cada trabalho: um comando, um espaço, um tempo.*

# Revista da Cavalaria

3.<sup>a</sup> Sub-questão — *Funcionamento da Div. em relação ao meio exterior (Leis da vida da relação).*

As regras e princípios gerais do funcionamento constam igualmente de várias publicações. Dois casos a encarar:

- 1 — Div. isolada;
- 2 — Div. incorporada.

## *Div. isolada*

De um modo geral, as considerações da 1.<sup>a</sup> Sub-Questão podem ser aqui aplicadas. Não há então que entrar em linha de conta com a vida da relação orgânica.

## *Div. incorporada (o caso mais geral).*

As considerações da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Sub-Questões têm então aqui inteira aplicação.

Na sua vida de relação a principal actividade da Div. é a luta contra organismos semelhantes e contra o meio, mas, para que ela seja empreendida nas melhores condições de rendimento e eficiência para o organismo, é necessário associar à ideia de luta uma série de problemas naturalmente resolvidos no corpo humano: *alimentação, repouso e conservação, movimento, informações...*

Como no organismo natural, em três situações se pode encontrar a Div. em relação ao meio exterior:

- Estacionamento;
- Marcha e
- Luta ou trabalho.

*Em estacionamento* haverá então que resolver, como mais importantes, problemas de *repouso e conservação* e de *alimentação*.

Eventualmente, poderão surgir problemas de força, desde que qualquer ameaça próxima — denunciada pelas informações — obrigue à adopção de medidas de prevenção (segurança).

# Revista da Cavalaria

Em resumo, temos:

- Problemas de *repouso e conservação*;
- Problemas de *alimentação*;
- Problemas de *informações* e
- Eventualmente, problemas de *força (segurança)*.

*Em marcha* haverá que encarar:

- Problemas de *movimento*;
- Problemas de *alimentação*;
- Problemas de *informações* e
- Eventualmente, problemas de *força (segurança)*.

*Em luta ou trabalho* teremos:

- Problemas de *força (luta e segurança)*;
- Problemas de *alimentação*;
- Problemas de *informações* e
- Problemas de *movimento*.

Podemos então afirmar que os problemas a resolver na vida e luta do organismo militar são:

- Problemas de *força*;
- Problemas de *alimentação*;
- Problemas de *repouso e conservação*;
- Problemas de *movimento* e
- Problemas de *informações*

com predomínio para o problema da força, pois a finalidade principal do organismo militar é a luta e o conseqüente triunfo.

Todos estes problemas, naturalmente resolvidos no corpo humano, têm de ser igualmente resolvidos pelo Comando.

Encaremos, como principal, o problema da força.

Para o resolver não pode o Comando dispensar-se de encarar as três etapas da organização do trabalho:

1.<sup>a</sup> — *Missão da Div.* e, complementarmente, do sistema superior de que dependa, dos sistemas concorrentes e, se possível, do sistema inimigo oposto.

# Revista da Cavalaria

E como uma acção deve ser situada no espaço e no tempo e, normalmente, contrariada por uma força de opposição inimiga, há que possuir informações sobre :

- O meio exterior (em especial o *terreno*) visando o conhecimento das facilidades e dificuldades que o mesmo oferece à acção da Div. ou à força de opposição inimiga ;
- As possibilidades inimigas: meios, sua natureza e dispositivo a enfrentar pela Div., situação dos seus órgãos componentes (com especial atenção para os seus órgãos de Comando), acções prováveis, etc.

2.<sup>a</sup> — *Meios* com que conta para o cumprimento da missão (orgânicos e, possivelmente, de reforço) e suas possibilidades.

3.<sup>a</sup> — *Funcionamento* dos órgãos e de todo o organismo para o desempenho da missão, em que deve prever o funcionamento de :

- Cada órgão ;
- Os órgãos na vida de relação orgânica e
- O organismo frente ao meio exterior,

para a modalidade de acção que se apresenta.

É aqui que o Comando marca a sua *personalidade*.

Em resumo: em face da *missão* da Div., o Comandante tem de *decidir* a actuação do seu organismo, depois de atenta análise das *facilidades* e *dificuldades* oferecidas à sua acção e à inimiga, pelo meio exterior (em especial o *terreno*), dos *meios* ao seu dispor (orgânicos e, possivelmente, de reforço) e das *possibilidades de acção inimigas*, denunciadas pelas *informações*.

O que é resolvido natural e harmoniosamente no organismo humano, será aqui objecto de *Planos*, elaborados pelo Comando, com vista ao funcionamento da Div. e dos seus órgãos componentes.

Lógicamente esses Planos serão :

Plano de emprego das Armas — *Plano de manobra* ;

*Plano de emprego dos Serviços* ;

*Plano de ligação* e

*Plano de informações*.

# Revista da Cavalaria

Elaborados estes, são depois transmitidos aos órgãos de execução, sob a forma de *Ordens*, com a seguinte correspondência :

Plano de manobra — *Ordem de Operações (1.ª Parte)*;

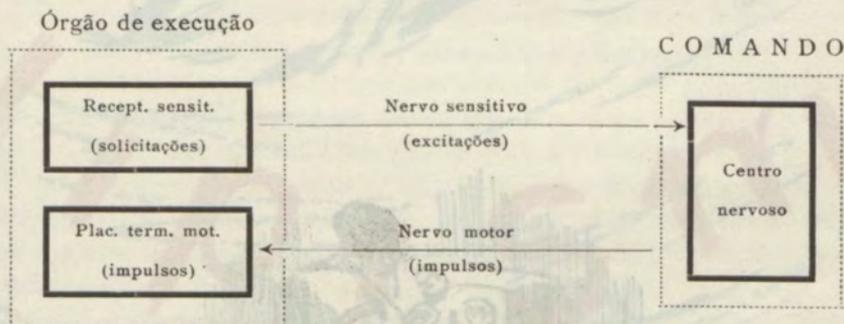
Plano de emprego dos Serviços — *Ordem de Operações (2.ª Parte)*;

Plano de Ligação — *Ordem de ligação* e, como consequência, *Ordem de Tm.*;

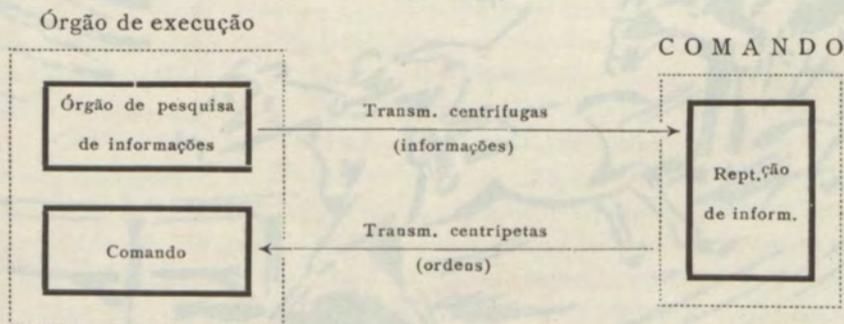
Plano de informações — *Ordem para a pesquisa de informações.*

Note-se uma vez mais a perfeita similitude entre o natural e o artificial :

## NATURAL



## ARTIFICIAL



# Revista da Cavalaria

Repetimos: Os princípios e regras da organização do trabalho (empresa, exploração agrícola, acção militar, etc., etc.) nada têm de complexo ou misterioso. São antes um conjunto de preceitos simples e claros a aplicar com bom senso e, simultâneamente, sem exageros.

Aquele que sabe organizar devidamente a sua actividade pessoal, está nas melhores condições para organizar a sua vida de relação (actividade social) — o mesmo é dizer que saberá concorrer para a harmonia de funcionamento do organismo a que pertence (classe, aglomerado humano, etc.) e daquele mais vasto a que todos pertencemos:

## A NAÇÃO





# HIPISMO



## SUMÁRIO

Esclarecendo ...

Capitão Reymão Nogueira

**Gabinete do Veterinário:**

Assistência aos cavalos de desporto

Capitão Vel. Nunes Salvador





# SUMÁRIO

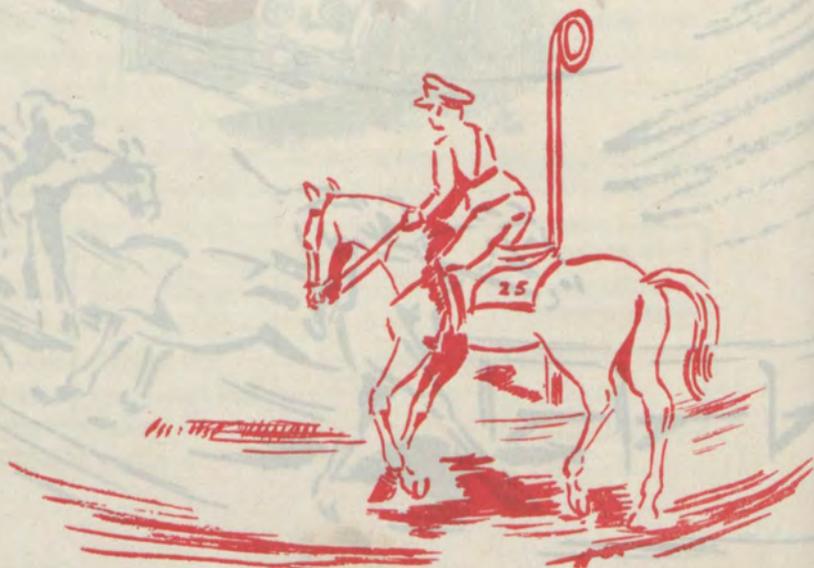
Esclarecendo ...

Capitão Reymão Nogueira

**Gabinete do Veterinário:**

Assistência aos cavalos de desporto

Capitão Vel. Nunes Salvador



# Esclarecendo...

Na arte equestre, todas as nações têm regras e princípios, que diferem mais ou menos; o que é bom nesta é de rejeitar naquela. A moda e uma espécie de bom tom, introduzirem máximas particulares, que são consequência da superficialidade e do ridículo de se distinguir; e a vaidade as gerou, a vaidade as sustenta e para corrigir esse defeito é necessário viajar muito, comparar muito, ter uma grande ânsia de se instruir e critério suficiente para julgar.

Adam von Weyrother

Equitador da Casa de Áustria em 1789

pelo Capitão REIMÃO NOGUEIRA



No último número da *Revista da Cavalaria*, o Sr. capitão Valadas Júnior faz, a propósito das últimas olimpíadas, algumas considerações de ordem doutrinária.

Para os que conhecem o Sr. capitão Valadas o caso não tem gravidade, porque sabe-se que os artistas se dão por vezes ao luxo das suas fantasias, e não se lhes pode levar isso a mal.

Ora o Sr. capitão Valadas é um artista; é um intuitivo, um autodidacta em Equitação e nunca teve, por isso, precisão de ir aos livros ou aos métodos, buscar aquilo que a sua inspiração lhe segreda quando trabalha os seus cavalos.

Daí a sua irreverência pelos Cánones, o seu *inconformismo* pelos métodos e pelos metódicos, a quem, com mais liberdade de expressão, do que propriedade de linguagem, apoda de inconformistas.

Acontece, porém, que pode haver quem se deixe embalar pelo canto aliciante das suas Tágides, tanto mais que terça lança contra os pontífices inconformistas (conformistas digo eu) em defesa dos novos e perseguidos e que destes, uns tantos, inconformistas por natureza, poderão achar cómoda a substituição da eclética pela fantasia.

Como, porém, nem todos somos artistas, precisamos, ai de nós, de uma progressão, de um método e de um certo número de regras que nos tornem senhores de uma técnica, que longe de matar a inspiração a quem a tenha, antes a orienta no bom sentido e educa a imaginação.

O Sr. capitão Valadas ataca, com uma irritação de que o não julgávamos capaz, as... «críticas sobre hipismo, nem sempre construtivas,

## Revista da Cavalaria

que em Portugal se sentem capazes de fazer todos os que montam «contribuindo», consideravelmente para nos tornarmos cautelosos, exigentes, direi mesmo insatisfeitos».

Felizmente, o seu bom carácter sobreleva a sua irritação, e confessa logo a seguir que «tais críticas têm grande vantagem para o pormenor, quer da colocação em sela, quer da descrição no trabalho, quer ainda da execução técnica dos exercícios».

Quer dizer, concluo eu, que com um pouco menos de irritação o Sr. capitão Valadas confessaria, e certamente de bom grado, que as críticas quase sempre construtivas dos que montam a cavalo, têm grande vantagem para o pormenor, etc.

Outra vez inconformista, o Sr. capitão Valadas alude várias vezes no seu artigo, ao «método francês», ao «padrão francês», ao «além Pirinéus», etc., etc.

Também lhe não conhecíamos essa fobia pelos franceses, cuja equitação pratica, aliás, brilhantemente.

Est modus in rebus!...

Prossigamos com uma frase do artigo do Sr. capitão Valadas:

«Esses inconformistas não são, na maior parte dos casos, bons executantes, mas possuem conhecimentos teóricos que os habilitam a saber ver, com a exigência que os livros preconizam».

O Sr. capitão Valadas incorre, afinal, no pecado de que acusa «qualquer indivíduo de responsabilidades profissionais reconhecidas», pecado tão feio e felizmente tão raro, entre os que montam a cavalo, porque queima... «sem remissão uma vontade em germe», lançando a sua catilinária contra o instrutor de habilidade média, mas que sabe ensinar, que conhece o seu ofício e a ele dedica todo o seu entusiasmo.

Lá porque os génios são raros e ainda por cima nem sempre versados em conhecimentos teóricos, havemos de deixar extinguir o fogo sagrado à míngua de vestais?

Outro ponto: Diz o Sr. capitão Valadas logo a seguir:

«Pontificam, é certo, pelo único modelo conhecido entre nós, o francês, modelo que em boa verdade, também nos tira personalidade e nos limita a possibilidade de independência, aliás necessária».

Trata-se de uma opinião pessoal, que carece de fundamento; e se não vejamos, fazendo uma ligeira análise da história da equitação artística.

Quando pela evolução da Arte da Guerra, a cavalaria substituiu a massa pela mobilidade, nasceu a Equitação artística.

## Revista da Cavalaria

A necessidade de tornar maneáveis as montadas foi a sua razão prática; a artística nasceu da ânsia de beleza e perfeição, cunho que é comum a todo o *Ressurgimiento*.

Pignatelli foi o seu criador, e em pouco tempo, como consequência da vizinhança, a França assimilava a moda transalpina.

Pluvinel foi aí a sua mais destacada figura, como New-Castle o foi em Inglaterra e o Marquês de Marialva o havia de ser em Portugal.

Iam, porém, decorrer quase 60 anos antes que surgisse a Academia de Versailles a mais antiga e a mais célebre das Academias de Equitação dos tempos modernos.

Até lá a Arte Equestre incipiente tem mais interesse histórico do que artístico e cifra-se mais em carrosseis e exercícios de destreza do que em ares de Alta Escola.

La Guerinière, «grand dieux» na Academia de Versailles foi, pois, o verdadeiro precursor da Equitação de Alta Escola e o seu tratado correu mundo traduzido em todas as línguas.

Cerca de quarenta anos depois, o Imperador Carlos VI funda em Viena a Academia Espanhola, assim chamada e conhecida no mundo porque os cavalos de Lippiza, únicos que prepara e sempre preparou no seu picadeiro, têm nas veias uma grande percentagem de sangue andaluz.

Réplica à de Versailles, a Academia de Viena destinava-se a um brilhante futuro e ia ser, à parte algumas práticas que lhe são próprias, o Conservatório da Arte Equestre na Europa Central, sempre altamente inspirado, até ao presente, no francesíssimo François Robichon de La Guerinière cujo livro continua a ser para ela a «Bíblia Equestre».

Actualmente refugiada na zona americana da Áustria ocupada, graças aos esforços de um antigo aluno de Samur, o General Patton, do Exército Americano, a Escola Espanhola de Viena mantém imutáveis os princípios e o estilo que a celebrizaram.

E será de desejar que ela assim se mantenha, através de todas as vicissitudes da ocupação e da guerra. São esses os votos, como diz o General Decarpentry, daqueles que se preocupam com o património artístico, comum a todas as Nações.

Se o génio, como diz *Kant*, não é senão uma longa paciência, a Academia de Viena conseguiu, mercê desse talento e dentro sempre da imutabilidade dos princípios que adoptou, elevar à máxima perfeição as suas práticas equestres.

Movimentos de perfeita correcção, quanto ao rigor das figuras individuais e de conjunto, colocação fixa e grande brilho e elevação

## Revista da Cavalaria

nos andamentos diagonalizados, perfeita posição do cavaleiro, tais as qualidades desta Escola.

Menor brilho no passo e galope, falta de amplitude de andamentos e maxila fechada, tais os seus defeitos.

O seu período mais brilhante vai de 1867 a 1887, e em 1870, o General L'Hotte, fazia nela um longo estágio, antes de preparar o Regulamento francês de 1876.

Apenas alguns apontamentos quanto ao método de La Guerinière, que se adopta, como disse, quase integralmente na Escola de Viena.

Desbaste de cerca de dois anos.

Progressão lenta do ensino pròpriamente dito: Baixa Escola; trabalho à vara e com rédeas longas; piaffer pedido a vara junto ao muro e em seguida nos pilões em liberdade, até ao momento em que este ar se apresente perfeito.

O cavalo é então montado, mas o seu cavaleiro limita-se ao princípio a actuar apenas pelo seu peso e vai progressivamente substituindo as suas ajudas às do instrutor apeado.

Do piaffer montado, o cavalo é pouco a pouco empurrado para a passage, excepto em raros casos em que, por aptidão especial, a «passage» é pedida directamente, caindo depois pelo encurtamento, no «piaffer».

O trabalho de galope caracteriza-se por uma menor progressão e maior elevação, e como figuras praticam as duas pistas, o terra a terra (galope ainda mais elevado e preparatório dos saltos de Escola) e pirueta, executada com grande elevação dos anteriores. As passagens de mão nunca vão além dos dois tempos.

Pratica esta Escola os chamados Ares altos: levada, corveta, garupada, balotada e cabriola.

É expressamente prohibido tocar com a chibata ou chicote nos membros anteriores cuja elevação provém apenas da entrada dos posteriores.

«Os andamentos de fantasia, inteiramente artificiais e abusivamente denominados «passo espanhol» e «trote espanhol», que não têm relação com a Alta Escola clássica, não são praticados na Escola de Viena» (general Decarpentry — L'Ecole Espagnole de Vienne).

Enquanto a Escola de Viena resistia imutável às inovações e às guerras, a Academia de Versailles ia desaparecer com a Revolução francesa e os seus próprios equitadores iam evoluir notavelmente, contribuindo com o seu brilho e prestígio para a fundação de uma nova «Escola francesa».

## Revista da Cavalaria

E assim entramos na «Equitação francesa», denominação geralmente aceite em todo o mundo, como homenagem aos homens que a criaram.

Dois nomes se agigantam por entre a pléiade ilustríssima dos equitadores franceses dessa época: Baucher e D'Aure.

E, como média equilibrada do extremismo das doutrinas dos seus dois Mestres venerados, a figura nobilíssima do General L'Hotte surge-nos, em seguida, elevando-se lógicamente ao mesmo nível deles. Deste triunvirato descende a Equitação francesa actual.

Mas a Equitação artística, essa teve em Baucher, mais que em nenhum outro, o seu arquitecto genial.

A pergunta do Sr. capitão Valadas, se Baucher foi a última palavra na equitação curta, responde a opinião abalizada do General Decarpentry quando diz: «E agora, o que é que resta do Baucherismo? Na aparência pouco. Na realidade muito mais do que se poderá geralmente pensar. Há cerca de 40 anos que o Exército fazia Baucherismo sem dar por isso».

Este assunto daria para muitas páginas e por isso, sem nos alargarmos mais, vamos ver rapidamente quais as características da Equitação francesa.

Tanto porque, certamente, alguém com mais autoridade do que eu tocará este assunto, tanto porque como muito bem diz o Sr. capitão Valadas, a Equitação francesa é a mais difundida entre nós, não me deterei na teoria e apenas analisarei as características que melhor a distinguem e que são:

Ligeireza, elasticidade e amplitude de movimentos, excelência nos trabalhos de galope, discrição nas ajudas e a sensação de facilidade, de «libertée sur parole» que experimenta quem a observa, posição e elegância impecáveis do cavaleiro, tais as suas mais notáveis qualidades.

Defeitos: Menor precisão; menor concentração; menor elevação nos andamentos diagonalizados.

Estas duas Escolas, a de Viena e a francesa, dividiram as suas zonas de influência de acordo com as tendências étnicas das Nações que as assimilavam.

Assim, enquanto as Nações germânicas e nórdicas pendiam para a Escola de Viena, as Nações latinas optavam pela Escola francesa.

Nos princípios do século, os campos estavam mesmo estremados e pode dizer-se que só estas duas escolas existiam.

Com a vulgarização e regulamentação das provas internacionais de Alta Escola, começaram a surgir no mundo outras vedetas. Para falar

## Revista da Cavalaria

só nas principais, citarei pela ordem de importância os alemães, os suecos e os suíços. São os alemães os que melhores resultados conseguem, e nas olimpíadas de Berlim classificam-se nos primeiros lugares. Quem lá esteve diz que se apresentaram muito bem, mas põe reservas quanto a ligeireza e flexibilidade da maxila, dois pontos importantíssimos da Equitação superior.

A Escola alemã que sofreu marcada influência da de Viena, onde muitas vezes fez preparar os seus instrutores, soube adaptar-se, no entanto, às exigências das provas modernas. Preparou homens e cavalos com o cuidado que sempre pôs nos seus empreendimentos e conseguiu um resultado.

Qual a melhor tendência?

Sempre, no fundo, as simpatias dos júris internacionais, hão-de tender para o lado da sua formação equestre: ou germânica ou latina.

Que cada qual escolha, segundo as suas afinidades ou gostos, não vejo inconveniente, nem condeno. O que é necessário é que, como doutrina didáctica, se adopte uma determinada linha de conduta, isto é: uma Escola...

Quanto à posição do cavaleiro, é altura de dizer aqui que em todas as escolas ela se assemelha como duas gotas de água, como se assemelham todas as posições de quem está bem a cavalo, em todo o mundo e em todas as latitudes.

Numa subtil ironia, cujo sentido, talvez por isso, me escapa, o Sr. capitão Valadas fala-nos em pés perpendiculares, joelhos afastados e mãos em Louva-a-Deus...

Louvemos todos a Deus, por não nos ter posto em posição ainda pior, a sua veia humorística.

Os capitães Barrento, Paes e o autor destas linhas definimos assim a posição do cavaleiro a cavalo:

Começando por definir a posição do cavaleiro a cavalo, façamos o seu estudo partindo de baixo para cima:

*Estribo:* — Como regra geral, quando o estribo não está calçado, a soleira deve aflorar a parte inferior do tornozelo, considerando o cavaleiro bem colocado em sela, coxas bem descidas, pernas caindo naturalmente.

*Pé:* — O apoio sobre o estribo faz-se pelo terço anterior e interior do pé, qualquer que seja a equitação praticada. Por este facto, a soleira do estribo deve apresentar-se ligeiramente voltada para o exterior. O calcanhar ficará mais baixo do que a ponta do pé, com a ponta ligeiramente para fora.

## Revista da Cavalaria

*Perna:* — A posição da perna é imposta pelo loro e pela forma como o pé se apoia no estribo.

Estando o loro vertical e o estribo correctamente calçado, a perna ficará ligeiramente inclinada para trás, aderindo ao ventre do cavalo pela face interna da barriga da perna.

*Joelho:* — O joelho adere ao arreio sem se fixar. Desta forma, a articulação conserva a elasticidade necessária para que o «assento» se mantenha sempre o mais adiante possível. Funcionando como ângulo articular, o joelho desce, avançando, e sobe, recuando.

*Coxa:* — A coxa tão descida quanto possível, assenta no arreio pela sua face plana, mantendo com o cavalo um contacto tangencial sólido na sua parte inferior.

*Tronco:* — O tronco livre e direito, com o peito naturalmente saliente, os ombros afastados e descidos, sem constrangimento, e os rins direitos e flexíveis, podendo jogar em flexão e extensão.

*Cabeça:* — Alta, sem esforço, olhando em frente.

*Braços, antebraços e mãos:* — Os braços com os cotovelos juntos ao corpo, ligeiramente adiante da vertical; antebraços ligeiramente abaixo da horizontal; mãos no prolongamento dos antebraços, colocadas acima do garrote e afastadas cerca de 0,10 m., unhas face a face, polegadas para cima.

Estará bem? Estará mal?

É caso de dizer como o Épico: «E fazer mais o que souberdes»...

Analisadas superficialmente as duas escolas tipos, de que as outras derivam, mais ou menos, resta-nos lançar um olhar para o nosso país a ver como havemos de limar as nossas arestas com a «lima de carácter nacional», que preconiza patrioticamente o Sr. capitão Valadas.

No nosso país a equitação artística, na sua fórmula ortodoxa, tem tido brilhantes, mas raros praticantes.

Não temos uma escola própria e pratica-se, pelo molde da francesa, não porque seja a única conhecida entre nós, mas porque é aquela que pelas suas características mais se quadra com a nossa qualidade de latinos. Tudo nos atrai para ela: A língua; o gosto da subtileza, o amor da disciplina mais consentida do que imposta, a menor rigidez de processos, enfim, tudo o que é contrário ao «estrangulamento» e ao «servilismo» de que se queixa o Sr. capitão Valadas.

Aparte isto, existe sim, e com características próprias, uma escola portuguesa: A de equitação de toureio, com nítida influência árabe e o seu quê de francesismo pintalgado de ressaibos austríacos. Tem

## Revista da Cavalaria

maior ou menor arte, maior ou menor beleza, consoante os que a praticam.

Mas não vejo bem como havemos de passar os Pirinéus com sela à portuguesa, estribos de caixa e freio à Relvas.

Não me parece aparelho adequado para nos apresentarmos perante os Júris internacionais, cujos sentimentos patrióticos o Sr. capitão Valadas duramente experimentou.

Deixemos isso para os que tão brilhantemente têm representado essa arte nas arenas de todo o mundo.

Nós temos outra missão, mais eclética, se bem que menos castiça.

Outro ponto: Acha o Sr. capitão Valadas muito pouco que se apresentem, nas provas de escola, apenas os ares clássicos.

E preconiza então que se abra a torneira da fantasia e se deixe a cada um livre curso à imaginação.

Acho lindamente e vou lealmente desvendar a minha ideia: Para a próxima prova nesses moldes, sugiro que se ensine aos cavaleiros o vira do Minho ou os bailados do Verde-Gaio.

É mais alegre, mais folclórico e tem probabilidades de contrato para o estrangeiro.

Que se pense no Júri, que o público está assegurado de antemão...

Entretanto, em recinto aparte, os soturnos amadores de ortodoxia, poderão deleitar-se com a sensaboria dos ares clássicos, assim chamados porque derivam dos andamentos naturais.

E aqui fica um programa da parte vaga, para quem tiver unhas para ele: «piaffer» e «passage» com transições de um para outro. Galope «sur place» e galope para trás. Passagens de mão a tempo em círculo e em oito com transição ascendente e descendente para as passagens de mão a 2, 3 e 4.

Bastará para entreter? Que me respondam os clássicos...

Chegamos, finalmente, a um ponto do artigo do Sr. capitão Valadas em que estamos os dois de acordo:

«Do que vi lá fora, cheguei à conclusão de que possuímos em Portugal um número apreciável de jovens oficiais com reconhecida habilitação... Fico aqui, que o resto é triste e já não estamos de acordo outra vez.

Mas nesta parte sim, estamos inteiramente de acordo. Simplesmente, partindo das mesmas premissas, a minha lógica exige-me uma conclusão oposta:

Que os novos, para quem sobretudo escrevo, me acreditem!

# Revista da Cavalaria

Sentir-me-ia imensamente feliz, se desse viveiro de boas vontades surgissem, aos montes, aqueles que viessem destronar os que têm trono ou... pensam tê-lo.

Eu por mim, se o tivesse, sentir-me-ia feliz por entregar o facho em boas mãos.

Por isso é que defendo os que querem progredir, do canto aliciante das sereias, da fantasia descontrolada... incutindo, ou procurando incutir neles o respeito pela ortodoxia dos princípios.

Quanto mais o tempo passa, mais qualidades lhes reconheço: Ânsia de aprender, generosidade, entusiasmo, optimismo...

Indisciplinadotes, às vezes, logo se arrependem, quando sentem que é por bem que os queremos disciplinar...

...Porque se fará velho o Sr. capitão Valadas?...

Vamos acabar que a Revista vai ser *pesada* neste mês.

Mas antes aqui deixo uma afirmação: Eu creio que é possível aliar a calma e a impulsão, o brilho e a precisão, a correcção e a subtilidade das ajudas, a ortodoxia dos princípios e a perfeição da execução.

Não duvido que tal se não tenha visto nas últimas olimpíadas, mas convém não esquecer que o mundo mal saiu, se saiu, de uma convulsão tremenda que o abalou profundamente nos seus alicerces.

E se, como creio firmemente, temos matéria prima em qualidade e quantidade, vamos limá-la, lapidá-la, ainda mais, para que brilhe em toda a sua beleza, sem curarmos de saber se o figurino é nacional ou estrangeiro, porque, se for bom logo cantará em bom vernáculo:

*As armas e os varões assinalados  
Que da ocidental praia lusitana  
Por entre perigos e guerras, esforçados  
Passaram ainda além da Taprobana*

*.....  
Dos cavalos o estrépido parece,  
Que faz, que o chão debaixo todo treme:  
O coração no peito que estremece,  
De quem os olha, se alvoroça e teme.*

(Os Lusíadas de Luis de Camões)



## GABINETE do Veterinário

### Assistência aos cavalos de desporto

pelo Cap. Vet. NUNES SALVADOR

**O**s cavalos de desporto representam hoje no nosso Exército um muito apreciável valor económico, que justifica os maiores cuidados no seu bom aproveitamento e a máxima atenção nas suas conservação e utilização, finalidades estas só completamente conseguidas por uma íntima ligação entre o oficial médico veterinário e o oficial de cavalaria.

Desta cooperação resulta, pois, uma constante assistência, tão necessária à boa saúde de todos os animais e absolutamente indispensável na conservação e recuperação dos cavalos de desporto, animais que, pela natureza das provas a que são sujeitos, precisam de cuidados permanentes, que só um profissional proficiente está em condições de indicar ou executar, para racional e completo aproveitamento da máquina animal, tão delicada às vezes, por parte do outro dedicado profissional.

E dessa unidade de vistas, tão comum hoje em dia, têm resultado, como todos sabemos, muitas recuperações de animais valiosos, que desnecessário se torna mencionar.

## Revista da Cavalaria

Estamos já longe, felizmente, do tempo em que o médico veterinário era tido pelo cavaleiro quase como um seu inimigo, sucedendo ser ele hoje procurado e consultado constantemente, às mais pequenas alterações de saúde dos seus animais e, o que é deveras consolador, de se verificarem os benefícios da sua acção, de resultados brilhantes muitas vezes.

E se da parte do cavaleiro existe o interesse de aproveitamento máximo da sua montada, não se furtando a trabalhos e canseiras de toda a espécie, para o pôr e manter em condições de lhe tirar o seu maior rendimento, por parte do médico veterinário observa-se a dedicação com que acompanha esses animais e o seu regosijo quando verifica os bons resultados da sua actuação.

A testemunhar o que escrevemos, estão as noites perdidas em assistência dedicada a animais que, sem ela, não se conseguiriam salvar, ou, como já tem sucedido, não se poriam em condições de tomar parte em determinada prova, já a curta distância.

Mas se esta cooperação entre os mais interessados servidores do cavalo, tem lugar dia a dia, principalmente nos Regimentos onde mais se monta a cavalo, o mesmo se não verifica, ainda, quando se pretendem transportar esses cavalos para grandes distâncias, constituindo as nossas equipas.

Então, animais que estamos habituados a observar cuidadosamente à mínima desconfiança de doença, são levados para viagens longas, por vezes em más condições, mas sempre sem a assistência de que necessitam.

Daí, o termos recebido algumas vezes cavalos com lesões que, devidamente acompanhadas nunca chegariam a um tal estado de agravamento e que outras vezes poderiam recuperar-se mesmo em viagem, o que não se verificou. Também já nos aconteceu receber a informação de que a determinado animal fora aplicada uma injeccção de penicilina durante a viagem, por ser portador de uma pneumonia, de que não verificamos qualquer sintoma à chegada, vindo depois a tomar conhecimento que o citado medicamento (que por não ser ainda sódica deveria ser mantida a baixa temperatura) havia feito em comboio, dentro de uma mala de mão, uma longa viagem de verão, tendo sido utilizado só no regresso...

Estes factos, que não nos surpreendem, servem-nos sòmente como argumentação da nossa estranheza, por vermos, quando em viagem, o oficial médico veterinário substituído por um sargento ferrador que, mesmo hábil e dedicado, está longe de poder suprir a sua falta, por ser apenas um auxiliar.

# Revista da Cavalaria

Julgamos deste modo quebrada a íntima e visível colaboração entre o cavaleiro e o oficial médico veterinário, com manifesto prejuízo algumas vezes para o primeiro, por nos parecer demonstrada a insuficiente assistência aos seus animais, quando em viagem.

E pensamos que ela possa ser até motivo de insucesso, quando se trate da nossa representação internacional, por não ser natural que o que de melhor possuímos, vá assim à mercê da sorte e da assistência fortuita de qualquer profissional estrangeiro, que não terá, pelo menos, o necessário interesse, às vezes condição indispensável para o bom êxito.

Ousamos, pois, admitir, que a inclusão de um oficial médico veterinário na nossa equipa de cavaleiros, a exemplo do que fazem outros países, poderia por vezes conseguir-lhe melhor rendimento.

E ao abordarmos este problema, que julgamos nunca foi posto em equação, fazêmo-lo na ideia única de que tem interesse profissional e hípico, por estarmos convencidos que, embora, como é natural, não seja possível ao médico veterinário, tudo curar e consertar, muito ele vem fazendo pelos cavalos de desporto, que hoje no nosso Exército, repetimos, representam um muito apreciável valor económico.

Têm a palavra os cavaleiros.



BIBLIOTÉCA DO EXERCITO  
(Antiga Biblioteca do E. M. E.)

# Jornaes revistas livros

## NOTICIÁRIO INTERNACIONAL

### De Lattre Tassigny

pelo Brig. RUY E MENEZES

**E**m Agosto de 1947, o General De Lattre de Tassigny — então Inspector Superior do Exército Francês, hoje Comandante das Forças Terrestres da Defesa Ocidental da Europa — visitou o Rio de Janeiro.

Foi um momento de sublime espiritualidade militar, o da conferência por ele proferida na «Associação Brasileira de Imprensa», relatando a acção do 1.º Exército Francês na libertação da França.

A atitude militar do conferente, as suas maneiras distintas, a correcção do seu uniforme de campanha, a simplicidade dos seus gestos e das suas palavras, davam ao auditório, quase todo constituído pela colónia francesa, um ambiente de camaradagem militar, um ar de conversa de bivaque, onde os antigos combatentes, que eram muitos, certamente se sentiam bem.

Talvez que a parte técnica, embora muito bem tratada, à vista de croquis muito bem desenhados, não tenha interessado a maior parte da assistência, mas os episódios e as considerações que nela se entreteceram eram de molde a prender a atenção mesmo a qualquer leigo em matéria de tática.

## Revista da Cavalaria

Expostas as razões da colaboração de tropas francesas à ordem do General De Gaule, dada a composição do 1.º Exército, feita a descrição do desembarque e da tomada de contacto com a terra da Pátria, o chefe francês, essencialmente francês e predominantemente chefe, encarnado na pessoa do General De Tassigny, entra em cena, gloriosamente, como um verdadeiro comandante de um grande exército. Assim, quinze dias após a chegada à baía de St. Tropez, recebidas as necessárias informações, ele toma a decisão de atacar Toulon, e, no mesmo dia em que o delegado do General Patch avaliava em dois meses a preparação necessária, era dada ordem de execução imediata para o início da operação. A primeira preocupação é a de «amarrar a manobra»; o General tem confiança nos soldados que comanda, e merece-a também da parte destes; conta consigo, e com os Generais que o acompanham; tem fé na causa que defende; espera que a sorte o bafeje. A 28 de Agosto de 1944 estava ganha a vitória da Provença: 4 generais e 1 almirante inimigos contavam-se entre os 38.000 prisioneiros feitos na batalha.

Segue-se, depois, a marcha para o Norte, ao longo do Rodhano e do Saône. É o momento de integrar no 1.º Exército a massa de guerrilheiros da Libertação. São os «maquis», cheios de glória e de prosápia que vão chegando às fileiras, e com eles o problema da manutenção da coesão inalterável que se torna necessária para que a força seja realmente forte. O General tem que convencer aquela multidão desvairada pela bravura, pelo sucesso, pelo uso sem peias de uma iniciativa individual sem medidas, a entrar na verdadeira disciplina militar, na noção de conjunto, na convicção da existência de um exército francês que não é apenas uma força expedicionária. A arte de comandar é posta à prova, a mentalidade dos recém-chegados é amoldada às condições da instituição, o 1.º Exército é reforçado com novos braços e com novas vontades. E a marcha para o Norte prossegue.

Pela esquerda, passa-se em Avignon, St. Etienne, Lyon, Autun, Dijon, e chega-se a Langes; pela direita, segue-se por Grenoble, contorna-se o Jura; os americanos marcham ao centro. A 18 de Setembro, estabelece-se uma frente que tapa a *trouée* de Belfort: é a base de partida para a conquista da Alsácia. Larga-se a 13 de Novembro, e a 25 tem-se já na mão Mulhouse, Delle e Belfort. A 20 de Janeiro, a frente encosta ao Reno, mas... tem 250 kms. de extensão, e uma bolsa à volta de Colmar. Pensa-se em abandonar Strasburgo, e o próprio General De Gaule concorda; o inverno vem entrando, pavorosamente ameaçador. Quantas e quão grandes preocupações à volta do Comandante do 1.º Exército. Mas o espírito francês não cede facilmente a circunstâncias materiais, quando o moral se mantém. A batalha de Colmar é ganha; os soldados do 1.º Exército passam a usar no braço esquerdo o escudo de armas da cidade recuperada. Todo o Exército está agora sobre o Reno.

No entanto, os Aliados julgam que não vale a pena fazê-lo entrar na Alemanha, e condenam-no a ficar de braços caídos guardando a fronteira, durante o assalto final. Não se resigna a isso o General De Tassigny. Entre 31 de Março e 2 de Abril, quase sem meios materiais, pois os próprios barcos tinham sido entregues às tropas do General Montgomery, as tropas francesas forçam a passagem do Reno em Spire e Gernersheim. Do outro lado está a Floresta Negra. Há que torneá-la, mas as estradas do Sul acham-se fortemente guarnecidas e todo o ataque sai frustrado, toda a infiltração é impossível. A custo se

# Revista da Cavalaria

consegue abrir uma brecha, e por ela entra... a cavalaria a cavalo. O General afirma com jovial satisfação: *La cavalerie sert encore, quelques fois.*

A 9 de Maio está o Exército na posse de 80.000 km<sup>2</sup> de território do Reich, tendo, em oito meses e vinte e três dias, percorrido 1.500 kms., libertado um terço da boa terra de França, derrotado o 19.º e o 24.º Exércitos alemães, e feito 300.000 prisioneiros.

O velho espírito militar francês, da grande França de outros tempos, a tradicional bravura dos seus soldados, o talento atávico dos seus chefes, tinham triunfado, a despeito das condições de pobreza de material, de meios modernos e de processos experimentais controlados pela ciência nos laboratórios. O homem foi o elemento principal da campanha; o génio e o saber, a alma e a força moral, o conduziram à Vitória.

O 1.º Exército Francês da Libertação, tomou a designação de *Exército do Reno e Danúbio*, da região onde os 250.000 soldados do General De Lattre de Tassigny terminaram a aventura começada dois anos antes, no Lago Tchad, com uma reduzida companhia de infantaria colonial.

(Ao receber os cumprimentos de quem escreve estas linhas, o General De Tassigny, num simpático gesto de cordealidade bem latina, exclamou: *Vive la Cavalerie Portugaise. Portugal et St. George.*)





## TIPOGRAFIA DA LIGA DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA



TRABALHOS TIPOGRÁFICOS

EM TODOS OS GÊNEROS



Calçada dos Caetanos, 18

TELEFONE ——— 2 1450

L I S B O A

# BANACÃO

O melhor dos alimentos

Produto português para os portugueses

**O BANACÃO é preferido para a 1.ª refeição**

**porque** todos os que o tomam, se sentem mais confortados até à 1.ª refeição,

**porque** ao fim de poucos dias conhecem a diferença do seu vigor nos exercícios físicos, que normalmente fazem,

**porque** é o mais agradável ao paladar.

### **OS PARECERES MÉDICOS**

**provam** que é o mais nutritivo,

**provam** que fornece mais calorias do que qualquer outra refeição.

**BANACÃO sempre BANACÃO**



LISBOA  
AV. DA LIBERDADE, 253

Telef. 4 1171



Portuguesa  
S. A. R. L.

PORTO  
AV. DOS ALIADOS, 173

Telef. 2 2094

SS

- Automóveis de Turismo
- Carros industriais
- Auto-Bombas
- Auto-Regadoras
- Material de incêndios
- Tractores agrícolas
- Motores DIESEL e Semi-DIESEL
- Motores marítimos
- Aeroplanos civis e militares
- Motores de Aviação
- Material ferroviário
- Todos os veículos para a motorização  
das diversas armas

# Bertrand & Irmãos, L.<sup>da</sup>

TRABALHOS  
TIPOGRÁFICOS  
SIMPLES,  
E DE LUXO,  
REPRODUÇÕES  
EM FOTOGRAVURA,  
OFFSET  
E LITOGRAFIA

Travessa da Condessa do Rio, 27

Telefones P. B. X. { 21227  
21368

LISBOA

## ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 quilómetros de Lisboa

Clima excepcional durante todo o ano

Todos os desportos — Golf (18 buracos), tennis (7 courts), natação, hipismo, esgrima, tiro, etc.

Estoril-Palácio-Hotel—Luxuoso e confortável. Magnífica situação.

Hotel do Parque — Elegante e moderno.

Monte Estoril-Hotel — (antigo Hotel de Itália) completamente modernizado.

Estoril - Termas — Estabelecimento hidro-mineral e fisioterápico, ginástica, cultura física. Análises clínicas.

Tamariz — Pavilhão restaurante, bar americano, magnífica esplanada sobre o mar.

Casino — Aberto todo o ano concertos, cinema, dancing, restaurante, bars, e jogos autorizados.



ESCOLA DE EQUITAÇÃO  
«STANDS» DE TIRO  
SALA DE ARMAS  
PISCINA DE ÁGUA TÉPIDA

Informações:

Soc. Propaganda da Costa do Sol

ESTORIL — PORTUGAL



*...Essas poucas páginas brilhantes  
e consoladoras que há na História do  
Portugal contemporâneo escrevemo-las  
nós, os soldados, lá pelos sertões da  
África, com as pontas das baionetas  
e das lanças a escorrer em sangue...*

*Joaquim Mousinho*

Bertrand & Irmãos, L.



*Revista da Cavalaria*

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

FUNDADORES

1904

General Carlos Bazílio Damasceno Rosado

Major Fernando Maia

Major Cristovam Ayres de Magalhães Sepulveda

Capitão António Augusto da Rocha de Sá

Tenente Leopoldo Augusto Pinto Soares

1939

Capitão João Gamarro Correia Barrento

Capitão Amadeu Santo André Pereira

Tenente Augusto Casimiro Ferreira Gomes

Tenente António S. Ribeiro de Spínola

Alferes Luís Manuel Tavares

F.C.

LOTARDO - DE TIPO  
SALA DE ARMAZ  
PISCINA DE ÁGUA TÍPIDA

Soc. Propaganda da Costa do Sol  
ESTABIL - PORTUGAL



*Revista da Cavalaria*

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

DIRECTOR

Director da Arma de Cavalaria

DIRECÇÃO EXECUTIVA

Capitão António S. Ribeiro de Spínola

Capitão José João Henriques de Avellar

Tenente Luiz Pimenta de Castro

SECRETÁRIO

Capitão Manuel de Sousa Vitoriano

SEDE

DIRECÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA  
Calçada da Ajuda — Telef. 38 167

Composta e impressa na Tipografia  
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Ano . . . . . 45\$00

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

Avulso 7\$50

F.C.



# SUMÁRIO

ROTINAR... DEMOLIR... EDIFICAR...	<i>Capitão António Spinola</i>	181
PROJECTEIS DE REACÇÃO DE GRANDE ALCANCE	<i>Capitão Oliveira Marques</i>	185
O PELOTÃO DE AUTOMETRALHADORAS NA DESCOBERTA	<i>Alferes Soares Branco</i>	195
EDUCAÇÃO FÍSICA	<i>Tenente Andrade e Silva</i>	202
HIPISMO:		
EQUITAÇÃO ACTUAL	<i>Capitão Fernando Paes</i>	209
A POSIÇÃO DO CAVALEIRO	<i>Capitão Saint André</i>	222
JORNAIS — REVISTAS — LIVROS:		
BUSCA DE INFORMAÇÕES		238



# Revista da Cavalaria

10.º ano-n.º 3

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Maio

BIBLIOTÉCA DO EXERCITO

(Antiga Biblioteca do E. M. E.)

N.º 6678

## Rotinar... Demolir... Edificar...



Se observarmos atentamente as reacções dos entes vivos, na luta pela existência, notaremos que eles se conduzem dentro da lei do menor esforço. Contestar, tal facto, seria negar o princípio da defesa dos organismos vivos.

O homem, embora concebido num nível de perfeição inatingível pelos demais seres viventes, não pode deixar de reger-se pelos mesmos princípios.

Quer dizer, a grande massa humana, que por uma questão de pluralidade se considera composta de individuos normais, conduz a sua actuação física e mental dentro da lei do menor esforço.

A outra parte da humanidade, constituída por uma minoria dotada de reacções anormais, encontra-se dividida no sentido das tendências individuais.

# Revista da Cavalaria

Uns, atraídos pelo satanismo da demolição ; outros, mais raros, fascinados pelo prazer de edificar.

Agrupa-se assim a humanidade consoante as três palavras da epígrafe.

A primeira — *rotinar* — é característica dos indivíduos comodistas, daqueles que se desabituarão de conceber o quer que seja, daqueles que procedem em conformidade com preceitos estabelecidos por outrem, e que nem qualidades possuem para, sequer, poderem apreciar o que executam. Sem ideias próprias, limitam-se a seguir à letra os textos, sem se preocuparem com a actualização do seu espírito.

Marcham sempre na retaguarda, ensinam o que os outros abandonaram por obsoleto, actuam na esfera de processos lendários, exclusivamente lendários, porque já ninguém os utiliza, movendo-se assim num ambiente fastioso e arcaizado.

E, à mais leve aragem de renovação, insurgem-se contra aqueles que ousarem profanar os papiros sagrados, por onde aprenderam e à sombra dos quais ambicionam morrer.

Na servil obediência a conceitos que fizeram a sua época, os rotineiros podem adquirir muita destreza na interpretação e aplicação burocrática de determinados princípios, mas, como não pressentem a sua evolução, são incapazes de reconhecer a vantagem de os modificar.

A segunda — *demolir* — é tara característica dos espíritos mórbidos eivados por reacções doentias, exteriorizadas por críticas sem elevação que, na maioria das vezes, encobrem os sentimentos do despeito e da inveja.

A este grupo pertencem os maldizentes e os derrotistas das ideias e das realizações.

São estes, incontestavelmente, os elementos cancerosos da sociedade, porque, associando à incapacidade construtiva o espírito demolidor, retardam o progresso da civilização.

## Revista da Cavalaria

A terceira — *edificar* — é própria de mentalidades normais ou acima do normal, correspondendo a gradações de espírito mais ou menos desempoeirado.

Não possui capacidade construtiva todo aquele que quer, mas é fundamental querer para se poder edificar.

Edifica-se lenta ou rapidamente, não só conforme a natureza e preparação do meio, como também em harmonia com os factores que ajudam ou retardam a acção exercida.

Pode um meio encontrar-se excelentemente preparado, mas se a inveja de uns e a maldade de outros envenenarem a boa intenção dos espíritos empreendedores, opondo-lhes perversas críticas ou procurando ultrapassá-los com fictícias concepções, a progressão far-se-há, mas a sua lentidão será fatal.

Da mesma forma a falta de preparação do ambiente é prejudicial à eficiência e regularidade do esforço construtivo, originando reacções descontínuas e lentas que retardam, consequentemente, o ritmo da progressão.

O ideal da progressão é necessariamente evolutivo, porém, a evolução tem o inconveniente de não contentar as maiorias, constituídas por espíritos desordenados e ametódicos. Estes, logo que se apercebem de uma ideia, querem tudo de uma vez, sem lhes interessar saber das dificuldades de concepção e realização.

A evolução, para que não se confunda com a revolução, tem que ser profundamente reflectida, consequentemente não deve ser demasiado rápida, a fim de não perder algumas das suas principais características, nomeadamente a harmonia, a elegância de forma e a continuidade e método na transição.

Não basta ainda querer progredir para triunfar. É preciso também saber.

A ciência da progressão exige um conjunto de qualidades, a que não são estranhos a adaptabilidade e o instinto, isto é, a natural inspiração para o bem sem exclusão da sagaz reflexão.

Progredir sem reflexão pode dar lugar a paragem ou mesmo a retrogradação ; e, retroceder é sempre material e psicológicamente

## Revista da Cavalaria

pernicioso, embora se reconheça a necessidade de o fazer quando se tenha avançado demasiado sem o apoio da razão e da lógica.

Uma progressão inteligente, equilibrada, reflectida, adequada ao meio ambiente, mais ou menos ousada na forma, nem sempre será fácil de conseguir, mas vingará, se houver constância nos objectivos a atingir e *tenacidade* e *firmeza* para enfrentar as várias facetas da adversidade, negando lugar àqueles que só sabem criticar depreciativamente, porque estes são os derrotistas das ideias, os rotineiros inveterados dos processos que teriam sido magníficos nos tempos feudais, aceitáveis no século passado, mas obsoletos nos nossos dias.

Capitão ANTÓNIO SPÍNOLA



# Projecteis de reacção

## de grande alcance

pelo Cap. Art. C. E. M., OLIVEIRA MARQUES

### III

#### Os métodos para conduzir o projectil sobre o alvo

Os projecteis foguetes (1), além das causas do erro que são comuns a todos os projecteis, estão sujeitos às que derivam do próprio sistema propulsor.

Ao contrário dos projecteis vulgares, o foguete inicia o movimento na atmosfera a partir da velocidade zero. Esta velocidade vai crescendo à medida que o combustível se queima e só adquire um valor suficientemente alto para contrariar as causas perturbadoras ambientes ao fim de um tempo mais ou menos curto, conforme a natureza do combustível utilizado.

(1) Não se analisa o problema da condução das bombas voadoras porque, como facilmente se infere do que ficou dito, estas não podem ser consideradas projecteis balísticos. As bombas voadoras são, antes, aviões automáticos, às quais é possível aplicar a técnica que se desenvolve para os aviões sem piloto.

Por outro lado, deficiências de construção não nos dão a garantia que a força de impulsão actue segundo uma direcção rigorosamente coincidente com o eixo do projectil. Se essa coincidência se não verifica, o projectil roda em torno do seu centro de gravidade e tende a deslocar a sua ponta em sentido oposto àquele em que actua a força de impulsão, do que resulta o projectil afastar-se da sua trajectória, originando um desvio que é função do ângulo que a força de impulsão faz com o eixo do projectil.

Para contrabalançar os dois inconvenientes apontados, o processo que se afigura à primeira vista como o melhor seria reduzir o tempo em que actua a força de impulsão. Mas esta redução tem de ser feita sem prejuizo da velocidade máxima, a que anda estreitamente ligada, como vimos, o alcance possível. Bastaria para tanto aumentar a velocidade de combustão ou, o que é o mesmo, a aceleração do projectil, fazendo com que a combustão se efectuasse numa superfície mais ampla, por exemplo.

Com os combustíveis sólidos, a câmara de combustão reduz-se a uma cavidade feita no próprio combustível e basta a combustão progredir para a superfície de combustão aumentar; mas com os combustíveis líquidos, a câmara de combustão tem dimensões fixas e a velocidade de combustão está dependente da quantidade de trabalho que são capazes de produzir as bombas de alimentação.

Ora acontece, precisamente, que a capacidade de trabalho das bombas está limitada pelas possibilidades das peças rotativas que possuem, e não se julga que aperfeiçoamentos futuros possam trazer grandes benefícios.

Quer dizer, a uma mais elevada força de impulsão, conseguida à custa da substituição dos combustíveis sólidos pelos combustíveis líquidos, correspondeu a necessidade de aceitar uma mais baixa aceleração para o projectil, e daqui a necessidade de criar processos especiais que sejam capazes de guiar o projectil na sua trajectória. Acresce ainda que, interessando grandes alcances (melhor, talvez, super-alcances), é de desejar uma acção prolongada da força de impulsão, o que reforça a necessidade de rejeitar para os projecteis de grande alcance o método que se mostrou bom para os projecteis destinados a actuar a curtas distâncias.

## Revista da Cavalaria

Estes últimos projecteis, de reduzidas dimensões e que utilizam combustível sólido, têm um tempo de queima de combustível que raramente excede os dois segundos, e são forçados a percorrer tubos ou calhas de lançamentos estabilizadores com os quais se obtêm, até, nalguns modelos, com o auxílio de cintas de rotação, movimentos de rotação de velocidade já relativamente elevada, embora insuficiente para a estabilização giroscópica. Teoricamente conviria que a combustão se efectuasse totalmente dentro do tubo de lançamento, o que viria a aproximar o movimento na atmosfera dos projecteis foguetes do movimento dos projecteis vulgares.

A este objectivo se opõe a necessidade de ter dispositivos de lançamento curtos, portáteis e leves, que impõem limites para o seu peso e dimensões e obrigam a aceitar uma menor precisão, remetendo-se para a pesquisa de melhores combustíveis sólidos, susceptíveis de serem combustos em intervalos de tempo mais curtos, a melhoria das condições balísticas do tiro.

Paralelamente, desenvolveu-se a técnica dos canhões sem recuo, nos quais se procurou eliminar o grande peso das culatras e a existência dos freios, permitindo o escoamento de parte dos gases da combustão da carga propulsora através de orifícios em forma de Venturi praticados na parte posterior do tubo de lançamento. Neste sistema aproveitou-se a ausência de recuo e procurou-se que a carga propulsora se combustasse inteiramente antes de o projectil abandonar o dispositivo de lançamento.

É claro que o alcance, para a mesma carga propulsora, é mais curto nos canhões sem recuo do que nos canhões vulgares, porque a expansão dos gases não é inteiramente aproveitada na impulsão do projectil. Por virtude disto, diminuiu-se a resistência a vencer pelo projectil, substituindo a cinta de travamento por uma cinta de rotação.

Os foguetes de combustível sólido e os canhões sem recuo não são concorrentes, sob o ponto de vista de alcance e de precisão, dos canhões vulgares de igual calibre, mas o seu emprego permite, fora de dúvida, considerável economia de peso no dispositivo de lançamento, que se traduz, praticamente, numa maior massa de artilharia transportável por um mesmo veículo, que pode ser terrestre, naval ou aéreo.

## Revista da Cavalaria

Além disso, as plataformas sobre que assentam esses dispositivos, por não estarem sujeitos a esforços violentos, podem ser, sensivelmente, menos resistentes.

Vejam agora como se apresenta o problema da precisão do tiro para os grandes alcances, para os quais se utilizam, como dissemos, projecteis foguetes de combustível líquido. Os métodos especiais requeridos levam a considerar estes projecteis como projecteis dirigidos.

Tanto quanto é possível deduzir das lacónicas e incompletas informações que se conhecem através de várias revistas, os processos especiais, aplicados já, ou previstos, permitem distinguir duas categorias de projecteis dirigidos:

- os projecteis autodirigidos, e
- os projecteis teledirigidos.

Ambos parecem ter como base um sistema mecânico de accionamento de lemes e válvulas borboletas, que é comandado, na primeira categoria, por órgãos de funcionamento automático e, na segunda, por meios externos. São de considerar, no entanto, tipos mistos, que serão teledirigidos durante parte da trajectória, geralmente a inicial, e autodirigidos na parte restante.

Os projecteis autodirigidos poderão possuir correctores de rota previamente reguláveis para qualquer destino ou aproveitar para a autodirecção os mananciais de calor, as fontes sonoras, as radiações electromagnéticas e outras formas de energia provenientes dos objectivos a atingir e captadas por meio de detectores e localizadores apropriados.

Os correctores de rota reguláveis, que se prevê ser possível resguardar de qualquer influência externa, serão uma forma aperfeiçoada de dispositivo autónomo usado no projectil V-2. Este dispositivo consistiu numa equipe de giroscópios que accionavam, por intermédio de servomotores, quatro lemes existentes nos quatro alhetas e quatro válvulas borboletas que actuavam sobre a corrente dos gases, à saída dos tubos de escape.

A direcção era comandada pelas válvulas borboletas existentes no plano do rotor da turbina de gases, havendo um dispositivo especial que ligava entre si os dois lemes e

## Revista da Cavalaria

as duas válvulas borboletas existentes naquele plano, de maneira que cada par se movesse sempre no mesmo sentido. Os lemes e válvulas dispostas no plano perpendicular ao anterior tinham comandos distintos, mas sincronizados, e serviam para regular o movimento em inclinação. A precisão obtida pela V-2 é calculada em cerca de 10% de alcance, isto é, admite-se que o erro cometido fosse da ordem dos 30 Kms.

Durante a última guerra os alemães construíram também os projecteis Wasserfall (cascata) e Schmetterling (Borboleta) (seria o V-3?) utilizados na defesa antiaérea, que se orientavam sobre as fontes sonoras constituídas pelos motores dos aviões, aproveitando para isso as ondas ultra-sonoras irradiadas. É uma aplicação do princípio de detecção e localização por ondas acústicas em que se baseia o funcionamento do asdique.

Os americanos e ingleses experimentam pequenos projecteis capazes de se dirigirem contra qualquer estação que emita ondas electromagnéticas. Estes projecteis parecem possuir pequenos rádiolocalizadores.

As pesquisas sobre projecteis dirigidos por meios externos ou teledirigidos parecem orientar-se segundo os princípios da rádiolocalização e da televisão.

São poucas as informações existentes. Supõe-se, no entanto, que os americanos possuem um projectil foguete controlado pela rádio capaz de atingir 80 quilómetros de altura, cuja precisão é pequena, e que os ingleses têm grande esperança em conseguir guiar um projectil com grande velocidade destinado a interceptar e a destruir os aviões inimigos a distâncias e em sítio superiores a 16 quilómetros, por intermédio da rádiolocalização.

Pelo que respeita à aplicação da televisão, os americanos têm já pequenos projecteis munidos de postos emissores de televisão, que permitem, por iluminação de um alvo existente no posto de comando, a condução precisa do projectil sobre o alvo.

Aparte o V-2 os projecteis dirigidos atrás mencionados são de pequenas dimensões e são utilizados como bombas de aviação e projecteis antiaéreos. Ainda se não tem conhecimento da aplicação de alguns dos métodos encarados como possíveis, e quanto aos outros o alcance dos meios é ainda limitado.

# Revista da Cavalaria

Sem dúvida que está reservado ao futuro determinar até que ponto é possível melhorar a precisão dos projecteis de reacção de grande alcance.

Afirma-se, peremptoriamente, que os peritos não têm sequer esperança de tornar efectiva a ideia dos projecteis dirigidos nos anos mais próximos e que, a obterem-se, esses projecteis terão raios de acção muito limitados, durante muitos anos.

Em compensação, pode ler-se o seguinte no relatório do General Arnold, das F. A. A.

«Podemos dirigir as bombas foguetes aos objectivos por meio de dispositivos electrónicos e instrumentos novos, que possam guiá-los com exactidão direitos às fontes de calor, luz e magnetismo. Impulsionadas por suas próprias espoletas, as novas bombas foguetes podem dirigir-se, infalivelmente, para o coração das grandes fábricas, atraídas pelo calor dos fornos. São tão sensíveis, que no espaço de uma grande sala se dirigem para uma pessoa que entre, excitadas pelo calor do corpo» (1).

## IV

### Conclusão

Como resumo do que antecede, podemos afirmar que o aproveitamento das duas características fundamentais da propulsão foguete:

- grande velocidade,
- independência de todo o meio externo no que se refere a combustível e a apoio ou impulsão,

---

(1) Uma notícia recente informava que os Estados Unidos estão a fazer experiências e a realizar pesquisas no que respeita a projecteis guiados a uma distância de 4.800 kms. Isto segue-se à notícia australiana em que se dizia que aquele País deseja empregar os vastos terrenos da Austrália Central para fazer experiências de foguetes.

## Revista da Cavalaria

permittedo construir projecteis de reacção de grande alcance, cujas propriedades mais importantes são:

- curtas durações de trajecto;
- movimento ascensional rápido na vertical e flexas elevadas;
- possibilidade de atravessar as regiões rarefeitas da atmosfera e, mesmo, de sair da atmosfera terrestre;
- deslocamento em qualquer direcção do espaço e em quaisquer condições atmosféricas;
- utilização de plataformas de lançamento rudimentares e facilmente dissimuláveis.

Estes projecteis poderão, com um sistema de direcção semelhante ao do V-2, atingir zonas amplas, servindo para bater objectivos que não requeiram grande precisão. Tudo mostra, porém, que a realidade actual será ultrapassada e que os projecteis dirigidos de futuro podem ser precisos.

Sendo assim, os projecteis de reacção de propulsão foguete poderão servir para realizar algumas das missões estratégicas hoje confiadas à aviação, dentro dos alcances que possuam, designadamente para:

- paralização de órgãos que accionam e alimentam o esforço de guerra;
- corte de linhas de comunicações terrestres, com a destruição ou neutralização de nós de comunicações e parques ferroviários importantes e interdição de passagens obrigatórias;
- realização de concentrações maciças de fogos sobre objectivos escolhidos.

Tem sobre a aviação a vantagem de não necessitar de:

- uma dispendiosa manutenção,
- aeródromos devidamente apetrechados,
- elevado pessoal para equipar os aviões e mantê-los,

## Revista da Cavalaria

e permite dar aos bombardeamentos um carácter de permanência, com flagelação e interdição continuadas, de dia ou de noite, e com quaisquer condições de tempo.

Sobre os objectivos, a concentração do número de bombas reputado necessário pode ser instantânea. Não se apresenta, portanto, com os projecteis V a resolução do problema da saturação, que impõe limites ao número de aviões que é possível fazer voar sobre o objectivo, simultaneamente.

A sua extraordinária velocidade e a manobralidade das suas trajectórias, tornam esta arma essencialmente apta para obter a surpresa, tanto estratégica como táctica, e confere vantagens ao adversário que possuir a iniciativa das acções ofensivas e a liberdade de acção para actuar com rapidez.

Esta arma permite, por consequência, o desencadeamento de ataques traiçoeiros, sem aviso prévio, com resultados iniciais que podem ser esmagadores.

A muitos se afigura o projectil V como o melhor meio de fazer o transporte e de lançar a grandes distâncias a bomba atómica. Se associarmos a este facto a possibilidade já mencionada e que não pode ser excluída, de utilizar na propulsão um combustível atómico, os projecteis V terão ultrapassado em eficácia e em alcance tudo o que é possível conceber neste momento.

O facto de nos anos mais próximos tal certamente não ser possível, não pode fundamentar, em boa verdade, a opinião de que esse perigo não existe.

Estudam-se presentemente, a par dos aperfeiçoamentos da Arma, os processos mais eficazes para a combater.

Aparte os bombardeamentos das bases de lançamento, de utilidade discutível visto que os projecteis V de propulsão foguete podem ser lançados de qualquer plataforma de reduzidas dimensões e de preparação rudimentar, e a defesa passiva, que a aviação já tinha imposto, obtida à custa da dispersão dos eventuais objectivos e da fortificação subterrânea, não se conhecem ainda outros processos de defesa.

Se bem que haja possibilidade de dispersar e de proteger com fortificação subterrânea alguns dos órgãos que sejam essenciais para accionar e manter o esforço de guerra, a verdade é que tal protecção é impossível de conseguir para os grandes centros populacionais, para os nós de comunica-

## Revista da Cavalaria

ções importantes, portos, parques ferroviários, etc., referenciados desde o tempo de paz.

Não admira, portanto, que seja preocupação dos centros de investigação científica encontrar o antídoto capaz de anular ou, pelo menos, contrariar em grande parte, a perspectiva pouco animadora de um intensivo emprego das armas V.

Consideram-se como susceptíveis de permitir obter o fim proposto:

- a denotação a distância de cargas explosivas;
- o desvio da rota, após o lançamento, utilizando processos idênticos aos que serviram para dirigir o projectil;
- construção de projecteis dirigidos que constituam pesquisadores automáticos dos projecteis V e que sejam capazes de os destruir na sua trajetória.

Pode ser, e é muito natural, que a ciência anule de facto a eficácia das armas V. No entanto, não pode deixar de se ser céptico quando se pensa que, paralelamente, as armas V se tornarão mais velozes, com maior alcance e mais precisas.

Os processos de defesa que não sejam de carácter permanente, como os da defesa passiva, só actuarão após o desencadeamento do ataque. É difícil conceber como possam actuar em tempo oportuno.

Para um agressor, as armas V podem facultar um meio pouco oneroso e rápido de conseguir impor ao adversário a sua vontade mas, se o sucesso não é inicialmente obtido, tem o inconveniente de o sujeitar a represália de igual violência.

Parece, por consequência, natural, que o agressor explore desde logo todas as possibilidades que a arma lhe ofereça.

Se bem que o exemplo oferecido pela guerra de 1939-45, de a destruição total do adversário não ser operação lucrativa para o vencedor, torne lógico que se procure a vitória com os menores dados para a economia e recursos materiais do adversário vencido, a superioridade no ponto e no momento decisivo imporá sempre a acumulação dos meios que se julguem suficientes para obter a decisão.

# Revista da Cavalaria

Quer dizer, não se fará nunca o uso parcimonioso da arma V para ter em consideração um problemático aproveitamento de recursos que não poderão obter-se senão por uma vitória nítida.

Transportador ou não da bomba atómica, o projectil V está, portanto, destinado a desempenhar papel de grande relevo numa guerra futura.

No estado actual do progresso científico, as potências militares que não queiram ser colhidas de surpresa terão de dedicar o maior esforço ao estudo dos novos meios de luta e à recolha de informações sobre esses meios que possuam os adversários presumíveis (1).

A unidade de medida das distâncias é hoje o segundo, impondo as circunstâncias que, desde o tempo de paz exista um corpo de cientistas e de técnicos a quem caiba a alta missão de investigação científica, e a quem se dêem todos os meios para conseguirem o seu objectivo.



(1) São do general Marshall as seguintes palavras: «...a bomba atómica não é, entretanto, o único adiantamento científico que torna as possibilidades do futuro tão aterrorizantes. O aperfeiçoamento do avião, do foguete e da electrónica também chegou a um ponto incrível».

# O pelotão de **Autometralhadoras** na descoberta

pelo Alferes SOARES BRANCO



A divisão Mecânica de Cavalaria, na marcha para a batalha tem de organizar a sua exploração, que no decorrer da acção se transforma numa missão de segurança.

O dispositivo da D. M. C. na exploração pode estar centralizado nas mãos do Comando ou pode ser descentralizado pelos Agrupamentos, mas orientado superiormente pelo Comando.

Por sua vez os Comandantes dos Agrupamentos podem centralizar a exploração ou descentralizá-la, dando-a aos Sub-Agrupamentos.

A descoberta é então realizada pelos Destacamentos de Descoberta (D. D.) e pelos Reconhecimentos.

A constituição dos D. D. varia de 1 Pelotão de A. M. a 1 Destacamento Misto com base nas Autometralhadoras.

A constituição do D. Mx. é variável com a missão, os meios, o terreno e o inimigo.

Apenas para enquadramento do Pelotão de A. M., apresentamos neste trabalho, um D. M. com a seguinte constituição:

Comando: Comandante de um Esq. A. M.

2 pel. A. M.

1 pel. Auto T. T.

2 Sec. C. A. C.

2 Sec. Sapadores.

## Revista da Cavalaria

O dispositivo de marcha será : — um Pelotão Testa por cada eixo de marcha, e 5 a 10 kms. à retaguarda o grosso, constituído pelos restantes elementos devidamente escalonados.

No grosso pode existir uma guarda avançada, patrulhas de flanco e de retaguarda.

A nova orgânica do P. de A. M. permite melhor articulá-lo em :

- Comando ;
- Escalão de Exploração ;
- Escalão de Apoio.

O Comandante do Pelotão tem à sua disposição os meios necessários ao Comando, e, uma guarnição de lança granadas anticarro.

Para o seu transporte, além da viatura de combate tem a viatura de reconhecimento e ligação, que também transporta a guarnição do lança granadas anticarro.

O Escalão de Exploração articula-se em duas Patrulhas, sendo cada uma constituída por uma Secção de Autometralhadoras, a duas viaturas.

O Escalão de Apoio é constituído pela Secção Auto T. T. cujos elementos são 2 eqd. auto T. T. transportadas em 3 viaturas ligeiras todo o terreno (Jeeps).

Este Escalão tem por missão não só apoiar ou recolher o Escalão de Exploração, mas também explorar cobertos, povoações, etc., nos quais seja provável o encontro com o inimigo, passando a Escalão de Exploração, e as Patrulhas de A. M. a Escalão de Apoio.

Além disso, quando seja necessário, pode realizar sondagens laterais até ao horizonte visível ou a pontos importantes.

A ligação entre o Comandante do Pelotão e os seus Escalões está assegurada pela T. S. F., pois a viatura do Comandante da Secção Auto T. T. é equipada com um posto rádio.

O Comandante do Pelotão deve estar onde melhor possa desempenhar a sua missão, isto é, comandar.

Para isso, deve o seu lugar ser aquele em que mais facilmente possa estar em contacto com a exploração e, esse lugar é no próprio Escalão de Exploração entre a primeira e a segunda Patrulha.

Vamos agora ver como actua o Pelotão na descoberta.

Recebida a ordem do Comandante do D. Mx. o Comandante do Pelotão vai estudar a execução da manobra ou na carta ou nas fotografias aéreas, enquanto os Comandantes das Secções passam revista às

# Revista da Cavalaria

viaturas (verificar gasolina, óleo, água e pneus), posto de rádio, armamento e munições, equipamento, rações de reserva, etc.

Em seguida o Comandante do Pelotão reúne os seus homens e dá-lhes uma ordem verbal, na qual consta :

## *Situação e Missões :*

- Situação geral;
- Missão do Destacamento Misto;
- Missão do Pelotão;
- Missões das outras unidades do D. Mx.

## *Disposições que regulam a manobra ou seja :*

- Articulação e missões dos Escalões de Exploração e Apoio;
- Eixo de marcha;
- Ponto inicial;
- Hora da passagem do P. I.;
- Desenvolvimento da acção;
- Informações obrigatórias;
- Lanços;
- Partida para os lanços.

## *Ligações :*

- P. C./D. Mx.;
- P. C./Pl.;
- Transmissões.

## *Serviços :*

- Alimentação;
- Serviço de saúde;
- Desempanagens;
- Reabastecimento de carburantes;
- Prisioneiros.

# Revista da Cavalaria

Se o Comandante do Pelotão tem pouco tempo, limita-se a dar as indicações mais importantes :

- Direcção ;
- Objectivo ;
- Articulações ;
- Conduta para com o inimigo ;
- Ligações.

E, ordens ulteriores regulam a continuação da acção.

Dada a ordem de partida o Pelotão articula-se em :

- Escalão de Exploração — 2 Patrulhas de A. M. ;
- Entre as duas Patrulhas marcha o Comandante do Pelotão ;
- Escalão de Apoio à retaguarda.

A ligação entre os diversos elementos é feita por T. S. F. ou pela vista.

Durante a progressão, se o encontro com o inimigo é pouco provável, o Pelotão actua na base da velocidade, mas se ele é provável, então o Pelotão actua na base de segurança, tomando para isso as necessárias disposições.

No primeiro caso, o Escalão de Exploração desloca-se por lanços de ponto de observação em ponto de observação, e o Escalão de Apoio deve marchar sem interrupção.

No segundo caso o Comandante do Pelotão marca os lanços mais curtos, e tanto mais curtos quanto mais próximo estiver de um encontro provável com o inimigo.

O Escalão de Apoio desloca-se também por lanços, de posição de tiro em posição de tiro, sempre pronto a actuar.

As sondagens laterais são normalmente efectuadas, pela segunda Patrulha, mas podem também ser realizadas por parte do Escalão de Apoio, visto as viaturas «Jeep» terem maiores possibilidades T. T. que as Autometralhadoras.

No caso de encontrar no itinerário de marcha, pontos ou zonas suspeitas, como sejam cobertos, bosques, povoações, etc. , o Comandante do Pelotão ordenará a todo ou parte do Escalão de Apoio que acompanhe a Patrulha Testa.

# Revista da Cavalaria

A progressão poderá então efectuar-se:

- Os atiradores sobre as suas viaturas, à retaguarda das A. M. Este processo de progressão tem o inconveniente de, dadas as características dos «Jeeps», a protecção contra os fogos inimigos ser nula, e ainda, haver um tempo de paragem durante o qual não só o pessoal como as viaturas ficam expostas ao fogo inimigo. Esse tempo de paragem resulta do apejar para o combate.
- Os atiradores transportados sobre as Autometralhadoras, neste caso as Autometralhadoras têm maior liberdade de acção, e, os atiradores estão protegidos contra os fogos de frente pela torre das viaturas, mas ficam expostas a fogos de flanco e a ataques das Equipas de luta próxima anticarro e das armas anticarro inimigas.
- A progressão dos atiradores será feita a pé, actuando a Patrulha de A. M. como Escalão de Apoio.

Neste caso a protecção é maior para as Autometralhadoras, pois permite defendê-las das Equipas de luta próxima, e das armas anticarro de pequeno alcance, mas tem o grave inconveniente de perda de tempo, pois a velocidade passa para a da progressão dos atiradores a pé.

Para darem uma boa protecção às Autometralhadoras, os atiradores devem marchar não só aos lados, mas também à sua frente.

Nestes dois casos, as viaturas desmontadas marcharão na retaguarda do dispositivo.

Na ordem dada pelo Comandante do Pelotão, sempre que seja possível, devem prever-se as sondagens laterais e os pontos onde é necessário que os atiradores explorem o eixo de marcha. Há grande vantagem nessa previsão, pois assim não haverá perdas de tempo resultantes da paragem necessária para os atiradores chegarem à frente.

Para se poder prever essas sondagens e as zonas suspeitas é necessário um estudo prévio da carta (itinerários convergentes sobre o eixo de marcha, povoações, zonas arborizadas, etc.)

No caso de encontrar um bosque ou uma povoação, o Comandante do Pelotão deve actuar da seguinte forma:

- Depois da Patrulha n.º 1 observar o bosque ou a povoação, penetra rapidamente segundo o itinerário;

## Revista da Cavalaria

- Entretanto a Patrulha n.º 2 ocupa o lugar da Patrulha n.º 1, pronta, quer a apoiá-la, quer a recolhê-la em caso de insucesso;
- O Escalão de Apoio reconhece uma posição de tiro ficando assim apto a realizar o apoio;
- A Patrulha n.º 1 atravessa rapidamente o bosque ou a povoação e estabelece-se em vigilância à sua saída;
- A Patrulha n.º 2 apoiada pelo Escalão de Apoio, avança, e realiza a exploração do bosque ou povoação, fazendo sondagens laterais.

Terminada a exploração, o Escalão de Apoio avança, retomando o Pelotão o dispositivo de marcha.

Desde que o encontro com o inimigo, seja provável, o Comandante do Pelotão ordena que os atiradores progridam à frente da Patrulha n.º 1, a qual realiza o apoio dessa progressão, e, neste caso, a povoação ou bosque não deve ser abordada de frente.

Quando o Pelotão encontra o inimigo, na missão que lhe é atribuída deve constar qual a atitude a tomar.

Qualquer que seja, o Comandante do Pelotão deve manobrar de modo a poder determinar se a resistência inimiga é um ponto ou uma linha.

Se for um ponto deve destruí-la ou neutralizá-la e continuar a progressão.

Se for uma linha deve comunicar imediatamente ao Comandante do D. Mx. e, continuar a manter o contacto.

O encontro com o inimigo pode dar-se durante ou no final do lanço.

No primeiro caso a Patrulha n.º 1 deve voltar, se for possível, ao final do lanço anterior e observar, enquanto a Patrulha n.º 2 procura por um ou outro lado do eixo de marcha realizar um envolvimento.

Se essa Patrulha for detida, o Comandante do Pelotão fica sabendo que está em presença de uma linha. No segundo caso procede-se da mesma forma, com a vantagem da Patrulha n.º 1 já estar em boas condições de instalação e observação.

Se o terreno para realizar a manobra se não prestar à progressão das Autometralhadoras, essa manobra pode ser feita pela Sec. Auto T. T., ficando a Patrulha n.º 2 em Escalão de Apoio.

O Comandante do Pelotão para destruir ou neutralizar a resistência inimiga, utiliza o movimento e o fogo, mas pode também ultrapassar

# Revista da Cavalaria

essa resistência, assinalando-a ao Comandante do D. Mx. para este a neutralizar.

A defesa antiaérea do Pelotão está assegurada não só pelas armas de bordo das Autometralhadoras (Metr. Breen) e pelas armas automáticas do Escalão de Apoio, mas também pelo dispositivo de marcha que é bastante diluído e pela velocidade.

A Patrulha n.º 1 não deve actuar contra aviões, pois a sua missão é de exploração.

*A nova constituição do Pelotão de Autometralhadoras tem a vantagem de o Pelotão poder, com a sua Secção Auto T. T., e a guarnição de lança granadas anticarro neutralizar ou destruir resistências que até agora o obrigariam a deter-se.*

*Nota-se ainda a falta de um canhão automotor, o que vinha dar ao Pelotão uma maior potência de choque e maior autonomia.*



# Educação Física

pelo Tenente ANDRADE e SILVA



Já nos tempos mais remotos se viu a necessidade de dar aos componentes de uma Nação, uma preparação física eficaz, de modo a eles poderem aguentar a vida de campanha. Assim, na antiga Grécia a educação física, deu entre outras vitórias a de Maratona, decisiva para os destinos da Europa.

O grande historiador G. Oncken descreve a batalha dizendo que Miltíades dispôs as coisas para que os Gregos, habituados a suportar a fadiga pelos muitos exercícios a que se entregavam no ginásio, se dirigissem correndo para a planície e aí atacassem o exército inimigo.

O ilustre Professor de Educação Física Dr. Américo Netto, comenta da seguinte forma a batalha de Maratona:

«Foi um tríplice triunfo, de facto o da educação física dos Helenos em Maratona: Na luta decisiva que salvou a cultura europeia, do despotismo asiático, a fisicultura dos Gregos venceu antes, durante e depois».

Antes, porque o pedido de socorro mandado fazer a Esparta, foi entregue a um arauto que era também um corredor, e, efectuou de ida e volta, sem praticamente se deter, o difícil percurso de 230 quilómetros, entre a capital ateniense e a Lacedemónia.

Durante, porque o segredo da vitória campal, esteve na estranha mas eficiente táctica de Miltíades, fazendo com que os seus soldados, atravessassem correndo, embora armados, mas sem se desunirem, o espaço de quilómetro e meio de planície que os apartava dos Persas.

Depois, porque não somente se registou o feito glorioso desse soldado, que, ferido correu do campo de batalha até Atenas, com a nova do triunfo, que deu aos Atenienses angustiados, morrendo logo depois, mas também houve a marcha forçada de dois mil lanceiros espartanos, que fizeram em três dias, o caminho de Esparta ao combate — cerca de 250 quilómetros — para nele chegar ainda em tempo de vê-lo coalhado de cadáveres dos invasores.

## Revista da Cavalaria

Em 1806, quando Napoleão, atravessando o Reno e derrotando os prussianos em Iena, entrou em Berlim, os exércitos da Prússia viram os seus efectivos reduzidos a umas escassas dezenas de milhares de homens e deste modo, o desejo de desforra que palpitava no espírito dos alemães, estava seriamente comprometido.

Apareceu um fervoroso patriota, inimigo implacável dos franceses, que, como Napoleão não consentisse que o exército Prussiano tivesse mais de 40.000 homens, John, reunia a juventude realizando exercícios físicos, discursos ardentes e jogos guerreiros.

Para a prática de exercícios físicos, promoveu a criação de inúmeras sociedades de ginástica, nas quais se praticavam exercícios que visassem a preparação física e espiritual da mocidade e assim permitissem a obtenção da desforra, tão desejada em seguida ao fracasso de Iena, desforra esta alcançada em 1870, na guerra Franco-Prussiana.

Observando a história dos Lusitanos, notamos que a série de triunfos alcançados por estes eram, além dos factores de ordem táctica «mobilidade, espírito ofensivo audaz, rapidez e imprevisto que continuam a ser nos nossos dias o segredo de todos os sucessos militares» motivados pela vida que levavam nas montanhas, respirando o ar puro, habituando-se à rudeza do clima, sabendo suportar a fome, deitando-se em leitos duros, que não favorecem o hábito de más atitudes e não convidam à preguiça, combatendo as feras, praticando exercícios a cavalo, correndo, lançando, saltando ao desafio, marchando cadenciadamente, aquecendo-se em estufas, banhando-se em seguida em água fria.

A par deste trabalho físico intenso, os Lusitanos não conheciam o luxo e grandeza, factores predominantes da decadência rática.

Adolfo Schulten, o maior investigador moderno da vida dos nossos antepassados, retrata assim Viriato:

«Corpo vigoroso, enrijado pela vida áspera de pastor, em lutas constantes com o vento, intempéries, animais selvagens, a competir com qualquer em força, rapidez e destreza, a satisfazer-se com qualquer alimento e pouco sono e suportando com facilidade a fome, a sede e o frio».

Por sua vez Plutarco refere-se a outro chefe dos Lusitanos, o romano Quinto Sertório dizendo que o seu corpo se fortalecera pelo exercício físico e que as vitórias obtidas sobre o general romano Metelo, que era já idoso, e descansava dos seus grandes e numerosos combates numa vida branda e cheia de gozos.

Tal como os Gregos, exercitados pelos movimentos corporais que influenciaram a táctica das suas batalhas vitoriosas, também os peões

# Revista da Cavalaria

## Educação Física

e cavaleiros Lusitanos, devem à destreza física, acompanhada de uma grande força de ânimo, as primeiras vitórias da nossa história, prenúncio da formação da Nacionalidade.

Depois da formação da nossa Nacionalidade, a educação física, era mantida inclusivamente pelos reis, que viam no cavalo, na caça e adextramento de armas o seu desporto favorito.

No reinado do Mestre de Aviz, este escreve o primeiro livro português sobre exercícios físicos intitulado *Livro de Monteria* em que foca principalmente a caça do monte (ursos, lobos, veados, etc.), mas refere-se também a outros jogos como o de pela, útil para os que tenham de manejar as armas, porque lhes exercitava os membros e os movimentos respiratórios, os saltos, corridas, lançamento de lança e outros.

No reinado de D. João III, a decadência dos exercícios físicos foi notória, devido ao luxo, corrupção e ociosidade, produto da riqueza da Índia e do Brasil e ainda pelo aparecimento das armas de fogo.

Com a derrota de Alcácer Quibir e com a dominação estrangeira em Portugal a educação física decaiu gradualmente tendo havido nos séculos XVI, XVII e XVIII a dissolução da ginástica militar mediévia.

No século XIX aparecem as primeiras instituições de formação de professores de educação física que contribuem e concorrem para o progresso das ciências biológicas e pedagógicas, dando como resultado a formação de uma valiosa e abundante literatura da especialidade.

Algumas práticas higiénicas popularizam-se, a arquitectura dos meios populacionais modifica-se e, inclusivamente, a arte recebe motivos saudáveis de inspiração baseada na concepção da saúde individual resultante de uma vida física, intelectual, moral e religiosa sã.

Implicitamente as capacidades pré-militares da juventude, a destreza, e a disciplina militar aumentam.

A educação física moderna torna-se um motivo de relação e prestígio entre os povos civilizados.

Deve-se a iniciativa particular e aos Órgãos de Defesa Nacional, a publicação dos primeiros regulamentos de ginástica e esgrima, a criação das primeiras escolas de formação de instrutores.

Em 1905 foi introduzida oficialmente nos liceus a ginástica, e parte da população escolar é submetida a exercícios físicos dirigidos, que não tiveram a eficiência necessária, em virtude da falta de conhecimentos técnicos dos instrutores, recrutados em circunstâncias anormais.

As associações ginásticas e desportivas atraíam indistintamente os elementos escolares e não escolares porque, além de melhor organizados,

## Revista da Cavalaria

prometem a realização de um problema que vivia de interesse e entusiasmos particulares quando, no entanto, é de carácter unitário pela sua natureza geral e seus fins.

Depois da tentativa do Governo provisório, em 1911, que decretou a criação de duas escolas superiores de educação física, nas Universidades de Lisboa e Coimbra que nunca chegaram a funcionar, foi organizado em 1921 o Curso Normal de Educação Física frequentado na Faculdade de Medicina, Escola Normal Superior e Escola do Magistério Primário de Benfica, cuja insuficiência foi acentuada pela sua reorganização em 1923.

Em 1930, um grupo de professores e médicos organizou a Escola Superior de Educação Física da Sociedade de Geografia de Lisboa e em 1933, o Estado instituiu a Escola da Educação Física do Exército, frequentada por oficiais e sargentos, que quando acabassem os seus cursos, eram respectivamente mestres e monitores de educação física. Como o curso tinha a duração de dois anos os instruendos traziam conhecimentos completos e ideias absolutamente assentes sobre a educação física.

Tendo deixado de existir a Escola de Educação Física do Exército, para que houvesse uma contínua preparação de oficiais e sargentos em educação física, criou-se na Escola do Exército, um curso de instrutores e monitores auxiliares de ginástica e desportos, com a duração de cerca de dois meses, que tinha uma finalidade essencialmente prática.

Os mancebos da classe humilde que vêm prestar serviço militar apresentam-se em estado muito deficiente, desconhecendo as mais elementares regras de higiene individual, mostrando reduzida flexibilidade e destreza e mesmo pequeno ou unilateral desenvolvimento muscular, muitos não estão habituados à vida ao ar livre, e alguns não têm devidamente educado o espírito combativo, embora exista uma certa percentagem de desordeiros.

Nos indivíduos oriundos das classes remediadas e ricas, apesar dos esforços das associações desportivas, apresentam a pele delicada e baça, devido ao pouco contacto com o sol, os braços e o tórax atrofiados, o receio de se constiparem e magoarem e a repugnância de toda a actividade que os fatigue.

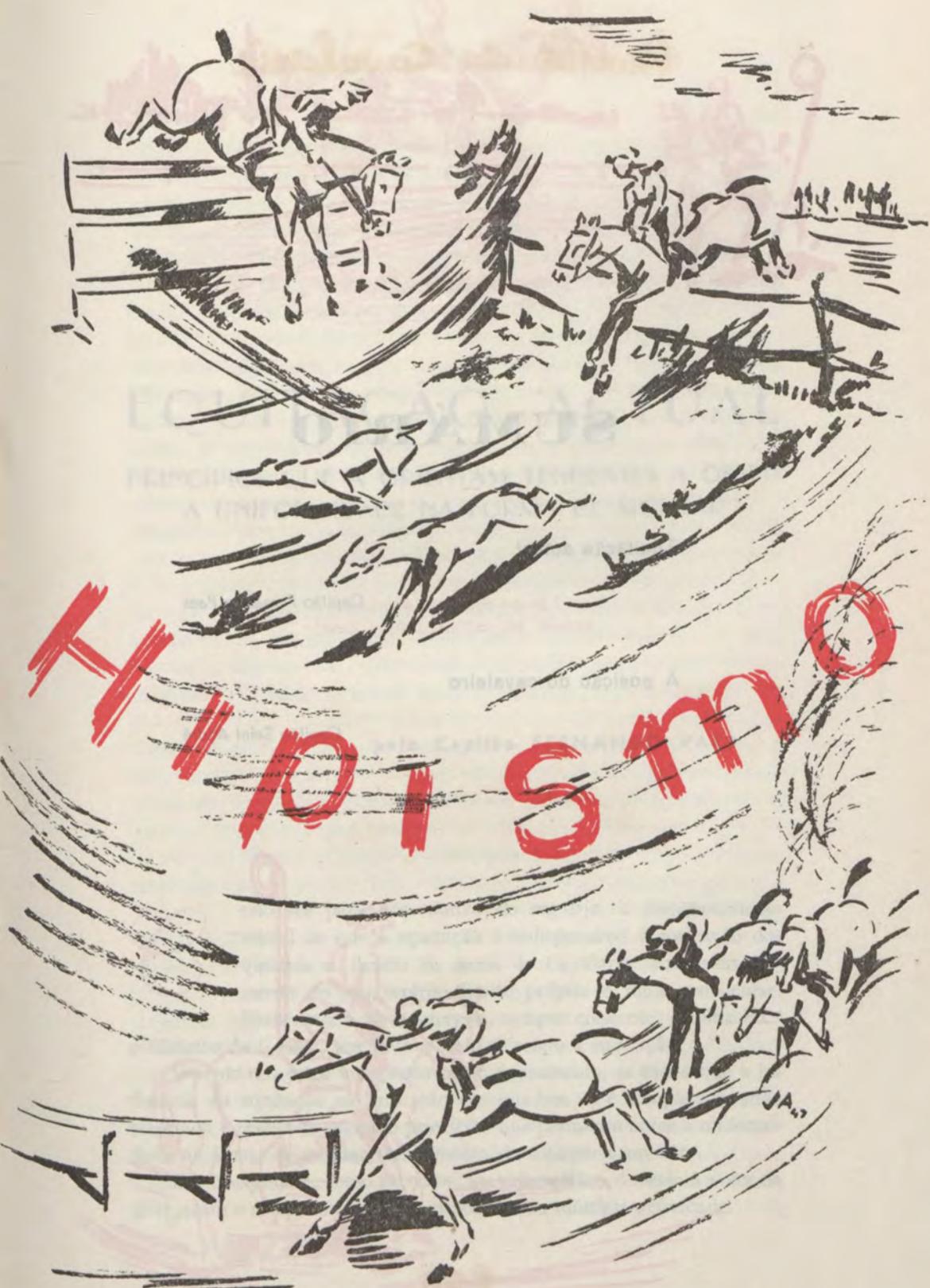
Mediante este conjunto de circunstâncias e atendendo ao pouco tempo de permanência nas fileiras criaram-se umas lições de ginástica educativa, constituídas por exercícios de técnica simples que visam principalmente o desenvolvimento rápido da mobilidade articular normal, a força e coordenação nervosa.

# Revista da Cavalaria

A vida em campanha exige, além dos factores de ordem moral, uma preparação física intensa, que não é possível improvisar e que só com um treino muito aturado se pode manejar com facilidade as armas, transpor obstáculos, deslocar-se em todo o terreno, levantar e transportar objectos pesados, etc., em diferentes condições de tempo, de modo a dar ao homem uma resistência física compatível com o esforço que lhe é pedido. Para atingir tal fim e para que o recruta se habitue com o equipamento e armamento usado em campanha elaboraram-se lições de ginástica de aplicação militar; para que eles adquiram resistência às inclemências do tempo, à fadiga e à dor.

A par da ginástica educativa e da educação militar, os homens praticam desportos de técnica média e mínima que contribuem pela decisão, coragem, iniciativa e esforço físico que solicitam e pelo endurecimento do corpo e resistência à fadiga que promovem, quando racionalmente praticados.





# Hillsmo



# SUMÁRIO

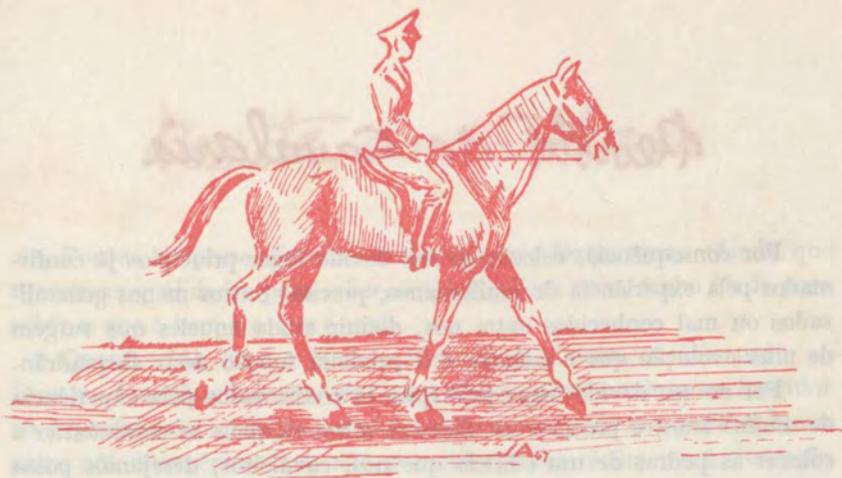
Equitação actual

Capitão Fernando Paes

A posição do cavaleiro

Capitão Saint André





# EQUITAÇÃO ACTUAL

PRINCÍPIOS QUE A ORIENTAM TENDENTES A OBTER  
A UNIFORMIDADE NA FORMA DE MONTAR

Conferência realizada no «I Con-  
curso Hípico Militar de Mafra»

pelo Capitão FERNANDO PAES

**C**reio ser para nós motivo de regozijo, o reconhecimento oficial de que a equitação é indispensável à formação dos quadros e, dentro da Arma de Cavalaria, ao desenvolvimento do seu espírito muito próprio e muito particular. Demonstram-no o interesse, sempre crescente, de Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Guerra, por tudo quanto se refere à equitação.

No entanto, julgo interpretar o seu pensamento, se disser que a influência da equitação na formação dos quadros só é completa quando orientada e praticada segundo princípios que permitam obter a uniformidade na forma de montar, fundamento da disciplina equestre.

E a disciplina é, como sabemos, na vida militar, o esteio à volta do qual giram e se apoiam todos os ramos da sua múltipla actividade.

## Revista da Cavalaria

Por consequência, colocar no seu devido lugar princípios já confirmados pela experiência de muitos anos, precisar outros menos generalizados ou mal conhecidos entre nós, definir ainda aqueles que surgem de uma evolução que é natural, é a primeira função deste Esquadrão.

Pôr no seu devido lugar princípios já confirmados pela experiência de muitos anos, é procurar os alicerces sobre os quais se continuarão a colocar as pedras de um edifício que nós, cavaleiros, desejamos possa um dia atingir a perfeição.

Precisar outros menos generalizados ou mal conhecidos entre nós, é contribuir com a nossa experiência e com a experiência dos outros que vivem mais longe, para a sua melhor compreensão e expansão.

Definir aqueles que surgem de uma evolução que é natural, é manter o espírito novo, é procurar compreender os estudos, as observações e as sensações dos outros, é procurar ligar o passado ao presente de maneira a evitar que a revolução inevitável se imponha, com todos os seus excessos e consequente desorientação, a uma evolução que há que aceitar porque é função da própria essência de tudo quanto é humano.

Eu tenho a impressão, em face do que me foi dado observar durante os últimos tempos e, especialmente, enquanto permaneci em França, que nós nos podemos considerar hoje como estando a par das modernas teorias que regulam a instrução equestre no seu duplo aspecto cavalo e cavaleiro.

Durante o tempo em que estivemos frequentando o curso de aperfeiçoamento equestre na Escola de Equitação de Fontainebleau e durante o estágio que fizemos no «Cadre Noir» em Saumur, sempre o Sr. Capitão Reymão Nogueira e eu trocámos impressões sobre os processos e método de instrução seguidos em França e sempre procurámos esclarecer-nos com os seus instrutores e dirigentes nos mais pequenos pormenores.

Os relatórios que apresentei foram, por consequência, fruto de um estudo e de uma meditação que teve por único fim, como era nosso dever, contribuir para a melhoria da instrução equestre no nosso Exército.

Ao observar, passados mais de dois anos, esses relatórios, verifiquei que nada ali foi encarado superficialmente; eles foram antes o resultado de uma evolução que teve como característica principal a preocupação em ligar o presente com os ensinamentos que nos foram ministrados ao tempo dos nossos cursos de aperfeiçoamento de equitação na Escola de Cavalaria, devendo em abono da verdade ser dito, que foi sempre com grande satisfação que constatámos a actualidade de alguns dos princípios que nos orientaram nessa época.

## Revista da Cavalaria

Porque eu posso dizer como Afonso de Albuquerque: «Ainda que nenhuma qualidade para saber dirigir haja em mim, tenho idade para saber o que é bem e o que é mal».

Quando Sua Ex.<sup>a</sup> o Senhor Ministro da Guerra decidiu pedir ao Governo Francês um *écuyer do Cadre Noir* para vir servir como instrutor no esquadrão de equitação, eu cheguei talvez a recear que pudesse haver entre nós divergências que não permitissem dar fâcilmente à instrução uma orientação bem definida, uma vez que não tinha tido oportunidade de trabalhar em França com o Sr. Capitão de Saint André mas, ao contrário, não só a identidade de vistas se revelou completa, o que faz ressaltar a força moral e espiritual de uma Escola, mas também porque o Sr. Capitão de Saint André, com o seu saber, a sua clareza e o seu espírito metódico, tem contribuído largamente para uma maior difusão, melhor compreensão e aceitação dos princípios hoje preconizados e adoptados neste Esquadrão de Equitação.

Esta identidade de vistas a que me referi, e que não é senão a aceitação natural de princípios e processos racionais, existe hoje no quadro de instrutores do Esquadrão de Equitação e pretendeu-se criar em todos os oficiais que frequentaram o estágio no ano transacto, enquanto não estivesse publicado um manual ou regulamento que o determinasse.

Se esta identidade de vistas existia ou não em épocas anteriores, não interessa. O que interessa é saber que ela existe hoje no quadro de instrutores do Esquadrão de Equitação e que, existindo, assegura num futuro próximo uma uniformidade de processos, um método e uma doutrina, que originarão, como consequência, a uniformidade de monte que se pretende.

A evolução da equitação constata-se através de todas as idades e, especialmente, durante os dois últimos séculos, época em que as escolas francesa e alemã, mas especialmente a francesa, maiores progressos realizaram no sentido de a tornar cada vez mais racional.

A notar, os esforços do General L'Hotte e os do Comandante Dutilh no sentido de ligar as doutrinas de Baucher e d'Aure.

Hoje, como diz o Sr. Rau, obreiro do sucesso da equipa alemã nas três modalidades hípicas dos Jogos Olímpicos de Berlim, chegou-se já à conclusão unânime *em virtude das competições hípicas internacionais da Europa nos últimos vinte anos, especialmente das provas de ensino*, (o que quer dizer, de 1930 para cá) «que o fim da equitação se considera atingido quando o cavalo foi ginasticado de uma maneira perfeita e que, descontraído nos seus músculos e articulações, ele põe, uns e outros, à disposição inteira do cavaleiro».

## Revista da Cavalaria

Ele diz ainda que: «quanto a sistema de equitação, eles aproximam-se cada vez mais e evoluem para um sistema único, natural e racional, que se baseia nas leis da mecânica e da fisiologia do cavalo».

A verdadeira equitação, ensinada à base de uma ginástica racional, tem por fim educar o cavalo de forma a poder ser utilizado em todos os estados da sua progressão, seja como cavalo de fileira, de exterior ou de obstáculos e, no supremo grau de ensino, como cavalo de escola. Simplesmente, a grande dificuldade está em não se afastar do caminho traçado à base daqueles princípios que tem por fim, no seu mais elevado grau, levar o cavalo ao aperfeiçoamento supremo dos seus andamentos.

Com o fim de inculcar no espírito dos oficiais instruídos dos cursos o princípio de que o cavalo é utilizável num ou noutro fim, em harmonia com o seu grau de ensino, o regulamento dos cursos de mestres de equitação exige, especialmente para o 1.º ano e para um certo número de cavalos, uma série de provas em que entram o ensino, embora num grau complementar, o exterior e os obstáculos. Por isso, para uma verdadeira avaliação do estado de ensino destes cavalos, necessário se torna apreciá-los neste conjunto de provas.

Com o fim de contribuir para a opinião hoje generalizada em todo o mundo, que o ensino, no seu mais elevado grau, deve levar o cavalo ao aperfeiçoamento supremo dos seus andamentos naturais, a Federação Equestre Internacional baniu os ares considerados artificiais e considera unicamente como ares altos, a passage, o piaffer, as piruetas e as passagens de mão a tempo.

Por outro lado, porque se sentiu a necessidade de encontrar uma fórmula que permitisse uma apreciação relativa mais fácil, adoptou-se um sistema de apresentação que se baseia na execução de exercícios em pontos determinados.

Que a equitação passou a ter hoje um carácter universal, não resta dúvidas. Que, para podermos competir em provas internacionais, necessário se torna acompanhar a evolução que se verifica além fronteiras, é também assunto que, a meu ver, não merece discussão.

Mas, porque muitas questões se nos não afiguram perfeitas e porque nós podemos também contribuir, da mesma forma que os outros, para uma melhor perfeição dos problemas equestres, é indispensável que nos apresentemos nas competições internacionais com uma escola bem definida, que nos dê o prestígio necessário para o fazer.

A escola não é senão a uniformidade na forma de montar, adquirida por uma uniformidade de processos articulados segundo um determinado método e baseados em princípios considerados fundamentais.

# Revista da Cavalaria

A teoria deste conjunto, constitui a doutrina.

A equitação abrange duas partes que têm que ser encaradas separadamente:

A educação do cavaleiro e a educação do cavalo.

A educação do cavaleiro, tal como a educação do cavalo, tem evoluído através dos tempos em harmonia com a utilização que se tem pretendido dar a uns e a outros.

Assim, e para nos reportarmos unicamente a épocas mais recentes, o cavaleiro montava de perna bem estendida quando necessitava de se apoiar bem nos estribos e espetar a perna para a frente para aguentar o choque de uma massa constituída por cavalo, cavaleiro e lança, que arremetia sobre ele. Era a época medieval dos torneios.

Depois, quando se sentiu a necessidade de possuir cavalos maneáveis para a refrega e o cavaleiro foi obrigado, para mais facilmente poder dispor da sua montada, de dobrar a perna pelo joelho, encurtando ligeiramente os estribos, surge-nos a posição definida por La Guérinière que, durante tanto tempo, foi considerada como a posição clássica do cavaleiro a cavalo e tanto concorreu para o prestígio da Equitação Francesa. Basta dizer que o livro *Escola de Cavalaria* de La Guérinière, é considerado ainda hoje pela Escola de Viena como a sua bíblia equestre. Foi esta a época dos carrosséis.

Mais tarde, com a expansão da equitação de exterior no continente, devida ao Con.<sup>te</sup> d'Aure, com a influência da equitação desportiva inglesa e, mais recentemente, com as doutrinas da escola italiana derivada do desenvolvimento da equitação de obstáculos, a posição do cavaleiro a cavalo atravessou um período crítico, preconizando-se, como consequência dessa desorientação, uma monte para a equitação de escola e outra para a equitação de exterior e obstáculos.

A doutrina moderna considerada hoje doutrina universal, firmou-se por alturas de 1932, época que se seguiu imediatamente àquela em que frequentei o curso de aperfeiçoamento de equitação na Escola de Cavalaria.

Não é, pois, de admirar que nessa altura tivéssemos sofrido a influência da escola italiana da época quanto à monte de obstáculos e exterior, especialmente por intermédio dos seus mais dilectos paladinos: os irmãos Pimenta da Gama.

Em síntese, a doutrina moderna nasceu com a necessidade de evitar que o cavaleiro tomasse uma posição atrasada e perdesse a solidez e a independência de movimentos, quando, pelas exigências de um percurso de obstáculos, era obrigado a encurtar os estribos.

## Revista da Cavalaria

Verificada a impossibilidade prática de se manter facilmente em sela com a firmeza e a independência precisas, unicamente pela fixação do joelho e pelo jogo das articulações do rim e coxo-femural, a teoria moderna baseia-se no aproveitamento máximo do jogo de todas as articulações, as do joelho e as do tornozelo incluídas, uma vez que a flexibilidade, que não é senão o resultado da descontração de todos os músculos e articulações, é a base da colocação em sela.

Daqui, a necessidade de ir buscar um novo ponto de apoio à aderência da parte interna das barrigas das pernas com o ventre do cavalo.

E o caso curioso é que esta nova doutrina que se deve, em grande parte, aos esforços do Coronel Danloux, ao tempo *écuyer en chef* do «Cadre Noir», reflectiu-se na posição clássica do cavaleiro a cavalo, não só porque a descida do joelho para diante e para baixo mantém, mais facilmente, a posição à frente, contrariando a tendência natural de colocar o assento atrás, como também porque se verificou que o contacto permanente da perna com o ventre do cavalo, da mesma forma que o contacto da mão do cavaleiro com a boca do animal, permitindo adquirir mais rapidamente aquilo a que se chama o sentimento do cavalo, contribui para o seu mais rápido ensino.

Assim nos aparece a nova concepção sobre a posição do cavaleiro a cavalo, posição única porque, qualquer que seja a modalidade da equitação praticada, a doutrina em que se baseia assenta nos mesmos princípios.

Deixando o detalhe da posição do cavaleiro na equitação desportiva para o Sr. Capitão de Saint André, visto que a sua conferência versará sobre concursos hípicas, analisemos, nas suas partes mais discutidas, a posição clássica do cavaleiro a cavalo.

É fora de dúvida que o cavaleiro em sela deve apresentar-se com o tronco livre e direito.

Livre, quer dizer, sem contração.

Direito, é a própria significação da palavra.

Não há nenhum livro da especialidade que não chame a atenção para a incorrecção que representa o facto de um cavaleiro se apresentar corcovado ou, como vulgarmente se diz, amarrecado.

Já La Guérinière dizia :

«Cette belle partie ayant été négligée, et la nonchalance jointe à un certain air de mollesse, ayant succédé à l'attention qu'on avait autrefois pour acquérir et pour conserver cette belle assiette qui charme

## Revista da Cavalaria

les yeux des spectateurs et releve infiniment le mérite d'un beau cheval, il n'est point étonnant que la cavalerie ait tant perdu de son ancien lustre».

Foi, por consequência, para corrigir a tendência natural para este defeito que se notava especialmente no trabalho e apresentação de cavalos de escola, que se procurou chamar a atenção para este detalhe, aliás já muito velho e muito sabido, mas muito importante porque se tratava de cavaleiros militares e porque há entre eles muitos instrutores e mestres de equitação que, a meu ver, melhor seria pecarem por excesso do que por defeito.

A posição dos braços e das mãos tal como ela é definida, é uma consequência da posição do tronco e da necessidade de dar ao contacto da mão com a boca do cavalo a máxima flexibilidade.

É uma consequência da posição do tronco porque sem os ombros recuados e sem que os cotovelos estejam unidos ao corpo, não é possível manter-se o tronco livre e direito e o peito naturalmente saliente; é uma consequência derivada da necessidade de manter com a boca do cavalo um contacto flexível, porque se as mãos não estiverem a cerca de uma mão travessa acima do garrote e, ao contrário, juntas ao garrote — ou os braços se estendem e assim se perde o jogo da articulação do cotovelo, ou, para manter os braços flectidos o tronco é compelido a inclinar-se para diante.

É claro que a confusão sobre se as mãos devem ou não trabalhar junto ao garrote, está ligada à prática da equitação desportiva.

A equitação desportiva é essencialmente uma equitação horizontal, quer dizer, uma equitação para a qual se deve procurar um equilíbrio horizontal.

E assim, se é princípio geral assente, como frisei num dos meus relatórios, que quando a mão se eleva, o pescoço do cavalo deve subir, arredondando-se, e que quando a mão desce, o pescoço deve baixar-se, alongando-se, fácil é depreender que, fora dos andamentos concentrados, a mão deverá procurar, mais junto ao garrote, ou mesmo junto ao garrote, a posição própria, em harmonia com aquele princípio.

Mas, porque há que definir com todo o rigor a posição do cavaleiro em sela, posição de apresentação, posição clássica, posição de escola, que se imponha pela sua uniformidade e pela disciplina que representa, se estabeleceu, como norma, que a posição da mão do cavaleiro deve estar sensivelmente a uma mão travessa acima do garrote.

## Revista da Cavalaria

A posição da perna assenta, como disse, no princípio de aproveitar ao máximo o jogo das articulações do joelho e do tornozelo. É, pois, fácil compreender que considerar o joelho como ponto fixo implica, pelo menos, perder-se o jogo destas duas articulações.

Porque nada é perfeito neste mundo embora todos tenhamos o dever de contribuir para a perfeição, é possível que se tenha verificado num ou noutro caso particular, um relativo exagero na aplicação deste princípio, especialmente quando se sabe que a sua adopção, entre nós, não vai além de 2 anos.

Por isso, não só mereceu o maior cuidado a redacção escolhida para a definição da posição clássica por parte de quem recebeu incumbência para o fazer, como também houve o cuidado de elaborar instruções nesse sentido.

Dizem essas instruções no referente a estes pontos:

b) — O facto do joelho constituir um ângulo articular cuja flexibilidade deve ser constantemente melhorada por meio de exercícios apropriados, não se justifica a sua desunião do selim. O joelho deve estar unido pela sua face interna de forma a permitir que a coxa mantenha com o selim, por intermédio da sua face plana, um contacto sólido.

d) — A perna deve aderir ao ventre do cavalo pela face interna da barriga da perna, não se justificando, pois, qualquer exagero que origine a desunião do joelho e a perpendicularidade do pé sobre o eixo do cavalo.

De resto, estas instruções não tiveram outro fim senão o de chamar a atenção dos instrutores para pontos que estavam a ser muito discutidos, porque a posição do cavaleiro a cavalo, tal como está definida e foi definida durante o estágio realizado no ano anterior, não oferece quaisquer dúvidas a este respeito.

É evidente que a colocação em sela se não obtém fixando unicamente qual a posição do cavaleiro a cavalo.

Se é na flexibilidade dos músculos e articulações que se baseia a doutrina moderna, natural é que os primeiros exercícios destinados a obter a colocação em sela sejam, essencialmente, exercícios de flexibilidade. Outros, visando particularmente a posição, o equilíbrio, a correcção de defeitos de conformação ou atitude e a independência de movimentos, são prescritos na altura própria segundo um método esta-

## Revista da Cavalaria

belecido e conforme visam o fim elementar ou complementar da equitação.

Estava previsto que o Sr. Tenente Pereira de Almeida se referisse a este assunto na sua conferência e tratasse com maior detalhe o que se refere à preparação do cavaleiro no respeitante a provas de obstáculos. Ficaré para outra ocasião, se assim for determinado.

No entanto, como exemplo, para um ponto eu chamo a atenção:

É o que se refere ao trote sem estribos.

O trote sem estribos foi, durante muito tempo, considerado como base da educação do cavaleiro mas, fosse porque o problema não tivesse sido posto com clareza, fosse porque tivesse sido mal interpretado, o que é facto é que a impressão causada pela aplicação deste meio de instrução foi tal que acabou por ser quase completamente banido, especialmente quando a equitação desportiva passou a ter um maior incremento e, com ela, apareceu a necessidade de estribar mais curto.

Ora o trote sem estribos foi, e continua a ser, o meio mais eficaz para obter a flexibilidade do rim e, por consequência, há que o utilizar e aplicar.

Simplemente, porque se não for convenientemente doseado dará como resultado a contracção e não a descontração, há que estabelecer regras que estejam em harmonia com o grau de adiantamento do cavaleiro.

Assim, se para o principiante, recruta incluído, deve ser preferido o trote levantado com estribos, porque esta forma de trotar, além de contribuir para a obtenção de posição, especialmente com o estribo ligado à cilha, familiariza-o com o trote porque lhe amortece as reacções que são inerentes, a este andamento, não quer dizer que o trote sem estribos não seja empregado na sua altura própria, começando por períodos muito reduzidos e num andamento muito curto.

Ao contrário, se considerarmos a instrução equestre num grau complementar, isto é, tal como esta instrução é encarada no 1.º ano do Curso de Mestres de Equitação e poderá ser encarada, se já o não é, na preparação dos futuros quadros da Arma de Cavalaria na Escola do Exército, o que não será difícil quando começarem a chegar àquela Escola os actuais alunos do Colégio Militar, o trote sem estribos poderá ser aplicado *sem qualquer inconveniente*, num andamento largo, em mudanças constantes de andamentos e sobre cavaletes dispostos a toda a volta do picadeiro.

E, por último, se entrarmos dentro da equitação superior, não poderemos deixar de concluir que é dever de todo o instrutor trotar com

## Revista da Cavalaria

frequência sem estribos, porque só assim é possível manter a flexibilidade adquirida e estar em condições de servir de exemplo aos seus instruídos.

A flexibilidade do rim é perfeita quando o cavaleiro, em trote largo e nas passagens do galope ao trote, mantém o assento, permanentemente, ligado ao selim; se salta no arreo, há manifesta contracção.

Porque o tempo destinado à instrução do futuro soldado de cavalaria é muito limitado, porque as exigências da instrução equestre são diferentes conforme se trata de soldados, alunos, oficiais ou instrutores e porque a técnica melhorou e com ela nasceu uma progressão mais racional, assim a equitação passou a ser encarada, essencialmente, sob três aspectos:

Elementar, complementar e superior.

A equitação elementar para os principiantes e recrutas; a complementar para os quadros e, no seu máximo aperfeiçoamento, para os instrutores; a equitação superior para os mestres de equitação.

De resto, esta distinção imposta pelas necessidades da equitação actual, estava já doutrinada no regulamento dos cursos de mestres de equitação, assim como os fins a que cada uma visava.

O Esquadrão de Equitação tem-se, pois, limitado a precisar os seus campos de acção, a indicar os processos que levam, racionalmente, aos fins visados e a estabelecer uma progressão, articulada de forma a poder constituir um todo único.

Este mesmo pensamento preside à orientação dada à educação do cavalo e, por isso, da mesma forma que para a educação do cavaleiro se escolheram os princípios orientadores do seu ensino.

Não cabe no âmbito desta conferência entrar propriamente no ensino do cavalo, mas chamar a atenção para um certo número de pontos essenciais é procurar criar uma identidade de vistas que, necessariamente, se há-de reflectir numa melhor compreensão dos problemas equestres.

A descontração nos músculos e articulações, finalidade da equitação, no que respeita ao cavalo, reflecte-se na flexibilidade do contacto da mão com a boca do animal. A verdadeira ligeireza é, pois, consequência de uma grande flexibilidade.

A execução dos movimentos complicados só deve ser pedida quando os movimentos simples sejam executados correctamente. Fugir a este princípio é trabalhar sobre resistências e, por consequência, desviar-se dos verdadeiros fins a que visa o ensino.

## Revista da Cavalaria

A colocação, consequência de um já apreciável grau de ensino, é, fundamentalmente, a atitude suspensa e elástica da extremidade do ante-mão, devida a uma ginástica que deve ter por fim o desenvolvimento máximo dos músculos da base do pescoço.

A concentração é consequência da entrada dos posteriores. Ela só pode, pois, ser pedida, na altura própria, pela acção das pernas, quer dizer, de trás para diante e nunca de diante para trás.

A necessidade de correcção nos movimentos simples, impõe o conhecimento perfeito da atitude que o cavalo deve tomar na execução desses movimentos e, essa atitude, é sempre consequência da forma como o cavalo foi ginasticado.

Assim, um ladear só pode ser correctamente executado quando o cavalo estiver bem impulsionado e o cavaleiro possa dominar, sem resistência, as suas incurvações naturais.

Qualquer que seja a equitação praticada, equitação horizontal ou equitação de escola, a flexibilidade dentro do equilíbrio pedido deve ser sempre o fim a atingir. O equilíbrio é, pois, e unicamente, função da atitude.

A flexibilidade dentro do equilíbrio horizontal obtém-se fundamentalmente pelo trabalho sobre descida do pescoço. A flexibilidade dentro da equitação de escola, pela confirmação daquela flexibilidade e pela constante preocupação que deve haver em manter, numa atitude cada vez mais alta, uma ligeireza permanente.

O ensino do cavalo é indispensável em todos os ramos da equitação e, quanto a provas de obstáculos, cada vez mais se faz sentir essa necessidade.

Estou plenamente convencido que os sucessos da equipa alemã, antes da guerra, se devem essencialmente à preparação dada aos cavalos sob o ponto de vista ensino; e as declarações do chefe da equipa mexicana que ganhou os Jogos Olímpicos de Londres confirmam este ponto de vista.

Quando as provas de obstáculos atingem, em determinados percursos, dimensões que exigem modificações de equilíbrio e a batida no ponto óptimo, fácil é compreender que só um cavalo ensinado pode aceitar, sem resistir, as indicações tendentes a resolver aqueles problemas.

Há, no entanto, que fazer notar que essas acções, estando em relação com o grau de ensino do cavalo, não devem ultrapassar a barreira além da qual elas se tornam mais prejudiciais do que úteis, porque a flexibilidade no cavalo de obstáculos manifesta-se pela forma como

## Revista da Cavalaria

ele se distende e arredonda sobre o salto e as acções violentas; fazendo-lhe perder a confiança no cavaleiro, contrariam essa tendência natural.

Para os cavalos como os anglo-árabes que revelam, normalmente, uma certa aptidão para prepararem a batida, quase não vale a pena considerar este aspecto da questão, especialmente nos percursos médios, mas para os meios-sangues que quase nunca possuem esta qualidade, o problema tem flagrante actualidade, tanto mais quanto é certo possuírem estes cavalos mais poder do que os anglo-árabes e estarem, por este motivo, quando possuam aptidão para o salto, mais indicados para as provas de potência.

É evidente que nos tempos actuais só com uma técnica muito aperfeiçoada é possível, a uma equipa, impor-se pela sua regularidade, seja em que modalidade for mas, antes da guerra, os alemães impuseram-se como equipa a todas as outras nações, embora individualmente outros cavaleiros houvesse que se pudessem considerar superiores; por isso é lícito pensar, poderem-se obter, à mesma base, os mesmos resultados.

A orientação que o Esquadrão de Equitação do Depósito de Remonta segue, visa a contribuir, pela experiência, pela observação e pelo estudo, para o aperfeiçoamento da técnica e, dado o espírito que anima os seus instrutores, é de admitir que, com o tempo e com os meios que progressivamente lhe vão sendo facultados, se possa bem desempenhar da sua missão.

Esta orientação visa não só a educação do Cavaleiro e a educação do cavalo, mas também a conduta do instrutor, porque é a sua conduta que lhe dá a força moral indispensável para poder desempenhar as suas funções.

Assim, sendo dever de todo o instrutor contribuir com o seu exemplo para o progresso e desenvolvimento da equitação, deve o instrutor exemplificar o que pede aos seus instruendos e ser assíduo concorrente às competições equestres porque só desta forma lhe é possível manter um contacto sério com a prática da equitação e dar à teoria a força da experiência.

É fora de dúvida que esta forma de encarar este aspecto da instrução equestre oferece os seus perigos, porque muitas das competições equestres dependem fundamentalmente das qualidades físicas e morais do cavalo, mas porque também é em face das dificuldades que se firma o carácter do indivíduo e se desenvolve o espírito desportivo, é de crer que o exemplo do instrutor, neste caso, exemplo moral,

# Revista da Cavalaria

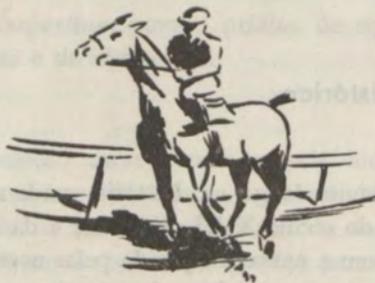
contribua para uma maior lealdade de relações e, por consequência, para uma mais sólida camaradagem.

Por outro lado, porque a boa apresentação do cavaleiro militar é função da forma como ele se apresenta e da forma como ele apresenta a sua montada, ao instrutor competente contribuir para a boa apresentação dos seus camaradas e instruendos, não só pelo seu exemplo, mas também porque, conhecedor profundo dos processos destinados a obter uma boa colocação em sela e dos processos capazes de dar ao cavalo a flexibilidade a que visa o seu ensino, ele está em condições de corrigir ou ajudar a corrigir uns e outros.

Foram expostos, embora de uma maneira geral, os princípios que orientam o Esquadrão de Equitação do Depósito de Remonta, princípios aliás já preconizados por ocasião do estágio dos oficiais mestres de equitação realizado no ano transacto.

Porque são racionais e resultam de uma evolução natural, eles contribuirão, certamente, para o aperfeiçoamento da instrução equestre no nosso Exército e para levar a bom termo a missão que compete a este Esquadrão:

Criar uma Escola.



# A POSIÇÃO DO CAVALEIRO

pelo Capitão SAINT ANDRÉ



A maior parte dos livros de equitação e dos Regulamentos militares consagram à posição do cavaleiro um dos seus primeiros capítulos. Pareceira, pois, supérfluo, falar de novo de um assunto já centenas de vezes tratado.

Mas justifica-se falar ainda deste assunto pelo facto dessa posição não ter cessado de evoluir desde os primeiros tempos da equitação até, inclusivamente, aos nossos dias. Em cada época a posição adaptou-se ao emprego que se dava ao cavalo, e, conseqüentemente, à forma do selim, cuja evolução era ditada pelo mesmo emprego.

## I — Resumo histórico

Sem querer ir muito longe na História, pode-se constatar que a posição do cavaleiro do século XVII, (idêntica à da Idade Média), não tinha nada que ver com a nossa. Inspirada pelas necessidades já antigas dos torneios ela impunha ao cavaleiro, encaixado numa sela semelhante à «sela à portuguesa», de estribos muito compridos, de ter a perna para a frente (para se opor ao choque da lança do adversário); uma espora comprida permitindo actuar sem grande deslocação. — O texto e as gravuras de Pluvinel, podem servir de exemplo.

O século XVIII substituiu os torneios, em que a utilidade e brutalidade eram de outra época, pela prática mais graciosa dos carrosséis.

## Revista da Cavalaria

A sela de forma semelhante à «sela à portuguesa» foi substituída pela «sela à francesa» ou «meia sela», que dava ao cavaleiro menos solidez mas mais à vontade. O joelho dobrou-se, a perna tomou contacto com o flanco, o loro e espora diminuíram de tamanho e a posição veio a tornar-se mais ou menos a «posição sentada» dos nossos dias como pode observar-se no texto e gravuras do Marialva ou de La Guérinière.

No século XIX introduziu-se na equitação (que se praticava até aí quase exclusivamente na serradura dos picadeiros, na areia dos caminhos ou nas pedras das estradas calcetadas), a prática do exterior, do terreno variado, da caça a cavalo, do salto de obstáculos e corridas. O à vontade necessário a estas práticas pôs em uso a «sela inglesa».

Foi preciso quase um século para aperfeiçoar uma posição que permitisse ao cavaleiro ligar-se sem fadiga às novas reacções, e ao cavalo o não sofrer as consequências das acções involuntárias de uma mão a que a antiga posição sentada não dava suficiente fixidez.

É com efeito no princípio do século XX que se podem considerar vencidos os espíritos reaccionários (que se tinham igualmente oposto à adopção do «trote à inglesa») e definidas duas posições correspondentes a duas necessidades diferentes a que podemos chamar:

- a *posição sentada*, para a prática de equitação de picadeiro, de marcha ou de passeio, na generalidade idêntica à do século XVIII;
- a *posição desportiva*, para a prática de equitação de exterior, de corridas e de obstáculos.

Esta última posição caracterizava-se pela inclinação do busto à frente (para vencer a força de inércia), a verticabilidade da perna e o estribo todo calçado, o ligeiro afastamento do assento da sela (para permitir ao joelho fazer de peão fixo (pivôt) para que o rim do cavaleiro, articulação lenta e limitada, não absorva por si só reacções tão violentas. Este equilíbrio necessitava de um encurtamento dos estribos, tanto maior quanto maiores fossem as reacções a esperar, e um apoio dos punhos de cada lado do pescoço para impedir o busto de bascular para a frente.

A sela caracterizava-se por ter à frente do joelho uma almofada destinada a aumentar a sua fixidez.

## Revista da Cavalaria

Todas as fotografias desportivas de 1919 a 1932, algumas anteriormente e outras posteriormente trazem a marca desta definição um pouco rápida. Os italianos aperfeiçoaram o detalhe deste princípio na Escola de Pignerolo e esta posição à frente foi durante muito tempo conhecida como «monte italiana», por oposição à posição sentada de obstáculos chamada «monte francesa» e que a França não praticava, de resto, desde 1920.

Mais tarde, chegou-se à conclusão que o estribo calçado no terço anterior do pé podia desempenhar o papel de «amortecedor de choques» e que a famosa fixidez teórica do joelho era vantajosamente substituída pelo contacto de toda a parte inferior da perna (General Júlio de Oliveira); esta noção levou ao desaparecimento da almofada exterior, à frente do joelho.

Nos últimos anos a importância crescente que tomaram os Concursos Hípicos e o aperfeiçoamento que daí resultou teve por resultado a evolução daquela posição «italiana». O cavaleiro procurou ter um equilíbrio independente do apoio dos seus punhos, porque admitia em teoria e aplicava na prática as «intervenções» que exigiam uma mão livre, antes, durante e depois do salto. Com o sistema das mãos fixas não se podia senão «regular a passada entre a perna e o obstáculo».

A «monte internacional» actual caracteriza-se, na generalidade, *pela fixidez da barriga da perna e não pela fixidez do joelho* (definiremos isto adiante, mais completamente). Em virtude desta fixidez da barriga da perna, existe um sistema de articulações flexível podendo-se utilizar a *articulação do joelho e do calcanhar* (que não tinha emprego quando o joelho se fixava) e permitindo à mão acompanhar a boca e comandá-la antes, durante ou depois do salto, sem se apoiar no pescoço.

Esta posição não é nova, foi introduzida em França, no Exército, em 1932 pelo Coronel Danloux, «écuyer en Chef» em Saumur. Há muito tempo que os italianos não praticam a «monte italiana», mas adoptaram esta última «monte», como podem testemunhar as fotos actuais do Coronel Conforti, do Coronel Bettoni, dos irmãos d'Inzeo, etc. No entanto, foi com um oficial italiano, Alessandro Alvizi, que o Coronel Danloux aperfeiçoou a posição internacional e as pequenas modificações no selim que são necessárias.

As últimas Olimpíadas demonstraram que quase todos os países do mundo adoptaram esta «monte»: mexicanos, americanos, suíços, italianos, franceses, etc., etc., não montam doutra maneira.

## Revista da Cavalaria

Alguns países estão hesitantes, dividindo-se entre os inovadores adeptos do progresso e da evolução e os reaccionários partidários dos antigos costumes...

Mas quem será capaz de parar a roda do Tempo?...

\*

Este rápido ensaio de reconstituição histórica não tem outro fim senão chamar a atenção sobre a diferença que existe, mesmo em matéria hípica, entre a palavra «revolução» e a palavra «evolução».

Convém agora abordar pròpriamente o assunto, definindo a posição moderna do cavaleiro; isto feito, examinaremos as vantagens que apresenta esta posição sobre a posição anterior; e por fim estudaremos os inconvenientes, se existirem, que daí podem resultar: estes últimos foram, de resto, já assinalados e consideravelmente exagerados.

Para este ensaio de definição vou contentar-me em transcrever a passagem correspondente dos meus «Apontamentos de Equitação»; não é para ter o mau gosto de me citar, nem porque me sinta particularmente orgulhoso da sua redacção, mas simplesmente porque não mudei de opinião entendendo que nada há a modificar ao que se ensina em Mafra, de há 2 anos a esta parte, e que me não parece exagerado. E como nos referimos a estes Apontamentos, aproveito com prazer a oportunidade de dizer aqui o que teria desejado exprimir há mais tempo: se na altura em que os comecei a redigir, soubesse suficientemente português para poder ler o livro do General Júlio de Oliveira, estava dispensado de escrever a maior parte deles, sendo certo que não são mais do que um modesto parafraseamento deste livro. Que me seja permitido render a esta obra e ao seu autor uma pública e reconhecida homenagem.

Permito-me ir buscar ao General Júlio de Oliveira, com o seu amável assentimento, a ideia de separar a «posição sentada» da «posição desportiva» assim como a distinção entre a «parte móvel» que representa a parte superior do corpo do cavaleiro e que varia segundo as circunstâncias, e a «parte fixa», ou mais exactamente «parte aderente», que representa a parte inferior do corpo e que é sempre a mesma, função sòmente do comprimento, variável, do loro.

Esta adaptação constante e variável da posição do cavaleiro, às reacções, mais ou menos fortes do cavalo, leva-nos a constatar desde o princípio o erro de terminologia que cometemos sempre, por tradição, quando falamos deste assunto: não se deveria dizer «a posição do cava-

# Revista da Cavalaria

*leiro a cavalo*», mas antes «as diferentes posições pelas quais o cavaleiro se liga aos diferentes movimentos do seu cavalo».

Com efeito a posição varia com os andamentos, a forma do terreno e a natureza do exercício. No entanto, as diversas atitudes que as circunstâncias podem impor ao cavaleiro derivam da posição de que falaremos a seguir e que corresponde às condições mais favoráveis de *equilíbrio* e de *possibilidade de emprego das ajudas*.

## II — Definição da posição

A posição do cavaleiro deve ser, acima de tudo, natural; é a que teria um homem em pé, cujas pernas estivessem afastadas e os joelhos flectidos.

Uma boa posição, deve garantir ao cavaleiro uma colocação perfeita em sela, quer dizer:

— *Solidez e fixidez*: pela aderência ao cavalo da maior superfície possível do cavaleiro compatível com o exercício, e pela existência de «pontos de apoio».

— *Flexibilidade*: pelo relachamento das articulações.

— *Equilíbrio*: pela posição do seu centro de gravidade em relação ao do cavalo, quer parado, quer em movimento.

— *A vontade*: liberdade de atitude e de espírito, resultante das três primeiras qualidades.

### 1.º — *Posição sentada*

Estudemos esta posição partindo de baixo para cima:

— *O estribo*, que faz parte do polígono de sustentação do cavaleiro, suporta o peso da perna. É calçado no terço anterior do pé, ficando o calcanhar mais baixo que a ponta do pé, o que permite à articulação do tornozelo jogar para baixo e para cima. O ramo interno do estribo, mais calçado que o ramo externo, contribui para a torsão da sola da bota para fora, torsão esta que é facilitada pelo afastamento ligeiro da ponta do pé, também para fora.

— *A barriga da perna*, está contraída em virtude da torsão do pé e do abaixamento do calcanhar, e a sua parte inferior adere fortemente

## Revista da Cavalaria

ao ventre do cavalo, por baixo do seu diâmetro máximo, se a estatura do cavaleiro o permitir; este apoio constitui o ponto fixo em relação ao qual jogarão as articulações do cavaleiro.

— O *joelho* está aderente ao arreio, mas sem o cerrar: o ângulo coxa-joelho, pode assim abrir ou fechar, o que leva o joelho a avançar descendo, ou a recuar subindo, conforme as reacções do cavalo.

— A *coxa* está também descida, tanto quanto o comprimento do estribo o permite, e assente sobre a sua face plana.

— O «*assento*» encontra-se assim à frente, perto da arcada da frente do arreio, o cavaleiro sentado sobre os seus pés, estando o loro vertical.

As superfícies de contacto do cavaleiro com o cavalo, vão assim, desde a parte inferior da barriga das pernas, até ao cóccix.

— O *rim* está direito, quero dizer, nem cavado nem saliente, para poder jogar nos dois sentidos.

— Os ombros estão afastados, o peito saliente, a cabeça levantada e direita, o olhar distante.

A posição dos braços e mãos será estudada no parágrafo «Maneira de pegar nas rédeas» ao qual se liga mais logicamente: a rédea, começando na boca do cavalo, termina praticamente na anca do cavaleiro.

Nesta posição, o centro de gravidade do cavaleiro, encontra-se sensivelmente sobre a vertical que contém o «assento», o loro, a parte interior da barriga das pernas, o estribo e também o centro de gravidade do cavalo. Desta última consequência resulta não existir opposição entre as duas forças representativas do peso do cavaleiro e do peso do cavalo. Cavaleiro e cavalo são uma peça única.

O cavaleiro deve poder, em cada instante, mostrar o seu equilíbrio, pondo-se em pé sobre os estribos sem a ajuda das mãos, e uma vez nessa posição, deve conservá-la quer parado quer a passo, sem que o corpo se debruce (uma vez que a força de inércia é nula ou insignificante) e manter-se com uma ligeira inclinação a trote e galope (para combater uma força de inércia mais importante).

### 2.º — Posição desportiva

• A posição anteriormente definida (quando o «assento» repousa no arreio, bem entendido) pode ser conservada desde que as articulações do cavaleiro (tornozelo, joelho, coxo-femural, rim) estejam assaz flexíveis para amortecer as reacções do cavalo e uma força de inércia

## Revista da Cavalaria

quase inexistente, isto no caso do passo, do trote curto sentado e do galope curto ou ordinário. Logo que as reacções e a *força de inércia aumentam de intensidade e de cadência*, em virtude da velocidade do cavalo ou dos acidentes do terreno (trote largo, galope largo, terreno variado, salto) ou ainda para evitar uma fadiga inútil, o cavaleiro deve adaptar a sua posição às novas circunstâncias, ligando-se ao movimento do cavalo.

Esta consegue-se simultâneamente por vários meios:

— Inclinando o corpo tanto mais para a frente, quanto maior é a velocidade (força de inércia maior e centro de gravidade do cavalo mais à frente): Isto leva o busto a manter-se, na prática, sempre paralelo ao pescoço do cavalo. Mas a cintura não deve recuar nem o joelho fixar-se.

— Levantando ligeiramente o «assento» do arreio de maneira a deixar jogar as articulações inferiores (tornozelo, joelho, coxo-femural) mais que o rim, porque o jogo deste último é mais lento e mais limitado.

O equilíbrio é então realizado pelo sistema de pontos de apoio: estribos, barriga das pernas, parte superior das coxas, ficando o joelho à frente e o calcanhar baixo. (O trote levantado, não é senão uma aplicação descontínua e alternada destes dois processos).

— Encurtando os estribos (caso dos concursos hípicos e corridas) para aumentar a fixidez, em virtude de reacções mais importantes, e para fechar mais as articulações, permitindo um maior jogo no movimento da subida e descida do salto, o cavalo saltando entre as pernas do cavaleiro que absorverá o salto como uma simples, mas mais importante, passada de galope. A silhueta do cavaleiro deve aproximar-se da forma de um Z que se abre e se fecha.

O loro, neste caso, fica oblíquo, mas mantém-se o mesmo equilíbrio.

A posição é sempre a mesma em todos os ramos da equitação, mas ela adapta-se à violência crescente das reacções e ao aumento da força da inércia (ensino, passeio, caça, polo, terreno variado, concursos hípicos, «cross-country», «steeple-chasse») por meio de encurtamento dos estribos, inclinação do busto e não aderência do «assento».

\*

Sem estribos, na paragem, a barriga da perna não deve estar involuntariamente contraída, pois que a razão que lhe dá a sua posição de contracção, o estribo, não existe. A barriga da perna continua em con-

## Revista da Cavalaria

tacto com a barriga do cavalo, mas a ponta do pé fica voltada para baixo, flexível e mole.

A título de exercício e por um tempo limitado, por provocar uma grande fadiga, pode-se contrair a barriga da perna e tomar em todos os andamentos exactamente a mesma posição que se tem com estribos.

É preciso notar que a posição e equilíbrio não estão em nada ligados à posição dos braços nem à acção das mãos: este sistema está por isso independente do corpo, e pode acompanhar os gestos do pescoço do cavalo, em particular nos andamentos vivos e no salto.

\*

O comprimento do estribo depende das reacções que se esperam: é necessário sempre tentar montar com os estribos tão compridos quanto possível *sem comprometer a firmeza*, o que pode levar a montar com estribos muito curtos. Os cavaleiros flexíveis e «bem enforquilhados» podem montar alternadamente com estribos muito curtos ou muito compridos; os cavaleiros duros e «mal enforquilhados» não podem usar senão um comprimento de estribos. É a sensação de «conforto» que deve fixar a cada cavaleiro o comprimento de estribos a adaptar, conforme o trabalho que executa. Este comprimento depende da flexibilidade de cada um. Em princípio, para uma equitação normal, quando o estribo não está calçado, a soleira do estribo deverá estar a 4 cm. acima do tacão da bota.

\*

A «posição desportiva» está logicamente ligada à «posição sentada». Supunhamos um dos extremos, um cavaleiro montando muito curto em corridas planas. O seu sistema de pontos de apoio é realizado pela barriga da perna e pela parte da coxa, mais próxima do joelho. Quanto mais o mesmo cavaleiro baixe os estribos, mais aproxima o ponto de apoio da parte superior da coxa, ficando imutável o ponto de apoio da barriga da perna. Quando o cavaleiro está sentado no selim, o ponto de apoio aproxima-se tanto da parte superior da coxa, que se confunde, com os isquions.

# Revista da Cavalaria

## III — Vantagens e inconvenientes

### A — Na «posição sentada»

O cavaleiro que fixa o joelho (o que por vezes só é passageiramente realizável, à custa de uma grande contracção) só dispõe da articulação lenta e limitada do rim para absorver as reacções do cavalo. No caso de reacções grandes e repetidas (trote largo sentado, passage, passagens de mão a tempo, etc.) o jogo do rim é insuficiente e o assento não pode permanecer aderente: o cavaleiro «salta» na sela, inclina-se para a frente e perde a fixidez da mão, a eficácia das pernas e o auxílio do assento.

Se o cavaleiro fixar a barriga da perna, as articulações do joelho e do tornozelo podem jogar e aliviam assim o papel do rim — donde resulta mais fixidez, independência e eficácia nas ajudas.

No trote levantado o cavaleiro que fixa o joelho é obrigado a elevar-se mais alto e a receber-se mais atrás, o que é uma causa de fadiga ao mesmo tempo para si e para o dorso do seu cavalo, o que não é de desprezar sob o ponto de vista estritamente militar. Se ele fixa a barriga da perna eleva-se menos e recebe-se mais à frente; o joelho avançando, baixando-se e fechando-se ao mesmo tempo que aflora o arreo.

As articulações que permitem à inércia do cavaleiro ligar-se ao movimento do cavalo são quatro: articulações do rim, coxo-femural, joelho e tornozelo. Não é lógico suprimir duas delas, voluntariamente.

A barriga da perna sempre aderente ao cavalo permite uma acção imediata e suave da perna e permite também acções diferentes e muito aproximadas, o que é primordial em equitação de escola.

Nunca se tratou, pois, de preconizar «os joelhos afastados do arreo e os pés quase perpendiculares à barriga do cavalo», e é inútil tornar a falar neste exagero. Mas pode-se perguntar com toda a boa fé se o facto do contacto da barriga da perna não dá esta tendência.

Antes de mais nada convém frisar que de um defeito particular de um aluno, ou do zelo de um neófito que exagere a ideia do seu mestre não se deverá concluir pelo perigo generalizado da totalidade de um método. Depois, para ser lógico, seria necessário comparar os mesmos cavaleiros antes e depois da aplicação do processo para saber se realmente a abertura dos seus pés ou dos seus joelhos aumentou ou não. Eu não o creio. Montam de joelhos e de pés abertos, em todas as

# Revista da Cavalaria

latitudes e seja o que for que façam e digam os instrutores, os cavaleiros que têm as coxas redondas e que andam naturalmente de pés para fora. Os cavaleiros magros que andam com os pés para fora não têm nunca esse defeito. E mesmo admitindo que os pés se abram um pouco, as vantagens que esta posição dá, compensa largamente este ligeiro inconveniente.

Quanto à ligeira abertura da ponta do pé, ela é indispensável, a espora não pode actuar e a barriga da perna não pode estar em contacto na posição de contracção dos gêmeos, se o pé está paralelo ao cavalo. De resto, é um facto que o General Ilharco diz no seu livro, e o «Regulamento para a instrução do cavaleiro», o repete, que:

«O pé colocar-se-á, na soleira, por forma que o bordo interno da sola da bota se ache perfeitamente assente.

...pé, a ponta um pouco voltada para fora, ficando a barriga da perna, ligeiramente aderente ao corpo do cavalo».

E nas *Notas e Reflexões Equestres* do General Júlio de Oliveira: «...sola da bota virada ligeiramente para fora, em consequência do pé fazer pressão sobre o bordo interno da soleira do estribo.

«...a barriga da perna adere igualmente ao cavalo...».

O Coronel Danloux em 1932 foi alvo da mesma objecção vinda em geral de oficiais antigos que generalizavam a sua crítica por causa da posição *exagerada* dos alferes demasiadamente zelosos. Depois desta data o método deu as suas provas e a crítica morreu diante dos resultados obtidos. Se o método fosse mau, grande número de oficiais de outras nações que fizeram estágios em Saumur de 1932 a 1939 e depois em 1945 não teriam deixado de o fazer notar.

## B — Na posição desportiva

No obstáculo, estando fixa a base da barriga da perna, o cavaleiro pode em cada momento dispor de um sistema articular elástico graças ao avanço e recuo simultâneos das articulações opostas do joelho e do calcanhar que se abrem e se fecham, sendo o equilíbrio realizado, mais pela inclinação variável do busto e pelo ponto de apoio também variável das coxas. Este sistema que depende do jogo das três articulações é muito facilmente modificável e permite *acompanhar o movimento do cavalo*, mesmo que o cavaleiro esteja «avançado» ou «atrasado» em relação a ele. A modificação dos ângulos e a inclinação do busto permite colocar-se «no sítio dentro do movimento».

## Revista da Cavalaria

Se o joelho está fixo, assistimos sempre às duas soluções extremas seguintes:

O cavaleiro está «avançado» sobre o seu cavalo e o salto fá-lo «mergulhar», o assento exageradamente levantado e a cabeça de um lado do pescoço. Para evitar a queda apoia-se nas mãos perdendo assim o contacto elástico com a boca, o que é ainda mais para lamentar que o seu aspecto inestético. Na recepção, a recuperação do movimento fá-lo «cumprimentar» desgraciosamente.

O cavaleiro está «atrasado» em relação ao cavalo e não pode emendar-se pelo apoio da barriga da perna e o avanço do joelho. O assento recua, a perna escorrega para a frente, (amarreca-se), os braços estendem-se, admitindo que a mão se não pendura da boca do cavalo e em geral o boné cai. É costume quando o quadro está completo dizer «Vive la France».

A cada sacão do salto, podem corresponder no caso da fixidez da barriga da perna, várias posições possíveis de equilíbrio, visto que a inclinação do busto e o avanço do joelho, compensam-se. O cavaleiro poderá, pois, à vontade *variar a posição do busto* para actuar sobre a condução ou o equilíbrio do seu cavalo conforme o salto a dar.

Sendo o equilíbrio absolutamente independente da *mão* é possível ao cavaleiro seguir exactamente a boca e comandá-la, seja antes, durante ou depois do salto, o que não é vantagem para desprezar.

Quando o cavaleiro quer actuar, já tem a barriga da perna em contacto. Se se apoia sobre o estribo e na barriga da perna, realiza com a aplicação da espora, um *alavanco* de um poder e de uma eficácia enormes em nada comparável à de uma perna oscilante em volta de um joelho fixo. Além disso, quanto mais se utilizar das pernas mais sólido se fica a cavalo — o inverso que se dá no caso da perna oscilante.

Há quem diga que a fixidez do joelho dá mais solidez em caso de acidente. Isto não me parece lógico. Supomos um cavalo que se pára bruscamente em frente do obstáculo: um cavaleiro de joelho fixo, levado pela inércia, oscilará (?) para a frente em volta do joelho afastando o assento do selim; o cavaleiro com barriga da perna fixa aproximar-se-á mais para junto do selim e o joelho dobrar-se-á deslocando-se para a frente e para baixo.

Há um desporto que sob o ponto de vista de equilíbrio, tem grandes analogias com a equitação: é o ski. Nunca se viu alguém ir muito longe sem queda (quer dizer, conservando o equilíbrio) os principiantes que se deslocam com a perna vertical, o joelho contraído e o busto horizontal.

# Revista da Cavalaria

Para obter bom resultado é necessário ter o joelho e o tornozelo flexíveis, a parte inferior da perna oblíqua, a *cintura* e o *busto* inclinados para a frente conforme a velocidade ou a inclinação da descida que se faz.

Não creio que possa haver inconveniente, em obstáculos, no fixar a barriga da perna em vez do joelho. De resto, presentemente, a quase generalização desta maneira de montar em concursos internacionais é a melhor prova da sua eficácia.

Convém notar que esta posição é grandemente facilitada se se modificar o selim de modo a ajudar o jogo das articulações. O joelho deve poder avançar para a frente e para baixo e para isso é conveniente suprimir a almofada da frente que impede esse deslocamento, e reforçar a almofada superior de modo a impedir a subida da coxa. A barriga da perna deve ser um ponto de apoio, mas tem tendência a recuar quando o joelho avança; por isso uma almofada na parte posterior suprime esta tendência dando-lhe mais fixidez (Danloux).

Se um selim assim é mais confortável, a maior parte dos selins pode ser modificada de maneira satisfatória.

## IV — Posição das mãos

Cito de novo o texto dos meus «Apontamentos».

### Forma de pegar nas rédeas

O pescoço e a cabeça do cavalo mudam de posição segundo os andamentos. Por este facto, as rédeas devem constituir uma ligação elástica entre a boca do cavalo e o cavaleiro; mas como as rédeas não são elásticas, a elasticidade deve vir da segunda parte do sistema que liga a boca do cavalo ao corpo do cavaleiro — braços e mãos.

#### 1.º — Posição dos braços:

Os braços devem cair naturalmente, um pouco à frente da vertical, com os cotovelos junto ao corpo. Nestas condições, ficando os braços impossibilitados de recuar, as acções de mão só podem fazer-se de baixo para cima e nunca de diante para trás.

# Revista da Cavalaria

— Os antebraços devem estar sensivelmente horizontais e devem poder girar num plano vertical em torno de um cotovelo flexível. A sua direcção deve permitir às mãos um afastamento correspondente à largura da boca do cavalo.

— Os punhos devem estar ligeiramente arredondados para dentro e maleáveis, de modo a poderem-se arredondar mais ainda, elevarem-se, ou ainda girarem, voltando as unhas para cima.

## 2.º — Posição das mãos:

A mão está fechada, as unhas dos quatro últimos dedos, colocadas sobre um plano vertical, o polegar para cima, fechado sobre a primeira falange do indicador. Deve estar sempre acima da horizontal da boca do cavalo.

— As rédeas entram por baixo do dedo mínimo para saírem entre o indicador e o polegar formando *um fecho*; são os dedos inferiores que dão maleabilidade à mão, abrindo ou fechando, conforme as circunstâncias. Se esta elasticidade é insuficiente, os punhos «desarredondam-se», baixando, os antebraços avançam e os dedos abrem-se. O mecanismo inverso consiste em fechar os dedos, arredondar os punhos voltando as unhas para cima e elevando as mãos.

## 3.º — Maneira de pegar nas rédeas:

Cada país adoptou, de uma maneira geral, uma forma pessoal de pegar nas rédeas. A maneira como se usam tem mais importância do que a maneira particular de se lhes pegar.

A seguinte forma de pegar nas rédeas parece ser a mais simples e a mais lógica: ..... etc.

Sobre este capítulo suscita-se a discussão sobre a altura das mãos e sobre a sua acção, visto que a acção faz variar a altura.

O cavaleiro actua na boca do cavalo pela mão. A esta acção o cavalo opõe uma reacção, que depende do seu grau de ensino, e pode

## Revista da Cavalaria

traduzir-se por obediência, resistência ou revolta. Seja qual for esta reacção, será sempre dirigida *na direcção da rédea*, isto é, da mão que a provoca. Se a mão está actuando mais baixa que a boca, a reacção é para cima; se à altura da boca, a reacção é horizontal; se mais alta que a boca, a reacção é para baixo.

O cavalo atento, parado ou num andamento natural, montado, tem a boca sensivelmente à altura do garrote.

Para provocar uma reacção ligeiramente para baixo, quer dizer, para que o cavalo tenha tendência a «pôr-se na mão» *sem baixar a cabeça ou o pescoço*, é necessário que a mão actue um pouco mais alto que o garrote, isto é, 10 a 15 centímetros acima. Nesta posição o antebraço está sensivelmente horizontal.

Deve dizer-se que esta posição não é rígida e que a mão, segundo as circunstâncias, deve baixar nos andamentos estendidos e em obstáculos para acompanhar a boca, ou elevar-se para destruir uma resistência.

Com efeito, a acção de mão deve fazer-se de baixo para cima em caso de resistência, porque assim que há cedência, o cavalo «coloca-se» e alivia a rédea recompensando-se automática e imediatamente. Se a acção da mão for da frente para trás, assim que houver cedência, a mão recua por reflexo involuntário e o cavalo não é inteiramente e imediatamente recompensado; assim, nunca aprende a ceder voluntariamente.

Uma vez que a mão deve estar ligeiramente mais alta que a boca e deve actuar de baixo para cima, pode e deve chegar-se ao ponto de, quando o cavalo resiste, ter a boca mais alta que as orelhas, e de a mão estar também «mais alta que as orelhas do cavalo», mas é preciso sublinhar que este é um caso crítico e momentâneo no fim do qual a mão se baixa de novo.

Todos os cavaleiros experimentados admitem estes princípios; se não fossem verdadeiros ensinava-se um cavalo que despapava a baixar a cabeça com uma gamarra fixa ou de anéis. Todos sabemos que se pode utilizar esse processo para utilização passageira mas que nunca, assim o ensinamos. Suprimindo a gamarra o defeito reaparece do mesmo modo. Qual é por outro lado o melhor processo para fazer baixar a cabeça a um cavalo? É o «Chambon». A sua acção é bem de baixo para cima sendo mesmo vertical, visto que se exerce no sentido da faceira.

De resto Baucher (suponho que se pode ainda falar de Baucher!) não deixou no seu leito de morte o seu testamento equestre, ao aluno

## Revista da Cavalaria

preferido, o General L'Hotte: «N'oubliez jamais. Toujours ça» e deslocava a mão do seu aluno de baixo para cima, «Jamais ça» deslocando-a da frente para trás?

Para reforçar o que digo, poderei referir-me ao Regulamento da Cavalaria Francesa que indica a posição de mão seguinte: «o punho à altura do cotovelo, a mão no prolongamento do antebraço». A edição a que me refiro é de 1935 e muito vulgarizada em Portugal. Porque se esperou então durante 14 anos para assinalar o perigo deste capítulo? Mas, tenho uma preferência pelas citações seguintes:

«...o que facilita a aderência dos cotovelos; as mãos à altura destes...»

«...as mãos um pouco mais baixas que os cotovelos».

Uma extraída da *Equitação prática* do Coronel Ilharco (1902) e reproduzida textualmente no *Regulamento para a Instrução do Cavaleiro* (1907); a outra é extraída das *Notas e Reflexões Equestres* do General Júlio de Oliveira (1945).

De resto, consultando as gravuras da obra de Marialva, verificamos que a mão está estritamente à altura do cotovelo. As fotos do livro do Coronel Ilharco mostram a mão à mesma altura, por vezes mesmo para cima quando o seu cavalo resiste, actuando, pois, bem, de baixo para cima.

Estes argumentos não constituirão neste ponto uma «lima de carácter nacional»? Sinto-me particularmente satisfeito por as poder empregar...

Não creio, pois, que possa haver discussão sobre a posição e a acção das mãos, e é com regozijo que eu ponho as minhas em «Louva-a-Deus» em sinal de acção de Graças por ver todos de acordo sobre este assunto.

\*

O único ponto de *desacordo* possível reside, pois, no seguinte: se se há-de fixar o joelho ou a barriga da perna.

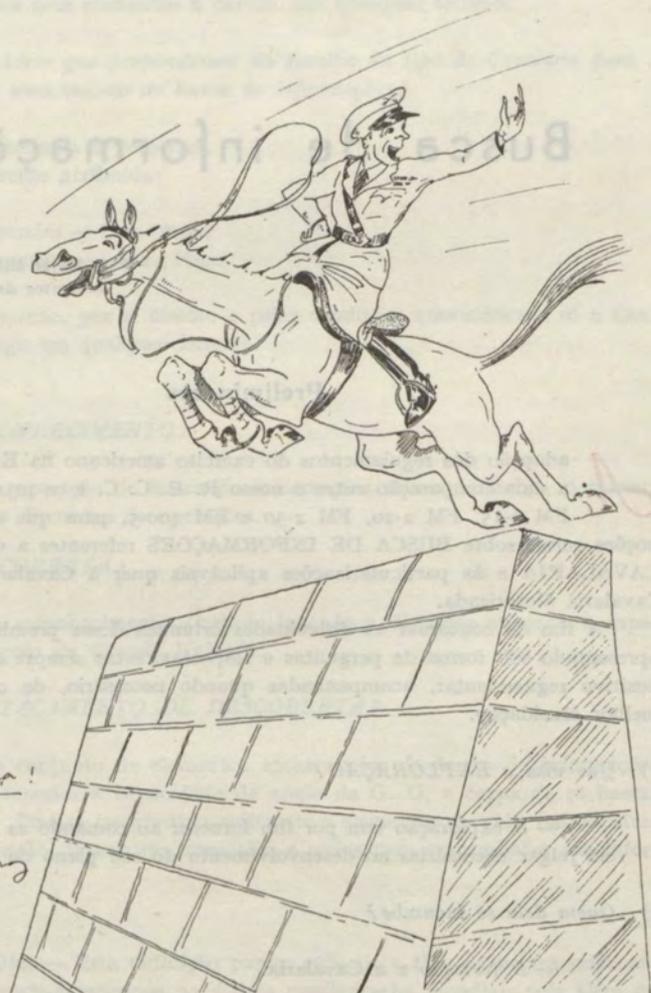
Creio sinceramente que não será exagero, pedir em nome da «evolução» um voto a favor da fixação da barriga da perna...

A geração que nos precedeu trouxe com efeito à equitação «a revolução» de passar, em obstáculos, da «monte sentada» à «monte à frente», e o século em que vivemos viu em 50 anos inovações muito

# Revista da Cavalaria

mais importantes, tais como a electricidade, o automóvel, a aviação, a T. S. F., o Radar, a bomba atómica... fora outras de que me não lembro, ou que surgirão de futuro.

Saibamos, pois, evoluir, que é a maneira mais segura de não envelhecer...



Classe !

Confiança !

A. Lep. au forcing  
1948

# Jornaes revistas livros

## Busca de informações

Pelo Major Milton Barbosa  
Instrutor da E. A. O.

### Preliminares

A adopção dos regulamentos do exército americano na E. A. O., obrigou a uma comparação entre o nosso R. E. C. C. e os manuais americanos FM 2-15, FM 2-20, FM 2-30 e FM 100-5, para que daí surgissem as noções gerais sobre BUSCA DE INFORMAÇÕES referentes a qualquer tipo de CAVALARIA e às particularizações aplicáveis quer à Cavalaria Hipo quer à Cavalaria Motorizada.

A fim de contornar as dificuldades oriundas dessa premissa, é o assunto apresentado sob forma de perguntas e respostas, estas sempre calcadas em dispositivo regulamentar, acompanhadas quando necessário, de observações para melhor elucidação.

1) *Que visa a EXPLORAÇÃO?*

— A exploração tem por fim fornecer ao comando as informações que ele julgar necessárias ao desenvolvimento do seu plano de manobra.

2) *Quem dela se incumbem?*

— A Aviação e a Cavalaria.

3) *Qual é o objectivo essencial na exploração?*

— É a conquista da informação, em tempo útil.

# Revista da Cavalaria

4) *Quais as informações que interessam?*

— As que se referem ao inimigo, ao terreno e aos recursos do teatro de operações.

5) *Qual a arma terrestre mais própria para a exploração e porquê?*

— É a cavalaria.

— Por causa da mobilidade dos seus elementos motomecanizados, nas estradas e dos seus elementos a cavalo, em qualquer terreno.

6) *Quais os factores que preponderam na escolha do tipo de Cavalaria para a execução de uma missão de busca de informações?*

— A distância a percorrer.

— A frente atribuída:

grandes — Cav. mec.;

pequenas — Cav. Hipo.

— O terreno, por si mesmo e pelas condições atmosféricas; só a Cav. Hipo pode agir em qualquer terreno.

7) *Que é RECONHECIMENTO?*

— É a operação de busca de informações sobre o inimigo, o terreno e os recursos do teatro de operações.

8) *Que é DESCOBERTA?*

— É o reconhecimento afastado lançado a distância superior à capacidade de apoio da Grande Unidade.

9) *Que é DESTACAMENTO DE DESCOBERTA?*

— É o conjunto de elementos encarregados da busca de informações a distância superior à capacidade de apoio da G. U. e capaz de se bastar a si mesmo. Precisa ter efectivo suficiente e elementos de vida (administração, manutenção, transporte, munições e meios para transmissões das informações).

*Obs.* — Esta definição parece reflectir o tipo de guerra realizado pelos norte-americanos na última conflagração mundial, pois além da sua documentação conhecida se referir especialmente à Cavalaria Mecanizada, não há notícia de qualquer documento que se refira à actualização da Cavalaria Hipo em missão de exploração.

# Revista da Cavalaria

— É esta, talvez, a causa de diferir tanto esse conceito do constante no nosso R. E. C. C., quando afirma que:

«O Cmt. da Div. Cav., limita o efectivo dos destacamentos de descoberta ao mínimo estritamente indispensável a manter-se sempre pronto a intervir com o seu grosso para rechaçar os destacamentos inimigos e alcançar o contacto pelo combate».

Pode-se concluir que esta divergência é aparente, se não esquecermos que, o aparecimento da cavalaria mecanizada se deu como uma consequência da mesma evolução técnica que conduziu a aviação a maiores raios de acção; esta ampliação de raio de acção, acarretaria uma solução de continuidade na busca de informações, mas a capacidade da cavalaria mecanizada não preencheu essa lacuna.

Assim, distribuída em profundidade, teríamos a busca de informações:

- pela aviação;
- pela cav. mec., lançada normalmente fora do apoio da G. U.;
- pela cav. hipo, dentro das possibilidades de apoio da G. U., em fim de etapa.

## 10) *Que é um Esq. Mec. de Reconhecimento?*

— É uma tropa organizada, equipada e instruída para realizar missões de reconhecimento.

Faz, normalmente, o reconhecimento próximo e excepcionalmente o reconhecimento a grandes distâncias.

## 11) *Que é um Grupo Mecanizado de Reconhecimento?*

— É uma tropa organizada, instruída e equipada para busca de informações em proveito da D. I. Motorizada e da D. C.

Faz, normalmente o reconhecimento afastado, ou em largas frentes.

## 12) *Qual é a ideia dominante para o elemento encarregado da busca de informações?*

— Alcançar o contacto com o grosso do inimigo o mais rapidamente possível; e mantê-lo daí em diante.

## 13) *Como mantém o contacto?*

— Por meio de pequenos elementos (reconhecimentos; patrulhas, etc.) em contacto, conservando-se o chefe à retaguarda, com o grosso em condições de recolher ou apoiar os elementos avançados.

# Revista da Cavalaria

14) Tomado o contacto, que deve fazer o elemento de busca de informações?

— Identificar as unidades inimigas e determinar os seus efectivos, composição, dispositivo e movimento. Os acidentes e condições do terreno que possam afectar as operações, devem ser objecto de informações.

15) Que deve fazer um chefe que designa um Esq. Mec. Rec. para uma missão de busca de informações, de duração provavelmente grande, ou que apresente obstáculos para o seu cumprimento?

— Deve REFORÇAR o Esq.

16) Reforçar com quê?

— Com: Destruidores de «Tanks», canhões de assalto (se a ideia é ofensiva).

— Com: Elementos capazes de ocupar o terreno, Inf. Cav. motorizada, etc. (se a ideia é defensiva).

17) Como são cumpridas as missões de busca de informações?

— Por infiltração, de preferência (A acção do Grupo Mec. Rec. pode ser comparada à de um líquido).

— Pelo fogo (sobre uma posição que se suspeita estar ocupada pelo inimigo. Arrisca revelar a presença do elemento de busca.

— Pela manobra, fixando uma parte dos meios, e prosseguindo na missão com o restante.

18) Que é MANOBRÁ?

— É uma combinação de esforços para um mesmo fim.

19) Qual a maneira normal de agir de um Esq. Mec. de Rec.?

— Só utilizar o combate para executar a missão ou evitar a sua destruição ou captura.

Obs. — O reconhecimento que combate para obter informações é chamado RECONHECIMENTO EM FORÇA.

Consiste num ataque local, com objectivo limitado.

Daf se conclui que a conduta NORMAL é evitar o combate, porém este pode ser uma conduta a adoptar por um elemento de busca de informações, ou porque não haja outro caminho a tomar, ou porque assim o tenha determinado o escalão superior.

A conduta pode diferir, o que não acontece com a atitude, como adiante se verá.

# Revista da Cavalaria

20) *Qual a atitude de um elemento de busca de informações?*

— Agressiva.

*Obs.* — Todos os regulamentos são concordes neste ponto prescrevendo uma atitude passiva mas preconizando que se preceda sempre o inimigo, com a iniciativa do nosso lado.

21) *Em que consiste o contra-reconhecimento?*

— Em medidas para ocultar uma força da observação inimiga.

22) *A que distância podem ser lançados os elementos de busca de informações?*

— A distância, em tempo, entre os destacamentos de reconhecimento e o grosso da tropa de 1 hora a 2 dias.

— A distância em tempo a que o Grupo Mec. Rec. pode preceder a sua Divisão, varia de algumas horas a um ou mais dias de marcha.

23) *Qual a velocidade dos elementos mecanizados de reconhecimento?*

— A) Em boas estradas e sem interferência efectiva ou provável do inimigo. 35 milhas p. h. — 40 km. p. h.

— CONCLUI-SE:

Por uma velocidade máxima de 45 km. p. h.

— B) Na possibilidade de encontro com o inimigo, isto é, em reconhecimento activo: 10 milhas p. h.

Até 25 km. p. h.

— CONCLUI-SE:

Por um máximo de 16 km. p. h., que pode cair até o mínimo da velocidade do reconhecimento a pé.

24) *Etapas?*

— Até 320 km. p. d.

— Até 240 km. p. d. durante 6 dias.

*Obs.* — O que limita o afastamento é a necessidade de transmitir a informação.

# Revista da Cavalaria

## 25) Frentes?

1) Para o Pel. Mec. Rec.

— Até 6 km. (inicialmente com um elemento de reserva).

2) Para o Esq. Mec. Rec.

— Até 16 km. (inicialmente com um elemento de reserva).

Obs. — São tomados estes dados, de preferência aos fixados no quadro n.º 2, letra b. n.º 105 do FM 2-15, por serem mais consentâneos com as nossas condições de terreno.

3) Para o Grupo Mec. de Rec.

Normal — de 40 a 50 km., com 6 a 10 eixos.

Excepcional — até 80 km., com 1 Esq. em reserva inicialmente

## 26) Como fixar a missão de busca de informações?

a uma ZONA?

a um EIXO?

a uma ÁREA?

A) Normalmente a uma zona, cujos limites não são rígidos.

B) A um EIXO, quando:

— Sabemos que o inimigo se orienta por um eixo.

— Queremos saber se o inimigo utiliza ou não determinado eixo.

— O terreno é difícil de referenciar por outros meios.

— O terreno balisa a progressão do inimigo.

Obs. — Quando a Aviação coopera com a Cavalaria, há maior tendência para que esta reconheça itinerários e localidades que zonas.

C) Quando se deseja obter informações de um local definido, determina-se o reconhecimento de uma ÁREA.

## 27) Como se faz o contróle de um elemento de busca de informações?

— Para coordenar os movimentos são determinados eixos e linhas a atingir, tais como estradas, linhas férreas, localidades ou acidentes pronunciados do terreno.

Pode também ser prescrita a distância a percorrer num determinado tempo.

— As linhas a atingir devem ser distanciadas uma da outra de 1 a 2 horas.

# Revista da Cavalaria

*Obs.* — Os lanços devem ser mais curtos à medida que a interferência do inimigo se pode tornar maior.

— Na ausência de linhas características do terreno, é necessário designar objectivos a cada Unidade, na mesma distância em tempo a contar da linha precedente.

— Uma outra maneira de controlar é determinar informações periódicas aos elementos encarregados da busca de informações.

28) *Qual a unidade táctica elementar de um Esq. Mec. de Rec.?*

— O pelotão.

29) *Qual é, normalmente, a articulação inicial de um elemento de busca de informações, em reconhecimento activo?*

— Depende: da frente, do número de eixos, da conduta fixada, das possibilidades do inimigo, mas em princípio, devemos deixar uma reserva inicial:

— No Pel. — 1 patrulha;

— No Esq. — 1 Pelotão.

— No G. Mec. Rec. — 1 Esq. Rec. e a Comp. de Carros ligeiros.

30) *Podem Unidades de Carros executar reconhecimentos?*

— Sim. Quando a densidade do fogo inimigo impuser a necessidade de maior protecção blindada,

— Ou quando o terreno for demasiado difficil para veículos sobre rodas.

Apoiados por canhões de assalto, os carros são tão efficientes no reconhecimento que obrigam o inimigo a revelar as suas posições de armas anticarro.

31) *Como se empregam os canhões de assalto?*

— Normalmente na reserva, para apoio.

— Excepcionalmente, isolados ou por secções, ficando à disposição dos pelotões de Rec.

— Fazem tiro:

Directo e indirecto, sendo os seus objectivos principais:

Canhões anticarro, ninhos de metralhadoras e carros de combate.

— Fazem concentrações com munição explosiva.

— Lançam fumos.

# Revista da Cavalaria

32) *Como devem ser dadas as missões a um elemento de busca de informações?*

— Bem definidas.

33) *Como age um G. Mec. Rec.?*

— Como um líquido sobre uma superfície irregular, o qual procura sempre um ponto de menor resistência para passar.

Obs. — O mesmo se pode dizer para qualquer elemento de busca de informações:

— *Esquadrão* — O Comando do Esq. dirige a sua reserva de modo a evitar patrulhas inimigas cuja presença tenha sido informada pelos Pels. em reconhecimento activo.

— *Destacamento de reconhecimento* — O Cmt. de um destacamento de reconhecimento dirige o deslocamento de uma patrulha e manobra o grosso a uma distância que lhe permita apoiar eficientemente as patrulhas, quando elas forem detidas por elementos inimigos de certa importância.

— *Pelotão* — O Pel. evita as patrulhas inimigas, procurando estradas livres para prosseguir na missão.

— *Patrulhas* — As patrulhas devem evitar o contacto com as patrulhas inimigas, se possível.

Obs. — Esta é a conduta mais geral, porém, como já ficou dito atrás, outra pode ser a conduta fixada pelo escalão superior ou determinada pelas circunstâncias.

— *Patrulha* — Mantém o contacto com o inimigo, de acordo com as ordens do Cmt. do Pel.

— *Pelotão* — Diante da força inimiga do valor de 1 Companhia ou mais, manterá o contacto ou não, dependendo a sua actuação das instruções dadas pelo Cmt. do Esq.

34) *Qual a composição das patrulhas mecanizadas?*

— De 2 «jeeps» a 1 Pel. reforçado.

Obs. — Podem, portanto, constar de viaturas de um só tipo; mas, em princípio, devem dispor de «jeeps» e carros blindados.

35) *Sob ordens de quem operam?*

— Do Cmt. do Pel. normalmente.

— Do Cmt. do Esq. excepcionalmente.

36) *Por onde se deslocam?*

— Quando não é provável o encontro com o inimigo.

— PELAS ESTRADAS.

# Revista da Cavalaria

— Quando o encontro com o inimigo for provável — ATRAVÉS DO CAMPO, se isso for praticável.

*Obs.* — No 2.º caso, as estradas são apenas vigiadas, a menos que o seu reconhecimento detalhado esteja incluído na missão.

## 37) *Como se deslocam no reconhecimento activo?*

— Por lanços e por escalões.

O escalão avançado, um ou mais «jeeps», de P. O. em P. O. ao longo do eixo de marcha.

O 2.º escalão, onde segue o Cmt. da patrulha dirigindo o avanço desta, vai ao encontro do escalão avançado, em cada fim de lanço.

*Obs.* — 1) Se houver necessidade de reconhecimento entre os lanços ou nos flancos, este é feito por outros «jeeps».

— 2) O terreno e a situação podem exigir o emprego de patrulhas a pé ou o reconhecimento pelo fogo.

## 38) *Atacada, como age a patrulha mecanizada?*

— Por pequena força: PODE RESISTIR, para manter um P. O., ponte ou desfiladeiro.

— Por força superior: Executa uma acção retardadora que lhe permita liberdade de movimento para retomar a missão noutro eixo.

— Informa em ambos os casos o Cmt. do Pel.

## 39) *E quanto aos veículos?*

— Em deslocamento: ABRIGAM-SE, ao receberem FOGO.

— Parados: APOIAM pelo fogo, os veículos sob fogo inimigo.

## 40) *Quanto ao pessoal?*

— Os homens apeiam para localizar o fogo inimigo, e procurar contornar a resistência.

São apoiados pelo fogo dos veículos parados.

## 41) *Quando se faz o reconhecimento dos flancos?*

— As posições perigosas nos flancos são reconhecidas ANTES que o grosso da Patrulha ou do Pel. chegue a pequena distância.

*Obs.* — É um princípio geral no reconhecimento.

# Revista da Cavalaria

## 42) *Faz-se economia de força nos reconhecimentos?*

— Sim — Normalmente não se deve empregar como PATRULHAS mais de  $\frac{1}{3}$  do efectivo de um D. D. Assim se consegue manter uma reserva razoável no grosso do Dest. e substituir diàriamente as Patrulhas.

## 43) *Como se faz a segurança em marcha do Esq. Mec. Rec.?*

— Quando o Esq. se deslocar em conjunto, deve empregar destacamentos de segurança à frente, nos flancos e na retaguarda.

O efectivo destes destacamentos deve ser reduzido ao mínimo compatível.

— Não devem exceder de uma patrulha de 3 veículos —, a menos que o contacto inimigo esteja eminente.

## 44) *Como observam os homens embarcados em veículos?*

Em terreno descoberto:

— O motorista aborda o P. O. com o veículo em marcha reduzida.

— O explorador vai-se levantando até que possa ver à frente, fazendo sinal ao motorista para parar a viatura.

Em terreno coberto:

— O motorista pára a viatura atrás de um coberto, no fim do lanço.

— Os exploradores apeiam e procuram observar o terreno em frente, apoiando-se mutuamente.

## Observação geral

O que ficou fixado para os elementos mecanizados, em busca de informações, aplica-se inteiramente, para os elementos a cavalo.

## Resumo

### A Cavalaria

Pela velocidade dos seus elementos mecanizados nas estradas ou dos elementos hipo em qualquer terreno, a Cavalaria é a Arma mais indicada para a busca de informações, porque para este fim, a preocupação principal é a procura, o mais rapidamente possível, do contacto com o grosso inimigo, e depois, a manutenção desse contacto.

# Revista da Cavalaria

Se a distância a percorrer ou a frente a reconhecer for grande, deve ser escolhida a Cavalaria Mecanizada; nos demais casos, é indicado o emprego da Cavalaria Hipo.

Qualquer dos dois tipos de Cavalaria age, em princípio, como um líquido que se derrama numa superfície irregular, sempre à procura dos pontos de menor resistência para passar.

Se necessário, combate, agindo em força, que é atacar em frente bastante estreita.

— O elemento de busca de informações é chamado Destacamento de Descoberta.

— Sempre que se prevê uma demora maior ou a existência de grandes obstáculos para o cumprimento da missão, deve o elemento de busca ser reforçado.

— com Destruidores de «Tanks» ou Canhões de assalto, se a ideia é ofensiva.

— O reconhecimento é feito, pelo fogo, por infiltração, e pela manobra.

— Seja qual for a conduta fixada, o elemento de busca tem que adoptar uma atitude AGRESSIVA.

— O que limita o alcance da busca de informações é a possibilidade de transmitir as informações.

— A velocidade de um elemento de busca de informações vai, desde o máximo de 45 km. p. h., sem a interferência provável do inimigo, passa por um máximo de 16 km. p. h., quando for provável este aparecimento e pode cair até à velocidade de reconhecimento a pé.

— Embora uma busca de informações feita por elementos mecanizados possa durar 6 dias, com um percurso diário até 240 km. p. h., só quando não se dispõe de Aviação se poderá jogar tão longe um elemento assim isolado e entregue aos seus próprios recursos.

— Com uma fracção, inicialmente, em reserva, pode receber de frente:

— 1 Pelotão — 6 km.

— 1 Esqu. Mec. Rec. — 16 km.

— 1 Gr. Mec. Rec. — até 80 km.

— As missões podem ser amarradas:

— a uma zona;

— a um eixo;

— a uma área.

— O contróle faz-se pela amarração e pela fixação de linhas transversais a atingir.

# Revista da Cavalaria

— Excepcionalmente, uma Unidade de Carros pode receber uma missão de busca de informações.

— Os canhões de assalto são empregados, normalmente, em apoio; embora possam ser fraccionados, à disposição de 1 Pelotão de Reconhecimento.

— A patrulha marcha por lanços e por escalões.

## Conclusão

Na busca de informações, a maneira de agir é a mesma, tanto para elementos mecanizados, como para elementos hipo; até mesmo a velocidade se torna sensivelmente a mesma, quando há probabilidade de encontro com o inimigo.

P. C.

*Defesa Nacional* — Dezembro, 1948  
Rio de Janeiro





## TIPOGRAFIA DA LIGA DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA



TRABALHOS TIPOGRÁFICOS

EM TODOS OS GÊNEROS



Calçada dos Caetanos, 18

TELEFONE ——— 2 1450

L I S B O A

# BANACÁO

O melhor dos alimentos

Produto português para os portugueses

**O BANACÁO é preferido para a 1.<sup>a</sup> refeição**

**porque** todos os que o tomam, se sentem mais confortados até à 1.<sup>a</sup> refeição,

**porque** ao fim de poucos dias conhecem a diferença do seu vigor nos exercícios físicos, que normalmente fazem,

**porque** é o mais agradável ao paladar.

### **OS PARECERES MÉDICOS**

**provam** que é o mais nutritivo,

**provam** que fornece mais calorias do que qualquer outra refeição.

**BANACÁO sempre BANACÁO**



LISBOA  
AV. DA LIBERDADE, 253

Telef. 4 1171



Portuguesa

S. A. R. L.

PORTO

AV. DOS ALIADOS, 173

Telef. 2 2094

ss

- Automóveis de Turismo
- Carros industriais
- Auto-Bombas
- Auto-Regadoras
- Material de incêndios
- Tractores agrícolas
- Motores DIESEL e Semi-DIESEL
- Motores marítimos
- Aeroplanos civis e militares
- Motores de Aviação
- Material ferroviário
- Todos os veículos para a motorização das diversas armas

# Bertrand & Irmãos, L.<sup>da</sup>

TRABALHOS  
TIPOGRÁFICOS  
SIMPLES,  
E DE LUXO,  
REPRODUÇÕES  
EM FOTOGRAVURA,  
OFFSET  
E LITOGRAFIA

Travessa da Condessa do Rio, 27

Telefones P. B. X. { 21227  
                                  { 21368

LISBOA

## ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 quilómetros de Lisboa

Clima excepcional durante todo o ano

Todos os desportos — Golf (18 buracos), tennis (7 courts), natação, hipismo, esgrima, tiro, etc.  
Estoril-Palácio-Hotel—Luxuoso e confortável. Magnífica situação.  
Hotel do Parque — Elegante e moderno.  
Monte Estoril-Hotel — (antigo Hotel de Itália) completamente modernizado.  
Estoril - Termas — Estabelecimento hidro-mineral e fisio-terápico, ginástica, cultura física. Análises clínicas.  
Tamariz — Pavilhão restaurante, bar americano, magnífica esplanada sobre o mar.  
Casino — Aberto todo o ano concertos, cinema, dancin's, restaurante, bars, e jogos autorizados.



ESCOLA DE EQUITAÇÃO  
«STANDS» DE TIRO  
SALA DE ARMAS  
PISCINA DE ÁGUA TÉPIDA

Informações:

Soc. Propaganda da Costa do Sol  
ESTORIL — PORTUGAL



...Essas poucas páginas brilhantes  
e consoladoras que há na História do  
Portugal contemporâneo escrevemo-las  
nós, os soldados, lá pelos sertões da  
África, com as pontas das baionetas  
e das lanças a escorrer em sangue...

Joaquim Mousinho

Bertrand & Irmãos, L.<sup>da</sup>



# Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

## FUNDADORES

1904

General Carlos Bazílio Damasceno Rosado

Major Fernando Maya

Major Cristovam Ayres de Magalhães Sepulveda

Capitão António Augusto da Rocha de Sá

Tenente Leopoldo Augusto Pinto Soares

1939

Capitão João Gamarro Correia Barrento

Capitão Amadeu Santo André Pereira

Tenente Augusto Casimiro Ferreira Gomes

Tenente António S. Ribeiro de Spínola

Alferes Luís Manuel Tavares

F. C.

TIPOGRAPHIA DE EDIÇÃO, S. A.

AV. DE S. CARLOS, 100

1200-00 LISBOA

TEL. 211 1111

Soc. Propaganda da Costa da Sal

LISBOA - PORTUGAL

BIBLIOTÉCA DO EXERCITO

(Antiga Biblioteca do E. M. E.)

~~667~~ 1304



# Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

## DIRECTOR

Director da Arma de Cavalaria

## DIRECÇÃO EXECUTIVA

Capitão António S. Ribeiro de Spínola

Capitão José João Henriques de Avellar

Tenente Luiz Pimenta de Castro

## SECRETÁRIO

Capitão Manuel de Sousa Vitoriano

---

## SEDE

DIRECÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA

Calçada da Ajuda — Telef. 38 167

Composta e impressa na Tipografia  
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA

**Ano . . . . . 45\$00**

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

**Avulso 7\$50**

F.C.



# SUMÁRIO

CAVALARIA... SEMPRE CAVALLARIA...	<i>Brigadeiro Pais de Ramos</i>	257
AS GRANDES UNIDADES BLIDAS	<i>Capitão Casimiro Gomes</i>	265
OCULTAÇÃO QUÍMICA — FUMOS E NÉVOAS	<i>Alferez Gomes Cardoso</i>	297
EXPLORADORES A CAVALO	<i>Alferez Rodrigues Mano</i>	307
HIPISMO:		
«AS OLIMPIADAS DE 1948»	<i>Capitão Fernando Cavaleiro</i>	313
O CONCURSO INTERNACIONAL DE LISBOA	<i>J. A.</i>	319
I CONCURSO HÍPICO MILITAR DE MAFRA	<i>Repórter Z</i>	333
JORNALIS — REVISTAS — LIVROS:		
O TREINO PARA O CAVALO DE CONCURSOS	<i>Agustín Velloso Ruano</i>	345



# Revista da Cavalaria

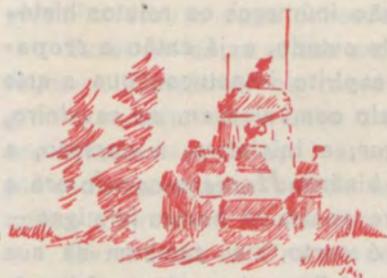
10.º ano-n.º 4

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Julho

Cavalaria...

sempre Cavalaria...



Há dias, assistindo ao desfile de uma formação motorizada de uma tropa da nossa Arma, *alguém* a meu lado comentava com certo tom de sinceridade: «*Isto é Cavalaria?!... Quem te viu e quem te vê... quase não te conhece! Mas onde estão os Cavalos?*»

Não há dúvida: esse *alguém* tinha razão: só conhecia a Cavalaria *de vista* e não tivera nunca *relações pessoais* com ela... E eu tive de objectar-lhe que, efectivamente, para a reconhecer, julgava necessário e conveniente *apresentar-lha*, na certeza de que, após *ligeiro e breve convívio*, reconhecê-la-ia imediatamente, pela simples razão de que, mesmo no meio das confusões do momento, continua e continuará, com cavalos ou sem cavalos, a ser *inconfundível*.

## Revista da Cavalaria

Façamos, pois, uma rápida e despreziosa *apresentação* da nossa Arma a todos aqueles, quer de fora, quer de dentro, que a não conseguem distinguir à simples vista.

\*

A Cavalaria — Arma cujo espírito se formou, século após século, das mais gloriosas tradições — tem sempre feito parte integrante de todos os Exércitos, desde os tempos mais remotos, conquanto a sua *importância*, como o seu *volume* e a sua *estrutura*, tenham variado com a natureza do País e até com as qualidades dos respectivos habitantes. Não admira, pois, que, pelos tempos fora, ela tenha apresentado modalidades diferentes, conservando, todavia, a mesma *personalidade*, sempre mais sensível do que qualquer outra aos progressos da ciência e da civilização.

E, assim, para que possamos compreender o seu espírito, as características que a distinguem e as diferentes condições do seu emprego, é indispensável observar a sua evolução através da História — estudá-la.

A começar pelos que nos denunciam, no Egípto, uma organização militar digna desse nome, são inúmeros os relatos históricos, que nos proporcionam aquele estudo, e já então a *tropa-montada* punha em evidência o espírito impetuoso que a arte de cavalgar e a velocidade do cavalo comunicavam ao cavaleiro, produzindo como resultante o vigor, a iniciativa, a decisão, a audácia e o desprezo pela vida. O binário *Homem-cavalo* era a *arma-projectil* que se arremessava contra as hostes inimigas — o *choque* na sua forma primitiva, é certo, mas também na sua expressão mais bela, simples e brutal! Só mais tarde o efeito do choque foi aumentado, quer pelo emprego da *arma-branca*, de variados tipos, quer pela *manobra*. Diodorus fala-nos da carga dos 20.000 cavaleiros de Osymandias contra os rebeldes de Bactriana; Licurgo organiza-a em Divisões; Philipe e Alexandre da Macedónia elevam-na a um alto grau de perfeição e, na batalha de Arbela (331 A. C.), a Cavalaria surge como factor decisivo: Alexandre derrota Darius com 7.000 cavaleiros que se lançam obstinadamente por uma brecha do Exército persa — a exploração do sucesso, brilhante na audácia e na concepção!

## Revista da Cavalaria

Os gregos dividiam a sua cavalaria em ligeira e pesada — *mecataphracti* e *cataphracti* — às quais Alexandre adicionou uma terceira categoria, denominada *dimachae*, treinada especialmente para o combate a cavalo ou a pé.

Depois de longa crise, chegamos aos tempos de Hanibal e dos cartagineses. Estes, nas batalhas de Trebbia e de Cannae, conseguem desconjuntar as legiões romanas pelo *ataque envolvente* — triunfo da *manobra*. A falta de uma boa Cavalaria leva os Exércitos de Roma à ruína e só depois de Scípio Africanus a organizar convenientemente conseguem aniquilar os cartagineses. Na batalha de Ilipa, Hasdrubal executa um *duplo envolvimento* com infantaria e cavalaria; na batalha de Zama, consegue a derrota total de Hanibal por meio de um *ataque frontal* fixante, feito pela infantaria, *conjugado com outro pela retaguarda*, executado pela cavalaria.

Não obstante, só no Séc. XIII começamos a observar exemplos brilhantes de concepção tática e estratégica com o aproveitamento, no mais elevado grau, das características próprias da Arma: mobilidade, apreciável potência de fogo, potência de choque, reconhecimentos a distância, ataques de diversão e perseguições implacáveis. As hordas montadas dos mongóis conquistaram o mundo antigo, do Mar Amarelo ao Adriático e, pela primeira vez, o *fogo* precede e prepara a *acção pelo choque!*

Sucedem-se as crises provocadas pelo emprego das armas de fogo. A Cavalaria, na Idade Média, atinge o seu apogeu de glória, constituindo a base dos Exércitos da Europa. Os cavaleiros revestem-se de aço; aparece o «homem-mecanizado». Prejudicada nas suas principais características, atravessa a fase mais crítica e entra em franca decadência: perde a mobilidade.

Germanos e franceses empregam-na impròpriamente. Carlos V e Henrique IV, nos respectivos países, procuram remediar o mal, tornando as formações menos profundas e aligeiradas. Nota-se nesta época uma estreita cooperação da Cavalaria com a Infantaria. Na batalha de Coutras, vemos os cavaleiros colocados no centro e os infantes nos flancos.

A crise continuou até que o Marechal de Brissac organiza um Corpo de Infantaria montada para combater a pé ou a cavalo, e, à medida que as armas de fogo se generalizam e aperfeiçoam, a tática e a organização da Cavalaria vão sofrendo sensíveis modificações. Sucedem-se os «gens-d'armes» de

## Revista da Cavalaria

Francisco I, os «arcabuzeiros» e «lanceiros» espanhóis e germanos, os «couraceiros» e «dragões» de Gustavo Adolfo. Só muito mais tarde, o marechal de Saxe parece ter iniciado uma era nova e brilhante, definindo a verdadeira missão da Cavalaria ligeira na procura da informação.

Frederico procura solucionar o problema da vulnerabilidade dos cavaleiros, expostos aos fogos da infantaria e artilharia adversas, pelo emprego da artilharia a cavalo, mas descarta a segurança e é batido pela cavalaria austríaca.

Só o génio de Napoleão resolve o problema em toda a sua plenitude. Os seus maiores triunfos, em especial Marengo e Austerlitz, deve-os à forma como empregou os seus *exploradores*, conseguindo sempre transbordar e antecipar-se ao inimigo. Reaparece a lança; aumentam os «couraceiros», não deixando, todavia, de lhe merecer atenção a potência de fogo, mas a sua cavalaria ligeira é empregada com inexcusável perfeição na cobertura e na procura da informação a distância. Se é verdade que deve os seus maiores triunfos, à forma como a empregou, não é menos certo que a falta da Cavalaria contribuiu muito para a sua derrota na Rússia, agravada ainda pela acção extraordinária e inteligente dos cossacos.

Peritos na equitação e na procura da informação, os cossacos sabiam desenvolver para o combate a pé com um método que só muitos anos depois foi imitado na Guerra Civil americana. Aqui, em anos sucessivos de contínuos combates, a mobilidade, a potência de fogo e a violência do choque, a acção por surpresa e, em especial, a adaptabilidade a ambas as formas de combate em todos os terrenos, aperfeiçoaram-se cada vez mais. Apesar disso, a Cavalaria europeia mostrou-se renitente em aproveitar tais experiências.

Nesta sua marcha evolucionária através dos séculos, verificamos que as actuais características lhe foram sempre inerentes em vários graus de importância e segundo a época e os países em que foram postas em evidência.

Em 1914, o modo normal de acção da Cavalaria era, de uma maneira geral, o combate a cavalo, adoptando o combate a pé pelo fogo, quando as circunstâncias a forçavam a isso. Os corpos de Cav. alemã de Marwitz e Ritchoffen e a Cav. francesa de Sordet e Conneau prestaram inestimáveis serviços, na 1.ª Guerra Mundial, quer na exploração, quer na segurança, e, inclusive, no

## Revista da Cavalaria

tamponamento de brechas. Todavia, a preponderância do fogo e a falta de espaço para a manobra obrigaram-na a transformar a sua tática, passando a ser normal o que até então constituía excepção. Dotada de armas automáticas e de meios de combate mecânicos, apoiada por artilharia mais potente e móvel que noutros tempos, pôs-se a Cavalaria pouco a pouco em condições de desenvolver uma potência de fogo considerável. Tendo assegurado a mobilidade em todos os terrenos, somando à dos seus cavalos a dos meios de transporte, tornou-se particularmente apta para se empenhar rapidamente em frentes extensas e a fazer sentir a sua acção pela violência e brusca abertura dos seus fogos, explorando, assim, em elevado grau, os efeitos da surpresa.

E, até hoje, nenhuma outra Arma tem sofrido transformação tão profunda como a Cavalaria. Procura agora a sua principal arma na velocidade. Introduce nas suas formações unidades mais velozes e de maior raio de acção. Procura a potência do choque com as unidades blindadas e, finalmente, como herdeira de magníficas tradições morais, procura transmitir a sua audácia legendária aos engenhos motorizados modernos e... sairá mais uma vez triunfante da crise de instabilidade em que se encontra.

Na última Guerra Mundial ficou bem demonstrada a necessidade da Cavalaria como parte integrante e essencial dos Exércitos orgânicamente bem equilibrados. Se os alemães dispuzessem de Cavalaria suficiente para se cobrir nos flancos, os russos não teriam conseguido salvar Moscovo. As frentes das suas cunhas couraçadas eram atacadas com massas de Artilharia e os flancos com Cavalaria e canhões anticarros. O desastre de Stalinegrado deve-se igualmente à actuação de massas de carros em íntima cooperação com a cavalaria russa, e o mesmo se pode dizer quanto à perseguição dos Exércitos alemães através da Rússia, da România, e da Polónia. A História repete-se.

Em 1943, tentaram os alemães reorganizar algumas Divisões que haviam suprimido. Era tarde — a Cavalaria não se improvisa.

Em Tunísia, na Itália e na França, ingleses e americanos também não dispunham senão de algumas unidades de reconhecimento mecanizadas. Segundo as declarações do General Hawkin, a cavalaria alemã, se existisse, poderia ter actuado em campo aberto, nas malhas da rede de estradas, atacando os flancos das forças couraçadas, durante as profundas incursões dos mecanizados na França, na Bélgica e na Alemanha: «*Se tivéssemos tido pela*

## Revista da Cavalaria

frente uma Cavalaria tão audaz como a russa, a situação teria mudado por completo», afirma o referido General. Em sua opinião, um dos maiores erros cometidos pelos alemães foi o de não terem organizado uma Cavalaria numerosa, forte e moderna, e a sua falta embarçou-os em todos os teatros de operações.

É muito interessante e elucidativo reproduzir igualmente as declarações feitas pelo General Patton no M. G. americano, quando regressou da Europa :

«Se houvessemos tido uma Divisão de Cavalaria a cavalo, em Tunis, e na Sicília, os alemães não poderiam ter escapado, pois esta Cavalaria pode levar a perseguição mais longe e melhor. Uns tantos cavalos teriam sido ali tão úteis como as Divisões Couraçadas».

É cedo, todavia, para formar um juízo completo e perfeito. Não resta dúvida, porém, que o ritmo da Guerra se modificou profundamente. A Aviação e os Blindados alteraram as noções de espaço e tempo. A segurança, para garantir a liberdade de acção, adquire aspectos novos e, por consequência, requer processos diferentes. Se é necessário romper e envolver, torna-se indispensável informar e cobrir — mas *mais longe e mais depressa*. O motor, no ar como em terra, resolveu o problema e, longe de matar a Cavalaria a cavalo, aumentou-lhe as possibilidades. Criou, a par desta, uma nova Cavalaria — a do *cavalo motor* — a Cavalaria Blindada — aptas ambas mais do que nunca, pelo seu emprego judicioso, a desempenhar as tradicionais missões de reconhecimento e cobertura, de combate e exploração do sucesso.

A Cavalaria adaptou-se, ainda que lentamente, aos novos meios de luta, e digo *lentamente* porque, na verdade, a tradição tem uma grande força. O General Estienne dizia aos seus oficiais, pouco antes da última Guerra: «*Ce qui retarde la motorisation de la cavalerie, c'est son nom même; si les marins s'étaient appelés voiliers, la marine à vapeur aurait vu sa naissance singulièrement retardée*».

Seja como for, a motomecanização transformou as unidades a cavalo em unidades mistas, aumentando-lhes também sensivelmente as faculdades de comando e de ligação, dando à Cavalaria uma feição nova pela integração de sub-unidades motorizadas e blindadas na sua orgânica.

A propósito do desaparecimento, entre nós, da G. U. mista, pertença ao número daqueles que crêem na sua coexistência, mais

## Revista da Cavalaria

cedo ou mais tarde, a par das Divisões Mecânicas que porventura possam vir a ser criadas.

Tal como no país vizinho, a natureza do *nosso terreno* e, em especial, os factores económicos hão-de acabar por impô-la. Atente-se nas necessidades verificadas durante a última Guerra pelos Chefes eminentes, a que já fiz referência, mesmo em países dotados de uma boa rede rodoviária...

Hoje, como ontem, quer no campo estratégico, quer no campo tático, o Chefe precisa ser senhor da manobra e preparar a batalha, conservando a liberdade de acção, *quaisquer que sejam as características do teatro de operações*; precisa ser *informado* — e ser *coberto* informado *de longe* e *em permanência*; coberto por forças que lhe assegurem o segredo e garantam as suas tropas contra a surpresa; precisa de dispor de um adequado núcleo de forças suficientemente móveis, para que possa oportunamente explorar o sucesso ou proteger a retirada. E *seja qual for a natureza do terreno*, note-se bem, é preciso explorá-lo para obter a informação; além da velocidade, flexibilidade, fluidez, vista e ouvido extraordinários, é também necessária a *capacidade de combate* para arrancar a informação pela força. Para tudo isto, grande mobilidade tática e estratégica, boa potência de fogo e capacidade de ocupação do terreno.

Se compararmos as duas modalidades consideradas da Cavalaria moderna — a mista e a mecânica — temos de concluir que o grau de mobilidade de cada uma delas é bastante diferente. Nas unidades mecânicas predomina ainda a notável superioridade da potência de fogo.

Daf as diferenças de concepção na judiciosa utilização das duas modalidades, em harmonia com a natureza do terreno e o rendimento que delas se pretenda obter.

Se por um lado as G. U. mistas aumentaram as condições de mobilidade e de força, não só pelos novos meios de combate, como também pela maior facilidade de deslocamento dos elementos do Comando e dos Serviços, e ainda pelo aperfeiçoamento notável das transmissões, a verdade é que a heterogeneidade resultante dos elementos hipo e auto colocaram-nas em condições de inferioridade, em virtude da reduzida velocidade do cavalo e da insuficiente potência de fogo, não lhes permitindo deslocções rápidas, profundas e potentes, para as quais foram especialmente criadas e estão naturalmente indicadas as G. U. mecânicas.

# Revista da Cavalaria

Mas... (na guerra há sempre um *mas*) as G. U. mecânicas apresentam servidões extraordinárias, derivadas não só da sua constituição íntima, como, em especial, do gastamento a que estão sujeitas; a sua actuação não pode ser considerada isoladamente, mas sim em conjugação com a da Aviação e a das G. U. motorizadas, auto ou aerotransportadas, e, ainda mesmo nos teatros de operações, em que o seu emprego é possível e recomendável, o que nem sempre acontece, as G. U. mistas ainda têm um papel importante a desempenhar e a sua falta fez-se sentir em quase todos os teatros da última Guerra. De resto, a guerra de movimento, rápida e em força, não a faz quem quer, mas sim quem pode.

E, para terminar, reproduzo, por terem flagrante oportunidade, algumas palavras de um artigo que publiquei num dos primeiros números desta Revista, em 1940:

*«Reina ainda certa confusão nas fileiras...»*

*«Assentemos ideias e voltemos ao princípio, sempre que isso se torne necessário, para que os nossos passos nunca sejam vacilantes e possamos caminhar em frente com firmeza, com convicção, resolutamente.»*

*«É necessário desfazer a lenda e enfrentar a realidade:*

*«A Cavalaria há-de continuar a ser sempre a Cavalaria e nós os Cavaleiros, sejam quais forem os meios de que tivermos de lançar mão para cumprir as suas variadas missões.»*

Apraz-me agora acrescentar para completar o conceito:

*Com cavalos ou sem cavalos!...*

Brigadeiro PAIS DE RAMOS





# As Grandes Unidades Blindadas

pelo Capitão CASIMIRO GOMES

que a seguir se vai expor sobre este assunto, não constitui matéria oficialmente aprovada.

Como se sabe, está ainda em estudo, a organização das nossas G. U. B. — Divisão Mecânica de Cavalaria (D. M. C.) e, muito embora sobre esta unidade já algumas directivas sejam do conhecimento de todos, nada há de definitivo, por agora, sobre a orgânica das pequenas unidades que a constituem.

Como a *orgânica* está intimamente ligada ao *emprego*, impossível nos é estudar uma destas modalidades, isolada da outra.

Por isso se vai seguir o critério que se indica: enumerar os 2 tipos de G. U. B., ligeiras e pesadas em uso na maioria dos grandes exércitos, *estudando o referente às G. U. B. ligeiras*, com a ressalva que interessa à G. U. B. dispondo de mais forte dotação de blindados e elementos de fogo por supormos ser este o tipo que mais se aproxima da nossa D. M. C.

# Revista da Cavalaria

## Algumas considerações:

A reduzida velocidade do cavalo em relação ao motor e a sua vulnerabilidade em presença do blindado, colocaram as tropas a cavalo em condições de não poderem cumprir as missões fundamentais da Arma: *a informação e a segurança*. Em consequência:

Nas G. U. de Linha, os G. C., alteraram a sua orgânica, reunindo numa mesma unidade, elementos a cavalo e motorizados. Nas G. U. motorizadas está prevista a organização de G. C. mecanizados, dispendo de elementos mecanizados e atiradores transportados.

Sobre Grandes Unidades Blindadas desde há muito se seguiu o critério de constituir G. U. B. L. com missões definidas e, até de certo modo, independentes e distintas das atribuídas às G. U. B. tipo pesado.

Em França, organizaram-se as chamadas *Divisões Ligeiras Mecânicas*, cuja composição é conhecida, devendo-se apenas aqui notar que, depois de 1937, estas G. U. foram sucessivamente reforçadas com Carros, ficando apenas as A. M., a constituir o que hoje se chama o Regimento de Reconhecimento, que não é mais, afinal, do que o seu G. C.

### *E as G. U. B. pesadas?*

Como veremos mais adiante, são unidades mais volumosas em carros e elementos de fogo, com missões principais, em larga escala, de *rotura e exploração do sucesso*.

As G. U. B. *ligeiras*, destinam-se especialmente à *informação* e à *segurança* e, as G. U. B. *pesadas*, à *rotura e exploração do sucesso*, em particular, à primeira destas missões.

Por esse caminho seguiram vários exércitos, aparecendo então tipos diferentes de G. U. B.

Mas, em alguns países, como o nosso e também em França, organizaram-se G. U. B. mais pesadas do que as D. M. L. extintas, mas também mais leves e menos potentes do que as G. U. B. pesadas alemãs, inglesas e outras.

# Revista da Cavalaria

*Em França*, por exemplo, apareceram então as Divisões Blindadas, depois da última guerra — 1945, cuja composição é, em síntese:

- I — Quartel General.
- II — 1 Regimento de Reconhecimento, a 1 Esq. C. L. e 4 Esq. de Reconhecimento; estes a 3 pel. com A. M. e Canhões.
- III — 3 Regimentos C. L. a, por Regimento, 1 Esq. C. L., 1 Esq. C. M., 2 Esq. C. e Canh.
- IV — 1 Regimento Caç. Carros, a 1 Esq. Reconh. e 3 Esq. a. c.; estes a 3 pelt. combate a 4 grupos cada.
- V — 1 Regimento Inf.<sup>a</sup> transportada.
- VI — Artilharia Divisionária a 3 grupos.
- VII — 1 grupo A. A.
- VIII — 1 Batalhão de Engenharia.
- IX — Companhia Mista de Transmissões.

## Serviços

- X — 1 Companhia de Transportes.
- XI — 1 Grupo de Esquadrões de Reparação.
- XII — 1 Batalhão de Saúde.
- XIII — 1 Grupo de Exploração.

*Em Portugal*, dos estudos feitos sobre a organização das nossas G. U. B. pode resultar em resumo, na orgânica seguinte:

# Revista da Cavalaria

## Divisão Mecânica de Cavalaria

- I — Quartel General
- II — 1 Regimento de Reconhecimento com :
  - 1 Grupo (de Descoberta) a: 3 Esq. de Auto-metralhadoras
  - 1 Grupo (de Segurança) a :
    - 1 Esq. Auto T. T.
    - 1 E. M. E. a :
      - 3 pelotões de metralhadoras
      - 1 pelotão de morteiros a 3 secções
- III — 3 Regimentos Blindados com :
  - 1 Grupo de Carros de Combate a :
    - 3 Esq. de Carros Médios
    - 1 Esq. de Carros Ligeiros
  - 1 Grupo de Atiradores Granadeiros a :
    - 3 Esq. de At. granadeiros de 3 pelotões
    - 1 E. M. E. a :
      - 3 pelotões de metralhadoras
      - 1 pelotão de morteiros
      - 1 pelotão de canhões a. c.
- IV — O Regimento de Artilharia Ligeira com :
  - 3 Grupos (a três baterias de obuses) de 10,5 ou 8,8
- V — 1 Grupo de peças de 11,4, a 3 baterias
- VI — 1 Grupo de A. A. de 4 cm. a 3 baterias de 6 peças
- VII — 1 Grupo de D. C. B. a 3 Esq. de 2 pelotões
- VIII — 1 Batalhão de Sapadores Mineiros com :
  - 3 Companhias de Sapadores Mineiros e
  - 1 Companhia de Pontes
- IX — 1 Companhia de Transmissões (com base na T.S.F.)
- X — Serviços :
  - 1 Destacamento de Polícia de Trânsito
  - 1 Oficina de Reparações
  - 1 Coluna de Munições
  - 1 Grupo Sanitário
  - 1 Destacamento de Exploração
  - 1 T. V. Auto
  - 1 Companhia Auto de Transportes Gerais.

# Revista da Cavalaria

Estudaremos em primeiro lugar as G. U. B. tipo ligeiras, pelas razões expostas no início deste Capítulo e, além disso, por estas unidades, de um modo geral, *englobarem* as missões e os modos de acção das antigas G. U. de Cavalaria, mistas — tipo Brigada de Cavalaria, e outras que, por associação de unidades transportadas e mecanizadas se venham a constituir — Destacamentos de Cavalaria — e cujo emprego está previsto entre nós.

*Analisaremos resumidamente os princípios orientadores do seu emprego e o modo como se devem comportar os Comandos das sub-unidades.*

## Grandes Unidades Blindadas, tipo ligeiras

(Empreguemos as iniciais D. M. C.)

### Estudo no Escalão Comando e Estado Maior

1.º — *Sob o ponto de vista do movimento, são suas características:*

Grande mobilidade estratégica (100 a 250 kms. em 24 horas). Apesar da homogeneidade do conjunto, as possibilidades de todos os elementos não são as mesmas, quando se considera a velocidade e a facilidade de executar longos percursos: os motociclistas e A. M. têm, sob esse ponto de vista, outras possibilidades que não as dos carros, por exemplo.

A mobilidade táctica na D. M. C. varia muito com o terreno e também com a natureza da unidade considerada. Assim é, que o Regimento de carros possui, em qualquer terreno, possibilidades maiores do que os atiradores transportados, e sobretudo, do que as A. M., incapazes de sair dos caminhos.

## Revista da Cavalaria

2.º — Sob o ponto de vista dos reconhecimentos e do combate:

O emprego de uma D. M. C. não pode ser realmente fecundo senão nas regiões de percurso fácil. É preciso evitar as regiões cortadas e muito cobertas.

Os cortes e os bosques extensos não só constituem obstáculos à sua acção, como a Divisão não tem meios para reconhecer convenientemente as zonas cobertas.

Uma região muito plana e descoberta, se bem que de percurso e observação fáceis, tem o inconveniente de favorecer o tiro dos canhões a. c.

O terreno de *empenhamento* ideal seria antes aquele em que os obstáculos fossem raros, mas onde se encontrassem numerosos compartimentos com alguns cobertos não muito numerosos e, sobretudo, não muito extensos.

As D. M. C. são G. U. muito móveis, largamente dotadas de armas automáticas, mas fracas em combatentes a pé e em artilharia.

Os regulamentos prevêem, então, como coisa normal, o seu reforço conforme as missões que lhes são impostas. O que é preciso notar desde já é que os órgãos de comando permitem absorver reforços importantes.

Os estados maiores da Div. L. e da Artilharia divisionária compreendem sensivelmente o mesmo número de oficiais que os E. M. correspondentes na D. M. C., se bem que se trate de pôr em acção efectivos orgânicamente menos importantes.

Os meios de transmissão são extremamente desenvolvidos.

### CARÁCTER DOMINANTE DOS GROSSOS

A mobilidade e a variedade dos meios das G. U. B. ligeiras despertam ainda outras observações:

a) — Graças à sua mobilidade, essas G. U. podem deslocar rapidamente o seu centro de gravidade e, por

# Revista da Cavalaria

consequente, os seus *eixos de esforço*. É uma vantagem importante, se as compararmos às Divisões de Linha. As operações de tomada de contacto farão ressaltar esse facto.

b) — Podem também realizar combinações de forças muito variadas e isto deve ser frisado mesmo antes de começar o estudo da manobra ofensiva destas G. U.

Se considerarmos que lhes é fácil transformar em pouco tempo uma ligeira cortina de segurança numa frente convenientemente guarnecida e inversamente, vê-se que os comandantes das D. M. C. têm à sua disposição toda uma gama de dispositivos e que eles podem fazer evoluir rapidamente a articulação das suas G. U. para atender aos acontecimentos.

É bem um dos «trunfos» principais e característicos das unidades móveis actuais.

Mas, essa vantagem torna também mais delicada a conduta da manobra, porque se apresenta, nitidamente, a questão do *carácter dominante dos grossos*.

Na conduta de uma manobra, em período de movimento rápido, é essencial ter um dispositivo coerente, e aí resalta nitidamente a noção do grosso e onde os elementos de segurança (vanguarda, guarda de flanco, segurança afastada) se coordenam em relação a esse grosso (*fig. 1*).

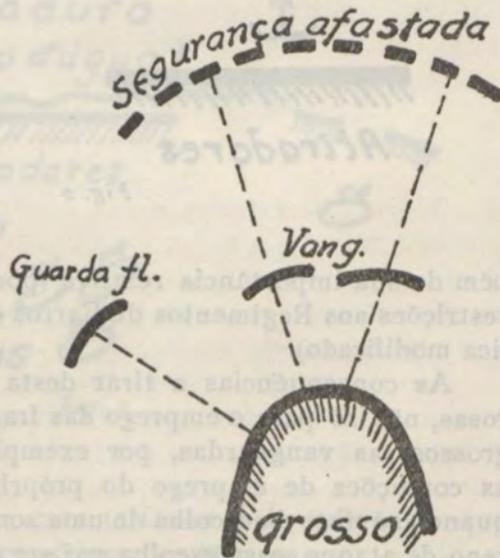


Fig. 1

## Revista da Cavalaria

Os grossos compreendem, por definição, todos os elementos não destacados. Podem constituir-se, tanto relativamente ao movimento como ao combate.

Por exemplo, cortaduras (figs. 2 e 3).

É preciso notar que o carácter da acção dos grossos, influenciado pela localização dos diferentes meios, depende tam-

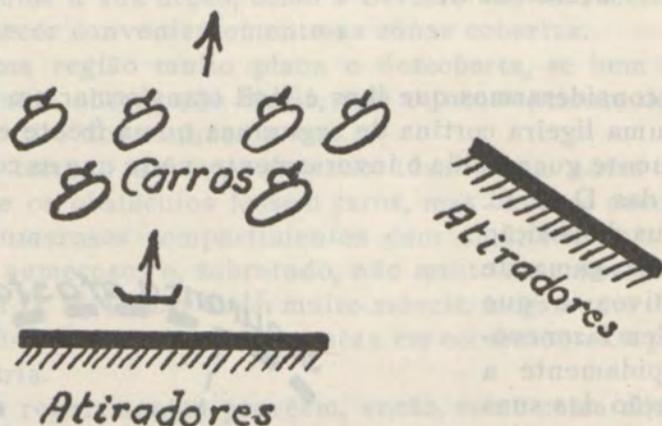


Fig. 2

bém da sua importância relativa (pode reforçar-se ou impor restrições aos Regimentos de Carros e o equilíbrio dos meios fica modificado).

As consequências a tirar desta observação são numerosas, não só para o emprego das fracções subordinadas aos grossos, as vanguardas, por exemplo, como também para as condições de emprego do próprio grosso. É assim que quando se trate da escolha de uma zona de acção ou de um terreno de ataque, essa escolha vai ser influenciada pelo carácter dominante dos meios de que se dispõe: zona onde a rede rodoviária é densa, quando se trata de unidades motorizadas, terreno sem obstáculos, para a acção dos carros.

Inversamente, quando se opera num terreno bem caracterizado e quando se pode escolher, no grosso, entre várias categorias de meios, é preciso empenhar em primeiro escalão aqueles cujas aptidões correspondam ao terreno: atiradores sobre uma cortadura.....

# Revista da Cavalaria

Estas consequências só podem ser indicadas aqui de maneira muito geral. Só os casos concretos estudados no decorrer dos exercícios permitirão examinar-lhe os detalhes.

## MARCHA PARA O INIMIGO

As D. M. C. cuja mobilidade as indica muitas vezes para reservas estratégicas, podem ter de percorrer longas distâncias antes de chegarem ao contacto. Mesmo nesse caso, a sua

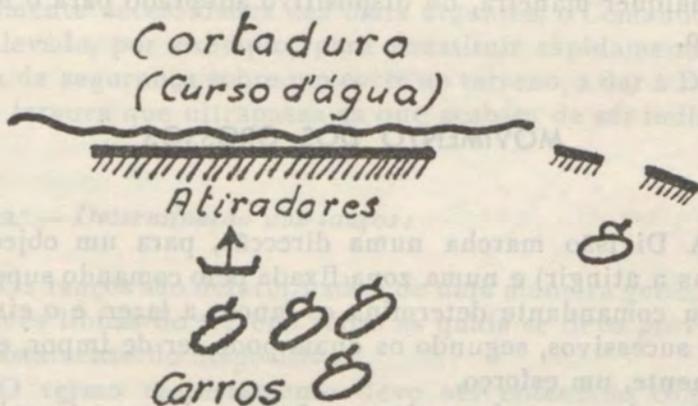


Fig. 3

marcha para o inimigo caracteriza-se pela influência que exercem desde logo as considerações táticas.

Isto é devido a várias razões:

Condições gerais de intervenção dessas G. U.:

O movimento é possível, mas também o é, igualmente, para o inimigo.

Se, por exemplo, o abalo da frente amiga provoca uma crise, podem-se reear incursões profundas de elementos mecânicos do adversário. De uma maneira geral, a cavalaria destina-se a informar e a cobrir; ela é, pois, lançada para a

# Revista da Cavalaria

frente mais especialmente nas situações em que reina incerteza sobre a atitude do inimigo. É preciso tomar, e de longe, precauções.

## A rapidez de deslocamento:

Em duas horas os grossos de uma D. M. C. podem ter percorrido 50 kms. (1) e terem assim, passado de uma zona de segurança para uma de insegurança.

Demais, é preciso, em caso de encontro, ter a prioridade de desdobramento, e em face de um adversário igualmente móvel, o tempo de que se dispõe para isso pode ser muito curto. O dispositivo de combate deve, então, poder resultar, de qualquer maneira, do dispositivo adoptado para o movimento.

## MOVIMENTO DOS GROSSOS

A Divisão marcha numa direcção, para um objectivo (linhas a atingir) e numa zona fixada pelo comando superior. O seu comandante determina os lanços a fazer, e o eixo ou eixos sucessivos, segundo os quais pode ter de impor, eventualmente, um esforço.

São de notar duas observações peculiares à Cavalaria: uma a propósito da zona de acção; outra, relativa à determinação dos lanços.

### 1.º — Zona de acção

As unidades móveis precisam de uma zona suficientemente larga para poderem jogar à vontade, desde os primeiros

(1) Distância evidentemente variável — 20 a 50 kms., segundo o modelo dos carros em serviço.

## Revista da Cavalaria

encontros, com o seu principal trunfo: a sua aptidão para a manobra.

Mas, uma vez encontrado o inimigo, elas devem poder constituir uma frente suficientemente guarnecida.

Entre essas duas considerações, de algum modo opostas, fixam-se larguras médias das frentes de acção: 10 a 15 kms. para a D. M. C. (limitada aos seus meios orgânicos).

É preciso, entretanto, considerar esses algarismos como simples indicações.

Quando a Divisão é reforçada, a zona de acção pode ser útilmente mais larga.

Antes de tudo, a questão depende da situação e do terreno.

Nos períodos de crise, em que se trata de enfrentar rapidamente necessidades das mais urgentes, o Comando pode ser levado, por exemplo, para constituir rapidamente uma zona de segurança sobre um corte no terreno, a dar à D. M. C. uma largura que ultrapassa as que acabam de ser indicadas.

### 2.º — *Determinação dos lanços:*

Os lanços são determinados, de uma maneira geral, pelas grandes linhas do terreno sobre as quais se deve prever um reajustamento do dispositivo.

O termo reajustamento deve ser entendido com amplitude.

Pode tratar-se:

— de pôr em ordem, simplesmente, a coluna que percorreu rapidamente uma longa distância;

— de paragens, exigidas por necessidades variáveis segundo os meios (reaprovisionamento de gasolina.....)

Os reajustamentos podem ser provocados, sobretudo, por modificações dos factores: terreno e inimigo.

Sob o ponto de vista do inimigo, a questão merece desenvolvimento maior, pela razão já indicada, de que as G. U. de Cavalaria podem ser chamadas a percorrerem longas distâncias em zonas de insegurança.

# Revista da Cavalaria

Importa andar rapidamente.

É preciso, então, conhecer, e quanto antes, a extensão do terreno que se pode percorrer rapidamente no dispositivo mais favorável à marcha.

Qual é, então, a amplitude do lanço que se pode fazer com o dispositivo inicial de marcha?

Há, a esse respeito, um raciocínio teórico que convém conhecer (*fig. 4*).

Partindo de um ponto *A* em direcção a um inimigo assinalado em *E* e igualmente móvel, uma formação pode encontrar esse inimigo a

partir de uma linha *M*, que se acha no meio da distância *A E*. Quando se tiver

percorrido *A M*, o inimigo poderá ter percorrido uma distância igual, *E M*.

Até *M*, não sendo o encontro teoricamente possível, não há razão para modificar o dispositivo

adoptado na partida da formação *A*, por causa do inimigo.

O primeiro lanço a determinar é, então, a linha *M*.

A partir de *M*, o dispositivo a tomar é função das informações do momento. Se se verifica que o inimigo ainda não se moveu de *E*, poder-se-á percorrer ainda no dispositivo de marcha anterior, a distância *MM'* igual à metade de *ME*; *M'* marca o segundo lanço.

Mas, bem entendido, este raciocínio é teórico e imperfecto.

Ele supõe que os dois adversários têm a mesma velocidade. Isto é admissível para a D. M. C. que não deve encontrar um adversário mais veloz.

Fig. 4

## Revista da Cavalaria

Não se tomam em conta os atrasos que podem sofrer um ou outro dos adversários, resultantes:

- a) — da natureza mais particularmente difícil do terreno a percorrer ou das precauções que uma marcha em terreno inimigo exige;
- b) — do encontro de elementos ligeiros adversos; com mais forte razão se se trata de uma segurança forte atrás de um obstáculo contínuo e importante.

Não leva em conta, também, os prazos que se precisam garantir para obter a prioridade do desdobramento, quando se considera possível o encontro no fim do lançaço.

É preciso, pois, em cada caso particular, detalhar o seu estudo.

O raciocínio simplista que acaba de ser indicado é apenas um guia, mas é um guia precioso porque se trata, na Cavalaria, de tomar decisões, a um tempo, rápidas e justas. Importa, então, e muito especialmente, ver o fundo das questões, sem se perder nos pormenores.

Uma observação, ainda, sobre o mesmo assunto:

*Sobre que linhas do terreno é preciso marcar os lanços dos grossos?*

Enquanto a marcha dos grossos se puder executar em plena segurança, são as questões de rapidez e facilidade de movimento que preponderam. Os lanços que se podem tornar necessários para reconstituir a formação, ou na previsão das mudanças de destino, são então marcados pelas transversais. Convém, todavia, nunca perder de vista as precauções contra o perigo aéreo, sobretudo se houver uma paragem prolongada no fim do lançaço.

Quando se entra na zona em que os grossos possam sofrer as reacções do inimigo, são, ao contrário, as considerações de combate que passam ao primeiro plano, e os lanços devem ser marcados em função da forma do terreno, em particular nos cortes.

As transversais só intervêm na medida da facilidade que ofereçam a um movimento ainda possível, ou os desdobramentos que se tornem necessários (por exemplo, o desdo-

# Revista da Cavalaria

bramento da artilharia). Sem dúvida, para as formações motorizadas, estreitamente ligadas às estradas (as unidades sobre caminhetas ou sobre caminhões, por exemplo), as transversais conservam todo o interesse, não somente por elas, mas porque conduzem a pontos importantes do terreno, onde os elementos transportados devem combater.

## VANGUARDAS

### Composição:

As vanguardas devem compreender essencialmente elementos susceptíveis de reconhecer e capazes de se agarrar ao terreno.

Isto indica normalmente: As A. M., motociclistas e atiradores transportados em viaturas T. T.

Quando na D. M. C. o escalão de combate se achar em primeiro escalão, caso que se pode apresentar nas situações de exploração, por exemplo, é preciso juntar aos carros da vanguarda alguns elementos retirados dos atiradores transportados (A. M. e jeeps) para facilitar os reconhecimentos e esboçar, se for preciso, uma instalação no terreno.

## DISTÂNCIA DA VANGUARDA

É necessário, pelo menos, pôr os grossos ao abrigo da observação e dos tiros directos do inimigo.

Mas, há outros pontos de vista a considerar:

a) — Sobretudo quando se trata de colunas rápidas motorizadas, é preciso subtraí-las aos tiros da frente; em particular, é preciso evitar que uma paragem brusca das vanguardas (pelo facto de encontro inesperado com o inimigo, por exemplo) não obrigue o conjunto das colunas a cerrar de maneira inconveniente sobre as testas.

# Revista da Cavalaria

É, então, normal, aumentar a distância na razão da velocidade e da importância das unidades.

b) — Mas, ao mesmo tempo, é preciso cuidar que as Divisões não corram o risco de se deixarem bater por fracções sucessivas: os grossos devem poder apoiar as vanguardas em tempo oportuno.

Tomando em conta essas diferentes considerações, podem-se fixar 10 a 30 kms. para uma D. M. C.

## DETERMINAÇÃO DOS LANÇOS

Pode-se fazer para as vanguardas uma observação análoga à que se faz para os grossos, mas, para as vanguardas, as considerações tácticas impõem-se muito cedo, o mais das vezes, desde o início da marcha. Trata-se, sobretudo, de cobrir os grossos. Os lanços marcam-se sobre linhas de obstáculos e grandes linhas de observatórios.

## SEGURANÇA AFASTADA E DESCOBERTA

### Missões respectivas:

A Cavalaria desdobra na frente das suas vanguardas um duplo jogo de destacamentos:

- destacamentos de descoberta encarregados da busca de informações;
- destacamentos de segurança afastada, encarregados de garantir uma primeira linha de defesa.

A segurança afastada é garantida quando:

O chefe é informado sobre a situação e sobre os movimentos das forças inimigas a uma distância, em relação com

## Revista da Cavalaria

a importância da sua G. U. e a capacidade de deslocamento do adversário.

A G. U. está coberta contra as unidades adversas de deslocamento rápido.

Tomando esta última instrução ao pé da letra, pode-se pensar que os órgãos encarregados da busca de informações devem depender da segurança afastada, como os elementos lançados com o mesmo fim para a frente dos Grupos de Reconhecimento dependem desses G. R.

Sem dúvida, uns procuram o inimigo e os outros estão mais directamente ligados ao grosso; mas, porque fazer nas G. U. de Cavalaria uma distinção nítida entre as duas categorias de elementos?

Que relações subsistem, finalmente, entre a descoberta e a segurança afastada?

Os efectivos das G. U. de Cavalaria são relativamente fracos. É raramente possível tornar mais forte a segurança afastada sem destacar meios exagerados dos grossos.

Os prazos durante os quais ela deve cobrir os grossos são, aliás, bastante curtos, por causa da rapidez geral da marcha (2 a 3 horas somente, por vezes). Pode-se frequentemente esperar o resultado procurado mesmo com uma segurança afastada de efectivo reduzido.

A busca de informações tem na manobra da Cavalaria uma importância excepcional.

Para as D. M. C. é essencial ir buscar as informações rapidamente e muito longe, e ter os meios de transmiti-las sem perda de tempo.

Precisa-se de dispor, então, nessas G. U., de elementos especializados para cumprir uma tal missão. Em face da importância do seu papel, da distância à qual eles podem operar, e, enfim, do seu carácter especial, parece necessário dar-lhes uma liberdade de acção que não os torne estreitamente subordinados à segurança afastada.

Assim, nas G. U. de Cavalaria ter-se-ão:

- destacamentos de descoberta que têm, antes de tudo, a missão de busca de informações para o Chefe e especialmente sobre os eixos;

# Revista da Cavalaria

— uma segurança afastada que tem por fim, sobretudo, constituir uma frente de cobertura.

Mas, fica bem entendido que essas duas categorias de elementos devem operar conjuntamente sempre que possível, justamente para compensar, pela acção comum, a sua fraqueza relativa.

É assim que, até à 1.<sup>a</sup> linha imposta à segurança afastada, os meios que a compõem podem marchar com os destacamentos de descoberta sob o comando do mesmo chefe.

Quando a descoberta, depois de ter ganho distância, é alcançada pela segurança afastada, que efectua um novo lançamento, as duas categorias de elementos operam ainda juntas.

Um mesmo chefe pode ser chamado para coordenar a sua acção, comum a toda a zona de acção da Divisão.

## Composição

A *descoberta* é normalmente constituída por elementos que se agrupam nas unidades desse nome: Reg. de Rec. — Grupo de descoberta.

A *segurança* afastada pode ser constituída, a princípio, pelas fracções dos grupos de esquadrões e Reg. de reconhecimento não empregados nas missões de descoberta. Na medida do necessário, apela-se também para os elementos retirados das outras unidades das Divisões: motociclistas, atiradores transportados em viaturas. Importa contar com esses meios, primeiro para não enfraquecer os grossos (o que mostra já o interesse em reforçar as Divisões), mas sobretudo, quando se trata de elementos tais como as A. M., para não privar as vanguardas dos meios que lhes são absolutamente necessários.

## Distância

A que distância convém enviar a segurança afastada e a descoberta?

# Revista da Cavalaria

Para a segurança afastada, o raciocínio a fazer a esse respeito é comparável ao que permite determinar, nas D. L., o emprego dos grupos de reconhecimento (como já se disse atrás).

Para a descoberta, a questão liga-se directamente à da determinação das informações necessárias à Divisão.

Na marcha para o inimigo trata-se, nitidamente, inicialmente, de saber se se poderá atingir tal ou tal linha, conservando o dispositivo mais apropriado a uma marcha rápida.

E pode-se ainda a esse respeito fazer um raciocínio teórico.

Uma formação *A* deve atingir uma linha (zona) *L*. De acordo com as informações conhecidas no momento da partida, ela pode fixar *M* como primeiro lanço

(fig. 5). Mas, uma vez em *M*, vai-se poder continuar para *L* sem encontrar o inimigo e, por consequência, o mais depressa possível, no dispositivo de marcha rápida?

Para isso, é preciso ter recebido, nesse momento, novas informações e, particularmente, saber se o inimigo não atingiu ainda um ponto *E* tal, que a distância *ME* seja duas vezes a distância *ML*, porque, se for assim, poder-se-á percorrer *ML* antes que o inimigo chegue em *L*.

Raciocínio puramente teórico, porque não leva em conta a diferença de velocidade de progressão dos dois adversários.

O raciocínio também não leva em conta os prazos necessários para tirar partido, se for o caso, em *L*, da prioridade do desdobramento.

Enfim, é um raciocínio limitado à busca de informações para a manobra propriamente dita (no caso, para ir de *M*

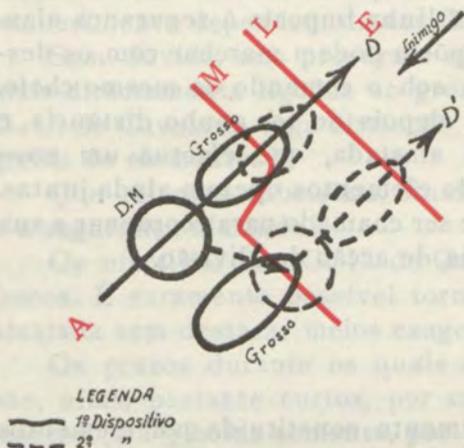


Fig. 5

# Revista da Cavalaria

até L). É preciso completá-lo com a determinação das necessidades permanentes de segurança, isto é:

- por informações procuradas nos flancos;
- pela procura e conservação do contacto.

## TOMADA DE CONTACTO

A tomada de contacto é obra progressiva de todos os elementos que precedem os grossos e, particularmente, das vanguardas.

São dignas de nota as seguintes observações que dizem respeito especialmente à Cavalaria.

### 1.º — *Aptidão das G. U. de Cavalaria para as operações de tomada de contacto:*

O movimento é possível. — Se o inimigo se aproveita também da situação, é normal que faça preceder a marcha dos seus grossos, ou que cubra a sua instalação defensiva, por elementos de segurança.

São, portanto, esses elementos que se têm de encontrar em primeiro lugar. É essencial destroçá-los antes que tenham tempo de se organizarem no terreno e de serem reforçados.

É preciso evitar, principalmente, deixar que estabeleçam uma segurança afastada que forneceria, em seguida, a chegada rápida dos grossos inimigos.

Trata-se, então, de chegar mais depressa ao local da acção, de surpreender, se possível, os primeiros elementos inimigos em curso de movimento, de infiltrar-se e de abordar as resistências, enquanto elas são ainda descontínuas. É positivamente uma acção de unidades móveis.

### 2.º — *Resultados positivos:*

Se o espaço que separa os grossos inimigos dos seus elementos avançados tem profundidade (distância de segurança afastada, por exemplo) operações rápidas, nas condi-

## Revista da Cavalaria

ções que acabamos de indicar, podem levar esses elementos até ao contacto com os grossos. As D. M. C. entregam, então, ao Comando, uma extensa zona de terreno cuja ocupação teria exigido esforços longos e, talvez consideráveis se se tivesse deixado o inimigo instalar-se e reforçar-se.

Por outro lado, essas operações podem ser as mais importantes da acção ofensiva das D. M. C., porque o ataque não se executa forçosamente. Quando a tomada de contacto conduz essas Divisões a uma frente sòlidamente constituída, poderá não ser o caso de atacar e a atitude ofensiva termina, então, apenas com as operações de tomada de contacto.

### 3.º — *Condições de execução:*

Se as operações de tomada de contacto correspondem às aptidões das unidades móveis, não são elas, por isso, menos delicadas, porque é sempre difícil conduzir acções nas quais se acham em jogo, simultaneamente, o movimento e o combate, tanto quanto mais rápido for o movimento.

Em movimento, mesmo com unidades especialmente exercitadas e equipadas, não se pode pôr em acção imediatamente mais do que uma bem fraca parcela do armamento. Não se pode estar seguro de que, pelas malhas da rede das vanguardas em marcha, alguns engenhos blindados inimigos não encontrem meios de passar.

É preciso, então, cuidar muito particularmente na Cavalaria, da segurança imediata das colunas do grosso e da protecção dos P. C.

É, por isso, necessário dispor de uma dotação bastante elevada de armas anticarro, capazes de entrar imediatamente em acção, se for preciso — arma cujo tipo é o canhão a. c., sobre engenhos blindados T. T. Essas armas são necessárias não sòmente para deter as incursões de engenhos blindados do adversário, como também para regular a questão difícil que resulta do encontro de uma tropa que progride, com engenhos blindados do inimigo (sobretudo em terreno para eles favorável). Para que a progressão não seja detida por muito tempo, o que é essencial na manobra da cavalaria, é preciso dispor de armas apropriadas para contra-bater eficazmente, e no mais curto prazo, os engenhos blindados encontrados.

## Revista da Cavalaria

Esta questão sugere a do esforço das vanguardas (1).

As vanguardas devem, antes de tudo, dispor de meios que lhes permitam reconhecer e constituir uma frente, levadas em conta as particularidades do terreno. Mas por ser necessário também dotá-las de meios bastante fortes para regular sem demora os incidentes da tomada de contacto, e pode-se perguntar, por vezes, se não será preciso para destroçar com mais segurança os elementos ligeiros do inimigo, pôr em primeiro escalão, nas Divisões, os meios mais fortes (os Regimentos de carros, por exemplo, quando o terreno for mais favorável).

Antes de decidir a esse respeito, é preciso lembrar que os efectivos das G. U. de Cavalaria não são fortes. Empregando na testa os meios mais fortes, corre-se o risco de esgotá-los nas operações locais que podem não dar resultado, no próprio momento em que a situação que se precisa justamente pela tomada de contacto pode reclamar uma acção de conjunto da Divisão.

O dispositivo a adoptar, é nitidamente o reforço «à priori» das vanguardas que dependem, então, essencialmente, das possibilidades do inimigo.

Se o inimigo só pode ser fraco, incapaz de resistências sérias (quando retira em desordem, por exemplo), há interesse em ter nas testas meios suficientemente fortes para destruí-lo o mais depressa possível, e não fazer o jogo dos seus destacamentos retardadores.

Se reina a incerteza sobre a atitude e a força do inimigo, é preciso, ao contrário, reservar a possibilidade de poder enfrentar as diversas eventualidades e, em particular, permanecer capaz de agir fortemente sobre um ponto determinado, com todos os meios reunidos. Há interesse, então, em não reforçar muito as vanguardas, em detrimento dos grossos.

---

(1) Em tudo quanto se segue, admite-se que, em vista da situação e também do número elevado de armas a. c. da D. M. C., a constituição de uma frente pode ser garantida pelas vanguardas, isto é, que a massa principal da Divisão não será absorvida obrigatoriamente por essa frente.

# Revista da Cavalaria

## ATAQUE

Quando a tomada de contacto se torna efectiva, o comandante da Divisão decide, baseado na sua missão e nas informações colhidas, se deve continuar a sua acção ofensiva por

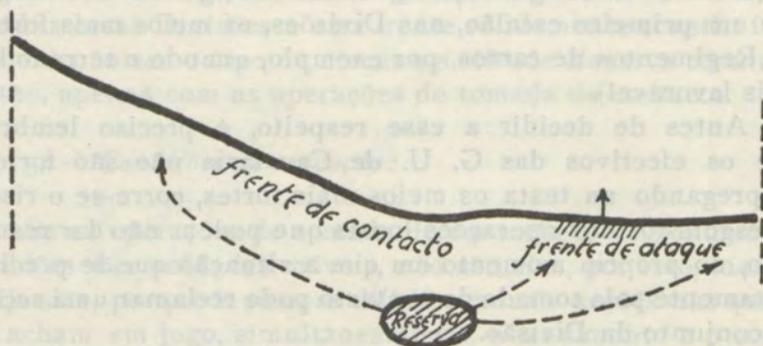


Fig. 6

um ataque, ou se, ao contrário, convém adoptar, pelo menos temporariamente, uma atitude defensiva.

Suponhamos que a decisão é montar um ataque. Quais são, a esse respeito, as possibilidades das D. M. C.?

### A) — Possibilidades dos meios orgânicos:

Antes de mais, uma observação:

Dada a largura das zonas de acção da D. M. C., ela não pode, evidentemente, montar um ataque unicamente com os seus meios orgânicos, senão sobre uma parte muito pequena da frente que lhe cabe (fig. 6).

Isto arrasta duas consequências imediatas, sob o ponto de vista das disponibilidades com que se pode contar.

1.º — Nas partes extensas da frente exterior ao ataque, e por vezes nos flancos (se há soluções de continuidade com as G. U. vizinhas, ou se a Divisão não está fortemente en-

# Revista da Cavalaria

quadrada) é preciso manter elementos de contacto e de segurança. Dever-nos-emos esforçar, naturalmente, por distribuí-los com estrita economia, mas no seu total pode ser importante, tanto mais importante quanto mais extensa for a frente e o terreno não se prestar a uma acção de cobertura nas partes exteriores ao ataque.

2.º — Para enfrentar, durante a preparação e o início do ataque, as possíveis acções do inimigo contra um ponto qualquer da frente de contacto, e seu êxito eventual, é preciso

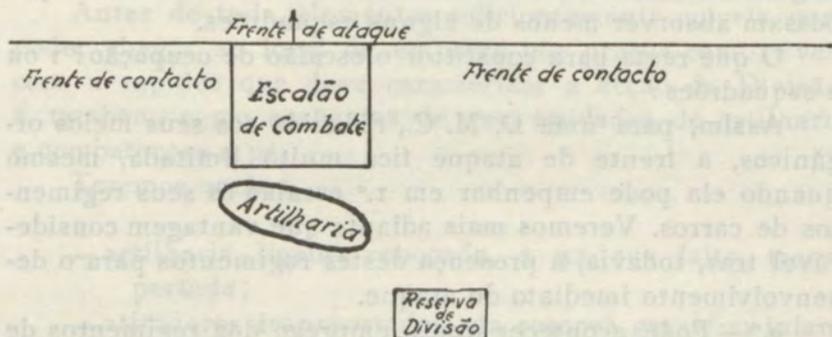


Fig. 7

manter em reserva de Divisão, fracções tanto mais importantes quanto mais ameaçador for o inimigo e a frente de contacto mais fracamente mantida.

Eis, ainda, uma causa de diminuição dos meios com os quais se pode contar para o ataque.

Nessas condições, quais são, exactamente, as possibilidades da Divisão?

A potência da D. M. C. caracteriza-se normalmente pelas suas unidades de carros.

1.º — Quando elas podem ser empenhadas em 1.º escalão, a fisionomia do ataque é, então, a esquematizada na (fig. 7),

Nestas condições, a frente de ataque pode atingir 3 a 4 kms.

Mas, poder-se-á empregar exactamente a palavra «ataque» para uma tal frente se a Divisão não for seriamente reforçada?

## Revista da Cavalaria

O apoio da artilharia orgânica permanece limitado às possibilidades dos grupos orgânicos.

Por outro lado, os meios a empregar no escalão de ocupação são muito reduzidos.

Há, com efeito, cerca de 1 Regimento de atiradores. Tomando na devida conta o reforço importante que nesse momento o Regimento de descoberta pode fornecer, para constituir reservas de Divisão e participar na manutenção da frente de contacto, é difícil admitir que numa zona de largura normal as necessidades exteriores à frente de ataque possam absorver menos de alguns esquadrões.

O que resta para constituir o escalão de ocupação? 1 ou 2 esquadrões?

Assim, para uma D. M. C., reduzida aos seus meios orgânicos, a frente de ataque fica muito limitada, mesmo quando ela pode empenhar em 1.º escalão os seus regimentos de carros. Veremos mais adiante que vantagem considerável traz, todavia, a presença destes regimentos para o desenvolvimento imediato do ataque.

2.º — Pode acontecer que o emprego dos regimentos de carros não seja possível no ataque, pelo menos inicialmente, ou porque o inimigo esteja coberto por um corte do terreno, ou, porque tenha conseguido estender uma barragem de minas na frente das zonas descobertas da sua frente.

A acção de força deve, então, começar necessariamente por uma operação de combatentes a pé bem apoiada por artilharia. Apresenta-nos, pelo menos de início, a fisionomia de um ataque de infantaria. Ele é, forçosamente, limitado às possibilidades dos grupos de artilharia.

Quanto às disponibilidades dos combatentes a pé, são ainda muito reduzidas.

A presença dos regimentos de carros, em 2.º escalão nesse momento, permite, sem dúvida, dispor de reservas particularmente fortes e de apoios importantes, imediatamente atrás da frente de contacto.

Mas, mesmo nestas condições, e levando em conta a ajuda do Reg. de reconhecimento não se pode contar com menos de 1 esquadrão de atiradores na frente de contacto e menos de 2 a 3 para o ataque.

# Revista da Cavalaria

## B) — *Reforços* :

Assim, sob o ponto de vista do ataque :

- a D. M. C., forte em engenhos blindados, é fraca em artilharia e, sobretudo, em combatentes a pé.

Prevê-se, então, como já foi dito, o reforço dessas G. U. em função das missões que lhes são dadas. Resta ver quais podem ser os reforços.

Antes de tudo, elementos suficientemente móveis, para poder chegar ao local de emprego nos prazos compatíveis com a rapidez que deve caracterizar a acção da Divisão. E também, como acabamos de ver, unidades de artilharia e combatentes a pé.

Teremos então :

- artilharia ligeira rebocada, e na sua falta, transportada ;
- atiradores transportados, da reserva geral, ou infantaria em caminhões.

## C) — *Objectivo e direcção de ataque* :

A mobilidade dos meios da Divisão permite-lhe concentrar rapidamente num ponto qualquer das suas largas frentes de acção, as fracções destinadas ao ataque.

Torna-se, assim, possível, escolher, em toda a extensão da frente de contacto, o ponto de ataque mais favorável, particularmente aquele que parece mais sensível para o inimigo, onde é possível actuar, forte contra fraco (parte mal defendida da frente; flanco exposto; terreno mais particularmente favorável aos meios de ataque).

Esta liberdade na escolha de um ponto de ataque, mesmo afastado, é uma característica da Cavalaria.

Mas é preciso bem compreender que essa escolha, não deve somente ser motivada pelas vantagens da preparação e da execução do ataque. Há outras considerações a atender.

# Revista da Cavalaria

Uma D. M. C., limitada aos seus meios orgânicos, não pode, como vimos, montar um «ataque» senão numa frente

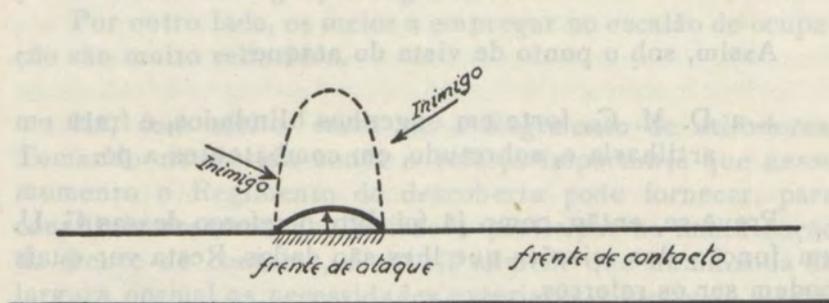


Fig. 8

estreita, e o objectivo visado, não deve, então, ser profundo, porque não é possível penetrar em ponta no dispositivo inimigo sem correr sérios riscos nos flancos (fig. 8).

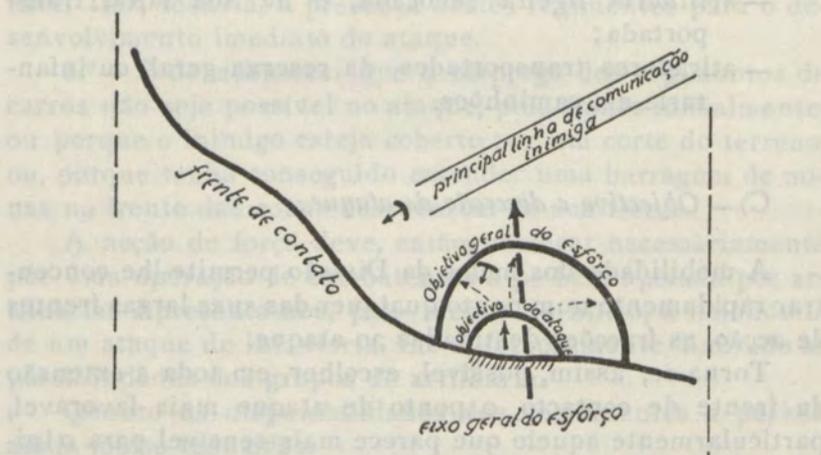


Fig. 9

Como o adversário (sobretudo se ele for móvel) tem tanto mais facilidade de *colmatar* a brecha quanto mais reduzida ela for, é raramente possível esperar unicamente do ataque um efeito imediato tal, que o inimigo abandone a luta na vasta frente que interessa à Divisão.

## Revista da Cavalaria

Para chegar a esse resultado é preciso, geralmente, atingir um objectivo tão importante, tão extenso e tão profundo, que a sua ocupação ameace seriamente toda a defesa do adversário, ou as suas comunicações principais (*fig. 9*).

É esse objectivo mais vasto que constitui o fim essencial do esforço da Divisão, pois é este o único compensador.

Mas isto ultrapassa as possibilidades de ataque das Divisões, sobretudo quando não foram reforçadas.

Como consegui-lo?

Podem-se imaginar ataques sucessivos.

Essa maneira de agir é muitas vezes incompatível com as possibilidades de manutenção do esforço de uma D. M. C. O mesmo se passa relativamente à rapidez necessária para obter um resultado decisivo antes do reforço do adversário.

Na realidade, o ataque de uma D. M. C. cuja característica é mais a mobilidade do que a força, e que opera, normalmente, em grandes frentes, só é coisa lógica contra um adversário muito fraco, por conseguinte sem profundidade.

Pode-se, então, admitir, uma vez rota a cortina de resistências, atingir o fim principal visado, mediante acções de exploração rápidas e vigorosas, impulsionadas tanto em largura como em profundidade.

Sob uma condição, porém:

É preciso que o objectivo e a direcção do ataque correspondam bem ao desenvolvimento que se tem em vista.

Por outras palavras, na concepção do chefe, a escolha dos elementos característicos do ataque deve ser geralmente precedida pela determinação do objectivo e do eixo de esforço geral da Divisão.

As duas noções ligam-se. A ideia de manobra deve salientar esse facto.

### EXPLORAÇÃO DO SUCESSO

Vitorioso o ataque, trata-se de aproveitar o êxito para atingir o objectivo geral de esforço da Divisão e prosseguir, sem perda de tempo, para o objectivo imposto pela missão. O que é preciso sublinhar, quando se estuda o emprego

## Revista da Cavalaria

da Cavalaria, é a importância que assume, para essa Arma, o aproveitamento do êxito.

Ele dá o verdadeiro sentido ao ataque, pelas razões que acabamos de ver.

A Cavalaria retoma o seu pleno rendimento nesta fase, na qual o movimento é outra vez possível, e onde se trata de abordar rapidamente os núcleos de resistência que subsistem ou tentem reconstituir-se.

Importa agir rapidamente e, para esse efeito, ter previsto durante a preparação e a execução do ataque, as disposições a tomar, para o aproveitamento imediato. É preciso por um lado, impulsionar a Divisão para o seu objectivo, e por outro, fazer desembocar logo os destacamentos que facilitem o seu avanço, informando-a, e que aproveitem também a confusão do inimigo para ocupar os pontos que interessem à continuação da progressão.

É questão de organização do comando, de emprego das reservas e da extensão da acção às unidades vizinhas da frente atacada. Pode-se mesmo notar que a partida dos destacamentos de exploração do sucesso não deixa de apresentar grandes analogias (nas condições gerais, mais normais, pelo menos) com o desembocar dos grupos de reconhecimento à frente das Div. de Infantaria.

Há, entretanto, observações particulares a assinalar.

A frente de ataque de uma D. M. C. mantendo-se, às vezes, muito limitada, em virtude do apoio da artilharia e dos efectivos do escalão de ocupação, não exigirá, em geral, o emprego de todas as unidades de carros. Pode ficar disponível um grande número deles, para a *exploração do sucesso*.

Essa exploração poderá, então, desencadear-se, desde que o objectivo de ataque tenha sido atingido, quase sem tempo de paragem. Os últimos núcleos de resistência do inimigo poderão ser submergidos no mais curto prazo. É bem uma considerável vantagem que os regimentos de carros conferem à D. M. C.

### Conclusões:

Se, depois de ter estudado as diferentes fases da manobra ofensiva da D. M. C., se examina, para concluir, essa

## Revista da Cavalaria

manobra no seu conjunto, procurando fixar-lhe os traços mais característicos, parece conveniente sobretudo assinalar:

- a rapidez da acção;
- a importância da informação.

### A) -- *Rapidez de acção:*

Trata-se de aproveitar a ocasião em que o movimento é possível e permite obter, com pouco esforço e em pouco tempo, resultados importantes.

Na marcha de aproximação é preciso ocupar, o mais depressa possível, o terreno onde o inimigo ainda não tenha chegado; na tomada de contacto, é necessário destroçar os seus elementos ligeiros, antes que eles tenham tido tempo de se organizar e de constituir uma frente continua.

No ataque, importa intervir antes que a cortina das resistências inimigas seja seriamente reforçada; na exploração do êxito, antes que ele se tenha reconstituído.

A rapidez de deslocamento dos meios de que dispõe a Cavalaria, representa evidentemente, a esse respeito, um papel de primeira ordem.

Mas, é um erro grave acreditar que ela possa bastar, e que não seja necessário, para obter o resultado visado, apelar para métodos particulares de comando, de instrução da tropa e de trabalho de Estado Maior.

A rapidez não basta, porque, por si só, pode influenciar tanto no sentido desfavorável como favorável e ter, para a manobra, efeitos desastrosos ou felizes; por exemplo, é tanto mais difícil corrigir a situação de uma unidade mal orientada quanto mais rapidamente ela se precipita em má direcção.

A rapidez não basta ainda, porque, na duração total de uma operação, a parte que toca à concepção, à transmissão e à interpretação das ordens, em relação ao tempo exigido pela execução propriamente dita, é tanto maior quanto essa execução for mais rápida.

Percebe-se bem isto quando se comparam, por exemplo, as condições de aproximação de um grupo de esquadrões de

## Revista da Cavalaria

A. M. e as de um Bat. de Inf.<sup>a</sup>. Para percorrer 2 kms. bastam ao primeiro alguns minutos e ao segundo cerca de uma hora.

Se o tempo preciso pelos chefes para comandar, é o mesmo nos dois casos, ele pesa evidentemente com muito maior intensidade sobre a operação do grupo de esquadrões de A. M. do que sobre a do Bat. de Inf.<sup>a</sup>.

No escalão Divisão, chega-se a uma conclusão análoga se se compara o tempo necessário ao desdobramento de uma D. M. C. e ao de uma D. L.

Por isso, seria ilusório possuir meios cuja razão de ser é a rapidez, se as hesitações e as lentidões dos chefes dos diversos escalões fizerem perder o benefício dessa rapidez.

Para que o benefício da rapidez dos meios de Cavalaria não se perca, é preciso, primeiro, tropa especialmente instruída e exercitada, desde o tempo de paz.

É preciso, também, ter Estados Maiores e Comandantes de Divisão particularmente aptos para as operações rápidas de movimento.

Estados Maiores dinâmicos e previdentes, capazes de traduzir as intenções do General em ordem, o mais das vezes particulares, curtas, sempre simples e rapidamente (1).

Estados Maiores nos quais o Comandante da G. U. deve encontrar um elevado número de oficiais de ligação, de inteira confiança, capazes de o representar, sem trair o seu pensamento, nas situações delicadas em que a sua iniciativa terá, por vezes, de manifestar-se.

Comandantes de Divisão cujas decisões devem ser ao mesmo tempo rápidas e judiciosas, o que não se pode conceber sem um espírito de previsão sempre alertado.

É necessário que as reflexões do General antecipem constantemente o curso dos acontecimentos. É uma regra de comando absolutamente normal. Mas é aqui de uma aplicação tanto mais imperiosa e difícil quando se trata de comandar unidades mais rápidas diante de um adversário que

---

(1) As ordens gerais são geralmente a confirmação de um conjunto de ordens particulares.

## Revista da Cavalaria

também pode ser móvel, enfim, nas situações que evoluem rapidamente.

Enquanto o Estado Maior regula os detalhes de uma fase cujas operações já foram decididas, o Comandante da D. M. C. deve poder libertar-se para examinar, sem demora, as eventualidades da fase futura. Ele deve encarar quais serão as grandes linhas das suas decisões em cada uma das hipóteses possíveis, se elas se verificarem, e orientar, nesse sentido, o trabalho de preparação do seu Estado Maior e o espírito dos seus subordinados imediatos.

É somente sob essa condição que o comandante de uma G. U. de Cavalaria estará pronto, no momento preciso, para tomar as decisões necessárias. À medida que as informações vêm confirmar ou informar tal hipótese, é possível adaptar, sem demora, o dispositivo à situação que se revela.

Os executantes, postos ao corrente e em seus lugares, progressivamente e a tempo, poderão agir mediante ordem de execução muito breve e em prazo muito curto. Concebe-se assim, que a acção possa, então, conservar-se coordenada, apesar das descentralizações necessárias, e que a rapidez escape aos perigos da precipitação.

### B) — *Manobra baseada na informação:*

A importância que assume a informação na manobra das G. U. de Cavalaria é também um dos seus traços característicos. É fácil resumir as razões disso:

A Cavalaria destina-se a informar o comando, especialmente nos momentos de crise, quando a situação é mal conhecida.

Ela é lançada para a frente, numa atmosfera de incerteza que lhe cumpre esclarecer. A sua própria manobra exige, então, uma busca de informações particularmente activa, tanto mais activa quanto mais a acção, para ser mais rápida, exigir melhor orientação.

Dessa maneira, em todas as fases da manobra ofensiva, a questão da informação sobressai:

— No decurso da marcha de aproximação, para determinar a extensão do terreno que pode ser percorrido mais rapidamente, e dispositivo que faculte a marcha mais rápida;

## Revista da Cavalaria

— No decurso da tomada de contacto, para determinar o eixo de esforço, ou, eventualmente, o seu deslocamento;

— Durante a preparação do ataque, para saber, principalmente, se o inimigo se reforça, o que poderia levar ao abandono da atitude ofensiva, ou, pelo contrário, se ele retira, o que motivaria a suspensão dos preparativos do ataque, para se retirar, sem perda de tempo, da progressão.

Sem dúvida, tal manobra, baseada em informações, provoca objecções:

A documentação sobre o inimigo será sempre incompleta. Esperar que se fique completamente informado, para agir, é arriscar-se à inacção; é, também, dar ao inimigo oportunidade de impor a sua vontade.

Dividir em pequenas partes a execução da missão e prever que se possa retomar a missão outras tantas vezes, não será arriscar-se a deixar flutuar a própria vontade ao sabor dos acontecimentos e impor às operações paragens sucessivas que possam contrariar a rapidez desejada?

É fácil responder.

Se importa, para um comandante de Cavalaria, aproveitar as ocasiões fugitivas, isto não é razão para conduzir cegamente uma G. U. cuja manobra é particularmente delicada e cuja reconstituição exige longos prazos e pesadas despesas.

Impor a própria vontade ao adversário, não avançar de qualquer maneira contra ele. É preciso lembrar as cargas corajosas de alguns esquadrões franceses de 1914, atraídos pelos cavaleiros alemães para cair sob os fogos das metralhadoras que os esperavam.

Se a documentação sobre o inimigo é incompleta, pode-se, quando mais não seja, agir e «agir com segurança», desde que se tomem, como base das decisões, as possibilidades do inimigo.

E, na mesma ordem de ideias, o melhor meio de poder manter a própria vontade é não insistir na aplicação de uma decisão que já se reconheceu infeliz. Para chegar a esse resultado é preciso, antes de tudo, ver e pesar todas as possibilidades do inimigo, no momento de tomar a decisão, e por conseguinte, ter estabelecido um plano de informações estreitamente adaptado à manobra concebida, sem deixar na sombra qualquer dessas possibilidades.

QUARTEL GENERAL DA DIVISÃO BLINDADA

ELEMENTOS	PESSOAL		VEÍCULOS														OBSERVAÇÕES					
	Oficiais	Tropa	Viat. ligeiras	Viat. ligeiras 250 kg.	Viat. de rec. 750 kg. M. blind.	Viat. T. T. M <sub>1</sub>	Viat. T. T. M <sub>2</sub>	Viat. de reconh. armadas	Carros ligeiros	Canhões de ass. A. M.	Canhões 37 A. C. A. M.	Camionetes 750 kg.	Camhões 275	Camhões 10 T.	Camhões oficinas	Cisternas de 2.500 l.		Ambulâncias T. I.	Reboques I. T.	Reboques cisternas 900 l.	Reboques cistern.	Motos
A — Escalão da frente.																						
a) E. M. da Div.																						
Gen. Comandante . . . . .	1																					
Of. Superior E. M. . . . .	1																					
Of. E. M. . . . .	7																					
Of. circulação . . . . .	2																					
Secç. desenho (1) . . . . .	1	2																				
Serv. Seg. <sup>a</sup> Militar (2) . . . . .	9	15																				
Intérpretes (3) . . . . .	3	3																				
Adidos muçulmanos . . . . .	1	1																				
Cifra . . . . .	1	3																				
Of. sub. aero . . . . .	1																					
Secret. <sup>a</sup> E. M. (4) . . . . .		12		2	2							1	2									
<i>Total</i> . . . . .	27	36		2	2							1	2									
b) P. C. de Combate D. B.																						
Pelotão de Carros . . . . .		24							5													
Lig. Transmissão . . . . .		10		3	1																	2
<i>Total</i> . . . . .		34		3	1				5													2
c) Pelotão de protecção (g).																						
d) Comando das tropas . . . . .																						
Artilharia . . . . .	3 (8)	4								6												
(9) Forças antiaéreas . . . . .	3 (10)	4																				
(11) Engenharia . . . . .	5 (12)	7																				
(14) Transmissões . . . . .	3 (15)	4																				
(16) Trem . . . . .	2 (17)	3																				
<i>Total</i> . . . . .	16	22																				
e) Companhia da Q. G.																						
Secção de Com. <sup>o</sup> e Serviços . . . . .	1 (18)	22		2		1						4 (19)										
Pelotão de circulação . . . . .	1	34									1	1										
Dest. <sup>o</sup> auto e secretários (2. <sup>o</sup> ) . . . . .	1	106	4									16									8	1 5
<i>Total Comp.<sup>a</sup> Q. G.</i> . . . . .	3	162	4	20	17	2	2				1	21									10	1 7
<i>Total escalão frente</i> . . . . .	48	281 (a)	4	25	17	3	2		5	6	2	23									17	1 9
B — Base.																						
a) Comando da Base . . . . .																						
b) Pelotão de protecção . . . . .																						
c) Direcção dos Serviços . . . . .																						
Intendência Divisionária . . . . .	4 (20)	14																				
Serviço Saúde e Culto . . . . .	7 (25)	3																				
Serviço de materiais (21) . . . . .	3	3																				
Tesouraria . . . . .	2	2																				
Correio . . . . .	2	5																				
Justiça . . . . .	3 (27)	1																				
<i>Total</i> . . . . .	28	79		2	3	1				6	2										6	4
d) Companhia dos Serviços . . . . .																						
Secção Com. <sup>o</sup> e Serviços . . . . .	1 (28)	23		2	2							4 (29)										
Pelotão de circulação (30) . . . . .	1	32		7								1	1									2
Pelotão de manutenção . . . . .		36											2									
Destacamento auto . . . . .	1	71			9	1						5	14 (31)									5
<i>Total Comp.<sup>a</sup> Serviços.</i> . . . . .	3	162		9	11	1															6	2
e) Polícia . . . . .																						
<i>Total da Base</i> . . . . .	1	20		2																	1	8
<i>Total do Q. G.</i> . . . . .	32	261 (1)		13	14	2				6	8	22									13	14

ESTADO MAIOR DA BRIGADA BLINDADA (Brigada de Apoio)

ELEMENTOS	Oficiais	TROPA				VEÍCULOS AUTO						ARMAMENTO				OBSERVAÇÕES							
		Sargentos		Soldados		Reboque 1 ton.	Carros ligeiros	Viat. de ligação	Viat. ligeiras 250	Viat. reconh. 750	Camhões 2 T 5	Motos	Pistolas	Pist. metralhad.	Carabinas		Espingardas						
		Franceses	Indígenas	Franceses	Indígenas																		
General Comandante da Brigada . . . . .	1																					(a) 4 chefes de carros, 5 rádio, 5 cond., 5 ajud., 4 condutores	
Chefe de Estado Maior . . . . .	1																					(b) 2 cifras, 4 rádio, 2 cozinheiros, 7 condut., 1 sarg., 1 sarg.	
Oficiais de Estado Maior . . . . .	4																					(c) Viatura de reconhecimento com posto de rádio	
Oficiais de ligação . . . . .	2																					(d) Equipes de posto de rádio	
A — Pelotão de Carros:																							
Sargento, Comandante de pelotão . . . . .	1																						N. B. — O pessoal e os veículos da Brigada de Carros são adstritos a um dos Regimentos de Carros.
Equipagens . . . . .	4																						(e) Donde 1 especialista de transmissões
B — Pelotão de Comando:																							
Ajudante Comandante de Pelotão . . . . .	1																						Brigada de Carros:
Grupo de Ligações e Transmissões . . . . .																							Mesmos efectivos, salvo Of. não Of. de ligação
Pessoal . . . . .	1																						B — Grupo de Pessoal:
Grupo de Pessoal (b) . . . . .	3																						2 sarg., 3 cabos, 7 sold., 7 sold. indig. (2 chauffeurs, 4 rádios, 2 cozinheiros, 7 condutores, 1 cifra)
<i>Total</i> . . . . .	8	10		8		31	13	2	5	1	5	3	2	4	32	9	19	6					



REGIMENTO DE RECONHECIMENTO DA DIVISÃO BLINDADA

ELEMENTOS	PESSOAL				ARMAMENTO								VEÍCULOS AUTO										ORGANIZAÇÃO SUMÁRIA		
	Oficiais	Sargentos	Cabos	Atradores	Carabinas	Pistolas metralh.	Metralhad. 7,6	Metralhad. 12,7	Pistolas	Morteiros 60	Postos de rádio	Canhões a c. 37	Auto metralh.	Viat. T. T. M <sub>1</sub>	Viat. T. T. M <sub>2</sub>	Viaturas R. L.	Canhões a. c. A. M.	Canhões assalto	Camhões 10 T.	Viat. ligeiras	Carros ligeiros	Motos		Viat. ligeiras 250 kilos	Camhões 2 T 5
Estado Maior Reg. <sup>o</sup>	7	—	—	—	—	—	—	—	7	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	E. M. com: 1 Pelotão de Com. <sup>o</sup> que compreende: 1. <sup>o</sup> — Pessoal de Comando a) Grupo } Comando b) Grupo } c) Grupo blindado 2. <sup>o</sup> — Transmissões a) Grupo de rádio b) Grupo de transmissões Esquadrão (F. C.): 1. <sup>o</sup> Pelotão — Serviço unidade 2. <sup>o</sup> Pelotão — Serviços a aprovisionamento do Corpo 3. <sup>o</sup> Pelotão — Serviço Sanitário 4. <sup>o</sup> Pelotão — Pelotão de Escalão a) Grupo de protecção de reconhecimento b) Grupo de desempanagem (auto) c) Grupo de desempan. (blindado) d) Grupo de reboque e) Reabastecimento de gasolina e munições Esquadrão de Carros Ligeiros 1 Pelotão (F. C.) a) Grupo Comando b) Grupo Serviços 1 Pelotão de Escalão 3 Pelotões de Carros (a 5 carros cada) 4 Esquadrões, cada: a) Grupo Comando b) Grupo Serviços 1 Pelotão de Escalão a) Grupo de protecção b) Grupo de desempanagem 3 Pelotões de Combate, cada: a) Grupo A. M. b) Grupo de apoio (2 c. 32, 2 m 60) c) Grupo de canhões de assalto e 1 viatura T. T. M <sub>2</sub>
Pelotão de Comando	2	6	6	31	30	8	3	1	7	—	12	—	1	—	—	3	—	—	—	1	—	10	1 (a)	—	
Esquadrão (F. C.)	7	18	11	73	35	7	2	2	21	—	1	—	1	—	5	1	1	—	1	—	—	—	6	22	
1. <sup>o</sup> Esquadrão de Carros Ligeiros	4	20	16	69	27	23	1	—	59	—	18	—	—	1	2	—	1	—	—	—	1	—	2	2	
2. <sup>o</sup> Esquadrão de reconhecimento	4	27	28	136	107	40	1	—	48	6	27	6	—	1	4	—	1	1	—	—	—	5	16	4	
3. <sup>o</sup> Esquadrão de reconhecimento	4	27	28	136	107	40	1	—	48	6	27	6	—	1	4	—	1	1	—	—	—	5	16	4	
4. <sup>o</sup> Esquadrão de reconhecimento	4	27	28	136	107	40	1	—	49	6	27	6	—	1	4	—	1	1	—	—	—	5	16	4	
5. <sup>o</sup> Esquadrão de reconhecimento	4	27	28	136	107	40	1	—	48	6	27	6	—	1	4	—	1	1	—	—	—	5	16	4	
<b>Total</b>	<b>35</b>	<b>152</b>	<b>145</b>	<b>717</b>	<b>540</b>	<b>198</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>286</b>	<b>24</b>	<b>139</b>	<b>24</b>	<b>64</b>	<b>5</b>	<b>23</b>	<b>4</b>	<b>6</b>	<b>12</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>30</b>	<b>73</b>	<b>40</b>	

BIBLIOTECA DO EXERCITO  
(Antiga Biblioteca do E. M. E.)

ELEMENTOS	1950	
	Quantidade	Valor
Estado Maior Reg.	1	100,00
Pelotão de Comando	1	100,00
Esquadrão (E.C.)	1	100,00
1.º Esquadrão de Curso Inicial	1	100,00
2.º Esquadrão de reconhecimento	1	100,00
3.º Esquadrão de reconhecimento	1	100,00
4.º Esquadrão de reconhecimento	1	100,00
5.º Esquadrão de reconhecimento	1	100,00
Total	6	600,00

## REGIMENTO DE CARROS, TIPO LIGEIRO

ELEMENTOS	Oficiais	Sargentos	Tropa		VIATURAS AUTO										ARMAMENTO						ORGANIZAÇÃO SUMÁRIA			
			Cabos	Soldados	M. T. T. M <sub>2</sub>	V. T. T. M <sub>2</sub>	V. T. T. M <sub>1</sub>	Canhões a. c. A. M.	Carros ligeiros	Carros médios	Camhões 10 T.	Viat. Lig. 750 K	Motos	V. C. 250 K.	Camhões 2 T 5	Lança foguetes	Morteiros 81	Carabinas	Pistolas	Pistolas Metr.		Metralhad. lig.	Metralhad. 12,7	Postos rádio
Estado Maior . . . . .	11	16	19	65	4	1	3	2	4	—	—	1	3	13	2	4	3	54	32	25	1	2	4	Estado Maior: Pelotão de Comando Pelotão de Transmissões . . . . . Pelotão de morteiros
Esquadrão (F. C.) . . . . .	7	28	35	156	3	6	—	3	—	4	2	—	1	14	44	—	—	140	42	23	10	7	10	Esquadrão (F. C.): Pelotão de Comando Pelotão de Serviços Pelotão de Abastecimento Pelotão de Escalão Pelotão Sanitário
1 Esquadrão de Carros Ligeiros . . . . .	4	20	16	69	1	2	—	1	17	—	—	—	—	2	2	—	—	27	58	23	1	—	18	Esquadrão de Carros (Ligeiros e Médios): 1 Pelotão (F. C.) 1 Pelotão de Escalão 3 Pelotões de Combate
1 Esquadrão de Carros Médios . . . . .	4	21	23	100	1	2	—	1	—	17	—	—	—	2	3	—	—	32	76	40	1	—	18	Esquadrão de Carros; tem 17 carros (5 por pelotão)
2 Esquadrões semelhantes . . . . .	8	42	46	200	2	4	—	2	—	34	—	—	—	4	2	—	—	64	152	80	2	—	36	
<i>Total</i> . . . . .	34 (a)	127 (b)	139 (c)	580 (d)	11	15	3	9	21	55	2	1	4	35	57	4	3	317	361	191	14	9	96	

(a) Donde 2 médicos e 1 oficial indígena.

(b) Donde 3 indígenas.

(c) Donde 12 indígenas.

(d) Donde 131 indígenas.



REGIMENTO DE CAÇADORES DE CARROS

ELEMENTOS	PESSOAL				ARMAMENTO								VIATURAS AUTO										ORGANIZAÇÃO SUMÁRIA			
	Oficiais	Sargentos	Cabos	Soldados	Espingardas	Carabinas	Pistolas	Pist.-metr.	Metr.-lig. 7,6	Metr.-pes. 12,7	Postos de rádio	Canhões 57 ou 37 a. c. trator	Compressoras	T. T. M <sub>1</sub>	T. T. M <sub>3</sub> desempanagens	Canhões 76 a. c.	Canhões D. C. A. auto	Camiónes diversos	Ambulâncias T. T.	Motos	Reboques T. T.	V. L. 250 K.		Viat. ligeiras 750 K.	Camiónes 2 T. 5	Camiónes 10 T.
Estado Maior . . . . .	7	8	6	38	10	23	12	14	2	8	10	—	—	5	—	—	—	—	—	6	—	4	5	—	—	Estado Maior: 1 Pelotão de Comando: a) Pessoal de Comando b) Informadores e orientadores 1 Pelotão transmissões  1 Esquadrão (F. C.) 1 Pelotão Comando e Serviços Unid.: a) Grupo de Comando b) Grupo Serviços Esquadrão c) Grupo Desempanagens 1 Pelotão dos Serviços do Corpo 1 Pelotão de aprovisionamento: a) Grupo de reabastecim.º víveres b) Grupo de reabast.º de munições c) Grupo de transporte 1 Pelotão de Escalão: a) Grupo de desempanagem e de reparações b) Grupo de reabast.º em gasolina 1 Pelotão sanitário  1 Esquadrão de reconhecimento: 1 Pelotão (F. C.): a) Grupo de Comando b) Grupo de Serviços c) Grupo de desempanagem 1 Pelotão pioneiros a) Grupo Comando b) 2 Grupos pioneiros (cada com 1 metralhadora pesada 12,7) 3 Pelotões de reconhecimento a 2 grupos (armados cada de 4 pist.-metr. e 2 metr. ligeiras 7,6)  3 Esquadrões A. C. idênticos: 1 Pelotão (F. C.) a) Grupo de Comando b) Grupo de Serviços c) Grupo de desempanagem 3 Pelotões de combate (idêntico) cada: a) Grupos de Comando (canhões a. c. 37 ou 57) b) Grupo protecção (4 pist.-metr. e 2 metralhadoras ligeiras 7,6) c) Grupo D. C. A. a 2 peças (s/veículo) d) 2 Grupos a. c. a 2 peças cada (canhões 76,2)
Esquadrão (F. C.) . . . . .	7	17	16	82	11	65	13	13	—	19	19	—	—	—	—	—	1	1	2	19	4	11	23	1		
1.º Esquadrão de reconhecimento . . . . .	5	16	24	102	36	68	10	33	12	6	30	—	1	11	—	—	—	—	9	5	20	2	2	—		
2.º Esquadrão a. carro . . . . .	4	23	26	133	38	94	10	44	6	9	17	3	—	5	1	12	6	—	—	2	1	18	3	2	—	
3.º Esquadrão a. carro . . . . .	4	23	26	133	38	94	10	44	6	9	17	3	—	5	1	12	6	—	—	2	1	18	3	2	—	
4.º Esquadrão a. carro . . . . .	4	23	26	133	38	94	10	44	6	9	17	3	—	5	1	12	6	—	—	2	1	18	3	2	—	
<i>Total . . . . .</i>	(1) 31	(2) 110	(3) 124	(4) 621	(5) 171	438	65	192	32	60	110	9	1	31	3	36	18	1	1	23	27	82	27	31	1	

(1) Donde 3 médicos e 1 intérprete.  
 (2) Donde 6 indígenas.  
 (3) Donde 21 indígenas.  
 (4) Donde 179 indígenas.  
 (5) Equipadas de lança granadas.





# OCULTAÇÃO QUÍMICA

## FUMOS E NÉVOAS

pelo Alferes GOMES CARDOSO

Os contínuos progressos na eficácia das armas modernas, unidos a uma grande profusão de armas automáticas, com a sua característica rapidez de tiro e precisão, justifica de sobejo que o tímido ensaio de ocultação química iniciado na primeira Grande Guerra mundial, tenha tomado nos nossos dias tal incremento, que se pode sem receio de exagero, considerar de imprescindível a utilização de fumos e névoas em muitas circunstâncias da guerra actual.

As névoas artificiais foram usadas pela primeira vez pelos alemães em 1915, e seguidamente foram igualmente empregadas em maior escala pelos anglo-americanos. Os americanos utilizavam como fumígeno o fósforo branco e os alemães utilizavam o anidrido sulfúrico e o ácido clorosulfónico.

No período que decorreu entre as duas guerras mundiais, foram as substâncias fumígenas estudadas com mais interesse e largamente utilizadas nas manobras de terra, mar e ar.

Na Guerra passada o emprego dos fumos foi de tal maneira importante que motivou a criação de unidades e serviços especiais, em que uma das suas missões consistia na formação de nuvens de fumos.

Para se utilizarem os fumos em combate, há vantagem em saber qual a melhor maneira de os usar e aproveitar as suas vantagens.

Para isso vamos recorrer, embora que ligeiramente, à parte técnica.

## Revista da Cavalaria

Os fumos e névoas são um caso particular das chamadas suspensões coloidais e diferenciam-se entre si, porque nos fumos as partículas em suspensão são sólidas e nas névoas as partículas são líquidas.

Estas partículas podem chegar a ter um diâmetro de  $2 \times 10^{-7}$  centímetros.

Correntemente, à formação de fumos e névoas, dá-se o nome genérico de nuvens artificiais ou simplesmente fumos.

Os fumos pela sua opacidade contrariam a observação, e uma vez formados ficam na atmosfera à mercê do vento e dos agentes atmosféricos, podendo, portanto, ocasionar efeitos contrários aos desejados.

Não só por esta razão, como também pelo preço excessivo das substâncias fumígenas (para se fazer uma ideia basta dizer que uma granada de mão fumígena custa 70\$00) tem sido motivo de grande atenção e estudo, o cálculo da quantidade de fumígeno para produzir as nuvens que se pretendem; mas, na prática é muito difícil, para não dizer impossível, precisar com exactidão a quantidade suficiente de fumígeno para levar a cabo determinada operação ou manobra de ocultação química.

Para calcular uma nuvem é necessário atender às características da emissão que vai realizar-se, no seu aspecto geométrico, cronométrico e físico, ou seja, comprimento, permanência e opacidade.

O comprimento de uma nuvem de interesse militar, nas condições médias de agentes atmosféricos, alimentada por uma origem de fumo com 3 minutos de duração, não excede os 100 metros, porque a concentração de fumo diminui proporcionalmente ao cubo da distância à origem, e, portanto, a partir dos 100 metros a nuvem já não tem concentração que garanta ocultação.

A permanência da nuvem depende da estabilidade do fumo, isto considerando igualmente condições atmosféricas médias, e portanto depende do fumígeno empregado. Por exemplo, o vapor de água simples não tem valor militar em virtude da sua pouquíssima estabilidade; mas actualmente os americanos descobriram que misturando uma pequena percentagem de óleo com água e projectando estes na atmosfera a alta pressão, se cria um nevoeiro com grande permanência, em virtude do óleo dar estabilidade às partículas de água. Este processo é muito económico.

A opacidade da nuvem depende da substância fumígena empregada. Cada fumígeno tem o seu poder de ocultação, ou seja a distância a que podem ser atravessados os seus fumos por uma luz de certa intensidade. Para que este valor — poder de ocultação — tenha inte-

# Revista da Cavalaria

resse é preciso que seja avaliado em relação a um fumígeno tipo, que é o fósforo branco. Para iguais pesos de fumígeno e consequentes volumes de nuvem, os poderes de ocultação das principais substâncias fumígenas, segundo uma classificação americana, são os seguintes:

Fósforo .....	287
Cloreto líquido de amónio .....	156
Cloreto líquido de estanho .....	99
Mescla Berger (à base de Cl Zn) .....	78
Cloreto de estanho e amoníaco (seco) .....	56

Os fumos podem ser produzidos por qualquer destas substâncias, mas a que tem mais interesse militar é a Mescla Berger em virtude dos seus fumos serem pouco tóxicos.

É esta a composição fumígena que é mais empregada na manufactura de todos os projecteis e artificios, como bombas de aviação, granadas de artilharia, morteiro, lança-granadas, granadas de mão, potes e velas.

Os potes e as velas são os artificios menos conhecidos pela pouca utilização que têm na nossa arma.

As velas são constituídas por uma pequena carga de substância fumígena contida num invólucro, o qual se incendeia por meio de um frictor ou por lançamento de fogo.

Os potes são semelhantes às velas, mas com uma carga que é em geral de 2 a 20 Kg.

## Classificação das nuvens

Segundo o emprego que se dá à nuvem estas podem classificar-se de:

*Nuvens de cegamento*: em que se empregam os fumos nas proximidades das posições adversas e à frente das nossas posições.

*Nuvens de ocultação*: as que se empregam sobre as nossas tropas ou imediatamente adiante delas.

Na camouflagem química por cegamento as armas inimigas perdem a eficácia. Recentes experiências feitas na América demonstram que os fumos e nevoeiros diminuem de 100% o rendimento do emprego das armas.

## Revista da Cavalaria

E mesmo quando a densidade da nuvem seja pequena a eficiência das armas é ainda reduzida de 30%.

As forças amigas em contrapartida têm limpo o seu campo de acção e em muitos casos surgem de surpresa nas linhas inimigas.

Os cegamentos conseguem-se por meio de artilharia, morteiros e lança-granadas se a distância às linhas inimigas permitir o emprego destes últimos.

Em menor escala e como cooperação, empregar-se-á a aviação, mas esta devido à altura a que tem que voar, em virtude da defesa antiaérea, necessita para os seus ataques diurnos, certas probabilidades de algum erro nos impates das bombas fumígenas e provável propagação inoportuna da nuvem, com consequências desastrosas.

As camouflagens químicas por ocultação produzem-se nas nossas linhas ou diante delas, portanto, envolvem ou cobrem durante o avanço, as nossas tropas, com a consequente diminuição de velocidade e moral e portanto eficácia, pelo facto de se perder a ligação pela vista e a visibilidade na direcção em que se marcha.

Isto para o soldado tem muita importância, com a agravante do comando se exercer em muito piores circunstâncias.

Sob o ponto de vista táctico é preferível a formação de nuvens de cegamento do que de ocultação. O cegamento é 4 vezes mais eficaz do que a ocultação.

Vamos tratar em pormenor da formação das nuvens tanto de ocultação como de cegamento. Quando se pretende uma acção de cegamento há que utilizar projecteis fumígenos lançados por armas com alcances compatíveis com o fim em vista.

Para se ocultar do inimigo qualquer mudança de posição, avanço ou concentração de meios utiliza-se uma cortina de fumos, mas esta não se pode limitar a cobrir o terreno em que se desenrola a acção, mas sim uma extensão pelo menos 3 vezes maior, porque se assim não fosse, nós iríamos atrair o fogo inimigo para o local onde se estava a desenrolar a nuvem, o que nos iria prejudicar mais do que se não houvesse nuvem.

O Comando quando pedir uma nuvem de ocultação tem que mencionar quatro coisas: hora, local, comprimento e tempo de duração da nuvem.

Com estes elementos o oficial encarregado de lançar a nuvem vai calcular a quantidade de fumo a empregar.

As fórmulas que calculam a quantidade de fumígeno, são de um modo geral fórmulas empíricas de resultados grosseiros e dando valores

## Revista da Cavalaria

excessivos para o fim em vista. As fórmulas têm que entrar com coeficientes variáveis que dependem dos seguintes factores: Comprimento da nuvem, tempo de permanência, influência da humidade relativa, influência da temperatura, do vento, da hora solar e, finalmente, da influência da vegetação do terreno em que se opera.

A dificuldade de chegar a uma fórmula que directamente nos dê o peso do fumígeno e ao mesmo tempo abrace todos estes factores, leva-nos a atender somente ao comprimento e tempo de permanência da nuvem, calculando-se para as condições médias, e depois entrando com coeficientes positivos ou negativos dependentes dos factores atrás indicados, aproxima-se o cálculo para as condições de momento.

A prática ensina-nos que são necessárias em condições atmosféricas médias, 2.800 gr. de Mescla Berger para produzir uma nuvem de 1 minuto de duração, com o comprimento de 100 m.

Este ensinamento prático é traduzido pela seguinte expressão: Peso de fumígeno =  $1 \text{ Hm} \times 1 \text{ m} \times 2.800 \text{ gr.}$ , cujo resultado nos dá, em gramas, o peso de Mescla Berger.

Mas como esta Mescla nos aparece em potes de 2 a 20 Kg., consideremos somente o mais leve, de 2.000 gr., e então utilizamos esta fórmula que nos dá directamente o número de potes:

$$n \text{ potes} = \frac{\text{Hm} \times \text{minutos} \times 2.800}{2.000}$$

Se além de ser dado o comprimento da zona a cobrir, também for dada a largura, a prática diz-nos que se deve pôr um pote por cada 10 metros, portanto, multiplica-se o resultado da fórmula anterior por  $1/10$  da largura da zona a cobrir ou seja:

$$n \text{ potes} = \frac{\text{Hm} \times \text{minutos} \times 2.800 \times 1/10}{2.000}$$

Se o comprimento da zona a cobrir for superior a 100 m., e, como já foi dito, a nuvem perde a capacidade a 100 m. da origem, a colocação dos potes deve ser feita de 100 em 100 metros.

Vamos agora ver de que modo os agentes atmosféricos influem nos cálculos. Tudo o que vai dizer-se a seguir é referente a nuvens de 10 minutos de duração e 100 m. de comprimento.

*Humidade relativa* — aumenta a capacidade da nuvem quanto mais húmida estiver a atmosfera. A humidade relativa média é entre

## Revista da Cavalaria

60° e 65° graus, para os quais o coeficiente é nulo; por cada aumento de 5° na humidade diminui em 1 o número de potes a empregar: ou seja coeficiente  $-1$ . O mesmo se dá mas inversamente em estados inferiores a 60°.

*Temperatura* — O poder de dissipação dos fumos aumenta com a temperatura, diminuindo bastante a capacidade, sendo portanto necessários mais potes, quanto maior seja a temperatura. A proporção é idêntica à da humidade, sendo a temperatura média 10°, para o qual o coeficiente é zero e por cada 5° de elevação de temperatura, é necessária mais uma unidade geradora.

*Velocidade do vento* — Quanto maior for a velocidade do vento maior é a quantidade de fumígeno a empregar.

As velocidades aceitáveis para emissões de fumos são as de 3 a 9 m/s, considerando 5 m/s a velocidade média, por cada m/s a mais, mais para unidade fumígena, ou seja coeficiente  $+1$  por cada m/s a mais.

Para velocidades inferiores a 3 m/s não convém utilizar fumos porque ou o fumo se agarra ao terreno ou sobe demasiadamente.

*Hora solar* — As radiações solares fazem com que os fumos se elevem e percam a opacidade. As horas ideais são ao amanhecer.

Considerando as 12 horas, em média que o sol está acima do horizonte e partindo do princípio que nasce às 6 da manhã, os cálculos de fumo para as 10, 11, 16 e 17 horas têm um coeficiente nulo. Nas horas compreendidas entre as 12 e as 15 tem um coeficiente  $+1$  e nas restantes  $-1$ .

*Vegetação* — Para vegetação alta  $-1$ , para terreno despido  $+1$ , as vegetações intermédias coeficiente nulo.

Fazendo o cálculo pela fórmula atrás mencionada e entrando com estes coeficientes calcula-se com relativa exactidão a quantidade de fumígeno indispensável para produzir a nuvem pedida.

Para que dela se tire rendimento sob o ponto de vista táctico há que atender à direcção do vento em relação às nossas linhas e do inimigo, pois que do estudo combinado de ambos os dados, é que se localiza a base de emissão ou seja a faixa de terreno onde se colocam os geradores de fumos, que depois o vento se encarrega de estender pelo terreno.

Quando o terreno em que vão ser lançados os fumos é de tal maneira batido, que torne impossível, ao pessoal especializado, permanecer na base de emissão, as cortinas de ocultação são geradas e mantidas pela artilharia ou morteiros.

# Revista da Cavalaria

## Emprego dos fumos

O emprego dos fumos na P. U. faz-se numa escala muito reduzida e quase exclusivamente com fins de protecção individual ou de grupos de indivíduos que tenham de se expor demasiadamente à observação ou ao fogo do inimigo, mas mesmo assim só se devem empregar quando estejam afastados das demais tropas, a fim de não produzirem a confusão que o seu emprego sempre ocasiona entre estas.

O emprego dos fumos na camouflagem tem sempre o inconveniente de chamar à atenção do inimigo, e, portanto, tem que produzir-se uma nuvem com um comprimento muito superior ao do objectivo a ocultar, para o qual a P. U. não dispõe de munições fumígenas em quantidade.

Os fumos nunca devem ser empregados nas pequenas unidades sem ordem prévia, porque ocasionam sempre dificuldades nas próprias tropas, e além de que por constituírem referenciação, podem fornecer ao adversário elementos de reconhecimento de toda a ordem.

As P. U. poderão por vezes, quando ordenado pelo Comandante da G. U. estabelecer pequenas cortinas de cegamento, quer para uso próprio, quer para constituírem elementos de qualquer emprego em grande escala por parte da própria G. U.

Os meios de que dispõem as pequenas unidades para produzirem fumos, são: granadas de morteiro e de lança-granadas e granadas de mão.

Sobre o emprego destas últimas, há que chamar a atenção para o seguinte facto: são em tudo semelhantes às dos outros tipos de granada de mão, com a diferença de possuírem uma carga química produtora de fumos ou de névoas. Quando a carga for líquida, devem tomar-se precauções especiais, no lançamento, porque a nuvem formada é, em geral, irritante tóxica e por vezes cáustica, pelo que se deve usar máscara e evitar a emanção proveniente do rebentamento.

No combate ofensivo podemos utilizar fumos com vantagens nas seguintes circunstâncias:

- Para protecção dos flancos.
- Para mascarar movimentos das reservas.
- Para ocultar movimentos em passagens obrigatórias.
- Para proteger as entradas e saídas da acção de unidades motorizadas.
- Para atacar por golpes de mão, posições fortemente fortificadas.

# Revista da Cavalaria

No combate defensivo proporciona :

- Um valioso auxílio, por nuvens de ocultação no caso de ataques por blindados e quando as posições não estejam completamente organizadas.
- Um meio complementar ou auxiliar, quando não se disponha de armamento anticarro suficiente, no conjunto da defesa anticarro.
- Facilitar as rupturas de contacto, principalmente na P. U.

No combate defensivo devem evitar-se abusos no uso dos fumos a fim de manter sempre o rendimento do plano de fogos, e não prejudicar a observação da artilharia e a consequente ligação entre esta e as unidades de 1.<sup>a</sup> linha.

## Emprego dos fumos na cavalaria

Tendo a Cavalaria grande possibilidade de manobra e pouco potencial de fogo, e trabalhando a maior parte das vezes isolada ou em grandes frentes, parece estar em boas condições de utilizar com grandes vantagens os fumos. Utilizando os lança-granadas fumígenas e por acções de cegamento podemos :

- Permitir que uma fracção em 1.<sup>o</sup> escalão quando se encontre muito exposta ao fogo inimigo se desloque para uma posição que ofereça melhores condições.
- Permitir o avanço quando não exista desenfiamiento natural.
- Iludir o inimigo acerca das nossas intenções.
- Desviar de qualquer fracção a atenção do inimigo ou para auxiliá-la no movimento de quaisquer homens que tenham atraído fogo violento.
- Proteger elementos que tenham de realizar trabalhos de destruição debaixo das vistas do inimigo.

# Revista da Cavalaria

EXPLORADORES A CAVALO

## Caso particular dos carros de combate

Sendo os carros de combate facilmente batidos pelas armas anti-carro, a ocultação por meio de fumos permite-lhes uma maior liberdade de acção e facilidade de deslocamento, tanto no avanço como na retirada.

Contudo, tem que se ter em conta que o carro é cego dentro da nuvem e nestas circunstâncias é facilmente atacado por uma infantaria decidida.

Para que isto não suceda é necessário que o carro esteja sempre atrás da nuvem, ultrapassando-a unicamente quando esta se tenha convertido em *cegamento das posições inimigas*.

O avanço dos carros atrás das nuvens, também tem os seus inconvenientes, porque a velocidade de marcha tem que ser condicionada pela velocidade da nuvem e o carro ou carros que ultrapassem a nuvem, são carros perdidos irremediavelmente.

O ideal nas acções de carros é o *cegamento da defesa anticarro inimiga*.

Em resumo, podem estabelecer-se as seguintes conclusões:

- 1.<sup>a</sup> — Os fumos não constituem por si só um meio eficaz para resolver uma situação táctica, mas proporcionam ao comando um auxiliar valioso para alcançar resultados decisivos conseguindo facilmente efeitos de surpresa e superioridade de fogos.
- 2.<sup>a</sup> — Há que empregá-los com muito tacto, muito especialmente quando se trata de operações defensivas.
- 3.<sup>a</sup> — As condições atmosféricas são a grande servidão dos fumos tornando por vezes impossível o seu emprego.
- 4.<sup>a</sup> — Resulta inútil um perfeito conhecimento teórico do seu emprego, se não se adquire com a experiência, que só se obtém à base de exercícios em que se pratique o seu emprego nas mais variadas circunstâncias semelhantes às que podem surgir na guerra real, e para isto é indispensável dispor do material necessário em quantidade e adequado.

# Revista da Cavalaria

5.<sup>a</sup> — E por último, instruir e treinar os homens de modo a familiarizá-los com o uso das névoas e fumos com o fim de que actuem entre estes elementos com o mesmo moral e garantia de segurança, como se se tratasse do meio ambiente natural.

Eis o que penso na minha modesta opinião.



# EXPLORADORES A CAVALO

## Considerações sobre a sua selecção e instrução

pelo Alferes RODRIGUES MANO



Ao iniciar a elaboração deste trabalho gostaria de abordar alguns aspectos da actividade da arma, que a minha sabedoria ou minha larga experiência suscitassem, e assim apresentar qualquer inovação que aquelas qualidades indicassem. Lamento, porém, ter de reconhecer que nada posso tirar daquilo que não possuo: sabedoria e experiência.

Entretanto, daquilo que tenho visto ou me têm ensinado, tentarei expor algumas ideias que o meu raciocínio entende por melhores, e a minha maneira de ser perfilha. Objectivarei esta intenção no estudo crítico da maneira como deve ser feita a escolha e preparação dos homens destinados aos pelotões a cavalo.

Na minha, aliás curta, estadia nas fileiras tem-me ferido a atenção o facto do seu recrutamento ser feito entre aqueles que pela sua falta de instrução (analfabetos geralmente), e menor capacidade de apreensão, não têm lugar nos esquadrões especializados onde se consideram indispensáveis certos requisitos de inteligência. A meu ver, sem que uma coisa invalide a outra, entendo não dever concordar com tal procedimento, pois a estes homens são frequentemente entregues missões em que todas as qualidades de inteligência, decisão, rapidez e responsabilidade não são de mais para o bom êxito. Concretizando a minha ideia: ao explorador a cavalo está confiada a segurança de muitos homens, missão que tem de desempenhar sozinho (quando muito em parselhas) longe do contróle dos seus chefes, entregue, portanto, aos seus próprios recursos, que tem de pôr à prova na resolução dos mais variados, imprevisos e difíceis problemas. A responsabilidade que suportam é evidente demais para que sobre ela bordemos considerações;

## Revista da Cavalaria

a necessidade de qualidades pouco vulgares é implícita. Vejamos, em face das necessidades, os meios que habitualmente são fornecidos para que o cavaleiro desempenhe a sua missão. Debaixo dele um cavalo que por força das circunstâncias não lhe obedece prontamente nas ocasiões de maior necessidade, e isto por índole do animal ou por deficiência do cavaleiro que à falta de conhecimentos estabelece com a sua montada uma autêntica luta de tracção de resultado sempre favorável a esta. A esta falta de preparação equestre junta-se não poucas vezes um nervosismo que dela resulta, nervosismo que é aumentado pela consciência do perigo que corre em ser descoberto pelo inimigo. Em face destas razões não seria melhor recrutar para os pelotões a cavalo os homens mais desembaraçados e mais inteligentes, capazes de ludibriar o inimigo, tirando o máximo rendimento do terreno e do seu próprio cavalo?

No que diz respeito aos homens, é minha opinião que a instrução deveria visar principalmente o desenvolvimento do raciocínio em face das mais variadas contingências, no sentido de dar a maior elasticidade às suas reacções, perante tão diversas situações, evitando-se, na medida do possível, a sujeição apertada a conceitos previamente estabelecidos, e que a prática mostra estarem sujeitos a permanentes modificações. Não seria melhor, em vez de decorarem noções, os homens praticarem objectivamente no campo exercícios de aplicação? O objectivo não seria, assim, melhor conseguido e de melhor vontade da parte do cavaleiro?

Apesar da minha pouca experiência verifiquei que o soldado não vê no cavalo o seu bom amigo. Qual a razão? Porque não tem com o cavalo aquele contacto que inspira a confiança recíproca. Da parte do cavaleiro a falta de conhecimentos técnicos para bem dirigir a sua montada; da parte desta a percepção da incompetência do cavaleiro para a conduzir com segurança. Daí as suas reacções e o consequente desentendimento que se verifica mesmo no tratamento diário. É frequente ver um soldado, quer a pé quer montado, resolver qualquer questão com um cavalo desconfiado, servindo-se de meios violentos ao contrário do que seria de aconselhar, pois a paciência e persistência mostram-se na maioria das vezes mais eficazes na resolução de quase todos os problemas. Estou convencido de que, sendo distribuída a cada soldado uma montada privativa, não só aumentariam os seus cuidados por lhe caber exclusivamente a responsabilidade do que pudesse acontecer mas também seria aumentada a confiança recíproca entre cavalo e cavaleiro.

## Revista da Cavalaria

Bem sei que na prática este procedimento tem pouca viabilidade. No entanto, podia-se aumentar o interesse pelo cavalo mediante passeios à vontade sem a espingarda a macerar as costas do soldado, que, não só por esta circunstância deriva a sua atenção como também disso se desforra castigando duramente a sua montada. Aproveitando estes passeios dava-se aos homens oportunidade de, com mais confiança, ajuizar das suas possibilidades e das do cavalo, em presença de situações ou obstáculos que umas vezes enfrentam de ânimo leve e outras recebem injustificadamente por ser a primeira vez que são postos à prova. Começam, assim, os homens a educar as suas reflexas, dando-se-lhes a possibilidade de quando se encontrarem sòzinhos no desempenho real da sua missão, saberem, por experiência, o esforço que podem e devem exigir a tão precioso servidor.

Para que um cavaleiro, desempenhe bem a sua missão é necessário que, além de dominar o cavalo, domine também o manejo das suas armas, o terreno em que manobra e as situações que se lhe apresentam. Estas condições só se podem conseguir cabalmente praticando no campo a rastejar, a correr, a saltar barrancos, a ver os erros que os seus companheiros cometem, a andarem entregues a si próprio em situações variadas em que a sua destreza e raciocínio são postos à prova; numa palavra, colocando-o em situações tanto quanto possível análogas às que se lhe apresentam na realidade.

Não é sem muito praticar, que um estafeta a cavalo, não obstante as regras decoradas, levará uma mensagem ao seu destino, nem que a um explorador se entrega a responsabilidade da segurança de uma tropa mais ou menos numerosa.

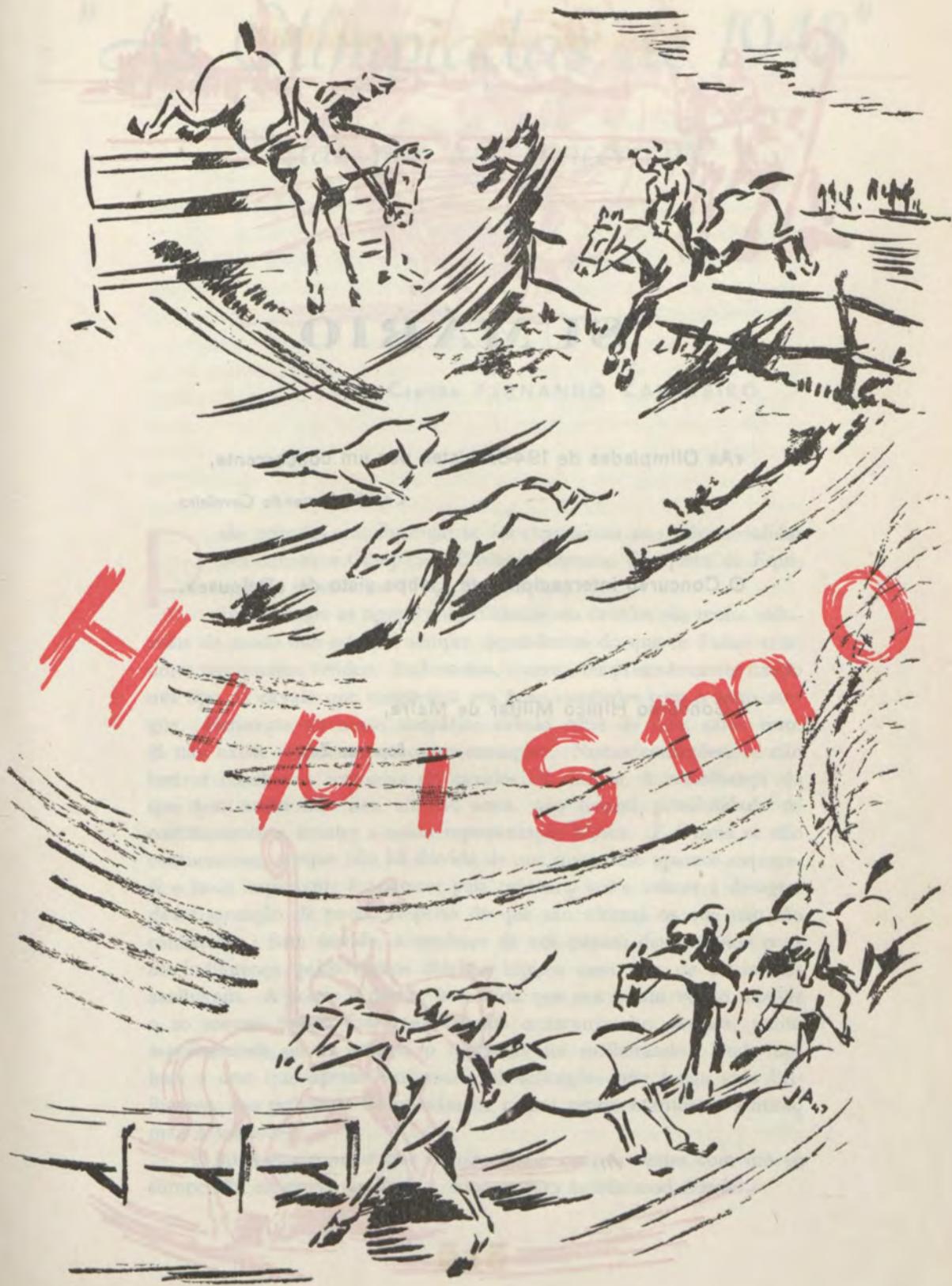
Como se orientará ele servindo-se, por exemplo, de uma bússula que a maior parte das vezes apenas viu nas mãos de um instrutor ou de um camarada embora sobre o seu funcionamento lhe tenham sido fornecidas pormenorizadas explicações?

E o que sucede acerca do manejo da arma que transporta e da sua utilização em face de situações reais? Não interessa apenas que um soldado realise numa carreira de tiro, um certo número de ímpates indispensáveis para uma classificação, mas também, e principalmente, em que ocasiões se deve utilizar da arma, fazendo-o com a indispensável decisão. Não interessa só meter-lhe na cabeça um sem número de peças, mas sim prepará-los para que amanhã, no meio do fragor do combate, com a maior calma possível resolvam as interrupções de tiro mais vulgares, e que com eficientes pontarias, que também é função da prática, ponham o adversário fora do combate.

# Revista da Cavalaria

É possível, mesmo bastante provável, que estas ideias sejam na sua maior parte resultantes da minha pouca experiência, porém, não o serão menos do entusiasmo e boa vontade que desejo pôr ao serviço da honrosa missão que me está confiada.





# Hippismo



## SUMÁRIO

«As Olimpíadas de 1948» vistas por um concorrente.

*Capitão Fernando Cavaleiro*

O Concurso Internacional de Lisboa visto da «Pelouse».

*J. A.*

I Concurso Hípico Militar de Mafra.

*Reporter Z*



# "As Olimpíadas de 1948"

## Vistas per um concorrente

pelo Capitão FERNANDO CAVALEIRO

**P**ela primeira vez Portugal se fez representar nas três modalidades equestres Olímpicas: Ensino, Concurso Completo de Equitação e Obstáculos (Taça das Nações).

Infelizmente as nossas possibilidades em cavalos são muito reduzidas de modo que estamos sempre dependentes do que os Países criadores nos querem vender. Poderíamos, é certo, ter presentemente fixado um tipo de cavalo que competiria em boas condições com o puro sangue. Refiro-me ao nosso simpático cavalo Alter de que, salvo erro, já não existe senão um ou outro exemplar. Nestas condições, se não houver constantes remontas de cavalos de sangue, à semelhança do que tem acontecido nos últimos anos, não haverá possibilidade de continuarmos a manter a nossa representação hípica. E é pena se não continuamos, porque não há dúvida de que quem não aparece esquece. E o mais importante é aparecer pela primeira vez e vencer a desagradável sensação de pouco respeito de que são vítimas os que não são conhecidos. Sem dúvida, a nenhum de nós passou despercebido o ar de indiferença pelos nossos méritos hípicos com que de início nos acolheram. A pouco e pouco, à medida que nos foram vendo montar e ao mesmo tempo foram apreciando o arranjo dos cavalos, muito especialmente os de ensino, o ambiente foi melhorando. Tudo nos leva a crer que apesar das nossas classificações não terem sido brilhantes, nas próximas Olimpíadas os nossos representantes se sentirão mais à vontade.

É interessante notar que só oito Países, e três destes com um só competidor na prova de Ensino, concorreram às três modalidades.

## A prova de Ensino

Foram nossos representantes na chamada prova de Alta Escola os Capitães Mena e Silva, Fernando Pais e Francisco Valadas. Não se pode nem, no nosso parecer, falar da representação hípica em Londres sem fazer uma chamada à parte a estes três cavaleiros que, sem lisonja nem exagero, fizeram com que o nome de Portugal ficasse a ser conhecido e considerado por todos os estrangeiros ligados ao hipismo, quer fossem membros do júri, concorrentes, ou simples espectadores. Apresentando-se em montadas sem categoria e com muito pouco tempo de trabalho eles souberam fazer-se apreciar num ambiente quase completamente desconhecido.

É sabido por todos que, franceses, alemães, suíços, dinamarqueses, americanos e suecos de há muito se dedicam a questões de ensino e mais importante ainda que se apresentam regularmente em provas deste género. Tem muita influência para um júri, por mais honesto que seja, classificar indivíduos de reputação já feita ou ilustres desconhecidos. E o que se passa lá fora não é diferente do que se passa entre nós. Só esta razão, podemos garantir, influiu para que a nossa turma de ensino não tivesse obtido o segundo ou pelo menos o terceiro lugar, que justamente merecia, e tivesse sido relegada para o quarto lugar. Era esta a opinião do presidente do júri General Decarpentry que, a par disso, teve palavras muito elogiosas para os nossos representantes, frisando entre outros o facto de serem os nossos cavalos juntamente com os franceses os únicos que se apresentaram ligeiros. Vem a propósito notar que de uma maneira geral não houve uma grande preocupação em apresentar animais, debaixo do aspecto ligeireza e colocação, segundo os moldes normalmente considerados por nós como clássicos. Supomos ser isso motivado por serem quase matemáticas as exigências de precisão dos exercícios. Na realidade, ao comentarmos o trabalho apresentado por cada um, verificámos que o júri dava mais valor à correcção geométrica da figura do que propriamente à atitude do cavalo ao executá-la. O importante era que a figura fosse perfeita; se o cavalo estava pouco ligeiro ou encapotado era secundário. Não sabemos se este critério é novo ou se já vem do anterior. Do que não há dúvida é de que foi seguido. Tanto assim é que o suíço, Cap. Moser, classificado em primeiro lugar fez uma prova sem erros, não há dúvida, mas com o cavalo sem ligeireza aparente é por vezes encapotado. Somos, pois, levados a concluir que ao contrário do que supunhamos e do que infelizmente muita

# Revista da Cavalaria

gente continua a supor, os nossos cavaleiros de ensino estavam e estão em condições de competir seja com quem for. Simplesmente há que arranjar cavalos que reúnem o mínimo de condições e dar possibilidades e tempo para que sejam arranjados.

Fizeram-se representar nesta prova oito países, num total de dezanove concorrentes. Cinco países, Argentina, França, Suécia, Estados Unidos e Portugal apresentaram três concorrentes cada, constituindo equipa. Espanha, México, Suíça e Áustria com um único concorrente.

Supomos que não foi por falta de cavalos susceptíveis de se arranjar que o número de concorrentes foi tão reduzido. Isso, possivelmente, deve-se ao facto de ser este ramo de equitação muito complexo exigindo, portanto, cavaleiros com um tacto e preparação muito acima da média normal. É uma honra para nós, portugueses, termos tido possibilidade e oportunidade de concorrer com uma equipa.

## Concurso completo de Equitação

Esta prova é, na sua generalidade, muito semelhante ao nosso Campeonato de Cavalo de Guerra.

É feita em três dias. No primeiro dia, a prova de Ensino destinada a provar a *suplesse* do cavalo e a sua obediência às ajudas; deve ser executada, segundo um traçado previamente aprovado pelo júri, num picadeiro descoberto com as dimensões de 60 x 20 m. e tem o tempo limite de 12 minutos.

No segundo dia, a prova de campo dividida em cinco fases consecutivas, a saber:

A — 6 Km. de estrada à velocidade de 220 M/m a fazer em 27 minutos.

B — 3.500 m. de *steeple* à velocidade de 600 M/m a fazer em 5 minutos e 50 segundos.

C — 15 Km. de estrada à velocidade de 220 M/m a fazer em 68 minutos e 11 segundos.

D — 8 Km. de *cross* com 30 a 35 obstáculos à velocidade de 450 M/m a fazer em 18 minutos.

E — 1.000 planos à velocidade de 333 M/m a fazer em 3 minutos.

A diferença essencial entre a prova e o nosso Campeonato de Cavalo de Guerra consiste nesta ter penalizações no *cross* e no *steeple*

## Revista da Cavalaria

para as negas e quedas. Assim, a primeira nega tem a penalização de 20 pontos. Segunda nega no mesmo obstáculo 40 pontos. Queda do cavalo e cavaleiro ou queda do cavaleiro 60 pontos. Terceira nega no mesmo obstáculo 80 pontos. Quarta nega no mesmo obstáculo, erro de percurso não rectificado ou omissão de obstáculos ou bandeirola — desclassificação.

Como no nosso Campeonato de Cavalo de Guerra também há penalizações para quem não cumpra os tempos mínimos e beneficiações para os que no *steeple* e no *cross* terminam em menos tempo. Mas não é só nas penalizações da prova de campo que existe diferença. Apesar do regulamento dizer que os obstáculos devem ter tanto quanto possível o aspecto de obstáculos naturais, aqueles que nos apresentaram eram bastante diferentes daquilo que nós estamos habituados a considerar como tal. Valados de terra nenhuns e valas todas elas com varas em variadas posições e unicamente três sem varas mas tão próximas que para serem transpostas em boas condições tinham que ser saltadas a tempo. Todos os outros obstáculos foram construídos propositadamente e mesmo aqueles que tinham algo de natural, sofreram o competente arranjo com varas e sebes artificiais. Realmente estavam muito bem feitos, francos e sem ratoeiras e, sobretudo, bastante sólidos. Somos obrigados a confessar que este pormenor não nos impressionou muito agradavelmente, tanto mais que o piso nem de longe se assemelhava ao tal tapete de relva com que todos sonhámos e que, afinal, só encontramos no *steeple*. No *cross* o terreno era francamente duro, nalguns sítios como pedra, com a agravante de ser todo ele a subir e a descer. Especialmente a primeira metade era quase toda em subidas. Só a parte correspondente aos quatro obstáculos finais era mais ou menos plana e mesmo essa sem grandes rectas. Nestas condições de terreno e de piso e com obstáculos todos de saltar e que não partiam, não era de estranhar ouvir-se o coro de lamentações entoado por quase todos os concorrentes no dia em que foi mostrada a prova. Da solidez dos obstáculos atesta bem o facto de depois de terminar o *cross* não haver um único que não estivesse intacto. Finalmente, no terceiro dia há a prova de obstáculos. Não deverá exceder 1.100 m. e deve ter 12 obstáculos. Estes, segundo o regulamento, deverão ter a aparência de fixos embora sem o ser completamente. No entanto, a prova apresentada em nada diferia na natureza dos obstáculos de uma outra prova extra-Olimpica a que uma semana antes tínhamos assistido. Como nesta, os obstáculos caíam ao mais pequeno toque. Em resumo, como a altura máxima era 1,20 m. a prova foi em tudo semelhante a uma nossa vulgar *Omnium*. Se atendermos

## Revista da Cavalaria

a que tem de ser feita no dia seguinte ao do tremendo esforço dispendido na prova de fundo teremos de concluir que só interessa preparar para esta prova um bom, ou pelo menos muito razoável saltador. Há que não esquecer também que os trinta e tal obstáculos de *cross* e os 12 de *steeple* têm que ser todos saltados sem quedas nem negas, para não sofrer penalizações.

Inscreveram-se 46 concorrentes representando 16 nações. Argentina, Brasil, Dinamarca, Estados Unidos, Finlândia, França, Holanda, Inglaterra, Itália, México, Espanha, Suécia, Turquia e Portugal com uma equipa de três cavaleiros cada. Áustria com um único concorrente.

Dos 46 inscritos chegaram ao fim 33 e somente 5 nações se classificaram, visto todas as outras terem tido menos um elemento desclassificado.

Não foi feliz a nossa equipa. Basta dizer-se que o cavalo considerado por todos como o melhor foi eliminado na prova de obstáculos. Se tem concluído com o máximo de três toques, o que representava a penalização de 30 pontos, a equipa ficaria em 3.º lugar. Também o cavalo *Zuari* montado pelo Capitão Pais foi infeliz pois terminou o *steeple* manco e com um profundo golpe num corvilhão, portanto, em péssimas condições para percorrer os 15 Km. de estrada, 8 de *cross* e 3 de pista rasa que ainda faltavam. Só à calma e bom senso do seu cavaleiro se deve o ter terminado a prova.

### Taça das Nações

Num modo geral todos os cavalos se apresentaram de bridão e montados segundo os são princípios, isto é, calmos e estendidos. Nos treinos os cavalos dos americanos e mexicanos duas passadas depois de um salto de 1,60 m. já seguiam a passo de rédeas em cima do pescoço, tal era a calma com que saltavam. Na realidade só se compreende que um animal possa empregar todo o seu esforço para saltar e estar portanto em condições de atingir o máximo, quando aborda o obstáculo com uma calma quase absoluta. Apareceram também alguns cavaleiros, felizmente muito poucos, bastante intervencionistas e que mercê de uma intuição excepcional ganham sempre prémios. Só nos resta saber se esses mesmos cavaleiros quizessem e pudessem aproveitar a sua intuição para montar com os seus cavalos estendidos e fazendo as intervenções antes do campo de salto, não ganhariam muito mais. No entanto, mesmo estes, e isto é importante, têm os seus cavalos a servir-se com-

## Revista da Cavalaria

pletamente do pescoço sobre o salto, o que quer dizer que de modo algum se permitem fazer aquilo que entre nós em gíria cavaleira chamamos «arrancar o estatuário».

A Taça das Nações foi disputada num percurso com altura máxima de 1,60 m. e mínima de 1,30 m., largura da vala 4,50 m. a fazer num galope de 400 m. por minuto. Em caso de igualdade desempatar-se-ia em barragem sobre seis obstáculos, em que a altura podia subir até 1,80 m. Não havia tempo limite para a barragem, mas se esta desse de novo o empate, então o tempo decidiria os lugares. Quem não viu o percurso armado não poderá fazer uma ligeira ideia das dimensões desconhecidas dos obstáculos. Basta dizer-se que o quinto, era um duplo de pinheiros a sete metros, estando o primeiro a 1,40 m. e o segundo sobre um fosso e a 1,50 m. Raríssimos cavaleiros o passaram sem faltas, tendo mesmo muitos ficado aí desclassificados. Foi o que sucedeu ao Major Helder Martins com o *Optus*, conjunto que era o nosso maior trunfo e que até ao fatídico duplo era o primeiro cavaleiro que ia limpo. Mas, é claro, todos os outros obstáculos eram proporcionais a este, embora nenhum tivesse feito tantos estragos. Só assim se pode explicar que dos 44 melhores cavaleiros do Mundo só 23 tenham chegado ao fim.

Das 14 equipas inscritas só três se puderam classificar, ficando portanto 11 eliminadas.

Dinamarca, Itália e Turquia com todos os elementos desclassificados. Argentina, Brasil e Holanda com duas desclassificações. Irlanda, França, Portugal, Suécia e Estados Unidos com uma única desclassificação. Daqui se poderá concluir que o tão falado fracasso da nossa equipa de obstáculos não foi tão grande como muitos o querem fazer. É certo que não fomos felizes, mas mesmo assim ficámos longe dos últimos e em muito boa companhia. A Irlanda, a França, a Suécia e os Estados Unidos, países com possibilidades comensuravelmente maiores do que as nossas e com brilhantes tradições hípias, ficaram a par connosco.



# O Concurso Internacional de Lisboa

visto da «Pelouse»

por J. A.



À medida que os concursos regionais foram diminuindo em número e em importância, maior tem sido aquela que tem adquirido a do concurso de Lisboa. Hoje é, e de resto já assim era, mesmo antigamente, a grande Prova Nacional já pela natureza dos concorrentes, como também pela frequência do público e ambiente em que decorre. Isto sem menosprezo pelas outras provas que se realizam, nomeadamente em Cas-

cais e nas Caldas da Rainha. Mas o Concurso de Lisboa é, e assim se deverá manter, a menos que tal ideia se perca e as circunstâncias se modifiquem, um momento grande do hipismo nacional.

Para ele se prepara o «estreadante» que espera ansioso marcar o seu lugar; é com a vista posta nele que os «consagrados» treinam novas montadas que confirmarão a sua classe já estabelecida. Por isso os meses de inverno, nos quatro cantos de Portugal onde se monta a cavalo, são passados naquela luta árdua e permanente de preparação,

## Revista da Cavalaria

para que em fins de Maio, princípios de Junho tudo esteja a postos para a luta que se travará no campo do Jockey. E quantos, terminadas as provas de Lisboa que lhes não correram propícias, não pensam — «para o ano será!» — e recomeçam o trabalho animados da esperança no brilho da próxima exhibição no Internacional.

Não são sòmente eles que assim pensam. A entidade organizadora, merecedora a todos os títulos do reconhecimento do nosso meio hípico pelo esforço que anualmente desenvolve, colhe novas indicações, rectifica pormenores, para que o ano seguinte seja ainda melhor que aquele que acabou.

Podemos mesmo dizer que o ano hípico no nosso país se conta do Concurso de Lisboa a Concurso de Lisboa.

Não se julgue que sòmente os que concorrem ou os que preparam as provas têm largo trabalho de previsão. Também o público espera por eles. Aquele, bem entendido, que nós encontramos, todos os anos pisando a areia da «pelouse»; que leva os filhos desde pequenos a interessarem-se pelo desporto hípico; e que se não o pratica vive e sofre com as suas peripécias. Esse, lá o encontramos todos os anos! E dele há uma parte que também se «prepara» para ir ver e para «ser visto» nas tardes de Concurso. É o elemento feminino que dá a nota tão característica de elegância e bom gosto ao ambiente das provas.

Para as senhoras, aparte o interesse manifesto que tem a própria luta travada, há também a curiosidade muito «natural» pelos figurinos que se vão apresentar ou que elas mesmo apresentarão o que não é também de somenos importância. Há que activar as modistas para que tenham os vestidos prontos a horas; há que descobrir o modelo de chapéu que há-de fazer sensação no dia do «Grande Prémio» ou da «Taça de Ouro»; enfim, pôr tudo a postos para cumprir os últimos decretos de Sua Magestade a Moda nessa parada de «modelos» que é o Concurso de Lisboa.

Este não é, portanto, o produto de um momento mas sim o fruto de laboriosos cuidados partindo de diversos sectores. Criou raízes na vida de Lisboa, e dela faz parte integrante; tem tradições e responsabilidades. Por isso, todos nós que vivemos, muito ou pouco, no ambiente hípico, o esperamos sempre com certa ansiedade, e quando ele acaba, ficamos à espera do... do ano seguinte!

Julgamos que isto não se passa sòmente connosco, mas que ao escrevermos estas linhas muitos sentem também o mesmo.

Por isso pensamos que serão sempre de louvar os que por obrigações de direcção ou por «carolice» a ele dedicam tantos esforços para

# Revista da Cavalaria

que o Internacional de Lisboa, dentro da modéstia dos nossos meios não perca o brilho e o valor que tem no movimento hípico nacional.

E estamos crentes que com melhores ou piores horas ele manterá aqueles predicados para satisfação de um público que o exige e daqueles que nele concorrem, e como elemento essencial da vida hípica portuguesa.

Parece à primeira vista que um tal trabalho de preparação devia conduzir aos resultados precisos e prèviamente fixados.



*Comandante D. José Navarro, montando o célebre «Quorum»  
em que ganhou a prova Federação Equestre Portuguesa*

Mas, ai! é preciso contar que... Deus dispõe!

O cavalo que tantos cuidados nos mereceu e em que punhamos tantas esperanças começou a «pegar» mal na ração, ou, ainda pior, tem um esforço de tendão que o «empanará» por muito tempo ou lhe reduzirá as possibilidades. E lá se vão os sonhos de vitória!

A relva que estava tão promissora e se contava que desse esplêndido piso e óptimo aspecto ao campo começou a «crestar»; as plantas prometidas para ornamentar o campo não têm o volume e o viço que se

## Revista da Cavalaria

esperava; tal equipa ou tais concorrentes que tanto animariam as provas não poderão vir ou não trazem cavalos da categoria prevista. São os pequenos contratemplos, as arrelias que fazem cabelos brancos aos organizadores.

E ainda, a modista não deu o vestido a tempo; o tal modelo visto numa revista estrangeira não tem, afinal, o aspecto que se desejava!

Mas mesmo assim, no dia e na hora em que o Concurso começar, lá estamos todos, pior ou melhor, mas cheios de boa vontade para com uma quota parte contribuirmos para a realização do Concurso.

Isto acontece todos os anos e este ano deve ter acontecido também. E não é, como dizem as pessoas que o não «sentem», sempre «a mesma coisa». Varia, dentro do quadro geral que traçamos nos seus pormenores.

Procurarei focar alguns deles, em ligeiros apontamentos, próprios de quem fica para cá da vedação e se senta de cadeira, para assistir ao espectáculo.

Este ano tivemos o prazer de ver, no hipódromo do Campo Grande, duas equipas estrangeiras, uma espanhola e outra francesa, o que de sobremaneira animou as provas realizadas.

É a competição que atrai o público. Quando ela se realiza com elementos estrangeiros maior é a afluência deste. E se ganhamos ou, pelo menos, temos possibilidade de dar réplica condigna, o entusiasmo aumenta e aquela afluência maior é, portanto.

Os primeiros dias de concurso foram, pois, prejudicados pela ausência dos elementos nacionais que estavam em melhores condições de luta. Isso prejudicou grandemente o rendimento das provas, sob todos os aspectos. Depois, com a intervenção dos nossos «internacionais» o ambiente lá animou, ainda que não compensasse completamente. Daquele afastamento temporário se ressentiram talvez as montadas, pois alguns dos deslises sofridos se podem, quanto a nós, atribuir, ao terem «estranhado» os obstáculos. Não é bem a mesma coisa, saltar «em casa» ou no campo para a disputa de provas de responsabilidade. As provas iniciais teriam servido, sem o peso de tão grandes responsabilidades, para aquela «adaptação» que é sempre necessária por muito «batidos» que sejam os cavalos, que estariam em melhores condições de actuação, do que aquelas fornecidas pelo forçado repouso, que não foi compensador. E além disso o tempo trabalha contra eles.

Por outro lado, encontramos-nos com falta de um cavalo daqueles chamados de «palavra de honra». E a equipa espanhola possui dois nessas condições, o *Foragido* e esse estupendo *Quorum*.

## Revista da Cavalaria

É manifesta a inferioridade. Os melhores «operários» não podem fazer bom trabalho com ferramenta já um pouco «embotada». Mas lá esteve sempre presente a «crença», a boa vontade e o nunca desmentido desembaraço a fazer frente aos percalços sofridos e lutando contra um



*Tenente Farrusco Júnior, montando o «Abandonado»  
em que ganhou o Grande Prémio de Lisboa*

Destino que se adivinhava como certo. Nada se perdeu! Perder ou ganhar tudo é desporto! Há que arranjar mas é «ferramental» novo.

E já que falamos em «novos»! O concurso de Lisboa quase sempre traz surpresas! Deve-se a deste ano a um «novo», o *Farrusco Júnior*, um daqueles que vai trabalhando à espera do seu «quarto de hora» e que o encontrou no dia do «Grande Prémio».

## Revista da Cavalaria

Um dos grandes favoritos das provas foi *Mr. Jonquieres d'Oriola* justamente premiado como o melhor concorrente na «Taça das Nações».

Quanto a nós, além de tudo o mais, a sua presença foi particularmente agradável por não deixar morrer a tradição do «habit rouge». Nós, quando cá chegámos, já encontrámos poucos que o envergassem — a então Mademoiselle Defense, Costa Pina (que nos lembremos), e poucos mais, talvez —. Mas ainda havia alguns! Depois foram rareando. É este o aspecto que particularmente nos choca pelo seu significado. O circunscrever-se o desporto hípico ao campo militar. Ele é reflexo de muitos condicionamentos que não analisamos. Neste momento sòmente focamos o pormenor e lamentamos que mais «habit rouge» não corram nos nossos hipódromos, pela própria variante que davam ao espectáculo e pelo que isso representa no movimento hípico nacional.

Como já dissemos é merecedora de todos os encómios a Sociedade Hípica pelos esforços dispendidos na organização das provas através de um sem número de dificuldades, algumas de certo vulto, a que a boa vontade e mesmo espírito de sacrifício dos seus elementos dirigentes soube fazer frente.

Não há, portanto, da nossa parte, o mais leve espírito de censura, mas antes, sim, o de agitar pequenos «senões» que talvez sòmente se apresentem para quem está de fora.

Este ano procurou-se resolver o problema da música com a comparação de diversas bandas entre elas a da Guarda Nacional Republicana, de tão grande volume e excelente apresentação e execução. Procurou-se assim,louvavelmente, que os hinos nacionais, principalmente, não fossem «triturados» através de uma instalação de som bastante «constipado».

Até aqui é perfeita a ideia. Sòmente, o vento e as condições acústicas do meio não permitiram que esta solução tivesse resultados satisfatórios. Passou-se de uma execução deficiente para uma outra «por lembrança», pois na maioria dos casos só vagamente e por imitação dos que estavam mais perto se percebeu a execução das músicas.

É manifesta a boa vontade na solução de um problema que tinha, por vezes, um aspecto ridículo. No entanto, alvitramos: — não seria possível arranjar uma boa instalação radioeléctrica, com difusores dispostos em boas condições? Julgamos que essa seria a melhor forma de solucionar a questão. A entidade (que não sabemos qual é) que costuma montar, por ocasião de desfiles e cortejos públicos, instalações seme-

# Revista da Cavalaria

lhantes, com bons resultados, talvez pudesse neste caso proceder semelhantemente.

Não estava também prevista, com certeza, pela comissão organizadora, a existência da ventania que fez este ano. Ainda que incômoda, (e bastante trabalho deu às senhoras segurar os chapéus), tinha que se



*A equipa espanhola que ganhou a Taça de Ouro da Península e a Taça das Nações*

suportar pois não era humanamente possível obviar a ela. Mas o que era extremamente desagradável, era a poeirada que acarretava, levantada no «campo de aquecimento». Seria ideal passá-lo para sítio onde o vento não levasse as poeiras para cima do público. Será isso possível? Cremos que se o for, a S. H. providenciará nesse sentido e todos nós lhe ficariamos a dever mais esse favor.

Este ano a tribuna do júri apresentou-se, como de resto todo o campo, muito bem arranjada e com belo aspecto. Foram feitos «planos inclinados» em terra batida para o «peão», o que veio melhorar as condições de visão. Foram mais encargos que a organização teve de suportar e digno de todo o elogio o esforço realizado. É costume classificar-se

## Revista da Cavalaria

o desporto hípico de «caro». É-o, na verdade, sob todos os aspectos. Há, pois, manifesto interesse em atrair o maior público possível para se obter uma maior margem de receita.

A lotação nos dias «grandes» transborda nas tribunas, mas é diminuta, em proporção, do lado do peão. Queremos crer que o natural desinteresse das classes populares ainda é aumentado pelas condições pouco cómodas que lhe oferecem. Poder-se-á objectar que no futebol elas não serão melhores. Mas há neste uma «aficion» que aqui se perdeu; e uma gradação nos preços que aqui não existe e que não permite o acesso de certo público que viria, para uns preços pouco mais elevados do que os actuais, de peão (para compensar a despesa das instalações) mas em que estas não impusessem quatro ou cinco horas de exposição ao sol sem qualquer protecção. E, assim, uns tectos de colmo prolongando, como asas, não muito grandes, o corpo da tribuna deste ano, seria já um melhoramento apreciável. E bem bom era que essas asas crescessem. Já houve um ano toldos para o peão. Não sabemos se a frequência compensou ou não a despesa, mas parece-nos que, como este ano, pouca gente continuará a vir se as actuais condições se mantiverem. Mas talvez «para o ano» sejam diferentes!

Ainda, um outro pequeno reparo — a colocação da prova de Ensino no calendário do Concurso. Talvez seja difícil modificar a disposição das provas mas julgamos que era interessante colocar esta no mesmo pé de igualdade com as de «discípulos» e «amazonas» que se correm como complemento de dias de provas grandes. Ficaria em condições de ser apreciada por um maior número de pessoas.

O ambiente também seria diferente e mais concernente com o espírito deste género de provas. Tal como têm sido realizadas, até agora, dá a impressão de que as provas de Ensino são metidas no programa como «parentes pobres» que o resto da «família» suporta, mas o menor tempo possível.

Poderá dizer-se que o número de concorrentes não justifica uma organização mais pormenorizada. Mas, talvez, também esse número cresça se a prova tiver um relevo maior e uma certa propaganda entre os «especializados».

Mas, repetimos, longe de nós qualquer ideia de menos apreço pela maneira como a organização do Concurso decorreu. Sòmente pequenos reparos que, aliás, julgamos que estão no espírito de muitos.

Quanto às provas realizadas ficou-nos também muito boa impressão de *Sagitta*, montada pelo Alferes du Breuil, na prova «Regularidade» em que foi impecável, um verdadeiro «relógio».

## Revista da Cavalaria

Dos novos, de uma maneira geral os cavalos apresentados, depois de peneirados em Mafra, deixaram boa impressão «saltando» e «andando» e é natural que entre tantos «novos» apareçam os futuros ganhadores de que tão precisados estamos.

Fernando Cavaleiro, com *Gaza*, numa excelente «performance», obteve uma esplêndida vitória na «barrage» da Taça de Honra, prova tanto do agrado do nosso público, vitória esta que, não sabemos porquê, não teve grande relevo na imprensa diária, apesar da emoção que despertou.



*Capitão Fernando Cavaleiro, montando «Môngua» tenta transpor 2 m. na prova Sociedade Hípica Portuguesa, em que ganhou o 1.º prémio*

Entre vários percalços sofridos foi particularmente importante o do Comandante Ordovás que teve de ser hospitalizado.

Para os que foram menos favorecidos este ano fica a consolação de que no 39.º Concurso de Lisboa talvez as coisas se passem de outra maneira.

Também, para o ano, ficou pendente a responsabilidade dos nossos «internacionais» irem «buscar» a «Taça de Ouro» a Madrid. Também, ao fim de sete anos, é natural que se variasse! Mas já estávamos tão acostumados, que tivemos pena. E que ela volte, à equipa que for a Madrid em 1950, são os nossos melhores desejos.

# Revista da Cavalaria

## Concurso Hípico Internacional Oficial de Lisboa

### CLASSIFICAÇÕES

#### Prova «Secretariado Nacional da Informação» (Omnium)

Clas.	Prémios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
1.º	2.000\$00	José Navarro	<i>Quorum</i>	0 1,44 - 2
2.º	1.000\$00	Miravent Almeida	<i>Squalus</i>	0 1,48 -
3.º	700\$00	João Araujo	<i>Napista</i>	0 1,52 - 3
4.º	500\$00	Alf. du Breuil	<i>Nankin</i>	0 1,54 - 2
5.º	400\$00	Pereira de Almeida	<i>Abrunho</i>	0 1,55 - 3
6.º	300\$00	Jorge Matias	<i>Florido</i>	0 1,56 -
7.º	300\$00	Comandante Nogueiras	<i>Tambien Tu</i>	3 2,06 - 1
8.º	200\$00	Rangel de Almeida	<i>Febus</i>	4 1,41 -
9.º	200\$00	Pimenta de Castro	<i>Copaleen Rua</i>	4 1,43 -
	200\$00	Marcelino Gavillan	<i>Foragido</i>	4 1,43 -
11.º	200\$00	Farrusco Júnior	<i>Abandonado</i>	4 1,44 -
12.º	200\$00	Rhodes Sérgio	<i>Flama</i>	4 1,45 -
	200\$00	Comandante Ordovás	<i>Bohemio</i>	4 1,45 -
14.º	200\$00	Rodrigo Silveira	<i>Bajone</i>	4 1,48 -
15.º	200\$00	Jonqueres d'Oriola	<i>Marquis III</i>	4 1,51 - 3
16.º	200\$00	Joviano Ramos	<i>Furacão</i>	4 1,53 -
17.º	200\$00	Helder Martins	<i>Optus</i>	4 1,56 - 1
18.º	200\$00	Comandante Nogueiras	<i>Frisar</i>	4 1,58 -

#### Prova «Capitão José Beltrão» (Caça)

	Taça e			
1.º	1.500\$00	Farrusco Júnior	<i>Abandonado</i>	1,35 - 2
2.º	1.000\$00	Comandante Ordovás	<i>Puñales</i>	1,36 - 4
3.º	700\$00	Marcelino Gavillan	<i>Acebuche</i>	1,38 -
4.º	500\$00	Alves Pereira	<i>Tafara</i>	1,38 - 4
5.º	300\$00	Carlos Granate	<i>Nocivo</i>	1,39 -
6.º	200\$00	José Carvalhosa	<i>Estemido</i>	1,39 - 3
7.º	200\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Belver</i>	1,41 - 4
8.º	200\$00	Craveiro Lopes	<i>Bussaco</i>	1,42 - 3
9.º	200\$00	Joaquim Barreto	<i>Selecto</i>	1,43 -
10.º	200\$00	Henrique Calado	<i>Inigma</i>	1,44 - 2

# Revista da Cavalaria

## Prova «Turf-Club»

Clas.	Prémios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
Min. da Taça e				
1.º	1.500\$00	Comandante Ordovás	<i>Bohemio</i>	0 0,59 - 3
2.º	1.000\$00	Jonquieres d'Oriola	<i>Marquis III</i>	0 1,03 - 1
3.º	700\$00	Marcelino Gavillan	<i>Foragido</i>	0 1,04 - 1
4.º	500\$00	Pimenta da Gama	<i>Fada</i>	0 1,09 -
5.º	300\$00	Pimenta de Castro	<i>Copaleen Rua</i>	4 1,01 - 4
6.º	200\$00	José Navarro	<i>Quorum</i>	4 1,02 -
7.º	200\$00	Rhodes Sérgio	<i>Flama</i>	4 1,03 - 2
8.º	200\$00	Rodrigo da Silveira	<i>Bajone</i>	4 1,03 - 4

## Prova «Ministério da Economia» (Nacional)

1.º	2.500\$00	José Carvalhosa	<i>Estemido</i>	0 1,51 - 2
2.º	1.300\$00	Jorge Matias	<i>Florido</i>	0 1,53 - 2
3.º	800\$00	Miravent Almeida	<i>Squalus</i>	4 1,52 - 2
4.º	500\$00	António Spínola	<i>Tobruck</i>	4 1,57 -
5.º	400\$00	Fernando Romba	<i>Cliper</i>	8 1,57 - 1
6.º	300\$00	José Granate	<i>Gaio</i>	8 2,03 - 2
7.º	200\$00	João Araújo	<i>Napista</i>	9 <sup>1</sup> / <sub>2</sub> 2,39 - 1
8.º	200\$00	Fernando Vasconcelos	<i>Castanho</i>	11 2,26 - 1
9.º	200\$00	Jorge Vicente	<i>Quer Hoje</i>	12 1,43 - 4
10.º	200\$00	Neto de Almeida	<i>Lanzudo</i>	12 1,46 -

## Prova «Federação Equestre Portuguesa»

Taça e				
1.º	2.000\$00	José Navarro	<i>Quorum</i>	0 1,18-1 <sup>(a)</sup>
2.º	1.000\$00	Comandante Nogueiras	<i>Frisar</i>	3 1,42-3
3.º	700\$00	Jonquieres d'Oriola	<i>Marquis III</i>	4

(<sup>a</sup>) Em Barrage.

# Revista da Cavalaria

Clas.	Prémios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
4.º	500\$00	Helder Martins	<i>Optus</i>	3
5.º	266\$60	Miravent Almeida	<i>Squalus</i>	4
	266\$60	Pereira de Almeida	<i>Abrunho</i>	4
	266\$60	Craveiro Lopes	<i>Bussaco</i>	4
	266\$60	Rangel de Almeida	<i>Febus</i>	4
	266\$60	Joviano Ramos	<i>Furacão</i>	4
	266\$60	Comandante Nogueiras	<i>Bizarro</i>	4
11.º	50\$00	Rodrigo da Silveira	<i>Bajone</i>	8
	50\$00	Alf. du Breuil	<i>Sagitta</i>	8
	50\$00	Cap. Chevallier	<i>Riloo</i>	8
	50\$00	Joaquim Barreto	<i>Selecto</i>	8
	50\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Mongua</i>	8
	50\$00	Marcelino Gavillan	<i>Acebuche</i>	8
	50\$00	Dominguez Manjon	<i>Vitamen</i>	8
	50\$00	José Carvalhosa	<i>Estemido</i>	8

## Prova «Sargentos»

1.º	500\$00	Silva Reis	<i>Ornaton</i>	1,40 - 1
2.º	400\$00	Inácio Guerra	<i>Bemposta</i>	1,44 -
3.º	300\$00	Marques Lopes	<i>Elegante</i>	1,50 -
4.º	200\$00	António Soeiro	<i>Bedelho</i>	1,56 - 3
5.º	100\$00	Caetano	<i>Xarope</i>	2,01 -

## Prova «Ensino»

1.º	Taça	Mena e Silva	<i>Fascinante</i>	407 p.
2.º	»	Fernando Paes	<i>Matamas</i>	361,5 »
3.º	»	Mena e Silva	<i>Friolo</i>	335,5 »

## Prova «Discipulos»

1.º	Taça	Abel Macedo Basto	<i>Psyché</i>	3 1,31 -
2.º	»	D. Caetano Lencastre	<i>Ribamar</i>	4 1,14 - 3
3.º	»	Martinho Pebeck	<i>Lubango</i>	4 1,16 - 3

# Revista da Cavalaria

## Prova «Taça de Ouro da Península»

### 1.º Equipa Espanhola

	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
Comandante Nogueras		<i>Frisar</i>	3 1,46 - 4
			4 1,33 - 1
Dominguez Manjon		<i>Bohemio</i>	8 1,25 - 3
			12 1,22 -
Marcelino Gavillan		<i>Foragido</i>	0 1,34 - 2
			0 1,34 - 2
José Navarro		<i>Quorum</i>	0 1,37 -
			0 1,38 -

## Prova «Direcção Geral dos Desportos» (Regularidade)

Clas.	Prémios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
	Taça e			
1.º	1.500\$00	Alf. du Breuil	<i>Sagitta</i>	52 2,30 -
	1.500\$00	Jonquieres d'Oriola	<i>Marquis III</i>	52 2,30 -
3.º	700\$00	Comandante Nogueras	<i>Bizarro</i>	46 2,30 -
4.º	500\$00	Fernando Vasconcelos	<i>Castanho</i>	37 1,58 -
5.º	400\$00	Helder Martins	<i>Optus</i>	37 2,00 - 1
6.º	300\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Mongua</i>	35 1,42 - 2
7.º	300\$00	Rangel de Almeida	<i>Febus</i>	35 1,50 -
8.º	200\$00	Pereira de Almeida	<i>Abrunho</i>	35 1,57 - 4
9.º	200\$00	Pimenta de Castro	<i>Radis Rose</i>	33 1,45 -
10.º	200\$00	Henrique Calado	<i>Montijo</i>	33 1,49 - 2
11.º	200\$00	Ten. la Sayette	<i>Princ.ª D'Eterne</i>	33 1,50 - 2
12.º	200\$00	José Carvalhosa	<i>Estemido</i>	33 1,52 - 2

## Prova «Diana» (Amazonas)

1.º	Taça	D. Maria C. Azevedo	<i>Faneca</i>	0 1,01 - 3
2.º	»	D. Maria José Vilela	<i>Ribamar</i>	0 1,05 - 3
3.º	»	D. Izabel R. Ferreira	<i>Ursus</i>	0 1,07 - 2

# Revista da Cavalaria

## Prova «Câmara Municipal de Lisboa» (Grande Prémio)

Clas.	Prémios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
	Taça e			
1.º	7.000\$00	Farrusco Júnior	<i>Abandonado</i>	0 1,59 - 3
2.º	4.500\$00	Guedes Campos	<i>Mondina</i>	4 1,52 - 4
3.º	3.000\$00	José Carvalhosa	<i>Estemido</i>	4 1,53 - 1
4.º	2.000\$00	Correia Barrento	<i>Raso</i>	4 1,54 - 2
5.º	1.200\$00	Rhodes Sérgio	<i>Flama</i>	4 1,57 -
6.º	800\$00	Ten. de la Sayette	<i>Sirocco</i>	4 1,58 - 2
7.º	700\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Gaza</i>	7 2,00 - 2
8.º	600\$00	Alf. du Breuil	<i>Sagitta</i>	8 1,48 - 1
9.º	500\$00	Jonqueres d'Oriola	<i>Rumba</i>	8 1,48 - 4
10.º	500\$00	Henrique Calado	<i>Favorito</i>	8 1,51 - 2
11.º	500\$00	José Navarro	<i>Quorum</i>	8 1,52 - 3
12.º	500\$00	Cap. Chevallier	<i>Riloo</i>	8 1,53

## Prova «Taça Marechal Carmona» (Taça das Nações)

### 1.º Equipa Espanhola

Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
Com. Nogueras	<i>Frisar</i>	{ 16 1,36 - 1
		{ 12 1,35 - 28
Dominguez Manjon	<i>Bohémio</i>	{ 16 1,27 - 4
		{ 12 1,26 - 28
Marcelino Gavillan	<i>Foragido</i>	{ 20 1,37 - 1
		{ 4 1,32 - 4 24
José Navarro	<i>Quorum</i>	{ 0 1,33 -
		{ 8 1,34 - 3 8 60

## Prova «Taça Sociedade Hípica Portuguesa»

Clas.	Prémios	Cavaleiros	Cavalos
1.º	Taça	Fernando Cavaleiro	<i>Mongua</i>
2.º	»	Guedes Campos	<i>Vouga</i>
3.º	»	Marcelino Gavillan	<i>Acebucho</i>

# I CONCURSO HÍPICO MILITAR DE MAFRA

pele REPÓRTER Z



Velocidade!... Velocidade!... Velocidade!... mesmo em detrimento da perfeição, tem sido, através dos tempos, a característica típica da actuação da arma de cavalaria. Porém, por mais rápidas que sejam as reflexas dos seus quadros, estas só terão valor prático se forem resultantes de meditação *instantânea*, mas

metódica e serena, dos diversos factores da decisão.

Por isso, embora a afirmação possa parecer apaixonada, continuamos a considerar os quadros da cavalaria de muito difícil improvisação.

Adaptar em tempo de guerra ou na paz, um engenheiro civil ao desempenho de algumas das múltiplas funções da engenharia militar, adaptar um bom calculista ao desempenho de funções artilheiras, adaptar um bom contabilista a serviços de administração militar, adaptar um médico a funções de medicina militar, . . . . . é bem diferente do que adaptar qualquer função civil à função de condução de tropas, e dentro desta a adaptação ainda se torna particularmente difícil quando há que exigir dos quadros resoluções sensatas, meditadas, mas acima de tudo *rápidas*.

Apesar dos sucessivos golpes que a Arma tem sofrido, quanto a formação cavaleira dos seus quadros subalternos, estes, por reacção instintiva, ocorrem em percentagem nunca ultrapassada, à melhor escola de educação de reflexas cavaleiras: *as pistas dos hipódromos*.

## Revista da Cavalaria

Sabemos de antemão, que esta afirmação vai ser refutada por alguns camaradas distintos, que só acidentalmente praticaram o desporto hípico. A esses responderemos que a sua posição de privilegiados inatos, só serve para ser apresentada como excepção comprovativa da afirmação feita. Para que as regras e os princípios tenham valor prático, devem ser alicerçados nas reacções da maioria e não na de uma minoria de eleitos da natureza.

Responderemos, ainda, a outra pergunta dos nossos opositores.

Os cavaleiros que pratiquem normalmente o desporto hípico em ambiente privado não estarão nas mesmas condições daqueles que o praticam em hipódromos públicos?

Responderemos que, encarada a questão apenas sob o aspecto físico, os resultados são sensivelmente os mesmos, porém, sob o ponto de vista de *educação psíquica* os resultados são distintos.

No desporto privado há a considerar apenas as vontades do cavalo e do cavaleiro, numa luta não testemunhada, ganha sempre pelo cavaleiro!...

No desporto público há a considerar as vontades do cavalo, e do seu cavaleiro numa luta testemunhada por um público exigente, muitas vezes influenciado por factores de apreciação estranhos ao real valor da prova.

E, se a competição se realizar em país estrangeiro há ainda a considerar o peso da vontade da multidão.

Se entrarmos no campo das fraquezas humanas, muitos outros factores haveria a considerar, designadamente a vaidade, o orgulho, o juízo de terceiros, o conceito público, etc., etc. ... enfim, um somatório de factores que só deixam de pesar, quando a prática do desporto em público, emprestou ao cavaleiro um mínimo de confiança em si próprio, para enfrentar com independência e até superioridade as várias facetas da crítica pública.

É da luta entre vontades travada no ambiente público que focamos, que o cavaleiro começa a aprender a dominar-se a si próprio, seguidamente o seu cavalo e, finalmente, o público e as críticas.

Contudo, para que o desporto equestre exerça uma acção plenamente benéfica na formação moral dos seus praticantes

## Revista da Cavalaria

é indispensável que acompanhe a evolução do desporto congénere mundial, tanto no campo doutrinário como no campo das realizações práticas, isto a par da evolução dos métodos e da maior disciplina na execução.

Só assim o desporto resultará verdadeiramente benéfico. Um desporto que não evolua, que seja orientado por métodos



O capitão Reymão Nogueira, montando o cavalo Congo em que ganhou a Prova «Ministério da Guerra»

antiquados, conduz inevitavelmente à formação de mentalidades correspondentes à época dos métodos seguidos.

Podem ainda, a doutrina e os métodos serem a última palavra, mas se o desporto não for *disciplinado* na execução, resulta pouco benéfico ou até nefasto no seu efeito psico-educativo, visto estar provado que a disciplina física e mental são modalidades interdependentes da *disciplina individual*.

Focada a importância educativa do desporto hípico, não nos surpreende que a sua orientação e, conseqüentemente, a sua disciplina, tenha merecido particular atenção às entidades dirigentes, que fixaram os objectivos do Concurso Hípico Militar de Mafra.

## Revista da Cavalaria

O Concurso Hípico de Mafra, que vinha realizando-se regularmente há alguns anos, transformou-se em concurso hípico militar, exclusivamente destinado a cavaleiros militares que desejem tomar parte em competições públicas durante o ano.

Dentro da nova orientação, passou o Concurso Hípico Militar de Mafra a ter preponderante papel de contróle sobre os cavaleiros militares, seleccionando cavalos e cavaleiros para provas internacionais, unificando dentro das possibilidades a «monte» em obstáculos, e, finalmente, eliminando das pistas públicas cavalos e cavaleiros não considerados em condições de apresentação pública.

A nova orientação dada a este concurso, não pode deixar de ser francamente aplaudida por todos os cavaleiros que aliem à paixão equestre a qualidade de militares amantes dos bons princípios da ordem, do método e da disciplina.

Patenteada a nossa plena concordância com a idéia que presidiu à realização do I Concurso Hípico Militar de Mafra, resta-nos agora, como militar deformado pelo «vírus» táctico, reconhecer se os vários objectivos fixados foram ou não plênamente atingidos.

### Seleção de cavalos e cavaleiros para a equipa internacional

É muito difícil seleccionar cavalos e cavaleiros para uma equipa representativa do país em provas internacionais, sobre percursos que não sejam delineados à base das características dos concursos a disputar.

Admite-se perfeitamente que dado cavalo seja óptimo para um determinado tipo de concurso e medíocre para outro.

Quanto a nós, o antigo sistema de selecção sobre três ou quatro provas espaçadas de alguns dias e delineadas com as características típicas do concurso internacional a disputar, é, ainda, a forma mais prática de seleccionar cavalos e cavaleiros, sem perigo de influências estranhas.

A estas provas de selecção concorreriam todos os cavaleiros que se julgassem em condições de condignamente representar o país.

# Revista da Cavalaria

O sistema que preconizamos foi seguido, cremos, que com amplo rendimento, durante o longo período em que o país consolidou no âmbito internacional os créditos da sua cavalaria.

Independentemente de vantagens de ordem selectiva, o velho sistema das «eliminatórias» apresenta ainda vantagens de ordem moral, visto a selecção ser feita perante um Júri e mediante a prestação de provas públicas.

Cremos que a inclusão da prova «selecção» no concurso militar de Mafra, foi um passo dado em sentido salutar, muito embora nos ocorram ainda alguns reparos.

Para efeito de selecção os percursos de pequenas e médias alturas, podem conduzir a grandes erros de apreciação, visto ser muito diferente dar grandes saltos sobre obstáculos pequenos e saltar sobre obstáculos grandes.

Reputamos, ainda, absolutamente insuficiente, a realização de uma só prova de selecção.

Se nos encontrássemos na difícil situação de membro do Júri de selecção, confessamos o nosso embaraço em seleccionar cavalos e cavaleiros em face apenas das provas do concurso de Mafra do corrente ano.

## Unificação da «monte» em obstáculos

A unificação e correcção da «monte» em obstáculos constituiu, quanto a nós, o objectivo principal do concurso, para cuja consecução se realizaram uma sessão privada para os «gamarristas», duas conferências e uma crítica geral a pequenos defeitos notados pelo Júri.

Arriscamos afirmar que o objectivo principal do concurso não foi atingido.

A sessão dos «gamarristas» decorreu em ambiente privado a que não tivemos o prazer de assistir, porém, através da opinião de alguns concorrentes que entrevistámos, ficámos com a convicção de que os resultados práticos não corresponderam ás boas intenções da direcção do concurso.

As duas conferências realizadas pelos capitães Fernando Pais e Saint André, já divulgadas através das páginas desta

## Revista da Cavalaria

Revista, e de cujo interesse é ocioso referir, prenderam completamente a atenção da assistência, mas não tiveram nem podiam ter o condão de unificar a «monte» dos assistentes nem corrigir os seus defeitos. Para tal, seria necessário que às prelecções de carácter teórico se seguissem pequenas sessões de aplicação prática, realizadas antes do início do concurso público.

Evidentemente, que para plena consecução deste objectivo, os cavaleiros deveriam permanecer em Mafra pelo menos duas semanas. A primeira seria de preparação e unificação de «monte» e a segunda de prestação de provas em concurso.

Referimo-nos, evidentemente, aos concursistas que pela sua pouca idade e prática de pista ainda constituam massa maleável susceptível de aperfeiçoamento.

A crítica geral feita ás deficiências de condução e monte notadas em alguns cavaleiros não deu os resultados práticos que seriam para desejar.

A vaidade que todos os homens possuem em maior ou menor grau, jamais permitiu a estes o reconhecimento dos próprios defeitos, dirigindo instintivamente a crítica no sentido dos defeitos do próximo:

Uma crítica, para que tenha valor prático, isto é, para que conduza a melhoramento, deverá ser individual, concreta e objectiva.

Poderá, ocasionalmente, ferir vaidades mas se for conduzida com critério e elevação acabará sempre por frutificar.

### Eliminação das pistas públicas de cavalos e cavaleiros

É uma medida de aplicação muito ingrata, e que terá que ser aplicada com grande senso e espírito de benevolência, mas que se impõe a bem do prestígio da equitação militar. Contudo, convém considerar que o público mesmo leigo, distingue perfeitamente nas suas apreciações a responsabilidade equestre inerente aos vários postos, pelo que há que apreciar sob lentes diferentes a aptidão equestre do jovem alferes que debuta e dos concursistas já feitos.

# Revista da Cavalaria

Só em casos extremos, concordariamos com a eliminação de um jovem alferes, facto que aliás não se verificou no corrente ano.

Quanto a cavalos, é indiscutível a vantagem de eliminar das pistas públicas, cavalos que por índole ou deficiência de preparação não se encontrem em condições de apresentação pública.



*O capitão Fernando Cavaleiro, montando a égua Gaza em que ganhou três provas do I Concurso Militar de Mafra*

## Provas

De uma maneira geral os percursos foram demasiado fáceis, facto que, conjuntamente com o irrisório número de prémios, tirou às provas o interesse desportivo de competição.

Os concorrentes sabendo de antemão que não se classificavam senão no «campo das loucuras», ou entravam em pista sem espírito de competição ou tiravam os cavalos do galope de obstáculos o que é particularmente condenável em vésperas de competições internacionais.

## Revista da Cavalaria

Quando ao traçado dos percursos, construção e distribuição de obstáculos, verificaram-se pequenos erros iniciais, aliás reconhecidos pela direcção do campo pelo que nos dispensamos de os particularizar, e que a obrigatoriedade de entregar os gráficos de todas as provas antes do concurso, não permitiu a sua correcção no decorrer do mesmo. Além disso, sabemos que parte dos gráficos foram alterados, não no campo mas sim no gabinete... o que é sempre condenável.

O traçado de um percurso é um trabalho de artista, que admitimos poder ser concebido no gabinete mas que só pode ser executado no campo.

Delinear ou alterar gráficos no gabinete e impô-los ao director do campo, é o mesmo que um paisagista pintar quadros no «atelier» e obrigar terceiros a adaptar a paisagem à fantasia do quadro. Os percursos delineados por este sistema aparecem com um cunho teórico e impessoal, consequentemente sem vida, sem personalidade e sem arte.

A direcção do campo, passa a ter apenas um papel material de execução, limitando-se a mandar colocar os obstáculos nos locais superiormente marcados, à semelhança de quem rigidamente executa uma ordem de serviço na posição de sentido. Nestas condições não é de admirar que algumas das provas do concurso de Mafra do corrente ano, se approximassem mais das provas equestres regulamentares do que de um concurso hípico público.

A realização do concurso de Mafra antes do concurso Internacional de Lisboa, impõe como condição indispensável de treino, o estabelecimento de ligação entre as duas direcções de campo, a fim de que o concurso de Mafra se realize em moldes semelhantes ao de Lisboa, servindo, consequentemente, para seu treino.

Quanto a prémios, consideramos indispensável que o seu número aumente de uma forma sensível, para que as provas não percam o cunho «concurso» indispensável à consecução da finalidade em vista.

E já agora, que no conceito de alguns subimos ao reino da fantasia, seja-nos permitido mostrar a nossa estranheza, por o campo de Mafra não se encontrar ainda relvado.

Está fechado todo o ano?... está; tem água canalizada?... tem; tem adubo perto?... tem;... logo tem todas as

# Revista da Cavalaria

condições para se transformar num magnifico tapete relvado.

Outra fantasia ainda... alojamentos para oficiais, sala e messe... são um complemento indispensável à criação do ambiente cavaleiro que é mister criar em Mafra.

Mafra tem óptimos instrutores, que vêm realizando uma obra digna de reconhecimento, magnificos camaradas, cavalos, óptimos terrenos,... só lhe falta *ambiente*, deficiência em grande parte resultante das precárias condições de alojamento para oficiais.

## Resultados

Quanto à apreciação dos resultados técnicos do concurso evitaremos entrar em campo pertencente a outrem, limitando-nos por isso a endereçar as nossas felicitações ao capitão Fernando Cavaleiro que brilhantemente ganhou com a égua *Gaza* três provas do concurso.

É de toda a justiça salientar, por ser qualidade rara nos tempos que vão correndo, a honestidade desportiva com que Fernando Cavaleiro, no final do concurso e em ambiente de selecção da equipa internacional, comentou os resultados por si obtidos em Mafra, não attribuindo à égua *Gaza* a categoria a que ascendera neste concurso.

A vitória de *Congo* no Grande Prémio, e a sua regularidade em todo o concurso, impuzeram a inclusão do Capitão Reymão Nogueira na equipa internacional deste ano, facto que, independentemente da sua actuação em Mafra, se impunha como medida de inteira justiça.

# Revista da Cavalaria

## Prova « Direcção Geral dos Serviços Pecuários »

Clas.	Prémios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
1.º	1.200\$00	Xavier de Brito	<i>Gaivoto</i>	0 1,18 - 1
2.º	800\$00	Abrantes da Silva	<i>Joalheiro</i>	0 1,19 - 3
3.º	500\$00	Marquês do Funchal	<i>Ebro</i>	0 1,21
4.º	300\$00	Jorge Matias	<i>Florido</i>	0 1,25 - 1
5.º	300\$00	Revez Romba	<i>Cliper</i>	0 1,29 - 3
6.º	200\$00	José Granate	<i>Gaio</i>	0 1,30 - 3

## Prova « Selecção »

1.º	Salva	Fernando Cavaleiro	<i>Gaza</i>	0 0,41 - 1
2.º	»	Travassos Lopes	<i>Belver</i>	0 0,43 - 2
3.º	»	Reymão Nogueira	<i>Congo</i>	0 0,43 - 4



# Jornalistas revistas livros

## O treino para o cavalo de concursos

por Agustin Velloso Ruano



Em geral há dois desportos que atraem maior número de adeptos: refiro-me às corridas e aos concursos. Estes últimos, ainda que requeiram certos conhecimentos de equitação, são mais acessíveis porque normalmente para a sua prática não são imprescindíveis exemplares de pura raça, cujo sangue elevam os seus preços a cifras quase proibitivas para a maioria dos amadores.

Por isso vamos referir a estes cavalos e à sua preparação.

É fundamental que o cavalo seja um bom saltador, quer dizer: um cavalo franco, prudente, calmo, discreto e poderoso, qualidades que se conseguem mediante uma larga prática de salto, executada sem violências e com a menor fadiga possível para o animal.

Constitui um bom princípio para o ensino de obstáculos, a educação do cavalo em liberdade, com o qual se diminui a fadiga provocada pelo trabalho.

Neste sentido não há melhor sistema que o seguido pelos irlandeses, ao qual devem grande parte dos êxitos obtidos em pista pelos seus famosos saltadores.

Os prados reservados para as éguas e seus poldros são cortados nesse país por pequenos obstáculos, que a mãe passa e que as suas crias também saltam.

# Revista da Cavalaria

Os cavalos criam-se praticamente ensinados para obstáculos correntes, e no dia que forem submetidos às ajudas do cavaleiro, o seu ensino especial não oferece dificuldades.

Não obstante, frequentemente os produtos não são educados desta forma e encontramos-nos perante cavalos a quem devemos ensinar o seguinte:

- 1.º — A mecânica elementar do salto, familiarizando-o com ele e desenvolver-lhe o organismo para esse fim;
- 2.º — Fazê-lo franco, acostumando-o a obstáculos de aspectos diferentes;
- 3.º — Fazê-lo suficientemente hábil para que modifique o salto conforme a natureza do obstáculo a transpor.

E por último, se se trata de um cavalo de concurso, ensinar-lhe a elevar o salto para evitar o «toque»; se se trata de cavalo de corridas, ensiná-lo a alongar-se para ganhar terreno.

Para conseguir os resultados indicados poderá seguir-se um dos três métodos que noutro artigo indicaremos.

Hoje referimo-nos apenas ao treino a não ser que o amador se encontre perante cavalos já postos a saltar.

Como norma geral, cabe afirmar que o cavalo não pode ser bom saltador, enquanto não possa fazê-lo de modo que o obstáculo fique visivelmente a meio da trajetória do salto. Como por outro lado, o concurso hípico reflete o triunfo da personalidade equestre, é necessário que o cavalo não seja montado por outro cavaleiro senão pelo que o monta em provas, porque os mínimos costumes devem ser conhecidos: «El aire justo al que salta más facilmente...», etc.; isto é difícil de conhecer sem uma larga experiência e até é preferível, no caso do cavaleiro habitual não o poder montar, que o cavalo trabalhe à guia. Uma hora de guia, na qual três quartos de hora a trote curto, alternados por três tempos de passo de cinco minutos, constitui um trabalho muscular excelente e suficiente.

O treino, tanto sob o ponto de vista muscular como de pulmão, é muito menos complicado nos cavalos de concurso do que nos de corrida.

Nos de concurso, o músculo que é o mais fácil de obter, constitui um factor principal, enquanto que nos de corrida o pulmão deve ter maior desenvolvimento.

A extensão do percurso em provas de concurso raras vezes ultrapassa 1.500 metros e a velocidade, ainda que se trate de um cavalo internacional, oscila à volta de 500 metros por minuto. Portanto, há que considerar o treino sob dois aspectos, fazer músculo e fazer pulmão.

A primeira precaução que deve tomar-se ao começar a preparação é a de tosquiar o cavalo, já que com isso só se obtêm vantagens, e em caso de acidente, uma maior facilidade para a cura. O cavalo não deve ser tosquiado totalmente, pois deve fazer-se excepção aos membros e ao seladouro, calculando este com maior dimensão.

Como o desbaste e o ensino de obstáculos levam aproximadamente um ano, é fácil ir progressivamente obtendo a condição e musculando o cavalo. Uma hora diária de trabalho é suficiente; fazê-lo por um espaço de tempo maior, implica o risco da depressão em vez da fortificação; isso traria excesso de opressão e fadiga, e em tal situação aumentariam os perigos para o animal, que com

# Revista da Cavalaria

os seus músculos fatigados e por isso inertes, faria todos os esforços com os tendões.

Fixar o tempo destinado a cada andamento é impossível, pois este varia com cada animal. O fundamental é que as exigências sejam muito progressivas. O trabalho normal quando o cavalo está em perfeita condição é de 40 minutos de trote e 5 de galope com três tempos de passo de 5 minutos. Com esta preparação, ao princípio do terceiro mês tem o pescoço espesso, as espáduas guardadas com potentes músculos que elevam a cada passo o arreo, e o rim e as pernas bem musculadas.

É prudente em cada semana dar-lhe um dia de descanso.

Não se julgue por isto, que ao contrário do que sucede com as corridas (em que o pulmão é o factor primordial) o pulmão não merece aqui toda a atenção, pois não podemos esquecer que as provas se efectuam a galope, e é bem sabido que o cavalo trotava com as pernas e galopava com o pulmão.

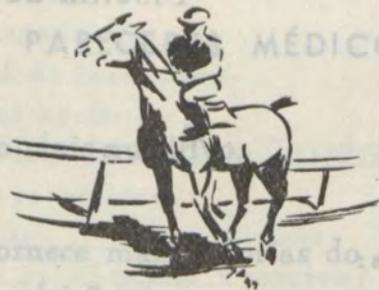
O treino do galope deve fazer-se a uma velocidade média que oscile entre os 400 e os 600 metros por minuto, chegando a estes últimos de forma progressiva.

Devem fazer-se dois galopes por semana e a sua extensão variará com a preparação do cavalo, mas normalmente devem começar por uns quinhentos metros e terminar por três mil. Estes galopes não devem ser dados sem primeiramente ter trabalhado o cavalo e o mais útil é dar-lhos depois do trabalho diário de uma hora. Se é possível convém fazer o trabalho em pista.

Um quarto de hora antes de terminar o trabalho, depois de um tempo de trote, o cavalo deve encontrar-se a galopar alegre, e sobretudo ligeiro na mão com um apoio suave, levando a cabeça em baixo. Tomando a colocação em seguida e conservando o andamento até ao fim do trabalho; o cavalo não deve soprar, o seu coração deve estar tranquilo e o pelo completamente seco.

P. C.

De *El Caballo*



# ESTORIL

## COSTA DO SOL

A 23 quilómetros de Lisboa

Clima excepcional durante todo o ano

Escola de Equitação

«Stands» de tiro

Sala de armas

Piscina de água quente

Informações:

Soc. Propaganda da Costa do Sol

ESTORIL — PORTUGAL

Todos os desportos — Golf (18 buracos), tennis (7 courts), natação, hipismo, esgrima, tiro, etc.

Estoril-Palácio-Hotel—Luxuoso e confortável. Magnífica situação.

Hotel do Parque — Elegante e moderno.

Monte Estoril-Hotel — (antigo Hotel de Itália) completamente modernizado.

Estoril - Termas — Estabelecimento hidro-mineral e fisioterápico, ginástica, cultura física. Análises clínicas.

Tamariz — Pavilhão restaurante, bar americano, magnífica esplanada sobre o mar.

Casino — Aberto todo o ano concertos, cinema, dancing, restaurante, bars, e jogos autorizados.



# Banacão

O MELHOR DOS  
ALIMENTOS

Produto português  
para os portugueses

\*

O BANACÃO  
é preferido para a 1.ª refeição



porque todos os que o tomam, se sentem mais confortados até à 2.ª refeição,

porque ao fim de poucos dias conhecem a diferença do seu vigor nos exercícios físicos, que normalmente fazem,

porque é o mais agradável ao paladar.

## OS PARECERES MÉDICOS

provam que é o mais nutritivo,

provam que fornece mais calorias do que qualquer outra refeição.

**BANACÃO SEMPRE BANACÃO**



Tipografia

da

Liga dos Combatentes da Grande Guerra

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS

EM TODOS OS GÊNEROS

CALÇADA DOS CAETANOS, 18

TELEFONE 2 1450

LISBOA

BIBLIOTÉCA DO EXERCITO  
(Antiga Bibliotheca do E. M. E.)

N.º ..... Fus.º .....  
Aumentado em .....  
Livr. N.º ..... Pag. ....



...Essas poucas páginas brilhantes  
e consoladoras que há na História do  
Portugal contemporâneo escrevemo-las  
nós, os soldados, lá pelos sertões da  
África, com as pontas das baionetas  
e das lanças a escorrer em sangue ...

Joaquim Mousinho



*Revista da Cavalaria*

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

FUNDADORES

1904

General Carlos Bazílio Damasceno Rosado

Major Fernando Maya

Major Cristovam Ayres de Magalhães Sepulveda

Capitão António Augusto da Rocha de Sá

Tenente Leopoldo Augusto Pinto Soares

1939

Capitão João Gamarro Correia Barrento

Capitão Amadeu Santo André Pereira

Tenente Augusto Casimiro Ferreira Gomes

Tenente António S. Ribeiro de Spínola

Alferes Luís Manuel Tavares

F. C.

TELEPHONE 21450

LISBOA



# Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

## DIRECTOR

Director da Arma de Cavalaria

## DIRECÇÃO EXECUTIVA

Capitão António S. Ribeiro de Spínola

Capitão José João Henriques de Avellar

Tenente Luiz Pimenta de Castro

## SECRETÁRIO

Capitão Manuel de Sousa Vitoriano

---

## SEDE

DIRECÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA

Calçada da Ajuda — Telef. 38 167

Composta e impressa na Tipografia  
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Ano . . . . . 45\$00

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

**Avulso 7\$50**

r. c.

# SUMÁRIO

ARMAS EM FUNERAL	<i>Coronel Buceta Martins</i>	357
O SERVIÇO DE INFORMAÇÕES NAS PEQUENAS UNIDADES DE CAVALARIA	<i>Capitão Ribeiro Ramos</i>	368
LUTA PRÓXIMA ANTICARRO	<i>Alferes Jorge Vicente</i>	389
O SERVIÇO VETERINÁRIO NO ESCALÃO CORPO DE EXÉR- CITO	<i>Capitão mdd. vet. Sousa Costa</i>	401
TRANSPORTE AÉREO DE TROPAS	<i>Tenente Mendes da Silva</i>	405
HIPISMO:		
CONCURSOS HÍPICOS NO NORTE	<i>Capitão Reymão Nogueira</i>	413
CONCURSO HÍPICO DE SINTRA	<i>Capitão António Spinola</i>	419
CONCURSO HÍPICO DAS CALDAS DA RAINHA	<i>Capitão Fernando Paes</i>	426
ENSINO DO CAVALO	<i>Capitão Henrique Calado</i>	434
JORNAIS — REVISTAS — LIVROS:		
A INSTRUÇÃO INDIVIDUAL DO COMBATENTE	<i>Coronel Lino Lage</i>	441



5677 A

BIBLIOTECA DO EXERCITO  
(Antiga Biblioteca do E. M. E.)

# Revista da Cavalaria

10.º ano - n.º 5

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Setembro

## ARMAS EM FUNERAL



Cavaleiros: pela minha pena a *Revista da Cavalaria* pede-vos um minuto de recolhido e magoado silêncio, recordando a figura varonil do que passou a maior parte da sua vida a educar pela palavra e, mais do que isso, pelo exemplo, sucessivas gerações de cavaleiros, nas virtudes morais que são a gloriosa tradição da nossa Arma e constituem predicados sem os quais se não veste dignamente a sua farda e se não serve capazmente a honra dos seus estandartes!

Ao assinalar, com a tarja negra de um luto sentido, a morte do General Júlio Ernesto de Moraes Sarmiento, é imperativo dever da *Revista da Cavalaria* evocar a sua última exortação aos novos da Cavalaria, contida no primeiro número desta publicação. E ao fazê-lo, cremos que vamos traçar — feito pelo seu próprio punho vigoroso — o mais fiel dos seus retratos.

Transcrevo:

.....  
.....

*«Tais são as servidões da Cavalaria moderna e dentro delas ficam definidas as exigências a satisfazer pelo moderno*

## Revista da Cavalaria

*oficial de cavalaria, para que corresponda ao que dele se espera e ao que deve ao passado glorioso da Arma em que serve.*

*Para satisfazer essas exigências, três condições essenciais são exigidas: Inteligência, dedicação pelo serviço, carácter.*

*A inteligência permite definir com a propósito o caminho a seguir, ainda nas mais complicadas emergências; cultiva-se pelo estudo, pela observação e pela reflexão.*

*A dedicação, consubstancia-se no espírito do cumprimento do dever e cultiva-se na prática, sem restrição, dos deveres militares.*

*O carácter é o poder sobre si mesmo, é a faculdade de actuar, dentro das possibilidades individuais, ainda mesmo em desacordo com todos os outros; é a força que nos obriga a actuar, sejam quais forem as circunstâncias, no desejo firme de bem servir. Apura-se diàriamente, nos mais diversos incidentes da vida corrente e por ele se diferenciam os homens em dois grupos bem distintos.*

*Jovens cavaleiros, que praticais a vigília das armas no desejo de ingressardes na Cavalaria! Examinai durante ela, em vossa consciência, se possuí, em excesso, as qualidades mencionadas, indispensáveis ao serviço da nobre Arma; se o exame não foi francamente favorável, pensai que só por favor da fortuna podeis usar o seu uniforme, honrado por tradições seculares de glória e de sacrifício à Pátria, e então lembrai-vos... Para trás! Não sois dignos de comandar a tempestade da Cavalaria» (1).*

Um estudioso sem alardes de erudição; um bom servidor, um carácter: eis o que foi o General Moraes Sarmiento!

Da sua inteligência e competência profissional é espelho fiel a importância das numerosas e elevadas funções que lhe foram confiadas, através da sua brilhante carreira militar, em que atingiu os mais altos postos do Comando e Direcção do Exército: os de Major General do Exército e os de Ministro da Guerra (2).

(1) O articulista invoca no seu último período o anátema do General Foye na sua obra «A guerra na Península sob Napoleão», que já reproduzira no princípio do mesmo artigo.

(2) Foi o General Moraes Sarmiento o oficial General que desempenhou pela primeira vez este alto cargo.

## Revista da Cavalaria

A sua dedicação pelos serviços a seu cargo, e muito especialmente pela sua Arma de origem, sempre tão querida, foi uma das suas maiores preocupações de toda a vida.

Há homens cuja dedicação é, muitas vezes, filha de um íntimo sentimento de ambição, de cálculo, que por vezes os arrasta até ao servilismo e às transigências de consciência; ou então é manifestação de uma tendência irreprimível para o exibicionismo... E, entretanto, poucos meios há que tenham tanta necessidade, como o do Exército, de verdadeiro sacrifício, suportado sem cálculos e sem reservas, acolhido com fé e altivez; de espíritos sinceros, límpidos, generosos, pródigos de si mesmo; de chefes cuja aspiração de avanço na hierarquia não represente a mesquinha ambição de mais honras e proveitos, mas antes o desejo instintivo de exercer uma função mais elevada, na qual sentem que a sua fiel e silenciosa preparação pode fazê-los idóneos e úteis.

O General Moraes Sarmiento serviu, sempre, guiado por uma exclusiva aspiração: bem servir! E fê-lo com o mais absoluto desinteresse, trilhando apenas o caminho que lhe era ditado pelo seu íntegro carácter.

Defendeu sempre que a cultura e o carácter são os dois termos do binómio de que há-de resultar a autoridade dos Chefes.

E importa sempre recordá-lo: O estudo, embora não tenha a propriedade de formar o carácter, contribui, contudo, poderosamente para lhe dar maior dignidade e maior coragem.

«O descuidar o estudo seria no estado militar sinal seguro de uma profunda degradação. Aquele que se dedica ao estudo, tem o direito à estima pública, independentemente dos resultados que possa produzir, considerando-o puramente como acto de moralidade» (1).

Como afirmou d'Anúnzio «a cultura é a arma contra a corrupção; e a «soldadura contra a deformação».

O ilustre General, cuja perda hoje deploramos, foi um estudioso; contudo, orientou sempre o seu estudo, não no fácil caminho da fixação pela memória de vasto número de conceitos, ou pretexto para exhibições de erudição, mas no honesto desejo

---

(1) Colonello Boccaccio — «Pedagogia Militare».

## Revista da Cavalaria

de formar uma opinião fundamentada e reflectida, mas pessoal, dos vastos e complexos problemas cuja resolução pode incumbir a um Chefe militar.

E conseguiu, na verdade, conhecer profundamente o fundo dos problemas da sua profissão.

As suas ideias, que o pobre articulista destas linhas teve a felicidade de conhecer na mais carinhosa das intimidades, reflectiam a mesma noção que magistralmente foi assim definida nesse belo estudo dos problemas de Comando «A guerra no mar»:

— «Por cultura, não se deve entender — lembrêmo-nos — o esforço da memória para adquirir o saber dos outros e tentar fixá-lo. Todo aquele que vai batendo à porta dos sábios apenas para lhes subtrair uma migalha de conhecimentos e encher com elas, pouco a pouco, o seu bernal, não passa de um mendigo. A cultura deve ser entendida como uma ginástica do espírito, como o meio mais conveniente de engendrar e fortificar a capacidade de raciocinar, como a semente de onde deve germinar, no pensamento, a seara abundante das ideias pessoais».

Foi assim que o General Moraes Sarmento sempre orientou o seu estudo silencioso: perscrutar o fundo dos problemas, os princípios orientadores, sem preocupações das aparências e das espectaculosas demonstrações de erudição.

Não há dúvida, também, de que as manifestações multiformes do seu carácter de fino quilate foram a aplicação fiel da definição que nos fez dessa virtude sagrada, nas linhas atrás transcritas.

Não é possível, suponho, encontrar maior coerência entre uma noção pessoal das virtudes militares e a sua prática, do que a da relação da vida desse soldado de rija têtpera, com a definição que delas apresentou aos «*novos*» nos primeiros números da *Revista da Cavalaria* e da *Revista da Defesa Nacional*.

\*

Recordado o perfil intelectual e moral do ilustre General, estas notas biográficas ficariam incompletas se num meio de cavaleiros não recordássemos o amor com que ele exerceu a função de Mestre, na cadeira de Tática de Cavalaria da Escola do Exército, e de educador dos novos rapazes da Arma.



General Moraes Sarmiento

## Revista da Cavalaria

de formar uma opinião fundamentada e reflectida, mas pessoal, dos vastos e complexos problemas cuja resolução pode incumbir a um Chefe militar.

E conseguiu, na verdade, conhecer profundamente o fundo dos problemas da sua profissão.

As suas ideias, que o pobre articulista destas linhas teve a felicidade de conhecer na mais carinhosa das intimidades, reflectiam a mesma noção que magistralmente foi assim definida nesse belo estudo dos problemas de Comando «A guerra no mar»:

— «Por cultura, não se deve entender — lembrêmo-nos — o esforço da memória para adquirir o saber dos outros e tentar fixá-lo. Todo aquele que vai batendo à porta dos sábios apenas para lhes subtrair uma migalha de conhecimentos e encher com elas, pouco a pouco, o seu bernal, não passa de um mendigo. A cultura deve ser entendida como uma ginástica do espírito, como o meio mais conveniente de engendrar e fortificar a capacidade de raciocinar, como a semente de onde deve germinar, no pensamento, a seara abundante das ideias pessoais».

Foi assim que o General Moraes Sarmiento sempre orientou o seu estudo silencioso: perscrutar o fundo dos problemas, os princípios orientadores, sem preocupações das aparências e das espectaculosas demonstrações de erudição.

Não há dúvida, também, de que as manifestações multiformes do seu carácter de fino quilate foram a aplicação fiel da definição que nos fez dessa virtude sagrada, nas linhas atrás transcritas.

Não é possível, suponho, encontrar maior coerência entre uma noção pessoal das virtudes militares e a sua prática, do que a da relação da vida desse soldado de rija tèmpera, com a definição que delas apresentou aos «*novos*» nos primeiros números da *Revista da Cavalaria* e da *Revista da Defesa Nacional*.

\*

Recordado o perfil intelectual e moral do ilustre General, estas notas biográficas ficariam incompletas se num meio de cavaleiros não recordássemos o amor com que ele exerceu a função de Mestre, na cadeira de Tática de Cavalaria da Escola do Exército, e de educador dos novos rapazes da Arma.



General Moraes Sarmiento

BIBLIOTÉCA DO EXERCITO  
(Antiga Biblioteca do E. M. E.)

## Revista da Cavalaria

Estou mesmo certo de que todos aqueles que foram seus alunos — e tantos são —, que por ele foram guiados nos seus primeiros passos vacilantes de iniciados na profissão de cavaleiros, mo não perdoariam; e que ao seu coração agradecido apraz recordar, com ternura, a figura paternal do Mestre.

Recordemos, pois, entre cavaleiros, na roda íntima dos seus hoje já velhos discípulos, o nosso *Pai Moraes!*...

E ofereçamos, assim, aos novos cadetes o conhecimento dos actos morais culminantes da sua vida de professor. Assim prolongaremos, ainda, a acção benfazeja desses exemplos, na formação moral dos novos ... É como se ele estivesse ainda entre eles a mostrar-lhes o caminho, como o mostrou a nós.

Estou convencido de que ao invocar esses cristalinos actos de bravura e de abnegação, não serão apenas os olhos, ainda escaldados de dor, do que foi o seu mais demorado e devotado discípulo e colaborador nessa apaixonante missão de iniciador de cadetes da Arma, os únicos que se embaciarão num pungente sentimento de saudade e gratidão!

Pensai então comigo: «Por que feitoço, a despeito das suas exigências de professor e do seu aspecto severo de militar, se gerou esse sentimento de tanta ternura que aquele carinhoso título de Pai, evocava? ... Por que lhe quizeram tanto os seus discípulos? ...»

Apenas porque na sua alma de rapazes, ainda não contaminada pelas misérias de que, tanta vez, a vida os envenena, compreendiam a elevação com que desempenhava a sua função de educador de jovens cavaleiros; porque pressentiam o grande enlevo e carinho que punha na sua acção educadora, e porque sentiam que os educava sobre os alicerces sólidos de lealdade, do amor à Cavalaria, da coragem e da bravura!

A ternura que ele dedicava aos seus alunos, por debaixo daquele aspecto severo, reflecte-se ainda, quando já no desempenho da alta função de Major General do Exército, lhe pedem que abra com palavras suas a vida da nova Revista: — «Pedem-me para abrir a nova *Revista da Cavalaria* e não é sem emoção que acedo ao pedido feito, por jámais esquecer a Arma a que pertenci, onde por tantos anos iniciei na carreira das armas tanta geração de rapazes que hoje servem na Arma com dedicação e distinção, dando-lhe aquela vida e brilho que tanto a diferencia de qualquer outra».

## Revista da Cavalaria

Posso eu confiar-vos, a todos vós que fostes seus alunos, um comentário que lhe ouvi e, como nenhum outro, documenta a ternura que ele tinha pelos *seus rapazes* e a elevada noção que tinha das suas funções de mestre. Ouvi:

Marchava-se ao pôr do sol, depois de uma etapa já longa sob um calor tropical, em plena campina alentejana que a brisa da tarde refrescava.

A proximidade do estacionamento e o fresco do pôr do sol animavam a cavalgada alegre de um curso de jovens cadetes, garotos e inquietos.

No meio da palestra amena foi feito qualquer comentário a um problema, então debatido, relativo a vencimentos de professores.

O então Tenente Coronel Morais Sarmiento, permaneceu pensativo, os olhos fitando absortos o horizonte distante; e, de súbito, num gesto largo, apontou para trás, para a coluna onde a rapaziada, à vontade, cantarolava e dizia a sua chalaça, e saiu-lhe do peito este desabafo:

— Há lá nada que pague trazer esta canalha atrás de nós!...

Os anos rodaram! O seu antigo adjunto, foi honrado com a sucessão no posto da Escola Militar que a promoção do Tenente Coronel Morais Sarmiento deixara vago. Aí procurou manter a directriz educadora que o Mestre traçara. E era tão sólida essa base, cimentada em lealdade, camaradagem recíproca e noção da disciplina sã, gerada pela noção do dever, que se apresentava pelo exemplo dos educadores, que as deficiências pessoais didácticas do novo professor foram vencidas e o rumo continuou voltado para a consciência do Dever entre mestre e alunos.

E os anos decorreram mais...

Um dia os alunos pediram-me que os autorizasse a comparecer na próxima aula, de fato de mescla, isto é, em certo traje de cerimónia...

Quando perguntei, surpreendido, o motivo do pedido e me significaram carinhosamente, os meus alunos, que desejariam assim assistir à minha última lição, e queriam fotografar-se comigo, confesso-vos que senti desabar sobre a minha alma uma comoção tremenda, feita de angústia e ternura... Cerrei os

## Revista da Cavalaria

olhos ... e alheio ao meio que me rodeava, eu vi na minha frente a campina, a tarde amena, ouvi a algaraviada alegre dos cadetes de uns quinze anos atrás, vi o gesto largo do Mestre, e nesse momento de antecipada saudade ouvi dentro de mim a reboar a sua apóstrofe: «Há lá nada que pague trazer esta canalha, atrás de nós! ...»

Aprendera com ele a considerar como a mais honrosa e sagrada das missões, essa de educar os primeiros passos dos novos cavaleiros, e de lhes inculcar no ânimo, pelo exemplo, a noção do dever e da camaradagem, que em breve resvala para a estima sincera e sólida! ...

Ensinava-nos assim o Pai Morais; e muitos sentirão, como eu, que ele contribuiu poderosamente para elevar os nossos sentimentos acima das mesquinhas preocupações do interesse material!

\*

Mas há outro pormenor da sua vida de chefe e de professor que aqui deve ficar registado como exemplo oferecido aos novos cadetes da Arma, da mais sublime das concepções do Dever!

Ao curso de cavalaria de 19 ... pertencia o cadete Ferreira Lima, rapaz desembaraçado, atrevido... mas que não sabia nadar.

A Escola de Guerra encontrava-se na região de Tancos em manobras de conjunto.

Em determinada altura um problema se oferecia aos cavaleiros: a travessia do Zézere, na sua foz.

O cadete Ferreira Lima pediu ao professor que o autorizasse a passar a nado com o seu cavalo, a despeito de não saber nadar. O professor Morais Sarmento, apesar da sua preocupação por esse facto, perante a insistência e confiado no extraordinário desembaraço físico do seu cadete, acedeu e, para isso, fez-lhe as recomendações necessárias.

Mas o rio tem ali redemoinhos traiçoeiros e o cavalo, nadando ladeado pelo seu cavaleiro, ao entrar em um deles assustou-se e com isso criou uma situação muito grave ao cadete Ferreira Lima.

A tragédia apresentou-se fulminante aos olhos de todos; se não houvesse quem o salvasse, o cadete estava perdido... mas o salvamento oferecia um risco evidente e grande dificuldade.

## Revista da Cavalaria

Então, os cadetes de cavalaria, mudos de admiração, viram o seu professor com a sua expressão sempre forte e serena, sem hesitação, lançar-se ao rio com o seu traje de cavaleiro — botas altas e esporas . . .

Foi por certo essa uma das maiores lições que ele deu aos seus alunos, e nos legou a todos nós, sobre a noção da responsabilidade dos Chefes.

Isto sabem-no muitos; mas eu posso acrescentar alguma coisa mais, que por ele me foi dita, passado um bom par de anos sobre aquele facto, no dia em que um outro cadete morreu afogado no tanque da Tapada de Mafra.

Fazia precisamente nesse dia anos que ocorrera o dramático incidente do Zézere e dava-se o caso curioso de ser também a véspera do dia do aniversário da carinhosa Esposa do nosso saudoso Pai Morais.

A Escola Militar, em manobras, acantonava no convento de Mafra.

Passeávamos, depois do trabalho, no jardim de bucho do pátio da E. P. I. e eu, invocando a proximidade de Lisboa, dizia ao professor que bem poderia ir a sua casa, festejar o aniversário, uma vez que eu podia substituí-lo em qualquer emergência corrente, como seu adjunto, nas poucas horas de ausência.

Ele respondeu-me que raras vezes estivera em sua casa nesse dia, há alguns anos, porque era a época de manobras, mas que estando ali em serviço não se afastaria.

Entretanto, passavam alguns cadetes apressados com as suas trouxas de roupa a caminho da tapada.

Pai Morais percebeu que havia para ali rapaziada e, com gesto preocupado, chamou alguns deles perguntando-lhes se estavam autorizados pelo comandante da coluna a ir tomar banho ao tanque.

Disseram-lhe que sim e ele, como que pressagiando no seu subconsciente qualquer acidente trágico, disse-lhes nos seus modos rudes, que deviam ter juízo porque com a água não se brinca.

E — coisa curiosa — esse homem sempre propenso à compreensão das loucuras dos rapazes, nesse dia mostrava-se singularmente preocupado . . . chegando a dizer-me: «Se eu comandasse a coluna, não os deixava tomar banho na tapada».

Foi então que me contou que no momento em que uns anos atrás se lançara à água com o seu uniforme e o seu equipamento,

## Revista da Cavalaria

de esporas e botas altas, se convencera de que ficaria lá também e que pensou nesse momento supremo que era, afinal, o presente que poderia oferecer a sua esposa no seu dia de anos... Pois não hesitou!

Momentos depois, tendo-nos separado, chegava-lhe a notícia trágica: afogara-se um cadete no lago da tapada, por não saber nadar... A vida tem acasos singulares!...

Pálido, roído de desespero por nada já poder fazer, sei que se dirigiu imediatamente para o local do desastre e que ali esteve dirigindo o salvamento do cadáver, não autorizando que mais ninguém dali saísse enquanto ele não fosse retirado do tanque!...

Que posso eu dizer-vos mais, da grandeza de alma do nosso chorado Mestre?!...

Talvez dois apontamentos ainda, que posso oferecer-vos sobre a sua mentalidade de Chefe e a sua rectidão de consciência.

\*

Era Ministro da Guerra, quando eclodiu esse movimento sedicioso denominado pela Revolução do Castelo.

Durante dois dias e duas noites eu vi esse homem, como insensível à fadiga e ao sono, inalteravelmente sereno, dar as suas ordens, conjugar as operações e os esforços com esse outro grande Chefe que era o General Farinha Beirão, o qual comandava então a Guarda Nacional Republicana.

Entretanto, na noite do 2.º dia, eu que o conhecia bem — talvez como mais ninguém — percebi que sob a sua máscara impassível existia qualquer frêmito de preocupação e sofrimento... Aproveitei uma oportunidade e na intimidade de um recanto confessei-lhe que percebia que alguma coisa estava a passar-se no seu espírito, que o torturava.

E então confiou-me que esperara que o oficial revoltado que comandava no Castelo se convencesse da sua impotência e da impossibilidade de reunir meios que lhe permitissem continuar a luta. Que, infelizmente, ele se não rendia e que se via obrigado a empregar meios decisivos que até aí teimara em evitar, mas que o angustiava a ideia dos desastres que poderia produzir na população civil do Castelo... E via-se que sofria terrivelmente com isso!

## Revista da Cavalaria

Contudo, entendia que nem o país, nem a cidade, nem o Governo podiam consentir no prolongamento de uma situação que não resolvida e arrastada podia dar lugar a uma falsa ideia de fraqueza do poder, com todos os riscos de fazer degenerar um simples acto de insurreição local, em desordem generalizada. E ia por isso actuar!

Não o fez sem uma última vez procurar ligação com o chefe sedicioso para lhe fazer ver quanto tinha de inconsciente desumanidade a sua teimosia em se não render. Prevenia-o, porém, de que se até às 07h00 da manhã se não rendesse, bombardearia o Castelo com artilharia... Às 07h00 precisas, da manhã, por ordem do Ministro — de novo impassível e sereno — os obuzes de Artilharia 3 abriam fogo! Eis uma faceta, mais, do curioso conjunto do seu coração bondoso de cidadão e da sua personalidade firme de Chefe!

.....  
.....  
Ofereço-vos, por fim, o último instantâneo que eu pude focar, da preocupação de rectidão, dos escrúpulos de consciência e da força de carácter desse homem invulgar na sua grandeza moral.

Já atingido, na profundidade do seu ser, dilacerado de desgostos, talvez presentindo que a sua vida não seria longa, ferreamente isolado nas paredes do seu lar, de onde já não saía, esse homem confiou-me que fizera o seu exame de consciência, e falou em termos semelhantes a estes:

— «Tenho revisto todos os actos da minha vida, todas as atitudes que houve de tomar na minha vida militar e particular...

É possível que perante o júzo dos homens eu tenha errado alguma vez, mas sinto que sempre procedi em coerência com os ditames da minha honra, com lealdade e rectidão, perante os imperativos da minha formação moral e mental, e com um enorme desejo de *Servir!*

Morrerei sem me sentir em conflito com a minha consciência, sem ter que me arrependar de qualquer acto menos honesto ou leal».

Eis aqui a alma recta, a força de carácter — tal como ele próprio o compreendia — desse Homem cuja preocupação máxima foi *Servir!*

Que Deus conceda paz à sua alma e que não esqueçam os novos os elevados conselhos e os luminosos exemplos de rectidão, que ele sempre nos deu...

# Revista da Cavalaria

Eis a prece e a exortação final com que encerra estas pobres notas panegiricas, aquele que procurou ser o fiel continuador da obra de educação moral dos jovens aspirantes de cavalaria, que recebeu como herança — e como herança sagrada deve ser considerada pelos actuais e futuros educadores dos novos cadetes que querem servir na Arma!

Coronel BUCETA MARTINS



# O Serviço de Informações nas pequenas Unidades de Cavalaria

pelo Capitão RIBEIRO RAMOS

## I

### Generalidades

**E**m 1943 publicámos, nesta Revista, um artigo sobre o S. I. nas P. U. C. O desejo que nos animava resumia-se a divulgar um conjunto de conhecimentos adquiridos na frequência do curso de O. I. e na leitura de algumas obras da especialidade. Já lá vão 6 anos.

Salvo erro, esta matéria continua a ser das menos versadas na Revista. Baseado neste facto e no contacto que, por obrigação e devoção, temos mantido com o assunto, voltamos de novo a ocuparmo-nos do S. I. na Arma. Anima-nos o mesmo desejo de divulgação, aliado ao de levantar a discussão de certos pormenores de organização e funcionamento do Serviço com a finalidade de actualizar e rectificar algumas ideias correntes que julgamos não corresponderem às realidades.

É inegável que sérios esforços se têm feito no sentido de uniformizar, actualizar e divulgar os conhecimentos necessários àqueles que têm de intervir no trabalho de uma das mais importantes e ingratas especialidades militares, a de informações. No entanto, está-se longe de atingir um ponto que permita dispensar a colaboração de todos os elementos da Arma ou a ela ligados.

A Cavalaria não tem, ainda, o seu Regulamento de Observação e Informações. A Infantaria já tem o seu e creio ser justo ao afirmar que bons serviços ele tem prestado a muitos oficiais de cavalaria instrutores de observação e informações.

Se muito do que nele se encontra é útil e necessário, como é lógico, não se focam naquele Regulamento os aspectos particulares que o S. I. apresenta na Cavalaria.

# Revista da Cavalaria

Embora a E. P. C. organize os seus cursos, base da doutrina em pormenor da organização e funcionamento do Serviço, todos compreendemos a utilidade de possuir um Regulamento de um assunto que para a Cavalaria é ainda mais absorvente do que para a Infantaria. Não nos parece apresentar dificuldades irremovíveis a sua publicação. Contando com os trabalhos realizados em diversos cursos e nas várias Escolas, aproveitando o trabalho da Infantaria e a colheita efectuada em obras e regulamentos estrangeiros, julgamos existir um somatório de conhecimentos onde basear, com seriedade, a sua elaboração.

Uma indicação a frisar desde já: não se esquecer que na actual organização da Cavalaria, a maioria dos seus efectivos se destinam a unidades motorizadas e blindadas e, portanto, unidades rápidas.

Teremos, assim, apontado um primeiro e importante aspecto a encarar para se conseguir uma mais eficiente instrução: a necessidade de possuir um Regulamento de Observação e Informações da Cavalaria.

## II

### Importância do S. I. na Cavalaria

Pelas suas características, as Armas mais aptas à procura de informações são a Aeronáutica e a Cavalaria.

Extrai-se dos Regulamentos que é *missão fundamental da Cavalaria a procura de informações*.

Não será, portanto, ousadia afirmar-se que entre todas as especialidades da Arma a *de Informações ocupa o lugar de maior relevo*.

Todos nós conhecemos o juízo:

«A Cavalaria, a maior parte das vezes, combate para informar, ao inverso da Infantaria que se informa para combater». O que é finalidade da Infantaria, surge na Cavalaria como um meio.

De tal modo a informação é imperante na Cavalaria que se constata que uma Unidade de Cavalaria é, muitas vezes, um órgão de informações em actividade permanente. Todos os seus elementos podem ser considerados parte integrante do S. I.

Não há outro Serviço na Cavalaria que tanto necessite do auxílio de todos os elementos da sua Unidade. Ele só funcionará rendosamente se existir uma perfeita ligação e esta só se alcançará como alguém disse:

«quando todos saibam as suas obrigações e se entendam para que não haja quebra de valores e depreciações de vontades».

Deste modo, é-nos lícito afirmar:

Não basta contar-se com bom pessoal especializado, é necessário que todos os elementos da Arma se compenetrem da importância do S. I., da razão de ser das suas exigências e da utilidade que ele representa para o cumprimento, em boas condições, da missão de que a sua Unidade está encarregada.

Este aspecto parece-nos um dos pontos característicos a focar no funcionamento do S. I. nas P. U. C. Será uma das mais importantes, e produtivas atribuições dos O. I.: levar os elementos da Unidade à sua compreensão. A seu tempo e com lucros ter-se-á a paga de todos os esforços feitos neste sentido.

### III

#### Alguns aspectos característicos do funcionamento do S. I. na Cavalaria

Quando acidentalmente as Unidades de Cavalaria são incumbidas de missões análogas às de Infantaria a sua actuação será idêntica à do infante. Consequentemente, a informação visará os mesmos fins.

O terreno que o infante pisa é demasiadamente perigoso e impenetrável à aventura. Este facto inibe-o de entregar-se a improvisações. Tem de proceder minuciosamente, descer aos mínimos pormenores. O seu S. I. visando a um conhecimento muito detalhado do inimigo, só através de um trabalho constante, metucioso e, consequentemente, demorado, terá possibilidades de cumprir com eficiência a sua missão.

A Cavalaria encontra o seu verdadeiro ambiente, aquele que lhe permite aplicar audaciosamente a sua mais importante característica — a mobilidade — em zonas não coalhadas de homens e projecteis com a densidade que se depara ao infante. Em compensação, a Cavalaria, tendo de actuar com rapidez, tem de o fazer quase sempre num ambiente de incerteza. Por vezes, ela só conta com vagas informações da Aero. É bem compreensível a ânsia que os comandos de Cavalaria revelam pela informação. Ela não só lhes é necessária para ser trans-

## Revista da Cavalaria

mitida ao comando de que dependem, mas também, muitas vezes, como elemento fundamental orientador da sua própria manobra.

Este último aspecto, ao qual mais tarde voltaremos, apresenta-nos uma consequência do S. I. na Cavalaria, que não se revela nas unidades de Infantaria: o poder encaminhar a decisão do Comandante para um ataque, para uma defensiva estática ou para uma acção retardadora.

Quando as Unidades de Cavalaria se encontram no cumprimento de missões que lhe são próprias — descoberta, exploração, cobertura, acções retardadoras, exploração do sucesso e perseguição — o seu S. I., só poderá cumprir se trabalhar com desembaraço, lançando mão do expedito e, permitam-me, daquele sexto sentido do verdadeiro cavaleiro que lhe dá a possibilidade de sentir e compreender um facto mesmo antes de o observar.

Assim, a organização e funcionamento do S. I. nas Unidades de Cavalaria tem de adaptar-se às características da Arma (e repetimos que a principal é a mobilidade) e à natureza das missões que lhe competem. Para isso, como regra geral, ter-se-á de pôr de parte tudo, que embora muito perfeito, detalhado, meticoloso, é quase sempre moroso e faz perder ao Serviço a sua utilidade *porque deixará de ser oportuno nos seus resultados.*

Não nos devemos, porém, esquecer que o trabalho expedito com bons resultados só é possível com pessoal muito competente.

Na sequência do critério apresentado, voltamos a repetir tal como há anos, ser necessário, especialmente para as unidades rápidas, uma simplificação no actual modo de proceder que acompanhe passo a passo o sistema francês, anterior à guerra de 1939. Este sistema teve a sua origem na guerra de 1914-18 onde na frente ocidental, salvo raras excepções, não houve ambiente para a actuação própria das Unidades de Cavalaria. Surgem demasiados documentos que julgamos ultrapassarem as normais, verdadeiras e reais necessidades das P. U. quando cumprem missões próprias da Arma.

Mesmo antes de existirem, entre nós, G. U. Cav. inteiramente motorizadas e blindadas, já se procurava frisar e insistir na necessidade de se aligeirar toda a burocracia do S. I. nas P. U. Sabemos que, desde há pouco, a Cavalaria viu entrar nas suas fileiras, quase por completo, tudo a que se dá a designação de blindados. Sem entrar nas razões de tal procedimento é inegável que o final da guerra e o momento actual atiram, de um modo geral, com o emprego das Unidades Blindadas para o âmbito de actuação das antigas G. U. Cav. a cavalo ou mistas,

## Revista da Cavalaria

isto é, para o cumprimento de missões em que se requer espaço e rapidez de actuação. Referimo-nos, especialmente, às missões de descoberta, exploração do sucesso e perseguição.

Entrando em linha de conta com a motorização e mecanização em alta escala da nossa Cavalaria, fácil é constatar quanto o desejo de simplificação apresentado, ganhou em actualidade e em razões justificativas.

Esta finalidade surge-nos como uma das traves mestras em que, tem de assentar a orientação da instrução e, no futuro, os esforços daqueles que recebam a missão de elaborar o Regulamento do S. I. da Cavalaria.

Durante muito tempo e demasiadamente generalizada, encontrou-se a noção de que a importância do S. I. nas P. U. revelava um grande valor, pois ia influir na forma de manobra (defensiva, ofensiva) a adoptar pelo Comando. Se isto é verdadeiro para os escalões de ordem estratégica, para os outros, mesmo englobando G. U., de forma alguma se verifica. Um G. E., uma Divisão, salvo raríssimas excepções, ataca ou estabelece-se defensivamente conforme o impõe a missão recebida. Com mais fortes razões se passa o mesmo para as P. U. Ao comando da P. U. fica apenas a prerrogativa de determinar as variantes da sua manobra em relação à missão que recebeu. Deste modo, o trabalho do S. I. nas P. U., em proveito directo do seu comando, surge em proporções mais modestas do que aquelas que muitos ainda vêm encarando. Encontra-se limitado, a esclarecê-lo em relação às suas necessidades para cumprir a missão que lhe foi atribuída. Não tem que se dispersar em relação a outros objectivos.

No escalão P. U. as manobras são simples, o que não quer dizer que sejam fáceis; não será razoável que as exigências do comando sejam complexas.

Assim se apresenta o problema para as P. U. de Inf. e, às vezes, para as de Cavalaria. No entanto, porque as Unidades de Cavalaria trabalham no vasio e porque as suas zonas de actuação são, em geral, muito maiores que as das correspondentes unidades de infantaria, pode um comando dar a uma unidade de cavalaria uma maior latitude de actuação. Esta, porém, constará da missão atribuída.

Deste modo, um comandante de D. M. C. de um G. G., e, até, de uma D. D., etc., têm, muitas vezes, de tomar decisões dentro da missão genérica recebida que os levam a atacar, a fixar-se, ou a retirar. Neste caso, a informação pesa forte na decisão. Consequentemente, o S. I. deverá estar orientado, não num único sentido (ataque, defensiva, etc.),

mas de modo a aclarar a situação de uma forma tão completa que o seu comando possa decidir o mais esclarecido possível.

Aqui temos, até certo ponto, um aspecto do S. I. na Cavalaria que só encontra paralelo, em finalidade, nos S. I. dos altos escalões.

## IV

### Característica da pesquisa de informações na Cavalaria — Órgãos e origens de informação —

O S. I. das Unidades de Cavalaria na pesquisa de informações pode recorrer a órgãos da própria Unidade ou exteriores a ela.

Nas missões próprias da Arma, muito especialmente em situações de movimento, os órgãos de pesquisa de maior importância pertencentes à Unidade são representados por Reconhecimentos, Destacamentos de Descoberta, Patrulhas e Guardas de Segurança. Sem dúvida, os restantes elementos, inclusivé os Grossos, podem, também, fornecer informações úteis. Os elementos especializados, montando observatórios, contribuem rendosamente para a procura de informações, mas o seu trabalho só se torna verdadeiramente produtivo em situações estáticas.

A procura de informações através da acção das tropas apresenta-se com um duplo aspecto: o da astúcia e da força. Quando o elemento encarregado da pesquisa é um Reconhecimento a sua actuação caracteriza-se pela astúcia, pelo desejo de observar sem ser visto. As informações que pode fornecer revestem-se, em regra, de um carácter de generalidade. Difícil, também, é penetrar a fundo no dispositivo inimigo. Só é de admitir esta penetração na hipótese da unidade inimiga apresentar no seu dispositivo grandes soluções de continuidade, especialmente no sentido da frente.

Se se deseja não só assinalar o inimigo, mas também saber a sua natureza, seu quantitativo, seu valor moral, etc., os elementos destinados a estas missões têm, a grande maioria das vezes, de recorrer ao combate. Mas para isso já têm de dispor de uma força superior à dos Reconhecimentos. Constituem-se, então, D. D.

Sabe-se que os elementos de descoberta, lançados em direcções principais, estão longe de poderem assinalar a existência do inimigo em toda a frente. Deste modo, no desejo de se completar o conhecimento do inimigo e de garantir, já, a segurança, utilizam-se Patrulhas de modo

## Revista da Cavalaria

a cobrir toda a zona de acção atribuída à Unidade. Estes elementos, colhem a informação recorrendo variadas vezes ao combate, combate em que, muitas vezes, têm de ser reforçados quer pelas G. Av. quer mesmo por elemento do Grosso.

Apertando a malha da segurança e dilatando a rede de informações aparecem seguidamente os Destacamentos de Segurança (G. Av., G. Fl., G. Rect.).

Quer reforçando a acção das Patrulhas, quer no contacto estabelecido com o inimigo quando este ultrapassa aquelas, têm os Destacamentos de Segurança possibilidade de fornecer preciosas informações.

Por último, e na grande maioria dos casos, há que empenhar toda a Unidade, único meio susceptível de, em boas condições, obrigar o inimigo a revelar o que dele se pretende saber.

Em casos especiais os pelotões de Transmissões e de Sapadores podem representar órgãos de informações. Desejamos, no entanto, frisar, que o Pl. Tm. só pode obter informações utilizando a escuta T. S. F. e, a das redes permanentes excepcionalmente telefónicas. Salvo em situações estáticas e, mesmo assim, não em todas, não é de admitir que se possam utilizar os poucos aparelhos de que se dispõe nas P. U., para a escuta.

Por outro lado, também não é de admitir que o pessoal que compõe as guarnições dos postos esteja habilitado a efectuar uma escuta em condições.

O Pelotão de Sapadores pode contribuir para a pesquisa, especialmente através da acção antigás, pela revelação dos campos de minas e pelas informações que pode fornecer sobre obras de arte, etc.

Ainda provenientes da unidade, encontram-se os órgãos denominados observatórios — equipados com pessoal especializado.

A colheita de informações através destes órgãos tem na Cavalaria, mesmo em situações estáticas, carácter diferente do da Infantaria. Salvo a actuação em frentes estreitas, o que não é normal, nunca se poderá com eles estabelecer uma rede de observação contínua e muito menos sobreposta. Este facto leva a situar os observatórios unicamente a cavalo das direcções perigosas e importantes como contróle de outros órgãos.

Órgãos existem não dependentes da Unidade, a que pode recorrer o S. I./P. U. Cav. São eles principalmente:

- As Repartições ou Secção de Informações da G. U. de que depende;
- Os S. I. das U. V.

## Revista da Cavalaria

Há ocasiões em que o comando coloca à disposição das Unidades de Cavalaria missões da Aero. Precisemos o verdadeiro sentido em que a Aero trabalha nestas condições. O comando não entrega aqueles elementos como reforço, simplesmente os coloca à disposição para as missões pedidas pela Unidade. Estas missões tanto podem dizer respeito à acção informativa como à de combate. Interessa-nos, principalmente a primeira, no entanto a segunda não deixa, também, durante o cumprimento das missões de fogo de colher e transmitir toda a informação que lhe fique à mão. Na hipótese dos elementos da Aero trabalharem em proveito directo da Unidade, aquela envia para junto da Unidade terrestre um Destacamento de Ligação. A ligação ar-terra e terra-ar compete-lhe.

Esta acção da Aero justifica-se, especialmente no caso da descoberta, como elemento orientador da direcção de marcha dos elementos terrestres.

O caso mais vulgar é a Unidade de Cavalaria canalizar pela Repartição de Informações da G. U. a que pertence, os pedidos que só a Aero pode satisfazer.

Em breve resenha apresentámos os órgãos de pesquisa de informações a que podem recorrer as P. U. Cav., procurando acentuar a sua importância relativa.

Falta-nos, ainda, indicar o órgão de direcção do S. I. nas P. U. Ele é representado pelo comandante tendo como auxiliar o O. I. Julgamos que esta ideia é aceite sem objecções na Cavalaria; no entanto, mais adiante encontraremos as suas razões justificativas.

Analisemos agora as origens de informações a que podem recorrer os órgãos dependentes da unidade. Por ordem de importância, podemos apresentá-las:

- a observação;
- os interrogatórios de prisioneiros, desertores, habitantes, etc.;
- a documentação apreendida.

Como já se sabe, a observação pode tomar a forma de:

- Observação geral ou directa — obrigação inerente a todo o combatente;
- Observação especializada.

# Revista da Cavalaria

Não se justificaria alargarmo-nos em pormenores sobre esta origem de informações; vamo-nos limitar a frisar as diferenças sensíveis que existem em relação à sua utilização na Infantaria.

A dispersão que caracteriza o emprego das U. Cav. conduz, como já se disse, a não se poder contar, tal como sucede ao infante, com uma rede contínua e sobreposta de observação especializada.

Além disto, os observatórios deslocam-se amiudadas vezes e, conseqüentemente, não têm possibilidade de se instalar com todos os requisitos desejáveis.

No entanto, a necessidade do rendimento da observação é premente e tão premente que se é levado a utilizar variados elementos, vedetas, postos de vigilância, patrulhas, etc., que levam a observação a toda a frente de actuação da Unidade. Não há pessoal especializado que possa ser utilizado nestas funções; deste modo, só alargando a exigência de observação a todos os elementos da Unidade se poderá preencher as lacunas da observação especializada. Não havendo sobreposição na observação e, portanto, falta de garantia, exige-se maior responsabilidade dos elementos encarregados da observação geral.

Vê-se, assim, como é mais importante que na infantaria a necessidade de bem instruir todo o pessoal sob o ponto de vista de observação.

É necessário que:

- os homens saibam relatar com veracidade o facto observado;
- oportunamente façam chegar a informação ao elemento que a pode explorar.

Embora admissível o recorrer-se às informações provenientes dos prisioneiros, não nos devemos esquecer que só nos serão úteis aquelas que podemos controlar. O interrogatório deve cingir-se ao estritamente necessário.

## V

### Pessoal especializado

Parece-nos conveniente comentar, em crítica bem intencionada, o que se passa nas Unidades de Cavalaria, em relação ao pessoal especializado e seus meios de deslocação.

## Revista da Cavalaria

Como sabemos, a Cavalaria tem hoje unidades a cavalo, motorizadas, blindadas e mistas.

Vejamos qual o pessoal especializado de que dispõem estas diversas unidades.

De um modo geral

— nos pelotões não há pessoal especializado;

— nos esquadrões:

— 1 sargento (ajudante do Esquadrão) e 2 praças (1 cabo e 1 soldado) com a especialidade de observadores.

O sargento agente de ligação deve ser especializado em Obs. e Tm. Deste modo, quando se encontra na unidade pode cooperar.

Este pessoal tem como finalidade tudo que diz respeito a informações e, muito especialmente, a montagem do Observatório do Esquadrão.

Deslocam-se a cavalo e em meios autoblandados ou não, conforme o tipo de unidade a que pertencem.

Tudo nos leva a crer que existirá nos Esquadrões Blindados uma viatura destinada a funcionar como um Observatório móvel e protegido.

Dar a esta viatura também funções de viatura de Tm. do esquadrão apresenta inconvenientes, pois para as Tm. é natural que se situe na proximidade do Comandante, quando a sua missão de viatura de observação a chamaria para outra localização. Quando provida de T. S. F. (posto 19) argumentar-se-á que não se vê inconveniente neste facto, pois ligar-se-á ao Comandante através do posto B. Se a distância for pequena e a situação da viatura como observatório permitir o trabalho de Tm. em boas condições o inconveniente revelado não é importante. Por outro lado, compreendemos que no escalão Esquadrão não se possa dispor de duas viaturas blindadas. Seria gastar elementos que naturalmente não abundarão.

É curioso e parece-nos revelar interesse a ponderar, verificar o que se passa nos esquadrões blindados ingleses. Estes esquadrões são a 4 pelotões e cada pelotão a 4 carros.

O S. I. no esquadrão é dirigido por *um oficial escolhido* pelo Comandante do Esquadrão. Assinalável esta preocupação em ser um oficial escolhido. Julgo ser um factor que traduz a importância com que se encara o S. I. Entre nós, como se sabe, o chefe do S. I. no es-

## Revista da Cavalaria

quadrão é o Comandante e que tem para o auxiliar os elementos que já indicámos, especialmente o sargento ajudante do esquadrão. Não nos parece difícil dispor de alguém que em melhores condições que o sargento ajudante do esquadrão, isto é, com mais competência e até a maior parte das vezes com mais tempo disponível, pudesse coadjuvar o Comandante no S. I. Referimo-nos ao cerra-fila do esquadrão. A ideia fica exposta, há agora que justificá-la. Nesse desejo, vou contar um facto que tenho observado em diversos exercícios e manobras.

Ao levar as instruções sobre o S. I. aos esquadrões, quer nos assuntos de cifra, quer nas outras atribuições referentes a informações, os comandantes de esquadrão tinham de um modo geral encarregado os seus cerra-filas de cuidar desses assuntos, embora coadjuvados pelos sargentos ajudantes do esquadrão. É admissível que muitos desses sargentos não fossem especializados em informações. Mas se o facto se verificou em simples manobras, onde é sempre difícil pôr a funcionar e fazer trabalhar o S. I. com bons rendimentos de instrução, não será admissível que amanhã, em campanha, o inconveniente apresentado, se revele mais acentuado? Julgamos não ser leviano optar-se por uma resposta afirmativa.

Vejamos, agora, o que se passa com o Grupo de Cavalaria.

No Pelotão de Comando da Formação há um grupo de informações composto por 2 sargentos e 6 praças (2 cabos e 4 soldados) especializados.

No Estado Maior do grupo há 1 subalterno — O. I. —.

Pelos Q. Org. actuais todos estes elementos dispõem, unicamente, de cavalos para o seu deslocamento.

Dentro do princípio da agressividade da informação, princípio que deve estar bem arreigado na mentalidade do O. I., como se sabe, ele deve ser um elemento essencialmente dinâmico. Limitar-se a aguardar no P. C. que cheguem as respostas às ordens e pedidos formulados, arrisca-se a tomar a iniciativa numa acção que acaba por levar os elementos subordinados a não porem toda a sua melhor vontade na execução das missões. É absolutamente necessário, e nunca é demais repeti-lo, que através do contacto pessoal com os Esquadrões e com os Observatórios, o O. I. se informe, impulse a pesquisa de informações e esclareça aqueles da necessidade das ordens dadas. Só um bom entendimento resultante do conhecimento das mútuas necessidades do Comando e subordinados, pode garantir aquela ligação que coloca ao abrigo da indiferença, senão mesmo da resistência de vontades, com todos os seus graves inconvenientes resultantes.

## Revista da Cavalaria

Deste modo o O. I. estará, umas vezes junto ao Comandante, outras nos Observatórios, outras junto aos Comandos subordinados e, por vezes, junto ao S. I. de que depende a sua unidade.

Do que se disse, resultam duas necessidades que é preciso satisfazer, para que o O. I. possa ter a actuação desejável.

Uma, será ter alguém que tenha possibilidades de o substituir na permanência no P. C. No caso da nossa G. C. só um dos sargentos do grupo de informações o poderá fazer. Este facto revela-nos o cuidado que deve presidir ao recrutamento e preparação dos sargentos especializados. Poderá adoptar-se a solução de ter outro oficial interessado no assunto informações. A solução é simples sempre que o oficial de ligação se encontre junto da unidade. Também nos parece aceitável que o adjunto possa em caso de necessidade substituir o O. I. resolvendo os assuntos de maior importância até à volta deste.

A outra necessidade não encontra solução adequada pelos actuais Quadros Orgânicos. Ela resulta da impossibilidade do O. I. se deslocar, oportunamente, com o actual meio de transporte que possui, o cavalo.

Julgamos não ser preciso justificar as razões que impedem ao O. I. uma actuação eficiente em situações de movimento ou, mesmo, em situações estáticas atendendo às grandes frentes atribuídas aos G. C.

Estamos certos, que todos concordam em que há absoluta necessidade do O. I. dispor de um pequeno carro privativo — género «Jeep» — que lhe permita deslocar-se rapidamente a todos os locais, onde actue a sua unidade e seja aconselhável a sua presença, e não perder tempo durante a marcha pois poderá trabalhar.

Desde há anos, pelo menos desde as manobras da região de Santarém, que insistimos neste ponto. Acreditamos que esta deficiência se irá encontrar brevemente solucionada.

Preconizável se apresenta, também, a substituição dos cavalos por meios auto para o grupo de informações. Convém dispor de 2 viaturas — tipo «Jeep» — de modo a ficar-se com a possibilidade de montar 2 observatórios com completa independência.

Por último, trataremos do que naturalmente se virá a verificar nos Regimentos de Reconhecimento e Blindados das D. M. C.

Tal como nos G. C., no Destacamento de Comando da Formação terá de existir pessoal especializado que permita auxiliar o O. I. e montar 2 observatórios. Este pessoal constituirá um Grupo ou Secção de Informações.

No Estado Maior existirá o O. I. que tudo aconselha a ser um capitão.

## Revista da Cavalaria

O O. I. poderá utilizar, conforme as circunstâncias, qualquer das viaturas com o que o comando virá a ser dotado: viatura ligeira T. T., viatura de blindagem lateral, autometralhadora ou carro de combate.

Parece-nos haver justificação para um pequeno parêntese a introduzir na sequência do assunto que vem a ser tratado. Visa a dar uma noção do emprego normal dos Regimentos Blindados.

Quem tem acompanhado a evolução da actuação das Unidades Blindadas constata que, a partir do momento em que a D. C. B. começou a revelar eficiência as unidades de carros empregadas isoladamente têm sido expulsas das acções de rotura de posições convenientemente organizadas contra carros. Para o final da guerra, os meios de luta imediata, muito especialmente, os representados pelos lança-granadas anticarro, etc., obrigaram, como regra geral, ao emprego das autometralhadoras e carros dispondo de atiradores destinados a fazer o seu acompanhamento, isto é, a protegê-los da acção daqueles meios de D. C. B.

A coordenação da acção das diferentes armas que, no princípio da guerra de 1939 se fazia no âmbito da G. U.-Divisão Blindada, realiza-se hoje, também, em unidades subalternas — nos Agrupamentos (os Combat. Comand. americanos) com base nos Reg. Blindados, e, até, nos Sub-Agrupamentos com base nos Esquadrões Blindados se encontram tropas de diversas armas.

Assim poderemos, e é um caso normal, articular a D. M. C. em Agrupamentos com a seguinte constituição, por exemplo:

- 1 Regimento Blindado;
- Elementos de Reconhecimento;
- 1 Grupo de Artilharia Ligeira;
- 1 Companhia de Sapadores;
- 1 Bateria A. A.;
- 1 Esquadrão de D. C. B.;
- Elementos de Tm., Serviços e, por vezes, de transposição.

Quem se limitava a tirar conclusões do estudo da organização da Div. Blindada inglesa, talvez não encaminhasse o seu pensamento para esta tendência. No entanto, o conhecimento das mais modernas ideias inglesas, sobre o emprego dos Regimentos Blindados não deixa dúvidas que, tal como os americanos, os ingleses admitem como normal o emprego dos seus Regimentos Blindados num âmbito de Agrupamento

## Revista da Cavalaria

Misto. Mesmo no caso das Unidades Blindadas não serem empregadas em acções independentes, mas em acompanhamento ou apoio das G. U. normais, a sua actuação, sem revelar uma tendência tão nítida para o Agrupamento Misto, não dispensa a existência de atiradores no acompanhamento dos carros.

De momento e no estado actual da luta da couraça e do canhão, parece ser esta a tendência no emprego das Unidades Blindadas.

Esta forma de actuação vem levantar problemas muito semelhantes sob o ponto de vista de comando, informações, transmissões e serviços aos que surgem quando se organiza um Dest. Seg. Afast. à custa dos G. C. das Div. e do C. E.

Neste caso, tem-se de recorrer ao C. E. que fornece os elementos necessários, pois o Comandante da Cavalaria de Corpo, que comanda esse Destacamento não tem meios suficientes.

Um Agrupamento com a constituição que indicamos é já uma pequena Grande Unidade. Não nos parece que os meios com que orgânicamente os Regimentos Blindados venham a ser dotados, sob o ponto de vista de operações, informações, e transmissões bastem para o exercício de comando de um Agrupamento. Há que recorrer, forçosamente à Divisão.

Nas Divisões Blindadas americanas há uma reserva de comandos (Grupo de Combate A, B e R) para o caso de se organizarem Agrupamentos. Na Divisão Blindada inglesa existem dois comandos de Brigada (a blindada e a de infantaria).

Para as transmissões e serviços fácil é prever o reforço pelos órgãos da Divisão. Para as funções de comando, muito especialmente as de operações e informações, não será fácil arranjar num Q. G. nos moldes do da actual Divisão normal e muito menos num Q. G. tipo antiga Brig. Cav. a quantidade de oficiais necessários para auxiliares dos comandantes dos Regimentos Blindados na sua missão de comandantes de Agrupamentos.

Na hipótese da Divisão não poder reforçar o Agrupamento com meios auxiliares de comando, fácil nos é constatar como se encontra ampliado o trabalho e a responsabilidade do O. I. Este aspecto revela-nos uma faceta a encarar na instrução dos O. I. Este não se limitará a ter relações com as sub-unidades da sua Arma, caso normal no Grupo de Cavalaria, mas terá de possuir os conhecimentos necessários que o orientam nas relações que sobre informações, quer na montagem da pesquisa, quer na difusão, terá de manter com o artilheiro, com o engenheiro, com o infante e, até, com o aviador.

## Revista da Cavalaria

Sem dúvida, a solução aconselhável nesta hipótese, é existir um oficial com prática do serviço na G. U. encarregado das informações. Voltamos, porém, a repetir, que não nos parece sempre viável esta solução, pelo número de oficiais exigido.

O assunto está apresentado. Seja qual for a solução que nos venha através da organização do Q. G. da D. M. C., parece-nos que não é de pôr de parte este aspecto na preparação dos O. I. na Arma de Cavalaria.

Se o problema se apresenta com este aspecto quando encarado unicamente no âmbito do S. I., julgamos não errar, ao colocarmo-nos em posição contrária àqueles que pretendem encarregar o O. I., também, da parte das operações.

A solução adoptada na Infantaria de ter um oficial encarregado das inf., tm. e operações, dispondo de um adjunto para as tm. e outro para as informações, não nos satisfaz.

Se com esforço se pode aceitar no caso do Grupo de Cavalaria, parece-nos ser completamente reprovável no caso dos Regimentos de Reconhecimento e Blindados, admitindo-se a organização de Agrupamentos.

As necessidades de informações na Cavalaria são muito mais absorventes que na Infantaria. Uma vez o O. I., preocupado com a redacção de ordens, não daria às informações a devida atenção, outras vezes o inverso se verificaria.

Por outro lado, encará-lo como um pequeno Chefe de Estado Maior não nos parece aceitável, quer pela sua preparação, quer porque no escalão que estamos tratando, o Comandante deve chegar e bem para coordenar os assuntos.

Em reforço da opinião apresentada e com a autoridade proveniente daqueles que fizeram a guerra e sentiram com realidade os prós e os contras dos diversos modos de proceder, vamos referir-nos ao que os ingleses preconizam.

Os Regimentos Blindados ingleses dispõem de 3 esquadrões de Carros. Admitem, como já se disse, normalmente, o seu reforço com infantaria motorizada, artilharia e engenharia.

A parte de informações do Regimento é dirigida sob o contróle do Comandante, por um O. I. que tem como auxiliar directo um graduado especializado.

Para o seu deslocamento dispõe de um Carro de Combate, Auto-Met. ou de um «Scout-Car». Tem para o auxiliar em régimen de trabalho «part-time» o Comandante do Pelotão de Reconhecimento

# Revista da Cavalaria

e o Adjunto, sempre que estes não estejam aplicados em missão própria.

Não conseguimos, uma única vez, encontrar uma alusão em que se possa deduzir que o pessoal de informações vá ajudar o de operações. Só a inversa verificamos.

Não nos alongaremos mais nestes comentários que nos parecem ter actualidade, numa altura em que se tem de orientar a instrução, tendo em conta a realidade da motorização e mecanização de grande parte da Cavalaria.

## VI

### Funções do O. I. antes, durante e depois da acção

Já é muito conhecida a sequência no trabalho do S. I. — a pesquisa, o estudo e a difusão —.

O esquema de funcionamento do S. I. nas Unidades de Cavalaria integra-se nesse quadro.

Parece-nos que falar desse trabalho seria repisar numa matéria divulgada, sem se revelar, em contrapartida, vantagens compensadoras.

Julgamos mais produtivo procurar localizar e comentar a acção do O. I. das P. U. Cav. nas três situações em que se pode encontrar a sua unidade: antes, durante e depois da acção. Isto é, regra geral, antes, durante e depois do combate.

#### *Antes da acção*

A sua unidade recebeu uma missão. O Comandante dá a sua ordem baseado nas conclusões do estudo da missão, situação, terreno e meios. O S. I. contribui para ela esclarecendo o comando em relação à situação. Ao S. I. surgem seguidamente múltiplas obrigações.

Tem de se traduzir em actos de pesquisa a necessidade de informação que o comando revela e as ordens recebidas, isto é, há que elaborar o plano de pesquisa e levar aos órgãos próprios as ordens e pedidos resultantes.

A natureza das missões das unidades de Cavalaria conduz muitas vezes a que o aspecto de uma sua ordem de operações mais pareça o de

## Revista da Cavalaria

uma ordem de pesquisa do que o de uma vulgar ordem de operações. Este facto acentua-nos a razão de ser o Comandante o chefe do S. I. e, também, nos revela quão íntimo tem de ser o trabalho do Comandante O. I. na elaboração da própria pesquisa.

É bastante aconselhável que nesta fase o O. I., bem compenetrado da ideia do comando, vá até aos órgãos a accionar, impulsioná-los, esclarece-os sobre a missão atribuída, torná-los o mais possível conscientes da missão a cumprir.

Pode-se esclarecer os subordinados através do parágrafo «situação» da O. Op., de boletins, avisos de informação, esboços, etc. A sua elaboração pertence ao S. I. e, também sempre que possível, é aconselhável completar os esclarecimentos através do contacto pessoal, seja pela vinda dos subordinados ao comando, seja pela ida do O. I. até junto das sub-unidades.

Os observatórios da unidade dependem directamente do O. I., as sub-unidades só dependem tecnicamente dele. Há que dar ordens a uns, há que coordenar a acção de todos no sentido da pesquisa marcado pelo comando. Nova função do O. I. que se efectua através do Plano de Observações. Nas acções de movimento, esta coordenação não é fácil de obter, sendo às vezes irrealizável.

Há que dar elementos aos subordinados que lhe permitam saber as condições do terreno em que têm de trabalhar. Este ponto é importantíssimo, muito especialmente, para os elementos que vão actuar a distância. É preciso fornecer-lhe cartas, mosaicos fotográficos, fotografias aéreas, esboços topográficos interpretados, etc., etc. Para que estes elementos possam ser fornecidos, é condição prévia que a tempo tenham sido requisitados.

Se a missão a cumprir implica uma acção em força e se dispõe de tempo, pode-se chegar até à modulação em areia ou cartão da zona em que se vai actuar, assinalando todas as organizações inimigas referenciadas. Este modo de proceder é de encarar nos casos em que unidades blindadas trabalham em acompanhamento ou apoio da infantaria.

É necessário regular o procedimento a ter com os prisioneiros, marcar a latitude que fica a cada escalão para o interrogatório, os locais para onde devem ser enviados, o modo como se efectua a evacuação, etc., etc.

Deve-se também regular o procedimento a adoptar com a documentação apreendida.

Há igualmente que levar ao conhecimento de todos, elementos para o reconhecimento e identificação dos aviões e dos blindados.

## Revista da Cavalaria

Tem de se assegurar a contra-informação, isto é, de regular o serviço de cifra, os códigos, instruir o pessoal sobre as únicas declarações que é lícito fazer em caso de ser feito prisioneiro, a utilização da T. S. F. e, sobretudo, orientar e fiscalizar a camuflagem tão necessária, especialmente, às unidades motorizadas e blindadas tendo em conta a acção aérea.

É imprescindível orientar a montagem das Transmissões. Tem de se assegurar a oportunidade à informação. É axiomático em Tm. que tudo deve estar previsto, pois não se dispõe de tempo, durante a acção para se improvisar. Deste modo e sabendo-se «de que nada valerá a técnica se não for judiciosamente ajustada ao temperamento da Arma e situação que vai servir», tem de se proceder, com a devida antecedência, à adaptação dos meios de transmissão à natureza das ligações necessárias, isto é, à resolução táctica do problema das transmissões. Compreende-se, assim, que seja o O. I. o chefe do S. Tm. da Unidade. O órgão técnico à sua disposição é representado pelo Pl. de Tm. Uma das funções do oficial de Tm. mais intimamente ligada ao S. I. consiste no contróle das nossas transmissões por T. S. F.

Para completar esta longa lista de funções podemos, ainda, citar a obrigação que compete ao O. I. de ser o intermediário entre o Comandante e a população civil, quando em país inimigo.

As funções indicadas para serem bem e oportunamente desempenhadas exigem nesta fase que o S. I. disponha de pessoal habilitado e em quantidade.

É admissível que na efectivação deste trabalho o O. I. tenha de recorrer ao auxílio do pessoal do Grupo de Informação e à cooperação de um ou mais oficiais nos moldes que indicamos quando se tratou do pessoal especializado.

Vejamos, agora, a actuação do O. I. *durante a acção.*

Accionada a pesquisa e iniciada a acção começam a chegar informações, umas pedidas, outras porque o órgão donde emanam achou conveniente levá-las ao conhecimento do seu comando.

Se a acção se desenvolve lentamente, isto é, se nela não primar a característica fundamental da Arma — a mobilidade — não existe para o comando, a todo o momento, a necessidade de decisões rápidas. Neste caso admite-se a clássica intervenção do O. I. na fase do estudo. As in-

## Revista da Cavalaria

formações irão ao O. I. e este leva ao seu Comandante, sempre que ele o deseje ou o O. I. veja essa necessidade, uma síntese da situação, seja escrita (caso menos normal), seja verbal, acompanhada por uma carta informada. Este modo de proceder parece-nos o menos vulgar nas Unidades de Cavalaria.

Mesmo na unidade G. C. é mais de admitir que a interpretação e conclusão das informações resulta quase sempre do binário Comandante-O. I. e que as outras operações do estudo se farão ou não conforme o tempo disponível.

Situemo-nos, agora, no âmbito normal de actuação de uma Unidade Blindada de Reconhecimento.

No Comandante compreende-se uma constante preocupação especialmente pelas informações dos seus Rec., D. D., unidades mais avançadas, etc. É natural que o Comandante dispondo de T. S. F. se encontre metido na rede avançada. O O. I. ou se desloca na mesma viatura que o Comandante ou noutra viatura também provida de T. S. F.

No 1.º caso a cooperação é íntima, no 2.º caso não estamos a admitir que o Comandante no conhecimento das informações que directamente lhe chegam esteja à espera da síntese do O. I. para formar a sua opinião e dar as suas ordens. Parece-nos fugir à realidade admitir tal procedimento. Neste caso o trabalho do O. I. surge-nos com um aspecto essencialmente burocrático, visando a:

- actualizar a carta informada;
- redigir os relatórios de informações a enviar à entidade superior, a tempo e horas;
- assegurar a difusão para as unidades subordinadas das informações que lhe forem úteis;
- levar ao conhecimento do Comandante a informação ou ordem de pesquisa que venham da retaguarda, etc., etc.

Ainda durante a acção é função do O. I. a identificação e interrogatório de prisioneiros e a orientação da pesquisa de documentos.

Concluindo: parece-nos que é nesta fase, execução da acção, que o Comandante toma verdadeiramente as rédeas do S. I. superintendendo nele de uma forma mais directa e pessoal. O O. I. aparece-nos a maioria das vezes, exercendo funções de um adjunto do serviço.

# Revista da Cavalaria

## Depois da acção

Há que continuar com a identificação e interrogatório dos prisioneiros.

Tem de se buscar no campo da acção todos os documentos que o inimigo tenha abandonado.

É necessário fazer o cálculo das perdas que o inimigo teve quer em pessoal quer em material.

É preciso divulgar às entidades interessadas as informações recolhidas, isto é, elaborar relatórios para a U. S. e boletins avisos, etc., para os subordinados.

É necessário actualizar as cartas informadas para o comando.

Tem de se continuar a instrução do pessoal especializado.

Por vezes, há que estabelecer o contacto e regular as relações com os civis no caso de se actuar em país inimigo.

Novamente nos encontramos em presença de um somatório de trabalhos, que embora orientados nas suas linhas gerais pelo Comandante, são função quase exclusiva do O. I. e dos seus auxiliares.

Pertence, também, ao S. I. das P. U. a missão informativa referente às próprias tropas da Unidade. Este duplo aspecto da informação visando o inimigo e os nossos próprios elementos é apanágio exclusivo do S. I. das P. U. Nas G. U. pertence à 1.<sup>a</sup> Rep. dos Q. G., isto é, ao elemento que trata das operações.

## VII

### Conclusões

Sintetizando, pretende-se com este artigo:

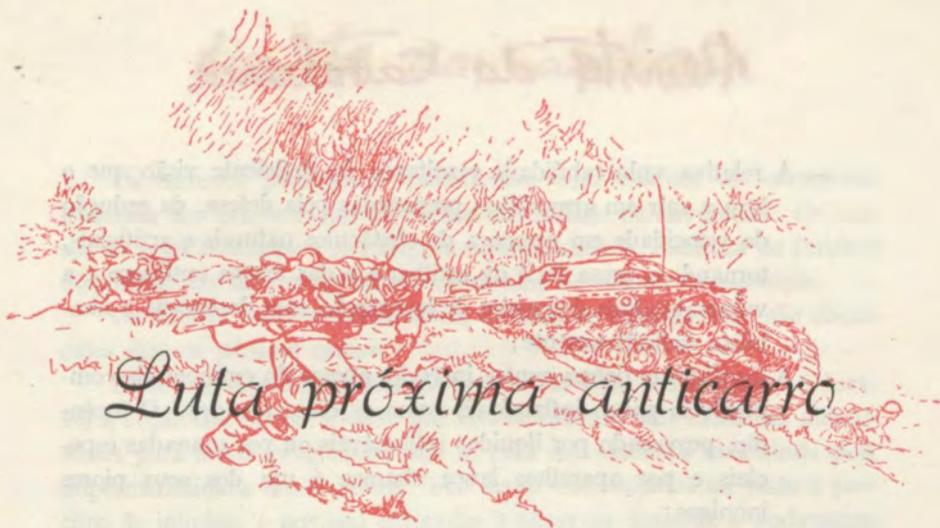
- assinalar a necessidade de se publicar o Regulamento de Informações da Cavalaria;
- mostrar que o S. I. na Cavalaria apresenta certos aspectos distintos dos das outras Armas, resultantes, fundamentalmente da principal característica da Arma — a mobilidade;
- chamar a atenção para alguns aspectos da instrução, tendo em atenção o actual processo de emprego das Unidades Blindadas;

# Revista da Cavalaria

- mostrar a importância relativa do trabalho do O. I. nas diferentes fases de actuação e o seu verdadeiro papel, o qual requer muita sociabilidade e muito bom senso;
- situar as relações entre o O. I., o seu Comandante e os diferentes órgãos de informação a que pode recorrer.

*Por último fazemos sinceros votos que outros criticando, apresentando novas ideias, preenchendo as lacunas existentes neste artigo, contribuam para a sua principal finalidade: o aperfeiçoamento da organização e funcionamento do S. I. na Cavalaria.*





## Luta próxima anticarro

pelo Alferes JORGE VICENTE

**N**o campo de batalha onde os adversários procuram obter a supremacia dos seus fogos, apareceu o carro de combate, baluarte moral, vomitando metralha, indiferente aos projecteis que mal lhe arranhavam a couraça.

Como resultante reacção, não se fez demorar o aparecimento da arma que destruiu a blindagem, começando, assim, a luta entre a bala e a couraça.

O carro aparece com novas características, servindo-se do seu reduzido tamanho, oferecendo um pequeno alvo, da sua mobilidade para manobrar com maior rapidez e as armas procuram a maior potência dos seus projecteis para furarem as blindagens que por sua vez vão aumentando de espessura.

Apesar de todos os aperfeiçoamentos o carro de combate não atinge ainda o tipo ideal capaz de desempenhar todas as missões no campo de batalha, apresentando um certo número de deficiências, que são outros tantos pontos fracos que a defesa explora para os combater.

Assim:

- A limitada capacidade de visão, força-o a reduzir a velocidade de marcha para executar o tiro com precisão;
- As precárias condições de audição, em parte remediadas pelo emprego da T. S. F. limitam o alcance das suas missões;

## Revista da Cavalaria

- A relativa vulnerabilidade resultante da deficiente visão que o leva a cair em armadilhas preparadas pela defesa, da redução da velocidade em presença de obstáculos naturais e artificiais, tornando-o presa fácil da artilharia e das armas anticarro e a vulnerabilidade dos meios de locomoção cuja destruição o imobiliza definitivamente ;
- A insuficiente defesa contra incêndio apesar do emprego de combustíveis pouco inflamáveis como os óleos pesados. O incêndio, provocado por líquidos inflamáveis ou por granadas especiais e por aparelhos lança chamas é um dos seus piores inimigos ;
- A incapacidade do carro para ocupar terreno obriga-o, quando o pretende fazer, a imobilizar-se numa região exposta às vistas do inimigo e sujeito à destruição pela artilharia.

O obstáculo que detém ou faz diminuir o andamento dos carros é um elemento da maior importância na defesa anticarro, por manter por mais tempo os blindados sujeitos à acção dos fogos de defesa, devendo-se combinar judiciosamente a acção dos fogos com a dos obstáculos, visto o tiro contra engenhos blindados ser particularmente eficaz quando estiverem parados ou se deslocarem com velocidade reduzida.

Além dos obstáculos e dos fogos das armas, apareceram na última guerra os caçadores de carros, homens preparados para uma luta em que a agilidade, a inteligência e a vontade de vencer se medem com a potência dos engenhos blindados.

Portanto, os meios de que dispomos para a luta contra os carros são:

- Os obstáculos ;
- As armas ;
- Os caçadores de carros.

Vamos começar, em primeiro lugar, pelo estudo dos obstáculos. Sempre que seja possível devemos aproveitar os obstáculos naturais. Os bosques e as aldeias são posições que devem ser ocupadas porque as suas orlas oferecem cobertos para abrigos das armas anticarro. A progressão dos engenhos blindados nestes locais só poderá fazer-se com grande dificuldade sendo bastante reduzido o efeito moral, pois o combatente tem assegurada a retirada através das matas ou dos escombros.

# Revista da Cavalaria

Os terrenos pedregosos, pantanosos, com charcos ou cortaduras oferecem aos carros maior ou menor dificuldade de circulação. Os cursos de água conforme a sua largura e profundidade, natureza do fundo e disposição das suas margens são obstáculos de custosa transposição.

Os taludes, aterros e desaterros, quando de envergadura, são obstáculos difíceis para os carros.

E, se um terreno medianamente coberto é no seu conjunto favorável à acção dos carros, é certo que eles encontram nele bastantes dificuldades para a sua progressão, não só pela sua extensão mas ainda pela impermeabilidade dos cobertos. São assim embaraçados na visão e procura do inimigo, e por isso obrigados a parar ou diminuir o andamento para poderem observar e atirar.

É ainda de temer a organização defensiva destas zonas que ficam bem camufladas e por isso a facilidade de caírem numa armadilha.

Assim, a utilização dos diversos obstáculos que o terreno nos oferece é um complemento indispensável a toda a organização contra blindagem.

Porém, quando o terreno não nos oferece um obstáculo seguro procuraremos cobrir-nos com obstáculos artificiais, que requerem, de um modo geral, de muito tempo e muito trabalho para a sua execução, acrescentando que, em regra, não são intransponíveis.

Estes obstáculos podem classificar-se em quatro grupos, baseados:

- Na dificuldade de transposição ou de derrubamento: fossos, trincheiras, escarpados, abatizes, barricadas, campos de vigas ou de carris, cavalos de frisa e muros ou blocos de betão;
- Na dificuldade de progressão: redes de fios de ferro, rolos de arame e campos de estacas;
- Na vulnerabilidade nos meios de locomoção: minas anticarro;
- Na deficiente capacidade de visão: armadilhas.

Analisemos agora, de uma maneira geral, cada tipo de obstáculos:

*Fossos* — São obstáculos eficazes quando a sua largura exceda metade do comprimento dos carros em pelo menos 50 cm., quando a sua profundidade for igual à altura da proa do carro mais cerca de 50 cm. e quando o talude posterior tenha uma inclinação superior a 70.º

## Revista da Cavalaria

Como o volume da terra a remover é grande, exigem elevada mão de obra e muito tempo, podendo ser destruídos pela artilharia que lhes desmorona os taludes e as tropas de sapadores podem inutilizar a sua acção construindo rampas e enchendo-os com faxinas ou terras.

Podem ser de perfil triangular ou trapezoidal.

O fosso triangular de mais fácil execução não impede que os carros se safem em marcha atrás não sucedendo isto em fosso trapezoidal.

Os fossos devem ser batidos pelas armas automáticas de defesa, tanto quanto possível dissimuladas para aumentar o seu valor.

*Trincheiras* — As trincheiras existentes, podem ser aproveitadas para criar fossos contra os carros.

A adaptação do perfil das trincheiras ao do fosso realiza-se alargando-o e profundando-o quando necessário.

*Escarpos* — Constituem obstáculos anticarro quando tenham a altura, pelo menos, igual à profundidade dos fossos correspondentes e o seu talude quase vertical.

*Abatizes anticarro* — Este obstáculo só é praticável e eficaz em estradas e caminhos que atravessem zonas arborizadas, contendo árvores de diâmetro superior a 30 cm. Os abatizes devem ter de 50 m. a 100 m. de profundidade e uma altura de 2 m. a 6 m.

Para dificultar a remoção das árvores e aumentar a solidez dos obstáculos ligam-se nos cruzamentos com arame de ferro de 3 a 5 mm. de diâmetro. Pode ser reforçado por pequenas cargas explosivas ou minas, colocadas nos intervalos dos troncos quando a distância entre as árvores deixem abertas passagens para os carros e por outras cargas colocadas à frente e atrás do obstáculo para dificultar o seu levantamento.

Os abatizes combinados com minas são obstáculos muito eficazes.

*Barricadas* — Empregam-se nos pontos de passagem obrigatória, de pequena extensão, normalmente nas vias de comunicação, sobretudo a coberto de curvas apertadas nos aterros e trincheiras e nas entradas das povoações e tanto quanto possível dissimuladas.

As barricadas só podem considerar-se eficazes quando tiverem altura superior à de transposição dos carros e forem bastante sólidas para que aqueles as não possam demolir ou deslocar. Como podem ser transpostas com o auxílio de rampas devem conjugar-se sempre com o fogo das armas anticarro.

*Campos de vigas ou carris* — São constituídos por vigas ou carris dispostos em xadrez, inclinados para o inimigo e salientes do terreno

## Revista da Cavalaria

1 a 2 m. Para evitar que os carros os derrubem são embebidos em fundações de betão.

O intervalo entre as vigas e os carris deve ser inferior à largura dos carros e a distância entre fiadas a não permitir a manobra daqueles.

Normalmente só se empregam nos trabalhos de fortificação permanente.

*Cavalos de frisa anticarro* — São obstáculos contra carros ligeiros normalmente reforçados por minas. Podem construir-se com troncos de árvores de diâmetro igual ou superior a 30 cm., ligados fortemente com arame de ferro de 3 a 5 mm. Dispondo-se de carris ou vigas de ferro constroem-se cavalos de frisa de muita solidez.

*Muros e blocos de betão* — Estes obstáculos de grande valor, dificilmente destruídos pelos fogos da artilharia, exigem muito material e mão de obra.

A altura dos muros varia em função das características dos carros a temer.

Os blocos de betão têm a forma paralelepípedica ou de troncos de pirâmide de base quadrada.

*Rede de fio de ferro anticarro* — São constituídas por estacas dispostas em xadrez com o afastamento de 2 m. entre eixos suportando fios de ferro com disposição análoga à dos fios das redes de arame farpado contra tropas, suprimindo o fio horizontal inferior.

Convém utilizar fio de diâmetros diferentes um de 5 a 10 mm. de diâmetro, de elevada resistência ao corte e outro fino que depois de cortado se introduza nos eixos dos tréns de rodagem tornando difícil a marcha dos carros.

*Rolos de arame liso e farpado* — São constituídos por arame resistente de 3 a 5 mm. de diâmetro, liso ou farpado, aplicando-se como as concertinas. O arame destes rolos arrancado pelos carros quando avançam, prende-se, enrola-se e emaranha-se nos órgãos de locomoção tornando a progressão lenta e difícil.

Colocam-se em grupos de 6 filas numa profundidade de 50 m. Os locais onde se estabelecem não devem ser facilmente observados sendo de aconselhar curvas apertadas, zonas acidentadas, etc.

*Campos de estacas* — São constituídos por estacas com 25 a 30 cm. de diâmetro, enterrados 2 a 2,5 m. ficando salientes do terreno cerca de 45 a 75 cm. São dispostas em xadrez com intervalos de 1 m. entre as estacas de cada fiada e de 1,20 m. entre fiadas de estacas. Pretende-se com estes obstáculos forçar o carro a perder o contacto com o solo, retardando a sua progressão.

## Revista da Cavalaria

*Minas anticarro* — As minas anticarro, embora não visem directamente a destruição dos carros, possuem carácter ofensivo porque podem avariar ou inutilizar os órgãos de locomoção immobilizando-os sob a acção dos fogos de defesa até à sua destruição.

As minas empregam-se em campos de minas, que podem ser enterradas ou à superfície.

Para aumentar as dificuldades da sua neutralização os campos de minas devem escalar-se em profundidade, e com o fim de evitar desastres, devem ser convenientemente assinalados.

Os campos de minas utilizam-se para fechar aberturas nos principais obstáculos que constituam a cobertura de uma posição defensiva; para cobrir o limite avançado da posição defensiva ou da zona principal da artilharia quando não haja obstáculos naturais; para constituir cinturas de protecção em volta dos centros de resistência, para destruir passagens obrigatórias ou barricar estradas, tapar brechas que o inimigo tenha aberto nos obstáculos e para canalizarem o ataque.

As minas devem ficar dissimuladas, devendo-se dar ao campo o aspecto que tinha antes de serem colocadas.

*Armadilhas anticarro* — São baseadas na limitada capacidade de visão dos carros e são constituídas por obstáculos ocultos e em pontos prováveis da sua passagem ou por minas devidamente dissimuladas e conjugadas ou não com aqueles obstáculos.

As armadilhas podem ser simples ou com explosivos.

As armadilhas simples são, em regra, escavações de perfil trapezoidal de dimensões correspondentes à dos fossos anticarros abrangendo toda a largura da passagem que se pretende interdizer cobertas com tábuas ou taipas.

Sobre esta cobertura, que se apoia numa armação de resistência inferior ao peso dos carros colocam-se materiais necessários à sua dissimulação.

Nas armadilhas com explosivos empregam-se, em geral, minas bem dissimuladas, que podem aplicar-se em dispositivos muito variados, como obstáculos ligeiros, tais como: cavalos de frisa ou pequenas barricadas dispostas de maneira a confundirem-se com obstáculos contra tropas conjugadas com minas que se colocam dentro ou fora deles, devidamente dissimuladas, ou dispositivos com fios atravessados nos caminhos ou estradas e ligados às minas. O carro ao passar arrasta o fio e provoca a explosão da mina.

Com os meios acabados de descrever procura-se parar o carro ou obrigá-lo a diminuir o andamento, sendo preciso em seguida destruí-lo

## Revista da Cavalaria

ou pelo menos causar-lhe avarias que o ponham fora de combate. Para isso servimo-nos das:

- Armas automáticas;
- Lança-granadas anticarro;
- Canhões anticarro;
- Artilharia;
- Aviação;
- Carros;
- Lança chamas.

As armas automáticas, apesar da sua bala não furar as blindagens dos carros, não devem ser postas de parte porque executando o tiro sobre os órgãos de visão podem incomodar seriamente as equipagens, quer avariando os periscópios, quer depois de a bala atingir o carro e derreter o chumbo que pode entrar pelas fendas cegando a tripulação.

O lança-granadas anticarro é uma das armas perigosíssimas para os carros a distâncias inferiores a 100 metros em virtude da sua granada de carga cónica que consegue furar blindagens muito grandes provocando dentro do carro uma pressão tal capaz de destruir a tripulação.

Os canhões anticarro utilizando projecteis com grande poder de perfuração e atingindo distâncias muito superiores aos lança-granadas podem pôr os carros fora de combate, quer avariando-lhe as lagartas, quer furando o carro e atingindo órgãos sensíveis como o motor, depósito de gasolina, etc., ou atingindo as munições provocando o seu rebentamento.

A artilharia é muito eficaz especialmente fazendo bombardeamento sobre concentrações de blindagens.

A artilharia antiaérea fazendo fogo terrestre contra blindados obteve os melhores resultados no decorrer da última guerra.

A aviação actuando ou por bombardeamentos também sobre concentrações de blindados ou por intermédio de aviões armados com canhões anticarro também teve grande êxito na última guerra tendo em conta que as blindagens superiores dos carros são sempre inferiores às blindagens laterais e frontais e, conseqüentemente, mais fáceis de destruir.

Os carros sempre foram e continuam a ser os piores inimigos que os carros encontram no campo de batalha.

Dispondo das mesmas vantagens e dos mesmos inconvenientes a superioridade irá para os mais blindados para os mais poderosamente armados e para os mais rápidos.

## Revista da Cavalaria

Os lança-chamas quer manejados por homens, quer montados em carros lança-chamas são dos maiores inimigos dos carros tendo em conta a dificuldade que os carros têm em se defenderem dos incêndios.

Como vemos, apesar de já serem numerosos os inimigos dos carros, mais um surgiu no decorrer da última guerra: o caçador de carros.

Os caçadores de carros nasceram da necessidade de combater os carros em qualquer ocasião e em qualquer ponto que apareçam, pois é sabido que não desemboca somente onde existem armas anticarro.

Infiltram-se por todos os sítios e qualquer homem pode encontrar-se súbitamente em face de um tal engenho, tanto o soldado do trem como o combatente da primeira linha.

Por isso o combatente, mesmo isolado, pode ter que destruir um carro de combate.

Para que o homem possa alcançar êxito na luta individual contra os blindados é necessário que possua em alto grau um certo número de qualidades: coragem, sangue frio, espírito de sacrifício e agilidade e que saiba utilizar o terreno e conhecer os pontos fracos do inimigo para poder tirar o máximo de vantagem e, finalmente, que esteja dotado com um certo número de meios de acção precisos para essa luta.

São de três espécies os meios de acção para a luta próxima anticarro:

- Cegadores;
- Incendiários;
- Explosivos.

Os meios cegadores são destinados a impedir a visão já de si difícil da guarnição do carro. Os mais usuais são:

- Granadas de fumo lançadas à mão ou com lança-granadas;
- Cartuchos luminosos lançados a curta distância, sobretudo de noite, com pistolas de sinais sobre as fendas de visão e periscópios;
- Garrafas de líquidos fumígenos que produzem em contacto com o ar, por fractura do recipiente que o contém, uma espessa nuvem de fumo.

Normalmente são, além disso, corrosivas, atacando os metais, podendo deteriorar as armas dos carros.

## Revista da Cavalaria

Os fumos são os mais eficientes destes meios, sobretudo para carros que como o Valentine, tiram o ar para o arrefecimento do motor da própria torre o que faz com que a torre se encha de fumo aspirado o que é tanto mais desvantajoso quanto esse fumo pode ser irritante a tal ponto, que a tripulação, não o podendo suportar, tenha de abandonar o carro, se não consegue sair da nuvem de fumo.

Podem improvisar-se meios cegadores com garrafas de cal que se partem contra os vidros das janelas de visão e periscópios.

Os meios incendiários são pouco eficientes contra os carros modernos em que se estudou cuidadosamente a defesa contra incêndios e, sobretudo, quando empregam um carburante dificilmente inflamável como o gazoil.

No entanto, uma garrafa de gasolina lançada no tubo de escape pode incendiar um carro.

Uma garrafa com duas partes de azeite, outra de óleo e uma de gasolina lançadas entre as fendas de ventilação do motor pode produzir o mesmo resultado pois a mistura aspirada incendeia-se quando chega ao motor.

Os meios explosivos utilizados mais vulgarmente são as minas anti-carro e cargas explosivas especiais. Estas cargas são munidas de um dispositivo, um gancho que permite fixá-las sobre o carro para não caírem com os movimentos deste. Tipos especiais de cargas estão munidos de ímans para a fixação a qualquer ponto da blindagem.

Estas cargas funcionam em geral por um frictor que provoca o rebentamento com atraso de alguns segundos, necessários para o atacante se pôr a salvo.

Amarrando várias granadas de mão com cordas ou arames em torno de uma haste de madeira consegue-se improvisar uma carga explosiva que se faz rebentar fazendo fulminar a espoleta de uma delas o que faz deflagrar as outras por simpatia.

Embora a acção final seja executada, em regra, por um só homem, convém que os caçadores de carros trabalhem em equipe coordenando os seus esforços.

Para isso constituem-se esquadras de pessoal escolhido e devidamente treinado.

A composição das esquadras varia indo o seu número de dois a cinco homens. Em regra, um graduado que é o comandante da esquadra, um destruidor que coloca os explosivos no carro, um protector armado de pistola metralhadora ou de metralhadora ligeira e um ou dois municidores, formam a esquadra de caçadores de carros.

# Revista da Cavalaria

Dentro da esquadra não há especialização. O homem que se encontra melhor colocado em relação ao carro inimigo e ao terreno tenta o ataque e os outros esforçam-se por inteligentemente e audaciosamente o auxiliarem, chamando a atenção da tripulação do carro, cegando-a, etc.

As esquadras devem embuscar-se em pontos de passagem obrigatórios ou de paragem ou diminuição forçada de velocidade (obstáculos naturais ou artificiais), zonas cobertas ou acidentadas, povoações, etc.

Supondo o caso mais difficil do carro em movimento a acção contra ele compreende 3 fases:

- 1.<sup>a</sup> fase — deter o carro;
- 2.<sup>a</sup> fase — cegar a tripulação;
- 3.<sup>a</sup> fase — destruir o carro.

Deve notar-se que a ordem das duas primeiras fases nem sempre é a indicada, pois muitas vezes é preciso cegar a tripulação para poder a curta distância deter o carro pelo ataque aos seus órgãos de locomoção e outras vezes uma feliz oportunidade corajosamente aproveitada, permite saltar sobre um carro em andamento e destruí-lo sem previamente o deter.

## *Detenção do carro.*

Obtém-se pela acção contra as lagartas e rodas motoras, partes mais vulneráveis dos órgãos de locomoção, cuja inutilização causa a imobilidade do carro.

Para este fim podem usar-se vários processos.

Em pontos e corredores de passagem obrigatória, ruas, etc., pode empregar-se o seguinte expediente: dois homens abrigam-se em dois poços estreitos e profundos pegando na extremidade de uma corda onde se amarram de meio em meio metro, minas anticarro. Quando o carro surge, os homens, devidamente camuflados, seguem com toda a atenção os seus movimentos e puchando pela corda fazem deslizar uma das minas para a frente de uma das lagartas.

O dispositivo constituído pela corda e pelas minas deve estar bem camuflado e só deve ser móvido quando, pelo movimento do carro, se encontrar já na zona em que a tripulação não tem visibilidade.

Nas ruas em que esta camuflagem não é possível, pode-se colocar o dispositivo encostado a um dos lados da rua e com uma extremidade fixa, e puchá-lo pela outra extremidade manobrada do outro lado da

## Revista da Cavalaria

rua, da janela de uma cave, por exemplo. Assim, há só através da rua uma corda que pode ser fina e as minas colocadas junto à parede chamam menos a atenção. Como não se pode colocar uma mina precisamente debaixo da lagarta o intervalo entre elas deve ser pequeno, ou os percutores das minas devem estar ligados a uma haste metálica que lhes transmita a pressão exercida pelo carro.

Outro processo consiste em empurrar para debaixo da lagarta com o auxílio de uma pá manobrada de uma cova ou cave a mina que a há-de destruir.

Na falta de outro meio pode tentar-se parar o carro introduzindo entre as rodas motoras e a lagarta varas de ferro ou troncos de árvores.

### *Cegamento da tripulação.*

Obtém-se em geral com o emprego dos meios fumígenos já falados.

Deve-se notar que a nuvem de fumo deve formar-se e manter-se sobre o carro o que só se consegue com várias granadas todas bem colocadas à frente do carro ou então pelo emprego do seguinte artifício: Ligam-se duas granadas de fumos ou uma a qualquer outro peso, por um cordel e lançam-se contra o canhão ou antena da T. S. F. à roda da qual o cordel se enrola ficando assim as granadas presas ao carro.

Um soldado que salte sobre o carro, pode cegar a tripulação sem fumígenos, sujando os vidros das fendas de visão com lama ou tapando-os com panos, etc.

O tiro de espingarda e de metralhadora, feitos a curta distância sobre as fendas de visão e os periscópios dificulta igualmente a visão da guarnição.

Para destruir o carro é preciso igualmente que o atacante salte sobre o próprio carro e ainda que conheça os seus pontos vulneráveis, que variam de carro para carro conforme o tipo. A destruição é obtida, em geral, por uma carga explosiva colocada num dos pontos vulneráveis.

Assim, na maior parte dos tipos, a blindagem da parte trazeira que cobre o motor é relativamente fraca. Uma carga explosiva aí colocada pode avariar o motor. Um líquido incendiário derramado no escape ou nas fendas de ventilação do motor pode, como já foi dito, dar origem ao incêndio.

A parte superior da torre é, em geral, fracamente blindada. Uma forte carga explosiva rebentando sobre ela pode, pois, destruir a torre e matar, mesmo pelo efeito do sopro, os seus tripulantes.

# Revista da Cavalaria

Nalguns modelos, a torre apresenta uma saliência. Colocando sob essa saliência uma carga e fazendo-a rebentar, consegue-se fazer saltar a torre ou, pelo menos, avariar o seu dispositivo de rotação, inutilizando-a.

Mesmo sem explosivos especiais um soldado que consiga saltar sobre o carro pode pô-lo fora de combate. Em primeiro lugar, para poder trabalhar à vontade, esse soldado deve evitar que a guarnição possa abrir uma escotilha para se defender a tiro de pistola, depois deve tentar destruir o armamento fazendo explodir uma granada no interior do canhão, o que pode fazê-lo rebentar ou avariar a culatra, procurando inutilizar as metralhadoras, batendo nos canos com as alavancas que os próprios carros transportam amarradas, ou procurando imobilizar a torre introduzindo a ponta de uma dessas alavancas nas juntas entre ela e o corpo do carro.

Em qualquer dos casos e antes de saltar sobre o carro o atacante tem que se aproximar dele.

Esta aproximação deve ser feita utilizando o terreno, pelos ângulos mortos não batidos pelo armamento do carro e com a protecção de fumos e do fogo da esquadra.





# O Serviço Veterinário

## no Escalão Corpo de Exército

pelo Capitão med. vet. SOUSA COSTA

**A** função do Serviço Veterinário em Campanha é essencialmente de duas ordens: uma dizendo respeito aos homens e outra aos animais.

No que diz respeito aos homens, a sua missão é bastante importante, pois é ao Serviço Veterinário que compete não só conservar os rebanhos de reabastecimento, destinados à alimentação das tropas, em bom estado sanitário, para o fim a que se destinam, mas ainda verificar o estado de salubridade de todos os produtos de origem animal que devem ser utilizados por essas tropas. Esta função é exercida nos Centros de Abate e nas unidades e formações.

No que diz respeito aos animais utilizados pelas tropas, é o Serviço Veterinário que toma todas as medidas sanitárias e profiláticas necessárias para lhes assegurar o bom estado sanitário e para assegurar a rápida recuperação dos que se inutilizam temporariamente e que reabastece em material veterinário, siderotécnico e medicamentos as unidades e formações. Esta sua função é desempenhada nas unidades e formações, nas Formações Veterinárias e nos Hospitais Veterinários.

Como todo o serviço, o Serviço Veterinário tem órgãos de direcção e órgãos de execução.

Os órgãos de direcção são desempenhados pelos Chefes de Serviço Veterinário, que em íntima colaboração com a 2.<sup>a</sup> Repartição do Estado

# Revista da Cavalaria

Maior dos Quartéis Gerais das Grandes Unidades, dirige e orienta todo o Serviço Veterinário da Grande Unidade a que pertence, sendo da sua responsabilidade a forma como funciona. É ao Chefe do Serviço Veterinário que compete, em face da Ordem de Operações, propor o emprego e funcionamento do serviço dentro da sua Grande Unidade. Assim, apresentará ao Comando a sua proposta, em que indica a localização da Formação Veterinária da sua Grande Unidade, a forma como são feitas as evacuações, seus itinerários, os reabastecimentos de material veterinário, siderotécnico e medicamentos às unidades e formações, e ainda os reforços em pessoal e material que são necessários para execução dessa sua proposta. Esta, uma vez aprovada pelo Comandante da Grande Unidade, é transcrita na 2.<sup>a</sup> Parte da Ordem de Operações.

Os órgãos de execução, subdividem-se em órgãos de evacuação e de tratamento.

Como órgãos simplesmente de evacuação, temos actualmente, as Formações Veterinárias Divisionárias e de Corpo de Exército, que tomaram modernamente esta designação em substituição respectivamente da Secção Móvel Veterinária e da Secção Veterinária de Evacuação. Estes dois órgãos do Serviço Veterinário funcionavam antigamente também como órgãos de tratamento nas situações tácticas estabilizadas e somente de evacuação nas de movimento. Modernamente a função de tratamento foi-lhe retirada e a sua forma de funcionamento é bastante diferente, circunstância esta que nos levou à elaboração deste trabalho.

Antigamente as unidades e formações nas situações estabilizadas, caso da defensiva estática, montavam enfermarias veterinárias, onde tratavam os solípedes doentes e feridos de rápida recuperação e que em caso de necessidade podiam ser utilizados, evacuando os restantes animais doentes e feridos para a Secção Móvel Veterinária, órgão divisionário do serviço.

A Secção Móvel Veterinária, por sua vez, tratava parte dos animais que para ela eram evacuados e enviava os restantes ao órgão veterinário do Corpo de Exército, Secção Veterinária de Evacuação.

A Secção Veterinária de Evacuação tratava parte dos solípedes que recebia e evacuava os restantes para o Hospital Veterinário de Exército.

Modernamente e segundo a última palavra do I. A. E. M., já assim não acontece. As unidades e formações, nas situações tácticas estabilizadas, montam da mesma forma as suas enfermarias veterinárias onde da mesma forma tratam os solípedes doentes e feridos nas mesmas condições em que tratavam, evacuando os restantes para a Formação

# Revista da Cavalaria

Veterinária Divisionária. Esta, por sua vez, evacua todos os animais doentes e feridos que recebe, directamente para o Hospital Veterinário de Exército, sem que tenham que passar pelo órgão do serviço veterinário do Corpo de Exército.

A Formação Veterinária do Corpo de Exército deixou, como se disse, de receber solípedes doentes e feridos dos órgãos Divisionários, recebendo somente os solípedes doentes e feridos que lhe são enviados das Unidades dos Elementos não Endivisionados e das Unidades que constituem reservas do Corpo de Exército, solípedes esses que evacuem na totalidade para o Hospital Veterinário de Exército.

Nas situações tácticas de movimento a única modificação que sofre o funcionamento do Serviço Veterinário é nas unidades e formações. Estas deixam de montar enfermarias, para montarem Postos de Socorros.

Tanto a Formação Veterinária do Corpo de Exército, como as Formações Veterinárias Divisionárias montam sempre e em todas as situações tácticas Postos de Socorros Veterinários, que como o seu nome indica, prestam os primeiros socorros aos animais doentes e feridos, evacuando-os em seguida.

Depois destas considerações sobre organização e funcionamento do Serviço Veterinário, na sua generalidade, trataremos do caso especial do seu emprego e funcionamento no Corpo de Exército numa situação de defensiva estática, organização de uma posição defensiva a coberto de uma Segurança Afastada, constituída por tropas de cobertura reforçadas com Destacamentos Avançados.

Assim, a um C. E., constituído por três Div. em linha, fazendo parte de um Exército, foi-lhe confiada a missão de organizar e defender uma Posição de Resistência, cuja instalação, como já se disse, é feita a coberto de uma Segurança Afastada, constituída pelas Forças em Cobertura reforçadas com Destacamentos Avançados.

A missão da Segurança Afastada era retardar a progressão das Forças Inimigas, manobrando em retirada ou defensiva móvel, por forma que aquelas forças não possam entrar em contacto com a posição de resistência antes de determinado dia.

Temos uma segurança afastada a cargo dos Destacamentos Avançados, na constituição dos quais entram os Grupos de Corpo e das três Divisões do C. E., além de várias outras unidades, geralmente transportadas. Esta Segurança Afastada pertence ao C. E. e como tal está na dependência do mesmo, tanto para as evacuações, como para o reabastecimento.

## Revista da Cavalaria

As suas unidades, dotadas de Serviço Veterinário, como a sua acção é de manobra em retirada, montam Postos de Socorros Veterinários, onde tratam, e donde são evacuados todos os solípedes doentes e feridos para a Formação Veterinária da Grande Unidade de que dependem, neste caso, do C. E. Esta Segurança Afastada actua a grande distância da Formação Veterinária para onde têm que evacuar os seus solípedes e estas evacuações, desde que tivessem que ser feitas pelos seus meios, teriam que ser necessariamente morosas visto que as distâncias a percorrer são grandes. Para evitar este inconveniente, a Formação Veterinária do C. E. destaca para a frente da Posição de Resistência pessoal e material destinado a montar um Posto de Transbordo, destinado a receber os solípedes doentes e feridos que as unidades da Segurança Afastada tenham que evacuar. Uma vez entregues neste Posto de Transbordo, são evacuados para o Posto de Socorros Veterinário da Formação Veterinária do C. E., que por sua vez os evacua para o Hospital Veterinário de Exército.

As unidades e formações das Divisões, montam nesta situação táctica, as suas Enfermarias Veterinárias que recebem, tratam e evacuaem os solípedes doentes e feridos para os Postos de Socorros da Formação Veterinária Divisionária respectiva. Estas Formações Veterinárias Divisionárias evacuaem todos os doentes e feridos que recebem, não para a Formação Veterinária do C. E., como acontecia antigamente, mas directamente para o Hospital Veterinário de Exército.

A Formação Veterinária do C. E., além do Posto de Transbordo a que me referi e que se destina exclusivamente à Segurança Afastada, monta também um Posto de Socorros Veterinário, que recebe os animais doentes e feridos do Posto de Transbordo, mas ainda os que lhe são enviados das unidades dos Elementos não Endivisionados e por vezes até das unidades em 2.<sup>a</sup> linha ou reserva, evacuando-os depois todos para o Hospital Veterinário de Exército, como já atrás ficou dito.

As Formações Veterinárias de C. E. e Divisionárias, reabastecem de material veterinário, siderotécnico e medicamentos, nos casos urgentes e imprevistos, as unidades e formações da Grande Unidade a que pertencem.

O progresso das várias ciências, bem como a invenção de novos mecanismos, têm em todos os tempos originado aperfeiçoamentos sensíveis na maneira de fazer a guerra, embora esses aperfeiçoamentos só muito lentamente tenham tomado expressão.

Assim, a aviação empregada pela primeira vez na guerra de 14-18, só no final desta, executou missões de bombardeamento, mas de envergadura relativamente reduzida.

Continuando a progredir rapidamente, foi empregada numa escala mais ampla na guerra civil de Espanha, igualmente em missões de bombardeamento (além de outras, é claro), para suprir em parte, a escassez de artilharia das forças em presença.

Deste modo e em virtude do incremento por ela adquirido, uma nova arma surgiu — a arma aérea — e a guerra, que até então apenas se fizera na terra e no mar, passou a fazer-se igualmente na atmosfera.

Intimamente ligado ao progresso da aviação, a que atrás se faz referência, é em 1935 pela primeira vez preconizado o seu emprego no transporte de tropas, nas manobras levadas a efeito pelo exército russo na região de Kiev; nestas manobras o objectivo era a ocupação de um aeródromo, situado na retaguarda das linhas inimigas por pára-quedistas, os quais preparavam a descida de aviões transportando tropas, sendo o resultado bastante satisfatório.

Não obstante a descrença com que este primeiro ensaio foi acolhido pelas restantes nações, o Estado Maior russo prosseguiu nas suas experiências, confirmando durante estas, as conclusões favoráveis a que inicialmente chegara. E perante isso, outras potências, como por exemplo



## TRANSPORTE AÉREO DE TROPAS

### Treino de pára-quedistas

pele Tenente MENDES DA SILVA

## Revista da Cavalaria

a França e a Alemanha, deliberaram encarar o problema mais a fundo, atribuindo de início às forças de pára-quedistas a missão de ocuparem aeródromos para futuras descidas de aviões de transportes de tropas e mais tarde, a da destruição de pontos importantes na retaguarda inimiga, tais como linhas de comunicações, centrais eléctricas, defesas antiaéreas, etc., missões semelhantes, portanto, às executadas pelas patrulhas de cavalaria lançadas igualmente sobre a retaguarda das linhas inimigas, durante a guerra de 14-18.

Data de 1936, o emprego do avião como transporte de tropas em campanha, quando no início da guerra civil, o Generalíssimo Franco a ela teve que lançar mão, para fazer a travessia do estreito de Gibraltar, uma vez que a presença de forças navais inimigas, o impossibilitava de fazer a referida travessia pelo mar.

Quando a Alemanha e a Itália, decidiram ocupar a Áustria e a Albânia, respectivamente, de novo a aviação desempenhou papel importante no transporte de forças militares; convém, no entanto, frisar, que a sua actuação foi em qualquer dos casos bastante facilitada, pela convivência das populações dos países ocupados que nada fizeram para impedir o desembarque.

Todavia, foi com o advento da última Guerra, que o emprego das forças aerotransportadas mais se desenvolveu; pela primeira vez, foram utilizadas em campanha as forças pára-quedistas, inicialmente pelo exército alemão e mais tarde pelos russos, ingleses, etc.

A princípio foram os pára-quedistas empregados em operações de pequena envergadura, tais como destruições de defesas antiaéreas, instalações eléctricas e de gás, etc. operações caracterizadas essencialmente pela surpresa e pelo emprego de elementos combatentes em quantidade não muito elevada. Mais tarde, foram postos à prova em operações de maior amplitude, mas então surgiu em proporções mais alarmantes, uma dificuldade que já anteriormente se verificara existir: a relativa facilidade, com que os pára-quedistas eram reduzidos à impotência pelos elementos inimigos, quando impossibilitados de qualquer defesa, eram por estes alvejados antes mesmo de chegarem ao solo. Removeu-se este obstáculo, fazendo anteceder os aviões que os transportavam, de vagas de bombardeiros, que metralhando as posições inimigas estabeleciam o pânico entre os seus defensores, permitindo, portanto, que a descida dos pára-quedistas e a sua acção, uma vez chegados a terra firme, se fizessem em condições nitidamente superiores.

Durante a guerra que findou foram dignas de menção as operações levadas a cabo pelos pára-quedistas e forças aerotransportadas alemãs

## Revista da Cavalaria

na Noruega, operações caracterizadas em especial pela surpresa com que presidiu à sua execução. No ataque à ilha de Creta, de novo as forças transportadas em aviões e planadores tiveram papel de muito relevo, tanto mais que a colaboração da Marinha de Guerra alemã na ocupação da referida ilha, apenas se verificou quando uma parte dela já se encontrava em poder das forças aerotransportadas.

A Grã-Bretanha também constituiu durante a guerra unidades desta natureza, que mercê de um treino sob todos os aspectos completo, deram valiosa contribuição para a vitória final dos aliados.

São de mencionar entre outras acções, as do «Raid» ao Quartel General de Rommel, na Líbia, da destruição da estação Rádio Emissora de Broneval e, sobretudo, a quota parte notável, havida pelos pára-que-distas e tropas transportadas em aviões e planadores rebocados por estes, na ofensiva contra o continente, que iniciou por assim dizer a fase decisiva da guerra.

A par destas, outras operações houve, em que o emprego das forças aerotransportadas não foi coroada do êxito pretendido, mas os fracassos então verificados devem ter sido resultantes de vários erros cometidos no emprego táctico dessas Unidades (guerra Russo-Finlandesa).

Feita em traços largos a história das forças aerotransportadas e sua participação na guerra finda, vejamos agora em que consistia o treino do corpo de pára-que-distas do Exército Britânico. Considerada como era uma unidade de elite, os pára-que-distas britânicos recrutavam-se entre voluntários, cujas idades oscilavam entre os 19 e os 30 anos e aos quais eram exigidos, não só um elevado grau de aptidão física, como também uma inteligência superior à normal.

Submetidos, portanto, a inspecção rigorosíssima, eram os recrutas remetidos para um acampamento próprio, onde iniciavam o seu treino altamente especializado. A aprendizagem da descida em pára-que-das comportava fases diversas, desde o balouçar-se devidamente equipado do tecto de um ginásio, até ao salto dado pelo recruta com o seu pára-que-das de um avião em pleno voo, passando naturalmente por outras fases intermédias como o ensino da maneira correcta de saltar, saltos de fuselagens fixas, saltos de balões cativos e de torres apropriadas, etc.

Uma das lições mais importantes recebidas pelos pára-que-distas, respeitava à maneira como deviam guiar o pára-que-das, de modo tal que caíssem tão perto quanto possível dos seus camaradas, e ainda a desembaraçarem-se rapidamente do aparelho uma vez chegados ao solo.

Nisto consistia o treino da descida em pára-que-das; assim ele, nada mais era que um meio de que os homens se serviam para atingir

## Revista da Cavalaria

o campo de batalha e uma vez neste, era necessário que os pára-que-  
distas estivessem aptos a cumprir a sua missão, sempre dura e repleta  
dos maiores riscos.

O treino destinava-se, essencialmente, a obter indivíduos dotados  
de certa cultura, resistentes, possuidores de um espírito de iniciativa  
bastante grande e susceptíveis de agirem e pensarem por si próprios.  
Grande parte de tempo era destinada à leitura de cartas e ao estudo  
elementar de várias línguas, em especial o alemão; igualmente eram  
industriados no conhecimento das armas de guerra que utilizavam,  
metralhadoras Bren, carabinas, armas automáticas, etc. e bem assim  
de todas aquelas que porventura pudessem vir a apreender ao ini-  
migo.

Outra parte importante do treino era a sabotagem; destruir instala-  
ções eléctricas, postos de defesa antiaérea, dinamitar pontes, etc., eram,  
além de muitas outras, as operações com as quais os pára-que-  
distas deviam estar perfeitamente identificados, executando-as com a necessária  
rapidez e devendo saber previamente a localização dos pontos vitais ao  
atingirem os objectivos fixados. A preparação física destes homens  
merecia, como é natural, grandes cuidados, pois era indispensável que  
eles fossem não só fisicamente muito rijos, como também dotados de  
grande resistência. Eram submetidos a um treino duríssimo que os con-  
servava num estado de aptidão física permanente. Marchas de cerca  
de 40 milhas completamente armados e equipados, seguidas de travessias  
de ribeiros e de lutas corpo a corpo, eram incidentes para os quais  
tinham de estar preparados.

Outro aspecto de formação destes autênticos super-soldados do exér-  
cito britânico era a iniciativa própria, que se procurava desenvolver ao  
máximo. Deste modo os pára-que-  
distas eram obrigados a fazer extensas  
marchas sòzinhos e desprovidos de recursos, com regresso ao acampa-  
mento em prazo anteriormente estabelecido; durante a noite os homens  
eram lançados em regiões desconhecidas, devendo igualmente compa-  
recer em determinado local à hora fixada.

Uma operação aparentemente desprovida de quaisquer dificuldades,  
mas que realmente carecia de bastante prática, era o acto de embarcar  
nos aviões, pois havia apenas um processo correcto de o fazer e era  
necessário que o exercitassem com muita rapidez.

Atingia tal nível o grau de instrução destes homens, que todos eles  
deviam estar habilitados a assumir o comando de suas secções, pois não  
existindo possibilidade de enviar rapidamente reforços a tropas pára-que-  
distas e sendo primordial nelas, a rapidez de movimentos, a perda de

## Revista da Cavalaria

oficiais ou graduados não devia de forma alguma obstar, à execução do programa estabelecido.

Do que atrás fica exposto poderemos concluir:

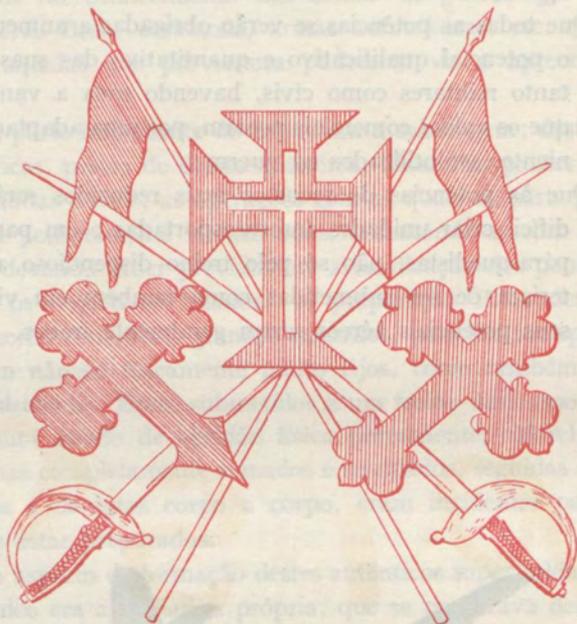
- 1.º — Que o contínuo e rápido progresso da arma aérea dará lugar a que no futuro ela venha a ser utilizada como transporte de tropas, de viaturas e material, de maior volume e certamente em operações de maior envergadura, que até agora;
- 2.º — Que todas as potências se verão obrigadas a aumentar muito o potencial qualificativo e quantitativo das suas aviações, tanto militares como civis, havendo toda a vantagem em que os aviões comerciais possam, por uma adaptação conveniente, ser utilizados na guerra;
- 3.º — Que às potências de recursos mais reduzidos será bastante difícil criar unidades aerotransportadas e em particular de pára-quedistas, não só pelo treino dispendioso a que elas teriam de ser submetidas como também em virtude dos seus potenciais aéreos serem geralmente fracos.



# Revista de Cavalaria

Do que até a este momento pôde ser conhecido, a respeito da organização da Cavalaria, a seguir se expõem os pontos principais que se devem considerar no estudo de sua história e da sua evolução.

Que o estudo da história da Cavalaria deve ser feito em conexão com a história da guerra e da sociedade, e que a evolução da Cavalaria é o resultado da evolução da guerra e da sociedade.



Outro ponto importante a considerar é a importância da Cavalaria na história da guerra e da sociedade, e a sua evolução ao longo dos séculos.

Uma das principais dificuldades que se apresentam no estudo da história da Cavalaria é a falta de fontes históricas que possam fornecer uma visão clara e completa da sua evolução.

Além disso, a falta de fontes históricas torna difícil estabelecer a cronologia exata da evolução da Cavalaria, e a sua importância na história da guerra e da sociedade.



# HIPISMO





## SUMÁRIO

Concursos Hípicos no Norte

*Capitão Reymão Nogueira*

Concurso Hípico de Sintra

*Capitão António Spínola*

Concurso Hípico das Caldas da Rainha

*Capitão Fernando Paes*

Ensino do Cavallo

*Capitão Henrique Calado*



# CONCURSOS HÍPICOS NO NORTE!...

pelo Capitão REYMÃO NOGUEIRA



A notícia da realização do C. H. de Espinho, mais um entre os pouquíssimos que temos, veio alegrar os concorrentes que nele podiam participar.

Dispondo de um campo susceptível de vir a ser bom, e de um público numeroso, atento e interessado, o Concurso de Espinho apresentou-se repleto de boas promessas. Um

bravo aos organizadores e em especial ao ilustre Presidente da Câmara de Espinho que facultou aos concorrentes todas as facilidades, e ao capitão Frazão, o incansável organizador, a braços com as faltas técnicas de uma organização improvisada, que só o tempo poderá resolver satisfatoriamente.

Todos desejamos que para o ano, Espinho se inscreva com a necessária antecedência no calendário hípico, de modo a evitar-se a simultaneidade de datas; e todos prometemos aparecer na popular praia do Norte.

Das provas em si, pouco temos a dizer: Obstáculos um pouco frágeis e reconstituídos, a acusarem o limite de duração e o direito à reforma, uma tribuna insuficiente

## Revista da Cavalaria

para o entusiasmo dos veraneantes e uma vedação simbólica, são os defeitos.

Percursos bem delineados, provas bem escolhidas e o desejo de agradar, são as qualidades que superaram largamente as deficiências apontadas.

### SUMÁRIO

E já que estamos no Norte, ocorre sublinhar-se que é desolador o panorama de abandono a que o Hipismo foi votado do Mondego para cima.

As causas são longas e difíceis de enumerar, mas deve acentuar-se o desinteresse dos «carolas» nortenhos, onde os Ermida, os Ferreira, os Guilhomil e os Margaride parece terem perdido o interesse pelo hipismo.

Ainda muitos somos do tempo do campo do Bessa e recordamos com saudade o belo «encadrement», o entusiasmo, o agradável ambiente desses concursos.

Onde está tudo isso agora? Onde está o aristocrático C. H. do Porto, a que a magra bolsa da rapaziada concursista emprestou, generosamente, o óbulo da viúva, aliás com menos fortuna do que a bíblica indigente?

Será possível que o concurso hípico, em todo o mundo festa mundana, tanto como reunião de apaixonados, deixe indiferentes as elegâncias nortenhas, ainda a pautarem as suas aparições pelo número de «toilettes» a estrear?

Será possível que os cavaleiros militares e civis de além Mondego, com raras e honrosíssimas excepções, se deixem adormecer pelas sombras do viçoso Norte, sem aparecerem, sem se inscreverem nas competições?

Os civis podem argumentar dificuldades materiais, se bem que, honra lhes seja, haja por lá muito quem gaste com cavalos somas consideráveis.

Mas os militares por que não concorrem? Por que se não inscrevem nas distribuições de montadas que o Ministério da Guerra e do Interior generosamente facultam?

## Revista da Cavalaria

O Norte é bairrista, é cheio de legítimos orgulhos e desinteressa-se das actividades em que não manifesta senão superioridade, ao menos possibilidade de sucesso.

Aqueles que lá vivem, se são da terra, devem também defender os seus pergaminhos; e se o não são devem dar em



*O capitão Fernando Cavaleiro montando a égua Môngua em que ganhou o «Grande Prémio» de Espinho*

troca do fidalgo acolhimento, todo o seu esforço para valorizar a sua terra de eleição.

O Palácio de Cristal tem condições extraordinárias para uma linda realização e as exposições coloniais bem o provaram.

Por que se não há-de organizar aí o próximo concurso hípico?

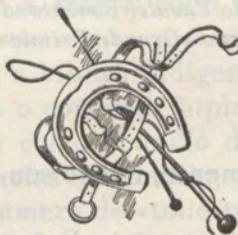
Estamos longe da época própria e agora é que convém pensar nisso, para que tudo se faça e organize com tempo, sem improvisações nem pressas, tanto mais que certamente as entidades oficiais não regatearão o seu apoio.

Falamos do Porto, mas que diremos ainda das Pedras Salgadas, de Viana e da Póvoa do Varzim? ...

## Revista da Cavalaria

E bem falta fazem porque cavalos e cavaleiros de concurso, fazem-se saltando em provas públicas, afinam-se competindo, acalmam-se ganhando, desde que para isso tenham preparação adequada uns, e boas bases técnicas os outros.

Só isso e mais nada, porque habilidade para montar não falta e a técnica vai em bom caminho, como o prova o nível francamente bom, que atingiram os novos, dando todas as garantias de continuidade, num futuro render da guarda, que desejamos sem atritos, os *consagrados* retirando-se sem acrimónia e sem facultarem aos novos o espectáculo da decadência pretensiosa de velhos gaiteiros, os *novos* sem ridículas toleimas ou vaidades, esquecendo lamentavelmente que a equitação é a melhor de todas as escolas de humildade...



# Revista da Cavalaria

## Concurso Hípico de Espinho

### RESULTADOS

#### Prova «Omnium»

(1.<sup>a</sup> Série)

Clas.	Prémios	Cavaleiros	Cavalos
1. <sup>o</sup>	800\$00	Henrique Calado	<i>Caramulo</i>
2. <sup>o</sup>	500\$00	Ribeiro de Carvalho	<i>Maxixe</i>
3. <sup>o</sup>	300\$00	Gonçalves Vaz	<i>Fantoche</i>
4. <sup>o</sup>	200\$00	Rodrigues Mano	<i>Gambuzino</i>
5. <sup>o</sup>	200\$00	Sousa Sanches	<i>Boneco</i>
6. <sup>o</sup>	200\$00	Almeida Fernandes	<i>Borlista</i>
7. <sup>o</sup>	200\$00	Fonseca Sabbo	<i>Zero</i>
8. <sup>o</sup>	200\$00	Rodrigues de Carvalho	<i>Enigma</i>
9. <sup>o</sup>	200\$00	Gonçalves Vaz	<i>Fiado</i>
10. <sup>o</sup>	200\$00	Henrique Calado	<i>Cafoné</i>
11. <sup>o</sup>	200\$00	Rodrigues de Carvalho	<i>Bandeiro</i>
12. <sup>o</sup>	200\$00	Rodrigues Mano	<i>Alvadio</i>

#### Prova «Omnium»

(2.<sup>a</sup> Série)

1. <sup>o</sup>	1.000\$00	Jorge Vicente	<i>Quer Hoje</i>
2. <sup>o</sup>	700\$00	Helder Martins	<i>Optus</i>
3. <sup>o</sup>	500\$00	Fernando Vasconcelos	<i>Castanho</i>
4. <sup>o</sup>	300\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Môngua</i>
5. <sup>o</sup>	300\$00	Travassos Lopes	<i>Abandonado</i>
6. <sup>o</sup>	200\$00	Rodrigo da Silveira	<i>Bajone</i>
7. <sup>o</sup>	200\$00	Brandão de Brito	<i>Falca</i>
8. <sup>o</sup>	200\$00	Henrique Calado	<i>Montijo</i>

#### Prova «Grande Prémio»

1. <sup>o</sup>	4.000\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Môngua</i>
2. <sup>o</sup>	2.500\$00	Rodrigo Silveira	<i>Bajone</i>
3. <sup>o</sup>	1.000\$00	Helder Martins	<i>Optus</i>
4. <sup>o</sup>	800\$00	Jorge Matias	<i>Florido</i>
5. <sup>o</sup>	500\$00	Travassos Lopes	<i>Abandonado</i>
6. <sup>o</sup>	300\$00	Henrique Calado	<i>Montijo</i>

# Revista da Cavalaria

## Prova «Dr. João Moreira»

Clas.	Prêmios	Cavaleiros	Cavalos
1.º	1.000\$00	Rodrigues de Carvalho	<i>Enigma</i>
2.º	800\$00	Ribeiro de Carvalho	<i>Maxixe</i>
3.º	600\$00	Álvaro Frazão	<i>Anabela</i>
4.º	500\$00	Rodrigues Mano	<i>Alvadio</i>
5.º	300\$00	Augusto Lage	<i>Neossine</i>
6.º	200\$00	Henrique Calado	<i>Caramulo</i>
7.º	200\$00	Rodrigues de Carvalho	<i>Bandeiro</i>
8.º	200\$00	Rodrigues Mano	<i>Gambuzino</i>
9.º	200\$00	Fonseca Sabbo	<i>Caneças</i>
10.º	200\$00	Almeida Fernandes	<i>Borlista</i>
11.º	200\$00	Alf. Severo	<i>Canivete</i>
12.º	200\$00	Gonçalves Vaz	<i>Fiado</i>

## Prova «Taça de Honra»

1.º	Rodrigo da Silveira	<i>Bajone</i>
2.º	Fernando Cavaleiro	<i>Môngua</i>
3.º	Helder Martins	<i>Optus</i>

## Prova «Despedida»

1.º	800\$00	Sousa Sanches	<i>Boneco</i>
2.º	400\$00	Mena e Silva	<i>Frigoli</i>
3.º	400\$00	Lopes Mateus	<i>Sagres</i>
4.º	400\$00	Marquês do Funchal	<i>Ebro</i>
5.º	400\$00	Augusto Lage	<i>Neossine</i>
6.º	200\$00	Brandão de Brito	<i>Falca</i>
7.º	200\$00	Ferrand de Almeida	<i>Ávida</i>
8.º	200\$00	Lopes dos Santos	<i>Honesto</i>



# CONCURSO HIPICO DE SINTRA

pelo Capitão ANTÓNIO SPÍNOLA

**R**ealizou-se nos dias 6, 7, 13 e 14 do calmoso mês de Agosto o já tradicional Concurso Hípico da Vila de Sintra.

O deslumbramento dos seus panoramas, a pujança da sua vegetação, as tradições dos seus castelos e paços, a amenidade da sua temperatura e o doce murmurar das águas que brotam das suas fontes, formam um quadro de romanticismo e sonho, que tem dado vasto assunto a escritores e inspirado os nossos maiores poetas.

Torna-se, por isso, particularmente difícil enquadrar neste ambiente de beleza e lenda, qualquer espectáculo que não mantenha elos de continuidade entre o presente e o passado.

Evoluir, sem perder o contacto com os longínquos tempos das segas, das diligências e dos «riperts», eis o condicionamento do progresso da encantadora Sintra.

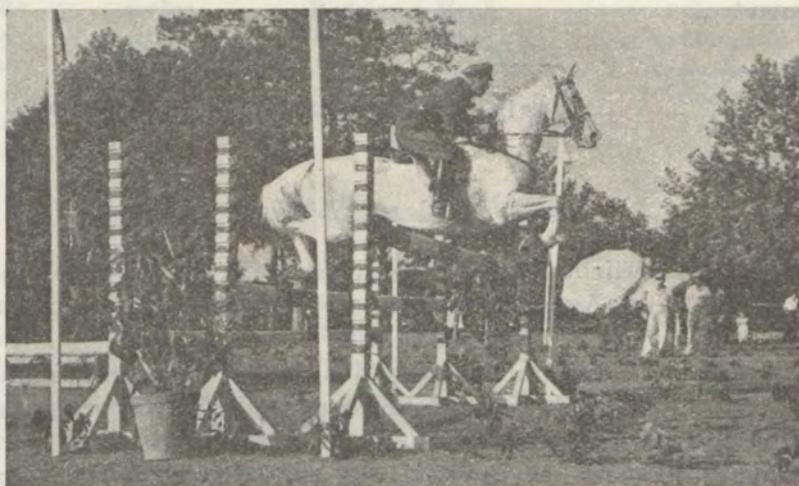
A tradição da cavalaria portuguesa, a nunca desmentida espiritualidade dos seus cavaleiros, a beleza da «arte de bem cavalgar» e o natural encantamento da bela e nobre raça equídea, emprestam ao desporto equestre um misto de tradição, arte e virilidade, que transformam os concursos hípicos em espectáculos tipicamente «castiços», por conseguinte, com óptimas condições de enquadramento na medieval «*Sintria*».

## Revista da Cavalaria

Sabemos ser este o pensamento do Sr. Visconde de Assêca, ao fazer reviver no campo dos Seteais, com pleno êxito, o tradicional Concurso Hípico de Sintra.

E, já que afloramos os meandros das organizações hípi- cas, não podemos deixar de patentear o nosso aplauso à forma criteriosa como é encarada a organização deste Concurso.

Realizar um concurso sem outra preocupação que não seja a da valorização local, é fomentar simultaneamente



*Capitão Correia Barrento montando o cavalo Raso, em que ganhou diversas provas do Concurso*

*turismo* no quadro regional e *hipismo* no quadro do desporto nacional.

Ao Sr. Visconde de Assêca são, por conseguinte, devedores de gratidão, os amantes da formosa Sintra e os cavaleiros portugueses.

\*

Coube a José Carvalhosa o espinhoso encargo de dirigir tècnicamente o concurso.

Se a direcção tècnica de qualquer concurso hípico, quando esta é encarada com critério, não é tarefa fácil, no caso par-

## Revista da Cavalaria

particular de Sintra, há a considerar, ainda, a responsabilidade do enquadramento do campo no panorama da região.

Este ano, José Carvalhosa deu francamente um passo em frente, apresentando percursos, em nosso entender, perfeitos dentro das possibilidades do campo e agradáveis sob o aspecto panorâmico.

Evidentemente, que no traçado dos percursos, não foi possível agradar a todos. As opiniões dos concorrentes encontravam-se divididas.

De resto, não é de admirar tal divergência, dadas as diferenças de temperamentos, possibilidades e ensino das respectivas montadas, através das quais os concorrentes analisam em sentido unilateral os traçados dos percursos.

No entanto, dado o devido desconto aos excessos de individualismo de alguns, ficámos com a impressão de que aproximadamente 50% dos concorrentes achou bem os percursos e a outra parte achou os obstáculos demasiado altos, divergência de opiniões que, quanto a nós, justificaria, não a diminuição das alturas, mas sim a divisão dos concorrentes por duas provas, consoante a categoria dos cavalos.

A manter-se o ritmo de progresso que vem sendo característica do concurso de Sintra, cremos que em 1950 caberá a vez de inaugurar a cronometragem eléctrica e de melhorar o serviço informativo, facto que, a realizar-se, muito valorizará o concurso.

\*

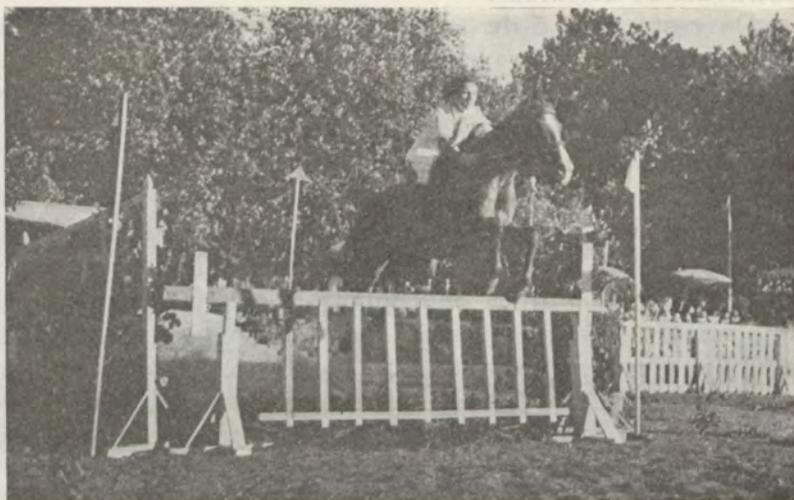
Quanto a resultados técnicos, a nossa atenção foi quase absorvida pelo binário «*Barrento-Raso*» que ganhou todas as provas do Concurso com excepção da prova «*Câmara Municipal de Sintra*» em que se classificou em quarto lugar. Embora se trate de um conjunto favorito do nosso público e já largamente aplaudido em longa carreira desportiva, a «*performance*» de Correia Barrento neste concurso é digna de particular aplauso.

Henrique Calado, classificou brilhantemente os seus novos cavalos *Favorito* e *Caramulo* nos dois primeiros lugares da prova «*Câmara Municipal de Sintra*», vitórias que vieram confirmar a excepcional classe do virtuoso cavaleiro.

## Revista da Cavalaria

A brilhante vitória de D. Helena Assêca na «Prova de Amazonas», foi o justo prémio do esforço dispendido pelo Sr. Visconde de Assêca com a realização do concurso.

A prova de «Parelhas Mistas» disputada entre 12 pares de cavaleiros, foi brilhantemente ganha por Maria Cruz de Azevedo e Manuel Cerqueira, montando respectivamente *Quer Hoje* e *Cabeçalvo*. Esta prova que passou a ser típica



*Helena Assêca, montando Que Foi em que ganhou a Prova «Amazonas»*

do Concurso de Sintra, resultou interessantíssima, tendo sido disputada entre o maior entusiasmo da assistência.

Na noite do último dia de provas realizou-se no casino de Sintra um jantar de homenagem aos concorrentes, presidido por S. M. o Rei de Itália.

Ao jantar, que decorreu em ambiente sob todos os títulos agradável, seguiu-se, nos salões do primeiro andar, uma sessão de variedades, no final da qual se procedeu à distribuição dos prémios aos concorrentes e à oferta de um objecto de arte ao capitão José Carvalhosa, justo preito de agradecimento da Comissão Organizadora ao orientador técnico e grande animador deste simpático Concurso.

# Revista da Cavalaria

## Concurso Hípico de Sintra

### RESULTADOS

#### Prova «Omnium»

Clas.	Prémios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
1.º	1.300\$00	Correia Barrento	<i>Raso</i>	0 1,05 - 1
2.º	800\$00	António Damião	<i>Drawragoo</i>	0 1,06 -
3.º	600\$00	Abrantes da Silva	<i>Joalheiro</i>	0 1,07 - 2
4.º	500\$00	Rhodes Sérgio	<i>Que Foi</i>	0 1,08 -
5.º	400\$00	Pereira de Almeida	<i>Abrunho</i>	0 1,09 - 2
6.º	300\$00	Pimenta de Castro	<i>Radis Rose</i>	0 1,10 -
	300\$00	Rhodes Sérgio	<i>Flama</i>	0 1,10 -
8.º	300\$00	Manuel Cerqueira	<i>Bairrista</i>	0 1,10 - 2
9.º	300\$00	Craveiro Lopes	<i>Acadêmico</i>	0 1,12 - 3
10.º	200\$00	Craveiro Lopes	<i>Buçaco</i>	4 1,09 - 2
11.º	200\$00	Abrantes da Silva	<i>Wessington King</i>	4 1,09 - 3
12.º	200\$00	Pereira de Almeida	<i>Basculho</i>	4 1,12 - 2
13.º	200\$00	António Spínola	<i>Tobruck</i>	4 1,12 - 3
14.º	200\$00	Ferreira Coelho	<i>Florine</i>	4 1,13 - 1
15.º	200\$00	Neto de Almeida	<i>Gaivoto</i>	4 1,14 -
16.º	200\$00	José Carvalhosa	<i>Estemido</i>	4 1,14 - 4

#### Prova «Discípulos»

1.º	Taça	Rui Santos Costa	<i>Febus</i>	0 0,52 -
2.º	»	Eduardo G. Queiroz	<i>Pinguim</i>	0 0,53 - 2
3.º	»	Abel Macedo Basto	<i>Psyché</i>	3 1,12 - 3

#### Prova «Nacional»

1.º	1.300\$00	António Spínola	<i>Tobruck</i>	0 1,15 - 3
2.º	800\$00	Antunes Palla	<i>Bonito</i>	0 1,22 -
3.º	600\$00	Rhodes Sérgio	<i>Que Foi</i>	4 1,13 -
4.º	500\$00	João Mesquita	<i>Vigoroso</i>	4 1,20 -
5.º	400\$00	José Granate	<i>Gaio</i>	7 1,24 - 1
6.º	300\$00	Carlos Granate	<i>Nocivo</i>	8 1,16 - 2
7.º	300\$00	Neto de Almeida	<i>Gaivoto</i>	9½ 1,35 - 4
8.º	300\$00	Abrantes da Silva	<i>Joalheiro</i>	12 1,10 - 1

# Revista da Cavalaria

## Prova «Estrangeiros»

Clas.	Prémios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
1.º	1.300\$00	Correia Barrento	<i>Raso</i>	0 1,09 -
2.º	800\$00	Pereira de Almeida	<i>Abrunho</i>	0 1,13 -
3.º	600\$00	Craveiro Lopes	<i>Académico</i>	0 1,15 - 1
4.º	500\$00	António Damião	<i>Drawragoo</i>	4 1,07 -
5.º	400\$00	Cruz Azevedo	<i>Rama</i>	4 1,07 - 3
6.º	300\$00	Joaquim Leote	<i>Faraó</i>	4 1,09 - 4
7.º	300\$00	Pimenta de Castro	<i>Radis Rose</i>	8 1,08 - 4
	300\$00	Craveiro Lopes	<i>Buçaco</i>	8 1,08 - 4
9.º	300\$00	Rangel de Almeida	<i>Febus</i>	8 1,10 - 3
10.º	200\$00	António Damião	<i>D'Artagnan</i>	8 1,17 - 1
11.º	200\$00	Manuel Cerqueira	<i>Cabeçalvo</i>	8 <sup>1</sup> / <sub>2</sub> 1,31 - 1
12.º	200\$00	Abrantes da Silva	<i>Wessington King</i>	12 1,17 -

## Prova «Amazonas»

1.º	Taça	D. Helena Assêca	<i>Que Foi</i>	0 1,03 - 3
2.º	»	Princesa Mafalda Taxis	<i>Frecha</i>	0 1,04 -
3.º	»	D. Isabel Ribeiro Ferreira	<i>Pinguim</i>	0 1,07 -

## Prova «Caça»

1.º	800\$00	Correia Barrento	<i>Facho</i>	1,09 - 2
2.º	600\$00	Henrique Calado	<i>Caramulo</i>	1,15
3.º	350\$00	Carlos Granate	<i>Nocivo</i>	1,22
	350\$00	Levy Martins	<i>Dardo</i>	1,22
5.º	200\$00	Ferreira Coelho	<i>Faz Tudo</i>	1,24 - 2
6.º	200\$00	José Granate	<i>Gaio</i>	1,27 - 4
7.º	200\$00	António Damião	<i>D'Artagnan</i>	1,29 - 1
8.º	200\$00	Manuel Cerqueira	<i>Cabeçalvo</i>	1,32

## Prova «Grande Prémio de Sintra»

1.º	3.000\$00	Correia Barrento	<i>Raso</i>	0 1,15 - 3
2.º	1.800\$00	Cruz Azevedo	<i>Rama</i>	0 1,20 - 3
3.º	900\$00	Henrique Calado	<i>Favorito</i>	3 1,25 -
4.º	600\$00	Reymão Nogueira	<i>Congo</i>	4 1,22 -
5.º	500\$00	Helder Martins	<i>Optus</i>	4 1,22 - 4
6.º	400\$00	Pereira de Almeida	<i>Abrunho</i>	4 1,23 - 2
7.º	300\$00	José Carvalhosa	<i>Estemido</i>	4 1,28 -
8.º	300\$00	Joaquim Barreto	<i>Selecto</i>	7 1,31 - 4
9.º	300\$00	Joaquim Leote	<i>Faraó</i>	8 1,17 -
10.º	300\$00	Rangel de Almeida	<i>Febus</i>	8 1,20 - 1

# Revista da Cavalaria

## Prova «Câmara Municipal de Sintra»

Clas.	Prémios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
1.º	1.300\$00	Henrique Calado	<i>Favorito</i>	0 1,13 - 1 <sup>(a)</sup>
2.º	800\$00	Henrique Calado	<i>Caramulo</i>	0 1,12 - »
3.º	600\$00	Reymão Nogueira	<i>Congo</i>	0 1,09 - 2 »
4.º	500\$00	Correia Barrento	<i>Raso</i>	0 1,06 - 3 »
5.º	400\$00	Craveiro Lopes	<i>Académico</i>	0 1,08 - 2 »
6.º	300\$00	António Spinola	<i>Tobruck</i>	0 1,13 - 2 »
7.º	300\$00	António Damião	<i>D'Artagnan</i>	0 1,12 - 3 »
8.º	300\$00	Joaquim Leote	<i>Faraó</i>	0 1,04 - 3 »
9.º	300\$00	António Romeiras	<i>Napista</i>	0 1,11 - »
10.º	200\$00	Rhodes Sérgio	<i>Flama</i>	4 1,04 -
11.º	200\$00	Craveiro Lopes	<i>Buçaco</i>	4 1,06 -

## Prova «Parellhas Mistas»

1. <sup>a</sup>	Taça	D. Maria Cruz Azevedo	<i>Quer Hoje</i>	0 0,53 - 1
	»	Manuel Cerqueira	<i>Cabeçalvo</i>	
2. <sup>a</sup>	Taça	D. Maria Cruz Azevedo	<i>Faneca</i>	0 0,55 -
	»	Cruz Azevedo	<i>Rama</i>	
3. <sup>a</sup>	Taça	D. Isabel Ribeiro Ferreira	<i>Pinguim</i>	0 1,02 - 2
	»	Manuel Espírito Santo	<i>Ilustre</i>	



(\*) Barrage.



# Concurso Hípico das CALDAS DA RAINHA

pelo Capitão FERNANDO PAES

**O** Concurso das Caldas faz parte do grupo dos concursos do verão, a que falta juntar o concurso da Figueira.

Ficariamos, assim, com o Militar de Mafra, com a característica especial de concurso de selecção para as provas internacionais, com o internacional de Lisboa e com os concursos do verão rematados com o internacional de Cascais.

Como concursos oficiais, não parece fácil aumentar o seu número que, valha a verdade, a não ser reduzido, já permite dar aos cavalos uma apreciável prática de concursos, especialmente quando se verifica a tendência dos seus actuais organizadores em dar a cada um deles características próprias.

O Concurso das Caldas está já nestas condições.

Com as suas pistas e os seus obstáculos bem enquadrados, o cavalo apercebe-se facilmente que não tem outra solução senão saltar. Por outro lado, o cavaleiro, senhor de uma impulsão toda ela orientada no sentido do obstáculo, consequência daquele enquadramento, e ajudado por obstáculos bem construídos, muitas vezes volumosos, vê a sua acção limitada, quase exclusivamente, à regulação da velocidade. Os problemas do equilíbrio e da preparação da batida são, nestas condições, resolvidos em grande parte, pela própria montada, como sucede quando se faz saltar um cavalo em liberdade num corredor de obstáculos.

O Concurso das Caldas é, pois, um concurso ideal para cavalos com pouca prática, quando inscritos nas provas

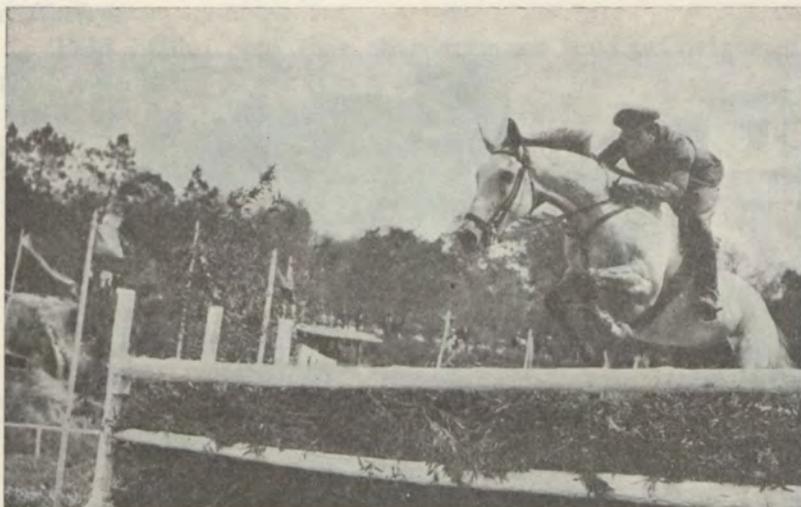
## Revista da Cavalaria

menos importantes, e um concurso destinado a renovar a confiança dos bons cavalos sobre grandes obstáculos, quando inscritos nas provas mais importantes.

Dentro das mesmas bases, poder-se-ia, talvez, torná-lo mais completo, já que mesmo aquilo que é perfeito é sempre susceptível de se aperfeiçoar.

A meu ver, existem, pelo menos, 3 categorias distintas de cavalos.

Na primeira podemos incluir os cavalos debutantes e aqueles que ainda não tenham obtido quaisquer classificações.



*Tenente Farrusco Júnior, montando o cavalo Bajone  
em que ganhou a «Taça de Honra»*

Na segunda, os cavalos sem handicap, excluídos os da categoria anterior.

Na terceira, os cavalos com handicap, à condição de se modificarem os handicaps de forma a estarem de harmonia com a própria designação da palavra. A não ser assim, há que criar uma outra categoria, se não queremos pôr implicitamente fora de qualquer classificação, uma grande parte dos nossos cavalos de concurso.

## Revista da Cavalaria

A questão dos prémios não tem importância de maior; é reduzir o seu número em cada categoria. E a organização das provas poder-se-ia limitar, dentro do mesmo percurso, a reduzir alturas, a tirar um obstáculo mais difícil, a marcar um obstáculo vertical.

Até agora, a política dos concursos hípicos, tem consistido, essencialmente, em destacar os nossos melhores cavalos. Não creio que seja essa a melhor forma de preparar o futuro. Reserve-se-lhes uma prova e organizem-se todas as outras sem prejuízo de qualquer das categorias.

Todas as provas que constituíram o Concurso das Caldas estavam muito bem delineadas, em valor absoluto e em



*Capitão Travassos Lopes, montando a égua Falca em que ganhou o Campeonato de Salto em Altura*

valor relativo, quanto a distância, a número de obstáculos e a número de saltos, excepção feita à prova Sociedade Hípica Portuguesa que estava demasiado fácil, a constatar pelo número de percursos limpos.

O cavalo mais regular de todo o Concurso foi o *Raso*, que se classificou em todas as provas onde se inscreveu, reforçando assim o conceito que o valor em concurso hípico

# Revista da Cavalaria

depende do valor do conjunto, baseado no ensino, na prática, na confiança e no conhecimento mútuo, e não no valor de cada uma das partes, em separado.

Seguiu-se-lhe, em regularidade, o *Drawragoo*, a *Mon-dina*, o *Abrunho*, o *Castiço* e o *Tobruck*, com quatro classificações cada um.

Distinguiram-se ainda :

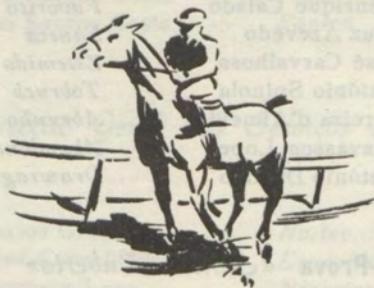
Pela sua velocidade e pelas suas duas primeiras classificações, a *Môngua*.

Pelas suas possibilidades como cavalos de futuro, o *Castiço*, o *Furacão*, a *Falca* e o *Radis Rose*.

Como cavalos nacionais, o *Tobruck*, o *Estemido* e, talvez, o *Nocivo*.

Pelo brilho com que obtiveram os seus primeiros prêmios o *Drawragoo*, a *Gaza* e a *Evelyne*.

Como grande vencedor do concurso, o *Drawragoo*, prêmio de uma persistência e de uma fé dignas de nota.



# Revista da Cavalaria

## Concurso Hípico das Caldas da Rainha

### Prova «Regimento de Infantaria 5» (Omnium — 1.<sup>a</sup> Série)

Clas.	Prémios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
1. <sup>o</sup>	1.000\$00	Joviano Ramos	<i>Furacão</i>	0 1,17 - 4
2. <sup>o</sup>	500\$00	Ribeiro de Carvalho	<i>Maxixe</i>	0 1,18 -
3. <sup>o</sup>	400\$00	Correia Barrento	<i>Facho</i>	0 1,18 - 1
4. <sup>o</sup>	400\$00	Rodrigues Mano	<i>Alvadão</i>	0 1,19 - 2
5. <sup>o</sup>	300\$00	Pimenta da Gama	<i>Fada</i>	0 1,19 - 3
6. <sup>o</sup>	300\$00	Ferrand d'Almeida	<i>Borlista</i>	0 1,19 - 4
7. <sup>o</sup>	300\$00	Rhodes Sérgio	<i>Castiço</i>	0 1,21 - 4
8. <sup>o</sup>	200\$00	Fernando Paes	<i>Satari</i>	0 1,24 -
9. <sup>o</sup>	200\$00	Augusto Lage	<i>Voizin</i>	0 1,24 - 1
10. <sup>o</sup>	200\$00	Travassos Lopes	<i>Falca</i>	0 1,24 - 4

### Prova «Hospital Rainha D. Leonor» (Omnium — 2.<sup>a</sup> Série)

1. <sup>o</sup>	1.000\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Môngua</i>	0 1,14 - 1
2. <sup>o</sup>	600\$00	Guedes Campos	<i>Mondina</i>	0 1,16 -
3. <sup>o</sup>	500\$00	Correia Barrento	<i>Raso</i>	0 1,17 - 2
4. <sup>o</sup>	400\$00	Henrique Calado	<i>Favorito</i>	0 1,18 -
5. <sup>o</sup>	400\$00	Cruz Azevedo	<i>Faneca</i>	0 1,19 -
6. <sup>o</sup>	300\$00	José Carvalhosa	<i>Estemido</i>	0 1,23 -
	300\$00	António Spínola	<i>Tobruck</i>	0 1,23 -
8. <sup>o</sup>	300\$00	Pereira d'Almeida	<i>Abrunho</i>	3 1,27 - 3
9. <sup>o</sup>	200\$00	Travassos Lopes	<i>Abandonado</i>	3 1,32 - 1
10. <sup>o</sup>	200\$00	António Damião	<i>Drawragoo</i>	4 1,12 - 4

### Prova «Santo Huberto» (Caça)

1. <sup>o</sup>	1.000\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Gaza</i>	1,10 - 4
2. <sup>o</sup>	600\$00	Rhodes Sérgio	<i>Flama</i>	1,12 - 1
3. <sup>o</sup>	500\$00	Cruz Azevedo	<i>Faneca</i>	1,13 - 2
4. <sup>o</sup>	350\$00	Manuel Cerqueira	<i>Bairrista</i>	1,15 -
	350\$00	Correia Barrento	<i>Raso</i>	1,15 -

# Revista da Cavalaria

Clas.	Prémios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
6.º	300\$00	Levy Martins	<i>Pinguim</i>	1,18 - 2
7.º	200\$00	Pereira d'Almeida	<i>Basculho</i>	1,18 - 3
8.º	200\$00	Rhodes Sérgio	<i>Castiço</i>	1,20 -
9.º	200\$00	Henrique Calado	<i>Cafoné</i>	1,20 - 3
10.º	200\$00	Henrique Calado	<i>Caramulo</i>	1,22 - 2

## Prova «Direcção Geral dos Desportos»

1.º	1.000\$00	Guedes Campos	<i>Mondina</i>	52 2,30 -
2.º	700\$00	José Carvalhosa	<i>Estemido</i>	50 2,30 -
3.º	600\$00	Pereira d'Almeida	<i>Abrunho</i>	40 2,30 -
4.º	500\$00	Cruz Azevedo	<i>Rama</i>	35 1,40 - 2
5.º	400\$00	António Spínola	<i>Tobruk</i>	35 1,47 - 4
6.º	300\$00	Fernando Paes	<i>Mondego</i>	35 1,50 - 1
7.º	300\$00	Henrique Calado	<i>Favorito</i>	25 1,11 -
8.º	300\$00	Pimenta de Castro	<i>Radis Rose</i>	25 1,19 -
9.º	200\$00	Manuel Cerqueira	<i>Cabeçalvo</i>	22 2,30 -
10.º	200\$00	Helder Martins	<i>Optus</i>	19 2,30 -

## Prova «Juventude»

1.º	Taça	José Moura Neves	<i>Abandonado</i>	0 0,59 -
2.º	»	Rui Santos Costa	<i>Febus</i>	0 1,02 - 3
3.º	Laço	Rui Santos Costa	<i>Faneca</i>	0 1,03 - 2

## Prova «Direcção Geral dos Serviços Pecuarios»

	Taça e			
1.º	1.200\$00	Carlos Granate	<i>Nocivo</i>	0 1,21 -
2.º	800\$00	José Carvalhosa	<i>Estemido</i>	3 1,28 -
3.º	600\$00	Augusto Lage	<i>Neossine</i>	4 1,19 - 3
4.º	400\$00	Ferreira Cabral	<i>Alcatruz</i>	4 1,20 - 1
5.º	400\$00	Carvalho Simões	<i>Fadista</i>	4 1,22 - 4
6.º	300\$00	Fernando Vasconcelos	<i>Castanho</i>	4 1,23 - 2
7.º	300\$00	Jorge Matias	<i>Florido</i>	4 1,25 -
8.º	300\$00	António Spínola	<i>Tobruk</i>	4 1,27 -
9.º	200\$00	Augusto Lage	<i>Voisin</i>	4 1,27 - 2
10.º	200\$00	Rhodes Sérgio	<i>Que Foi</i>	8 1,17 - 2

# Revista da Cavalaria

## Prova «Grémio do Comércio das Baldas da Rainha»

Clas.	Prémios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
1.º	1.200\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Môngua</i>	0 1,13 - 2
2.º	800\$00	Correia Barrento	<i>Raso</i>	0 1,16 - 1
3.º	600\$00	Henrique Calado	<i>Favorito</i>	0 1,17 - 1
4.º	400\$00	António Damião	<i>Drawragoo</i>	0 1,18 - 1
5.º	400\$00	Rhodes Sérgio	<i>Castiço</i>	0 1,20 - 2
6.º	300\$00	Pereira d'Almeida	<i>Abrunho</i>	0 1,21 - 2
7.º	300\$00	António Romeiras	<i>Congo</i>	0 1,22 -
8.º	300\$00	Guedes Campos	<i>Vouga</i>	0 1,22 - 4
9.º	200\$00	Farrusco Júnior	<i>Bajone</i>	0 1,23 -
10.º	200\$00	Pimenta de Castro	<i>Radis Rose</i>	0 1,24 - 1

## Prova «Comissão Municipal de Turismo»

	Taça e			
1.º	2.500\$00	António Damião	<i>Drawragoo</i>	0 1,36 - 3
2.º	2.000\$00	Pereira d'Almeida	<i>Abrunho</i>	0 1,41 -
3.º	1.500\$00	António Romeiras	<i>Congo</i>	0 1,42 - 4
4.º	1.000\$00	Rangel d'Almeida	<i>Febus</i>	0 1,46 - 1
5.º	800\$00	Cruz Azevedo	<i>Rama</i>	4 1,33 -
6.º	700\$00	Correia Barrento	<i>Raso</i>	4 1,36 - 2
7.º	600\$00	Joviano Ramos	<i>Furacão</i>	4 1,38 - 2
8.º	500\$00	Travassos Lopes	<i>Abandonado</i>	4 1,39 -
9.º	400\$00	Guedes Campos	<i>Mondina</i>	8 1,36 -
10.º	400\$00	Rhodes Sérgio	<i>Namuli</i>	8 1,37 - 2
11.º	300\$00	Farrusco Júnior	<i>Bajone</i>	8 1,41 - 4
12.º	300\$00	António Spínola	<i>Tobruck</i>	8 1,43 - 2

## Prova «Sociedade Hípica Portuguesa»

	Taça e			
1.º	1.000\$00	António Spínola	<i>Evelyne</i>	0 1,10 - 3
2.º	500\$00	Joaquim Leote	<i>Faraó</i>	0 1,13 - 1
3.º	400\$00	Manuel Cerqueira	<i>Formoso</i>	0 1,14 - 3
4.º	250\$00	Ferreira Coelho	<i>Faz Tudo</i>	0 1,15 - 2
	250\$00	Ferreira Cabral	<i>Alcatrus</i>	0 1,15 - 2
6.º	200\$00	Pimenta da Gama	<i>Fada</i>	0 1,16 - 4
	200\$00	Travassos Lopes	<i>Falca</i>	0 1,16 - 4
	200\$00	Carlos Granate	<i>Nocivo</i>	0 1,16 - 4
9.º	200\$00	Carvalho Simões	<i>Fadista</i>	0 1,17 - 1
10.º	200\$00	Correia Barrento	<i>Facho</i>	0 1,17 - 2
	200\$00	Henrique Calado	<i>Bandeiro</i>	0 1,17 - 2

# Revista da Cavalaria

## Prova «Diana»

Clas.	Prêmios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
1.º	Taça	D. Isabel Ribeiro Ferreira	<i>Pinguim</i>	0 0,57 -
2.º	»	D. Ana de Mendia	<i>Abandonado</i>	0 0,57 - 3
	Laçõ	D. Maria Cruz Azevedo	<i>Faneca</i>	0 0,57 - 3
	»	D. Ana de Mendia	<i>Friolo</i>	0 0,57 - 3

## Prova «Câmara Municipal das Caldas da Rainha»

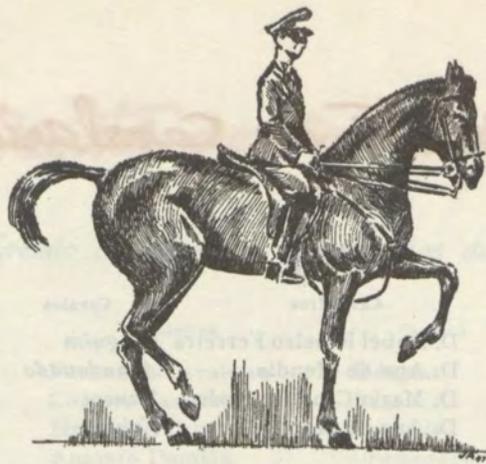
1.º	Taça e 500\$00	Farrusco Júnior	<i>Bajone</i>	0 1,00 - 4
2.º	Taça e 400\$00	Cruz Azevedo	<i>Rama</i>	0 1,02 - 2
3.º	Taça e 400\$00	António Damião	<i>Drawragoo</i>	0 1,03 - 1
4.º	400\$00	Augusto Lage	<i>Belver</i>	0 1,11 -
5.º	400\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Môngua</i>	4 0,59 - 2
6.º	300\$00	Guedes Campos	<i>Mondina</i>	4 1,05 -
7.º	300\$00	Joviano Ramos	<i>Furacão</i>	4 1,05 - 1
8.º	200\$00	Correia Barrento	<i>Raso</i>	4 1,05 - 4
9.º	200\$00	Rhodes Sérgio	<i>Castiço</i>	4 1,07 -
10.º	200\$00	Guedes Campos	<i>Vouga</i>	4 1,07 - 4

## Prova «Salto em altura»

1.º	Taça	Travassos Lopes	<i>Falca</i>	6.ª barrage	1,90
2.º	»	Craveiro Lopes	<i>Acadêmico</i>	6.ª »	»
3.º	»	Augusto Lage	<i>Belver</i>	6.ª »	»

## Prova «Hotéis das Caldas da Rainha»

1.º	500\$00	Neto de Almeida	<i>Lanzudo</i>	0 1,02 - 2
2.º	300\$00	Brandão de Brito	<i>Flávia</i>	0 1,05 -
3.º	300\$00	Abrantes da Silva	<i>D'Artagnan</i>	0 1,05 - 3
4.º	200\$00	Marquês do Funchal	<i>Ebro</i>	0 1,06 -
5.º	200\$00	Barros e Cunha	<i>Sado</i>	0 1,06 - 4
6.º	200\$00	Brandão de Brito	<i>Vencedor</i>	3 1,17 - 3
7.º	200\$00	Fernando Ferreira	<i>Folgado</i>	4 1,03 - 1
8.º	200\$00	Jorge Vicente	<i>Napista</i>	4 1,04 -
9.º	200\$00	Pereira Gonçalves	<i>Queen Bess</i>	4 1,06 -
10.º	200\$00	Alcino Ribeiro	<i>Beldade</i>	4 1,06 - 1
11.º	200\$00	Rodrigues de Carvalho	<i>Enigma</i>	4 1,06 - 4
12.º	200\$00	Miranda Dias	<i>Corsário</i>	4 1,07 -
13.º	200\$00	José Granate	<i>Gaio</i>	4 1,11 - 3
14.º	200\$00	Manuel Espírito Santo	<i>Phæbus</i>	8 1,27 - 1
15.º	200\$00	Antunes Palla	<i>Framboesa</i>	8 1,04 - 3



# ENSINO DO CAVALO

## NOÇÕES ÚTEIS

pelo Capitão HENRIQUE CALADO

**E** talvez oportuno começar por definir o que entendemos por cavalo ensinado. Quatro palavras respondem cabalmente à questão: Calmo; impulsionado; direito e ligeiro, são os atributos necessários a essa finalidade.

Esta é a resposta clara e simples dada pelo General L'Hotte.

Sob outro aspecto poderemos definir «cavalo ensinado» como aquele, sobre o qual, o cavaleiro tem domínio completo, tanto no aspecto moral como físico.

As duas definições, ainda que diferentes, encerram uma mesma ideia e completam-se.

O cavalo perfeitamente dominado, que se entrega completamente ao seu cavaleiro, necessariamente satisfaz os atributos da primeira definição e mostra-se assim que o ensino só tem valor quando representa sujeição, que se demonstra pela calma, impulsão, regularidade do andamento e ligeireza.

Vamos agora ver como orientar o ensino do cavalo.

# Revista da Cavalaria

Para tratar assunto tão vasto serão abordados separadamente os vários aspectos do problema e tomaremos como base um cavalo sem defeitos físicos, com boa moral e reagindo normalmente; portanto, um cavalo ideal que reúna em si todas as boas qualidades, o que não quer dizer que as tenha em mais alto grau do que se encontram na realidade.

Em primeiro lugar trataremos das bases psicológicas do ensino, pois é sobre elas que ele assenta e progride.

É a lei da «associação das sensações» que mais nos guiará no trabalho.

Diz essa lei que desde que várias sensações foram produzidas simultaneamente ou se sucederam imediatamente, basta uma delas ser provocada, para que todas as outras sejam revividas.

Assim, associar-se-á sempre a uma sensação já conhecida para produção de um determinado efeito, a nova sensação que virá, só por si, a ter o mesmo resultado.

Praticamente ao efeito instintivo do chicote para o movimento para a frente, associar-se-á a chibatada que depois sôzinha é suficiente, e a esta, a acção da perna que acabará por ser obedecida mesmo quando actuando isoladamente.

Esta forma de proceder mostra a necessidade do cavaleiro orientar o ensino com progressividade, sem saltos bruscos, do conhecido para o desconhecido, apoiado sempre em resultados sólidos conseguidos anteriormente.

Passemos agora pròpriamente à parte «ensino».

Para maior facilidade de exposição consideremos o nosso cavalo ideal, como essencialmente um motor munido de uma direcção.

O motor será o post-mão e a direcção o ante-mão, tendo como órgãos principais o pescoço e a cabeça.

Como num veículo automóvel a direcção, só por si, nada vale.

É a propulsão conseguida pelo motor que lhe dá todo o poder e importância.

Sem movimento não há que dirigir.

Portanto, a primeira grande verdade equestre:

*A impulsão é o elemento base.*

Tudo deve ser, pois, exigido explorando a impulsão.

Daqui, fàcilmente se depreende o nosso método de trabalho:

1.º — Desenvolvimento ao máximo da *impulsão*;

2.º — Utilização dessa impulsão por meio das ajudas, de forma a executarem-se os exercícios que nos vão permitir o ensino do cavalo.

# Revista da Cavalaria

É por uma ginástica racional que conseguiremos a flexibilidade e o equilíbrio que vão tornar fácil a condução.

Passemos agora a tratar da impulsão:

Manifestando-se especialmente pela tendência constante do movimento para diante, consegue-se e desenvolve-se provocando esse movimento.

Convém esclarecer que é no aumento de movimento que ela se manifesta e não na velocidade do mesmo.

Assim o galope pode ser executado por um cavalo a ficar-se e o passo curto ser fortemente impulsionado.

Para o desenvolvimento da impulsão são, pois, os frequentes aumentos de andamento que interessam.

Os alargamentos resultantes devem ser progressivos e têm especial valor enquanto crescentes, pelo que têm de ser de curta duração.

Esta preocupação da impulsão, fundamental ao ensino do cavalo, deverá acompanhar o seu trabalho desde o desbaste.

Inicialmente será o chicote, depois da chibata e, finalmente, a perna a conseguirem-na.

Convém esclarecer que apesar de não ser instintiva ao cavalo a obediência à perna, ela tem um fundamento fisiológico que torna rápida e segura a sua acção. As pernas, como agentes de impulsão, devem actuar um pouco atrás da cilha e em sentido perpendicular ao bojo do cavalo, o que não quer dizer que a ponta do pé se volte para fora. Quanto a intensidade de acção, a actuação da perna comporta os seguintes graus:

- 1.º — Pressão da barriga da perna — que é a dificuldade a atingir.
- 2.º — Toques da barriga da perna, se a pressão não foi obedecida.
- 3.º — Pressão breve da espora, se os toques da barriga da perna não são suficientes.
- 4.º — Ataque da espora, se a pressão não resultou.

Se ainda assim o cavalo não obedeceu, é sinal de grande deficiência do ensino, que terá de voltar à fase inicial da associação do efeito da perna, ao da chibata e do chicote. A perna também pode actuar como elemento de condução do cavalo; neste caso, comanda os movimentos do post-mão e actuará sem recuar, mas em sentido oblíquo, na direcção da anca contrária do cavalo. A esta perna, chamada de *posição*, associa-se, em geral, a acção da outra, actuando perpendicularmente como impulsionadora.

# Revista da Cavalaria

Estudada sumariamente a impulsão, passemos agora a examinar a forma de actuar da mão, que a explora em proveito da condução do cavalo.

As acções da mão revestem, como as da perna, 3 aspectos diferentes:

- Actuação — forma activa que altera o movimento do cavalo;
- Resistência — que representa uma opposição a uma acção do cavalo;
- Cedência — concessão ao cavalo depois de satisfeita uma exigência.

As mãos podem agir, simultaneamente, no sentido do eixo do cavalo, ou separadamente, tendo por resultante deslocamentos laterais daquele.

No primeiro caso, comandamos o andamento, quer actuando, do que resulta uma diminuição, paragem, ou recuar, quer resistindo, para evitar um aumento, quer cedendo, para permitir um alargamento.

No segundo caso, em que há predominância da acção de uma rédea (determinante) sobre a outra (reguladora) comandamos as mudanças de direcção que nos vão permitir utilizar o cavalo.

Para estudo mais pormenorizado de assunto tão importante, consideremos a mão esquerda actuando como determinante e vejamos o que ela pode conseguir (para detalhe consultar o Anexo I):

a) — Se o levarmos para a frente e para a esquerda, vira o pescoço e a cabeça do cavalo para esse lado executando-se uma volta larga natural. A esta rédea chama-se *rédea de abertura*, com grande interesse na parte inicial do ensino, pois é a primeira a ser aplicada.

b) — Se agora a nossa mão esquerda, de que vimos tratando, for levada para a frente e para a direita, o cavalo dá o bico à esquerda mas inflecte o pescoço para a direita sobrecarregando essa espádua e virando também para esse lado, se a impulsão se mantém.

Temos a *rédea de apoio* empregada no trabalho militar com armas em que só uma mão governa o cavalo. No ensino, é o ponto de partida para a rédea contrária de opposição de que à frente falaremos.

Passemos agora às *rédeas de opposição*, as mais importantes no ensino:

1.º — Continuemos com a nossa mão esquerda que depois de ter aplicado uma rédea de abertura para obter a colocação lateral actuará para trás paralelamente ao eixo do cavalo. Que se passa nesta altura?

## Revista da Cavalaria

Sobrecarrega-se a espádua esquerda opondo-se o seu movimento ao da anca esquerda.

Temos a rédea directa de opposição de que resulta o movimento ligeiro de espáduas para a esquerda enquanto o post-mão fará uma rotação para a direita em torno do ante-mão.

Para que o cavalo não fuja à opposição que lhe é exigida a mão direita terá de resistir para limitar a curvatura do pescoço.

2.º — Partamos agora da rédea de apoio e depois de conseguirmos a colocação do bico à esquerda actuemos na direcção da anca direita.

Que movimento resulta?

A espádua direita é sobrecarregada e é oposto o deslocamento da esquerda ou da anca direita. Temos a rédea contrária de opposição à frente do garrote, que provoca uma volta à direita do ante-mão e à esquerda do post-mão.

Recapitulando um pouco, vemos que a rédea esquerda directa de opposição, desloca especialmente a garupa para a direita e em menor grau as espáduas para a esquerda, tendo por limite a altura em que as espáduas fazem de eixo de rotação.

Vemos por outro lado que a rédea esquerda contrária de opposição à frente do garrote, desloca as espáduas para a direita e mais ligeiramente a garupa para a esquerda, tendo por limite a altura em que a garupa faz de eixo. Que se passará agora quando cerrarmos os dedos sobre uma rédea de opposição de incidência compreendida entre as atrás indicadas?

Necessariamente toda a massa do cavalo será deslocada no mesmo sentido, com mais movimento de garupa se estamos mais próximos da rédea directa, com igual acção sobre o ante-mão e post-mão, se tomamos a posição média, com mais acção e movimento sobre a espádua, se nos aproximarmos da contrária.

Estamos em presença da mais importante de todas as rédeas, a «rédea intermediária», ou «contrária de opposição atrás do garrote» que no dizer de um autor conhecido é a «rainha das rédeas».

Mas qual a razão de tão grande importância?

O facto de deslocar toda a massa do cavalo para o mesmo lado por opposição à impulsão, do que resulta uma incurvação da coluna vertebral, acompanhada de um movimento em duas pistas, com o cruzamento dos membros, do lado em que a rédea actua, sobre os do lado oposto. Este movimento, impondo ao cavalo um bom equilíbrio, representa a melhor garantia para o desenvolvimento do ensino e especialmente da sujeição às ajudas do cavaleiro.

## Revista da Cavalaria

Quando, sob a acção de uma rédea intermediária, não é possível ao cavalo forçar a mão.

Sendo o exercício da «espádua a dentro» conseguido principalmente pela acção da «rédea intermediária», quando actuando igualmente sobre a espádua e garupa, tem todas as vantagens atrás apontadas e representa um meio seguro de progressão no ensino.

É ainda a «rédea intermediária» que impondo uma encurvação ao cavalo, nos vai permitir endireitá-lo por ginasticar a encurvação para o lado que ele naturalmente tem dificuldade.

Vistos assim muito rapidamente os efeitos das rédeas, resta-nos focar a forma de proceder da nossa mão, quando não é obedecida. Se a falta de obediência é motivada por excesso de peso, actuar por meias paragens até conseguirmos o equilíbrio desejado.

Se a resistência é de força, motivada por uma contracção muscular, actuar por vibrações até conseguirmos a desconacção.

Convém notar que se o cavaleiro sente ou depara com a impossibilidade de resolver qualquer resistência, no andamento em que ela se manifesta, deverá passar ao andamento anterior e, se necessário, ir até à paragem.

É isto o princípio da «decomposição da força e do movimento».

Portanto, sempre que o cavalo resiste, a mão, de acordo com a perna, deve actuar para destruição da resistência, tendo-se criado simultaneamente uma situação propícia à cedência do cavalo (diminuição de velocidade). Sobre toda a cedência do cavalo, cede imediatamente a mão, que em seguida poderá resistir, quando se pretende manter a colocação anterior, ou deixar progressivamente distender o pescoço, o que constitui a «descida do pescoço», tão importante como prémio ao cavalo e como meio de passarmos em equilíbrio sobre as pernas, a um equilíbrio horizontal.

Tendo sido estudadas muito rapidamente a impulsão e direcção, resta-nos agora fazer notar que os seus órgãos de comando: *perna e mão* terão de trabalhar de acordo, para o que, quando um actua, o outro terá de «ceder» ou quando muito «resistir».

É a isto que se chama o *acordo das ajudas*. Se simultaneamente são empregadas «actuando», a perna e a mão, o cavalo só poderá ser levado à revolta, por lhe pedirem que *ande e pare*, no mesmo momento.

Ainda convém notar que tendo nós baseado toda a orientação do trabalho na exploração da impulsão pela mão, resulta um outro princípio básico: Toda a «acção» de mãos deve ser precedida de uma «acção» de pernas.

# Revista da Cavalaria

Vimos resumidamente os princípios elementares e a maneira de os utilizar para se conseguir o ensino do cavalo.

O seu aproveitamento criterioso levar-nos-á mais ou menos rapidamente, conforme a prática e habilidade do cavaleiro (a equitação é uma ciência e uma arte) a conseguir satisfazer as condições impostas pelo General L'Hotte, ao cavalo ensinado:

*Calmo*: Sem dúvida o cavalo que foi trabalhado no sentido de conhecer as ajudas do cavaleiro e a elas obedecer com facilidade ter-se-á tornado calmo, ou pelo menos teremos elementos de sujeição para lha impormos.

*Para diante*: O mesmo é dizer que o cavalo está impulsionado, foi essa a nossa maior preocupação e como tal deve ter sido conseguida.

*Direito*: É principalmente pelo emprego judicioso das rédeas de oposição que o endireitaremos, como já foi dito.

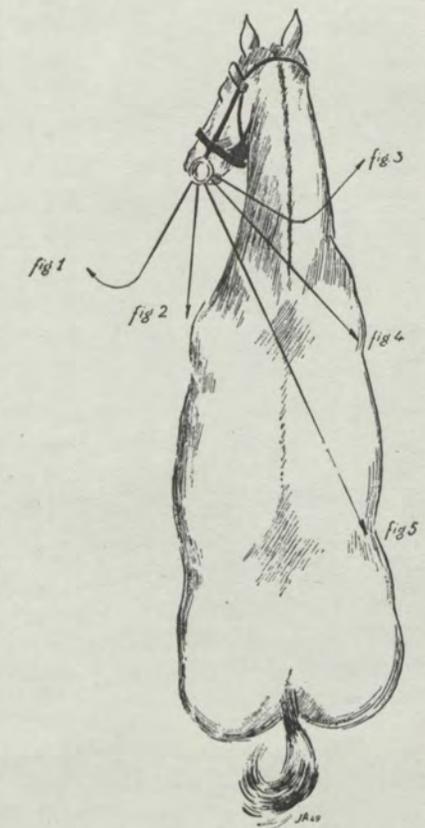
*Ligeiro*: É este o ponto que foi menos focado a não ser no seu aspecto base de sujeição que é primordial em todos os ramos da equitação, e se manifesta pela completa submissão às ajudas. Esta submissão, além do emprego directo que tem na utilização do cavalo, deve ser aproveitada para a execução de exercícios e figuras de picadeiro que constituindo uma ginástica vão facilitar ao cavalo a prontidão e a ligeireza na obediência às ajudas. A ligeireza assim conseguida sobre as mesmas bases e princípios que vimos indicando manifesta-se por uma «colocação perfeita» em que se dá a descontração da maxila, ao mais leve pedido do cavaleiro. É uma consequência do domínio absoluto que foi conseguido sobre o equilíbrio e vontade do cavalo. É realmente a *verdadeira ligeireza* em todos os andamentos e exercícios, a expressão mais elevada da «Arte Equestre» e o fim a procurar atingir-se.



# RÉDEAS

Observações feitas sobre a rédea esquerda

Nomes	Direcção das rédeas Acção das pernas	Resultados	EFEITOS		Influência sobre o equilíbrio	
			Animal imóvel	Animal em movimento		
DIRECTA	Abertura <i>Fig. 1</i>	Para a direita, sem exercer tracção para a retaguarda. Pernas igualmente activas.	Desloca a cabeça e o pescoço para a direita sobrecarregando a espádua direita.	Nulo	As espáduas descaem para a direita e a garupa segue-as produzindo uma mudança de direcção para a direita.	Nulo
	Oposição <i>Fig. 2</i>	Para a direita e retaguarda, paralela ao plano médio do eixo do cavalo. A rédea e perna esquerdas cedem o suficiente.	Desloca o balanceiro cervical para a direita, prendendo fortemente a respectiva espádua que descai para este mesmo lado e força a garupa a desviar-se para a esquerda.	Volta curta para a direita. A volta torna-se mais fácil se a perna direita, actuando um pouco atrás da cilha, auxiliar o deslocamento da garupa para a esquerda. <b>LANÇA A GARUPA PARA A ESQUERDA.</b>	Lança o cavalo ligeiramente sobre as espáduas.	
CONTRÁRIA	Pròpriamente ditas ou de apoio <i>Fig. 3</i>	Unicamente para a esquerda sem exercer tracção para a retaguarda. As duas pernas conservam a impulsão e a rédea reguladora cede o suficiente.	Desloca ligeiramente a ponta do focinho do cavalo para a direita e a parte superior da cabeça para a esquerda. O pescoço dobra-se para a esquerda sobrecarregando a espádua desse lado.	Nulo	O excesso de peso reflui sobre a espádua esquerda e força o antemão a descair para esse lado. O post-mão segue o antemão produzindo uma mudança de direcção para a esquerda.	Nulo
	Oposição <i>Fig. 4</i>	Ligeiramente à esquerda da base do garrote. Pernas igualmente para diante.	O pescoço curva-se em arco com a convexidade para a esquerda, resultando um excesso de peso sobre a espádua do mesmo lado. O antemão descai para a esquerda e a garupa é lançada para a direita.	Volta para a esquerda recuando.	Volta curta para a esquerda, demorando ligeiramente o andamento. A volta torna-se mais fácil se a perna esquerda auxiliar o deslocamento da garupa para a direita. <b>LANÇA A ESPÁDUA PARA A ESQUERDA.</b>	Lança o cavalo francamente sobre as ancas.
	Intermediária <i>Fig. 5</i>	De diante para trás numa direcção que varia entre a directa e a contrária de opposição. Pernas igualmente para diante.	Toda a coluna vertebral se curva para a esquerda.	Intermédia entre a directa de opposição (garupa para a esquerda) e a contrária de opposição (espádua para a esquerda). <b>DESLOCA O CAVALO TODO PARA A ESQUERDA.</b>	Lança fortemente o cavalo sobre as ancas.	





# Jornaes revistas livros

## A INSTRUÇÃO INDIVIDUAL DO COMBATENTE

### Normas e programa para lembrança do instrutor

Pelo Coronel Lino Lago

### Conceito geral da instrução

**A** instrução é a principal missão do Exército em tempo de paz. O Regimento é apenas uma Escola de Soldados.

A guerra moderna impôs a disseminação dos combatentes sobre o campo de batalha, e o indivíduo encontrar-se-á muitas vezes em circunstâncias de ter que decidir por si, actuando por sua iniciativa.

Por outro lado, o efeito das armas inimigas e a escolha da posição para as suas, obriga-o a aproveitar até ao menor detalhe o acidente de terreno e dissimular a sua presença pela ocultação.

Da mesma maneira que o caçador, tem que possuir o instinto da caça, da ocultação, do movimento silencioso para se aproximar e ser hábil no manejo das suas armas. Nesta caça em que a peça é mais activa e nos pode matar tal como nós a ela, devemos ser mais diligentes que o inimigo, opondo astúcia à sua astúcia, e superá-lo pelos dotes físicos, viveza mental, conhecimento e utilização do terreno, domínio no emprego das armas e, sobretudo, pela disciplina...

A disciplina não é incompatível com a forma do combate moderno, pois que a dispersão no campo de batalha não pode ser uma dispersão anárquica mas sim controlada, exigindo tanta obediência como liberdade; não obediência cega, automática, irreflectida, mas sim uma «obediência inteligente» que permite a iniciativa e as decisões para dar cumprimento

# Revista da Cavalaria

às ordens que o soldado claramente recebera do seu chefe, antes de se ter separado dele.

O Plano Geral de Instrução, prescreve que todos os soldados aprendam a combater, isto é, que todos pratiquem desde o primeiro dia de instrução os ensinamentos respeitantes à Instrução Individual de Combate, que consiste em conjugar os meios de acção de fogo, movimento e terreno, e em perscrutar, esquivar e dominar os perigos do campo de batalha. Compreende esta instrução:

- Conhecimento das armas, seus fogos e seus efeitos.
- Utilização do terreno para se cobrir.
- Utilização do terreno para o movimento.
- Regras de tiro e utilização do terreno para executar o fogo.
- A observação, a escuta e a informação.
- A luta contra carros de combate.
- Como se deve proteger da aviação e modo de a combater.
- Como deve proteger-se contra os gases.
- Exercícios finais e concursos como resumo de toda a instrução.

Não é necessário que estes conhecimentos sejam ministrados seguindo a ordem anterior, podendo alterar-se para que a aprendizagem seja mais amena. Assim, por exemplo, o conhecimento das armas será dado ao mesmo tempo que a iniciação da aprendizagem de utilização do terreno e as explicações sobre carros, aviação e gases. As regras de tiro e utilização do terreno para atirar podem alternar-se com exercícios de instrução de observadores, etc. O mais importante é dar amenidade à instrução para que não diminua a atenção e o interesse dos recrutas. Vejamos em seguida um programa ordenado de noções, que expomos unicamente para lembrança do instrutor.

## I — Conhecimento das armas, os fogos e seus efeitos

Para nos defendermos dos efeitos das armas, precisamos primeiramente conhecê-los. Esta é a primeira parte da instrução.

Forma das trajectórias {  
De espingarda  
De metralhadora  
De artilharia  
De morteiro

Ângulo morto — Desenfiamento.

Terreno batido {  
Com que arma?  
Por que armas o não é?



# Revista da Cavalaria

Classificação dos acidentes	}	Os que abrigam das vistas	}	Segundo a missão		
		Os que abrigam do fogo				
		Os que permitem a observação				
		Os que não permitem a observação				
		Os que permitem fazer fogo				
		Os que o impedem				
Os que o limitam	}	Conforme a arma				
Valor dos acidentes e como utilizá-los . . .			}	Para se abrigar das vistas	}	Vegetação
						Acidentes
						Fundo em que se vê a silhueta
						Sombras
						Mascaramento
	Imobilidade					
Movimentos lentos						
Para se abrigar . . . . .	}	}	}	Das balas		
				Das granadas		
				Da aviação		
				Dos carros		
				Donde abrigar-se . . . . .	}	Conforme a missão
				Como abrigar-se . . . . .		
Quando abrigar-se . . . . .	Conforme o inimigo					
Como se melhora o terreno . . . . .	}	}	}	Pela protecção		
				Pela dissimulação		
				Pelo mascaramento		
				Materiais usados		
				Prática de mascaramento		

## Exercícios

1. — *Explicação sobre a classificação e valor dos acidentes.* — (Teorias no campo).

Os acidentes considerados podem	}	Abrigar só das vistas
		Abrigar dos fogos
		Permitir a observação
		Não permitir a observação
		Permitir o uso das armas
		Impedi-lo ou limitá-lo

2. — *A ocultação.* — (Teorias no campo).

Cobrir-se das vistas isoladamente	}	Vegetação
		Pregas do terreno

# Revista da Cavalaria

Importância do fundo em que se projecta

Emprego das sombras. Imobilidade.

Os movimentos devem ser lentos.

Camuflagem individual.

## 3. — *A ocultação instintiva.* — (Exercício preliminar no campo).

Assinalar uma posição suspeita inimiga, e fazer com que os recrutas se estabeleçam a coberto da sua observação.

Crítica pelos próprios recrutas. Crítica pelo instrutor.

## 4. — *A ocultação demonstrada pelos monitores.*

Alguns vão ocupar acidentes escolhidos de antemão, uns bem e outros mal, uns camuflados, outros não. Os recrutas colocados do lado do inimigo criticam a sua actuação. (Enquanto os monitores se colocam, os recrutas permanecem de costas voltadas para o campo onde se realiza o exercício).

## 5. — *Escolha de acidentes.*

Para abrigar-se sem atirar. — Para atirar.

Planeada uma situação táctica, fazer com que os recrutas escolham acidentes num raio determinado (30 a 50 metros).

Crítica razoável. Correção de erros.

## 6. — *Utilização do acidente.* — (Exercício de demonstração).

Análogo ao exercício n.º 4. Os monitores a um sinal combinado fazem um disparo cada um, os recrutas do lado do inimigo, procuram-nos, assinalam-nos e criticam os defeitos.

Deverá fazer-se notar que não deve elevar-se a cabeça para apontar por cima, mas sim pelos lados, a importância do fundo onde se projecta o atirador, etc.

## 7. — *Preparação do terreno.*

Ocupados os acidentes pelos recrutas, estes deverão melhorá-los com a ferramenta portátil e pela dissimulação.

## 8. — *Exercícios de mascaramento.*

Materiais empregados. Como usá-los.

Defeitos e inconvenientes de um mascaramento que destoe do aspecto geral do terreno. Prática.

# Revista da Cavalaria

## 9. — *Jogo dos caçadores.* — (Exercício de concurso).

Divide-se uma zona em corredores por meio de bandeiras e cordas. Em cada corredor colocam-se dois caçadores rivais a uma distância de 200 — 300 metros entre si; cada caçador é acompanhado de um monitor como «árbitro». A um sinal combinado começa o exercício, ocupando os caçadores as suas posições. Cada vez que um veja o outro, faz um disparo (cartucho simulado). Cada indivíduo dispõe de dois cartuchos.

Terminado o exercício, reúnem-se os caçadores e «árbitros» comentam os incidentes do fogo e fixam qual dos dois fica vencedor por ferir primeiro o outro.

### III — O movimento

Esta parte compreende a deslocação do combatente no campo de batalha, quer estando submetido ou não ao fogo inimigo.

Cada vez se torna mais difícil não se perder no campo de batalha, no caos que se origina, e cada vez também é mais necessário utilizar a noite para o movimento, por isso esta parte da instrução compreende:

O movimento sem estar  
debaixo do fogo inimigo { Orientação  
Boa memória  
Aprender um caminho e conservar a direcção

O movimento de noite { Guardar silêncio (Não falar).  
Não fazer ruído com os pés ou qualquer artigo.  
Imobilidade perante a iluminação.  
Marchar pela sombra.  
Modo de comunicar entre si.  
Como manter a ligação.  
Como se orientar.

O movimento debaixo de fogo.

Para onde ir? . { Escolha do novo abrigo  
antes de sair . . . . . { Vistas  
Saída fácil  
A distância conveniente do  
local de partida.

# Revista da Cavalaria

Por onde ir e como?	Escolher o itinerário mais coberto. Observar o inimigo antes do lanço.	Forma de o fazer	De um lanço	Ter em linha de conta o tempo disponível segundo o movimento e o inimigo.
			De vários successivos	
Preparação para o lanço	Não se descobrir para que o inimigo não se aperceba. Ajustar o equipamento. Recolher tudo. Carregar a arma e pô-la em segurança. Escolher o local de saída. Sair rapidamente e sem hesitação.	Preparação para o lanço	À carreira	
			Rastejando	
Quando?	O fogo inimigo é menos eficaz quando .		É batido pela nossa artilharia.	Podemos aproveitar os nossos fogos.
			Está distraído por outros lanços.	
			Está sendo batido por outras fracções	
			A sua atenção está cansada.	

## Exercícios

### 1. — *A orientação no campo de dia e de noite.*

Assinalado um objectivo apenas visível a partir do começo do exercício (por exemplo um ponto e um vale profundo) marchar na direcção daquele ponto, mudando frequentemente de direcção.

### 2. — *Percorrer um itinerário e descrevê-lo quando regressa junto dos seus companheiros.*

O instrutor perguntará aos recrutas se seriam capazes de o seguir apenas pelos detalhes de quem os forneceu. Demonstração.

### 3. — *O movimento de noite.*

Exercícios de orientação pela lua, pelas estrelas e a direcção do vento.

Marchar em silêncio e sem ruídos.

Utilizar as sombras.

Como comunicar com os companheiros.

Como conservar a ligação (lenço atado no braço, nas costas, etc.).

# Revista da Cavalaria

## 4. — O movimento debaixo de fogo. — (exercício preliminar intuitivo).

Ordenar ao recruta que vá daqui acolá, cobrindo-se dos fogos que partem de um ponto determinado.

Comentário pelo recruta e crítica pelo instrutor.

## 5. — Progressão debaixo de fogo inimigo situado a 500 metros.

Marcado o sector por onde o recruta deve progredir, a situação do inimigo a 500 metros, e os pontos donde este está a observar, fazer com que os recrutas avancem. Estes escolhem também o eixo de progressão para onde e como ir; seguidamente executam-no.

Ter em linha de conta o tempo disponível para o lanço, que será apenas o que o inimigo leva a disparar, isto é:

A preparar-se . . . . .	10''
A apontar e disparar . . . .	4''
Total . . . . .	14''

Neste espaço de tempo o percurso pode ser de 30 a 50 metros.

O inimigo, representado por outros recrutas, deverá assinalar com disparos, cada vez que veja algum a descoberto.

Realizado um lanço, comentários e crítica.

## 6. — Progressão debaixo de fogo inimigo situado entre 200 a 400 metros e com observação.

Tempo que leva o inimigo a disparar:

Em se aperceber . . . . .	2''
Apontar e disparar . . . . .	4''
Total . . . . .	6''

Possibilidades de percurso: 20 metros.

## 7. — Progressão debaixo de fogo inimigo situado a menos de 200 metros.

Estando o inimigo tão próximo e à espera, demorará a apontar e disparar apenas 3'', logo só podemos dar um salto de surpresa de um abrigo para outro muito próximo. A crítica deve fazer notar se foi bem aproveitado o momento para o salto.

# Revista da Cavalaria

## 8. — *Importância da camuflagem e do mascaramento.*

Situados os recrutas no local de um suposto inimigo na posição deitada, fazer avançar sobre eles, desde 300 metros, e cobrindo-se com o terreno três grupos de três monitores. Em cada grupo um irá de fato macaco azul e outro de cotim sem camuflagem e o terceiro camuflado com ramos e ervas.

Faz-se notar aos recrutas a razão da cor do cotim do uniforme e a importância do mascaramento.

## 9. — *Utilização do fogo para avançar.*

Dois grupos de recrutas executam um movimento de progressão sobre um inimigo assinalado. Enquanto um faz fogo o outro avança e vice-versa.

Comentários e critica. (Aproveitaram bem o fogo dos outros para avançar?).

## 10. — *Exercícios de concurso.* — (Pode ser o que damos como exemplo ou outro idealizado pelo instrutor).

Dois adversários partem de duas lombas separadas de 600 a 800 metros. Cada um recebe a missão de avançar e ocupar uma posição na qual se estabelece de forma que observe todo o terreno intermédio.

O que primeiro localize o outro e faça fogo sobre ele à distância de 200 metros, se está deitado, ou de 300 se estiver avançando de pé a descoberto, ganha.

Cada um dos executantes será acompanhado por um monitor como «árbitro».

## IV — Regras de tiro e utilização do terreno para fazer fogo

Esta parte da instrução traz consigo a resolução dos seguintes problemas, que em forma de pergunta se apresentarão ao combatente:

Para onde atirar?	{	Busca		
	{	Percepção		
	{	Designação de objectivos.		
Quando atirar?	{	Quando seja preciso	{	Distância para o tiro individual.
	{	Quando seja eficaz.	{	

# Revista da Cavalaria

Como atirar? . . .	Escolha da posição de fogo que permita	}	Empregar as armas livremente.
			Boa visibilidade sobre o objectivo.
	O tiro marchando . . .	}	Boa protecção contra a observação e o fogo.
			Facilidade de lá chegar a coberto.
			Com a espingarda.
			Com a pistola metralhadora.
			Com a granada.

## Exercícios

1. — *Denominação de acidentes e modo de designar o objectivo* — (teoria no campo).

- Pelas suas características.
- Pela referência com outros mais visíveis.
- Pelas medidas angulares (dedos, milésimos, etc.).

2. — *Observação de accidentes.*

Numa zona de terreno marcada pelo instrutor, os recrutas devem dizer tudo que vêem, utilizando para designação os três processos anteriores.

3. — *Busca de objectivos.*

O instrutor designa os objectivos, os recrutas procuram-nos e depois de encontrados designam-nos por sua vez a outros companheiros.

4. — *Quando se deve atirar.* — (teoria no campo).

Limite de eficácia do tiro individual, segundo a distância.  
Até 200 metros contra homens deitados, sentados ou de joelhos, e até 500 metros contra grupos ou formações de pé.  
Avaliação destas distâncias tipo de 200 a 500 metros.

# Revista da Cavalaria

5. — *Escolha de posição de fogo e como utilizá-los.* (Exercício preliminar).

Colocados os recrutas na posição do inimigo, alguns monitores ocupam e utilizam acidentes para atirar fazendo alguns disparos.

Procurar distinguir entre eles uns bem e outros mal.

Comentários e crítica.

6. — *Escolha de posição de fogo e sua utilização.* (Prática pelos recrutas).

Colocados estes em determinada situação tática e à vista de alguns acidentes, utilizá-los escolhendo a posição, sitio por onde devem disparar e apoio da arma.

Comentários e crítica.

Depois ensina-se-lhes a melhorá-los com a ferramenta portátil por meio do trabalho.

7. — *Aprendizagem do tiro individual.*

Alças e pontos de pontaria para o tiro individual a 200 e 500 metros conhecendo a distância e não a conhecendo.

Ponto de pontaria sobre um inimigo em movimento.

Ponto a visar para corrigir o desvio provocado pelo vento.

8. — *Exercício de tiro em marcha.*

Parar para apontar e, disparar e carregar enquanto se avança.

Supõe-se neste exercício que o executante está no momento do assalto.

## V — A observação, a escuta e a informação

Compreende esta parte da instrução, as normas de conduta a seguir nesta matéria pelas sentinelas, observadores, exploradores e em geral por todos os combatentes.

Psicotécnica da observação { Observar e reter na memória grupos  
de objectivos diversos.  
Exercícios de viveza mental.

# Revista da Cavalaria

## Deveres das sentinelas em campanha :

Conduta nos seguintes casos . . . . .	{ Quando se aproxima alguém do posto Em caso de ataque aéreo. Quando é rendido no posto. Em caso de ataque de gás. Perante a aproximação de patrulhas inimigas. Como se deve situar.	De dia.
		De noite.

## Exploradores o observadores :

Precaução para observar . . .	{ Escolha do observatório. Sua preparação. Aproximação para o ocupar.	Ver sem ser visto.
		Escutar sem ser ouvido.

Desenvolvimento da agudeza visual e auditiva. . . .	{ Influência do sol, neve, etc. Observação de uma zona. Localização pelo som. Chicotada, silvo, detonação.
---	---

A observação de noite . . .	{ Preparação da vista para ver na obscuridade. Até onde se pode ver. Posição mais conveniente para observar. Treino do ouvido. De noite confundem-se as coisas com os homens.
-----------------------------	---

Informar .	{ Sobre . . . . .	{ Donde? Quem ou o quê? Onde? Quando? Como?
------------	-------------------	---

A transmissão da informação	{ Expressão. Redacção de mensagens claras e concisas. A transmissão por sinais.
-----------------------------	---

Combate .	{ Quando devem fazer fogo sobre o inimigo que se aproxima .	Sentinelas.
		Observadores.
		Exploradores.

# Revista da Cavalaria

## Exercícios

1. — *Deveres das sentinelas em campanha.* (Teoria no campo).

2. — *Prática sobre a conduta das sentinelas.*

Um recruta encontra-se de sentinela, um monitor aproxima-se dele, de dia e de noite.

A sentinela: manda fazer alto? — faz fogo? — detém-no?, etc.

Deverão mostrar-se os casos mal e bem da conduta da sentinela.

3. — *Psicotécnica de observadores.* (Exercícios preliminares).

Jogo do «Quê».

Numa bandeja colocam-se diversos objectos, pedras, cartuchos, navalhas, colheres, trapos, pedaços de jornais, lápis, canetas, arames, chaves, etc. (20 ou 30 coisas), e cobrem-se com um pano. À vista dos recrutas destapam-se e deixa-se que estes os observem durante um minuto. Depois cada um faz uma lista dos objectos que se recorda ter visto.

— Exercícios de viveza mental em pequenos problemas.

Por exemplo: — Um clarim entra na cantina e vê sobre o balcão uma moeda de um escudo. Apanha-a e pede um café pelo qual paga oitenta centavos e guarda o troco da moeda roubada com que pagou.

Quanto roubou?

Outro exemplo: — Um caracol sobe todos os dias dois metros e desce um metro durante a noite. Quantos dias levará a chegar ao cimo de uma parede com 5 metros de altura?

Outro exemplo: — Entrega-se a cada recruta um carregador de determinada arma. Pergunta-se o que é, depois dão-se-lhes três cartuchos e diz-se para os introduzirem no carregador.

Concurso contra relógio.

— Exercício de viveza visual cromática.

Colocados os recrutas num observatório, quatro soldados situados a 100 metros aparecem transportando cada um uma bandeira branca, amarela, vermelha, verde e roxa. Os recrutas dizem a ordem por que estão colocadas as cores.

Voltam-se os recrutas de costas, as bandeiras afastam-se cem metros e trocam a sua ordem. Nova observação dos recrutas e assim sucessivamente até que deixem de distinguir-se as cores.

Regista-se para cada um o momento (distância) em que deixa de distinguir cada cor e os casos de «daltonismo» se os houver.

— Exercício de atenção.

Num momento em que o instrutor tenha reunidos os recrutas para uma explicação, aproxima-se e diz qualquer coisa rapidamente a um recruta que não é do pelotão. Este, terá alguma coisa de anormal, por exemplo: uma mancha na cara, faz a continência apesar de levar a espingarda ao ombro, leva o sabre do lado direito, etc. Passados uns

# Revista da Cavalaria

minutos, depois de se retirar o instrutor, faz com que os recrutas o recordem e digam por escrito e sem trocarem impressões, como era e o que lhe notaram, isto é, os dados que permitam identificá-lo.

Recolhidas as provas, fazer-se-há apresentar o recruta que esteve a falar com o oficial. Comentários sobre os erros cometidos na recordeação.

## 4. — *Precaução na observação.*

Explicação pelo instrutor das condições que deve reunir um observatório.

Como se prepara e como se deve avançar para o ocupar sem ser notado pelo inimigo que pode estar a observar na zona. Antes de tudo, ver sem ser visto e ouvir sem ser ouvido.

## 5. — *Observação de uma zona.*

Num observatório coloca-se um grupo de recrutas munidos de papel e lápis, devendo anotar (ou assinalar se não tomar nota) tudo quanto veja e escute.

Preparam-se na zona observada:

Movimentos de indivíduos ou grupos. Tiros de espingarda, de pistola, de granadas ou de petardos. Ruidos de escavações. Sinais com bandeiras, gritos distantes, falar perto, etc.

Este exercício deverá ser repetido em diversas condições de observação e meteriológicas fazendo ver aos recrutas a sua influência na observação.

## 6. — *Localização de origens de tiro.*

Aproveitando exercícios de tiro, chama-se a atenção dos recrutas para os sons produzidos pela chicotada, silvo e detonação à boca da arma, bem como os erros de orientação que estes poderão causar quanto à localização da arma.

## 7. — *A observação de noite (exercício de treino visual).*

Faz-se com que um recruta se afaste do grupo e vá contando em voz alta os passos até que se veja desaparecer na obscuridade. Do mesmo modo regressa depois da obscuridade e conta os passos até que se lhe manda fazer alto ao ser observado.

Influência da posição e do fundo em que se projecta a silhueta.

Mostrar ao recruta até onde se vê de noite.

Quanto mais baixo for o ponto de observação, melhor se vê de noite, logo os observadores devem deitar-se no solo para observarem melhor.

# Revista da Cavalaria

— Exercício de treino de ouvido.

Este exercício realiza-se de forma análoga ao anterior, tendo em atenção que quando já não se vê o recruta que se afastou, muitas vezes ainda se ouve.

Fixar-se até onde se ouvem as palavras em voz baixa, os ruídos provocados pelo bater do armamento nos artigos do equipamento, o de um homem rastejando, o tossir, o de carregar uma arma, etc.

8. — *Comunicar uma observação.*

Exercícios de redacção de informação, claros e concisos.

Comunicar por sinais com os companheiros.

Crítica. Expôs claramente toda a observação e, sobretudo, o mais importante ?

9. — *Exercício final de observação.*

Ordena-se a um grupo para escolher, ocupar e preparar um observatório numa zona determinada. Nesta zona foram previstos e estão ocultos soldados que se moverão, dispararão cartuchos, farão ruídos, etc. Terminado o tempo previsto para o exercício (de 5 até 15 minutos), comentário e crítica pelo instrutor sobre :

1.º) — Conveniências do observatório escolhido, eficácia, ocultação; foi bem preparado? Acesso ao observatório.

2.º) — O que viram e ouviram. Como viram, deduções militares que fazem do que viram e ouviram. Que comunicação deveriam fazer da observação ?

## VI — A luta contra o carro de combate :

No campo de batalha qualquer indivíduo de qualquer Arma ou Serviço pode ver-se em presença dos carros. É, pois, indispensável, o conhecimento destes elementos, ainda que seja de forma rudimentar e dos meios de defesa contra eles, pois, sem meios especiais, com o armamento normal, pode-se lutar com eficácia contra estes engenhos, sempre que o soldado saiba dominar-se e saiba esperá-los para os atacar de perto.

Conhecimento dos carros {  
As suas armas  
Seus pontos vulneráveis  
Ângulos mortos  
Princípios que regem o seu emprego

Como se inutilizam :

Os obstáculos contra carros {  
Naturais  
Artificiais

# Revista da Cavalaria

O combate contra carros { O tiro contra as visceras  
Os engenhos incendiários  
As cargas explosivas  
As minas especiais  
Barras de ferro, blocos de pedra, arames,  
troncos, etc.

## Exercícios

### 1. — *Familiarização com os carros :*

Não é fácil que os recrutas possam aprender na presença dos carros. As tropas de uma guarnição onde exista uma Unidade de carros poderá aproveitar, quer visitando-a, quer aproveitando os exercícios destes, próximo do seu campo de instrução. Ensinar-lhes que as zonas que estão em ângulo morto para as armas do carro, são um belo sector de ataque para os destruir.

### 2. — *Exercícios com carros simulados :*

Para a instrução do combate contra carros, as Unidades que tenham organizadas tropas especiais para este fim, farão com que os recrutas presenciem os exercícios destas. Os que, como nós, não as tenham organizadas, substituirão esses exercícios, com esquemas e explicações sobre os meios de combate contra o carro.

Também se podem constituir carros simulados por meio de esqueletos de madeira (que podem estar montados em chassis de camião) cobertos de tela, contra os quais se realizarão exercícios de combate.

## VII — Como se deve proteger da aviação e como combatê-la

Na guerra actual temos que contar sempre com a presença da aviação inimiga, que procurará por todos os meios impedir e prejudicar a nossa acção. É indispensável, portanto, conhecê-la, assim como os processos de dissimulação e combatê-la, isto é :

Os aviões e as suas armas { Ataque ao solo  
Bombardeio  
Caça

A dissimulação { Disseminação  
Imobilidade  
Mascaramento

As metralhadoras e espingardas contra os aviões.

# Revista da Cavalaria

## Exercícios

1. — *Emprego de desenhos, fotografias e passagem ocasional de aviões :*

Para conhecimento dos aviões e suas armas, dão-se explicações teóricas ilustradas com figuras, fotografias, etc. e aproveita-se a passagem de aviões sobre os nossos campos de instrução para fazer explicações.

2. — *Aproveitamento das marchas e exercicios :*

Durante os exercicios de marcha e combate que os pelotões realizem, deverão criar frequentes situações de suposta presença da aviação inimiga para praticar e pôr em acção os meios de dissimulação e mascaramento do pessoal e material. Sempre que se realize uma marcha, durante o alto, deverão tomar-se as medidas necessárias para a dissimulação contra a observação aérea.

3. — *As metralhadoras e espingardas contra os aviões :*

Ensinam-se as posições mais convenientes do atirador para bater com espingarda os aviões, que em voo baixo nos ataquem, fazendo ver que, embora uma espingarda ou uma metralhadora ligeira sejam ineficazes contra os modernos aviões de combate, o fogo do conjunto de muitas espingardas e metralhadoras pode chegar a derrubá-lo.

Deverão ensinar-se também simples regras e o princípio da teoria do tiro antiaéreo.

## VII — Como proteger-se contra os gases

Ainda que da última guerra mundial não haja notícias oficiais de terem sido empregados gases, não podemos deixar de os temer, visto que o motivo de não terem sido empregados foi o facto de todos os exércitos combatentes estarem em condições de se protegerem deles e devolver a agressão.

Esta instrução compreende :

Conhecimento dos agressivos químicos . { Do ar  
Do terreno

A protecção individual . { A máscara  
Os trajos especiais

O alarme de gás.

Depois da agressão química.

A desimpregnação.

# Revista da Cavalaria

## IX — Exercícios finais como resumo de toda a instrução :

### Concurso individual de «duelo» (exemplo)

Em terreno variado e em que haja toda a espécie de arbustos, pedras, valas e ruínas etc. (se não os houver preparam-se artificialmente), traça-se uma zona circular de 500 a 600 metros de diâmetro.

Esta zona representará uma ilha, onde por azares da campanha permanecem apenas o combatente *A* de um partido e os *B* e *C* de outro. *A* matou num encontro anterior *C*, que jaz num ponto da ilha assinalado por uma bandeira vermelha e tem sobre si 10 cartuchos.

No centro da ilha e assinalado por uma bandeira branca, existe uma nascente que *A* e *B* tentam alcançar, pois ambos estão quase mortos de sede e não poderão resistir por muito tempo sem beber.

*A* e *B* são excelentes atiradores que acertam facilmente com um só tiro sobre uma cabeça que se descubra a menos de 200 metros, mas entre 200 e 300 metros necessitam de dois para acertar e para além dos 300 metros a eficiência do tiro é duvidosa. Cada um dispõe apenas de três cartuchos a não ser que vá buscar os 10 que tem *C* (bandeira vermelha).

*A* e *B* partem de dois pontos separados 400 metros e equidistantes da bandeira branca; ambos procuram chegar antes de 20 minutos à nascente sem serem feridos, procurando pôr fora de combate o adversário.

O que primeiro acertar sobre o outro ganha.

Cada um dos jogadores será acompanhado de um «árbitro» que seguirá os seus movimentos, de forma que com a sua presença não denuncie a do jogador, tomando nota dos incidentes para decidir qual dos dois «duelistas» é o vencedor. A decisão final, inapelável, será dada pelo oficial instrutor director do jogo.

P. C.

Da Revista *Ejército*



# ESTORIL

## COSTA DO SOL

A 23 quilómetros de Lisboa

Clima excepcional durante todo o ano

Todos os desportos — Golf (18 buracos), tennis (7 courts), natação, hipismo, esgrima, tiro, etc.  
Estoril-Palácio-Hotel—Luxuoso e confortável. Magnífica situação.  
Hotel do Parque — Elegante e moderno.  
Monte Estoril-Hotel — (antigo Hotel de Itália) completamente modernizado.  
Estoril - Termas — Estabelecimento hidro-mineral e fisio-terápico, ginástica, cultura física. Análises clínicas.  
Tamariz — Pavilhão restaurante, bar americano, magnífica esplanada sobre o mar.  
Casino — Aberto todo o ano concertos, cinema, dancin's, restaurante, bars, e jogos autorizados.



ESCOLA DE EQUITAÇÃO  
«STANDS» DE TIRO  
SALA DE ARMAS  
PISCINA DE ÁGUA TÉPIDA

Informações :

Soc. Propaganda da Costa do Sol

ESTORIL — PORTUGAL

# Bertrand & Irmãos, L.<sup>da</sup>

TRABALHOS  
TIPOGRÁFICOS  
SIMPLES,  
E DE LUXO,  
REPRODUÇÕES  
EM FOTOGRAVURA,  
OFFSET  
E LITOGRAFIA

Travessa da Condessa do Rio, 27

Telefones P. B. X. { 21227  
                                  { 21368

LISBOA

# BANACÃO

O melhor dos alimentos

Produto português para os portugueses

**O BANACÃO é preferido para a 1.<sup>a</sup> refeição**

porque todos os que o tomam, se sentem mais confortados até à 1.<sup>a</sup> refeição,

porque ao fim de poucos dias conhecem a diferença do seu vigor nos exercícios físicos, que normalmente fazem,

porque é o mais agradável ao paladar.

## **OS PARECERES MÉDICOS**

provam que é o mais nutritivo,

provam que fornece mais calorias do que qualquer outra refeição.

**BANACÃO sempre BANACÃO**



TIPOGRAFIA DA LIGA DOS COMBATENTES  
DA GRANDE GUERRA



TRABALHOS TIPOGRÁFICOS

EM TODOS OS GÊNEROS



Calçada dos Caetanos, 18

TELEFONE — 21450

L I S B O A

SID. INTER. 03 EX. 10  
663 8



...Essas poucas páginas brilhantes  
e consoladoras que há na História do  
Portugal contemporâneo escrevemo-las  
nós, os soldados, lá pelos sertões da  
África, com as pontas das baionetas  
e das lanças a escorrer em sangue ...

Joaquim Mousinho



# Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

## FUNDADORES

1904

General Carlos Bazílio Damasceno Rosado

Major Fernando Maya

Major Cristovam Ayres de Magalhães Sepulveda

Capitão António Augusto da Rocha de Sá

Tenente Leopoldo Augusto Pinto Soares

1939

Capitão João Gamarro Correia Barrento

Capitão Amadeu Santo André Pereira

Tenente Augusto Casimiro Ferreira Gomes

Tenente António S. Ribeiro de Spínola

Alferes Luís Manuel Tavares

F.C.

BIBLIOTÉCA DO EXERCITO  
(Antiga Biblioteca do E. M. E.)  
6678

# Revista da Cavalaria

Propriedade da Cavalaria Portuguesa

## DIRECTOR

Director da Arma de Cavalaria

## DIRECÇÃO EXECUTIVA

Capitão António S. Ribeiro de Spínola

Capitão José João Henriques de Avellar

Tenente Luiz Pimenta de Castro

## SECRETÁRIO

Capitão Manuel de Sousa Vitoriano

## SEDE

DIRECÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA  
Calçada da Ajuda — Telef. 38 167

Composta e impressa na Tipografia  
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA

**Ano . . . . . 45\$00**

(Para o Ultramar e estrangeiro acrescido do porte do correio)

**Avulso 7\$50**

F.C.

BIBLIOTECA DO EXERC.  
(Antiga Biblioteca do E. M. A.)  
6678

# SUMÁRIO

DEZ ANOS	<i>Capitão António Spinola</i>	465
OS MORTEIROS NO ATAQUE DE CARROS	<i>Capitão Vasco Cardeiro</i>	469
AS TRANSMISSÕES NO REGIMENTO DE CARROS	<i>Tenente Enes Ferreira</i>	480
HIPISMO:		
CONCURSO HÍPICO DE CASCAIS	<i>Capitão Henrique Calado</i>	493
NOTICIÁRIO HÍPICO		503
ENSINO DO CAVALO	<i>Coronel Almeida Ribeiro</i>	505
O CONCURSO HÍPICO	<i>Capitão Saint-André</i>	513
JORNAIS — REVISTAS — LIVROS:		
OPINIÕES DO GENERAL GUDERIAN SOBRE AS FORÇAS COURAÇADAS NA GUERRA		531
ALGUMAS OPINIÕES DO GENERAL PATTON	<i>Cap. de Res. J. Huberlant</i>	540



# Revista da Cavalaria

10.º ano-n.º 6

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Novembro

## DEZ ANOS



Dez anos!...

O que representam dez anos?

Para alguns uma existência; para outros apenas uma etapa; para outros, ainda, um fugitivo dia ou um interminável século, consoante a época, a condição ambiente e o conceito da vida.

Verifica-se, assim, que embora a «noção do tempo» tivesse sido traduzida pelo homem como uma medida mecânica e concreta, o sentido da sua apreciação é influenciado por determinantes subjectivas que variam de indivíduo para indivíduo.

Não há dúvida que cada indivíduo tem uma concepção diferente do aproveitamento do tempo, procurando gastá-lo a seu modo, circunstância que, independentemente de qualquer perturbação accidental, influi decisivamente na fixação da sua unidade de medida.

Para o cientista que concentrado nos seus estudos busca incansavelmente a descoberta do ignoto, para o realizador que vive extasiado pela obra a que se devotou, para o idealista puro

## Revista da Cavalaria

teiras, metamorfosearam-se ideologias, nasceram nações, criando-se, conseqüentemente, novos interesses e novas hegemonias.

A remodelação político-social que o mundo sofreu foi tão acentuada, que ninguém, medianamente culto, poderá viver alheio ao panorama internacional criado pela última guerra, que aparentemente terminada em 1944 continua, ainda, a convulsionar as relações económicas e culturais que devem fundir todos os povos em comum anseio de progresso e civilização.

Constata-se que o período que assinalamos foi caracterizado em todos os ramos da actividade humana, por uma vertiginosa evolução que, ultrapassando largamente as expectativas do passado, criou no pensamento dos homens de hoje novas incógnitas a desvendar.

Ao balancearmos, em ligeira síntese, os factos culminantes da época que passa, moveu-nos o preconcebido intento de avivar o sentido das realidades àqueles que, embalados por acrisolados sonhos de idealismo, perderam a noção do rodar do tempo.

Vêm estas reflexões a propósito do primeiro decénio da *Revista da Cavalaria* que, muito embora para os que tomaram sobre os seus ombros o encargo de a criar ou manter, pouco mais represente que dez fugitivos dias, nem por isso deixa de marcar uma etapa na larga estrada da sua vida.

Interessante será, pois, nesta ocasião, lançar uma vista de olhos pelos dez volumes publicados.

Quem folhear as suas páginas encontrará, irmanados pelo devotado desejo de bem servir, todos os que o favor da fortuna prendou com o espírito daqueles cavaleiros medievos, que com o seu sangue, audácia e engenho, sublimaram a *nobre arma* a que nos orgulhamos de pertencer.

A evangélica exortação com que abre o primeiro número da Revista o saudoso e insigne General Morais Sarmiento, as douradas e respeitáveis reflexões dos mais ilustres generais oriundos da arma, as valiosas lições de mestres consagrados, a eloquente prosa de cavaleiros em destaque na literatura contemporânea, os

## Revista da Cavalaria

que vive absorto pela propaganda dos seus ideais, para o artista que vive mergulhado nos pensamentos da sua arte, para o meditando poeta que vive embalado no seu mundo de sonho, e para tantos outros que nunca sentiram a necessidade de *matar o tempo*, este tem uma medida de grandeza diferente da daqueles para quem a preocupação de *passar o tempo* constitui imperativo da vida.

Por mais divergentes que se apresentem os conceitos de aproveitamento do tempo e por mais variável que seja a grandeza da sua unidade de medida, este continuará a rolar ininterruptamente, dividido em períodos demarcados pelos factos culminantes da vida da humanidade.

O decénio que sucedeu ao renascimento da *Revista da Cavalaria* em Novembro de 1939, e que hoje celebramos, foi assinalado por importantes descobertas científicas e por profundas remodelações sociais do agregado humano.

A generalização do emprego da rádio e da televisão, os projectos dirigidos, a aviação estratosférica, o radar, o inconcebível aperfeiçoamento da técnica cirúrgica, culminado em experiências de prolongamento da vida humana por meio do «coração artificial», o incrível progresso da investigação farmacológica conduzindo à possibilidade de recuperar em poucas horas vidas humanas, ainda há pouco tempo só susceptíveis de salvamento por milagre divino, a evolução da ciência química tornando possível obter por síntese quase todos os produtos da natureza, a desintegração do átomo de que resultou a libertação da energia atómica, cujas consequências ultrapassam o nosso pensamento, e tantas outras descobertas que não nos ocorrem ou desconhecemos, são as balizas do progresso atingido pela ciência e os caboucos de uma nova era na história da humanidade.

Sob o aspecto social a evolução não foi menor. No decorrer de tão curto espaço de tempo, deflagraram guerras com caprichosas alternativas de revezes e de vitórias, sucumbiram impérios e com estes alguns ídolos da humanidade, rectificaram-se fron-

## Revista da Cavalaria

teiras, metamorfosearam-se ideologias, nasceram nações, criando-se, conseqüentemente, novos interesses e novas hegemonias.

A remodelação político-social que o mundo sofreu foi tão acentuada, que ninguém, medianamente culto, poderá viver alheio ao panorama internacional criado pela última guerra, que aparentemente terminada em 1944 continua, ainda, a convulsionar as relações económicas e culturais que devem fundir todos os povos em comum anseio de progresso e civilização.

Constata-se que o período que assinalamos foi caracterizado em todos os ramos da actividade humana, por uma vertiginosa evolução que, ultrapassando largamente as expectativas do passado, criou no pensamento dos homens de hoje novas incógnitas a desvendar.

Ao balancearmos, em ligeira síntese, os factos culminantes da época que passa, moveu-nos o preconcebido intento de avivar o sentido das realidades àqueles que, embalados por acrisolados sonhos de idealismo, perderam a noção do rodar do tempo.

Vêm estas reflexões a propósito do primeiro decénio da *Revista da Cavalaria* que, muito embora para os que tomaram sobre os seus ombros o encargo de a criar ou manter, pouco mais represente que dez fugitivos dias, nem por isso deixa de marcar uma etapa na larga estrada da sua vida.

Interessante será, pois, nesta ocasião, lançar uma vista de olhos pelos dez volumes publicados.

Quem folhear as suas páginas encontrará, irmanados pelo devotado desejo de bem servir, todos os que o favor da fortuna prendou com o espírito daqueles cavaleiros medievos, que com o seu sangue, audácia e engenho, sublimaram a *nobre arma* a que nos orgulhamos de pertencer.

A evangélica exortação com que abre o primeiro número da Revista o saudoso e insigne General Moraes Sarmiento, as doudas e respeitáveis reflexões dos mais ilustres generais oriundos da arma, as valiosas lições de mestres consagrados, a eloquente prosa de cavaleiros em destaque na literatura contemporânea, os

## Revista da Cavalaria

escritos de camaradas de outras armas, e, por fim, a magnífica contribuição dos mais jovens detentores do *facho da cavalaria*, prenes de irrequieta vivacidade e comunicativo entusiasmo, constituem, sem dúvida, no seu conjunto, um precioso documentário da actividade da Cavalaria Portuguesa nos últimos dez anos.

Nas suas páginas se têm discutido as sucessivas transformações sofridas pela arma e entrechocado as mais variadas opiniões sobre o seu futuro.

Uns, procurando iludir a sua sensibilidade com alguns relatos de acções ocasionais na última retirada da Rússia, vêem ainda possibilidades de actuação para a velha cavalaria.

Outros, mais progressivos, mas cautelosos, apoiados na ponderação de factores económicos, geográficos e técnicos, consideram o conjunto hipo-moto-mecânico cabalmente apto ao completo desempenho das clássicas missões da arma.

Outros, ainda, mais dinâmicos e ousados, de espírito aberto à germinação de novas concepções, consideram a integral moto-mecanização da arma um imperativo dos novos conceitos de espaço e tempo a que conduziram as crescentes velocidades dos modernos agrupamentos de combate.

Finalmente, outros, mais radicais, com o coração a sangrar, apontam-nos o movimento separatista da *arma mecanizada*, que tende a individualizar-se, fugindo a qualquer tutela que a tecnologia ou a tradição lhe queiram impor.

O combate das ideias está ainda confuso; contudo, parece definir-se certa vantagem do lado daqueles que, meditando no vertiginoso ritmo do progresso, porfiam em manter a cavalaria no seu lugar histórico de *arma rápida*.

Ao iniciar-se nova etapa na vida da *Revista da Cavalaria*, reafirmamos a nossa fé inabalável na *nobre arma*, cujo espírito perdurará eternamente nos homens que o futuro predestine a marchar nas vanguardas dos Exércitos.

Capitão ANTÓNIO SPÍNOLA

## Revista da Cavalaria

escritos de camaradas de outras armas, e, por fim, a magnífica contribuição dos mais jovens detentores do *facho da cavalaria*, prenhes de irrequieta vivacidade e comunicativo entusiasmo, constituem, sem dúvida, no seu conjunto, um precioso documentário da actividade da Cavalaria Portuguesa nos últimos dez anos.

Nas suas páginas se têm discutido as sucessivas transformações sofridas pela arma e entrechocado as mais variadas opiniões sobre o seu futuro.

Uns, procurando iludir a sua sensibilidade com alguns relatos de acções ocasionais na última retirada da Rússia, vêem ainda possibilidades de actuação para a velha cavalaria.

Outros, mais progressivos, mas cautelosos, apoiados na ponderação de factores económicos, geográficos e técnicos, consideram o conjunto hipo-moto-mecânico cabalmente apto ao completo desempenho das clássicas missões da arma.

Outros, ainda, mais dinâmicos e ousados, de espírito aberto à germinação de novas concepções, consideram a integral moto-mecanização da arma um imperativo dos novos conceitos de espaço e tempo a que conduziram as crescentes velocidades dos modernos agrupamentos de combate.

Finalmente, outros, mais radicais, com o coração a sangrar, apontam-nos o movimento separatista da *arma mecanizada*, que tende a individualizar-se, fugindo a qualquer tutela que a tecnologia ou a tradição lhe queiram impor.

O combate das ideias está ainda confuso; contudo, parece definir-se certa vantagem do lado daqueles que, meditando no vertiginoso ritmo do progresso, porfiam em manter a cavalaria no seu lugar histórico de *arma rápida*.

Ao iniciar-se nova etapa na vida da *Revista da Cavalaria*, reafirmamos a nossa fé inabalável na *nobre arma*, cujo espírito perdurará eternamente nos homens que o futuro predestine a marchar nas vanguardas dos Exércitos.

Capitão ANTÓNIO SPÍNOLA

# OS MORTEIROS

## NO ATAQUE DE CARROS

pelo Capitão VASCO CORDEIRO

**P**or considerarmos vantajoso à projecção deste trabalho, preambulamos o nosso tema de estudo com as principais características técnicas dos morteiros.

As principais características destas armas são:

- Uma grande mobilidade, dentro das viaturas e mesmo quando transportadas a braço depois de ter apeado a guarnição;
- Uma boa velocidade de tiro que pode ir além dos vinte tiros por minuto;
- Uma notável precisão, mesmo ao máximo alcance da arma (para o nosso morteiro de 81 mm. o máximo alcance é de 4.050 m.), o que lhe permite obter uma densidade de fogo importante sobre objectivos de pequena extensão;
- Uma trajectória muito curva, o que lhes permite fazer fogo com absoluta segurança por cima das nossas tropas, seja qual for a posição dos morteiros em relação a estas, bater objectivos desenhados para as outras armas (incluindo mesmo a artilharia) e ainda uma grande facilidade em encontrar uma posição favorável à instalação das armas;
- Um fraco municiamento exigindo, portanto, frequentes e difíceis remuniciamentos;
- Possuem um projectil potente cuja eficácia é semelhante à da granada de artilharia de 7,5 cm., embora com uma força de penetração inferior.

## Revista da Cavalaria

Acerca da característica mencionada aqui em primeiro lugar — mobilidade — as modernas unidades de morteiros, entre nós sucessoras recentes das antigas unidades a cavalo, não foi em muito alterada por lhe terem sido atribuídas viaturas como transporte, visto tratar-se de viaturas T. T. e, portanto, com maior ou menor facilidade de deslocação em terreno variado, segundo o tipo de viatura adoptado.

Entre nós, para transporte das unidades de morteiros já se adoptaram 3 tipos de viaturas T. T.: uma que se desloca sobre 4 rodas motoras (Jeep tipo maior) não dotado de qualquer blindagem e que foi atribuída ao pelotão de morteiros do R. C. 4, outra que se desloca sobre lagartas (Bren) dotada de uma blindagem ligeira que foi atribuída às unidades de morteiros de todos os outros Regimentos de Cavalaria e presentemente a última que substitui todas as outras, também dotada de blindagem, mas deslocando-se sobre rodas. É a viatura autotransporte blindada C. M. m/947.

Parece-me serem da maior vantagem para este fim as viaturas do tipo Bren, pois além de possuírem uma blindagem que protege a guarnição das armas contra fogos de armas ligeiras e estilhaços e ainda por possuírem como meio de locomoção as lagartas, deslocando-se mais facilmente em terreno variado, embora sobre estrada as viaturas sobre rodas consigam uma maior rapidez na marcha.

Em qualquer destes casos, para que as armas possam fazer fogo, é necessário primeiro apeá-las e instalá-las no terreno, o que como é fácil de ver representa uma perda de tempo, se nos lembrarmos que poderia haver uma viatura (e que de facto existe, pois que nos lembre apareceu no exército alemão e inglês, nesta última guerra), que apresentasse as mesmas características que o Bren, mas de sobre as quais as mesmas armas pudessem fazer fogo embora em caso de necessidade o pudessem executar apeando. Parece-nos, portanto, ser esta última solução a mais vantajosa, pois além do ganho de tempo na abertura de fogo pelas armas, a guarnição destas estaria protegida mesmo durante a execução deste fogo pela blindagem das próprias viaturas.

Por último, vamos fazer referência às munições usadas para o combate e ao municionamento e dificuldades no remunicionamento que, sendo uma das características por nós atrás apontada, não deixa também de ser uma servidão grande apresentada por estas armas e que não permitiu por vezes, pelo menos até à data do início desta última guerra, um maior emprego destas no combate.

Munições empregadas e seus efeitos — vamos referir-nos às usadas pelo nosso morteiro de 81 mm. e, como é do conhecimento geral, são as

## Revista da Cavalaria

seguintes: a granada explosiva ordinária (G. E. O.) e a granada explosiva de grande potência (G. E. G. P.). Usando esta última granada o alcance máximo da arma é apenas de 1.500 m. A G. E. O. geralmente empregada com uma espoleta de percussão instantânea, portanto com efeitos de superfície, origina uma onda explosiva e estilhaços numa zona que pode ir além dos 100 m. e é destinada à destruição de pessoal e material a descoberto, abrigos superficiais, ninhos de metralhadoras e ainda pessoal e material ao abrigo de máscaras e posições de contra encosta. O efeito explosivo e dos estilhaços desta granada é comparável ao produzido pela granada explosiva de artilharia do material de 7,5 cm. A G. E. G. P. emprega-se conforme as circunstâncias, com espoleta de percussão instantânea ou retardada e produz efeitos semelhantes aos da granada de artilharia de 120 mm. No caso desta granada ser usada com espoleta de percussão instantânea, o que não é normal, origina uma zona explosiva de estilhaços que pode ir a mais de 200 m. Usando a espoleta de percussão retardada consegue-se fazer rebentar a granada depois de enterrada no solo a pequena profundidade e aproveitando assim o seu grande poder explosivo, destruir abrigos reforçados e enterrados a razoável profundidade e organizados portanto por forma a oferecer grande resistência. Os morteiros costumam também empregar granadas de tipo especial, tais como de fumos, a fim de ocultar as N T ao inimigo durante um determinado espaço de tempo, dificultando o tiro deste, ou permitindo manobrar por forma a fazer cair resistências localizadas. Também são empregadas granadas de sinais e incendiárias, mas o morteiro que nos está distribuído não é dotado de qualquer granada deste tipo.

Resta-nos agora tratar do municiação e dificuldades no remuniciação desta arma. Os quadros orgânicos de material indicam como dotação de munições por morteiro as seguintes: como dotação inicial nas viaturas, 48 granadas explosivas ordinárias; no TCI do esquadrão, duas dotações de remuniciação com o total de 48 granadas e ainda uma terceira de 24 granadas explosivas de grande potência.

Um pelotão de morteiros a 4 armas consomem normalmente em regimen de fogo médio, 40 tpm. Ao fim de 10 minutos e com o mesmo regimen de fogo gastaram-se quatrocentos tiros. Ora estamos certos que há-de ser vulgar durante o combate e num espaço de tempo relativamente curto, estas armas serem chamadas a desempenhar várias missões que poderão exigir uma duração de tiro a efectuar, igual em tempo, senão por vezes ainda maior. Por aqui se vê, comparando com as dotações acima citadas, que não é fácil no TC do esquadrão

# Revista da Cavalaria

como no do regimento, acumular as quantidades de munições necessárias por forma a permitir que estas armas efectuem tiros sobre todos os objectivos, mas sim apenas sobre aqueles que estejam nitidamente definidos e referenciados e, portanto, sem que de antemão se saiba não estarem a ser desperdiçados tiros que em outras ocasiões possam vir a ser precisos, e ainda sem que se pense constantemente na forma por que o remuniamento haja de ser feito. Pelo facto destas armas serem transportadas em viaturas blindadas TT, o problema de remuniamento está mais facilitado, visto que, destinando-se estas armas a actuar nas primeiras linhas e, portanto, ainda sujeitas por vezes à acção dos fogos das armas ligeiras do adversário, o remuniamento terá que ser feito debaixo deste fogo em determinadas zonas enfiadas do itinerário a percorrer por estas viaturas até aos TC do Esquadrão e Regimento.

## Os morteiros no ataque

### As missões que lhe podem ser atribuídas

Os morteiros são armas destinadas no combate ofensivo a colaborar na:

#### *Preparação do ataque:*

Destruindo dentro do possível, os meios de fogo do adversário (metralhadoras, e mesmo fracções da artilharia de acompanhamento), que já tivessem sido referenciadas e que possam vir a exercer acção importante sobre a saída do ataque da base de ataque, e ainda procurando a destruição de obstáculos que também já tenham sido referenciados e que se reconheça poderem vir a prejudicar a progressão de ataque; — batendo zonas onde tivessem sido assinaladas concentrações de tropas (reservas), dificultando ou impedindo estas de manobrar e ainda pontos de observação. A preparação do ataque de uma maneira geral, deve ser feita principalmente pela artilharia, pois está em condições de poder bater com os seus fogos potentes, zonas consideráveis de terreno com uma grande densidade de projecteis.

Aos morteiros compete apenas completar a acção da artilharia, pois devido às suas dificuldades de remuniamento, não podem só por si fazer uma preparação conveniente, limitando-se, portanto, ao papel de,

## Revista da Cavalaria

valendo-se da precisão das suas pontarias, efectuar um tiro de qualidade, isto é, bater pontos ou zonas bem referenciados e em que, portanto, haja uma garantia de que com um fraco consumo de munições possam ser atingidos os locais desejados.

### *No apoio do ataque:*

Uma vez lançado o ataque, compete também à artilharia facilitar a progressão das tropas e para isso procura bater e destruir todas as resistências que o adversário opõe ao seu avanço, mas, ou porque essas resistências se não revelem ou porque é difícil, senão impossível, o seu aniquilamento completo e ainda em muitos casos, porque as condições de segurança do escalão de fogo o não permitam, há sempre algumas que ficam, e como é fácil de supor, surgindo durante o combate e por vezes em fases decisivas deste, vêm fatalmente, senão são reduzidas em tempo oportuno, prejudicar ou mesmo parar o ataque. Quantas vezes sucederá verem-se as tropas atacantes na impossibilidade de só por si vencerem essas resistências que irão aparecendo durante a progressão, necessitarem de um meio mais poderoso de fogo como apoio, o qual em muitos casos para que não seja anulado todo o esforço despendido no ataque lhe terá que ser dado quase instantaneamente. A artilharia devido a vários factores mas principalmente ao facto de se encontrar a grandes distâncias do local para onde é pedido o seu fogo, não se encontra na maioria dos casos em condições de satisfazer estes pedidos. É ao morteiro, então, que serão pedidos estes fogos, pois que é uma arma que pelas suas características está apta a fazê-los em qualquer altura do combate, sobre qualquer ponto, quase que sem transmissões e como consequência disto quase que instantaneamente.

Os morteiros recebem então como missão:

- Destruir ou neutralizar as resistências inimigas imediatamente na frente do escalão de fogo que se opõem à progressão deste, reforçando a acção dos seus fogos, quando não tenham sido suficientes para obter a neutralização necessária ao avanço;
- Cooperar na exploração do sucesso obtido pelas unidades do escalão de fogo, perseguindo com os seus fogos as forças adversárias que retiram na frente deste.

# Revista da Cavalaria

## *Na protecção do ataque:*

As missões a atribuir a estas armas são as seguintes:

- Intredizer ao inimigo determinadas zonas de terreno tornando-as impraticáveis pelo seu fogo;
- Destruir ou pelo menos neutralizar os meios de fogo do adversário mais distante, inclusivamente artilharia inimiga e os observatórios que regulam o seu tiro.
- Proteger o retrocesso das unidades do escalão de fogo que possam vir a ser repelidas pelo inimigo, facilitando-lhe a rotura do combate e cobrindo-lhes a retirada.

Vistas assim de uma maneira geral quais as missões principais que podem ser atribuídas ao morteiro no combate ofensivo, vamos agora referir-nos ao que respeita à articulação táctica para o combate e à situação no dispositivo, das unidades ou fracções de morteiros.

De uma maneira geral podemos dizer que podem:

- Fazer parte do agrupamento de tiro de apoio directo de um determinado agrupamento de ataque e com a missão principal de satisfazer os pedidos de apoio feitos directamente das unidades de ataque do agrupamento que receberam como missão a picar. No entanto, neste caso é conveniente notar, poderem ser estes agrupamentos de tiro empregados também pelo Comando de que depende o agrupamento de ataque, como apoio de qualquer outro agrupamento vizinho ou ainda em outras missões que se apresentam no decorrer do ataque e que este mesmo Comando julgue necessário mandar realizar.
- Fazer parte de agrupamentos exclusivamente accionados pelo Comando para fazer face às suas necessidades de apoio, de manobra e protecção do escalão de fogo (tiros de interdição de determinados pontos ou zonas do terreno, de destruição ou neutralização de observatórios, etc.)
- E ainda serem destacados para junto das unidades de ataque ficando directamente sob as ordens do Comando destas,

## Revista da Cavalaria

quando se dá o caso de o terreno ou a distância resultante da progressão ou da missão destas unidades ou agrupamentos não permitir garantir o apoio eficaz dessas unidades, com os agrupamentos atrás citados. Recebem, portanto, neste caso, uma *missão de acompanhamento*.

Neste dois primeiros casos, portanto fazendo parte de uma Base de Fogos, pois estas não são mais do que agrupamentos de tiro à disposição do Comando em condições de permitir o apoio e flanqueamento das unidades do escalão de fogo e ainda a permitir que a acção deste Comando se manifeste por forma a fazer sentir durante o combate a sua acção pessoal (manobrando pelo fogo), procurando concentrações de fogo sobre um ponto ou outro da zona de ataque e prestando um apoio mais ou menos forte aos diferentes agrupamentos consoante o papel que lhes atribui na manobra e a situação nas diferentes fases do ataque.

Portanto, a base de fogos corresponde assim à necessidade de:

- Destruir ou neutralizar os órgãos de fogo de infantaria da defesa e de uma maneira geral, todas as resistências que se oponham ao avanço do escalão de fogo, obstáculos activos ou passivos acumulados pela defesa (papel principal dos morteiros);
- Constituir um elemento de fogo fixo do qual se desenvolve o combate essencialmente móvel do escalão de fogo, assegurando a este a retirada, protegendo por meio de fogos defensivos;
- Eventualmente e em alguns casos, neutralizar ou incomodar o inimigo nas zonas de terreno mal conhecidas e que se tornem suspeitas.

A instalação das bases de fogos, representam na grande maioria dos casos e em especial no combate ofensivo, um problema de difícil resolução, pois devem ter-se em atenção um grande número de factores a que é necessário satisfazer sempre.

A base de fogos, em princípio, é comandada pelo comandante do E. M. E., o qual procede a um reconhecimento da posição tendo em atenção os objectivos que lhe forem dados, a forma do terreno, a situação das NT, as deslocações previstas, assegurar o remuniciamento e ainda as missões a dar a cada uma das unidades.

## Revista da Cavalaria

A base de fogos, em regra, deve ser estabelecida na base de ataque e considerando o caso especial dos morteiros, à retaguarda do escalão de fogo, e a deslocação dos seus elementos deverá ser feita dentro dos lanços previstos, por escalões, de posição de tiro em posição de tiro e por forma a assegurar um apoio contínuo ao escalão de fogo. Estes deslocamentos da base de fogos são impostos pela progressão no ataque do escalão de fogo e conforme o terreno assim serão mais ou menos frequentes, visto que à medida que esta progressão se acentua, a dificuldade em apoiar este vai sendo cada vez maior e pode até cessar este apoio por parte de algumas das armas da base de fogos, pois o tiro pode tornar-se perigoso para as NT mais avançadas. É neste momento que deslocarão os primeiros elementos para uma nova posição já prevista e reconhecida previamente, de maneira que quando as NT atingirem o objectivo apoiadas pelos elementos que puderem continuar a executar o fogo, já uma nova base de fogos deve estar organizada por forma a poder apoiar novamente o escalão de fogo que irá continuar o ataque e ainda a garantir a posse desse mesmo terreno.

É assim que o ataque deverá ser sempre apoiado por bases de fogos sucessivas cuja constituição e deslocamento devem ser sempre objecto de preocupação constante do comando.

Aos morteiros está pois destinado, especialmente por forma da sua trajectória, o desempenho sempre e em qualquer caso, de um papel importante numa base de fogos ou em qualquer agrupamento de ataque.

Durante o ataque eles estarão sempre em condições de o apoiar mesmo até quase ser atingido o objectivo (há apenas a considerar uma zona de segurança à frente das tropas mais avançadas e do escalão de fogo que pode ir até aos trezentos metros), porque para estas armas de tiro curvo, não há terreno onde o tiro lhe seja impossível, o que não acontece com armas de tiro tenso (metralhadoras), as quais na maioria dos casos terão que suspender o seu fogo durante o ataque por este lhe ser impossível, quer por dificuldades motivadas pelo terreno, quer por motivo de segurança para as tropas atacantes, e por isto mesmo e em especial quando o combate se desenvolve em terreno bastante acidentado, e uma vez inteiramente resolvido o problema do remuniamento pela adopção de viaturas apropriadas, estamos convencidos que uma base de fogos será constituída exclusivamente por armas de tiro curvo, ou pelo menos com uma percentagem bastante grande sobre as armas de tiro tenso, pois pelo que atrás disse, são aquelas que estão em melhores condições de fazerem apoio eficaz e contínuo de um ataque durante o seu desenvolvimento.

## Revista da Cavalaria

Nesta última guerra e em especial na campanha de Itália, por ter tido lugar numa região extremamente montanhosa, os morteiros foram empregados com uma profusão até agora ainda não usada e isto devido a não haver qualquer outra arma que consiga bater determinados pontos ou zonas abrigadas de terreno com a precisão, economia e potência de fogo iguais.

Presentemente nota-se a tendência cada vez maior de atribuir às tropas seja de que escalão forem, armas deste tipo e assim vemos já entre nós as unidades de linha (atiradores), à semelhança do que aconteceu nesta última guerra em todos os exércitos, serem dotados de armas de tiro curvo suficientemente ligeiras para que possam ser servidas no máximo por dois homens (lança-granadas de 50 mm.). Como munições, este é dotado de granadas explosivas incendiárias, fumos e de sinais.

Vamos agora ver sumariamente quais as disposições que o Comandante de uma base de fogos deve indicar na sua ordem, a qual deverá ser o mais reduzida possível e no caso mais geral, ser apenas uma ordem verbal.

Estas devem ser as seguintes:

- Constituição da base de fogos;
- A posição a ocupar;
- Missões principais e secundárias a atribuir (indicar quais as unidades que intervêm na preparação do ataque);
- Objectivos (indicá-los por ordem de importância) e concentrações de fogos a prever;
- Regimen e abertura de fogos (horários ou sinais a utilizar);

Desta ordem devem constar também os deslocamentos previstos e nela virá expresso:

- Quais as unidades que permanecem na posição;
- Ordem de partida das diferentes unidades;
- Hora de partida;
- Itinerários e velocidade de marcha;
- Locais aproximados onde se devem instalar;
- Missões;
- Locais de remuniamento.

# Revista da Cavalaria

Se houver que dar a qualquer das unidades uma missão de acompanhamento o comandante da base de fogos indicará :

- As horas e local onde essa unidade se deverá apresentar ;
- O ponto de reunião em final de missão.

Os comandantes dos pelotões dão as suas ordens verbais indicando :

- Qual a missão do pelotão e das suas secções ;
- Quais os objectivos a bater ;
- Regímen e abertura de fogo (horas ou sinais a utilizar) ;
- A ordem de saída do pelotão ou das secções ;
- Itinerários e velocidade de marcha ;
- Posição a ocupar ;
- Locais do P. C. da unidade de que o pelotão depende.

## Os morteiros num ataque de carros

Pouco mais há a acrescentar ao que já tratámos atrás sobre os morteiros no ataque, visto que as missões a atribuir-lhes e a maneira como actuam no caso especial de ser um ataque feito com carros, são as mesmas, e assim continuam neste caso podendo intervir na preparação, apoio e protecção desse ataque, quer fazendo parte de uma base de fogos ou tendo recebido qualquer missão de acompanhamento.

Mais do que nunca eles devem estar em condições de poder facilmente deslocar-se pelos mesmos terrenos em que actuam os carros e, portanto, mais se faz sentir a necessidade de serem transportados em viaturas apropriadas.

Na escolha dos objectivos a serem batidos pelos morteiros deverá ter-se em atenção o seguinte.

Como objectivos principais devem ser-lhes destinados :

- As armas anticarro que tenham sido referenciadas no início do ataque, que não tenham sido neutralizadas ou destruídas pela artilharia e ainda aquelas que forem aparecendo sempre à medida que a progressão se vá acentuando ;
- Todos os obstáculos acumulados pelo adversário que forem aparecendo súbitamente e que sejam de molde a prejudicar os carros na sua marcha os quais, dadas a precisão de tiro e a

## Revista da Cavalaria

potência de fogo destas armas, serão fácil e rapidamente destruídos;

— E ainda e de uma maneira geral, quaisquer resistências que possam prejudicar a tropa apeada que no combate colabora com os carros.

No caso do ataque ser conduzido exclusivamente por carros, o apoio poderá ser feito continuamente até quase ter atingido o objectivo, pois a zona de segurança a haver à frente dos elementos mais avançados, deverá ser necessariamente menor (os efeitos num carro de combate do rebentamento de uma granada ordinária, só serão apreciáveis se esta cair sobre ele ou na sua proximidade imediata).

Se no ataque colaboram com os carros elementos vários de tropa apeada, o apoio dado pelos morteiros é efectuado de maneira idêntica, mas tendo em atenção que a zona de segurança a manter à frente dos elementos em primeiro escalão, deverá ser a mesma que a normal num ataque em que entram apenas elementos apeados.

É principalmente na protecção de um ataque de carros, que os morteiros são chamados sempre a intervir. Usando granadas de fumo e efectuando os tiros pedidos para determinadas zonas do terreno, em especial para os flancos das unidades de carros atacantes, dada a maior vulnerabilidade destas nos flancos, consegue-se no caso das condições atmosféricas o permitirem, cegar o adversário com a cortina de fumo lançada e, portanto, que o ataque se faça a coberto dessa cortina.

Já atrás me referi aos efeitos que uma granada ordinária de morteiro poderá ter sobre um carro de combate e concluo que serão praticamente nulos, pois só por sorte uma granada deste tipo poderá imobilizar um carro.

No entanto, parece-me de considerar que em determinadas circunstâncias se usa o fogo de morteiros directamente sobre os carros. É o caso de uma aglomeração grande de carros ter sido referenciada numa determinada zona ou ainda valendo-nos da obrigação que há para os carros em determinados terrenos de serem forçados a passar um obstáculo natural apresentado, apenas numa zona relativamente estreita. Parece, portanto, que uma concentração violenta de fogos sobre a zona de passagem obrigatória, poderá, senão impedir, pelo menos retardá-la.

Pelo que fica exposto se conclui ser o morteiro, e sempre cada vez mais, uma arma de largo emprego, sendo inúmeras as missões que ele é chamado a desempenhar, contribuindo com o peso dos seus fogos e de uma maneira notável para o desfecho favorável do combate.

# AS TRANSMISSÕES NO REGIMENTO DE CARROS

pelo Tenente ENES FERREIRA

## I — Ligação. Sua importância

*Ligação* — Conjunto de factores que permitem ajustar com precisão no espaço e no tempo as operações das diversas fracções das tropas; conjunto de factores que asseguram a convergência dos esforços para conseguir determinado fim; comunidade de sentimentos, tendência para conseguir um fim, alcançar a vitória com um funcionamento harmónico de todos e cada um dos elementos que entram em acção, em resumo, a ligação é a base de toda a acção, a chave de toda a vitória, a arma de comando. A noção de ligação nasce com o homem, existe desde sempre, mas nunca, como hoje, foi tão necessária. A união faz a força, diz-se, mas quando dizemos união queremos significar talvez ligação, moral e material. Outrora, em que os campos de batalha eram limitados a centenas, talvez por vezes alguns milhares de metros, qualquer chefe militar podia do alto de um monte assistir ao desenrolar dos acontecimentos, tudo abrangendo à simples vista, fazendo acorrer as suas reservas onde mais necessárias se tornavam. Com o andar dos tempos os exércitos tornaram-se mais numerosos, a sua organização mais complexa, os meios de guerrear multiplicaram-se grandemente e hoje, uma Grande Unidade assemelha-se como que a uma colmeia, dispondo de todos os meios necessários à sua vida, cada núcleo com suas funções, de construção como de destruição, de ataque como de defesa, engenhos para matar como outros para curar. O campo de luta passou para dezenas, centenas mesmo de quilómetros, os chefes não mais puderam observar à simples vista o desenrolar das operações, o motor substituiu o cavalo, a arma branca quase não aparece, enfim, os tempos mudaram, os meios são outros, mas a guerra há-de ser sempre a guerra, arte ou ciência, e para

# Revista da Cavalaria

a ganhar é preciso haver ligação. Espiritualmente ela é hoje a mesma que há vinte séculos atrás, porém, os meios para a conseguir é que são outros, diferentes, variados e alguns complicados, constituindo hoje os meios de transmissão.

## II — Meios de transmissões. Sua evolução

De todos é conhecido classificarmos os meios de transmissão em agentes e processos. Nos primeiros consideramos os estafetas, pombos correios e cães estafetas; nos segundos distinguimos os processos eléctricos, ópticos, acústicos e balísticos.

Para não me alongar demasiado resumirei a história das transmissões ao período que começa em 1914. Até esta data nada havia escrito sobre ligação embora num regulamento espanhol de 1913 já se pudesse ler que «entre unidades vizinhas deve existir apoio mútuo».

Até então, um ciclista, um cavaleiro ou um infante satisfaziam quase por completo às necessidades das transmissões. Em 1915 aparecem as primeiras instruções escritas sobre ligação, e esse ano foi de glória para o telefone que, todavia, sofreu rude golpe na batalha de Verdun, em que o tiro de artilharia, precedendo sempre qualquer acção, destruía com facilidade as redes telefónicas penosamente montadas, inutilizando-as precisamente no momento em que mais necessárias se tornavam. Para obviar a este inconveniente lançou-se mão de outros processos, ópticos, acústicos e balísticos, e nasceu a ideia do emprego da T. S. F., preconizada por Maxwel em 1865, experimentada pela primeira vez em 1885 por Hertz e aperfeiçoada sucessivamente por Poppof em 1895, em 1896 e 1899 por Marconi, em 1905 por Fleming e em 1907 pelo americano De Forest, o realizador da válvula de três eléctrodos. Durante o período que mediou entre as duas últimas guerras muito se progrediu neste sentido, os aparelhos aperfeiçoaram-se, construíram-se os mais variados modelos, estudou-se o emprego da onda curta e assim, ao soar dos primeiros tiros da guerra que findou já a T. S. F. ocupava lugar de destaque entre os processos de transmissões, lugar que mantém e consolidou no decorrer da última guerra. Uma vez tirada esta conclusão, colocada a Rádio no lugar a que hoje tem direito, antes de atacar o objectivo principal farei mais uma divagação sobre ondas hertzianas e sua propagação.

## III — Propagação das ondas. Ionosfera

As ondas radioeléctricas propagam-se com a velocidade da luz, 300.000 km./s. Saindo do emissor, antena, a sua energia atravessa o espaço sob a forma de esferas cada vez maiores, decrescendo à medida que estas se afastam. O campo eléctrico assim criado que a princípio se julgou decrescer na razão inversa da distância ao emissor, provou-se mais tarde decrescer, sim, mas apenas na razão inversa do quadrado dessa distância, experiência feita por Marconi e depois cientificamente explicada e justificada por Kennelly e Heaviside que descobriram a existência de uma camada atmosférica fortemente ionizada, ionosfera, a cerca de 100 km. de altitude e que em homenagem aos mesmos cientistas se designa também por camada de Kennelly-Heaviside. Esta camada tem a propriedade de reflectir as ondas, que assim são canalizadas entre ela e a superfície da terra. As propriedades desta camada foram ultimamente estudadas com mais precisão sabendo-se hoje que são muito variáveis com a altitude, com a própria constituição, com a hora do dia, época do ano, gama de frequência, etc. Sobre estes estudos também alguma coisa direi.

Ionosfera — é assim designada a parte superior da alta atmosfera ou seja a última camada atmosférica que envolve o globo terrestre. Para além dela apenas uma camada de rarefacção dos 1.000 aos 2.500 km., frangente atmosférico, separa a atmosfera do vácuo interplanetário. A ionosfera é, pois, uma camada atmosférica fortemente electrizada, daí mesmo o seu nome, «moléculas ionizadas», isto é, que perderam um electrão. De constituição complexa podemos nela distinguir várias camadas como segue:

*Camada F* — A cerca de 250 ou 300 km., existindo durante a noite e que durante o dia se desdobra em duas, *camada F 1* cuja densidade de ionização é de 300.000 electrões por cm.<sup>3</sup> a 220 km., e *camada F 2* onde a cerca de 300 km. a densidade de ionização atinge 1.000.000 de electrões por cm.<sup>3</sup>

*Camada E* — A cerca de 100 ou 120 km. com uma densidade de 180.000 electrões por cm.<sup>3</sup>

*Camada D* — Descoberta muito recentemente, a cerca de 70 km., à qual se atribui hoje a responsabilidade da absorção de muitas ondas. Nestes estudos têm sido empregadas pelos americanos as bombas V 2 lançadas verticalmente e que têm permitido tomar conhecimento de espectros solares confirmando a maior parte das radiações supostas.

# Revista da Cavalaria

Sendo o Sol o principal responsável pela ionização destas camadas lógico é concluir que durante a noite ela tenda a diminuir, mais rapidamente nas camadas baixas. As camadas D e E podem desaparecer em alguns minutos, as camadas F 1 e F 2 em cerca de duas horas tomam um certo equilíbrio capaz de se manter depois durante a noite.

## IV — Reflexão das ondas

Maxwel, na sua teoria, aproxima a propagação radioelétrica da propagação óptica, existindo também um índice de refração para estas ondas, dependendo da densidade de ionização e frequência da onda considerada. A fórmula é  $n = \frac{1 - AN}{f^2}$  em que  $A$  é uma constante,  $N$  a densidade de ionização e  $f$  a frequência da onda. Para ondas de grande comprimento, baixa frequência, e aplicando a fórmula podemos achar índices de refração negativos, exactamente como se passa com os metais. Então as ondas compridas sofrem uma verdadeira reflexão metálica sobre a primeira camada ionizada que encontram. Aumentando a frequência desaparece o fenómeno da reflexão metálica sobre essa camada ionizada e assim é possível obter ecos de um determinado sinal correspondente às várias camadas. Aumentando sucessivamente a frequência verifica-se que a partir de uma determinada, desaparece o eco sobre essa camada. A esta se chama a *frequência crítica* da camada se alguns valores se conhecem:

Camada D — frequência crítica 400 Kc/s.

Camada E — frequência crítica de 2.000 Kc/s a 120 Km.

Quanto às camadas F 1 e F 2 a sua frequência crítica varia muito com as latitudes, hora do dia, etc., sendo actualmente cerca do meio dia da ordem dos 5.000 a 8.000 Kc/s e podendo ir mesmo aos 15 ou 20 Mc/s.

Uma vez de posse destes conhecimentos torna-se possível a escolha das frequências mais adequadas a empregar nas transmissões. Se for possível dispor de enorme potência podem empregar-se as ondas muito compridas que resolvem sempre o caso; elas reflectir-se-ão na camada D se existe, em E, ou ainda em F 1 ou F 2 chegando sempre ao ponto da terra que desejarmos. Mas na maioria dos casos o emprego das ondas

## Revista da Cavalaria

tão compridas é praticamente impossível já porque as potências a empregar terão que ser enormes, já porque a sua recepção é acompanhada por violentos ruídos atmosféricos e ainda porque o número de comunicações em baixa frequência é muito limitado. Há que atender a tudo isto, rendimento, potência, altura das antenas, etc. e então as ondas curtas oferecem-nos novas possibilidades. Elas atingem as camadas  $F$ ,  $F_1$  ou  $F_2$  e reflectem-se para a terra mas apenas aqueles raios que forem suficientemente oblíquos pois só estes sofrem uma verdadeira reflexão; os outros, com incidência mais próxima da perpendicular sofrem um desvio mas nunca o bastante para voltarem a atingir a superfície da terra. Daqui resultam as zonas de silêncio cujo raio cresce geralmente para comprimentos de onda indo de 80 a cerca de 8 metros. Para comprimentos de ondas inferiores, ondas ultra-curtas, não intervém a reflexão nas referidas camadas e raio algum volta à terra. Para fazer, pois, uma transmissão a determinada distância há que escolher uma frequência imediatamente inferior à frequência crítica correspondente, dando-lhe, porém, uma margem de segurança de 15 % para menos, a fim de atender às variações que a camada de Kennelly-Heaviside sofre e a que já fiz referência.

Até agora o problema apenas tocou o espaço, distância a atingir, mas também é preciso fazer a previsão no tempo. Ora sabido já que ao Sol pertence o principal papel nas perturbações da ionosfera, e sabido que também o Sol tem as suas perturbações próprias, a sua influência torna-se variável, hoje sabe-se ser essa variação cíclica e o ciclo de 11 anos o que torna possível resolver quase todos os problemas. Por exemplo, sabe-se que em 1947 todas as frequências críticas de todas as camadas foram cerca de 1,6 maiores que as correspondentes (mês, dia e hora) de 1943. Com estes resultados torna-se possível elaborar documentos de grande utilidade que são as «cartas de melhores frequências a empregar». Nelas se indica para determinada potência de emissão a curva das frequências críticas às diferentes horas de determinados dias. Uma outra curva dá-nos o limite mínimo da frequência a empregar, para evitar a absorção.

Para o nosso caso convém ainda saber que além desta forma de propagação por reflexão as ondas se propagam simultaneamente segundo um raio directo, àquele que utilizamos nos nossos postos de campanha, e cujo alcance decresce à medida que a frequência aumenta, chegando a não ultrapassar os 1.000 m. com ondas ultracurtas; chegando, porém, às ondas decimétricas ou centimétricas a regra não é aplicável pois têm em raio directo alcances de centenas de quilómetros.

# Revista da Cavalaria

## V — Classificação das ondas

Embora não oficialmente podemos considerar as seguintes categorias de ondas quanto ao seu comprimento:

Ondas muito compridas — superiores a 20.000 m.;

Ondas compridas — de 800 a 20.000 m.;

Ondas médias — de 200 a 600 m.;

Ondas intermédias — de 80 a 200 m.;

Ondas curtas — de 8 a 80 m.;

Ondas ultracurtas — inferiores a 8 m.

Para estas ondas ultracurtas a propagação faz-se em raio directo e também segundo um outro, reflectindo no solo ou mar, mas chegando à ordem do decímetro apenas existe o raio directo, comportando-se como um feixe luminoso, resultando portanto útil apenas quando emissor e receptor não tenham entre si qualquer obstáculo. A importância das ondas ultracurtas é hoje muitíssimo grande constituindo a base do RADAR, (Radio Detection and Ranging).

## VI — As transmissões no regimento de carros de combate

De todos os meios de transmissão vejamos quais os que podem servir para estas unidades. Dos agentes, servem como sempre os estafetas e pombos correios, estes até muito usados quando se trate de alguma missão a distância, reconhecimento ou descoberta.

De entre os processos podemos desde já pôr de parte os acústicos sem mesmo justificarmos essa exclusão sobremaneira evidente. Servem ainda, em reduzido grau como sempre os balísticos e os ópticos que podemos mesmo considerar como o meio complementar das transmissões nas unidades de carros.

As bandeiras, os discos e ainda as lanternas, em modelos portáteis podem ter bastante utilidade, principalmente enquanto se espera pelo sinal de partida para o ataque ou durante as marchas em que o silêncio rádio se impõe como absolutamente necessário. Restam-nos os processos eléctricos que englobam ainda a T. P. F. e a T. S. F. A primeira, T. P. F., tem no caso das unidades de carros um emprego muito restrito senão praticamente nulo. O carro de combate nasceu para andar, vive andando e só pára quando mortalmente atingido. Ora, para uma

## Revista da Cavalaria

existência tão movimentada e tão dinâmica não são compatíveis as operações sempre morosas de lançamento e levantamento de fio, que no dizer de um escritor espanhol «liga mas prende».

Fica-nos então a T. S. F., único meio que satisfaz cabalmente às necessidades da ligação nas unidades de carros. Todavia, o seu emprego requer muito estudo, muita disciplina e muita prática. Poderíamos imaginar o que não seria um regimento de carros, dispondo cada viatura de pelo menos um posto emissor-receptor, sem essa disciplina, sem a instrução devida, ou sem uma orientação racional. Ao empregarmos a T. S. F. não o podemos fazer sem um estudo prévio, de improviso; a rádio, a par de todas as suas vantagens, apresenta também grandes inconvenientes, um dos quais, sem dúvida o mais importante, é o de ser tão indiscreta.

### a) — *Redes.*

Como nos postos fixos de terra há que, nas unidades de carros, organizar redes.

*Rede* — É um conjunto de postos trabalhando no mesmo comprimento de onda e sob a direcção de um deles, posto director. As redes podem ter vários postos, mas nunca o seu número deve ir além de 5, sendo neste caso o rendimento já pouco apreciável; 3 será o ideal mas com 4 e pessoal bem instruído e disciplinado ainda se obtém um bom rendimento. O número de redes deve ser também limitado ao mínimo, mas no caso destas unidades em que podemos considerar que cada viatura tem um posto e que normalmente qualquer comunicação é feita através dele, é necessário que haja várias, a não ser que reduzissemos o seu número aumentando o número de postos de cada rede, o que resultaria em maior inconveniente.

### b) — *Comprimentos de onda.*

Vejam agora quais os comprimentos de onda mais convenientes.

*Comprimento de onda* — É, no geral, a distância que separa as cristas de duas oscilações consecutivas, e costuma definir-se para o caso das ondas electromagnéticas como a distância atingida pela vibração do campo electromagnético durante uma oscilação da corrente de alta frequência, isto é, durante um período dessa corrente.

Tendo presente o que ficou dito no Capítulo IV vejamos o nosso caso. Nas unidades de carros em que não há interesse nem mesmo con-

## Revista da Cavalaria

veniência em obter grandes alcances, antes pelo contrário convém limitá-los, emprega-se correntemente a onda curta e extracurta, com aparelhos bastante ligeiros, pouco potentes e de fácil manejo. Parecia talvez que com tal categoria de onda seria possível regular sempre o alcance variando de comprimento de onda e de potência, porém, não pode isso fazer-se porque esse decréscimo de alcance não é gradual como poderia supor-se.

### c) — *A T. S. F. nos carros.*

Normalmente dispõem os carros de combate de postos trabalhando em duas bandas de frequência distintas e com alcances diferentes. Uma, para a ligação com os comandos superiores, portanto, em onda curta e intermédia com um alcance médio de 15 ou 20 km., outra destinada à ligação interna das sub-unidades mais pequenas, geralmente em onda ultracurta e, portanto, alcance mais reduzido.

Disse ao princípio que a T. S. F. é, e isso não constitui surpresa para ninguém, bastante indiscreta, permitindo ao inimigo não só ouvir as nossas comunicações como até intrrometer-se nas nossas redes. Há, pois, necessidade de fazer a camuflagem das transmissões o que se consegue:

- Fazendo da T. S. F. apenas o uso indispensável;
- Transmitindo despachos curtos;
- Utilizando indicativos para cada posto e para cada rede;
- Mudando com frequência esses indicativos;
- Utilizando palavras de código, santos e senhas para identificação dos mesmos, substituindo-os logo que se tenham utilizado ou que haja suspeitas de serem do conhecimento do inimigo;
- Substituindo os despachos em linguagem clara pelos de linguagem cifrada ou convencional;
- Limitando, sempre que possível, o alcance dos postos.

Vejamos detalhadamente cada uma destas condições, se elas são sempre possíveis ou absolutamente necessárias no nosso caso particular.

— Transmitir pouco — O menos possível sim, mas se atendermos a que por vezes e normalmente em combate, é a rádio o único meio de manter a ligação, nunca esse pouco pode ser muito pouco.

— Despachos curtos — São sempre aconselháveis e geralmente possíveis.

## Revista da Cavalaria

— Emprego de indicativos, palavras de código, santos e senhas —  
É corrente e não tem quaisquer inconvenientes.

— Linguagem cifrada e convencional — o seu emprego resulta moroso, obriga a que em cada carro existam meios de decifrar, e como sempre, dá lugar a frequentes enganos.

A linguagem convencional deve recomendar-se e empregar-se mas uma linguagem simples, quase que resumida a uma série de termos de uso corrente, fáceis, de pronúncia nítida, que o nosso soldado facilmente aprende, não obrigando ao uso de tabelas especiais que são mais um documento em risco de cair na posse do adversário. Estamos considerando o escalão regimento no combate, portanto, já em plena actuação. O espaço de tempo que vai desde que uma ordem é dada até que ela seja cumprida, é com certeza pequeno, e como manobrar ou actuar por surpresa não é manter a surpresa absoluta, mas sim atacar sem dar tempo ao adversário para reunir e preparar os elementos necessários à defesa no ponto onde o ataque vai realizar-se, parece-me que não será geralmente grande o inconveniente de empregar a linguagem clara que ainda tem a seu favor o facto do inimigo provável não falar a nossa língua o que constitui por si mesmo uma espécie de linguagem convencional.

Focados de uma maneira geral os pontos principais deste trabalho, redes, comprimentos de onda, indicativos, cifras e códigos, ponhamos agora o caso concreto do regimento de carros.

O regimento articula-se em grupos, estes em esquadrões e estes ainda em pelotões. O comandante do regimento terá que se manter em ligação com o comando superior e com os regimentos vizinhos numa rede única, que será talvez a rede da divisão. Mas também por sua vez tem que se ligar com os comandantes de grupo por uma outra rede que chamarei rede do regimento. Utilizará ainda os estafetas, se possível em viaturas T. T. e meios ópticos. Os comandantes de grupo, ligados entre si pela rede do regimento têm necessidade de se ligar aos comandantes dos seus esquadrões numa outra rede, de grupo, podendo ainda lançar mão dos processos ópticos. Os comandantes de esquadrão, ligados entre si pela rede do grupo, constituirão uma outra rede para se ligarem com os seus pelotões, rede do esquadrão. Neste escalão já os processos ópticos terão aplicação de carácter muito eventual, começando a recorrer-se aos processos balísticos, granadas de fumo ou de sinais com determinado significado e já mais ou menos previstos. Os comandantes de pelotão, ligados entre si pela rede do esquadrão terão uma

## Revista da Cavalaria

outra para se ligarem com os seus carros, rede de pelotão, não sendo utilizáveis já quaisquer outros meios além dos balísticos.

Considerando um regimento a dois grupos, estes a três esquadrões de quatro pelotões e estes a cinco carros cada, em combate, ou seja uma rede de regimento, duas de grupo, seis de esquadrão e vinte e quatro de pelotão, concluímos por simples conta de somar, que serão necessárias no regimento de carros 33 redes, funcionando por vezes simultaneamente. Devem estas redes utilizar comprimentos de onda tais que se não interfiram umas às outras, e é talvez este o ponto de maior dificuldade como o de maior interesse neste trabalho e que eu farei por pôr em equação já que me sinto incompetente para o resolver por completo.

Considero apenas o caso dos carros Valentine e Centauro, os únicos que até à data são do meu conhecimento. Dispõem estes carros do P 19, constituído verdadeiramente por dois postos, um, o posto A, trabalhando nas frequências de 2 e 8 megaciclos por segundo o que equivale a comprimentos de onda entre 150 m. e 37,5 m. e um outro, o posto B, utilizando uma frequência aproximada de 235 Mc/s, ou seja comprimento de onda à volta de 1,27 m. O posto B, dado o seu pequeno alcance, destina-se às redes de pelotão que ficarão constituídas pelos cinco carros do mesmo.

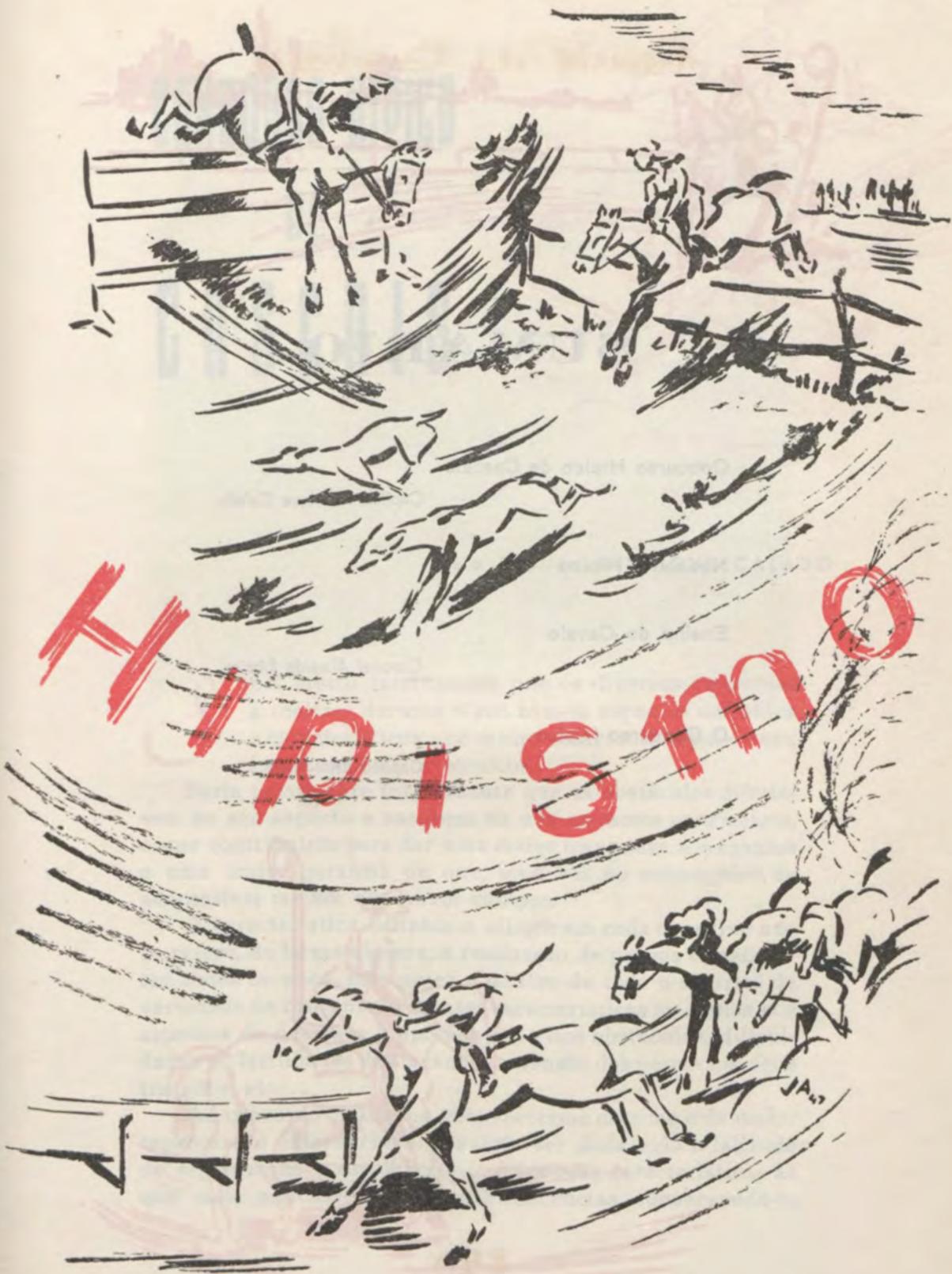
Como disse, a frequência do posto B pode variar muito ligeiramente à volta dos 235 Mc/s e assim vejamos como resolver o problema das 24 redes de pelotão. O seu alcance pode considerar-se de 1.500 m. em terreno descoberto e cerca de 250 metros em terreno arborizado. Considerando então um terreno médio, nem descoberto nem muito arborizado ou acidentado, contemos com um alcance médio de 500 m., que é sensivelmente a frente de ataque de um esquadrão de carros médios a quatro pelotões. — Será possível constituir com o posto B, dentro dos limites das tais ligeiras variações, quatro redes diferentes? Teòricamente talvez o seja, pois também, pelo menos teòricamente, para que duas ondas se não interfiram basta que façam diferença de 10 Kc/s. Assim, o problema ficaria resolvido pois cada esquadrão utilizaria esses quatro comprimentos de onda para os seus pelotões de forma que aqueles que no regimento ficassem com o mesmo comprimento de onda, dentro do dispositivo, ficariam o mais afastados possível. As restantes 9 redes do regimento servir-se-iam do posto A. Na prática, porém, o caso é diferente, o posto B não permite a solução exposta e o seu emprego tem-se revelado entre nós tão pouco seguro que somos obrigados a só o empregar em condições muito excepcionais. Como constituir então 33 redes dentro dos limites de frequência que o posto A nos faculta? Vejamos primeiro

## Revista da Cavalaria

a solução teórica. Afastando as redes de 10 Kc/s poderíamos constituir 600 frequências diferentes, o problema era facilimo; afastando de 50 Kc/s, margem teòricamente necessária quando os postos tenham entre si distâncias da ordem dos 100 m., ainda nos caberiam 160 comprimentos de onda diferentes, portanto as soluções ainda eram fáceis. Mas também neste caso a prática se tem revelado bastante diferente levando-nos a concluir que esse afastamento desde que seja inferior a 200 Kc/s não nos dá a garantia de não interferência. Ora com uma margem destas, dentro dos limites de 2 a 8 Mc/s apenas podemos incluir 31 redes, faltando-nos duas para as que julgamos necessárias. Todavia, o caso tinha solução que a meu ver está em adoptar mais duas frequências, compreendidas cada uma entre quaisquer duas das mais altas já atribuídas e na distribuição fazer com que essas fossem destinadas às sub-unidades que mais afastadas operassem. Assim já com certeza se não dariam interferências.

Surge-nos agora a última parte do problema; pertencendo cada posto (à excepção de 4 em cada pelotão) simultaneamente a duas redes, e não lhe sendo possível manter a escuta simultânea nas duas, a qual deverá dar-se a preferência, na do seu escalão ou na do escalão superior? Inclino-me pela segunda. Assim, tanto os carros dos pelotões como os comandantes das várias sub-unidades estão permanentemente em condições de receberem ordens dos seus superiores. Quando se torne necessário fazer uma comunicação em sentido inverso, conhecedor da rede em que o seu chefe se mantém em escuta, o operador rádio não terá mais que nela fazer a respectiva chamada, seguindo-se depois a comunicação na sua rede normal. Isto, que à primeira vista parecerá moroso não o é porque o posto 19 embora não satisfazendo por completo, tem um dispositivo de fixação de frequências que permite sintonizar perfeitamente os postos em duas delas e em poucos segundos passar de uma para outra.





Hippismo



## SUMÁRIO

Concurso Hípico de Cascais

*Capitão Henrique Calado*

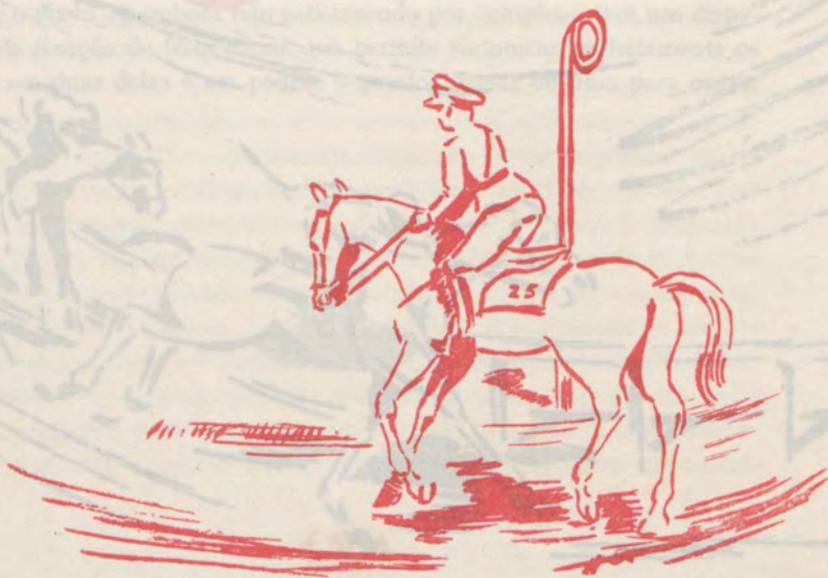
Noticiário Hípico

Ensino do Cavalo

*Coronel Almeida Ribeiro*

O Concurso Hípico

*Capitão Saint-André*



# CONCURSO HÍPICO DE CASCAIS



pelo Capitão HENRIQUE CALADO

**S**erá muito interessante que os diversos concursos a realizar durante o ano tomem aspectos definidos e característicos que muito contribuirão para o seu interesse e valor técnicos.

Seria igualmente interessante que os obstáculos diferissem no seu aspecto e natureza de uns certames para outros, o que contribuiria para dar uma maior franqueza aos cavalos e uma maior garantia de que, uma vez no estrangeiro, se adaptariam melhor aos novos campos.

A característica definida a atingir em cada concurso não se refere, de forma alguma, à realização de provas semelhantes todos os anos, mas antes e dentro de todo o espírito de variedade de conjunto, a manter características marcadas nos aspectos de natureza e apresentação dos obstáculos, dificuldades ou facilidades dos mesmos, extensão dos percursos, seus traçados, etc...

Ao concurso de Lisboa, como certame máximo e de maior repercussão internacional, deveria ser dada toda a latitude de organização e escolherem-se para suas características as que mais marcassem as nossas tendências, conservando-o,

## Revista da Cavalaria

contudo, dentro das normas gerais que se seguem por toda a parte e que tendem a aproximar os concursos internacionais de todos os países.

Num concurso com as responsabilidades do de Lisboa, devemos sempre acompanhar a evolução natural destes fes-



*O Marquês do Funchal, montando o cavalo Ebro em que ganhou a prova Capitão José Beltrão*

tivais mantendo-nos em contacto com o estrangeiro, contribuindo-se assim, para as progressivas modificações que fatalmente se verificarão.

É bom ter sempre presente que o mundo não pára e que só envelhece quem não o acompanha.

No momento actual parece-nos, quanto a traçados de percursos, serem de aconselhar os que possuem algumas dificuldades de condução, em que o cavaleiro hábil, num cavalo convenientemente preparado, tenha a natural e merecida vantagem.

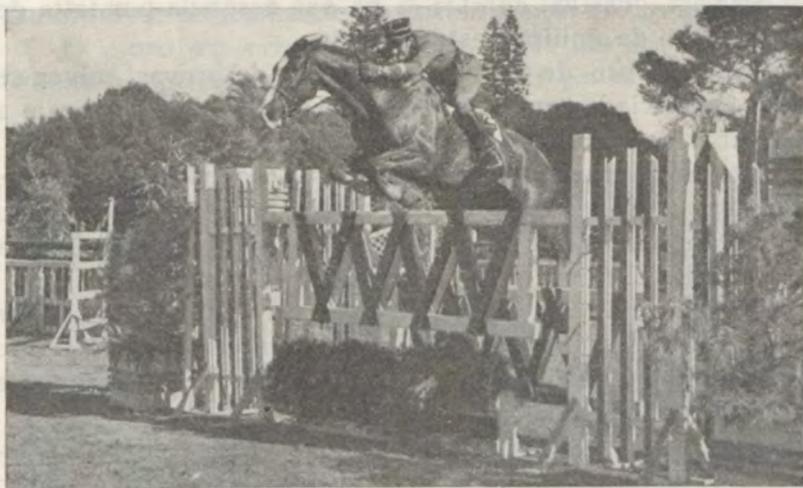
Quanto a obstáculos está bem definido que deverão ser de três tipos: verticais, de varas iguais, tipo oxer e dupla vedação, e marcados.

Parece-nos que é inconveniente num concurso como o de Lisboa, os verticais não o serem realmente, por terem mar-

## Revista da Cavalaria

cações; os de varas iguais não o serem absolutamente e, transformarem-se todos em obstáculos mais ou menos marcados e, portanto, muito mais fáceis de transpor.

Já este género de obstáculos, aliado a traçados rectilíneos, pode caracterizar um concurso de provincia em que se favo-



*O Capitão António Damião montando o cavalo Drawragoo em que ganhou brilhantemente os Grandes Prêmios das Caldas da Rainha e Cascais*

recerá a execução de percursos em grande galope, como tem acontecido nos últimos concursos das Caldas da Rainha, que não devem perder este seu cunho especial.

Não convém, no entanto, que mais concursos se aproximem do tipo deste, porque correríamos o risco de desafinar os cavalos com o excesso de velocidade e de nos iludirmos quanto à apreciação dos realmente bons saltadores de concurso, que se vêem mais nas dificuldades do que nos saltos marcados, ainda que grandes.

Cascais, a propósito de cujo concurso vimos tratando, tende a encaminhar-se num sentido oposto. Os seus percursos, em geral, são com bastantes voltas, os obstáculos de menor frente, mais frágeis e mais difíceis.

## Revista da Cavalaria

Um pouco mais de cuidado em aperfeiçoar este tipo e teremos outro concurso de características bem definidas.

Este género mais ingrato aos concorrentes, é contudo, mais verdadeiro para apreciação e não são poucas as vezes que se encontram no estrangeiro concursos neste género.

Mas passemos agora a examinar o programa deste concurso de Cascais de 1949.

Não foi possível cumpri-lo na sua essência por falta de participação de equipas estrangeiras.

Sob o ponto de vista distribuição de provas, talvez se tenha beneficiado com este facto, porque, assim, passaram a estar abertas a maior número de cavalos.

Não nos parece razoável dividir um concurso como este, em parte nacional e parte internacional, desde que se não prolongue por maior número de dias de provas. Assim, a parte nacional é muito reduzida e deixa de se justificar.

Talvez seja preferível procurar dividir os cavalos por duas provas diárias, baseando bastantes vezes essa divisão nas quantias anteriormente ganhas, beneficiando-se deste modo os mais fracos.

Não esquecer também aqueles que já tendo ganho alguma coisa pela persistência do cavaleiro e boa vontade do conjunto, não podem, contudo, competir com os mais fortes, especialmente nas provas grandes.

Quanto a prémios parece-nos melhor orientação não valorizar demais os primeiros, prejudicando os intermédios e o número total deles.

Neste último concurso de Cascais, os dois últimos dias eram praticamente só para o grupo dos bons cavalos.

Isto é desagradável para quem vem de fora numa pileca de boa vontade.

Contudo, estes pequenos reparos em nada pretendem ofuscar a boa organização e o imenso esforço de Manuel Possolo, a quem este certame deve a sua categoria actual.

Apenas pretendemos contribuir, e de uma forma bem insignificante, para que Cascais torne o seu concurso cada vez melhor.

Passemos agora ao exame dos percursos.

Surge-nos imediatamente o nome de um dos mais dedicados entusiastas do hipismo, o Capitão António Spínola.

## Revista da Cavalaria

A ele todos os concursistas devem estar bem agradecidos pelo trabalho realizado e a realizar em benefício do concurso hipico. Lisboa, Caldas, Cascais e para o ano talvez Figueira da Foz, muito devem e virão ainda a dever ao seu trabalho.

Em Cascais, só nos mereceu maior reparo o duplo de largos a 8 metr., que nos parece demasiado difícil para a Omnium e a pouca frente do salto a 1, m 60 no Grande Prémio.

O muro em crista que é um salto um pouco de sorte, (quantos óptimos percursos têm sido por ele inutilizados)



*O Capitão Rhodes Sérgio montando a égua Flama em que ganhou, depois de brilhante actuação, a Taça Marechal Carmona*

está especialmente indicado para as provas de caça. A entrar em algumas das outras, deverá diminuir-se-lhe a sua contingência, aumentando talvez o muro superior mas não lhe colocando qualquer vara ou barra que possam marcar falta.

De resto, traçados interessantes e sempre variados e obstáculos bem apresentados.

Os concorrentes não faltaram com o seu entusiasmo, elevando a mais de uma centena o número de cavalos inscritos.

## Revista da Cavalaria

Nem todos os conjuntos estavam perfeitamente à altura das provas que disputaram, mas, se por um lado isso não é o óptimo, revela, pelo menos, espírito desportivo do melhor e entusiasmo a toda a prova.

Talvez para muitos, tanto este aspecto, como afinal qualquer outro, mereçam sempre críticas e reparos, a maior parte das vezes filhos da pouca tolerância ou, o que é muito pior, do despeito e da inveja.

E, meu Deus, quantos conceitos equestres se deturpam e viciam, ou, para em defesa própria, justificarem incompetências ou grandes dificuldades, ou, para atacar terceiros que geralmente nada fizeram para o merecerem.

É pena que uma maior tolerância, inspirada na nobreza do cavalo, não surja no espírito de todos os que desvirtuam o hipismo, minando-o com uma política partidária.



# Revista da Cavalaria

## Concurso Hípico de Cascais — 1949

### Prova «Estozil»

Clas.	Prémios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
1.º	1.000\$00	Pimenta da Gama	<i>Fada</i>	0 1,07 - 2
2.º	500\$00	Fernando Paes	<i>Satari</i>	0 1,08 - 1
3.º	400\$00	Carvalho Simões	<i>Fadista</i>	0 1,09 -
4.º	400\$00	Augusto Lage	<i>Voizin</i>	0 1,09 - 2
5.º	400\$00	Martins Rodrigues	<i>Farsola</i>	0 1,11 - 3
6.º	400\$00	Pereira d'Almeida	<i>Florentina</i>	0 1,12 - 2
7.º	300\$00	Craveiro Lopes	<i>Mosquete</i>	4 1,04 - 2
8.º	300\$00	Pereira Gonçalves	<i>Queen Bess</i>	4 1,04 - 3
9.º	300\$00	Couto Carpinteiro	<i>Dardo</i>	4 1,05 - 3
10.º	200\$00	Ferrand d'Almeida	<i>Borlista</i>	4 1,06 - 4
11.º	200\$00	Ferreira Cabral	<i>Alcatruz</i>	4 1,07 - 1
12.º	200\$00	Carvalho Simões	<i>Farsa</i>	4 1,07 - 3

### Prova «Ministro da Argentina»

	Taça e			
1.º	1.500\$00	Cruz Azevedo	<i>Rama</i>	0 1,03 - 3
2.º	1.000\$00	Correia Barrento	<i>Raso</i>	0 1,04 - 4
3.º	700\$00	Guedes Campos	<i>Mondina</i>	0 1,05 - 3
4.º	600\$00	Augusto Lage	<i>Neossine</i>	0 1,06 - 1
5.º	450\$00	Pereira d'Almeida	<i>Abrunho</i>	0 1,07 - 1
	450\$00	Helder Martins	<i>Optus</i>	0 1,07 - 1
7.º	300\$00	Reymão Nogueira	<i>Congo</i>	0 1,07 - 3
8.º	300\$00	Craveiro Lopes	<i>Acadêmico</i>	0 1,09 -
9.º	200\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Môngua</i>	4 1,03 - 1
10.º	100\$00	Travassos Lopes	<i>Abandonado</i>	4 1,04 - 1
10.º	100\$00	Farrusco Júnior	<i>Bajone</i>	4 1,04 - 1

### Prova «Direcção Geral dos Desportos»

1.º	800\$00	Henrique Calado	<i>Cafoné</i>	1,31 - 4
2.º	700\$00	Ferrand d'Almeida	<i>Borlista</i>	1,34 - 3
3.º	600\$00	Rodrigues Mano	<i>Alvadio</i>	1,39 - 1
4.º	500\$00	Augusto Lage	<i>Voizin</i>	1,40 - 4
5.º	350\$00	Martins Rodrigues	<i>Farsola</i>	1,41 - 4
	350\$00	Martins Rodrigues	<i>Maxixe</i>	1,41 - 4
7.º	200\$00	Pimenta da Gama	<i>Frecha</i>	1,42 - 4
8.º	200\$00	Couto Carpinteiro	<i>Dardo</i>	1,44 - 4
	200\$00	Fernando Ferreira	<i>Folgado</i>	1,44 - 4
10.º	200\$00	Rhodes Sérgio	<i>Castiço</i>	1,47 -

# Revista da Cavalaria

## Prova «Duque de Palmela»

Clas.	Prêmios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
	Taça e			
1.º	1.500\$00	Reymão Nogueira	<i>Congo</i>	1,22 -
2.º	1.000\$00	Cruz Azevedo	<i>Faneca</i>	1,28 - 1
3.º	700\$00	Farrusco Júnior	<i>Bajone</i>	1,28 - 4
4.º	500\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Abandonado</i>	1,31 - 1
5.º	400\$00	António Damião	<i>Drawragoo</i>	1,31 - 3
6.º	300\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Môngua</i>	1,32 -
7.º	300\$00	Guedes Campos	<i>Mondina</i>	1,34 - 4
8.º	200\$00	Correia Barrento	<i>Raso</i>	1,38 - 2
9.º	200\$00	Rhodes Sérgio	<i>Flama</i>	1,40 - 4
10.º	200\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Falca</i>	1,41 - 3

## Prova «Sargentos»

1.º	600\$00	J. Carreira	<i>Xeque</i>	0,55 - 2
2.º	400\$00	Silva Reis	<i>Ornaton</i>	0,56 - 1
3.º	300\$00	José Graça	<i>Xiba</i>	0,58 - 1
4.º	300\$00	J. Carreira	<i>Jovita</i>	0,59 - 1
5.º	200\$00	Silva Reis	<i>Fiador</i>	1,00 - 1
6.º	200\$00	Lampreia	<i>Hanga</i>	1,02 - 2

## Prova «Capitão José Beltrão»

	Taça e			
1.º	1.000\$00	Marquês do Funchal	<i>Ebro</i>	0 1,24 - 4
2.º	800\$00	António Spínola	<i>Evelyne</i>	0 1,25 - 1
3.º	600\$00	Ordaz Mangas	<i>Formoso</i>	0 1,26 - 3
4.º	500\$00	Rhodes Sérgio	<i>Flama</i>	0 1,27 - 3
5.º	400\$00	Rhodes Sérgio	<i>Que Foi</i>	0 1,29 - 2
6.º	300\$00	Ferrand d'Almeida	<i>Borlista</i>	0 1,30 - 2
7.º	300\$00	Freire d'Andrade	<i>Cercal</i>	0 1,33 - 1
8.º	200\$00	Rhodes Sérgio	<i>Castiço</i>	0 1,34 - 3
9.º	200\$00	Cruz Azevedo	<i>Faneca</i>	3 1,32 -
10.º	200\$00	Pimenta da Gama	<i>Frecha</i>	3 1,41 -
11.º	200\$00	Pereira d'Almeida	<i>Florentina</i>	4 1,47 -
12.º	200\$00	Augusto Lage	<i>Neossine</i>	4 1,26 - 4

# Revista da Cavalaria

## Prova «Taça José Florindo de Oliveira»

Clas.	Prémios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
Min. da Taça e				
1.º	1.500\$00	Joviano Ramos	<i>Furacão</i>	0 1,31 -
2.º	1.000\$00	Cruz Azevedo	<i>Rama</i>	3 1,38 - 3
3.º	700\$00	Pereira d'Almeida	<i>Abrunho</i>	4 1,27 - 2
4.º	500\$00	Craveiro Lopes	<i>Académico</i>	4 1,31 -
5.º	300\$00	António Damião	<i>Drawragoo</i>	4 1,31 - 4
6.º	200\$00	António Spínola	<i>Tobruck</i>	4 1,36 - 1
7.º	200\$00	Rangel d'Almeida	<i>Febus</i>	4 1,38 - 1
8.º	200\$00	Helder Martins	<i>Optus</i>	8 1,40 -

## Prova «Discípulos»

1.º	Taça	João Sequeira	<i>Alcatruz</i>	0 0,56 - 3
2.º	»	E. Guedes Queiroz	<i>Dardo</i>	0 0,58 - 1
	»	Carlos Campos	<i>Mosquete</i>	0 0,58 - 1
4.º	»	José Manuel Sabbo	<i>Caneças</i>	0 1,04 - 2
5.º	Laço	Henrique Mendia	<i>Ornaton</i>	4 0,51 - 1
6.º	»	João Mateus	<i>Congo</i>	4 0,55 - 2
7.º	»	D. Caetano Lencastre	<i>Ribamar</i>	4 0,57 -
8.º	»	D. Caetano Lencastre	<i>Lubango</i>	4 0,59 - 3

## Prova «Grande Prémio»

1.º	4.000\$00	António Damião	<i>Drawragoo</i>	4 1,18 - 1
2.º	3.000\$00	Rangel d'Almeida	<i>Febus</i>	4 1,25 - 1
3.º	2.000\$00	Craveiro Lopes	<i>Buçaco</i>	8 1,17 -
4.º	1.000\$00	Correia Barrento	<i>Raso</i>	8 1,20 - 3
5.º	700\$00	Rhodes Sérgio	<i>Flama</i>	8 1,21 -
6.º	600\$00	Craveiro Lopes	<i>Académico</i>	8 1,24 - 3
7.º	500\$00	Antunes Palla	<i>Estemido</i>	8 1,25 - 4
8.º	500\$00	Joviano Ramos	<i>Furacão</i>	8 1,28 - 1
9.º	500\$00	Helder Martins	<i>Optus</i>	8 1,29 -
10.º	500\$00	Cruz Azevedo	<i>Rama</i>	11 1,39 - 4

## Prova «Amazonas»

1.º	Taça	D. Ana Ribeiro Ferreira	<i>Dardo</i>	0 0,57 - 2
2.º	»	D. Helena Asseca	<i>Que Foi</i>	3 1,06 -
3.º	»	D. Maria Cruz Azevedo	<i>Faneca</i>	4 0,59 - 4
4.º	Laço	D. Helena Asseca	<i>Framboesa</i>	4 1,01 -
5.º	»	D. Ana de Mendia	<i>Abandonado</i>	4 1,02 -
6.º	»	D. Ana Ribeiro Ferreira	<i>Florim</i>	4 1,04 - 4
7.º	»	D. Solweig Wiborg	<i>Cocktail</i>	4 1,05 -

# Revista da Cavalaria

## Prova «Nacional»

Clas.	Prémios	Cavaleiros	Cavalos	Pontuação e Tempo
	Taça e			
1.º	1.000\$00	Carlos Granate	<i>Nocivo</i>	0 1,33 - 4
2.º	800\$00	Ferreira Cabral	<i>Alcatruz</i>	4 1,27 - 4
3.º	500\$00	Marquês do Funchal	<i>Ebro</i>	4 1,31 -
4.º	400\$00	Fernando Cavaleiro	<i>Phæbus</i>	4 1,31 - 4
5.º	250\$00	Sousa Sanches	<i>Boneco</i>	4 1,36 -
	250\$00	António Spínola	<i>Tobruck</i>	4 1,36 -

## Prova «Marquês do Faial»

1.º	800\$00	Miravent d'Almeida	<i>Squalus</i>	4 1,16 - 2 <sup>(*)</sup>
2.º	500\$00	Henrique Calado	<i>Cafoné</i>	4 1,16 - 2 <sup>(*)</sup>
3.º	400\$00	João Mesquita	<i>Vigoroso</i>	4 1,22 - 2
4.º	300\$00	Manuel Martins Silva	<i>Dique</i>	4 1,29 - 2
5.º	200\$00	Manuel Espírito Santo	<i>Phæbus</i>	8 1,11 - 2

## Prova «Taça Marechal Carmona»

Min. Taça e			
1.º	1.000\$00	Rhodes Sérgio	<i>Flama</i>
2.º	750\$00	Rhodes Sérgio	<i>Castiço</i>
3.º	500\$00	Correia Barrento	<i>Raso</i>
4.º	500\$00	Craveiro Lopes	<i>Académico</i>
			5. <sup>a</sup> barrg. <sup>c</sup>
			» »
			4. <sup>a</sup> »
			» »



(\*) Em barrage.

# Noticiário 7447

## Resultados obtidos pelos cavaleiros portugueses no Concurso Hípico de Badajoz

### Prova «Guarnición»

Série A — 12.º — Tenente Caldeira de Carvalho, no <i>Faneca</i> . . . . .	200 psts.
Série B — 9.º — Capitão Romba, no <i>Belver</i> . . . . .	300 psts.

### Prova «Honor»

4.º — Capitão Romba, no <i>Belver</i> . . . . .	o. arte
5.º — Tenente Caldeira de Carvalho, no <i>Ourique</i> . . . . .	» »
12.º — Capitão Barros e Cunha, no <i>Sado</i> . . . . .	» »

### Prova «Diputación»

11.º — Capitão Oliveira Soares, no <i>Vulcão</i> . . . . .	200 psts.
--	-----------

### Prova «Ayuntamiento»

5.º — Capitão Oliveira Soares, no <i>Lubango</i> . . . . .	700 psts.
7.º — Tenente Caldeira de Carvalho, no <i>Ourique</i> . . . . .	400 psts.
8.º — Capitão Barros e Cunha, no <i>Sado</i> . . . . .	400 psts.

### Prova «Hernan Cortes»

2.º — Capitão Romba, na <i>Bailarina</i> . . . . .	200 psts.
5.º — Tenente Caldeira de Carvalho, no <i>Faneca</i> . . . . .	200 psts.

### Prova «Ex.<sup>mo</sup> Sr. Gobernador Civil» (Gañadores)

2.º — Capitão Barros e Cunha, no <i>Sado</i> . . . . .	1.000 psts.
8.º — Capitão Oliveira Soares, no <i>Lubango</i> . . . . .	200 psts.

# Revista da Cavalaria

## Resultados do Festival Hípico Luso-Espanhol realizado em Elvas

### Prova «Regimento de Lanceiros I»

1.º — Capitão Barros e Cunha, no <i>Belver</i> . . . . .	0	1,16	1.000\$00
2.º — Alferes Xavier de Brito, no <i>Fadista</i> . . . . .	3	1,36	500\$00
3.º — Tenente Fernandes Moreno, no <i>Pinguim</i> . . . . .	4	1,15	300\$00
4.º — Capitão Joviano Ramos, no <i>Furacão</i> . . . . .	4	1,18,2	300\$00
5.º — Capitão Romba, no <i>Sado</i> . . . . .	4	1,22,1	200\$00
6.º — Capitão Oliveira Soares, no <i>Lubango</i> . . . . .	4	1,29,2	200\$00
7.º — Tenente Caldeira de Carvalho, no <i>Dardo</i> . . . . .	7	1,25	200\$00
8.º — Capitão Sanchez Pareja, no <i>Zapatudo</i> . . . . .	8	1,19,2	200\$00
9.º — Alferes Xavier de Brito, no <i>Quadrante</i> . . . . .	8	1,20	100\$00
10.º — Tenente Caldeira de Carvalho, no <i>Façanha</i> . . . . .	8	1,25	100\$00
11.º — Tenente Villalón, no <i>Suscitar</i> . . . . .	8	1,25,2	Laço
12.º — Comandante Botana Rosse, no <i>Embalage</i> . . . . .	8	1,27	Laço

### Prova «Fronteira — Trofeu Elvas-Badajoz»

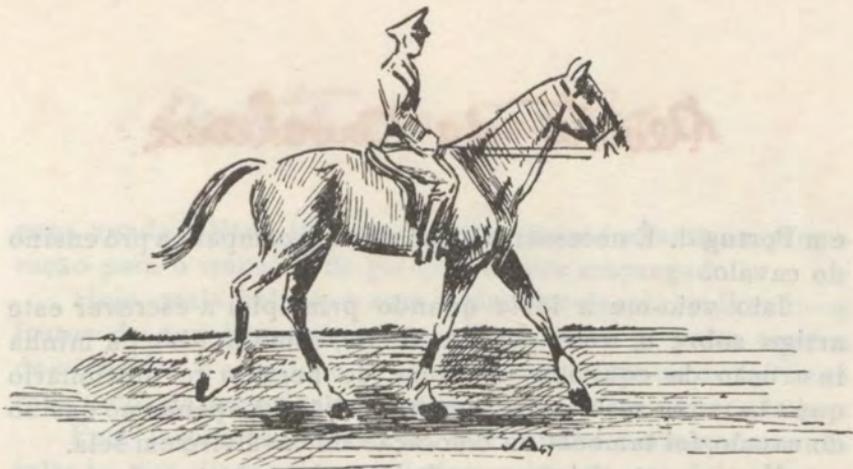
Équipe vencedora — Équipe do Regimento de Lanceiros n.º 1

### Classificação individual

1.º — Capitão Barros e Cunha, no <i>Belver</i> . . . . .	8	1,13,1	Obj. de arte
2.º — Ten. Caldeira de Carvalho, no <i>Dardo</i> . . . . .	12	1,17	» » »
3.º — Capitão Romba, no <i>Sado</i> . . . . .	12	1,42,1	» » »
4.º — Capitão Oliveira Soares, no <i>Lubango</i> . . . . .	12	1,19,4	» » »

### Prova «Câmara Municipal de Elvas»

1.º — Capitão Joviano Ramos, no <i>Furacão</i> . . . . .	0	1,03,2	Obj. de arte
2.º — Capitão Romba, no <i>Sado</i> . . . . .	0	1,13	» » »
3.º — Capitão Dominguez Manjon, no <i>Friso</i> . . . . .	0	1,14,4	» » »
4.º — Capitão Ybarra Zayas, no <i>Romero</i> . . . . .	4	1,00,2	» » »
5.º — Ten. Cor. Marquês do Funchal, no <i>Ebro</i> . . . . .	4	1,08,4	» » »
6.º — Alferes Xavier de Brito, no <i>Quadrante</i> . . . . .	7	1,19,1	» » »
7.º — Alferes Xavier de Brito, no <i>Fadista</i> . . . . .	7	1,21,4	» » »
8.º — Ten. Caldeira de Carvalho, no <i>Dardo</i> . . . . .	8	1,02,4	» » »
9.º — Ten. Fernandes Moreno, no <i>Pinguim</i> . . . . .	8	1,08,3	» » »
10.º — Capitão Oliveira Soares, no <i>Lubango</i> . . . . .	8	1,09,4	» » »



# ENSINO DO CAVALO

## DO TROTE

pelo Coronel ALMEIDA RIBEIRO

**T**emos dito, mais de uma vez, que o fim destes artigos visa unicamente auxiliar aqueles que se iniciam no ensino do cavalo e procurar diminuir-lhes as dificuldades de começo.

Como a moda entra em toda a parte, entrou também na equitação.

Iniciámos a nossa instrução de equitação com a moda «só bridão» e «galope». A equitação que, como diz Weck, é uma ciência artística sentiu-se muito e continua a sentir-se dessa grande ofensiva contra o ensino do cavalo. O português é de exageros; ou só faz trabalho de picadeiro ou só faz trabalho de exterior. Meio termo não existe para ele.

E o pior é que não se vê tendência a melhorar esta situação angustiosa para a equitação; se não arripiarmos caminho, dentro de uma dezena de anos a equitação desaparece

## Revista da Cavalaria

em Portugal. É necessário intensificar a campanha pró ensino do cavalo.

Isto veio-me à ideia quando principiei a escrever este artigo sobre o trote porque iniciei, como já disse, a minha instrução de equitação no auge do período revolucionário que tão maus resultados tem dado. Não foi apenas no ensino do cavalo, foi também na colocação do cavaleiro em sela.

Neste ponto foi uma verdadeira desgraça; ouviam-se as maiores barbaridades e faziam-se os maiores disparates com a agravante da repercussão que tinha naqueles que apenas repetem o que ouvem e copiam o que vêem mas sempre com a infelicidade de só repetirem e copiarem asneiras: aquilo que ouviram e viram mal.

Já a entrada em Portugal, do livro de Fillis, tinha tido funestos resultados. Mais livros vieram depois e a maioria, mal digeridos, ocasionaram o desastre completo.

Não merece, porém, este assunto que com ele se gaste mais tinta e papel e caminhemos para a frente sempre na esperança de melhores dias.

No governo do cavalo o freio desapareceu por completo (porque ensino não havia); o trote desapareceu e o cavalo ficou com dois andamentos: passo e galope. Leu-se que o trote é um andamento de transição e como tal foi posto de parte.

A utilização do cavalo de sela era feita a passo e galope.

Daqui resultavam grandes doses de galope para se conseguir equilíbrio e descontração à custa da ruína prematura dos membros do cavalo. Os cavalos arrazavam-se rapidamente. Olhava-se à quantidade e não à qualidade. Pretendemos reagir contra este ambiente e vimos hoje defender o trote como prestimoso auxiliar no ensino em geral e muito especialmente no trabalho de galope. Maçamos o leitor com a mecânica do passo e do galope e passamos no trote como gato por brasas mas prometemos artigo especial para o trote, o que vimos hoje fazer na suposição de que possa aproveitar aos novos que começam a trabalhar.

A mecânica do trote, foi, durante muito tempo, considerada como muito simples e o andamento como sendo o andamento do público. Era o andamento para apresentação e

## Revista de Cavalaria

para venda. Nada de benéfico lhe encontravam; na preparação para o trabalho de galope não era empregado.

Hoje, mais velhos, e com mais experiência, colhendo os frutos do seu benefício, não influenciados já pelas teorias de só bridão e só galope, pretendemos apresentar ao leitor os resultados da experiência sem, contudo, os querermos impor.

Pela mecânica verifica-se que o trote é um andamento saltado, por diagonais associadas, portanto, em dois tempos e simétrico.

É o andamento em que os posteriores menos entram debaixo da massa mas aquele em que o cavalo e cavaleiro melhor dispõem do seu equilíbrio. Nas experiências feitas com cavalos de 1,60 de altura a passada completa cobre 2,40. Segundo Lenoble du Teil os membros de um cavalo que trote 9 km. à hora não se deslocam mais rapidamente do que quando faz 6 km. à hora, a passo. No trote, a velocidade de translação do corpo é igual a  $1/2$  da velocidade do pé.

No passo, a velocidade de translação do corpo é igual a  $1/3$  da translação do pé.

São estas diferenças de velocidade relativas entre o pé e o corpo ao trote e ao passo que explicam a razão por que o cavalo se fatiga menos trotando do que obrigando-o a alargar o passo.

Ao galope, a velocidade do corpo é de  $2/3$  da do pé. Na corrida  $3/4$ .

Assim, os movimentos, e, conseqüentemente, as contracções musculares são de  $1/4$  ou  $1/3$ , segundo a rapidez de andamento, menos frequentes ao galope do que ao trote, para uma mesma velocidade.

Estes foram os resultados publicados em 1880 por Lenoble du Teil.

Com base, talvez, nestas e noutras leituras foi o trote considerado prejudicial para o cavalo e posto de lado.

Não se viu, porém, que esse argumento serve sim e bem se considerarmos o trote como andamento de velocidade, o que não fizemos quando em artigo anterior o classificámos como andamento lento, assim como o passo.

O trote é andamento lento por não ser produtor de velocidade e não é produtor de velocidade porque a sua mecâ-

## Revista da Cavalaria

nica não lho permite e não lho permite porque o apoio das mãos no solo a isso se opõe.

As corridas de trote são feitas numa andadura a que impròpriamente e por semelhança se dá o nome de trote.

Não é o nosso caso.

Vamos defender o uso e emprego do trote sem de forma alguma abandonarmos o galope de que somos praticantes e defensores, mas sem abuso.

Aplicamo-lo no ensino e mais ainda no reensino.

Três qualidades essenciais deve ter o trote para produzir bons resultados: resoluto, solto e unido. Estas três qualidades têm entre si dependência absoluta, e participam umas das outras: não se pode obter o trote solto, sem o ter obtido resoluto e não se pode obter o trote unido, sem se ter conseguido o trote solto.

Damos o nome de trote resoluto àquele em que o cavalo trota francamente pelo direito pisando bem; trote solto àquele em que o cavalo trota com flexibilidade dobrando naturalmente pelas articulações; trote unido àquele em que o cavalo deslocando toda a massa com a impulsão dada pelo post-mão cobre tanto terreno com a mão como com o pé do mesmo lado.

O cavalo que no trote reúna estas três qualidades trota francamente bem.

Obtidas estas três qualidades que talvez possamos reunir na última — *trote — unido* — insistimos com as meias voltas invertidas a passo e a trote; quando bem executadas saem as partidas ao galope. Não devemos começar as lições de galope sem que o cavalo esteja bem equilibrado e descontraído no trote.

Há certa diferença entre o cavalo que pesa na mão e o que puxa pela mão. É necessário que ao iniciarmos o trabalho de galope o cavalo não pese nem puxe pela mão, pelo menos em demasia.

O cavalo pesa na mão por excesso de peso na antemão; puxa pela mão, no geral, por deficiência no post-mão ou por deficiência de conformação: talvez o caso mais vulgar. O cavalo com predomínio de garupa será sempre um cavalo hirto, pouco flexível, sempre com tendência a apoderar-se da mão do cavaleiro. O cavalo com esparvões secos é um cavalo

## Revista da Cavalaria

que se aflige com qualquer acção da mão do cavaleiro e não fixa a cabeça: ora investe ora encapota; tem que ser montado e governado muito solto da frente. Quem pretender levar o ensino do cavalo um pouco mais longe que o corrente não deve escolher um cavalo com predomínio de garupa. A orientação da linha de cima e a fortaleza dos curvilhões são as duas primeiras condições a exigir num cavalo para o trabalho de escola.

Os curvilhões fortes para obter uma boa *impulsão*, a linha de cima bem orientada (horizontal ou ligeiramente descaída) para que não haja desperdício dessa impulsão e as rédeas a possam governar sem grandes resistências.

É a impulsão que endireita o cavalo.

Diz-se que um cavalo marcha com impulsão quando se desloca apenas à custa da energia proveniente da distensão dos seus posteriores.

Impulsionar um cavalo, é fazer uso das ajudas de forma a que os membros se desloquem sem intervenção da massa.

Em resumo, devem ser os membros que deslocam a massa e não a massa a arrastar os membros.

O conhecimento da mecânica dos andamentos tem um papel preponderante quando se pretende impulsionar um cavalo; a actuação da ajuda tem um momento oportuno; actuar fora desse momento é prejudicial.

A preferência do trote como andamento base no ensino do cavalo tem a sua razão de ser.

É um andamento simétrico, — portanto, mais fácil de igualar um lado ao outro, — em que o cavalo se desloca por bases diagonais, mais curtas que as laterais, — portanto, mais fáceis as mudanças de direcção.

Tem sobre o passo ainda a vantagem das diagonais estarem associadas e o andamento ser também mais rápido.

Alarguemos o raciocínio e vejamos o que se passa quando pretendemos impulsionar um cavalo.

Se para o impulsionar só devemos obrigar os membros a deslocarem-se, a mecânica dos andamentos vem novamente à baila.

E não pode deixar de ser:

## Revista da Cavalaria

Só pode impulsionar um cavalo, o cavaleiro que actue com as pernas ou a espora a propósito ou seja em momento oportuno.

Daqui a necessidade do cavaleiro adquirir o sentimento do apoio dos membros anteriores, não porque este apoio nos interesse directamente, mas porque se relaciona com os posteriores cujo apoio só uma longa prática ou uma sensibilidade muito grande nos leva a sentir.

Quando ensinamos um cavalo é indispensável ter já algum tacto equestre para conseguirmos alguns resultados.

É frequente discutir se o cavalo é ensinado por ajudas laterais ou ajudas diagonais.

Quem assim discutir não faz ideia nenhuma em que consiste o ensino, visto que discute as ajudas de dois períodos distintos.

O ensino do cavalo divide-se em dois períodos :

*Primeiro* :— instrução (ajudas laterais) } efeitos diagonais  
*Segundo* :— educação (ajudas diagonais) }

Se o leitor é condescendente e concorda com o autor, não há dúvida de que este tem razão quando diz que a discussão não tem razão de ser.

Deve dizer-se *instrução* e *educação* por esta ordem, e não *educação* e *instrução*.

Não é indiferente. O cavalo é instruído por ajudas laterais por serem as que impõem a nossa vontade. Nesta imposição há luta, pelo menos de entrada, o trabalho é menos brilhante pois o cavalo não se apresenta com todas as suas faculdades, por parte delas serem gastas ou distraídas a resistir; só depois do cavalo estar bem instruído, devemos passar à educação, porque se a instrução está incompleta e se entra na *educação* cedo demais o cavalo não fica sujeito, não fica instruído, está apenas educado melhor ou pior.

Estão neste número os cavalos que durante o trabalho se distraem com os espectadores, com as bandeirolas ou mesmo com os pássaros que poisam no chão.

## Revista da Cavalaria

São cavalos de ensino incompleto; passaram cedo demais para a educação sem estarem instruídos.

Não resta dúvida de que a apresentação de um cavalo numa prova de ensino se deve fazer por ajudas diagonais. Esse cavalo deve estar ensinado: instruído e educado.

O cavalo apresenta-se mais brilhante, mais solto nos movimentos e, o que é mais importante, dispendo de todas as suas faculdades.

Para que isto suceda é necessário que o período de instrução tenha sido completo.

A ajuda lateral é uma ajuda coercitiva e só assim se explica que nós possamos obrigar o cavalo a executar determinado exercício; não briga com a impulsão porque o cavalo fica sempre com um lado liberto.

A ajuda diagonal é uma ajuda de educação; não impõe a nossa vontade, solicita.

O cavalo obedece, se quiser, e em determinada altura, daí para diante já não responde à solicitação do cavaleiro, faz o que quer.

É por estas razões que insistimos na necessidade de não passar para o período *educação* sem que o período *instrução* esteja completo.

O cavalo considera-se *ensinado* quando completos os dois períodos: *instrução* e *educação*.

Impulsionado o cavalo não temos mais que dirigir essa impulsão opondo sempre as espáduas à garupa.

O cavalo entorta-se por detrás, nós endireitamo-lo pela frente.

Entorta-se por detrás não fazendo igualmente a *adução* das duas pernas. O vulgo diz: entra mais com uma das pernas. Isto pode induzir a erro porque o que nos interessa é que a *adução* se faça igualmente e não o comprimento da passada; isso virá depois, com o tempo, e também tem limites.

Li num livro francês:

«Se queres o teu cavalo direito nunca o entortes».

E é um facto. Não faz sentido entortar o cavalo para o lado contrário à curvatura que apresenta. O inconveniente que havia no primeiro caso, subsiste no segundo.

# Revista da Cavalaria

Desconfia sempre do cavaleiro que insiste na apresentação do trabalho de galope não tendo apresentado o trabalho de trote; o trabalho de galope permite mais facilmente abusar dos incautos. E se o cavalo se apresenta com focinheira, volta-lhe as costas, não assistas à exibição, pois está a abusar da tua generosidade.

A simetria do trote não lhe permite impingir gato por lebre.



# O CONCURSO HÍPICO

pelo Capitão SAINT-ANDRÉ

## I



O Concurso Hípico é uma modalidade desportiva relativamente recente em equitação, porque não existe há mais de 60 ou 70 anos. Mas o seu desenvolvimento, e os problemas que a sua prática fez nascer e resolver, trouxeram desde o começo do século XX um grande aperfeiçoamento à equitação de obstáculos. Pode-se dizer que actualmente constitui, por si só, uma verdadeira arte no conjunto da arte equestre.

Embora possa parecer uma mania de arqueólogo lançar mais uma vez a vista sobre o passado, creio que, neste caso, a análise retrospectiva tem particular interesse, a fim de bem se compreender o *Concurso Hípico* no quadro da equitação de obstáculos.

\*

— Até ao século XVIII o desporto equestre reduzia-se à prática da caça a cavalo. O salto era um exercício invulgar, ligeiramente acrobático, usado nos picadeiros praticamente do mesmo modo em que hoje

## Revista da Cavalaria

é feito o «salto de pilões». Este exercício chamava-se pomposamente «exercício do salto de vara» ou «exercício do salto da vala». Os obstáculos eram de altura tão pouco elevada que aos cavaleiros desse tempo não se tinham revelado as dificuldades que os grandes obstáculos fazem nascer sob o ponto de vista equilíbrio, regulação da passada, etc. Por consequência, não trabalharam um assunto que consideravam sem interesse, porque não tinha dificuldades. Estes obstáculos que não ultrapassavam 0,80 m., não trouxeram nessa altura nenhuma modificação de posição nem de selim. O cavaleiro mantinha, pois, no salto a «posição sentada» (mais ou menos idêntica à dos nossos dias), e utilizava a «sela raza», «meia sela» ou «sela à francesa» que tinha substituído a «selle à piquer» (parecida com a antiga sela portuguesa), cuja utilidade não se justificava mais depois do desaparecimento dos torneios.

— *O século XIX* deu começo, nos países latinos, à equitação desportiva que em Inglaterra já se praticava há algum tempo. As caçadas a cavalo, que compreendiam sempe os inevitáveis obstáculos naturais que separam os prados e os campos de um terreno compartimentado, lançaram a moda da equitação de exterior, do terreno variado e das corridas, planas ou de «steeple». O à vontade necessário a estas práticas fez substituir a «sela à francesa» pela «sela inglesa», melhor adaptada a estes fins.

Mas a posição do salto tornou-se uma simples adaptação da posição sentada; o cavaleiro entrava no arreio e depois inclinava-se para trás na recepção, deixando escorregar as rédeas.

— *No fim do século XIX* apareceu o *Concurso Hípico*, nascido do desejo que tinham de entrar em competições desportivas, os cavaleiros que pela sua altura, peso ou idade não podiam praticar corridas, ou cujo carácter não ligava com a violência deste desporto. A princípio o Concurso Hípico era uma exibição mundana; saltavam-se obstáculos pequenos, não tendo ainda os cavaleiros estudado a fundo a questão, e, por consequência, não actuando de maneira a ajudar o cavalo, seja na sua posição (sempre sentada) seja no ensino de obstáculos. Julgava-se nessa altura que havia dois géneros de «saltadores»: os que saltavam «na passada» e os que saltavam «a quatro pés». É fácil deduzir, mesmo a distância, que com a posição deitada para trás durante o salto, os primeiros pertenciam aos que tinham uma boa mão e os segundos aos que não tinham o hábito de abrir os dedos. O facto de se utilizarem sobre os saltos «taquets» muito fáceis de cair conduziu durante muito tempo os cavaleiros de Concursos a exigir dos seus cavalos saltos desmedidamente altos, obtidos pelo emprego abusivo do «pincho»; a perda

## Revista da Cavalaria

de tempo que disto resultava não tinha inconveniente, pois que o tempo não entrava em linha de conta para a classificação.

— *No princípio do século XX até 1920*, entrou-se num novo período. O cavaleiro estudou o salto do cavalo e apercebeu-se das duas verdades seguintes, que modificaram a sua «monte».

Não eram unicamente os posteriores que davam a componente vertical do salto, agindo como uma espécie de alavanca, mas, sobretudo, eram os anteriores que pela sua distensão projectavam as espáduas para cima. Consequentemente, à «saída» para o salto, é lógico colocar o peso do cavaleiro o mais perto possível da distensão dos anteriores e não o mais perto possível dos posteriores, porque actuam pouco no papel de alavanca.

É preciso, pois, estar «à frente» à saída para o salto.

A outra verdade foi que, na recepção, é o entrar dos posteriores que torna possível ao cavalo reequilibrar-se e continuar a galope. Só pode haver entrada de posteriores se o cavalo estiver basculado. O cavaleiro deve, pois, continuar para a frente, para favorecer esta báscula e a entrada dos posteriores na recepção.

Era admitido até aí que o cavaleiro se devia inclinar para trás para «aliviar os anteriores». Mas isto não é um argumento porque o cavalo ao receber-se tem sobre os anteriores o seu próprio peso e o do cavaleiro, seja qual for a posição deste.

Os inovadores, que então escandalizavam os clássicos que os chamavam «macacos a cavalo», puzeram assim em prática a «monte à frente», quer dizer: o corpo sempre à frente, o assento fora do contacto do selim; o equilíbrio mantido pelo joelho e pelo apoio das mãos de cada lado do pescoço (joelhos e mãos constituindo o chamado «polígono de sustentação do cavaleiro»); o estribo calçado a fundo e a perna vertical. Esta posição à frente, necessitando de mais fixidez, conduziu ao encurtamento dos estribos, e a colocação de uma almofada que desse maior fixidez ao joelho.

Na mesma altura apareceram obstáculos maiores, duplos, obstáculos de terra, obstáculos compostos, etc., e a noção de regulação da passada resultou daí. Esta regulação da passada era feita exclusivamente pelo cavalo, que por meio de um longo trabalho à guia e em liberdade adquiria o hábito de medir por si.

— *Por volta de 1922 apareceu a «monte italiana»* que foi aperfeiçoada na Escola de Pignerolo e adoptada mais ou menos em todo o mundo. Era apenas um melhoramento da monte anterior, com os estribos muito curtos e uma posição muito à frente.

## Revista da Cavalaria

— *Mais tarde* notou-se que o estribo calçado no terço anterior do pé podia desempenhar o papel de «amortecedor de choques» e que a famosa fixidez, por vezes teórica, do joelho, era com vantagem substituída pela aderência de toda a parte inferior da perna, como também preconiza o Sr. General Júlio de Oliveira. Esta noção conduziu muitos cavaleiros a suprimirem a almofada da frente dos selins por se tornar inútil.

Já tivemos ocasião de falar no último artigo da «monte» a que se chegou actualmente; a repetição que se vai seguir tem por fim não interromper este rápido ensaio de reconstituição histórica.

Nos últimos anos a importância crescente que tomaram os Concursos Hípicos, a frequência das competições internacionais e o aperfeiçoamento que daí resulta, deram como resultado transformar esta «posição italiana».

Com efeito, o cavaleiro aperfeiçoou o sistema das «intervenções» que exigem uma mão independente, antes, durante e depois do salto. Com o sistema das mãos apoiadas de ambos os lados do pescoço, o equilíbrio do cavaleiro dependia desse apoio, e, por consequência, só lhe permitia «regular o cavalo entre a perna e o obstáculo».

O que se pode chamar a «posição internacional» actual, que já definimos, caracteriza-se grosso modo pela fixação da barriga da perna e não do joelho. Em volta deste ponto fixo jogam as articulações do calcanhar e do joelho, e uma parte variável da coxa toma contacto com o selim. Isto constitui, juntamente com a inclinação variável do busto, um sistema articular flexível que permite à mão uma liberdade absolutamente independente do equilíbrio do cavaleiro. Esta posição foi introduzida em França, em 1932, no Exército, e antes da guerra já os italianos, assim como os alemães e outros, a adoptavam. Os últimos Jogos Olímpicos demonstraram que a maior parte dos países também a aceitaram: mexicanos, americanos, suecos, suíços, turcos, etc., para só citar estes. Esta posição internacional representa actualmente e já há alguns anos o que, no domínio hípico, é razoável admitir como evolução inevitável que rege o nosso planeta e os seus habitantes.

Lógicamente é possível que, daqui a alguns anos, a posição actual no salto pareça tão fora de moda quanto nos parece agora a primitiva posição de obstáculos.

# Revista da Cavalaria

## II

Convém agora abordar a questão em si própria, definindo a «monte internacional actual», contentando-nos por hoje a estudar, teòricamente, a melhor maneira de montar em obstáculos um *cavalo ensinado a saltar*.

Uma outra exposição deveria tratar da maneira *prática*, quer dizer da preparação do cavalo, do estudo dos obstáculos e dos percursos, da maneira de os realizar e formas de voltar, incidentes, etc.

Falaremos, sobretudo, do Concurso Hípico, mas diremos algumas palavras sobre a monte de obstáculos no exterior, que tem a sua aplicação no Campeonato. Propositadamente passaremos em silêncio o assunto das corridas de obstáculos, porque este estudo necessitaria, por si só, de um grande desenvolvimento.

\*

Em equitação de obstáculos pode-se pedir ao cavalo que salte de duas formas distintas:

*A primeira é sem perda de tempo*, caso geral das corridas, dos campeonatos e da equitação de exterior. Os obstáculos a saltar são em geral marcados, inferiores às possibilidades do cavalo, e podem ser tocados ou até furados sem inconveniente.

O cavalo num equilíbrio horizontal, fará um salto de trajectória pouco arredondada. Como o seu galope é largo, a passada é grande. Deste facto resulta não ter grande importância o ponto de saída para o salto porque, graças à amplitude da passada, o cavalo terá sempre facilidade em transpor o obstáculo, mesmo quando a batida for feita a má distância.

Este é o «salto natural», no qual o cavaleiro de exterior se limitará a conduzir sem prejudicar o cavalo.

*A outra forma de saltar é sem tocar no obstáculo*, caso geral do Concurso Hípico; os obstáculos atingem por vezes o limite das possibilidades do cavalo, e podem não ser marcados. Para que possam ser transpostos sem derrube, terá de utilizar-se uma trajectória correspondendo ao «salto arredondado» de flecha maior, o que obriga o cavalo a tomar um *equilíbrio* mais vertical ao abordar o obstáculo, quer dizer, à entrada dos posteriores, elevação do pescoço e arredondamento do rim.

No caso do obstáculo atingir o limite das possibilidades do cavalo, é necessário que a sua *passada* lhe permita fazer a batida no ponto óptimo, para que a trajectória do salto não encontre o obstáculo.

# Revista da Cavalaria

O Concurso Hípico actual exige ainda saltar sem perda de tempo, e andar rapidamente entre os saltos.

A missão do cavaleiro de Concurso Hípico será por consequência :

*Ensinar*, de que resultará :

- A manejabilidade entre os saltos ;
- A mecanização do salto.

*Conduzir* :

- Graduando velocidade e impulsão ;
- Assegurando a direcção, quer dizer :
  - Andar e saltar direito ;
  - Evitar as desobediências ;
  - Fazer voltas apertadas.

*Não prejudicar* :

- Ou pelo seu peso, por uma posição apropriada ;
- Ou pela sua mão, que deve deixar toda a liberdade ao pescoço.

*Eventualmente ajudar* :

- Graduando o equilíbrio ;
- Regulando a passada ;
- Comandando a saída.

Desenvolverei sucessivamente cada um destes pontos.

A) — *O primeiro papel do cavaleiro é de ensinar*, ou de melhorar o ensino anterior do cavalo. Não entra no quadro desta exposição desenvolver este parágrafo ; no entanto, convém dizer algumas palavras para fazer notar a utilidade de um ensino em picadeiro como base, e os progressos que podem resultar de um ensino racional de obstáculos.

*Um ensino de picadeiro bem feito*, sem que haja necessidade de ser muito adiantado, afinará a manejabilidade do cavalo entre os saltos, quer dizer, a rapidez dos percursos.

# Revista da Cavalaria

Com efeito, velocidade, impulsão e equilíbrio não são reguláveis se o cavalo não obedece bem à acção das duas pernas e das duas mãos.

As voltas apertadas só são possíveis se o cavalo obedece bem a todos os efeitos de rédeas simples e de opposição, à perna isolada, e se passa de mão com facilidade.

*Um ensino racional de obstáculos* dará a mecanização do salto por meio de uma progressão que pode ser:

- Saltos em liberdade, que desenvolvem a franqueza do cavalo, deixando-lhe toda a iniciativa;
- Saltos à guia (a trote ou a galope) onde o cavalo trabalha mais submetido, no que diz respeito à velocidade, impulsão, passada e forma da trajectória;
- Diversidade dos obstáculos que obrigará o cavalo: a modificar a trajectória (no caso dos obstáculos isolados), ou a calcular a passada (no caso dos duplos ou triplos e das más distâncias);
- Respeito do obstáculo obtido, se não é natural, pelo salto de obstáculos fixos, ou pelo «pinchar» ocasional e apropriado;
- Salto montado, sem intervenção do cavaleiro, que desenvolve a iniciativa, sob o peso do mesmo o que traz por consequência um equilíbrio diferente;
- Intervenções «a priori», em pequenos obstáculos, que desenvolvem a sujeição;
- E, por fim, a *aplicação*, isto é, fazer percursos de treino, cujos obstáculos são escolhidos com vista a melhorar o estilo do cavalo.

B) — *O segundo papel do cavaleiro é de conduzir o cavalo*, isto é, manter a direcção, a velocidade, a impulsão e o equilíbrio, da forma seguinte:

- Suficiente velocidade para:
  - Que a amplitude da passada do salto permita ao cavalo transpor o obstáculo;
  - Que o salto seja rápido.

## Revista da Cavalaria

- Não demasiada velocidade, para que a flecha da trajectória do salto não seja demasiado baixa;
- Suficiente impulsão para :
  - Aumentar a amplitude da passada dentro da mesma velocidade;
  - Aumentar a flecha da trajectória e a velocidade própria do salto pela maior tensão dada ao cavalo.
  
- Não demasiada impulsão para evitar uma fadiga inútil e um salto desproporcionado com o tamanho do obstáculo;
- Equilíbrio suficiente para aumentar a flecha da trajectória;
- Equilíbrio não demasiado sobre as pernas, para não encurtar exageradamente a passada do salto e a velocidade.

A forma e as dimensões do obstáculo indicarão qual é a dosagem óptima a obter dentro de cada um dos três factores, que por vezes se opõem. Esta dosagem só é óptima através do «sentimento», que permite graduá-la, e do «tacto» que permite pô-la em execução, e deverá automatizar-se com a experiência, passando aos reflexos do concursista.

As negas são as *desobediências* pelas quais o cavalo se opõe à vontade do cavaleiro no que diz respeito à condução. Possivelmente, todos nós fomos vítimas desses factos e sabemos evitá-los e castigá-los. No entanto, é interessante frisar alguns pontos.

No caso da nega fugindo, 90% dos cavaleiros pretendem impedi-la só por uma acção de rédeas, o que conduz somente a uma incurvação do pescoço, sem evitar a desobediência.

É preciso, pois, restabelecer, antes de qualquer acção de mãos, a impulsão para *diante* por uma acção enérgica de pernas. Com efeito, o actuar das pernas e depois das mãos cria uma «oposição» que domina a garupa e mantém a boa direcção.

E também, o cavalo que se negou para um lado deve ser voltado para o outro lado, com as ajudas às quais desobedeceu.

No caso da nega por paragem, geralmente os cavaleiros actuam de longe sem descontinuidade, de forma que, ao chegar ao obstáculo, já o cavalo não respeita a perna e a espora. Na realidade, as pernas devem actuar enérgicamente de longe, para criar impulsão, depois manterem-se vigilantes até às duas ou três últimas passadas e, nessa altura, porque a impulsão criada tende a desaparecer, elas deverão actuar cada vez mais fortemente. No actuar das pernas, é tão importante a oportunidade como a intensidade.

## Revista da Cavalaria

C) — *O terceiro papel do cavaleiro consiste em não prejudicar o cavalo no salto.* Para isto, terá de tomar uma série de atitudes que lhe permitam ligar o seu peso e a sua inércia aos movimentos do cavalo, e isto independentemente da mão, que acompanha sempre a boca.

A galope e durante o salto, as reacções que suporta o cavaleiro são comparáveis às que poderia suportar se cavalgasse uma barrica animada de movimentos longitudinais e verticais. Se o cavaleiro apertar com os joelhos a parte superior convexa da barrica, a sua fixidez é illusória; mas se apertar com a parte inferior das pernas abaixo do diâmetro da barrica, ficará logicamente muito mais sólido. E se, além desta ligação, dispuser de todas as suas articulações de maneira que possam jogar no sentido de flexão e extensão, liga-se com facilidade a todos os movimentos possíveis da sua montada de adegá.

Esta comparação permite-nos deduzir que a posição do cavaleiro no salto deve ter por base:

- Pontos de fixação lógicos e eficazes;
- O jogo fácil, nos dois sentidos, das suas articulações inferiores;
- A adaptação rápida destes meios a uma modificação das reacções do cavalo.

O desenvolvimento de cada um destes pontos já se fez no artigo referente à «Posição do Cavaleiro», de modo que será desnecessário tornar a repeti-lo.

No entanto, se resumirmos as reacções do cavaleiro durante o salto em relação aos movimentos do cavalo, podemos concluir:

- *Antes do salto* — Posição de equilíbrio, busto ligeiramente inclinado à frente, assento perto do selim;
- *À saída do salto* — Inclinação do busto e da cintura para a frente, compensados pelo avanço do joelho e abaixamento do calcanhar;
- *Na suspensão* — Endireitamento do busto, aproximação do assento do selim compensado por um ligeiro recuo do joelho e levantamento do calcanhar;
- *Na recepção* — Endireitamento do busto, avanço do assento, descida do calcanhar e ligeiro recuo do joelho.

Isto leva-nos a dizer que o cavalo salta entre as pernas do cavaleiro, que absorve o salto como se fizesse uma simples passada de galope, de

## Revista da Cavalaria

maior amplitude: o cavalo afasta-se ou aproxima-se do assento, e o pescoço afasta-se ou aproxima-se do busto do cavaleiro, mantendo-se sempre paralelo a este.

D) — *Por fim, o último papel do cavaleiro é de ajudar o cavalo, intervindo de maneira apropriada e oportuna.*

As intervenções constituem o que se pode chamar a *equitação superior* de obstáculos e, conseqüentemente, só são possíveis aos cavaleiros experimentados e possuindo o «sentimento do obstáculo»; são mesmo prejudiciais quando feitas por cavaleiros principiantes. Devem neste caso ser dispensáveis, e um cavaleiro que se contentar em conduzir bem o seu cavalo (direcção, velocidade, impulsão) sem o prejudicar, faz já o essencial e pode obter bons resultados, se o cavalo tiver respeito pelo obstáculo, porque tem tendência a regular-se entre a perna e o dito obstáculo.

1.º — *Uma das maneiras de intervir é pela gradação do equilíbrio.*

O equilíbrio do cavalo pode ser horizontal para os obstáculos largos e baixos, sobre as pernas para um vertical alto, e tomar uma solução intermédia para os obstáculos marcados ou simultaneamente altos e largos.

Se o cavalo não toma, por si só, o equilíbrio correspondente ao obstáculo a saltar, é, pois, necessário que o cavaleiro o ajude, deslocando à vontade uma parte do seu peso, quer sobre as espáduas, quer sobre as pernas, à custa da posição dada ao pescoço que, por uma maior ou menor elevação (ligada com a entrada dos posteriores e o arredondamento do rim) consegue a transposição de peso desejada.

*O deslocamento do peso para a frente* é consequência natural de um aumento de velocidade, mas as pernas devem actuar para impedir o cavalo de se abrir.

*Para deslocar o peso sobre o post-mão*, pedir a elevação do pescoço por uma (ou mais) meias paragens sobre uma ou as duas rédeas, manter a impulsão e, ao mesmo tempo, pedir a entrada dos posteriores, pela acção das pernas.

Com um cavalo mal ensinado, esta acção de mãos conseguirá uma elevação do pescoço, mas à custa de uma luta com a mão, que se repercutirá até aos posteriores, que não entrarão debaixo da massa e, conseqüentemente, o cavalo não será equilibrado sobre o post-mão.

# Revista de Cavalaria

Há a assinalar que a variação da inclinação do busto do cavaleiro, tanto no sentido da frente como no inverso, pode contribuir para uma modificação em igual sentido do equilíbrio do conjunto.

2.º — *Outra maneira de intervir é actuar sobre a regulação da passada.*

Esta regulação é muitas vezes necessária. Admitamos que o cavalo tem que saltar o maior obstáculo que a sua trajectória mais alta e mais comprida comporta. Só o poderá fazer sem tocar se essa trajectória se adaptar perfeitamente ao obstáculo, do que resulta um único ponto obrigatório para a batida de saída. Ora a amplitude da passada de um cavalo médio, em galope normal de saltos, regula por três metros e meio. É, pois, necessário, que os últimos três metros e meio terminem no local do ponto obrigatório de saída. Se o cavalo é habilidoso e tem experiência e iniciativa, conseguiu-lo-á, modificando as passadas anteriores. Se o cavalo não é capaz de o fazer, *cabe ao cavaleiro* ajudá-lo, isto é, regular a passada. O que atrás fica dito aplica-se totalmente aos grandes obstáculos e tem uma aplicação parcial para os pequenos, em que o cavalo mal medido poderá, por uma elevação ou alongamento da trajectória, alcançar o outro lado; o que é também o caso dos obstáculos de campeonato ou de corridas que se abordam a maior velocidade.

Mas o cavalo será sempre mais seguro e mais confortável quando a passada estiver bem medida.

Há duas maneiras de regular a passada:

— *Fazer menos uma passada*, ou o que é o mesmo, *regular sobre a passada larga*, alargando a amplitude das últimas, de maneira a que a última termine no ponto desejado. Isto consegue-se pela acção das pernas a compasso com o galope, e pela acção da mão, acompanhando o movimento do pescoço por um «rolar» na mesma cadência. O cavalo tem tendência para tomar um equilíbrio mais horizontal e o salto será, em consequência, mais alongado em relação à sua flecha.

— *A outra maneira é fazer mais uma passada*, ou o que é o mesmo, *regular sobre a passada curta*, de forma que a última termine no ponto desejado.

Isto obtém-se por um «rolar» de mão que contraria em parte o movimento do pescoço, quer dizer, uma «oposição de mão» por cerramento dos dedos, cada vez que, pela própria mecânica do andamento, o cavalo vai alongar o pescoço.

## Revista da Cavalaria

As pernas deverão actuar de forma a manter ou aumentar a impulsão anterior, tendo em vista a necessidade de se conservar a energia necessária à transposição do obstáculo — menos velocidade, mais impulsão. Mas as pernas não devem actuar em cadência com cada passada, para não contribuírem para o alargamento daquela.

O cavalo tem tendência para tomar um equilíbrio mais sobre as pernas, do que resulta um salto menos alongado em relação à sua flecha. Regular sobre a passada curta não se deve tornar um costume, visto ter tendência a prejudicar a extensão natural e harmoniosa do pescoço do cavalo que, pouco a pouco, perderá o hábito de se distender. Pelo contrário, o cavalo que tem o hábito de se distender pode facilmente «reunir-se» ao primeiro pedido.

O cavaleiro dotado «vê» de muito longe se a passada está bem ou mal medida; isto dá-lhe a possibilidade de actuar sobre um grande número de passadas, portanto, menos sobre cada uma.

O cavaleiro que não tem o «sentimento do obstáculo», «vê» só de muito perto, o que o obriga a intervir fortemente, com grandes inconvenientes e, por vezes, não chega nunca a «ver».

— *Convém agora determinar o ponto óptimo de «saída» para o salto, em que é preciso fazer chegar a última passada regulada. Este ponto óptimo de saída varia com a forma do obstáculo a saltar e o cavaleiro deve atender a isto na regulação da passada.*

Examinemos primeiro o caso dos *obstáculos simples*. Inscreveremos num semi-círculo (que admitamos, embora não seja exacto, como representando o «salto arredondado»), vários obstáculos de diferentes formas, e constataremos que teoricamente:

- Para um vertical, é preciso fazer a batida de saída à distância da sua altura.
- Para um obstáculo largo ou marcado (tríplice vara, barreira de spá, vala) é preciso fazer a batida de saída perto, e tanto mais de perto quanto mais largo ou marcado for o obstáculo. A marcação de um obstáculo corresponde, em geral, ao rebatimento da sua altura máxima sobre o terreno.
- Para um oxer ou ria de varas (caso intermédio entre vertical e largo) é preciso fazer a batida de saída como para um vertical fictício, que se encontraria no plano médio do oxer, e teria aproximadamente mais um quinto de altura. Quanto mais largo e baixo for o oxer, mais perto terá de se fazer a batida;

# Revista da Cavalaria

quanto mais alto e estreito for, mais se pode sair como para um vertical isolado.

— Para um obstáculo numa subida, é preciso sair de perto, para não aumentarmos a sua altura relativa.

— Para um obstáculo numa descida, é preciso sair de longe pela mesma razão.

O caso dos *obstáculos compostos* é mais complexo e a sua dificuldade explica e justifica o estudo a seguir.

Suponhamos que se trata de saltar um duplo de verticais de altura média.

Não há dificuldades quando a distância entre a recepção do primeiro salto e a saída do segundo é um múltiplo da passada — basta chegar bem medido ao primeiro obstáculo. No caso geral do cavalo e de obstáculos médios, as boas distâncias são :

No caso de um duplo de uma passada — sete metros e meio.

No caso de um duplo de duas passadas — dez metros e meio.

Mas se estas distâncias são diferentes, ou se o caso particular da amplitude da passada do cavalo, da altura e da forma do obstáculo, tornam estas distâncias menos boas, é preciso chegar a uma solução em que o cavalo não seja prejudicado no segundo salto.

Esta solução pode-se conseguir :

— Por uma *saída de longe* que terá por consequência diminuir a má distância do duplo, tornando-a melhor, porque a saída de longe será seguida de um salto comprido, de uma recepção mais afastada que o normal e de uma saída de longe para o segundo obstáculo ;

— Ou por uma *saída de perto*, que terá por consequência aumentar a má distância do duplo, tornando-a melhor, porque a saída de perto será seguida de um salto curto, de uma recepção mais curta que o normal e de uma saída de perto para o segundo salto.

E, se isto não for suficiente ou se o cavaleiro não conseguiu a saída à distância pretendida, aumentará ou encurtará a amplitude das passadas intermédias entre os dois obstáculos. Esta solução deve ser considerada apenas como uma solução de recurso. Com efeito, no caso do

## Revista da Cavalaria

duplo a uma passada, é difícil, porque se tem de actuar rapidamente e, no caso do «salto a tempo» é impossível.

O que dissemos a respeito dos duplos é suficiente para justificar a *necessidade da intervenção* do cavaleiro em certos casos, e pode ser apontado aos que são de opinião que o cavalo pode sempre fazer tudo, entregue a si próprio. Exemplificando, o cavalo não pode saber antecipadamente a melhor solução a tomar para saltar um quádruplo a más distâncias, onde os saltos verticais e marcados se alternam. É o cavaleiro que conhece a melhor maneira teórica de limpar, por já ter feito o percurso a pé.

O cavaleiro deve, pois, conhecer as «boas» e «más» distâncias teóricas dos saltos compostos. No entanto, estas distâncias são função de factores variáveis que é preciso tratar rapidamente. Estes factores são:

A amplitude da passada que, por um lado é diferente conforme os cavalos, por outro, varia para um mesmo cavalo segundo a velocidade e o equilíbrio considerados.

Além disto, no interior de um duplo, o cavalo reduz por si a passada porque tem de se compor, reequilibrar e medir. Como consequência pode ser feita a seguinte classificação:

- Cavalo de pequena amplitude (N=género nacionais) — Passada de três metros reduzindo-se a dois metros e meio nos duplos;
- Cavalos de média amplitude (A=género anglo-árabes) — Passada de três metros e meio reduzindo-se a três metros nos duplos;
- Cavalos de grande amplitude (I=género Irlandezes, Puro sangue, Grandes Argentinos) — Passada de quatro metros reduzindo-se a três metros e meio nos duplos.

O segundo factor é a *distância de saída e de recepção* do salto que varia conforme a passada, a velocidade, o equilíbrio, a altura e forma do obstáculo e a medição do salto. Mas se o salto se apresenta *normalmente*, o cavalo saltará cobrindo *no mínimo* a distância de uma passada normal, quer dizer, que o cavalo de pequena amplitude parte e recebe-se pelo menos de um metro e meio antes e depois de um obstáculo vertical médio, o cavalo de amplitude média, um metro e setenta e cinco e o cavalo de grande amplitude, dois metros. Isto até à altura em que o cavalo não faz grande esforço a saltar (de 0,90 a 1,20 m. conforme

# Revista da Cavalaria

as categorias). Para saltos maiores, pode-se considerar que uma elevação de 0,10 m. no obstáculo faz o cavalo partir e receber-se 0,25 m. mais longe, isto é, ao que diz respeito à altura correspondente ao «pleno esforço», a partir do qual as distâncias de saída e de recepção tornam-se mais ou menos invariáveis.

*Os obstáculos largos* têm também influência na medição dos duplos, isto é, desde 1,20 m. de largura.

No caso de um obstáculo largo, seguido de um vertical, há pouca diferença prática com dois obstáculos verticais, porque a distância é média do fim do primeiro até ao segundo. No entanto, o cavalo recebe-se mais longe e menos equilibrado depois do salto largo, o que diminui a distância prática do duplo.

No caso de um obstáculo vertical seguido de um largo marcado, praticamente o obstáculo largo aumenta a distância do seu próprio comprimento, porque é a sua parte mais alta que conta verdadeiramente.

Para ser completo, seria necessário ter conhecimento da forma e do comprimento exacto de cada obstáculo largo, e caíriamos imediatamente em casos particulares. Para tirar de um estudo conclusões certas, é preciso considerar o caso geral. Limitei-me, por consequência, a estudar o caso dos duplos verticais a duas alturas tipo 1,15 m. e 1,30 m., num quadro anexo que se segue.

### 3.º — *A última intervenção que o cavaleiro pode fazer consiste em comandar a saída para o salto.*

Vimos com efeito que o cavaleiro foi levado a esta necessidade, depois de ter regulado a passada larga ou curta.

A saída a distância normal é natural ao cavalo pelo que não tem de ser comandada. A dificuldade consiste em sair, à vontade do cavaleiro, de longe ou de perto.

*No caso de sair de longe*, o cavaleiro regulará a passada de maneira a que ela seja longa, e dará, a cada passada, uma tensão maior às rédeas, acompanhando o movimento do pescoço e aumentando a impulsão e a velocidade em cadência com o galope. No momento da saída, actuará por uma acção mais forte de pernas.

*No caso de sair de perto*, se a passada for regulada por encurtamento, de forma a ser de pequena amplitude, a saída de perto é natural ao cavalo, devendo a mão ter actuado por necessárias oposições

## Revista da Cavalaria

e as pernas serem utilizadas fora da cadência do galope quando se tornem necessárias.

*Suponhamos agora* que, por qualquer razão, a passada foi mal regulada. Há, neste caso, duas soluções — *sair de muito longe* ou de *muito perto*.

Se a velocidade e a impulsão são reduzidas ou decrescentes, sendo curta a passada de galope, o cavalo tem tendência a aproximar-se, dando mais uma pequena passada: por consequência, para sair de perto, não há nada a fazer. Mas se o cavaleiro quer sair de longe, tem de marcar muito enérgicamente a saída com as pernas, ao mesmo tempo que aumenta a tensão das rédeas, para fazer o cavalo «crescer sobre a mão».

Se a velocidade e impulsão são grandes ou crescentes, sendo grande a passada de galope, é provável que o cavalo procure sair de longe. Se o cavaleiro, neste caso, quer sair de perto, deverá afrouxar as rédeas e tornar-se o mais passivo possível deixando diminuir a impulsão, porque a menor acção de pernas ou de mão dará maior tensão ao cavalo, o que o levará a sair de longe. Mas há que dizer que o resultado nem sempre é seguro.

Só devemos comandar a saída em percurso com cavalos que já conheçam bem essa forma de actuar; com efeito, se não obedecem, o resultado é catastrófico.

*É necessário observar que, a respeito das intervenções,* tem de se atender:

Não fazer intervenções unicamente com a idéa de fazer intervenções; só intervir quando sentirmos que isso é necessário, e desde que saibamos o que há a fazer; no contrário, entreguemo-nos ao instinto do cavalo, que é o mais acertado. Por vezes, não há nada mais a fazer do que deixar o cavalo actuar, porque o salto nos surge nas melhores condições.

Toda a intervenção em contratempo, violenta ou prolongada, faz perder ao cavalo perfuração e confiança e prejudica o objectivo final: o salto em descontração muscular, que se traduz por um alongamento de pescoço e arredondamento do rim.

As intervenções devem ser discretas; com um cavalo ensinado, devem tornar-se quase invisíveis e o cavaleiro deve preocupar-se em não mostrar aquilo que faz.

As intervenções são uma arma de utilização. No treino, deixar o mais possível o cavalo actuar só, para não prejudicar a sua iniciativa,

## Revista da Cavalaria

e para lhe ensinar progressivamente a dispensar a ajuda do seu cavaleiro, o que é a finalidade de todo o ensino. O ideal a procurar com um cavalo de Concurso, bem metido e com muita prática, deve ser montar em «descida de intervenções», isto é, evidentemente, não falando nos saltos compostos.

Os concursistas atribuem, muitas vezes, à equitação de picadeiro o inconveniente de não manter os cavalos com o necessário apoio para o obstáculo. Isto poderá ser verdadeiro se o ensino foi mal feito.

Um cavalo ligeiro na mão poderá ter sempre o contacto necessário (mais forte ou mais fraco conforme as circunstâncias), porque ele toma o contacto pela impulsão, pelo desejo de saltar e, por consequência, pela excitação do momento. Mesmo nessa altura, se o seu ensino é perfeito, e se lhe for pedido, ele deve aligeirar à primeira indicação, mas só a ela; e não é ao abordar um grande obstáculo o momento próprio de o fazermos: eis a questão.

No que diz respeito às outras modalidades da equitação de obstáculos (campeonato, cross-country, corridas) convém notar que nem todas as intervenções do C. H. são aplicáveis com grande proveito.

Com efeito, já assinalámos que nestas provas importa pouco tocar ou não os obstáculos naturais e fixos, desde que se chegue ao outro lado sem acidente. Quando a passada é mal regulada, o galope largo que se utiliza permite na maioria dos casos cobrir o obstáculo, por meio de um salto mais largo em que a flecha não necessita de ser muito elevada.

São, portanto, inúteis no caso dos Campeonatos, e mesmo prejudiciais no caso das corridas de obstáculos:

- As intervenções que modifiquem o equilíbrio;
- As intervenções que encurtem a passada.

A modificação do equilíbrio e o encurtamento da passada cortam a regularidade do galope, e a sua repetição, no decorrer de um percurso comprido, provoca a fadiga e constitui também uma perda de tempo apreciável.

A única intervenção lógica e frutuosa é, portanto, a regulação sobre a passada larga, no caso do cavalo chegar verdadeiramente mal.

# Revista da Cavalaria

## III

Tudo quanto precede pouco ou nada terá ensinado aos antigos cavaleiros, que não fizeram outra coisa senão ler, mais uma vez, aquilo que já sabem e praticam há longo tempo: a estes agradeço a benevolência de me terem seguido até aqui.

Mas os oficiais mais novos terão talvez tido oportunidade, com algum aproveitamento, de encontrar aqui reunidas, várias noções dispersas em livros modernos, todavia raros, que tratam da equitação de obstáculos.

Para concluir, ou por outra, para resumir, podemos dizer que o Concurso Hípico é uma verdadeira arte desde que seja praticado por um cavaleiro bem colocado, flexível, de gestos sóbrios, ligado ao movimento do seu cavalo e absorvendo o salto com uma passada de galope mais acentuada, depois de ter regulado por intervenções discretas a direcção, a velocidade, a impulsão, o equilíbrio, a passada e a saída, e isto somente quando é necessário.

Para que este fim possa ser atingido, é necessário que o cavaleiro haja recebido as bases sólidas de uma equitação clássica, e que seja seguidamente especializado. Paralelamente é também necessário que o cavalo receba os princípios firmes de um ensino de picadeiro e que ele preste obediência e atenção a todas as acções do cavaleiro, sem que este ensino tenha necessidade de ser muito adiantado, porque deve ao fim de um certo tempo ceder o primeiro lugar ao ensino de obstáculos.

Para o «especialista de equitação curta» e o «concurista», da mesma forma que para o «cavalo de escola» e o «cavalo de concursos», as bases na sua origem devem ser as mesmas, e são as necessidades da especialização que fazem seguidamente bifurcar as vocações.

Não há, pois, uma «equitação de picadeiro» e uma «equitação de obstáculos», há apenas *uma só equitação*. É pelo facto dos princípios serem aplicáveis a cada especialidade (cujas regras particulares os completam sem os contradizer) que podemos reconhecer que esta é *a boa equitação*.

No entanto, a sua imagem é difícil de alcançar, definir e fixar, e desculpar-me-ão se, tendo sido um escritor muito longo, tenha sido igualmente um pintor infiel...

# Estudo dos duplos verticais

Alturas	1 <sup>m</sup> 15		1 <sup>m</sup> 30	
Distâncias	Solução normal ao cavalo	Solução do cavaleiro	Solução normal ao cavalo	Solução do cavaleiro
12 <sup>m</sup>	N = 3 passadas muito curtas A = 2 passadas longas I = 2 passadas normais	Partir de perto e reduzir ou Partir de longe e entrar de modo a dar duas passadas Partir de longe e entrar Partir bem e deixar fazer	3 passadas muitíssimo curtas  2 passadas normais 2 passadas um pouco curtas	Partir de longe e entrar para fazer 2 passadas longas  Partir bem e deixar fazer Partir de perto
11 <sup>m</sup>	N = 2 passadas longas A = 2 passadas normais I = 2 passadas um pouco curtas	Partir de longe e entrar Partir bem e deixar fazer  Partir de perto	2 passadas normais 2 passadas um pouco curtas 2 passadas curtas	Partir bem e deixar fazer Partir de perto  Partir de perto e reduzir se necessário
10 <sup>m</sup>	N = 2 passadas normais A = 2 passadas curtas I = 2 passadas muito curtas	Partir bem e deixar fazer  Partir de perto Partir de perto e reduzir se necessário ou Partir de longe e entrar 1 passada	2 passadas um pouco curtas 2 passadas muito curtas 1 grande passada	Partir de perto e reduzir se necessário Partir de perto e reduzir Partir de longe e entrar
9 <sup>m</sup>	N = 2 passadas muito curtas A = 1 passada longa I = 1 passada um pouco longa	Partir de perto e reduzir  Partir de longe e entrar  Partir de longe	2 passadas muitíssimo curtas 1 passada um pouco longa 1 passada normal	Partir de perto e reduzir  Partir de longe  Partir bem e deixar fazer
8 <sup>m</sup>	N = 1 passada longa A = 1 passada um pouco longa I = 1 passada normal	Partir de longe e entrar  Partir de longe  Partir bem e deixar fazer	1 passada um pouco longa 1 passada normal  1 passada um pouco curta	Partir bem e entrar  Partir bem e deixar fazer  Partir de perto
7 <sup>m</sup>	N = 1 passada normal A = 1 passada curta I = 1 passada muito curta	Partir bem e deixar fazer Partir de perto  Partir de perto e lentamente	1 passada curta 1 passada muito curta  1 passada muitíssimo curta	Partir de perto Partir de perto e lentamente Partir de perto, lentamente e reduzir
6 <sup>m</sup>	N = 1 passada curta A = 1 passada muito curta I = 1 passada muitíssimo curta ou salto a tempo	Partir de perto Partir de perto e lentamente Partir de perto, lentamente e reduzir ou Partir de muito longe e entrar: salto a tempo		
5 <sup>m</sup> e menos	N = A = I =	Partir de longe e entrar para obter o salto a tempo sem passada intermediária		



# Jornaes revistas livros

## Opiniões do general Guderian sobre as forças couraçadas na guerra

Da publicação norte americana  
*Armored Cavalry Journal*

Quando as forças couraçadas alemãs, em Maio de 1940, romperam o prolongamento da Linha Maginot, em Sedan, e em poucos dias alcançaram o oceano Atlântico e a desembocadura do Mosa, este êxito provocou verdadeiro assombro mesmo até entre os profissionais. Desde então não cessou a investigação e discussão das causas da derrota das tropas francesas e britânicas.

A princípio o êxito alemão atribuiu-se a uma suposta superioridade numérica. Os franceses calculavam em 7.000 carros a força couraçada alemã na frente ocidental em Maio de 1940, aos quais se opunham, segundo as cifras francesas, 4.500 carros aliados. Na realidade a força alemã em carros, segundo os nossos dados e quadros orgânicos, era de 2.800, incluindo os de reconhecimento. Depois de um cálculo minucioso e deduzidos os carros de reconhecimento e os que ficaram empanados para trás durante a marcha de 13 de Maio (dia em que se atravessou o Mosa) pode afirmar-se que a força se compunha de 2.200 carros. Não foi, portanto, a superioridade numérica a causa da surpreendente vitória alemã. Temos de admitir, portanto, que houve outras razões decisivas.

É costume velho quando se perde uma batalha, culpar em primeiro lugar o Comando e atribuir-lhe todos os erros cometidos. Se, pelo contrário, se vence uma batalha, o número dos que pretendem tê-la ganho cresce consideravelmente.

# Revista da Cavalaria

Por esta razão, se quisermos explicar a vitória alemã a Oeste, em 1940, devemos, em primeiro lugar, estudar o Comando e a direcção das forças couraçadas alemãs.

## Comando e direcção

A influência do Comando nas forças couraçadas alemãs sentia-se e estudou-se muito antes da guerra. Procurou-se a renovação de um velho princípio básico e muito experimentado do Comando da Cavalaria: «O Chefe deve situar-se muito na vanguarda». Deve situar-se nestas condições para ele próprio ver o que vai ocorrendo, para receber directamente as comunicações das suas unidades de reconhecimento e nestas condições poder dar as suas ordens rapidamente. No caso de grandes unidades que avancem em diversas colunas, o chefe deverá ir com a coluna mais importante. Em todo o caso, deverá também estar próximo das suas reservas, visto que de outro modo perde toda a possibilidade de exercer o seu verdadeiro comando.

O chefe de uma força couraçada deve exercer o comando pessoalmente.

Não pode permitir que seja representado por pessoal do seu E. M. O soldado precisa de ver o seu General. Por outro lado o seu E. M. deve ter certa estabilidade para que as ordens, comunicações e ligações com as unidades laterais e da retaguarda se possam transmitir e manter. Daqui se deduz a necessidade de dividir o seu E. M. em dois escalões: um escalão avançado que vai com o chefe e um escalão da retaguarda para a transmissão de ordens e instruções às unidades dos flancos e retaguarda.

## Comunicações

A rádio é o meio de comunicação mais importante. Durante a guerra de movimento em França, quase todas as ordens de combate foram dadas pela rádio. Naturalmente, estas ordens tinham que ser cifradas, o que requeria que o carro de comando dispusesse de uma chave.

O emprego da rádio como meio quase único para a transmissão de ordens, requer uma grande brevidade na redacção, pelo que a «linguagem do comando» para as unidades couraçadas obriga a uma instrução especial.

Não obstante, o telefone não constituiu um meio supérfluo. Usou-se regularmente durante as fases da guerra de movimento em França e na Rússia, para assegurar a corrente de comunicações com a retaguarda.

A rádio não bastou para assegurar a transmissão de ordens e comunicações com a retaguarda, especialmente aquelas que se referiam ao abastecimento.

Todavia, os ataques aéreos constituem um perigo cada vez maior para as ligações com a retaguarda e especialmente se aqueles procuram as principais linhas de abastecimento e os seus nós importantes; assim, as comunicações por fios são cada vez menos seguras, e, portanto, será cada vez mais necessário recorrer à comunicação pela rádio.

# Revista da Cavalaria

A grande perfeição na técnica da rádio é tal que permitirá o seu emprego em grande escala. O radiotelefone, em particular, facilita o contacto entre o chefe e as suas tropas, contanto que se mantenha por ambas as partes uma severa disciplina nas conversações.

São indispensáveis a concisão e o emprego de chaves. Estamos completamente convencidos que nenhum outro sistema se empregará de futuro.

## Concentração de potencial

A mobilidade do comando e a sua presença nas unidades de carros de combate foi a primeira razão que podia explicar o êxito dos alemães.

Outra razão foi «a concentração de carros em grandes unidades e a combinação destas unidades em grupos couraçados e mais tarde em exércitos couraçados», em zonas de importância decisiva. Antes da guerra os nossos inimigos pensaram na constituição de grandes unidades de carros, mas não o puzeram em prática. Na realidade foram os alemães os primeiros que puzeram em prática a ideia de criar uma «Divisão Couraçada». Os outros exércitos copiaram posteriormente este princípio pouco tempo antes do fim da guerra.

## Organização

As divisões couraçadas alemãs compunham-se de todas as armas e serviços que necessitam dos carros para o seu apoio no combate: Infantaria (conhecida no princípio por «fuzileiros» e posteriormente por «granadeiros de carros»); tropas de reconhecimento; unidades anticarro; tropas de sapadores; tropas de transmissões; destacamentos de sanidade; depósitos e outros serviços da retaguarda.

Houve particularmente uma questão muito debatida sobre a relação entre os carros e a Infantaria de acompanhamento. Não se discutiu a necessidade de tropas de Infantaria como parte integrante da divisão couraçada; o que se discutiu foi a proporção.

Em 1940 a Divisão compunha-se de quatro batalhões couraçados, dois batalhões de atiradores e um batalhão de atiradores motociclistas.

Em 1941 determinou-se que os batalhões couraçados fossem reduzidos para dois ou três e que os batalhões de atiradores fossem aumentados para quatro.

No princípio da campanha da Rússia agregou-se a cada Divisão mais um batalhão de atiradores motociclistas. No entanto, estes, não puderam fazer frente às dificuldades que apresentavam as estradas e as condições meteorológicas da Rússia, devido às quais se combinaram estes batalhões com os de reconhecimento.

A redução dos batalhões couraçados a dois ou três por divisão foi lamentável. Constituindo os carros a arma principal da divisão couraçada, não merecia a pena organizar o grande e complicado aparato de uma divisão deste tipo,

# Revista da Cavalaria

baseada apenas numa pequena força de carros. A potência ofensiva da unidade diminui rapidamente ao reduzir-se o número de carros.

Os nossos grandes êxitos no Ocidente em 1940, devem-se em grande parte aos carros, que constituíam o elemento básico e forte da nossa divisão e que se empregaram em grandes concentrações. Desta forma, podemos dominar a superioridade numérica dos nossos inimigos. Empregando tal preceito em pontos onde tiveram lugar encontros decisivos, conseguimos ser numericamente mais fortes que as forças inimigas que se nos opunham. Qualquer dispersão de forças é prejudicial. Por esta razão um pequeno número de divisões verdadeiramente fortes é preferível a um grande número de divisões fracas.

Em princípio a proporção adequada entre os carros e a Infantaria de acompanhamento é de um batalhão de Infantaria por cada batalhão couraçado.

## Equilíbrio correcto

Além do que já dissemos anteriormente com respeito à Infantaria motorizada, temos que prestar grande atenção à proporcionalidade e força das outras Armas e dos Serviços que devem apoiar as armas, para assegurar uma força de apoio justa e que não converta a divisão couraçada, no seu conjunto, num elemento pouco manejável.

Sob este aspecto consideremos em primeiro lugar a «Artilharia Couraçada».

Desde que se organizaram as Unidades de carros pedi artilharia autopropulsada, mas não a consegui porque não se dispunha de montagens apropriadas (veículos com lagartas).

Mais tarde a velocidade obrigou a pensar na construção de artilharia autopropulsada, porque não se previra um combate tão rápido que não pudesse ser acompanhado pela Artilharia rebocada a motor.

A primeira construção de Artilharia autopropulsada terminou demasiado tarde para que tivesse efeito eficaz antes do fim da guerra.

Antes da guerra, a artilharia couraçada compunha-se apenas de seis baterias de quatro canhões (obuses ligeiros de campanha que constituíam a peça favorita e de maior emprego na nossa artilharia).

Depois da campanha da Polónia a artilharia couraçada foi reforçada com os seguintes elementos: uma bateria pesada que se compunha de obuses pesados de campanha (150 mm.) e uma bateria de quatro peças de 100 mm. No final da guerra o número de peças da bateria pesada foi aumentado para seis, a fim de se dispor de um número suficiente de bocas de fogo, que entrassem em acção apesar das perdas e facilitar a mudança na frente por escalões, durante o desenrolar de acções rápidas.

No final da guerra, as divisões couraçadas operaram com nove baterias. É provável que este número continue sendo o adequado para as divisões que tenham três ou quatro batalhões de carros com os respectivos granadeiros.

Na divisão couraçada os batalhões de reconhecimento no princípio compunham-se de duas companhias de reconhecimento, uma companhia de fuzileiros motociclistas e uma companhia de armas pesadas (composta de uma secção de canhões ligeiros, uma secção de canhões anticarro e uma secção de sapa-

# Revista da Cavalaria

dores). A companhia motociclista foi posta de parte e dissolvida durante a campanha da Rússia.

«Os batalhões de transmissões» compunham-se de uma companhia de rádiotelegrafia e outra companhia de rádio e telefones. Estes batalhões constituíam as secções de transmissões dos chefes das unidades de carros e de granadeiros. Os seus meios de transporte, em parte, eram veículos blindados.

As tropas de «Sapadores» são de grande utilidade para os carros.

Estas tropas devem estar perfeitamente instruídas na passagem de rios, na construção de caminhos em terrenos pantanosos e também na destruição de campos de minas e outros obstáculos anticarro.

Cada divisão couraçada tinha o seu batalhão de sapadores, mas independentemente deste os batalhões de carros, de granadeiros e de reconhecimento dispunham de uma secção de sapadores para os serviços técnicos em determinado momento. Ficou demonstrada a eficácia desta organização.

Infelizmente a produção alemã de carros não alcançou a perfeição precisa para dotar de material especial as suas unidades de Artilharia, sapadores e reconhecimento.

A potência efectiva de uma divisão couraçada é proporcional ao número de unidades da especialização citada que possam ser incluídas nela e estejam completamente blindadas.

As «unidades anticarro» foram dotadas, no princípio, com canhões de 37 mm. rebocados. Este calibre foi aumentado durante a guerra para 50 mm. e depois para 75. No futuro parece que o mais apropriado será um canhão comprido e autopropulsado.

## Velocidade de movimento

O terceiro factor determinativo dos nossos grandes êxitos foi «a nossa grande velocidade de movimento». No dia seguinte à rotura de Sedan em 1940, o meu Corpo de Exército avançou uma distância de 165 km. (aproximadamente 100 milhas) e depois da rotura da frente de Aisne em Junho de 1940, «desde o mar até à fronteira Suíça» fez-se diariamente uma média de 100 quilómetros (aproximadamente 60 milhas). A rápida exploração dos êxitos iniciais na campanha da Rússia impediu uma defesa organizada dos russos na linha do Dnieper e tornou possível a conquista de Smolensko. Os êxitos simultâneos conseguidos pelas unidades de carros no flanco de esforço principal, puzeram-nos em condições de continuar o ataque a Moscovo. O fracasso de Hitler, por se não aproveitar desta oportunidade é outra questão.

Em todo o caso, a grande velocidade de movimento foi um dos factores dos nossos êxitos durante a guerra. A velocidade do movimento foi um dos factores que contribuiu para as notáveis vitórias do general Patton na frente de invasão em 1944. Esta característica da arma couraçada manterá a sua importância especialmente se tivermos em conta a importância crescente da arma aérea.

# Revista da Cavalaria

## Círculo vicioso

Isto leva-nos a ponderar sobre qual a característica a que devemos dar preferência na escolha dos diferentes tipos de carros: «a velocidade ou o armamento»; os últimos modelos alemães em tempo de guerra mostraram que uma destas características não exclui necessariamente a outra. O «Tigre II» (conhecido pelas tropas aliadas por «Tigre Real») tinha uma blindagem muito forte, especialmente na parte frontal e era armado com um canhão comprido de 88 mm.; apesar disto tinha uma velocidade máxima de 70 quilómetros com um peso de 70 toneladas.

O «Jagaltiger» (tigre de perseguição) possuía uma blindagem de maior espessura e era armado com um canhão de 128 mm., ainda que para maior segurança o canhão não estivesse montado em torre giratória.

Não obstante, um carro do tipo «Tigre Real» é de tal valor para o combate que não deve empregar-se em missões de importância secundária; onde a velocidade constituir o factor predominante, podem empregar-se veículos de tipo muito mais ligeiro, por exemplo, os carros de reconhecimento. Para este tipo de veículo a velocidade e a mobilidade através de todo o terreno são de maior importância que a blindagem de grande espessura; e são igualmente importantes um bom posto de rádio e um canhão de projectil perfurante.

No futuro deverão construir-se carros de reconhecimento ligeiros e rápidos para serem empregados em combinação com os carros pesados para efectuar reconhecimentos próximos e para levar a cabo operações em cooperação com os batalhões de reconhecimento das divisões de infantaria ou couraçadas. Provavelmente preferir-se-ão os veículos com lagartas aos veículos de rodas, visto que a lagarta é mais apropriada para a mobilidade em todo o terreno. Isto é mais adequado à Europa Oriental.

## Razões principais

Em resumo: os nossos grandes êxitos na França em 1940 e na Rússia em 1941, podem atribuir-se aos seguintes factores:

- 1.º — Excelente direcção e comando dos generais, situados na frente e dispondo de boas comunicações de rádio;
- 2.º — Emprego dos carros em grandes unidades e em zonas de importância decisiva;
- 3.º — Velocidade máxima nos movimentos especialmente na exploração de um êxito inicial.

Todos estes factores contribuíram para os êxitos aliados em 1944 e a eles se deve juntar um factor de importância decisiva para os aliados e que é o da «absoluta superioridade aérea».

# Revista da Cavalaria

## A terceira dimensão

Em 1944 o domínio do ar passou completamente para os aliados.

Este domínio dificultava os movimentos alemães, quer por estrada, quer no campo de batalha, quase por completo durante o dia e em grande parte durante a noite. Dificultava os abastecimentos e por isso reduzia a mobilidade e eficiência combativas das unidades couraçadas e perturbava também a substituição do pessoal e do material. Vimo-nos forçados a fazer marchas com colunas de grande profundidade e com grandes intervalos, o que constituiu uma dificuldade enorme para as tropas, incluindo as couraçadas.

O domínio do ar obrigou a pensar na modificação dos métodos de combate e a recorrer aos movimentos durante as horas de escuridão. As marchas durante a noite por estrada tinham feito parte da nossa instrução e não constituíram grande dificuldade. Mas não acontece o mesmo com as marchas de noite através de todo o terreno e com os combates de noite.

Estes inspiravam terror e timidez difíceis de dominar.

De futuro qualquer exército que não tenha superioridade aérea terá que prestar grande atenção aos movimentos de noite através de todo o terreno e ao combate de noite. Indubitavelmente, de futuro, deverão encontrar-se novos meios para dominar as dificuldades actuais.

Relativamente aos que possuíamos, convém dizer alguma coisa respeitante à «Defesa Antiaérea», que é um tipo de defesa que foi considerado de grande importância para as forças couraçadas alemãs. No princípio da guerra cada divisão couraçada tinha à sua disposição um batalhão de artilharia antiaérea (fornecido pela força aérea) com peças de pequeno calibre.

As forças couraçadas não dispunham de protecção antiaérea própria, exceptuando-se algumas metralhadoras antiaéreas. Esta protecção e material foram suficientes enquanto tivemos o domínio do ar ou, pelo menos, não fomos inferiores em força aérea; no entanto, ao começar o ano de 1943 a protecção antiaérea chegou a ser ineficaz e pensámos em fazer um esforço para construir carros antiaéreos. Os primeiros modelos foram recusados por Hitler por considerar demasiado alta a sua silhueta.

Fizeram-se novos projectos, mas já não houve tempo para os terminar. A dotação adequada de canhões antiaéreos para as divisões não couraçadas também ficou adiada por produção insuficiente.

De futuro será conveniente construir carros couraçados A. A. equipados com canhões automáticos de 30 ou 37 mm. Mas, além disso, será preciso dotar as unidades motorizadas de suficientes metralhadoras A. A. para proteger o pessoal.

Todas estas medidas são passivas e, portanto, será muito mais eficaz contar com uma força aérea poderosa que opere em cooperação com as forças couraçadas e possa limpar o céu de aviões inimigos.

# Revista da Cavalaria

## A ideia do trabalho coordenado

«A necessidade de cooperação entre o ar e as forças couraçadas» é tão evidente que constituiu a preocupação de todos os comandos nos diversos países antes da guerra. Foi este o caso da Alemanha. Apesar disto não se conseguiu nada de prático dado o facto de a Alemanha não dispor de um E. M. de Forças Couraçadas que pudesse planear e realizar manobras e exercícios de coordenação ar-terra.

Mas à medida que a guerra avançava notou-se em todos os exércitos (terra, mar e ar) e em todas as armas certa inclinação para um esforço de cooperação. Assim, antes da campanha do Ocidente em 1940, consegui tomar contacto com o Chefe da Aviação do meu sector de ataque e chegar a um acordo sobre a tática combinada para o assalto da linha Maginot por alturas de Sedan e realmente fizemos o ensaio do mesmo em exercícios sobre a carta. O plano que nós estudámos revelou ter grande valor prático, em Maio de 1940.

Consistia em ataques contínuos de bombardeamento a picar sobre as baterias francesas e pontos fortes da *linha* durante todo o ataque, desde as 12 às 21 horas. Um forte apoio de caças assegurou o domínio do campo de batalha durante todo o dia. O resultado excedeu todas as expectativas.

A maior parte dos canhões franceses permaneceu silenciosa até que as tropas de assalto alemãs atingiram as suas posições, devido, indubitavelmente, a que as guarnições das peças não supunham que se pudesse efectuar um ataque de infantaria ao mesmo tempo que se realizava o bombardeamento.

Os pilotos alemães dos «Stukas» estavam em condições excelentes para observar o avanço das forças de terra e regular o seu bombardeamento com precisão.

Do mesmo modo, chegou-se a uma perfeita coordenação durante a primeira parte da campanha da Rússia. Este apoio essencial para as forças couraçadas começou a falhar com a decadência da força aérea alemã.

Como resultado disto, a capacidade e eficiência combativas das forças couraçadas começou a diminuir.

Na frente de invasão em 1944, os aliados puderam proporcionar um grande apoio às unidades couraçadas devido à superioridade da sua força aérea.

E, como chegaram a dispor de melhor material, este apoio tomou uma forma ligeiramente distinta do antigo método alemão.

## Pensando no futuro com precaução

De futuro será necessário adoptar novos métodos às novas modalidades.

Devido à sua grande velocidade será impossível que os aviões de reacção possam permanecer durante muito tempo sobre o campo de batalha como podiam fazer os velhos bombardeiros de voo a picar. Será necessário utilizar outro tipo de avião ou chegar a outro método de cooperação.

# Revista da Cavalaria

Apresenta-se outro problema derivado da existência da bomba atômica.

A influência da bomba atômica no emprego das forças couraçadas depende da possibilidade desta poder ser empregada ou não no campo de batalha na proximidade das tropas amigas. As informações públicas conhecidas sobre o assunto indicam que o raio de acção da bomba impedirá o seu emprego nestas circunstâncias.

Actualmente, pelo que respeita às armas V, dada a sua limitada precisão consideramos insignificante a sua utilidade contra os carros, reservando-se o seu emprego à acção contra as zonas da retaguarda.

A possibilidade do seu emprego contra forças couraçadas aumentará proporcionalmente com a sua precisão.

Tudo muda! O chefe, de futuro, terá que adaptar a sua estratégia e a sua tática aos elementos que tenha à sua disposição. Poderá considerar-se feliz se puder exercer alguma influência nos projectos e construção dos elementos com que vai contar. Por isso, é muito difícil aventar hipóteses sobre a condução da guerra. Esta consideração obriga-nos a adoptar uma grande reserva sobre as possibilidades futuras.

De «Ejercito» Julho 1949

P. C.



# ALGUMAS OPINIÕES DO GENERAL PATTON

pelo Cap. de Res. J. Huberlant



*«Aprender que Napoleão triunfou na campanha de 1796 manobrando por linhas interiores ou qualquer outra frase do estilo, é de fraco interesse. Mas, se pudeses descobrir como um jovem desconhecido inspirou a um exército indisciplinado, esfomeado e andrajoso a vontade de combater, como o dotou da energia e do impulso necessários para marchar e vencer e como chegou a impor a sua vontade a generais mais velhos e experimentados que ele, então haveis aprendido alguma*

*coisa útil». — Lord Wavell.*

A história tem tido sempre os seus detractores e os seus fanáticos; uns negam-lhe todo o valor, outros pretendem ver nela a filosofia do passado. Por este motivo surgem controvérsias, sobre as quais cada um defende acaloradamente os seus próprios argumentos. Mas a questão não deve apresentar-se assim.

Em vez de ajuizar da história, são os historiadores que devem ser ajuizados. São eles quem frequentemente dão mais importância aos factos do que na realidade significam e completam com a sua imaginação as lacunas do passado.

Os historiadores militares nem sempre conseguem evitar estas faltas. Uns pretendem demonstrar a primazia de um princípio cuja excelência os seduz: a economia de forças, a surpresa, a ofensiva, a aproximação indirecta...

Para defender as suas teses, esboçam um grande quadro — tal é a expressão consagrada — de toda a história militar. Não podendo remontar-se a todas as fontes, aos escritos originais, vêm-se obrigados a parafrasear, em geral, os historiadores militares que os precederam. Outros, mais imparciais, limitam-se voluntariamente a estudar uma determinada época da história militar, ou melhor, uma só guerra ou uma só campanha, e compilam toda a literatura relacionada com ela. De tais compilações podem resultar estudos tão minuciosos e detalhados que o leitor pode deduzir destes qualquer conclusão e, particularmente, a que confirme a sua opinião preconcebida.

Antes de começar a leitura de um livro de história militar, antes ainda de examinar o índice, deve-se deitar um golpe de vista rapidamente pela bibliografia. Se ela contém mais escritos recentes que memórias da época de que se trata, podemos estar certos que nos encontramos perante um conjunto de interpretações diversas, em vez de um relato de acontecimentos. Deste modo, com o decorrer do tempo, os erros vão-se acumulando.

## Revista da Cavalaria

Os únicos livros donde se pode tirar verdadeiro proveito são as memórias dos combatentes, dos chefes, dos espectadores que relatam o que viram e o que desejariam ter visto. É certo que entre eles abundam os panegíricos, os panfletos, as apologias...

Mas, que importa a parcialidade? Se se trata de uma matéria viva sobre a qual pode actuar o espírito crítico, esforçando-se em distinguir a parte que corresponde à verdade da que deve ser atribuída à fraqueza humana, assim como em descobrir as intenções dos chefes quando o futuro era ainda incerto, dará também ocasião a um estudo proveitoso acerca do homem.

No que se refere à segunda guerra mundial, as memórias do general Patton constituíram, sem dúvida alguma, uma das fontes mais interessantes e instrutivas, devido à sua eloquência, aos seus exageros e ainda às suas injustiças. Nele se descobre um autêntico chefe, com todas as suas qualidades e todos os seus defeitos. Os judiciosos abundam mais que os grandes caracteres, e uma das tarefas mais difíceis para um chefe que atinge os Comandos superiores é a de aplicar as ideias que vem defendendo durante toda a sua carreira. As lições ocasionais de tática, as ocorrências paradóxicas e os chistes do livro *O que eu sei da guerra* passam para segundo plano perante o exemplo de um chefe que anima todos a pôr em prática os princípios que sempre defendeu.

Uma das principais qualidades de um chefe consiste em tomar rapidamente uma decisão. Patton demite das suas funções um dos seus comandantes de Corpo de Exército, mas ofereceu-lhe o comando de uma Divisão noutra Corpo. O interessado hesita e pede quarenta e oito horas para reflectir. Tal resposta — conclui Patton — provava que era incapaz de comandar uma unidade em combate, posto que necessitava de quarenta e oito horas para tomar uma decisão tão fácil. Lyautey, em Madagascar, deu uma resposta semelhante. Procurava um oficial ajudante. Alguém lhe disse: «Reparai no que se afasta daquele grupo; é o que nos convém». — «Não o quero». — «Porquê, se ainda o não haveis examinado de perto?» — «Anda muito devagar», respondeu Lyautey.

Mas também é preciso que um chefe não se deixe influenciar pelas suas próprias fadigas e pelos perigos que corra. A moral do chefe pode ser muito diferente da das tropas. Os melhores chefes de Corpo de Exército e de Divisão, depois de enfrentarem combates difíceis, acabam por mostrar-se indecisos. Dois deles apresentam-se a Patton e pedem-lhe que retarde por um dia o começo de um ataque. Patton responde que compreende perfeitamente os seus pontos de vista, mas que, devendo efectuar-se o ataque no dia previsto, lhes pede que indiquem eles próprios, entre os seus subordinados, os que considerem capazes de o empreender. Em tais condições, ambos os generais declaram que poderiam atacar eles mesmos. E Patton afirma que o ataque se efectuou com o maior êxito. Os generais desanimam às vezes mais rapidamente do que as tropas.

Uma colina é considerada indefensável, porque nela três generais acabam de correr perigo mortal.

Por ocasião da passagem do Sarre, as tropas combatentes não contavam com reforços suficientes para manter o efectivo normal das suas companhias de atiradores. A sua eficiência combativa corria o perigo de diminuir. O comando do Terceiro Exército ordena que 5% dos efectivos dos quartéis generais seja destinado às unidades de Infantaria. Os oficiais do Estado Maior contestam

## Revista da Cavalaria

que, em tais condições, o serviço não poderá efectuar-se normalmente. Em vista disto, Patton ordena que outros 5% do pessoal dos ditos quartéis gerais seja enviado para a frente, e, não obstante, tudo continuou funcionando como dantes.

O próprio Patton esforça-se em subtrair-se a este defeito.

Antes da tomada de Paris tinha preparado um plano para se apoderar do porto de Nancy. No dia seguinte é informado que Eisenhower se verá obrigado a enviar o Terceiro Exército na direcção Norte, em vez de seguir para Este. Imediatamente estabelece as bases de uma nova manobra para Norte, e espera tranquilamente a decisão, pois entende que os planos devem adaptar-se às circunstâncias e não as circunstâncias aos planos.

Quando da contra-ofensiva das Ardenes, todas as suas unidades se encontravam empenhadas e não dispunha praticamente de reservas. As 10,30 horas recebe ordem de fixar uma Divisão blindada em Luxemburgo, onde se teme um contra-ataque alemão. Podia responder que tal coisa era impossível, que não possuía tropas frescas, etc. Em vez disso, reuniu em Arlón dois dos seus comandantes de Corpo de Exército, dois comandantes de Divisão blindada e um de Divisão aerotransportada. Antes de chegar a noite, dois terços de uma Divisão blindada encontram-se no local prescrito sem que os ataques tivessem diminuído de intensidade na sua frente.

Em 21 de Agosto, Patton acaba de lançar todas as suas Divisões ao ataque. Um dos Comandantes de Corpo de Exército pergunta-lhe até que ponto deve temer pelo seu flanco direito. «Conforme a ténpera dos vossos nervos», responde Patton, que pensa: «Se temesse pela segurança dos meus flancos nunca tinha podido atacar». E recorda a frase com que se animava a si mesmo quando se sentia preocupado: «Não vos deixeis aconselhar pelos vossos temores». Esta rudeza aparente para com os seus subordinados não impede que o Comandante do Terceiro Exército lhes faça justiça e aprecie em alto grau o seu valor e valentia, nem que o general se preocupe com o moral e bem estar da tropa. Quando chegam as chuvas de inverno ordena que se distribuam diariamente um par de peugas novas com cada ração individual, e quando uma unidade passa para a retaguarda depois de longa permanência na frente, o seu vestuário é renovado por completo. O Chefe do Exército visita diariamente cada um dos seus subordinados nos seus respectivos postos de comando, pois o chefe deve conversar com os seus subordinados para os animar e orientar, já porque dispõe de mais tempo para deslocar-se, e, além disso, pode assim formar uma ideia exacta da situação e dar sobre o próprio terreno as ordens oportunas: «uma vista de olhos vale mais que cem informações». Confessa ingenuamente que se dirigia para a frente em automóvel e regressava em avião ligeiro, para que os homens que o vissem seguir para diante não o vissem nunca retroceder.

Nos seus métodos de comando, Patton permaneceu também fiel aos princípios que expôs antes do desembarque. Não gosta de planos em grande escala, onde um comandante de Exército se perde nos detalhes, e dirige o avanço vertiginoso das suas Divisões sobre um mapa de 1:1.000.000.

Impõe a si mesmo a estricte observação de um dos seus princípios favoritos: «Ordenai o que há a fazer e deixai aos vossos subordinados a iniciativa quanto à forma de fazê-lo». Sobre um mapa pode determinar os nós de comunicações a ocupar e as testas de ponte que é necessário estabelecer, mas vê-se

# Revista da Cavalaria

obrigado a confiar a execução das operações correspondentes aos seus comandantes de Corpo de Exército e de Divisão. Um comandante de Exército que seja capaz de mostrar sobre a carta a posição dos seus diferentes batalhões sente-se irresistivelmente inclinado a comandá-los pessoalmente.

Enquanto se desenrolava a campanha da França, Patton esforçava-se para encaminhar todas as vontades para um único objectivo: atacar. Impedia, assim, pela rapidez do seu avanço, o reagrupamento e a entrada em posição das reservas inimigas. A este respeito gosta de citar a frase de Lee: «Atacava porque era demasiado fraco para me defender».

Mas os seus ataques não eram desordenados nem caros em vidas humanas, porque fazia participar nele todos os elementos com que contava. Não são poucas as vezes que se felicita da potente ajuda que lhe presta a Aviação. «Quando as forças blindadas e a Aviação cooperam, os resultados são sempre bons. As forças blindadas avançam com a rapidez suficiente para impedir que o inimigo abandone os caminhos, e os caças bombardeiros podem então acertar-lhes golpes mortais.

Para isso são necessárias duas coisas: confiança entre aviadores e carristas e contínuo impulso para diante das Forças Blindadas».

Patton não se preocupa nunca em cumprir as prescrições regulamentares. Como já vimos atrás, empenha as suas tropas sem estabelecer reservas. A velocidade protege-o e a Aviação o prevenirá oportunamente de qualquer concentração inimiga. O importante é avançar. Para atravessar o Reno mobiliza os seus aviões de observação e ligação, servindo-se deles como ponte aérea, pelos quais consegue transportar numa noite para o outro lado do rio um grande número de soldados. Quando escasseiam os meios de transporte os infantes trepam para cima dos carros de combate. Para poder efectuar um forte bombardeamento aéreo faz retroceder as suas tropas quatro quilómetros a fim de deixar o campo livre à Aviação. Tudo isto provoca frequentemente as críticas dos seus subordinados, pois «o militar profissional é essencialmente rotineiro».

Para as pequenas unidades de Infantaria, Patton expõe uma tática baseada por sua vez sobre uma nítida superioridade material e o ascendente moral que daí resulta.

Quando se possuem mais canhões e aviação que o adversário e se maneja uma espingarda semi-automática de maior velocidade de tiro, pode-se preconizar o «marching fire» e desdenhar dos saltos sucessivos e dos abrigos individuais da antiga Infantaria. Para Patton como para o Coronel Marshall, «o fogo é o remédio», a secção de infantaria deve ser o fogo que avança.

Impedirá assim ao inimigo corrigir o tiro e conservará ao mesmo tempo uma boa moral. Se não se descobre o inimigo, deve-se atirar na direcção onde com maior probabilidade possa encontrar-se, e conseguir-se-á o mesmo efeito.

Sempre e em toda a parte temos que procurar a rapidez. Nos escalões mais altos permite conservar a iniciativa e no que se refere ao simples combatente, reduz o tempo em que permanece exposto ao fogo inimigo. Convém mais um bom ataque efectuado hoje que um ataque perfeito efectuado amanhã. Este é um dos motivos pelos quais Patton não parece apreciar as forças aerotransportadas. Estas necessitam de muito tempo para poder intervir. Durante a campanha da França, Patton pediu por três vezes o auxílio das forças aerotransportadas. Quando estas por fim se dispuseram a intervir, as tropas do Terceiro

# Revista da Cavalaria

Exército já tinham ultrapassado muito o lugar onde a sua acção tinha sido útil. Acusa-os também de precisarem sempre de alguma coisa: Artilharia, Tanques ou transportes. No momento em que são precisos temos que começar por reforçá-los. Mas a rapidez não deve ser confundida com precipitação; aquela só se obtém mercê de uma preparação meticulosa.

Não insistiremos sobre os diferentes conselhos que dá o general Patton e que dizem respeito mais ao simples soldado que ao comandante do Exército. Os meios e os processos tácticos evoluem, mas sem a vontade de combater e de vencer, serão sempre impotentes. É quase sempre a explicação dos desastres militares. Convém ler «*O que eu sei da guerra*» com esta disposição de espírito para apreciar os ensinamentos que daquela obra se depreendem.

*Boletim Militar do E. M. da Força Pública do Congo Belga*  
Do «**Ejército**» de Julho de 1949

P. C.



# BANACÁO

O melhor dos alimentos

Produto português para os portugueses

**O BANACÁO é preferido para a 1.<sup>a</sup> refeição**

porque todos os que o tomam, se sentem mais confortados até à 1.<sup>a</sup> refeição,

porque ao fim de poucos dias conhecem a diferença do seu vigor nos exercícios físicos, que normalmente fazem,

porque é o mais agradável ao paladar.

## **OS PARECERES MÉDICOS**

provam que é o mais nutritivo,

provam que fornece mais calorías do que qualquer outra refeição.

**BANACÁO sempre BANACÁO**



TIPOGRAFIA DA LIGA DOS COMBATENTES  
DA GRANDE GUERRA



TRABALHOS TIPOGRÁFICOS

EM TODOS OS GÉNEROS



Calçada dos Caetanos, 18

TELEFONE — 2 1450

L I S B O A

# ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 quilómetros de Lisboa

Clima excepcional durante todo o ano

Todos os desportos — Golf (18 buracos), tennis (7 courts), natação, hipismo, esgrima, tiro, etc.  
Estoril-Palácio-Hotel—Luxuoso e confortável. Magnífica situação.  
Hotel do Parque — Elegante e moderno.  
Monte Estoril-Hotel — (antigo Hotel de Itália) completamente modernizado.  
Estoril - Termas.— Estabelecimento hidro-mineral e fisioterápico, ginástica, cultura física. Análises clínicas.  
Tamariz — Pavilhão restaurante, bar americano, magnífica esplanada sobre o mar.  
Casino — Aberto todo o ano concertos, cinema, dancinç, restaurante, bars, e jogos autorizados.



ESCOLA DE EQUITACÃO  
«STANDS» DE TIRO  
SALA DE ARMAS  
PISCINA DE ÁGUA TÉPIDA

Informações

Soc. Propaganda da Costa do Sol

ESTORIL — PORTUGAL

## Bertrand & Irmãos, L.<sup>da</sup>

TRABALHOS  
TIPOGRÁFICOS  
SIMPLES,  
E DE LUXO,  
REPRODUÇÕES  
EM FOTOGRAVURA,  
OFFSET  
E LITOGRAFIA

Travessa da Condessa do Rio, 27

Telefones P. B. X. { 21227  
                                  { 21368

LISBOA





